

Universidade de Lisboa
Faculdade de Ciências
Secção Autónoma de História e Filosofia das Ciências



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos
ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência
europeia sobre a Ásia.

Maria Teresa Homem Ferreira Martins da Cunha Nobre de Carvalho

Doutoramento em História e Filosofia das Ciências

2012

Universidade de Lisboa
Faculdade de Ciências
Secção Autónoma de História e Filosofia das Ciências



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos
ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência
europeia sobre a Ásia.

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em
História e Filosofia das Ciências orientada pelo Prof. Doutor Henrique José
de Sampaio Soares Sousa Leitão e co-orientada pelo Prof. Doutor Rui
Manuel Taveira Sousa Loureiro.

2012

Resumo

Na presente dissertação analisámos o contributo dos textos ibéricos de Quinhentos para a construção, na Europa, de uma nova consciência sobre a natureza da Ásia. Listámos e descrevemos os conteúdos de um grupo de textos que, desde a Idade Média, divulgaram, na Europa, uma representação do mundo natural asiático. Identificámos o conjunto de relatórios, cartas e relações produzidas pelos viajantes portugueses que, desde princípios do século XVI, veicularam nos circuitos imperiais, novidades relativas às plantas e animais do Oriente. Algumas destas notícias, consideradas classificadas, permaneceram manuscritas, outras, foram validadas e divulgadas pelo médico português Garcia de Orta (c.1500-1568). Centrámos a nossa análise sobre esta obra: *Colóquios dos Simples e drogas da Índia* (Goa, 1563). Este tratado médico-botânico foi o primeiro compêndio, publicado no século XVI, inteiramente dedicado às drogas, especiarias e produtos do Oriente.

Apesar da relevância da obra e do seu autor, as principais investigações sobre Orta continuam a basear-se nos estudos do Conde de Ficalho que, no final de Oitocentos redigiu a biografia do médico e fez a primeira edição crítica do seu tratado. Buscando em *Colóquios dos Simples* novas perspectivas de interpretação, analisámos a obra procurando esclarecer questões a que, até hoje, a historiografia não deu uma resposta cabal. Indagámos os mecanismos a que Garcia de Orta recorreu para se fazer representar e de que forma a imagem que construiu foi sendo acolhida pelos leitores europeus. Procurámos compreender a metodologia de trabalho de Garcia de Orta. Identificámos as suas fontes orais, manuscritas e impressas. Elencámos os livros da sua biblioteca. Tentámos determinar qual dos saberes, textual ou experimental, privilegiou na construção do conhecimento que transmitiu.

Identificamos na sua obra os elementos característicos dos tratados de História Natural produzidos nos impérios ibéricos. Tal como defendem as mais recentes linhas historiográficas, estes propiciaram e ditaram uma mudança nas metodologias de prospecção, observação e descrição do mundo natural nos séculos seguintes.

Palavras-chave: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, Mundo natural asiático, Botânica de Quinhentos, Impérios Ibéricos.

Abstract

In this dissertation we analyze the contribution of XVIth century Iberian texts on the raising of a new conscience about the Asian natural resources in Europe. We inspect a variety of texts (letters, reports and “*diarios de bordo*”) written by Portuguese travelers since the beginning of the XVIth century, that included important novelties and descriptions about the Indian nature. Some of these reports remained manuscript but others were validated and divulged by the Portuguese physician Garcia de Orta in his treatise, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* (Goa, 1563). This medical-botanical compendium, entirely devoted to the Oriental natural products, became the center of our analysis.

Despite the relevance of this work, the main researches on Orta continue to rely on Count of Ficalho’s XIX century studies, in particular his authoritative biography on the Garcia de Orta and the first critical edition of the *Colóquios dos Simples*. In our study we propose new perspectives of interpretation of Orta’s treatise. We inquire how Orta represented himself and question how this image evolved along the years. We try to understand Garcia de Orta’s working method; we identify his manuscript and printed sources; list the books of his own library and try to verify whether experience or texts were more important in his project of reconstruction of scientific knowledge.

We recognize in this treatise the innovative elements that characterize the Natural History approach revealed in the Iberian Empires. As defended by the modern Historiography, these compendiums dictated a change in the methods of prospection, observation and description of the natural world used afterwards.

Key words: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, Asian natural world, Botany of the XVIth century, Iberian Empires.

Índice

Resumo	5
Abstract.....	7
Índice.....	9
Prefácio	15
Introdução	23
1. Representações de Garcia de Orta.....	33
1.1. Garcia de Orta	34
1.2. Leitores Quinhentistas de Garcia de Orta	48
1.2.1. D. Garcia ab Horto.....	48
1.2.2. Don Garzia dall’Horto.....	51
1.2.3. M. Garcie du Jardin	52
1.2.4. Orta Lusitano.....	53
1.2.5. Doctor Garcia de Orta	54
1.3. Garcia de Orta visto através do <i>Aromatum</i> de Clusius	58
1.3.1. Proregis Indiae Medici.....	58
1.4. O <i>Romantismo</i> de Oitocentos	62
1.4.1. A criação de um mito: a leitura do Conde de Ficalho	68
1.5. A emergência de uma nova personagem.....	80
1.5.1. Garcia da Orta	80
1.5.2. Garcia d’Orta	81
2. Histórias da edição <i>princeps</i> de <i>Colóquios dos Simples</i>, Goa, 1563.....	99
2.1. Breves considerações sobre a edição <i>princeps</i>	100
2.1.1. A obra	100
2.1.2. Tipografias de Goa.....	102
2.1.3. O Arcebispado de Goa.....	106
2.2. Aspectos gráficos de <i>Colóquios dos Simples</i>	108
2.3. Análise da Errata	113
2.3.1. Palavras com letras invertidas.....	117
2.3.2. Omissão de palavras.....	118
2.3.3. Erros resultantes das dificuldades visuais de Garcia de Orta	118
2.3.4. Erros ortográficos identificados e eventualmente corrigidos.....	119
2.4. Análise dos Títulos.....	120
2.5. Paratextos	122

2.5.1.	Textos preliminares.....	122
2.5.1.1.	Privilégio.....	124
2.5.1.2.	Carta dedicatória a Martim Afonso de Sousa	126
2.5.1.3.	Poema do autor falando com o seu livro	128
2.5.1.4.	Ode de Camões ao Conde de Redondo.....	128
2.5.1.5.	Carta do Licenciado Dimas Bosque ao leitor.....	130
2.5.2.	Textos finais.....	132
2.5.2.1.	Carta de Dimas Bosque a Tomás Rodrigues da Veiga	132
2.5.2.2.	Epigrama de Tomé Caiado.....	134
2.5.2.3.	Taboada.....	135
2.6.	A forma coloquial	138
2.7.	Volumes referenciados	144
2.7.1.	Análise comparativa de volumes	148
2.8.	História das edições	152
3.	Mitos e maravilhas da Ásia: uma herança Medieval	157
3.1.	Relatos de missionários.....	158
3.2.	Relatos de mercadores.....	166
3.2.1.	Marco Polo	166
3.2.1.1.	A natureza asiática no relato de Polo.....	167
3.2.1.2.	Marco Polo em Portugal.....	169
3.3.	Nicolò de'Conti.....	172
3.3.1.	A natureza da Ásia no relato de de'Conti.....	173
3.4.	Relatos italianos vistos por um tipógrafo.....	174
3.5.	Francesco Pegolotti	177
3.6.	Relato de um viajante de gabinete	178
3.6.1.	Jean de Mandeville.....	178
3.6.1.1.	Textos trabalhados por Mandeville.....	181
3.6.1.2.	O mundo natural da Ásia em Mandeville.....	184
4.	Para lá do espanto, o saber	189
4.1.	Primeiras novidades sobre as especiarias asiáticas	191
4.1.1.	Relação da primeira viagem de Vasco da Gama	191
4.1.2.	Relatos de italianos	194
4.1.3.	Cantino	198
4.1.4.	Tomé Lopes	199

4.1.5.	Giovanni da Empoli	202
4.1.6.	Ludovico de Varthema	205
4.1.7.	Duarte Barbosa e Tomé Pires.....	207
4.2.	Legislação sanitária em Portugal no século XVI	210
4.3.	Aplicabilidade prática dos Regimentos Régios.....	217
4.4.	Saber em circulação	218
4.5.	Recolha dirigida	220
5.	A construção de <i>Colóquios dos Simples</i>: uma nova harmonia de saberes	225
5.1.	A livraria de Orta	226
5.2.	Uma biblioteca especializada	231
5.2.1.	<i>Historia Naturalis</i> de Plínio.....	231
5.2.2.	<i>De Materia Medica</i> de Dioscórides	241
5.2.3.	<i>Canon</i> de Avicena	249
5.2.4.	<i>Examen omnium</i> de Antonio Musa Brasavola	255
5.3.	Convergências e divergências: o olhar de Orta sobre práticas e saberes locais.....	257
6.	A experiência dos textos em <i>Colóquios dos Simples</i>	271
6.1.	Floras em movimento	273
6.2.	Comunicação da novidade	276
6.3.	Visibilidade do invisível	283
6.4.	Organização de <i>Colóquios dos Simples</i>	289
6.5.	Circulação de saberes.....	303
7.	Considerações Finais	315
	Bibliografia	323

Índice de Figuras

Figura 1 - Folha de rosto de <i>Colóquios dos Simples</i> , (Goa, 1563), de Garcia de Orta	100
Figura 2 – Página de obra impressa em Goa, em 1559, na oficina de João de Bustamente.	103
Figura 3 - Página da <i>Crónica del Felicissimo Rey D. Emmanuel</i> , por Damião de Góis (Lisboa, 1565)	106
Figura 4 - Página de <i>Colóquios dos Simples</i> ...de Garcia de Orta (Goa, 1563).....	106

Índice de Quadros

Quadro 1 - Erros do copista/compositor da página	116
Quadro 2 - Palavras com letras invertidas	118
Quadro 3 - Erros resultantes de dificuldade de leitura	118
Quadro 4 - Erros corrigidos	120
Quadro 5 - Análise de alguns aspectos dos títulos dos <i>Colóquios</i>	121
Quadro 6 - Localização dos volumes dos <i>Colóquios dos Simples</i>	147

Prefácio

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que iniciei em 2002. Foi em Paris que, ao conhecer as investigações da Professora Danielle Jacquart (EPHE, Paris V) em História das Ciências da Idade Média, decidi abandonar, definitivamente, o meu anterior percurso na área da Genética Molecular.

Uma viragem tão abrupta exigia, para além da aquisição de ferramentas de investigação histórica, uma imersão num vasto mundo de textos, estudos, ensaios e arquivos, que desconhecia por completo. Assim, entre 2002-2007 procurei tirar partido da minha presença em Paris para me acostumar com métodos de trabalho que esta pesquisa demandava e para me familiarizar alguns dos textos fundamentais.

Entre 2002-2004 segui, como aluna externa, os seminários que a Professora Danielle Jacquart organizava na EPHE. Ao longo daqueles anos ouvi, com renovado interesse, as suas lições sobre textos médicos medievais, tentando aprender as metodologias que suportavam cada afirmação do seu trabalho metuculoso. Foi graças aos seus avisados conselhos e incansável estímulo que consegui esboçar as linhas gerais de um possível projecto de investigação sobre Garcia de Orta. Guardo das nossas aprazíveis conversas uma grata memória e um conjunto de sábios ensinamentos que me tem acompanhado ao longo de todos estes anos.

Também a Professora Dejanirah Couto (EPHE, Paris V) foi uma preciosa ajuda para esta pesquisa. Desde a primeira reunião que tivemos no seu gabinete da Sorbonne, admirei o seu profundo conhecimento sobre o deslumbrante mundo português de Quinhentos. As audaciosas pistas de trabalho que então me apontou e o seu entusiasmo contagiante, animaram-me a prosseguir este estudo, mesmo nos momentos mais áridos desta investigação. Foi por sua sugestão que assisti, em 2004, ao Ciclo de Conferências « Le Portugal et la Chine au XVIe siècle : voyages, nouvelles, regards» dirigido pelo Professor Rui Manuel Loureiro. Para além da evidente erudição, fascinou-me a limpidez do seu discurso e a clareza com que apresentou a complexidade dos contextos que descrevia. As conversas que então tivemos e os múltiplos artigos, referências e sugestões que mais tarde me enviou, foram de uma

inegável ajuda para a redefinição de um projecto de estudo mais aprofundado e centrado sobre os contributos da obra de Garcia de Orta na Ciência de Quinhentos; projecto que evoluiu em intenção de doutoramento da qual o Professor Rui Loureiro veio a assumir a co-orientação em 2007.

Ainda em Paris, gostava de salientar os contributos de outros investigadores que, de forma concreta ajudaram a definir os contornos deste projecto. Refiro-me aos Professores Inès Zupanov (EHESS), Isabelle Pantin (ENSUP) e Serge Gruzinski (EHESS).

Com a Professora Inès Zupanov partilhei gratos momentos discutindo sobre as peculiaridades das personagens desenhadas por Orta e sobre as deliciosas ambiguidades do seu texto. Devo-lhe muitas fotocópias, artigos, textos e livros, que graciosamente me cedeu. Das nossas cordiais conversas e dos seus sábios ensinamentos, guardo uma reconhecida lembrança.

Com a Professora Isabelle Pantin, mestre por quem tenho elevada consideração, aprendi a apreciar a materialidade dos livros. No Seminário que dirigia em 2006 na École Normale Supérieure recebi os ensinamentos necessários para me lançar na análise dos diferentes exemplares goeses de *Colóquios dos Simples*. A sua solicitude e interesse pelo meu trabalho foram imprescindíveis para que se tivesse conseguido estabelecer um protocolo de análise dos volumes, ferramenta sem a qual, teria sido quase impossível avaliar as particularidades de cada exemplar que tenho visitado.

Finalmente, ao Professor Serge Gruzinski (EHESS) devo a possibilidade de acesso a uma vasta e actualizada bibliografia assim como aos estimulantes e profícuos debates em que tive oportunidade de participar enquanto aluna externa do Seminário que, em 2006-2007, dirigia na EHESS “Les mondes mêlés de la Monarchie catholique (XVIe-XVIIe)”.

Este conjunto de investigadores notáveis permitiu familiarizar-me com as metodologias de trabalho adequadas assim como aceder às fontes primárias e aos estudos fundamentais que me facultaram uma aproximação ao longínquo mundo de Quinhentos.

De Lisboa recebi também, ao longo desses anos, um imprescindível apoio: o do Professor Henrique Leitão. Atento ao meu interesse em aprofundar estudos sobre o

mundo natural de Quinhentos, enviou-me fotocópias de livros e artigos assim como numerosas referências bibliográficas que pude consultar nas bibliotecas parisienses.

De regresso a Portugal apresentei, em 2007, a minha intenção de doutoramento à Faculdade de Ciências sob a orientação conjunta dos Professores Henrique Sousa Leitão e Rui Manuel Loureiro.

Tudo o que eu possa dizer para descrever o trabalho de orientação destes dois investigadores parece-me pouco. Ao longo destes anos, para além de me terem dirigido convites para participar em reuniões científicas, para apresentar artigos em revistas da especialidade ou me terem colocado em contacto com os investigadores nacionais e internacionais que trabalham nesta área, foram um inestimável apoio. Nunca deixaram uma questão sem resposta nem tão pouco, se escandalizaram com a catadupa ininterrupta de perguntas que constantemente me assaltou. Com enorme perseverança encontraram sempre a forma adequada e oportuna para esclarecer as minhas dúvidas ou para corrigir as minhas intuições. Aos dois quero expressar o meu profundo reconhecimento.

Foi com o doutoramento inscrito que recebi o financiamento do programa de SFRH da Fundação para a Ciência e Tecnologia para a concretização desta investigação. Sem a oportuna ajuda da FCT, este trabalho teria sido impossível.

Também gostava de salientar o meu reconhecimento à Professora Ana Simões. Enquanto directora do Centro Inter-Universitário da História das Ciências e Tecnologia, facilitou-me as minhas deslocações a reuniões científicas no estrangeiro, facultou-me a bibliografia actualizada que não encontrava nas bibliotecas portuguesas e incentivou-me a organizar o Ciclo de Conferências CIUHCT que tanto me ajudou a estabelecer contacto com outros estudiosos. Enquanto investigadora, queria destacar as importantes discussões que mantivemos sobre os meus trabalhos e que tanto me ajudaram a reequacionar e redistribuir os dados de que dispunha.

Dirijo uma palavra de agradecimento à Prof. Florike Egmond (Univ. Leiden) que me convidou para participar em reuniões de trabalho no âmbito do projecto de *Natural History and Visual Arts* e que contribuiu, com as suas sugestões, para que a minha participação fosse mais adequada aos objectivos propostos pelo grupo de trabalho.

Quero também expressar a minha gratidão à Professora Ana Cristina Roque (IICT) pelo convite que me dirigiu para participar na equipa de projecto FCT de que é coordenadora, assim como as fotocópias que me cedeu e as preciosas informações que me confiou e que se revelaram de enorme importância para colmatar uma lacuna de dados que bloqueava parte da minha análise.

Gostaria também de sublinhar o interesse e empenho dos Professores Adelino Cardoso, Anabela Mendes, António Andrade, Marta Lourenço, Palmira Fontes da Costa, Vanda Viegas e Virgínia Soares Pereira na divulgação dos resultados das minhas pesquisas.

Ao Comandante José Manuel Malhão Pereira dirijo um caloroso agradecimento, pelo seu entusiasmo contagiante e por todas as sugestões que me deu ao longo destes anos e por toda a preciosa bibliografia que me facultou.

Deixo também uma palavra de apreço aos meus colegas do CIUHCT, em especial a Luana Giurgevich e José Alberto Silva, com quem partilhei responsabilidades no Centro mas também a António Sánchez, Bruno Almeida, Conceição Tavares, Francisco Romeiras, Inês Gomes, Isabel Zilhão, Júlia Gaspar, Luís Miguel Carolino, Luísa Sousa, Maria do Mar Gago, Marta Macedo e Samuel Gessner que, ao longo destes anos em que nos encontramos no *JournalClub*, me sugeriram novas pistas de trabalho que me ajudaram a prosseguir as minhas pesquisas.

Aos meus amigos Teresa Adegas, Alex Ellis, Ana Gonçalves, Galina Rogozhina, Leonor Rogado e Teresa Neves, expresso o meu enorme agradecimento. Pelas ajudas na tradução de textos, pelas estimulantes discussões, pelas oportunas críticas, pelas sugestões que tanto me auxiliaram a retomar velhas leituras e ensaiar novas interpretações.

Quero também manifestar a minha gratidão a Maria Emília André, por todas as sugestões e críticas que, ao longo destes anos, nunca deixou de me apontar e que me ajudaram a encontrar soluções, nos momentos em que a pesquisa parecia bloquear. Agradeço-lhe ainda a dedicação incomparável com que reviu o manuscrito, corrigindo, pacientemente, todas as imprecisões e fazendo pertinentes apreciações.

Aos meus antigos colegas da Universidade Aberta e a tantos outros amigos que aqui não nomeio, mas para os quais reservo este espaço, agradeço reconhecida o apoio que me deram, a paciência que tiveram e o tempo que perderam a ouvir-me

dissertar sobre as viagens fantásticas de missionários, mercadores e botânicos de Quinhentos.

Aos meus pais, de quem aprendi este entusiasmo pelas coisas belas, quero expressar a minha sincera gratidão.

Ao Fernando, à Mafalda, ao Frederico e à Joana agradeço este trabalho e o facto de terem acolhido, de forma tão afável e paciente, as personagens quinhentistas que, ao longo destes anos, passaram incessantemente por nossa casa.

Ao Fernando, à Mafalda, ao Frederico e à Joana,
companheiros incansáveis desta aventura.

Aos meus pais.

Introdução

Nos séculos XV e XVI, os portugueses lançaram amplas campanhas de exploração dos mares, que permitiram o estabelecimento de colónias, fortalezas, entrepostos e feitorias, desde o Brasil até ao Japão. Estas travessias oceânicas foram possíveis graças ao engenho e perícia de pilotos, soldados, mareantes, artesãos e cartógrafos que, para cada novo desafio imposto pela natureza iam descobrindo respostas que lhes permitiam navegar em embarcações mais seguras e orientar-se em mar-alto prescrutando os céus ou ao longo dos continentes registando a orografia e as características das linhas de costa. A observação da natureza revelou-se um método primordial para ajudar os mareantes na sua progressão ao longo do Atlântico. O conhecimento das marés, o domínio dos regimes de ventos, a identificação de novas constelações, a localização de cardumes, o registo de ocorrência de bandos de aves marinhas ou a descrição de árvores e plantas costeiras tornaram-se ferramentas fundamentais para auxiliar a localização das armadas e orientar avanço territorial. Ao desembarcar, os portugueses dialogaram com as gentes locais, descobriram novos recursos, registaram diferentes mercados e descreveram novas plantas alimentares ou com virtudes terapêuticas.

Todos estes informes foram cuidadosamente registados em diários de bordo, relatórios e cartas que auxiliavam as armadas e ajudavam na tomada de decisões estratégicas.

Relativamente aos territórios asiáticos verificou-se, desde 1498, uma aturada recolha de notícias classificadas que identificavam portos de origem de produtos, principais mercados e rotas de distribuição, assim como descreviam usos e aplicações de novas plantas medicinais. Estes informes tiveram uma circulação restrita no império lusitano tendo as autoridades portuguesas mantido sigilo a seu respeito durante décadas. A sua divulgação só veio a ser permitida em 1563 quando foi editado, por João de Endem, em Goa, um valioso tratado: *Colóquios dos Simples e Drogas he Cousas Mediçinais da Índia*.

Este tratado médico-botânico foi o único compêndio científico publicado na Ásia pelos portugueses de Quinhentos. Contrariamente às outras obras saídas das oficinas deste tipógrafo germânico, este volume não versou temas doutrinários ou de apoio à missão. Apesar das irregularidades gráficas que, à saída dos prelos muitos lhe apontaram, *Colóquios dos Simples*, pela novidade dos seus conteúdos, revelou-se da maior importância para a Ciência europeia de Quinhentos.

O seu autor foi Garcia de Orta (c.1500-1568), "físico d'el Rei Nosso Senhor". Formado nas Universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, deixou a Europa em

direcção à Índia em 1534, como médico do Capitão-Mor da Armada, Martim Afonso de Sousa. Viveu no Oriente até ao fim da sua vida. Durante a sua permanência na Índia, o físico teve a oportunidade de observar as plantas e drogas asiáticas, inquirir as gentes locais sobre as regiões de origem dos produtos, identificar os principais mercados de distribuição das especiarias, assim como observar e questionar as práticas de *hakims* e físicos gentios.

Em *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta reuniu e validou os saberes em circulação relativos ao mundo natural do Oriente. Socorrendo-se de uma ampla diversidade de fontes manuscritas e impressas, dos relatos de testemunhas dignas de fé, das suas observações e da sua experiência clínica, Orta construiu uma narrativa sobre o mundo natural da Ásia que complementou e corrigiu o saber divulgado pelos tratados da Antiguidade.

Redigida em Português, a obra descreveu os diálogos entre dois médicos ibéricos: um recém-chegado ao Oriente – Ruano – e um outro residente na Ásia há 30 anos – Orta. As conversas entre os dois homens fluíram naturalmente. Na *livraria* de Orta, no seu gabinete de trabalho, na varanda virado ao rio, no seu jardim ou nas ruas de Goa, os médicos esgrimiram argumentos textuais e gabaram testemunhos pessoais para descrever uma planta ou validar uma novidade. As conversas foram valorizadas pelo movimento da criadagem de Orta, que o físico fez questão de deixar participar naquela construção do saber. Em cada capítulo, os interlocutores elucidaram os seus leitores sobre a sinonímia, a *história*, a origem, os mercados e os preços das drogas e especiarias asiáticas.

Com *Colóquios dos Simples*, os lusitanos espalhados pelo Império português, desde a Ásia até ao Brasil puderam aceder a informações actualizadas, credíveis e úteis sobre a origem e propriedades das pedras preciosas, das drogas, dos produtos de luxo e das especiarias asiáticas.

É provável que este tratado tenha tido utilidade imediata nos hospitais asiáticos ou nas enfermarias de campanha. É possível que tenha sido usado por funcionários régios no controlo de qualidade de produtos à venda nas boticas das cidades e fortalezas ou consultado por feitores e capitães no abastecimento das naus do Reino. Finalmente, o compêndio pode ter ajudado os seus leitores a usar sabiamente as mezinhas asiáticas em regiões onde o apoio sanitário luso não chegava. Considerando a utilidade das notícias que veiculava, cremos que a obra, desde a sua edição, atraiu prontamente a atenção dos ibéricos espalhados pelos espaços ultramarinos.

Editado no Oriente em Abril de 1563, os primeiros exemplares só devem ter chegado à capital do Reino durante os anos seguintes. Foi aliás, em 1564-1565, durante o périplo que realizou pela Península Ibérica na qualidade de tutor do jovem Jacob Fugger, que Clusius (1526-1609) encontrou, em Lisboa, *Colóquios dos Simples*. O

botânico apercebeu-se, de imediato, do valor das informações que o tratado continha. Dedicou-se assim, com afinco, à adaptação da forma e conteúdos da obra ao público do Norte da Europa. Considerando o perfil dos seus leitores, Clusius optou pela redacção do seu texto, o *Aromatum et Simplicium*, em Latim; reorganizou os conteúdos expostos; eliminou as alusões a episódios relativos à presença portuguesa na Ásia; incluiu algumas imagens representando drogas e especiarias à venda no mercado de Antuérpia. Publicada nas oficinas flamengas de Plantin, em 1567, a obra de Clusius foi um enorme sucesso, como o atestam as diversas edições e as traduções italiana e francesa, que difundiram, por toda a Europa, uma leitura actualizada sobre o mundo natural asiático.

No entanto, o epítome de Clusius e as suas traduções não foram as únicas publicações a divulgar o saber de Orta na Europa. Outros autores ibéricos, partindo de *Colóquios dos Simples*, veicularam, no império espanhol, as novidades sobre a natureza do Oriente publicadas por Orta. Referimo-nos às obras de Juan Fragoso, *Discurso de las cosas aromáticas*, (Madrid, 1572) e Cristovão da Costa, *Tractado de las Drogas*, (Burgos, 1578).

Recorrendo à autoridade de Orta para validar as propriedades terapêuticas das plantas americanas registadas pelos informadores castelhanos, ou aproveitando os *Colóquios* para difundir a utilidade das plantas asiáticas, estes médicos contribuíram para a difusão e validação das novidades veiculadas por Orta.

Entre 1563 e 1578, os saberes recolhidos e autorizados por Garcia de Orta circulavam, não apenas nas caravelas, naus e portos do amplo império lusitano mas também nas boticas, hospitais, *livrarias*, baús e algibeiras dos europeus curiosos das riquezas do Oriente.

Integradas nos tratados e enciclopédias botânicas de Seiscentos, as novidades sobre o mundo natural da Ásia divulgadas por Garcia de Orta foram amplamente difundidas na Europa.

Pouco se sabe sobre a difusão da edição *princeps* em Portugal. O número, sempre crescente, de exemplares goeses que temos vindo a recensar nos catálogos de Reservados das bibliotecas públicas e colecções privadas, parece comprovar o interesse que esta obra despertou entre os leitores europeus de Quinhentos. No entanto, apesar de desconhecermos a tiragem da edição goesa, admitimos que a divulgação europeia dos conteúdos da obra tenha resultado, principalmente, da circulação das edições latinas, italianas e francesas dos séculos XVI e XVII. Aliás, por estranho que nos possa parecer, depois da edição *princeps* foi preciso esperar quase 300 anos para vermos surgir uma segunda edição portuguesa.

Da lavra de Francisco Adolfo Varnhagem (1810-1678), esta edição de 1872, apesar de ter tirado o texto original do tratado de Orta do esquecimento, teve pouca divulgação. Esta constatação deveu-se ao facto de, alguns anos mais tarde, em 1891-1895, ter surgido uma edição crítica, em dois volumes, bastante arejada, amplamente anotada e sabiamente comentada. Da autoria do Conde de Ficalho (1837-1903), esta edição passou a ser considerada como referência obrigatória para quaisquer estudos sobre *Colóquios dos Simples*.

Foi com base nesta edição crítica, de finais do século XIX, que Clements Markham publicou a versão inglesa *Colloquies on the simples and drugs of India* (Londres, 1913) e que Sylvie Messinger Ramos, António Ramos e Françoise Marchand-Sauvagnargues editaram a moderna versão francesa *Colloques des Simples et des Drogues de l'Inde* (Paris, 2004). Ambas as versões permitiram uma mais ampla divulgação da obra de Orta no contexto internacional.

Para além do reconhecido mérito que esta 3ª edição teve na divulgação do tratado de Orta, facultando o acesso da obra a um vasto leque de investigadores e curiosos, reconhecemos algumas limitações aos critérios editoriais eleitos por Ficalho. A modernização do texto, a modificação da pontuação, a alteração da ordem de apresentação dos paratextos, a eliminação da errata, entre tantas outras decisões que Ficalho tomou, conduziu a que muitos detalhes da edição *princeps*, que consideramos importantes para a compreensão do momento da edição, fossem apagados.

Para além disso, o Conde de Ficalho preocupou-se em descrever Garcia de Orta como se de um herói se tratasse. O amplo saber médico, a invejável *livraria*, a pasmosa erudição, o afinco e persistência com que perseguia o saber, a invulgar capacidade de dialogar com as populações, a familiaridade com as elites políticas e religiosas destacadas no Oriente, a privança com soberanos locais, o espírito recto e o seu catolicismo convicto, mais do que um físico de Quinhentos descreviam as qualidades e características biográficas de um sábio de Oitocentos.¹ O aplauso, por parte dos investigadores portugueses, das investigações deste biógrafo, levou ao imediato reconhecimento de valor dos trabalhos de Ficalho. A argumentação a que recorreu foi tão sabiamente elaborada que, desde logo, a imagem heróica do médico de Quinhentos vingou no seio da comunidade de estudiosos.

Foi partindo deste mito da História científica portuguesa que os pesquisadores do século XX se lançaram em novas e mais aprofundadas investigações sobre Orta. Joaquim Teixeira de Carvalho buscou nos arquivos dos Estudos Gerais evidências da passagem do médico pelo corpo docente da Universidade de Lisboa.² António Thomaz Pires dedicou-se, sem sucesso, à pesquisa dos familiares do físico nos arquivos

¹ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, 1886.

² Joaquim Teixeira da Carvalho, *Homens de outros tempos*, 1924.

elvenses.³ Apesar de alguns novos documentos irem discretamente emergindo dos arquivos portugueses, estes só contribuíam para reforçar a imagem do físico criada por Ficalho.

A revelação por Augusto Silva Carvalho, em 1934, do Processo de Inquisição movido, em Goa, contra Catarina de Orta, uma das irmãs do médico, questionou a figura do sábio descrita por Ficalho.⁴

Se bem que nos anos seguintes tenham surgido alguns ensaios dispersos sobre Garcia de Orta e a sua obra, foi durante a década de 1960 que se verificou uma maior quantidade de publicações dedicada ao médico.⁵ As comemorações do quarto centenário da publicação da edição *princeps* (Goa, 1563) conduziram a uma proliferação de estudos sobre Garcia de Orta e *Colóquios dos Simples* ao longo do triénio 1962-1964. No contexto destas celebrações organizaram-se ciclos de conferências, editaram-se números especiais de Boletins e Revistas para além de outras publicações, nomeadamente fac-símiles dos tratados botânicos de Garcia de Orta, Clusius e Cristóvão da Costa, que relançaram a figura e obra do médico português na historiografia portuguesa. Este era, aliás, um dos objectivos dos estudos históricos desenvolvidos nesta época no nosso país: realçar protagonistas, narrar feitos, construir discursos que evidenciassem as glórias passadas do Império Português e que valorizassem a gesta lusitana.

O esforço editorial desenvolvido pelos investigadores portugueses não teve, por isso, um impacto relevante na narrativa historiográfica internacional. Exceptuando-se os trabalhos de Charles R. Boxer, que destacaram o nome de Orta entre o dos pioneiros da Medicina Tropical, poucos foram os investigadores estrangeiros que, tirando partido deste afluxo de novos estudos, consideraram evidente o contributo de *Colóquios dos Simples* na Ciência europeia de Quinhentos.⁶

A comunidade internacional tratou, com idêntico despreço, os estudos realizados em Valência por uma vasta equipa de trabalho dirigida por José Maria López Piñero.⁷ Ao longo de décadas, as pesquisas deste grupo evidenciaram de forma consistente o contributo inovador da Espanha Imperial nos domínios científico-tecnológicos.

³ Antóno Thomaz-Pires, Garcia d'Orta,

⁴ Augusto da Silva Carvalho, Garcia d'Orta, 1963.

⁵ *Vd.* Capítulo 1.5.

⁶ Charles-Richard Boxer, "Two pioneers in tropical medicine", 1963.

⁷ A multiplicidade e extensão do labor de pesquisa e divulgação levado a cabo por este grupo, impedem de o detalhar nesta nota. Ao longo da presente investigação destacaremos o contributo de alguns destes trabalhos realçando, desde já, um dos volumes editados por José Maria López Piñero, *Historia de la Ciencia y la Técnica*, vol.3, pp.553-571.

O tom nacionalista, de algumas das investigações publicadas em Portugal e Espanha, desviou o interesse dos investigadores anglo-saxónicos, que optaram por construir narrativas sobre a Revolução Científica europeia ignorando a contribuição dos ibéricos de Quinhentos.

A imensidade geográfica dos impérios peninsulares implicou o domínio de novas técnicas de navegação e de construção naval; obrigou à busca de soluções tecnológicas impostas por novos desafios na exploração de recursos; provocou um novo olhar sobre o mundo natural encontrado. A busca de soluções pragmáticas para novos problemas reais constituiu um estímulo à inovação científica.⁸

O modelo de gestão de saberes vulgarizado pelos ibéricos de Quinhentos tem sido alvo de renovada atenção.⁹ A emergência de uma nova linha historiográfica, que considera inevitável a participação de portugueses e espanhóis na construção de uma modernidade relançou, na narrativa da História das Ciências, a relevância dos tratados publicados no século XVI, em Portugal e Espanha.¹⁰ Para além dos contributos evidentes dos ibéricos em áreas como a Cartografia, a Náutica ou a Geografia, a Medicina e a História Natural também participaram nesta mudança, integrando práticas e saberes sobre o mundo natural oriundo das Índias.

Um amplo manancial de informes sigilosos, registado por funcionários administrativos, soldados, artesãos, mercadores, boticários, pilotos ou simples mareantes, em inquéritos, relatórios e cartas, foi testado por médicos portugueses e espanhóis conduzindo, posteriormente, a uma validação de novos conhecimentos sobre as qualidades terapêuticas das drogas e especiarias assim como produtos de origem animal e mineral oriundos das Índias.

Esta adequação das metodologias de trabalho ao contexto em que se inseriam foi recentemente salientada por diversos historiadores. O modelo de prospecção da novidade, baseado na inquirição das gentes locais ou na observação directa, adequava-se plenamente aos interesses imperiais. Os relatórios e inquéritos redigidos por agentes ultramarinos, forneciam dados imprescindíveis para uma mais eficaz exploração dos recursos naturais assim como uma maior eficiência na exploração do mundo animal, mineral e vegetal.¹¹

⁸ Para o caso ibérico ver, por exemplo: Luís de Pina, "As ciências na História do Império colonial português (séculos XV a XIX)", pp. 38-173 e David Goodman, *Power and Penury*, pp. 88-260.

⁹ Destacamos os contributos de Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 29-55; Maria Portuondo, *Secret Science*, pp. 103-171.

¹⁰ Nestas investigações salientamos os trabalhos de Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 101-128; Daniela Bleichmar et al (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, pp. 9-114; Jorge Cañizares-Esguerra, *Nature, Empire and Nation*, pp.14-45.

¹¹ Para notícias sobre relatórios produzidos por funcionários imperiais ver: Adelino A. Calado, "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", pp. 1-138; Raquel Álvarez-Peláez, *La conquista de la naturaleza americana*, pp. 141-318; Barbara Mundy, *The mapping of New Spain*, pp. 29-60. Para estudos actuais

Mais do que procurar contributos revolucionários de algum autor ou modificações drásticas na disciplina impostas por algum tratado, importa perscrutar nos compêndios botânicos ibéricos de Quinhentos as metodologias de aquisição de saber e de inquirição sobre o mundo natural a que os ibéricos recorreram para recensear os recursos naturais imperiais. Importa-nos também analisar como foram validados os novos saberes e que critérios estiveram subjacentes para a afirmação de um cronista ou de um médico como uma nova autoridade.

Neste contexto evidenciaram-se os contributos de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563) e Cristóvão da Costa, *Tractado de las Drogas* (Burgos, 1578) que cederam à Europa novas descrições sobre a botânica da Ásia, assim como os tratados de Oviedo, *Historia General de las Indias* (Madrid, 1535), Nicolas Monardes, *Primera y Segunda y Tercera partes de la Historia Medicinal de las cosas que se traen de las Indias Occidentales* (Sevilha, 1574), José de Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias* (Sevilha, 1590) que trouxeram ao Velho Mundo a excentricidade do mundo americano.

Em *Colóquios dos Simples* identificámos momentos em que a tradição textual foi confrontada com a informação manuscrita ou validada pela experiência pessoal. Uma multiplicidade de agentes portugueses e informadores locais participou na construção do saber que Garcia de Orta testou e validou. Do volume editado em Goa emergiram assim, não apenas os saberes textuais dos dois médicos que debatiam os seus conhecimentos, mas também as vozes de numerosos lusitanos e agentes locais que, com os seus relatórios escritos ou testemunhos orais, trouxeram a Garcia de Orta as notícias que este lhes solicitou.

Este foi um dos objectivos da presente investigação.

Centrámos a nossa pesquisa sobre a obra de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563). No entanto, antes de partirmos para a análise dos conteúdos científicos do tratado, detivemo-nos sobre os artifícios a que Orta recorreu para se fazer representar. Considerar os elementos autobiográficos que a obra contém tem-se revelado uma tarefa tão complexa como movediça. Distinguir, entre as múltiplas pistas biográficas que Garcia de Orta espalhou pelo texto, aquelas que são reais das que são fictícias, é uma empreitada árdua e que não nos assegura certezas. Ciente da sua passagem discreta pelas crónicas oficiais, Orta tratou de dispersar, ao longo de toda a obra, numerosos álibis que, apesar de plausíveis, carecem de prova. Nesta nossa pesquisa, procurámos respostas às múltiplas questões que a leitura de *Colóquios dos Simples* nos suscitou:

sobre o contributo ibérico na Ciência europeia, ver: Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 56-100; Daniela Bleichmar *et al.* (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empire, 1500-1800*, pp. 13-34; Londa Shiebinger, Claudia Swan, (eds), *Colonial Botany*, pp. 100-147; David N. Livingstone, *Putting science in its place*, pp.99-134.

Como se referiram a Orta os cronistas coevos? A que mecanismos recorreu Garcia de Orta para se revelar aos seus leitores como uma autoridade credível? Como é que esta sua imagem evoluiu ao longo dos séculos? Como foi aproveitada a sua representação no contexto nacional? Quais os principais sobressaltos que as novas descobertas arquivísticas trouxeram? Como têm lidado os investigadores com estas revelações?

Para além da representação do autor, considerámos o seu livro como um elemento fundamental para a compreensão do momento da edição. Procurámos encontrar nos paratextos e nos incidentes tipográficos da obra esclarecimentos sobre este período concreto da vida do autor. Analisámos, por isso, uma parte significativa dos exemplares sobreviventes da edição *princeps*. Comparando os incidentes tipográficos ocorridos nuns e noutros volumes estabelecemos hipóteses explicativas sobre a qualidade do trabalho tipográfico da oficina de João de Endem, o cuidado que este tinha na selecção das matérias-primas que utilizava ou a atenção com que seleccionava o pessoal que contratava. Procurámos ainda compreender qual tinha sido a proximidade de Garcia de Orta da oficina durante o trabalho de edição.

Aproximámo-nos enfim dos conteúdos da obra.

Registámos o saber sobre o mundo natural da Ásia que circulava na Europa de Quinhentos. Importava-nos esclarecer que informação manuscrita e impressa sobre os recursos asiáticos tinha sido difundida na Europa durante as primeiras décadas do século XVI.

Compilámos ainda a informação sobre os recursos asiáticos a que um contemporâneo de Garcia de Orta poderia ter acesso. Analisámos, de uma forma tão sistemática quanto possível, o método de apropriação dos saberes relativos aos recursos naturais asiáticos: quem encomendou esta colecção de informações? Quem procedeu à sua relação? Como e a quem foram confiadas estas novidades? Que circulação tiveram estas notícias?

Tentámos ainda reconstituir a *livraria* de um homem da craveira intelectual de Orta. Na nossa pesquisa procurámos listar os livros *científicos* que o físico possuía. Demandámos os tratados de Medicina e História Natural que privilegiou, como se relacionava com os textos impressos ou como interagia com os seus autores. Foi particularmente curioso compreender como Orta geriu as suas fontes: a que impressos deu mais valor, a que informadores deu mais fé, a que notícias deu mais crédito.

Finalmente, procurámos integrar todos estes dados e extrapolá-los para o resultado final: a construção de *Colóquios dos Simples*. A obra de Orta integrou todos aqueles saberes orais, manuscritos e impressos, que o médico recolheu, testou e validou de acordo com a sua experiência.

Publicado em Goa, em 1563, o seu tratado reflecte as cisões e os pactos, movimentos tantas vezes antagónicos, mas que permitiram, em pleno século XVI, a construção de uma narrativa botânica credível e de reconhecida autoridade.

Este foi, aliás, o último ponto com que nos debatemos: a divulgação dos conteúdos da obra. Revelando a ampla aceitação de que a obra de Orta foi alvo no seu tempo, assinalámos as adaptações, apropriações e traduções de que *Colóquios dos Simples* foi alvo. Procurando adaptar-se a outros públicos e outras realidades, os compêndios de Clusius, João Fragoso e Cristóvão da Costa atestam bem a aceitação dos eruditos europeus relativamente ao tratado de Orta. A divulgação europeia do saber veiculado pelo médico português denota, afinal, a validação pelos seus contemporâneos, dos métodos de aquisição, inquirição e validação de saberes que *Colóquios dos Simples* testemunham.

No final desta pesquisa levantam-se-nos novas questões e pistas de trabalho. Ficam por esclarecer as redes de conhecimentos que asseguravam o envio ao médico de obras mais recentes publicadas na Europa. Ficam por identificar aqueles seus “familiares e amigos” a quem Orta dedicou tanta atenção e dos quais recebeu informações. Continuamos sem perceber que motivo terá levado Orta a permitir que a sua obra tivesse sido publicada, aparentemente, sem a sua directa supervisão.

No entanto, fica-nos a grata convicção de termos realizado um ponto da situação cabal sobre os estudos que envolvem a imagem do médico. De igual modo, pensamos ter contribuído para esclarecer o modo de aquisição e construção do saber de Garcia de Orta, que a historiografia, até hoje, não tinha analisado globalmente. Finalmente, esperamos ter destacado devidamente o contributo de *Colóquios dos Simples* na criação e normalização de novas metodologias de aquisição dos saberes e práticas científicas. A obra de Garcia de Orta inscreve-se, afinal, num conjunto mais vasto de tratados ibéricos, que proporcionou uma mudança pioneira na modalidade de apropriação e construção de um novo saber médico-botânico.

1. Representações de Garcia de Orta

Garcia de Orta (c. 1500-1568) passou despercebido aos cronistas do seu tempo. Os textos quinhentistas que relataram os feitos dos portugueses no Oriente prescindiram, quase em absoluto, do papel de relevo que este médico lusitano desempenhou na Goa de meados do século XVI.

Apesar da permanência de Orta na Ásia coincidir com a presença de Gaspar Correia ou de Diogo do Couto, em Goa, a leitura atenta das suas crónicas não devolve, mesmo ao leitor mais atento, um rasto coerente do médico. Preocupados em enaltecer os feitos dos portugueses no Oriente, talvez os cronistas do Reino pretendessem salientar a superioridade estratégia de Portugal ou sublinhar as habilidades políticas dos seus governantes destacados em missão, deixando para trás vivências próprias de personagens singulares.

Qualquer que tenha sido o critério destes relatores oficiais para ignorar a passagem do físico pelo quotidiano goês, o que é certo é que Orta parece ter sentido a necessidade de traçar a sua memória.

Na sua obra, *Coloquios dos Simples, e drogas he cousas mediçinais da India* (Goa, 1563), Garcia de Orta deixou pistas sobre aqueles que considerou serem os principais momentos da sua vida. Para além de um tratado médico-botânico, *Colóquios dos Simples* descreveu o traçado biográfico do seu autor. Personagem real ou fictícia, virtual ou autêntica, o Doutor Orta, que interveio em cada diálogo, testemunhou instantes de uma memória. O leitor quinhentista pôde assim traçar uma imagem sobre uma personalidade que mal conhecia e que passou a referenciar no tempo e no espaço.

No presente capítulo pretendemos, num primeiro momento, identificar os principais mecanismos a que Garcia de Orta recorreu para construir a sua representação. Numa segunda parte, procuraremos demonstrar como esta imagem foi evoluindo, assinalando nas obras editadas elementos que contribuíram para complementar ou modificar a imagem de Orta ao longo dos tempos.

Mais do que uma análise sobre a totalidade dos textos publicados sobre Orta e os *Colóquios*, pretendemos salientar aquelas obras que concorreram para descrever a imagem de Garcia de Orta, tal como a historiografia actual a compreende.

1.1. Garcia de Orta

Colóquios dos Simples e Drogas e coisas Mediçinais da India foi publicado em Goa, em 1563.¹² A obra, redigida em português, tornou inteligível a um público ibérico não especializado, um amplo conjunto de notícias sobre os recursos naturais asiáticos. As plantas, os animais e minerais da Ásia, com aplicações medicinais ou utilidade comercial, foram descritos em detalhe neste tratado. Ao longo do texto, Garcia de Orta identificou centros de origem das drogas, dos aromas e especiarias, descreveu as rotas de distribuição dos produtos, assinalou os mercados mais dinâmicos, normalizou a sinonímia, esclareceu a utilidade terapêutica dos *simples*.¹³

Os leitores residentes no Oriente tiveram, desde logo, acesso a informações credíveis e inovadoras sobre o mundo natural da Ásia, divulgadas a partir dos prelos de Goa. Dada a extensão deste auditório, não é de estranhar a redacção em português. No entanto, se atendermos aos textos quinhentistas que descreveram as novidades do mundo natural, americano, africano ou asiático, constatamos que os idiomas ibéricos – o castelhano ou o português – foram, com frequência, escolhidos para a divulgação destes exotismos. Os autores peninsulares, fossem eles cronistas, missionários, funcionários régios,

¹² As múltiplas gralhas e erros de composição e a invulgar irregularidade ortográfica da edição *princeps* dificultam a compreensão de algumas passagens do texto publicado nos prelos de Goa. Para além disso, a paginação caótica desta edição impossibilita, por vezes, a localização das referências textuais. Por isso, no âmbito do presente trabalho, optámos por recorrer à 3ª edição portuguesa: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, edição anotada e comentada pelo Conde de Ficalho, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, [1891-1895], 2 Volumes. As constantes alusões a esta edição levaram-nos a optar por simplificar as referências que surgem dispersas pelo texto principal ou nas notas de rodapé com o seguinte formato: (Orta, volume: página).

¹³ Entende-se por 'simples' as partes das plantas, animais ou minerais com propriedades terapêuticas usadas na composição de medicamentos. No âmbito deste trabalho, sempre que usámos este termo com este sentido, recorreremos ao itálico.

boticários ou médicos, elegeram o vernáculo para difundir as notícias sobre estes recursos. Resultantes da observação pessoal ou de testemunhos credíveis, estes novos saberes aliavam o carácter empírico das notícias relatadas ao interesse estratégico das informações recolhidas.

Relativamente aos novos exotismos, Garcia de Orta foi um dos primeiros a eleger o estilo dialogal como modalidade expositiva. *Colóquios dos Simples*, pela originalidade da forma, reflectiu a novidade do conteúdo.¹⁴

Não pretendemos debater neste ponto as razões que terão motivado Orta a preferir esta modalidade discursiva. Parece-nos, no entanto, uma escolha bastante engenhosa já que as conversas entre físicos que descreveu, permitiram-lhe questionar saberes fixados nos textos clássicos propondo uma nova dinâmica na apropriação do conhecimento.¹⁵ Contestando a aquisição passiva do saber, o médico sugeriu uma nova modalidade de construção do conhecimento, que não prescindia da presença do *outro* e que se baseava no confronto do texto com a observação do real.

Recorrendo às figuras de dois médicos ibéricos, um chamado Orta e outro Ruano que, em cada capítulo, mantiveram um diálogo aceso e uma saudável controvérsia, Garcia de Orta fez entrar em cena, em diferentes momentos das conversas, muitas outras personagens. Esta participação *inesperada* de actores verídicos ou verosímeis – moços e empregadas, físicos locais e mensageiros, mercadores e feitores, entre tantos outros – espelhou no texto uma faceta da realidade.

O leitor ibérico de Quinhentos, além de se poder rever em algumas das personagens descritas, reconhecia a sociedade luso-indiana que o médico descrevia. A autenticidade dos movimentos de um quotidiano assim relatado, concorreu para a credibilidade das notícias veiculadas.

Mas Orta não pretendia apenas descrever produtos e rotas ao leitor comum. Pela complexidade da argumentação e das referências inter-textuais

¹⁴ Apesar da forma coloquial ser invulgar nos textos de matéria médica, Orta citou frequentemente a obra de António Musa Brasavola, *Examen omnium simplicium medicamentorum*, na qual se estabeleciam diálogos entre diversos interlocutores. Também Francisco Lopez Villalobos havia recentemente publicado uma obra médica em diálogo: Francisco Lopez Villalobos, *Los problemas de Villalobos*.

¹⁵ *Vd. Cap. 2.6.*

que apresentou, verificamos que o médico tinha a pretensão de surpreender um público letrado. Uma audiência exigente e sábia, que comentava e questionava os textos da Antiguidade e se impacientava com o silêncio das elites eruditas portuguesas relativamente ao mundo natural da Ásia.¹⁶

Talvez Orta estivesse consciente do seu anonimato face ao auditório ilustre que pretendia conquistar. A sua prolongada permanência no Oriente tinha relegado para o esquecimento uma remota passagem pelas universidades castelhanas. Para obviar a esta falha, requereu a colaboração do Doutor Dimas Bosque (Orta, I:10-11).

Mas, se na Europa erudita poucos o lembravam, no Reino seria ainda mais limitado o número dos que reconheciam o carácter *imprescindível* da sua actividade clínica. Personalidade esquecida pelos principais cronistas e ausente dos relatos heróicos dos lusitanos estantes no Oriente, Garcia de Orta teve que arquitectar a sua própria memória.¹⁷

Revelando a sua vivência no Oriente como se tratasse do modelo de *gentil-homem* descrito por Baldassare Castiglione (1478-1529), Orta revelou-se aos seus leitores como um homem de cortes.¹⁸ Foi assim, no fluir das amenas conversas com o seu amigo, que o médico testemunhou, com naturalidade, a sua erudição e as suas qualidades humanas.¹⁹

¹⁶ Referimo-nos às críticas dirigidas aos portugueses e, em especial, à classe médica lusitana, por André Laguna e Pietro Andrea Mathioli, dois dos mais ilustres comentadores de Dioscórides. *Vd.* Cap. 4.

¹⁷ Ao longo da sua permanência oriental, apenas se conhecem duas referências a Garcia de Orta. Uma, de Diogo do Couto, *Década 4*, liv.8, Cap. 11-12. *Cit in*: Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, p.151, e outra do Irmão Luis Froes: “Duma carta que escreveo o irmão Luís Froes do colégio de Goa ao primeiro de Dezembro de 1560 aos irmãos da cop^a de Portugal”. Esta carta encontra-se na BAL, 49-IV-50, fls 113r-120 v e foi publicada na *Documentação para a história das Missões do padroado português do Oriente*, pp.297-326.

¹⁸ Baldassare Castiglione distinguiu-se como diplomata e cortesão. Publicou em 1528, nos prelos venezianos dos herdeiros de Aldus Manutius, *Il Libro del Cortegiano*. A obra descreveu o carácter exemplar do Duque de Urbino, Guidobaldo de Montefeltro, e constituiu uma homenagem à passagem de Castiglione pela corte de Urbino, uma das mais refinadas na Europa do seu tempo. Redigido em diálogo, o livro descreveu as qualidades e virtudes de um cortesão “ideal”. As múltiplas traduções em castelhano, francês, polaco e inglês que circularam na Europa de Quinhentos atestam a pronta aceitação deste modelo de gentil-homem proposto por Castiglione. Em *The fortunes of the Courtier*, pp. 158-178, Peter Burke enumerou as edições da obra que foram publicadas entre 1528-1850 e identificou uma vasta lista de leitores e proprietários da obra. Sobre a recepção de *Il Libro del Cortegiano* e a sua influência na cultura europeia ver: Peter Burke, *The fortunes of the Courtier*, pp. 39-98 e pp. 139-157.

¹⁹ Orta, a par de uma enorme curiosidade pelo saber e de um invejável sentido de humor, qualidades que Castiglione enalteceu, revelou a familiaridade com as elites, a amizade com

Para realizar tal tarefa, o médico contou com a colaboração de Luís de Camões que também estanciava no Oriente. (Orta, I:7-9).²⁰

No seu poema, o poeta representou Garcia de Orta cantando:

“E vede carreguado
De annos, letras e longa experiencia,
Hum velho que insinado
Das guaneticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte silvestre,
Vence o velho Chiron de Achilles mestre
O qual esta pidindo
Vosso favor e ajuda ao grão volume,
Que agora em luz saindo
Dará na Medicina um novo lume,
E descobrindo irá segredos certos
A todos os antigos encobertos.”²¹

Dirigindo uma súplica ao Conde de Redondo, Camões prometeu: “Ajuday, quem ajuda contra a morte/E sereis semelhante ao Greguo forte.”²²

Se Camões rogou o apoio do Vice-Rei D. Francisco Coutinho a *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta dedicou o seu trabalho a Martim Afonso de Sousa (c.1500-1571). Àquele fidalgo, de quem se afirmou “criado”, Orta pediu protecção contra o “ocioso povo e mordaces línguas.” Como escreveu na sua carta dedicatória: “o tratado tinha necessidade de hir arrimado a quem o deffendesse dellas [mordaces línguas] assim como fazem os esprementados

homens de reconhecida bravura e inteligência, a comedida modéstia face aos elogios de outrem, a obediência aos governantes lusos assim como uma preocupação de moderação com as delícias da Ásia. As suas conversas com Ruano sugerem *Garcia de Orta* como uma personagem amplamente conforme ao modelo descrito no *Livro do Cortesão*, em especial: “O Segundo Livro do Cortesão do Conde Baldesar Castiglione a sire Alfonso Ariosto”, in: B. Castiglione, *O Livro do Cortesão*, pp: 79- 174.

²⁰ Esta Ode do poeta foi a primeira poesia impressa de Camões. *Vd.* Cap. 2.5.1.

²¹ Esta descrição que Camões faz de Orta foi, mais tarde, recuperada pelos biógrafos do médico.

²² O Conde de Redondo, D.Francisco Coutinho foi o 8º Vice-Rei da Índia (g.1561-1564). Este governante assinou o Privilégio que concedia a Garcia de Orta os direitos de *Colóquios dos Simples* por um período de três anos.

agricultores que, querendo plantar algumas dellicadas plantas as arrimam a alguns fortes arvores pera que as defendam dos tempestuosos ventos e fortes chuivas e ásperas geadas.” (Orta, I:4-5).

Integrando a nova descrição do mundo natural asiático na narrativa das vitórias do distinto lusitano, Orta tornou o “invencível capitão” parte integrante da sua crónica. Talvez por isso tenha relatado a sua vivência ao lado do Capitão-Mor Martim Afonso de Sousa. Foi como seu médico pessoal que Garcia de Orta se deslocou ao longo do litoral Indústânico, desde o Golfo de Cambaia até ao Ceilão.

As referências à visita ao bazar de Diu, onde comprou o turbit (Orta, II:329-330), à corte de Nizamoxa, no Decão, onde discutiu com os físicos locais ou à ilha das Vacas, onde assistiu à matança de bodes para a Armada (Orta, II:232), tornaram reais os depoimentos do médico do Capitão.²³ Aquele “illustrissimo Senhor” (Orta, I:4-5) que Orta acompanhou nas suas campanhas militares, transmitiu segurança e credibilidade aos seus testemunhos.

Do mesmo modo, as frequentes alusões a feitos de portugueses no Oriente, as importantes conquistas de D.João de Castro (Orta, II:340) ou as extraordinárias notícias oriundas da longínqua China (Orta, I:155-158; I:201-205; I:260 e Orta II:258-270), inscreviam *Colóquios dos Simples* num género de *História Natural* tão em voga na época, um relato a meio caminho entre a crónica histórica, o tratado de história natural e o compêndio de matéria médica, em que uma grande diversidade de factos se suportava mutuamente.²⁴

Garcia de Orta relatou o seu quotidiano. Homem de uma inteligência fina e de um humor invulgar, arquitectou a sua casa, com múltiplas salas e gabinetes, onde recortou amplas janelas e varandas, de onde avistava a barra de Goa (Orta,

²³ “Nizamoxá” resulta de uma adaptação para português de “Nizam Shâh”, termo que designava o Sultão de Ahmadnagar. No período em que Garcia de Orta permaneceu no Oriente reinaram: Burhan Nizam-Shâh I (r.1503-1553) e Husain Nizam-Shâh (r.1554-1565). As datas colocadas entre parêntesis, quando acompanhadas de uma abreviatura, indicam o período em que a personalidade em causa desempenhou funções de governação. Neste trabalho quando a abreviatura “g.” anteceder duas datas, significa o correspondente período de “governo” (geralmente empregue relativamente a Vice-Reis ou Governadores da Índia). De igual modo, recorreremos a “r.” para indicar “reinados” e “p.” para assinalar pontificados.

²⁴ Referimo-nos, por exemplo, à obra de Oviedo, *Historia General y natural de las Indias*, Madrid, 1535 ou ao texto posterior do jesuíta José de Acosta, *Historia Natural y moral de las Indias*, Sevilha, 1590.

II:101) ou o jardim de árvores extravagantes (Orta, I:69); descreveu um invejável pomar de frutos exóticos (Orta, II:25); referenciou uma apreciável *livraria*;²⁵ simulou uma cobiçável coleção de maravilhas (Orta, I:311 e Orta, II:203).

O ritmo das conversas obedeceu assim à cenografia desenhada por Orta.

As mangas temporãs, produzidas no quente Verão indiano, transportavam o leitor até à varanda de onde fez crer que se avistava o Mandovi. Degustando esta delícia da Índia, Orta mostrou-se bem informado sobre as preciosidades da terra e revelou a atenção que lhe merecia o movimento mercantil na barra de Goa. Avistando uma pequena embarcação que se aproximava do porto, o médico enviou lá um dos moços para que este trouxesse de imediato informações sobre a origem da mercadoria transportada no barco.

No outro extremo da casa, no lado virado ao jardim, Orta possuía um pomar onde as árvores de fruto eram deixadas ao cuidado do seu jardineiro. Podemos assim supor que na sua mesa abundassem, não apenas os brindões, jangomas e carandas, que diariamente as compradeiras lhe traziam do mercado, mas também as jacas, os jambolões, jangomas ou carambolas que cresciam no seu quintal ou na sua fazenda.

Neste amplo e apetecível espaço, circulava a sua fiel e atenta criadagem, que o questionava e servia, num ambiente de franco diálogo e grande cumplicidade.²⁶ Eram moços que davam recados, como aquele que lhe apresentou o cesto de mangas (Orta, II:101-102) ou o outro que trouxe o cabaz de ervas enviado pelos frades (Orta, II:17); servos que mostravam ao visitante especiarias (Orta, I:176). Eram servas que anunciavam viajantes, como a que fez entrar na conversa o lapidário (Orta, I:311) ou aquela que apresentou um capitão acabado de chegar de Bombaim (Orta, II:25), ou ainda uma outra que apresentou o Doutor Malupa (Orta, II:331). Eram empregadas que revelavam segredos locais, como a que mostrou a forma de usar o mungo (Orta, II:139) ou a negra que apresentou o negundo (Orta, II:163). Eram moças que traziam à cena produtos locais, como a que ensinou a distinguir o açafraão verde do seco (Orta, I:280), ou a

²⁵ Ver: Rui Manuel Loureiro, "Garcia de Orta e os Colóquios dos Simples: Observações de um viajante sedentário", pp.135-145; Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp.281-322.

²⁶ Teresa Nobre de Carvalho, "Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", pp.165-175.

que deu a Ruano um bote de cânfora de Bornéu (Orta, I:152), ou aquela que lhe trouxe uma jarra de gengibre (Orta, II:9), ou ainda, a outra que lhe apresentou o tamarindo em conserva (Orta, II:320). Eram, finalmente, as cozinheiras que o interpelavam sobre a ementa do jantar, como a que lhe perguntou como preferia que cozinhasse as “curcas chegadas de Cochim” (Orta, I:279). Surgiam também rendeiros que traziam cartas ou frutos primores da sua fazenda de Bombaim (Orta, II:101), vendedores de pedras preciosas que vinham buscar esmeraldas para propor a compradores (Orta, I:311) ou o capitão do seu navio, que entregou a Orta cartas e um cesto de jangomas (Orta, II:25). Eram gentes simples, que interrompiam as conversas eruditas trazendo-lhes vivacidade e revelando o pragmatismo da realidade subjacente.

Orta descreveu a sua casa como um espaço onde pessoas, frutos e objectos se cruzavam em perfeita harmonia. A diversidade de alimentos foi exposta pelo médico numa farta mesa, que convidava cada leitor a deliciar-se.

Assim, uma ampla lista de “comeres” locais foi por ele apresentada. Para além das carnes, como as galinhas, “com que se faz um caldo muito bem temperado”, as perdizes de Ormuz, tão usadas na dieta dos doentes coléricos (Orta, I:263), ou o carneiro, “ideal para comer com curcas” (Orta, I:279), Orta sugeriu as canjas (Orta, I:264), os pastéis de carne ou peixe com gengibre (Orta, II:6), as saladas de gengibre verde misturado com ervas, azeite, vinagre e sal (Orta, II:6), o peixe cozido com cardamomo, as galinhas com marmelos, os pastéis de carambola (Orta, I:161-162), ou os bredos e as hortaliças.

As frutas frescas e as saborosas conservas, completavam tão variada ementa com uma enorme diversidade de aromas e cores. Orta descreveu os âmbares, os brindões (Orta, I:117), as carandas “que sabem a maçãs verdes” (Orta, I:125), os cocos, os melões, os pepinos, os duriões de Malaca, “a melhor fruta que havia no mundo” (Orta, I:297), os figos que se comiam “bem assados e deitados em vinho com canella por cima” (Orta, I:332), as limas, laranjas e limões, as mangas “estiladas em vinho cheiroso ou em conserva de açúcar” (Orta, I:103), as patecas, os mungos e saborosos mangustães (Orta, II:161), as tâmaras ou as conservas de pêssegos. (Orta, II:249).

Não deixou escapar os temperos com água de canela ou água de mogory (Orta, I:70) nem as apetitosas cores conferidas pelo açafreão da terra.

Esta mesa recheada de iguarias, capazes de satisfazer os paladares mais exigentes, que o médico ofereceu a cada leitor, convidava todos a aproveitar as delícias do seu quotidiano.

Para além desta enorme diversidade de acepipes e doces, Orta partilhou com cada leitor um pouco mais da intimidade da sua casa, descrevendo alguns dos objectos que nela se podiam achar.

Cada visitante encontrava, numa casa como a de Orta, diferentes tipos de recipientes para guardar drogas e conservas: os “botes de cânfora do Bornéu” (Orta, I:152), os jarros para gengibre (Orta, II:9), os vasos de casca de coco, jarras e escudelas de berilo (Orta, II:262), porcelanas pequenas de jaspes ou jarras martabanas vidradas.

Entre os seus objectos pessoais, não faltavam cofres e pentes de marfim, pentes de linaloes, “tabolas de enchadrez de madreperla e tartaruga” (Orta, II:124), “um relógio com um mostrador muito bom” (Orta, II:270), para além de “um anel com um diamante, pelo qual lhe deram 50 cruzados” (Orta, II:270).

Como nota final desta passagem pelo quotidiano do médico, convém realçar a importância que este deu à diversidade de moedas, pesos e medidas que a sua aparente frutuosa actividade comercial tornava imprescindível dominar.

Para além da alusão aos “cruzados”, “pardaus”, “livras”, “vinteis”, “reis” ou “tangas”, Orta precisou o uso das medidas de “grãos de trigo” para as pérolas (Orta, II:122), as “mãos” para as pedras de cevar (Orta, II:195), as “gantas” para a raiz da China (Orta, II:261), os “ratis” para as esmeraldas (Orta, II:196), ou dos “quilates para as outras pedras” (Orta, II:196).

O quotidiano de Orta, passado assim entre a sua casa, o hospital da Misericórdia, as visitas domiciliárias de urgência, o porto e o leilão matinal da cidade, foi apresentado a cada leitor como um invejável dia-a-dia, próprio do homem dinâmico e curioso em quem pulsava o coração de Goa. Recorrendo a uma judiciosa arte de representação, Orta partilhou os seus espaços com uma

vasta audiência. Mais do que um texto hermético, destinado apenas a um público letrado, *Colóquios dos Simples* não prescindiu da presença dos seus leitores que eram, em simultâneo, actores e espectadores.

Neste projecto de afirmação, Orta revelou o que outros pensavam dele. Para além de se lamentar cativo do seu saber (Orta, I:151), pretendeu deixar claro o reconhecimento da sociedade luso-goesa quanto ao carácter imprescindível da sua presença. Assim se pode interpretar o aparecimento do pagamento de D.Jerónimo, que interrompeu uma amena conversa entre os físicos no sossego da noite (Orta, I:261-263), ou a chegada da afogueada empregada de Paula Andrade (Orta, I:295-296), ambos com pedidos de auxílio urgentes, revelando os perigos que a Índia reservava a cada instante e que apenas Orta parecia conseguir amainar.

Mas o médico não se limitou a expor o seu saber ao escrutínio das elites portuguesas. Ambicionou revelar que o crédito dado à sua capacidade técnica era mais vasto. Descrevendo curas que alcançou nas *cortes* locais, Orta confessou aos seus leitores o amplo reconhecimento de que foi alvo por parte dos seus soberanos. Para além dos chorudos estipêndios declarados pelo físico (Orta, I:119) – que tanta inveja causara entre os seus semelhantes²⁷ - havia que considerar o valor pragmático das amizades entre o médico e os soberanos (Orta, I:122 e Orta, II:101), que permitiram, certamente, intuir estratégicos acordos e múltiplas benesses.

Mas se Garcia de Orta recorreu a todos estes elementos para construir a sua imagem, esta tarefa teve como fim último desvendar a sua personalidade, dotando-a de densidade e memória, e tornar credível o saber que divulgou. Este assentava na sua experiência médica, no seu conhecimento das práticas terapêuticas locais, assim como nas notícias que lhe foram reveladas por agentes em quem acreditava.

Ciente da imagem de médico de confiança que conseguiu transmitir aos seus leitores, Garcia de Orta era assim, seguramente, homem de juízos certos.

²⁷ Já em pleno século XVII, o médico Rodrigo de Castro (1546-1627) continuava a sublinhar a extravagância do magnífico estipêndio que Orta afirmara ter recebido de Nizamoxa. Agradecemos ao Prof. Domingos Lucas Dias esta preciosa informação que se encontra no recente estudo: Rodrigo de Castro, *O médico político ou o tratado sobre deveres médicos-políticos*.

Na verdade, os informadores que deixou entrar no seu texto, eram homens e mulheres nos quais acreditava. O médico era o único a poder dar crédito ou a recusar uma informação. Em última análise, foi o seu próprio critério que definiu quem era digno de ser ouvido. O leitor, pela construção da imagem que Garcia de Orta fez de si próprio, foi levado a tomar como certo o entendimento do médico.²⁸

Assim, a vasta panóplia de informadores, enumerada ao longo dos *Colóquios*, que era crível aos olhos de Orta, foi aceite pelo seu auditório.

Surgiram então inúmeros mercadores, físicos, boticários, religiosos, empregados, secretários, feitores, funcionários régios, que, devidamente identificados pelo médico, cederam informes fidedignos. Homens e mulheres, portugueses ou estrangeiros, gentes eruditas ou simples, que facultavam segredos e testemunhavam o dinamismo da apropriação do real. O leitor foi assim naturalmente conduzido a crer nas informações cedidas pelos seus múltiplos informantes, depois de estas terem sido por ele validadas.

Ao longo do texto, Orta recordou que, do mesmo modo que nem todos os empregados eram de confiança (como revelou no episódio de Paula Andrade, acima referido), também era preciso cautela na selecção dos informadores. Na verdade, nem todos os mercadores ou viajantes eram dignos de fé. Era assim tarefa de quem procedia a um questionário, saber identificar interlocutores credíveis. Mais uma vez, a revelação de uma verdade dependia da agudeza de espírito do inquiridor, neste caso, da intuição de Orta.

Torna-se assim curiosa a alusão de Orta ao engano divulgado por Laguna no seu comentário a Dioscórides. Ruano defendia então a informação relativa aos “cardamomos”, que um mercador vindo da Arménia e recém-chegado a Veneza, tinha cedido a este erudito comentador de Dioscórides. Orta, face à sua experiência, limitou-se a contrapor a notícia veiculada por Laguna com um lacónico “o mercador [...] não disse a verdade”(Orta, I:178).

²⁸ Sobre a importância de se representar como médico digno de confiança dos seus leitores, ver David, N. Livingstone, *Putting Science in its place*, pp.140-148 ou Steven Shapin, *A Social History of Truth*, pp. 3-41.

Orta parecia querer justificar muitas das incorrecções divulgadas por outros viajantes lusitanos mais crédulos, como Tomé Pires²⁹ ou Duarte Barbosa³⁰, que foi discretamente corrigindo ao longo dos *Colóquios*.³¹ As incorrecções que os seus textos continham não deviam ser imputadas à ingenuidade dos viajantes portugueses mas à astúcia dos informadores. O médico referiu-se, com alguma irritação, ao mercador do bazar de Diu, que acusou de o ter burlado no preço do turbit (Orta, II:230). Com o relato deste episódio, talvez Orta pretendesse alertar os seus leitores para a falta de escrúpulos dos comerciantes daquela praça. Não deixou, no entanto, de referir mercadores que lhe revelaram segredos da sua profissão, como os lapidários, que o ensinaram a distinguir os diamantes de outras pedras (Orta, II:199-200), ou aquele outro “Banenane muito seu amigo” que lhe revelou como se falsificava a cânfora (Orta, I:155).

Ao longo de *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta nunca prescindiu dos seus informadores.³² Viajantes oriundos das mais diversas paragens, homens práticos, inspectores atentos, cederam-lhe uma multiplicidade de informes

²⁹ Tomé Pires embarcou para o Oriente em 1511 com a missão de identificar e seleccionar as drogas que deveriam ser enviadas ao Reino. Boticário de profissão, concluiu em 1515 a *Suma Oriental*, que foi considerada a primeira geografia do Oriente. No seu texto, Pires reuniu numerosas notícias sobre a natureza asiática, cedidas por informadores locais. Uma parte do texto foi divulgada por Ramúsio, que o integrou na colectânea *Delle navigationni et Viaggi*, Veneza, 1550. Destacado para chefiar a primeira missão diplomática portuguesa a Pequim, este embaixador-boticário viria a desaparecer em circunstâncias ainda hoje pouco claras. Sobre a obra do boticário, ver: Tomé Pires, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ou *O manuscrito de Lisboa da ‘Suma Oriental’ de Tomé Pires*. Vd. Cap. 4.1.7

³⁰ Duarte Barbosa partiu para o Oriente em 1500 onde residiu grande parte da sua vida. Durante um largo período, desempenhou as funções de escrivão da feitoria de Cananor. Na sequência da sua ampla experiência comercial e da sua facilidade de aprendizagem dos idiomas locais, nomeadamente o Malaiala, Barbosa compilou um impressionante manancial de informações de importância política e estratégica. Redigiu um extenso e circunstanciado relatório, o *Livro das Cousas do Oriente* (1516) que teve uma importante divulgação, como o atestam a diversidade de versões manuscritas que hoje se lhe conhecem. Neste texto, Duarte Barbosa descreveu, de forma detalhada, os Reinos, as cidades, os portos, as gentes, as riquezas e os recursos naturais do Oriente. O seu relato resultou do contacto com fontes locais, orais e manuscritas. As novidades que veiculou, foram amplamente difundidas através da enciclopédia italiana de Ramúsio, *Delle navigationni et Viaggi*. Para uma edição moderna da obra ver: Duarte Barbosa, *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, 1989 ou *O Livro de Duarte Barbosa*, 1992. Vd. Cap. 4.1.7

³¹ Vd. Cap. 6.4

³² Rui Manuel Loureiro, “Garcia de Orta e os Colóquios dos Simples: Observações de um viajante sedentário”, pp.135-145; Teresa Nobre de Carvalho, “Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia”, pp.165-175 Teresa Nobre de Carvalho, “Invisible travelers and virtual tracks” Proceedings of the 4th International Conference for the ESHS, Barcelona, 2010, pp.288.393.

credíveis, que confrontou com os textos e, sempre que possível, validou com a sua experiência. O médico conseguiu reunir novidades do Uzbequistão trazidas por mercadores de Ormuz, (Orta, I:77) ou sobre a assafétida cedidas por um comerciante de Cambaia (Orta, I:80) assim como informações sobre os frutos de Veneza (Orta, I:333) entre tantas outras notícias que centrou em sua casa e validou pelo confronto com várias fontes.

Em relação aos funcionários portugueses, alguns, identificou outros, apenas sugeriu.³³ Testemunhos como os de Coje Percolim (Orta, I:26; I:77-78), Jorge Gonçalves (Orta, II:93), Diogo Pereira (Orta, I:52), António Pessoa, Simão Álvares (Orta, II:248-249), António Galvão, João de Mascarenhas (Orta, II:240), Álvaro de Sousa ou Bastião Lopes Lobato, foram ventilados no texto. Personagens secundárias das crónicas históricas revelaram-se, afinal, protagonistas do relato de Orta. A eles, como a tantos outros, se deveu a descrição de riquezas naturais oriundas de terras longínquas, o reconhecimento de nichos de mercado, a identificação de novos recursos a explorar. Homens pragmáticos, estes vigilantes observadores cederam às elites portuguesas de Goa relatos circunstanciados das suas missões de prospecção.³⁴

A inclusão destas informações, que se pensa tenham tido circulação restrita, nos *Colóquios dos Simples*, sugere o acesso privilegiado do médico às notícias de importância estratégica, coligidas pelos órgãos de decisão de Goa.³⁵ Aliás, a convivência de Orta com as elites portuguesas no Oriente ecoa ao longo de toda a obra. O médico publicitou a forte amizade que o unia a Martim Afonso de Sousa (g.1542-1545)³⁶ tal como testemunhou a proximidade a D.João de Castro (g.1545-1548). (Orta, I:154, Orta, II:340). Alcançando a libertação de um mercenário, demonstrou o seu poder negocial junto de D.Afonso de Noronha

³³Orta referiu-se a portugueses oriundos de Malaca (Orta, II:24); de Bengala (Orta, II:9); de Vijayanagar (Orta, I:81) que não identificou.

³⁴ Vd. Cap. 4.5.

³⁵ Grande parte destes inquéritos foi efectuada durante a Governação de D.João de Castro, datando a sua compilação do governo de D.Garcia de Sá. Ver a nota introdutória de Adelino Almeida Calado (ed.) "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", pp.1-138.

³⁶ A relação entre Orta e Martim Afonso de Sousa Vd. Cap.2.5.1.2. Ao longo dos *Colóquios* são múltiplas as alusões aos feitos do Capitão-Mor, função que desempenhou entre 1534 e 1538. (Orta, I:15,32,97,205; Orta, II:140,260,329).

(g.1550-1554).³⁷ Discutindo animadamente com boticários e juristas, que rodeavam D.Pedro de Mascarenhas (g.1554-1555), revelou a naturalidade das conversas em que participava, no seio do no círculo do político.³⁸

Não menos importante foi a presença, ainda que indirecta, de D.Constantino de Bragança (g.1558-1561), de quem Orta recordou a expedição ao Jafanatapão (Orta, II:376).³⁹ Nesta campanha, os Padres da Companhia de Jesus tiveram um papel activo no apoio aos doentes. Como escreveu o Padre Henrique Henriques, “[Os irmãos da Companhia] Edificaram muito a todos, por haverem tido cuidado dos doentes da armada, e também doutros que vieram de Portugal, em duas naus que acertaram de vir aqui junto de Manar, uma das quais deu em seco. Mandou-me o vizo-rei que viesse de Jafanatapão, para os fazer desembarcar em embarcações dos cristãos e ter deles cuidado. Passariam de 150. Muito trabalharam os irmãos com eles, com muita caridade.”⁴⁰ O mesmo episódio recordou Dimas Bosque: “Estando o visorey Dom Constantino em Jafanatapam, com continuos trabalhos de guerra, [...] adoeceo muyta gente de câmaras, a cura das quaes toda passou por minha mão, por nam aver outro fisico na armada. E como as medicinas, que de cá se levaram, eram já gastadas na ilha de Manar, com os doentes de duas náos do reino, que a ella vieram ter tam mal tratados que em espaço de quarenta dias curei passante de trezentos homens.” (Orta, II:376).

Finalmente, D.Francisco Coutinho (g.1561-1564) foi uma peça fundamental na história desta publicação.⁴¹ Sem a sua autorização e aval, talvez

³⁷ Ao afirmar ter conseguido o perdão do Vice-Rei pela traição de Sancho Pires, Orta sugere a sua capacidade de diálogo com D.Afonso de Noronha (Orta, II:307).

³⁸ Numa conversa amena, em que participam um Governador e um boticário, o governante solicitou o parecer técnico de Garcia de Orta, que, apesar da sua abalizada argumentação, não conseguiu demover o boticário do seu erro. (Orta, I:182).

³⁹ A presença de D. Constantino de Bragança é afirmada através do testemunho activo do seu médico pessoal, o Dr. Dimas Bosque.

⁴⁰ *Documenta Indica*, vol. V (1561-1563), Doc 3, p.15.

⁴¹ O acordo que D.Francisco Coutinho deu ao texto de Orta ficou patente no Privilégio que concedeu à obra no qual estabeleceu “que pello dito tempo de três annos, que se começarão da notificação deste em diante [5 de Novembro de 1562] nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condiçam que seja, possa exprimir nem mandar exprimir por nenhuma via o dito livro [*Colóquios dos Simples*] sem licença do dito doutor [Garcia de Orta] so pena de qualquer que o contrario fizer pagar por cada vez duzentos cruzados, metade pera elle ou pera quem o acusar, e a outra metade pera as obras pias, e ser preso até minha mercê, e aver a mais pena que eu ouver por bem.” (Orta, I:14-15).

o impacto da obra não fosse o mesmo. Este livro sobre as “mezinhas e frutas da Índia”, que o Conde de Redondo considerou “muyto proveitoso”, chegou às mãos dos leitores com um selo institucional.

O privilégio do governante validou o interesse do trabalho de Garcia de Orta. Saliente-se ainda que, num dos derradeiros colóquios, o leitor foi informado que a raríssima “pedra contra a peçonha”, cujas propriedades Orta fora o primeiro a descrever, tinha sido enviada ao Conde de Redondo, atestando assim o *valor* e pragmatismo da informação divulgada por Garcia de Orta.

Esta integração de um relato sobre o mundo natural nos feitos destes homens de estado, autorizou a presença e saber do médico na vizinhança do poder político. Note-se, no entanto, que Orta havia subtilmente aludido ao reconhecimento que o próprio D. João III (r.1512-1557) tinha manifestado ao seu trabalho, com a *oferta* da fazenda de Bombaim.⁴²

Tornando alguns destes governantes em protagonistas da sua história, Orta validou a sua experiência pela presença inequívoca do poder político com que conviveu.

De igual relevância foram as alusões de Orta aos religiosos com quem se cruzou em Goa. Para além de um Bispo Arménio, que curara no passado, pontuou o seu relato com a presença dos religiosos da Companhia de Jesus⁴³, assim como relevou a colaboração sempre pronta dos irmãos franciscanos, que lhe forneciam ervas, traziam informações sobre a sua utilidade ou esclareciam aspectos mais obscuros (Orta, II, 17-18 e 181).

Finalmente, é de salientar a autorização de publicação que se encontra no frontispício da obra. “O muy reverendo Senhor, o licenciado Aleixo Dias Falcão,

⁴² Sobre a fazenda de Orta em Bombaim ver o detalhado trabalho de José Gerson da Cunha, *The origin of Bombay*, pp.95-107.

⁴³ Vd. nota 17. Nesta nota fizemos referência à Carta que o irmão Luís Froes escreveu no Colégio de São Paulo, em Goa, em 16 de Novembro de 1559. O jovem noviço descreveu, de forma bastante ilustrada, a participação do doutor Orta, “que he hum velho já quasi decrépito, dos melhores letrados que quaa há nestas partes”, numa sessão académica solene que decorreu no Colégio de São Paulo no “dia das onze mil virgens que he a vinte e hum de Outubro”. A participação de Orta nestas actividades culturais organizadas pelos Jesuítas, e às quais assistiam entre outros, “Viso-rey e bispos”, é sinal da consideração que as elites políticas e religiosas tinham pelo seu saber e da relevância da sua presença nos meios intelectuais lusitanos no Oriente. Como então referimos, esta carta encontra-se na BAL, 49-IV-50, fls 113r-120 v e que foi publicada na *Documentação para a história das Missões do padroado português do Oriente*, vol. 7, pp.297-326. Ver também (Orta, II:120).

desembargador da Casa de Supricaçam”, acedeu a que a obra fosse editada. A permissão deste inquisidor afasta qualquer dúvida que pudesse restar sobre a credibilidade da obra ou do relevo do seu autor.

1.2. Leitores Quinhentistas de Garcia de Orta

1.2.1. D. Garcia ab Horto

A atenção que Charles de l'Écluse/Carolus Clusius (1526-1609) dedicou a *Colóquios dos Simples* revela bem o crédito que, de imediato, Orta alcançou junto do botânico.⁴⁴ Este, na Carta que dirigiu ao leitor de *Aromatum et Simplicium*, afirmou:

“Escreveu D. Garcia de Orta, médico do vice-rei da Índia, um livro sobre plantas e aromas que, fruto de um estudo cuidadoso e aturado, observou entre os índios (onde exerceu medicina por mais de trinta anos).”⁴⁵

⁴⁴ Charles de l'Écluse/Carolus Clusius foi um dos mais importantes botânicos do seu tempo. Natural de Arras, começou por estudar Leis em Louvain. Apercebendo-se da sua fraca afinidade com estes estudos seguiu os conselhos de Philipp Melanchthon (1497-1560) e continuou a sua formação médica em Montpellier. A sua passagem por esta escola e a privança com Guillaume Rondelet (1507-1566) e o seu círculo de influências, determinou o seu percurso futuro. Homem da confiança de elites, tutor de jovens aristocratas, autor de uma vasta obra, Clusius dedicou-se à divulgação europeia de obras descrevendo o mundo natural das Índias Orientais, Ocidentais e Levante. De entre os seus tratados botânicos encontra-se também a primeira flora da Península Ibérica assim como a da Hungria. Homem de uma ampla erudição, estabeleceu uma larga rede de correspondentes que lhe forneceram informações e amostras de plantas, animais e minerais oriundos de todas as partes do mundo então conhecido. Entre outras obras, foi o autor do epítome latino de *Colóquios dos Simples*, assim como dos tratados sobre plantas asiáticas, americanas e levantinas de Cristóvão da Costa, Nicolau Monardes e Pierre Belon que tiveram ampla divulgação na Europa de Quinhentos. Sobre Clusius há uma extensa bibliografia. Importa consultar as obras que reflectem os mais actuais estudos sobre este botânico: Florike Egmond, Paul Hoftijzer and Robert Visser, *Carolus Clusius: Toward cultural history of a Renaissance naturalist*, assim como Florike Egmond, *The world of Carolus Clusius: Natural History in the making: 1550-1610* ou Kasper van Ommen (ed.), *The exotic world of Carolus Clusius (1526-1609)*. Sobre a apropriação da obra de Orta pelo botânico flamengo, ver: Marília dos Santos Lopes, “A revelação das plantas. Garcia de Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa”, pp.28-39. Num contexto paralelo, vale a pena considerar a adaptação que Clusius publicou relativamente ao tratado de Monardes. Ver: Jose Pardo Tomas, “Two glimpses of America from a distance: Carolus Clusius and Nicolas Monardes”, pp. 173-193.

⁴⁵ No âmbito do presente trabalho, recorreremos à versão portuguesa desta obra: Clusius, *Aromatum et Simplicium*, Antuérpia, Plantin, 1567. Versão portuguesa epítome latino dos Colóquios dos Simples de Garcia de Orta. Introdução e versão portuguesa de Jaime Walter e Pe.

Nas palavras do estudioso encontramos a admiração pelo autor dos *Colóquios*, que apelidou de homem muito erudito.

A versão latina que Clusius editou em 1567 é bastante diversa do texto original goês. Como disse Ficalho,

“Clusius poz completamente de banda a forma dialogada do livro portuguez; alterou a ordem das matérias; e distribuiu os assumptos scientificos tratados nos *Colóquios*, em duas partes, divididas: a primeira em 58 capítulos e a segunda em 28. Escreveu além disso numerosas notas ao texto, e intercalou-lhe 17 gravuras em madeira.”

Mais à frente, o Conde lamentou:

“Os *Colóquios* perderam no arranjo uma grande parte do seu pitoresco e da sua forma íntima. [...] Em vão buscaríamos ali a impressão da vida doméstica de Orta, rodeado das suas negras e da sua creada Antónia; ou os interessantes perfis de Sancho Pires, do bispo D. fr. Ambrozio, do Nizamaluco e de tantos outros.”⁴⁶

Apesar da fidelidade louvável que manteve relativamente aos conteúdos científicos explanados por Orta, Clusius actuou livremente sobre a figura do médico português criando dele um outro retrato: o de um erudito *conforme* às expectativas da elite sábia residente na Europa.

O botânico conservou, no entanto, o carácter inovador da modalidade de construção de saber que Orta revelou, baseada no diálogo entre textos, pessoas e experiências.

Mantendo intocável a sua rede de informadores, Clusius ajustou-a ao público europeu. Em vez dos aprazíveis Coje Percolim, Jorge Gonçalves, Diogo

Manuel Alves. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964. Dado o grande número de referências a esta obra, utilizaremos nas notas de rodapé a versão abreviada. No âmbito do presente trabalho recorreremos à referência, Clusius, *Aromatum et Simplicium*, pp.3-7.

⁴⁶ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp.373-374.

Pereira, Simão Álvares, João de Mascarenhas, André Milanês, Simão Toscano ou do Dr. Malupa surgiram: “o varão célebre”⁴⁷, “o homem honesto, diligente e curioso”⁴⁸, “os amigos dignos de confiança”⁴⁹ ou um “varão fidedigno”.⁵⁰ A classe médica manteve a sua presença no *Aromaticum* através do “médico do Sultão Bahadur”⁵¹ ou dos “médicos turcos, persas ou maumetanos”.⁵² Um “boticário”⁵³ também informou Orta, assim como “comerciantes, sacerdotes e um bispo arménio”⁵⁴, “negociantes árabes, persas e turcos”⁵⁵ e mesmo, os “lapidários”.⁵⁶

Curiosamente, Clusius sublinhou a relação de Orta com os soberanos locais, aludindo a diálogos que o médico manteve com o Rei do Ceilão⁵⁷, com o Sultão Bahadur⁵⁸ ou com Nizamoxa.⁵⁹ O interesse dos europeus pelas hierarquias do Oriente manifestou-se igualmente no capítulo dedicado aos Reis da Índia, que Clusius incluiu no final da *História de algumas plantas Indicas*.⁶⁰

Esta releitura que Clusius fez da figura de Orta não minorou, aos olhos do público europeu, as qualidades de investigador e sábio do médico português. A par de uma ampla *livraria*, o botânico manteve em Orta um espírito curioso e uma atitude sempre cautelosa relativamente ao mundo que descreveu. No *Aromaticum*, que manteve redigido na primeira pessoa do singular, são assim frequentes expressões como: “pode ser que me engane”⁶¹, “sou desta opinião”⁶², “outrora fui desta opinião mas...”⁶³, “se me é permitido dizer o que penso”⁶⁴, ou um redondo, “sinceramente ignoro”.⁶⁵

⁴⁷ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.15.

⁴⁸ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.41.

⁴⁹ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.68.

⁵⁰ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, pp. 52, 196, 214.

⁵¹ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p. 17.

⁵² Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p. 204.

⁵³ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.142.

⁵⁴ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p. 38.

⁵⁵ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.158.

⁵⁶ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.200.

⁵⁷ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.205.

⁵⁸ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.243.

⁵⁹ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, pp.143, 181, 218.

⁶⁰ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, pp. 244-250.

⁶¹ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.146.

⁶² Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.156.

⁶³ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.54.

⁶⁴ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.44.

⁶⁵ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p. 83.

Palavras que revelam a atitude expectante do físico lusitano e que se alicerçam numa profunda valorização da experiência pessoal. A este *Garcia ab Horto*, que “experimentou”⁶⁶, “viu”⁶⁷, “observou”⁶⁸ e “a quem nunca morreu nenhum paciente”⁶⁹, a Europa deu crédito.

O grandioso sucesso que esta obra de Clusius alcançou, contribuiu para a difusão, por toda a Europa culta, de uma imagem de um Orta sábio, experiente e criterioso na sua análise do mundo que descreveu. Convém aqui recordar que, ao longo do século XVI, Clusius continuou sempre a actualizar os conteúdos do texto de 1567, complementando-o com informes credíveis e imagens sempre mais realistas da natureza descrita.⁷⁰ Até 1605, foram editadas sucessivas versões, cada vez mais completas, que consolidaram, na Europa, a imagem de Garcia de Orta redesenhada por Clusius.

1.2.2. Don Garzia dall’Horto

Annibale Briganti, Marrucino de la Cività di Chieti, Dottore et medico essellentissimo, assinou a versão transalpina do epítome de Clusius. O texto italiano seguiu fielmente o latino, não se tendo registado alterações significativas na versão de Briganti.

Saída em 1576, dos prelos venezianos de Ziletti, esta obra foi posteriormente reeditada em 1582, 1589, 1597, 1605 e 1616.⁷¹ Ao dirigir-se a Don Ferrante di Alarcon, et di Mendozza, Marchese della Valle, Briganti referiu-se a Garcia de Orta como *Eccellente Dottore Don Garzia dall’Orto, medico del*

⁶⁶ Clusius, *Aromatum et Simplicium*, p.197.

⁶⁷ Clusius, *Aromatum et Simplicium*, p. 171.

⁶⁸ Clusius, *Aromatum et Simplicium*, p.189.

⁶⁹ Clusius, *Aromatum et Simplicium*, p.249.

⁷⁰ À edição de 1567, seguiram-se as de 1574 e 1579. Em 1582, Clusius publicou algumas notas complementares à obra de Orta fornecidas por Francis Drake. Em 1593 foi editada uma versão um pouco mais completa e, em 1605, o texto foi integrado numa obra dedicada aos exotismos da Ásia, Arábia e América, *Exoticorum libri decem*. De cada uma destas versões foram tiradas 1250 cópias. Sobre as diferentes versões do *Aromatum et Simplicium* ver Francine Nave, *Botany in the Low Countries- Antéropia*, pp.86-140.

⁷¹ Sobre as sucessivas edições italianas ver, entre outros, Humberto Julio Paoli, “Il libro de Garcia de Orta”, pp. 202-210.

Vicere dell' Indie.⁷² Para o amplo público leitor do texto italiano, o médico português divulgou uma descrição inovadora e credível do mundo natural da Ásia.

1.2.3. M. Garcie du Jardin

Apesar de um pouco mais tardia, a versão francesa da obra de Clusius surgiu pela primeira vez em 1602, nas oficinas lionesas de Jean Pillehotte, tendo sido publicada uma versão revista em 1619. O seu autor, o boticário Antoine Colin, referiu-se a Garcia da Orta como um erudito "Maistre Garcie du Jardin". No texto que dedicou ao benévolo leitor, Antoine Colin aludiu a Orta como o médico "qui par l'espace de trente ans fut médecin du Vice Roy du Portugal et le premier que avec louange a frayé le sentier de la cognoissance des médicaments és Indes Orientales".⁷³

Em alguns momentos, quando uma questão parecia suscitar algumas dúvidas, Colin rematou o seu comentário afirmando "et cela se prouve par l'autorité de Garcie du Jardin".⁷⁴ Assim, para este boticário de Lião, a palavra de Garcia de Orta relativamente ao mundo natural da Ásia era uma autoridade. No entanto, não era definitiva. Quando uma descrição não era esclarecedora, Colin sentia-se na obrigação de recorrer a outras fontes. Como escreveu a propósito do amomo de Orta: "cette description de Garcie du Jardin et de Charles de l'Écluse ne nous ayant apporté aucune cognoissance de l'amome, j'ai été contraint de l'emprunter et la tirer d'un élégant discours de Nicolau Maronée, Docteur Médecin de Varonne".⁷⁵ Outras vezes, Colin admitiu que Orta não estivesse a descrever a mesma droga ou mesmo que este tivesse sido mal informado.

Apesar de não reconhecer infalibilidade no texto de Garcia de Orta, a atitude de Antoine Colin relativamente aos conteúdos divulgados pelo médico

⁷² Orta, *Dell'Historia de i simplici aromati*, p. 1.

⁷³ Orta, *Histoire des drogues, épiceries et de certains médicaments simples*. Lião, 1619. Lettre au lecteur. Passaremos a usar a forma abreviada : Orta, *Histoire des drogues*, p :

⁷⁴ Orta, *Histoire des drogues*, p. 8.

⁷⁵ Orta, *Histoire des drogues*, p. 201.

português foi, globalmente, positiva. Como referiu o boticário em algumas anotações, as drogas que lhe trouxeram mercadores oriundos do Oriente, esclareceram alguns informes menos claros divulgados por Garcia de Orta.

1.2.4. Orta Lusitano

Para além destas versões quinhentistas do epítome de Clusius, é fundamental realçar os contributos Juan Fragoso (c.1530-1597)⁷⁶ e de Cristóvão da Costa (c.1530-c.1594)⁷⁷ para a consolidação da imagem de Garcia de Orta.

Se bem que Fragoso tenha explicitado apenas vagamente o nome de Garcia de Orta, a modalidade que escolheu para construir o *Discursos de las Cosas Aromaticas*, Madrid, 1572⁷⁸, validou amplamente o saber veiculado por Orta. Apesar de, para a redacção do seu tratado, Fragoso se basear no epítome de Clusius, encontramos momentos do *Discursos* reveladores da familiaridade de Fragoso com o texto do físico de Goa.

O médico madrileno valorizou o autor português, elogiando-o através da adesão aos seus conteúdos. Mais do que limitar-se a reproduzir um texto apropriado por outro, construiu uma obra original baseada nos saberes adquiridos e consolidados por Orta.

⁷⁶ Ainda não foi possível estabelecer, com segurança, a naturalidade de Juan Fragoso. Os seus biógrafos dividem-se entre duas cidades de origem: Lisboa e Toledo. Sabe-se que completou os seus estudos de medicina em Alcalá de Henares. Foi físico da corte de Filipe II entre 1560 e 1580, cuidando, especialmente, dos males das damas da corte. Homem erudito, amplo conhecedor dos textos médicos em circulação, publicou diversos tratados sobre cirurgia para além de compêndios sobre drogas e medicamentos, de entre os quais, para além de *Discursos de la cosas aromáticas*, 1572, se destaca *Catalogus simplicium medicamentorum*, 1566. Para um mais profundo conhecimento da obra de Juan Fragoso ver: Francisco Sanchez-Capelot, *La obra quirúrgica de Juan Fragoso*, 1957. Sobre a apropriação da obra de Garcia de Orta por Fragoso ver: Teresa Nobre de Carvalho, “O olhar abrangente de Juan Fragoso sobre o mundo natural exótico”, pp.27-43 e Teresa Nobre de Carvalho. “A apropriação de Colóquios dos Simples por dois médicos ibéricos de Quinhentos”, pp.59-72

⁷⁷ Sobre Cristóvão da Costa/Cristóbal Acosta, *Vd. Cap. 1.2.5*

⁷⁸ O tratado de Juan Fragoso foi vertido para latim no princípio do século XVII: Israel Spach, *Aromatum, fructuum et simplicium...*, 1600. Provavelmente foi a partir desta edição latina que Caspard Bahuin retirou as informações de Fragoso que incluiu no seu monumental *Pinax theatri botanici*. O texto de Fragoso foi recentemente disponibilizada em formato digital: Fragoso, Juan, *Discurso de las Cosas Aromaticas, arboles y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de la medicina*. Ed. de José Luis Fresquet Febrer, Valencia, Fundación Marcelino Botin, 2002. Citaremos o texto quinhentista de Juan Fragoso, *Discurso de las Cosas Aromaticas* de forma abreviada: Fragoso, *Discursos*, fl.

Fragoso, para além de se referir na lista de autores consultados a um “Orta Lusitano”, alude “al Doctor Orta en sus Coloquios”, em duas ocasiões.⁷⁹ Poderia ter-se referido ao *Aromatum*, que constantemente usou, mas preferiu designar o médico português e à sua obra.⁸⁰

De igual modo, é interessante realçar o mecanismo a que Fragoso recorreu para se tornar um interlocutor dos *Colóquios*. Ao referir-se ao amomo, por exemplo, afirma: “los médicos de Nizamaluco rey poderosíssimo en Decã, que suelen ser persianos y turcos dizia que no se criava en la India...”.⁸¹ Orta foi retirado do diálogo com os físicos e a conversa passou a estabelecer-se com Fragoso, aparente testemunha da conversa.

Pela fidelidade com que Fragoso seguiu os conteúdos explanados por Orta, se atesta a admiração que este tinha pelo médico português. Apesar de não se referir amiúde a Garcia de Orta, a sua obra, amplamente fiel a *Colóquios dos Simples*, reflectiu a estima que nutria pelo seu autor, que considerou a moderna autoridade face aos novos exotismos do mundo natural.

1.2.5. Doctor Garcia de Orta

Foi na qualidade de médico da cidade de Burgos que Cristóvão da Costa⁸² publicou o seu *Tractado de las Drogas*.⁸³ A obra, que dedicou ao Senado da

⁷⁹ Fragoso, *Discursos*, fl. 57v.

⁸⁰ Em Fragoso, *Discursos*, fl.101 v, ao descrever a raiz da China surge uma nota marginal onde se refere *D. Horta in coloquiis* ao lado de *Vesálio libr. De radice*

⁸¹ Fragoso, *Discursos*, fl.15v.

⁸² Sabe-se muito pouco sobre o percurso de Cristóvão da Costa. Os seus biógrafos descrevem-lhe largas digressões pelo Extremo Oriente. Aparentemente, estas viagens que lhe têm sido atribuídas, foram realizadas por um seu homónimo, um padre jesuíta seu contemporâneo. Na verdade, dos textos do médico, para além da vivência em Goa e Cochim entre 1568-1572, não conseguimos extrair provas das outras deambulações asiáticas que lhe atribuem. No entanto, estas notas sobre a sua vida aventureira remontam a 1585, altura em que o autor dos textos preliminares à versão italiana do *Tratado* de Costa as registou. Fluente em castelhano completou, muito provavelmente, estudos de medicina e cirurgia numa universidade espanhola. Após a sua passagem pelo Oriente, Cristóvão da Costa estabeleceu-se, cerca de 1576, em Burgos, onde desempenhou funções de médico municipal. O médico desenvolveu a sua actividade clínica até cerca de 1587, altura em que se retirou da vida pública. Apesar da vida austera que então abraçou, Costa continuou as suas leituras e escrita. Para além do *Tractado de las Drogas*, Burgos, 1578, Costa publicou, em Veneza, em 1592 duas outras obras: *Tractado em loor de la vida solitaria* e *Tractado em loor de las mujeres*. Apesar de os seus biógrafos lhe atribuírem outras publicações, estas não foram, até hoje, localizadas. Para outros dados biográficos, para além de

cidade, confirmou as ideias de Orta e reafirmou a sua autoridade. Na verdade, Costa partiu para a Índia como médico pessoal de D. Luis de Ataíde (g.1568-1572). Segundo relatou na sua obra, teve a oportunidade de “encontrar nas Índias Orientais com o Doutor Garcia de Orta, médico português e varão grave, de raro e peregrino engenho: cujos louvores deixo para melhor ocasião por serem tantos, que quando pensasse haver dito muitos seriam mais aqueles que havia deixado.”⁸⁴

Cristóvão da Costa referiu-se com frequência ao Doutor Garcia de Orta⁸⁵ que qualificou com os mais diversos epítetos: “homem digno de todo o crédito”⁸⁶; “sábio e curioso”⁸⁷; “boa testemunha”⁸⁸; “de cujo parecer é o mui douto, e mui experimentado, e não menos esquadrinhador de segredos da natureza.”⁸⁹

Apesar de ter reformulado inteiramente a forma do texto de Orta, Costa respeitou sempre a autoridade do médico, sugerindo pontualmente correcções de conteúdos e apagando discretamente erros que detectou no tratado do português.

Colmeiro, *La botânica y los botánicos*, p. 153, Morejon, *Historia bibliográfica*, vol.3, pp. 265-269 ou Chinchilla, *Anales históricos*, vol.2, pp. 51-59 ou o texto de Olmedilla y Puig, Joaquin, *Estudio histórico de la vida y escritos del sabio medico, botánico y escritos del siglo XVI Cristóbal de Acosta*.

⁸³ No presente trabalho usámos a edição: Cristóvão da Costa. *Tratado das Drogas e medicinas das Índias Orientais*. Burgos. 1578. Versão portuguesa com introdução e notas do Dr Jaime Walter. Junta de Investigações do Ultramar. 1964. A referência surge de forma abreviada: Costa, *Tratado*, p. Sobre este tratado ver R. Rodriguez Nozal, A. González Bueno, *El Tratado de las Drogas de Cristóbal Acosta*, 2000 ou a recente edição de López-Piñero. Sobre a apropriação da obra de Garcia de Orta por Cristóvão da Costa ver: Teresa Nobre de Carvalho, “Imagens do mundo natural asiático na obra botânica de Cristóvão da Costa”, pp.28-39. e Teresa Nobre de Carvalho, “A apropriação de Colóquios dos Simples por dois médicos ibéricos de Quinhentos”, pp.59-72

⁸⁴ Costa, *Tratado*, p.XXVII.

⁸⁵ Costa, ao aludir ao médico português, refere-se invariavelmente ao *Doutor Garcia de Orta*. Costa, *Tratado*, pp.40, 95, 106, 111, 114, 116, 120, 123, 124, 129, 139, 143, 154, 161, 189, 195, 257.

⁸⁶ Costa, *Tratado*, pp. 5, 137, 199.

⁸⁷ Costa, *Tratado*, pp. 98, 105.

⁸⁸ Costa, *Tratado*, pp.185, 288.

⁸⁹ Costa, *Tratado*, pp. 82.

Tal como do texto de Garcia de Orta, surgiram na Europa de Quinhentos, versões francesas e italianas da obra de Costa assim como um curto resumo latino publicado por Clusius, em 1582.⁹⁰

A franca admiração, que este leitor de *Colóquios dos Simples* manifestou pelo seu autor contribuiu, certamente, para sedimentar a imagem de homem erudito, poderoso e curioso ditado pelo texto de Orta.

Em 1596, foi publicado em Amesterdão um livro peculiar. Da autoria de Jan Huygen van Linschoten, *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais Portuguesas*, foi uma obra de grande divulgação. O Jan Huygen van Linschoten (1562-1611) permaneceu no Oriente entre 1583 e 1588, exercendo as funções de secretário pessoal do Arcebispo de Goa, D. Vicente de Fonseca. Enquanto guarda-livros privado do prelado, o holandês teve a possibilidade de consultar uma extensa variedade de fontes portuguesas manuscritas e impressas. As notícias de âmbito geográfico, etnográfico ou botânico que recolheu, foram posteriormente inseridas no texto que publicou na Europa.

As informações cedidas por Linschoten foram complementadas por notícias mais ou menos aprofundadas, redigidas por Bernardus Paludanus/Berent ten Broecke (1550-1633).⁹¹ A participação de Paludanus nesta

⁹⁰ Para além da versão resumida do *Tractado de las Drogas*, da autoria de Clusius, saída, em 1582, dos prelos flamengos de C. Plantin, *Aromatum et et medicamentorum in Orientali India nascentium*, a obra de Costa foi integralmente vertida para italiano e publicada, em 1585, nas oficinas venezianas de Zilletti, *Tratatto di Chistoforo Acosta*. É ainda de salientar a versão francesa, da autoria de Antoine Colin, editada nos inícios do século XVII em Lião: *Traicté des drogue et médicaments*, 1602. A divulgação dos conteúdos da obra de Costa foi ainda assegurada pelas enciclopédias botânicas de Jacques Dálechamps, *Historia Generalis Plantarum*, Lião, 2 vols. 1586-1587, pela sua versão francesa, da autoria de Jean de Moulins, *Histoire Générale des Plantes*, 1615 assim como pelo monumental teatro botânico de Caspard Bahuin, *Pinax*, 1623.

⁹¹ Doutorado em filosofia (1579) e medicina (1580) pela universidade de Pádua, foi nomeado, em 1586, médico municipal de Enkhuizen, cidade natal de Linschoten. Homem viajado e curioso, reuniu em sua casa uma vasta colecção de objectos raros e preciosos que encomendou a mercadores e mareantes ou que adquiriu durante os seus largos périplos pela Europa e Próximo Oriente. A fama da sua colecção atraiu visitantes oriundos de toda a Europa. Convidado, em 1591, para integrar o corpo docente da universidade de Leiden, Paludanus recusou, tendo o cargo sido depois ocupado por Clusius. A amizade do médico holandês com van Linschoten permitiu que este colaborasse na redacção do *Itinerario* para o qual redigiu eruditas anotações. Linschoten, *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Hutgen van Linschoten*, pp.14-18.

obra visou ceder-lhe um cariz científico autorizado.⁹² Este médico, conterrâneo de Linschoten, elaborou comentários, de profundidade e relevância variável, às notícias botânicas registadas por Jan Linschoten. Os dois autores basearam os seus registos nos textos de Garcia de Orta e Cristóvão da Costa, assim como nas versões latinas destas obras que Clusius colocou em circulação. No entanto, é interessante notar que enquanto Linschoten recorreu preferencialmente a *Colóquios dos Simples* para descrever o mundo natural da Ásia, Paludanus utilizou amiúde as versões latinas de Clusius. Tal facto poderá indiciar uma maior adequação das obras, e dos respectivos autores, ao público que cada um representava e às circunstâncias que cada qual vivia.

É quase certo que poucos foram os leitores residentes na Europa que conheceram a edição goesa de Orta. A maioria, à excepção de Clusius, Frago, Costa e Linschoten, basearam-se no epítome latino de Clusius.

Aromatum et Simplicium, para além de divulgar na Europa um novo saber sobre o mundo natural da Ásia, veiculou a imagem de Garcia de Orta que lhe estava subjacente. O médico erudito, que permaneceu trinta anos no Oriente, que conviveu com soberanos indianos, que foi interlocutor privilegiado das elites políticas e religiosas lusitanas, que alcançou o saber através da sua ampla experiência e domínio dos textos, para além de recolher um amplo conjunto de notícias relativas ao mundo natural asiático, propôs uma forma inovadora e credível de construir o saber.

Ao longo do século XVII, a imagem de Garcia de Orta foi-se esbatendo. Para além da divulgação europeia das versões clusianas e das traduções francesas e italianas, outros textos relativos ao mundo natural do Oriente foram editados.

O declínio da presença portuguesa no Oriente cedeu passagem à abrupta colonização holandesa. Esta revelou-se, desde os primeiros instantes, determinada em reconhecer, com detalhe e precisão, os recursos naturais do extenso território que pretendia dominar. O envio de médicos e boticários para o Oriente e o estabelecimento de equipas pluridisciplinares nas regiões do

⁹² Linschoten, *Itinerário*, pp. 14-18.

Malabar, Ceilão e Insulíndia permitiram trazer a lume um amplo conjunto de novidades, que foi ordenado em *modernas* enciclopédias sobre o mundo natural do Oriente.⁹³ Os extensos e circunstanciados volumes que então foram produzidos, como os de Van Reede (1636-1691), Rumphius (1627-1702) ou Hermann (1646-1695), reformularam e complementaram o saber até então recolhido pelos portugueses e contribuíram para atenuar o curto momento de ouro que o nome de Garcia de Orta alcançara.⁹⁴

1.3. Garcia de Orta visto através do *Aromatum* de Clusius

1.3.1. Proregis Indiae Medici

A partir de meados do século XVII e durante o século XVIII, foram muito escassas as alusões à vida e obra de Garcia de Orta.⁹⁵ Destacam-se, no entanto, três curtas notas biográficas. A primeira, encontra-se na lista de autores nomeados por Caspard Bauhin no *Pinax Theatri Botanici*. Nesta, pode ler-se:

“Garziae ab Horto proregis Indiae Medici, de aromatibus et simplicibus medicamentis apud Indos nascentium historia ordine Alphabetico, per

⁹³ Jacob de Bondt foi um dos primeiros médicos holandeses a viajar para Oriente. Como resultado da sua experiência asiática, redigiu um pequeno tratado escrito em diálogo, *De Medicina Indorum*, no qual questionava muitas dos saberes divulgados por Orta. Sobre esta interessante obra de Bondt e a sua relevância na época, ver o recente trabalho de Harold J. Cook. *Matters of Exchange*, pp.175-225.

⁹⁴ Estes holandeses, destacados no Oriente ao serviço da *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (VOC) reuniram informações detalhadas e produziram imagens muito pormenorizadas da flora do Malabar, Molucas e Ceilão. Os seus trabalhos foram publicados na Europa entre os finais do século XVII e os princípios do século XVIII. Hendrik van Reede, *Hortus Indicus Malabaricus*, Amesterdão, 1678-1693, 12 volumes; G. E. Rumphius, *Herbarium Amboinense*, Amesterdão, 1741-1750, 6 volumes e Paul Hermann, *Paradisus Batavus*, Leiden, 1698. Ver Kapil Raj, *Relocating modern science*, pp. 35-59.

⁹⁵ Apesar da aparente discrição da obra ortiana, durante o século XVII surgiram algumas alusões dispersas a Garcia de Orta, fosse em relatos de viajantes, como o de Pedro Teixeira ou Pietro della Valle, como em comentários de médicos, de que se destaca o de Rodrigo de Castro, ou compêndios botânicos, como o de Caspard Bauhin. No que diz respeito aos comentários de Pedro Teixeira à obra de Orta, ver: Rui Manuel Loureiro, “Drogas asiáticas e práticas médicas nas *Relaciones* de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610).” (CD-Rom). Relativamente a Pietro della Valle, consultar: *Viaggi di Pietro della valle il pellegrino...* Sobre Rodrigo de Castro, ver: Roderici a Castro Lusitani, *Medicus politicus*.

Dialogos lingua Lusitanica conscripta, à Clusiu in epitomen contracta & Latinè facta.”⁹⁶

A segunda, redigida por Nicolàs Antonio, surgiu na *Bibliotheca Hispana Nova*:

“Garsias de Orta, Lusitanus, proregis Indiae orientalis, medicus, eximio ingenio & multa vir doctrina, rerumque, inprimis Indicarum, peritia, cum triginta ibi & amplius annos medicinam fecisset, instructissimus. Scripsit [...] libros duos vernacula lingua, quos primum Latine conscripserat: De los Aromas e simples medicamentos, que nacen em a India. Hos in Latinum vertit, ‘Exoticis’ que suis intexuit Carolus Clusius septimo & octavo libris, ad quos & annotationes sedit Jacobus Bontius, Batavus Leidinensis, qui in eadem India Orientali fecerat medicinam, extanque ex cum aliis Bontii Lugduni Batav. Editae 1642, in 12°.”⁹⁷

A terceira, encontra-se em Nicolas Lémery. Nesta, pode ler-se:

“Garz. Garzias ab horto; En François, Garcie du Jardin: Garziae ab horto Proregis Indiae Medici, de aromatibus & simplicibus medicamentis apud Indos nascentibus historia ordine alphabetico, per dialogos lingua Lusitanica conscripta repetitum à Clusio in Epitomen contracta & latine facta. Ce livre a été traduit en François sous le titre de l’Histoire des Drogues, Epiceries & Médicaments Simples, in-8°.”⁹⁸

A entrada resumida que se regista na *Bibliotheca Luzithana* de Barbosa de Machado é ainda mais sucinta. O religioso resumiu a vida do nosso médico a umas breves linhas:

⁹⁶ Caspard Bahuin, *Pinax Theatri Botanici*, XIV.

⁹⁷ Nicolàs Antonio, *Bibliotheca Hispana Nova*, vol. 1, p.515.

⁹⁸ Nicolas Lémery, *Dictionnaire Universel des Drogues Simples*.1807

“Garcia de Orta, Medico, n. de Elvas, Lente de Filozofia na Universidade de Lisboa em 1534. E. ‘Colloquios dos Simples e cousas medicinaes da India & c.’ Goa 1563. Esta obra foi traduzida em Hespanhol, Latim, Italiano, e Francez.”⁹⁹

No entanto, se consultarmos a versão alargada, encontramos uma entrada mais detalhada. Escreveu assim Barbosa de Machado:

“Natural da cidade de Elvas donde depois de estar instruído com os primeiros rudimentos passou a Castela, e nas Universidades de Alcalá e Salamanca frequentou o estudo de Medicina em que recebeo o grau de Licenciado. Restituído a Portugal, foi Lente de Filosofia na Universidade de Lisboa até ao ano de 1534 em que se embarcou com o lugar de Medico del Rey para a Índia na armada composta por cinco naus de que era Capitão-Mor Martim Afonso de Sousa de cuja família era doméstico, e come le se achou no ano seguinte de 1535 na Fundação da fortaleza de Diu como escreve no Colóquio 35°. Tendo adquirido a mais profunda arte médica praticada pela larga experiência de quarenta anos, assim na Europa como na Asia, se applicou à investigação das virtudes das plantas, e ervas que produziam as regiões Orientais devendo-se à sua incansável diligência manifestar as qualidades que estavam ocultas naquela vegetativa república, das quais, por falta de exame e conhecimento tinham escrito tantas fábulas muitos autores assim antigos como modernos. O método com que triunfou das doenças mais rebeldes e a vasta ciência que tinha da Botânica, lhe conciliaram não somente a estima dos Governadores do Estado da Índia, mas ainda muitos reis Gentios principalmente do Nizamaluco que muitas vezes o chamou para o curar. Dando-lhe cada vez que vinha à sua presença 12000 pardaus e oferecendo-lhe 4000 de estipêndio se quisesse assistir-lhe quatro vezes por ano. Para utilizar o publico com as continuas vigílias que applicara na investigação das plantas medicinais de que he fecundo terreno a Índia Oriental compôs : *Colóquios*

⁹⁹ Diogo Barbosa de Machado, *Bibliotheca Luzithana Escolhida*, 1786, pp.137-138.

dos Simples [...] Esta obra, que tinha feito em língua latina a publicou na materna por satisfazer à surpresa de alguns amigos empenhados em que fosse mais proveitosa a todo o género de pessoas, e a dedicou a Martim Afonso de Sousa, havendo 18 anos que com ele se embarcou para a Índia quando já assistia em Portugal gozando o ócio de paz à sombra das palmas com que se coroou triunfante em o Oriente. Este grande mecenas ... de dedicatória está um Soneto cujo assunto declara com este título/‘Do autor falando com o seu livro’ [...] Seja o primeiro elogio desta obra a erudita informação do Doutor Dimas Bosque, médico Valenciano, que naquele tempo vivia em Goa, e saiu impresso no princípio dizendo entre outros louvores: ‘Força também a autoridade do autor...’ O célebre poeta Henrique Cayado lhe dedicou também o seguinte epigrama em louvor da sua obra. [...] Em diversa língua, mas com maior energia, lhe corresponde o mais caloroso cisne do Parnaso Português, o divino Camões, assistente naquele tempo em Goa, na ode dirigida a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, VR da Índia [...].”¹⁰⁰

O religioso indicou ainda outros autores que aludiram a Garcia de Orta nas suas obras, ainda que de forma breve, salientando os termos em que se lhe referiram:

“Nicola. *Ant. Biblio. Hisp.* Tomo 1, 395, col.1 “eximio ingenio & multa y vir doctrina, rerumque impumis Indicarum peritia infrutissimus”

Zacuto Lusitano, *Med. Princip. Hist. Lib. 5*, hist 28. 1642. “diligentissimus scriptor”

Joan Soar de Brito, *Theatr. Lusit. Litter. Lit. G. n°6* . 1641. “medicus clarissimus”

Dimas Bosque a TRVeiga “prudentissimus senex”

Severine, *Dic. De Var. Hist.* Fol 50 “cujus livros são muito estimados”

Leitão, *Mem. Chronol de Univ. Coimbra*, 515-7. 29.

¹⁰⁰ Diogo Barbosa de Machado, *Bibliotheca Lusitana*, vol.2,pp.325-327.

Destas últimas anotações tão sumárias podemos presumir a discreta relevância que o médico português gozava nos meios eruditos ibéricos de Setecentos. Note-se que Nicolàs Antonio, talvez devido à raridade da obra, nem sequer conheceu a edição goesa de *Colloquios*, registando como ponto de partida, o epítome latino de Clusius.

Este panorama só viria a modificar-se no século XIX quando as elites cultas portuguesas redescobriram *Colóquios dos Simples* e fizeram renascer do esquecimento uma figura indelével da nossa História Científica.

1.4. O Romantismo de Oitocentos

Em 1889, Paris foi palco de uma extraordinária Exposição Universal. Vindos dos quatro cantos do mundo, acorreram à *cidade-luz* milhares de visitantes: aristocratas, homens de Estado, da cultura, da ciência ou simples curiosos. Segundo testemunhou Gerson da Cunha, a comunidade de eruditos portugueses estava bem representada. Foi nesta ocasião que o estudioso teve oportunidade de conhecer o Conde de Ficalho, assim como outras importantes personalidades da nossa história cultural.

No seu *The origin of Bombay*, podemos ler:

“In the cultural society of the Count of Valbon, the Portuguese Ambassador in Paris; of Eça de Queiroz, the renowned novelist and Consul of Portugal in the capital of France; of Ramalho d’Ortigão, a distinguished ‘litterateur’, the Gustave Flaubert of Portugal; of Carlos d’Avila, the promising son of the Ambassador, whose premature death has cast a deep gloom over his country; Batalha Reis, and some others, including a few Brazilian scholars, who followed with patriotic interest the subject of our conversation, the figure of Garcia de Orta often assumed almost Homeric proportions.”¹⁰¹

¹⁰¹ Para além deste detalhado estudo sobre Bombaim, Gerson da Cunha dedicou-se ao estudo de alguns aspectos relacionados com a obra de Orta. Assim, em 1870, mencionou os *Colóquios* na sua *History and Antiquities of Chaul and Bassein*; em 1877, integrou a descrição que Orta fez do Templo da Elefanta, a primeira descrição feita por um europeu, nas *Transactions of the Literary Society of Bombay*; em 1878, apresentou, em Florença, uma intervenção no *International*

Trata-se de uma afirmação cheia de significado, já que testemunha uma renovada vontade de reabilitar a figura do médico de Quinhentos.¹⁰² Esta, como o provam os documentos que entretanto analisámos, não se restringiu àquele momento mas teve início anos antes, como abaixo ilustramos.

Apesar dos esforços desenvolvidos pelos intelectuais castelhanos, a imagem de Orta que registaram na História da Medicina, parecia repousar nos registos do passado. Assim, na *Historia General de la Medicina Española*, escreveu Anastasio Chinchilla:

“Garcia Horta, português; fué medico del virey de las Indias Orientales, en las cuales ejerció la profesión por espacio de treinta años. En todo el tiempo que en ellas permaneció se dedicó al estudio de la historia natural, en la que poseía muy vastos conocimientos.

Escribió dos libros sobre los medicamentos simples que se traían de la India: de ellos se han hecho varias ediciones tanto en latín como en castellano y portugués, todas ellas ya bastante raras.”¹⁰³

Poucos anos mais tarde, surgiu em Madrid um outro registo biográfico, algo paradoxal, sobre o médico português. Referimo-nos à *História Bibliográfica de la medicina Española* de António Hernandez Morejón. Na entrada relativa a *Garcia de Orta*, escreveu Morejón:

Congress of Orientalists na qual se referiu com algum detalhe à vida e obra de Garcia de Orta; em 1882, Gerson da Cunha incluiu novas alusões a Orta em *Notes on the treatment of Cholera* e em *Opium Question*. Em 1883, o autor citou Orta na sua obra *Census of the city and the island of Bombay*. Estas breves notas pretendem salientar o relevo que José Gerson da Cunha deu a muitas das notícias inovadoras, não necessariamente de cariz científico, incluídas na obra de Garcia de Orta. Gerson da Cunha, *The origin of Bombay*, pp.99-100.

¹⁰² O surgimento de um herói português que reunisse o consenso das elites da Nação poderia, neste final de século XIX, contribuir para o reforço de uma auto-confiança em Portugal. Retomaremos este ponto mais à frente quando nos debruçarmos sobre o projecto do Conde de Ficalho.

¹⁰³ Esta alusão aos *dois livros* justifica-se pelo epítome latino de Clusius que Chinchilla consultou, composto por duas partes: *Aromatum et Simplicium Medicamentorum Historiae Liber I e Indicarum Aliquot Plantarum Historiae, Liber II*. Como acontece com frequência, os autores que se referiram à obra de Garcia de Orta desconheciam a edição goesa. A nota de Chinchilla continua depois a analisar os conteúdos explanados por Orta. Anastasio Chinchilla, *Historia General de la Medicina Española*, vol I, pp.468-470.

“Portugués, médico en las Indias Orientales, y hombre de gran ingenio, y peritísimo botánico. Dedicado por muchos años á la herborización por los países americanos, había adquirido un jardín y algunos campos donde tenia recogidos los más raros vegetales de aquellas regiones, de cuyo examen dio parte a los europeos. Debémosle, pues, muchas noticias que con suma diligencia y gusto adquirió, no solo de varias plantas desconocidas y de sus virtudes, sino también de otras cosas que tienen relación con la medicina; y para que la obra que escribió sobre el particular quedase lo más perfecta posible, la enriqueció también con varia pintura y dibujos, representando las plantas más raras de los referidos climas orientales. Esta obra en diálogo la vertió primeramente en latín, y después en su dialecto natural”.¹⁰⁴

Anos mais tarde, em 1858, Miguel Colmeiro apresentou na sua obra uma detalhada entrada relativa às múltiplas versões e traduções de *Colóquios dos Simples*, apesar de não ter feito qualquer alusão à biografia de Orta.¹⁰⁵

Nos primeiros anos do século XIX, era desta forma que Garcia de Orta surgia nos textos castelhanos. Em Portugal notava-se também algum burburinho em torno da sua obra. Esta agitação pode comprovar-se pela nota relativa a *Garcia d’Orta* que Inocêncio Francisco da Silva redigiu.¹⁰⁶ É de salientar que, após a redacção da sua entrada no *Diccionario*, Inocêncio teve conhecimento de uma notícia publicada por Pedro José da Silva.¹⁰⁷ Este último tinha encontrado no *Archivo Nacional*, no *Livro de Chancellaria de D. João III*, uma carta passada a Garcia de Orta por Diogo Lopes, physico-mor do Rei. Este documento reconhecia os estudos médicos que Orta tinha realizado em Castela e autorizava-o a praticar medicina. Neste documento podia ler-se:

¹⁰⁴ A nota revela múltiplas confusões relativamente à obra de Orta, talvez porque Morejón tenha baseado a sua análise numa das versões do texto de Clusius. No entanto, António Morejón termina com uma afirmação que abona a favor do nosso médico: “todos los historiadores convienen que Orta fué varon grave, de raro y peregrinam ingenio.” António Hernandez Morejón, *História Bibliográfica de la medicina Española*, vol III, pp.107-108.

¹⁰⁵ Miguel Colmeiro, *La botânica y los botánicos de la Peninsula Hispano-Lusitana*, p.56.

¹⁰⁶ Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 3, pp. 437-439.

¹⁰⁷ Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 9: C-G, 1870.

“D. Joham etc. a quantos esta minha carta virem faço saber que confiando eu nas letras e ciencia do letrado guarcia dorta morador em castello de vide e no exame que fez o meu fisyquo moor em o qual o achou auto e soficientemente e ydonyo e soficientemente asy na teórica como na pratica queremdo lhe fazer graça e mercê comffiando nelle que sempre o fará asy bem e como sempre a seruyco de deus e meu e saúde do meu povo tenho por bem e lhe dou lugar e licemça que ele posa curar de fisyca por todod od meus Regnos e senhoryos. E mamdo as mynhas justiças officiaes e pessoas a que o conhecymto pertencer que livremente o leyxem usar de sua cyencia e aver os proes e percalços omrras e liberdades de que por seu grão exame e cyencia lhedereytamente pertencer aver. E ele jurara em a mynha chançaleria aos santos avangelhos que asy bem e como deve e com sua ciencia e asy como compre a seruyço de deus e meu e booa saúde do povo. E mando que se algum fisyco em meus Regnos e senhoryos sem amostrar mynha carta passada pelo meo fisico moor posto que agruado seja emcorra em pena de trimta dobrs conteudas em meu Regimento sendo Requerido pollo lecemceado gracia dorta as minhas justiças o constrangeram que paguem a dita pena. Dada em almeirim ao x dia do mês dabrill ElRei o mandou pólo doutor Diogo lopez cavaleyro da ordem de christo e fisyco moor em seus Régnos e senhorios Antonio de faria a fez anno do nacymento de nosso senhor jesuu christo de jbcxxvj (10 de Abril de 1526).”¹⁰⁸

Nas *Obras Completas do Cardeal Saraiva* (1872), encontramos uma nota relativa a Garcia d’Orta. Pela primeira vez, uma referência biográfica oitocentista evidenciou os estudos médicos de Orta e assinalou a sua passagem pela Universidade de Lisboa. Escreveu assim o religioso:

¹⁰⁸ *Chanc. de D. João III*, liv.36, fl.97. O documento foi editado em finais do século XIX. Pedro José da Silva, *Archivo de Pharmacia da India Portuguesa*, p.140. Segundo se pode ler em *Garcia de Orta e o seu tempo* p.36, o Conde de Ficalho afirma que este documento foi publicado por Pedro José da Silva, *Gazeta de Pharmacia*.1867, p.45. Até ao momento não foi possível apurar se estas duas publicações reproduziram o referido texto.

“Consta que o autor estudou nas Universidades de Alcalá e Salamanca: que leu por alguns annos nos estudos de Lisboa, exercitando ao mesmo tempo a prática da medicina na cura dos doentes: que na Ásia, por espaço de trinta annos tinha curado muita diversidade de gentes, e estado nas cortes dos Reis Mouros e Gentios.”¹⁰⁹

Apesar de estas informações terem sido retiradas da Carta que Dimas Bosque dirigiu ao Leitor, até então apenas Barbosa de Machado se lhes referira. A explicação para este facto pode ser simples. Na verdade, como vimos, à excepção deste último, os anteriores biógrafos que se referiram a Orta, basearam os seus estudos na análise do epítome latino de Clusius (ou nas suas versões francesa e italiana), assim como no *Tractado de las Drogas* de Cristóvão da Costa.

Para além da *Bibliotheca Lusitana*, nenhum outro estudo aludiu aos paratextos dos *Colóquios* que Orta publicou em Goa.¹¹⁰ Deste modo, as curtas referências biográficas então compiladas resumiam-se aos escassos elementos que Clusius manteve no frontispício do *Aromatum et Simplicum* ou a algumas notas que Cristóvão da Costa assinalou no seu texto.

No início da curta nota biográfica, o Cardeal Saraiva afirmou: “vi a edição original da sua [Orta] obra.” Esta simples observação teve uma grande importância, já que contribuiu para um novo olhar sobre o percurso biográfico do nosso médico.

No âmbito da renovação historiográfica iniciada pela Academia das Ciências, o trabalho do Cardeal Saraiva inseriu-se ao lado do de outros investigadores como o de António Ribeiro dos Santos (1745-1818), que versava sobretudo temas de cartografia e matemáticas antigas ou o de Sebastião Trigo (1773-1821), que publicou entre 1812 e 1856 a *Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos domínios*

¹⁰⁹ *Obras Completas do Cardeal Saraiva*, vol 6, pp.50-58.

¹¹⁰ Sobre os paratextos, Vd. Cap. 2.5

Portugueses ou Ihe são vizinhos, colectânea que testemunhava a vastidão dos espaços percorridos e a grandeza dos feitos dos Portugueses de Quinhentos.¹¹¹

Data desta época a obra ímpar da História da cartografia portuguesa publicada pelo 2º Visconde de Santarém (1791-1856). Para além da edição de fontes documentais portuguesas, narrativas e cartográficas, destaca-se, de entre os trabalhos deste aristocrata, o grandioso atlas onde reuniu numerosas reproduções de cartas antigas. Assim, seguindo o impulso dado por estes intelectuais portugueses na recuperação dos textos ligados à expansão ultramarina e aliando a firme fundamentação do discurso histórico, ao suporte de uma argumentação política, surgiram nesta época, em Portugal, estudos eloquentes, que comemoravam as glórias passadas e legitimavam a presença dos portugueses nos territórios ultramarinos.¹¹² Foi nesta época que surgiram, como veremos, dois projectos paralelos, e quase simultâneos, de edição de *Colóquios dos Simples*.¹¹³

Em 1872, veio a lume a segunda edição portuguesa da obra. O seu autor, Francisco Adolpho Varnaghen (1810-1878), contou com o apoio da Academia de Ciências de Lisboa. Varnaghen, Barão de Porto Seguro, foi diplomata e historiador brasileiro. Formou-se em Engenharia Militar em Lisboa (1839). Tendo-lhe sido reconhecida a cidadania brasileira, ingressou na Diplomacia. Estabeleceu importantes relações diplomáticas com os governantes de diversos países da América do Sul e Europa. Editou importantes textos quinhentistas relativos ao mundo natural do Brasil e das Índias, de entre as quais se destacou a 2ª edição de *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, Lisboa, 1872. Esta edição não compreendia um estudo biográfico do seu autor pelo que pouco acrescentou aos escassos dados que até então se haviam compilado sobre Garcia de Orta.

¹¹¹ Alfredo Pinheiro Marques, *A Historiografia dos Descobrimentos*, pp.9-17.

¹¹² Francisco Contente Domingues, "Colombo e a política de sigilo na historiografia portuguesa", pp.105-116.

¹¹³ Referimo-nos a projectos de edição que resultaram na publicação da obra de Orta. Desde os inícios da década de 1840, a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, acalentava um projecto de edição de *Colóquios dos Simples* que, por circunstâncias diversas, não vingou. *Vd.* Cap. 2.8.

Uma terceira edição surgiu anos mais tarde, em 1891-1895. Esta preciosa publicação, profusamente anotada e comentada, foi precedida por um detalhado estudo biográfico sobre o médico, realizado pelo Conde de Ficalho.

A edição, em 1886, de *Garcia de Orta e o seu tempo*, mudou, como veremos de seguida, de forma definitiva, o balbuciente percurso que, até então, tinham realizado os estudos biográficos sobre Garcia de Orta.

1.4.1. A criação de um mito: a leitura do Conde de Ficalho

Pela relevância alcançada pelos estudos sobre Garcia de Orta realizados pelo Conde de Ficalho, parece-nos importante realçar alguns momentos da sua biografia.¹¹⁴

Francisco Manuel de Melo Breyner foi 4º Conde de Ficalho (1837-1903). Formou-se na Escola Politécnica em 1860. Ilustre representante dos intelectuais portugueses dos finais do século XIX, Mordomo-mor de D.Carlos, foi feito *Par do Reino* em 1881. Elemento imprescindível do grupo dos *Vencidos da Vida*, evidenciou-se na comunidade erudita lusa pelas suas múltiplas competências. Sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, destacou-se pelas suas investigações botânicas.¹¹⁵ Lente na Escola Politécnica desde 1864, foi

¹¹⁴ Sobre o Conde de Ficalho há uma ampla bibliografia assente em testemunhos, cartas e documentos que lhe foram dirigidos, que publicou ou que enviou. Personagem invulgar na nossa sociedade de oitocentos foi, como disse Ramalho Ortigão, “Homem de corte, homem do campo, homem de estudo, naturalista, literato, artista, poeta, historiador, agrónomo, mordomo-mor do paço, estadista no Conselho de Estado, legislador na Câmara dos Pares, professor na Escola Politécnica, embaixador na corte da Rússia, presidente na Academia, lavrador em Serpa, hábil condutor de cavalos e de *cotillons*, cavaleiro, caminheiro, corredor de lebres, caçador de perdizes, conversador exímio entre princesas reais, e entre almocreves e carreiros; falando com igual facilidade a língua aristocraticamente sublimada das primeiras Cortes da Europa e a língua ríspida e crua dos eguariços, dos rabadões e dos malhadeiros das herdades.” Ramalho Ortigão “O Conde de Ficalho-retrato íntimo” pp.17-31. Este retrato pitoresco e íntimo do aristocrata, traçado em Junho de 1903 na *Tradição*, por um dos seus companheiros, ainda emocionado com o seu recente desaparecimento, realça bem o perfil plural e multifacetado de Ficalho, que tanta admiração despertou entre os seus amigos. Ver ainda os trabalhos de Ruy Telles Palhinha: *Escorço biográfico do Conde de Ficalho*, *Quatro cartas inéditas de Isaac Newton ao Conde de Ficalho* ou *Cartas de Alphonse de Candolle ao Conde de Ficalho* assim como o de Joaquim Veríssimo Serrão, “O Conde de Ficalho. Renovador da História Natural dos Descobrimentos”, pp. 133-142.

¹¹⁵ Ficalho foi autor de obras botânicas e de investigação histórica, de entre as quais se destacam: *Flora dos Lusíadas* (1880), *Memória sobre a malagueta* (1883), *Plantas úteis da África Portuguesa*

co-responsável, com Andrade Corvo, pela implementação, em 1878, do Jardim Botânico daquela Escola lisboeta.

Sobre Garcia de Orta, escreveu:

“Entre os viajantes era um erudito;
entre os eruditos era um viajante.
Dos que viram distinguiu-se pelo que tinha lido,
dos que leram pelo que tinha visto.”

Como explicou nas breves notas que dirigiu ao leitor, a redacção da biografia do médico não estava nos seus planos iniciais. Vale a pena reler as palavras que escreveu em Cascais, em 1885:

“Tendo recebido da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o honroso mas difficil encargo de dirigir e anotar uma edição crítica de *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta, procurei reunir alguns dados para escrever uma curta biographia do célebre naturalista portuguez, destinada a ser impressa com a nova edição do livro. À medida porém que avançava no meu trabalho, reconhecia a necessidade de collocar a sua interessante figura no quadro onde se moveu, e de estudar um pouco a epocha para compreender melhor o homem. Não tinha nem o vagar nem o ensejo, nem sobretudo a aptidão e o preparo necessários para fazer pesquisas nos manuscritos em busca de factos ou apreciações inéditas. Contentei-me, portanto, com o que por ahi anda publicado, e é do domínio de todos. Isto mesmo é já bastante; e as notas foram-se accumulando por um modo absolutamente imprevisto. Quando, depois, tratei de as ordenar, [...] vi desde logo, que a projectada biographia tomava proporções inesperadas, e ficaria deslocada na reimpressão dos *Colóquios*. D’ahi nasceu o presente

(1884), *Garcia de Orta e o seu tempo* (1886), *Uma eleição perdida* (1888), *Colóquios dos Simples e Drogas da India* (1891-1895), *As viagens de Pêro da Covilhã* (1898) e *As rosáceas em Portugal* (1899).

livro, feito quasi involuntariamente, e sob a solicitação irresistível do assumpto.”¹¹⁶

Esclarecida a motivação do estudioso, passamos então a realçar os principais elementos que Ficalho destacou na vida de Garcia de Orta. Complementando a enorme admiração que nutria pela personagem, com uma aturada pesquisa documental, o estudioso recriou uma personalidade ímpar da História Cultural do Renascimento, uma personagem indelével que consolidou, na Europa do seu tempo, um novo saber médico-botânico.¹¹⁷

O circunstanciado relato, elaborado por Ficalho, inseria-se assim na nova vaga de edição de fontes e trabalhos de investigação produzidos pelos eruditos portugueses, como Luciano Cordeiro (1844-1900) ou Andrade Corvo (1824-1890).¹¹⁸ Como referiu Pinheiro Marques: “Por volta de 1892 [...] os ânimos estão particularmente agitados. O Ultimato inglês havia ferido um rude golpe, a monarquia perde terreno, o espírito republicano prepara-se para somar pontos e as inteligências mobilizam-se, no campo da história para a defesa das glórias nacionais a propósito da celebração do centenário internacional que então decorre, da viagem de Colombo.”¹¹⁹

¹¹⁶ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp: v-vii.

¹¹⁷ Este verdadeiro herói da nossa história cultural emergiu no âmbito de um projecto mais amplo. No final do século XIX, surgiu em Portugal um selecto grupo de intelectuais portugueses, os *Vencidos da Vida*. Estes homens intensificavam os seus convívios semanais em suas casas, no Café Tavares ou no Hotel Bragança. O *grupo jantante*, composto por uma distinta clientela, reunia nomes como os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Ribeiro da Costa, Guerra Junqueiro, Conde de Ficalho, Lima Meyer, Lobo de Ávila, Eça de Queirós ou Conde de Sabugosa. Estes literatos e aristocratas de uma elevada craveira intelectual, debatiam o descalabro da situação nacional, depositando no novo Rei, a única esperança na recuperação de um país desalentado. O Rei D. Carlos I (r.1889-1908) surgia assim, aos olhos deste grupo, como um último reduto. Foi aliás, “por especial auctorisação de sua magestade El-Rei, a quem respeitosa e agradeço” que Ficalho acedeu ao exemplar de *Colóquios dos Simples* que se encontrava na “Bibliotheca da Ajuda” (Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p.369). Sobre a actividade deste grupo de intelectuais ver A. M. Machado, *A geração de 70. Uma revolução cultural e Literária* ou a recente colectânea *Conversas no Turf em torno de Os Vencidos da Vida*. A obra, evocando os 120 anos do surgimento dos *Vencidos da Vida*, reúne os testemunhos de vários autores sobre alguns dos elementos deste grupo.

¹¹⁸ A título de exemplo, assinalam-se duas destas obras: Luciano Cordeiro, *De como navegavam os portugueses no início do século XVI* ou de Andrade Corvo, *Roteiro de Lisboa a Goa*.

¹¹⁹ António Pinheiro Marques, *A Historiografia dos Descobrimentos*, pp.18-22. De entre as principais obras publicadas até ao fim do século, o historiador destacou as edições de textos e estudos de Pinheiro Chagas, Sousa Viterbo, Bulhão Pato, Pedro de Azevedo, Lima Felner, David Lopes, António Baião, entre tantos outros

Regressando ao texto de Ficalho, verificamos que, ao longo de nove esmiuçados capítulos, o aristocrata fez reviver o médico. Inscrevendo o seu nascimento na última década do século XV mas desconhecendo a identidade de seus pais, Ficalho aceitou a sugestão de Barbosa de Machado, que apontou Elvas como a cidade-berço de Garcia de Orta. O estudioso relatou depois, com grande detalhe, os estudos médicos em Salamanca e Alcalá.¹²⁰ Parece-nos importante, neste momento, destacar a forma como o Conde de Ficalho descreveu a passagem do seu biografado pela universidade de Salamanca. Aparentemente, o botânico não possuía mais elementos ilustrativos desta fase da vida de Orta do que aquela simples frase que o Cardeal Saraiva destacara. Tal facto não o impediu de a narrar de forma, que apesar de revelar o brilho da sua escrita, realçou a sua visão romântica e o estilo histórico muito ficcionado tão em voga no final do século XIX:

“O seu [de Garcia de Orta] espírito tranquillo, methodico, e por vezes mesmo meticoloso, o seu amor às miúdas averiguações scientificas levam-me a crer, que elle fosse desde o começo um estudante applicado e modelo, o que os franceses hoje chamam um *piocheur*. Imagino que ele se teria alojado em alguma modesta e respeitável casa de pupilos, e seguiria com assiduidade as prelecções dos regentes em Artes, ou as leituras de Prima, Véspera e Sexta. Às tardes desceria pela porta do Rio, a tomar o fresco sobre a grande ponte romana [...]. Algumas vezes alongaria os seus passeios pelas margens do Tormes, por entre as frescas hortas e pomares da vasta campina [...]. Depois, já candeias accesas, subiria as ruas estreitas

¹²⁰ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp.1-34. Apesar de não se poder determinar com segurança a qual das universidades Orta se dirigiu em primeiro lugar, o Conde admitiu que Garcia de Orta tenha cursado Artes em Salamanca e obtido o grau de licenciado em Alcalá de Henares. Sobre os eventuais colegas e professores com que Orta se cruzou em Salamanca ver o estudo de Joaquim Veríssimo Serrão, *Os Portugueses no estudo de Salamanca. I (1250-1550)*. Apesar de nos ter sido impossível complementar esta análise com novos dados, parece-nos importante identificar, com precisão, quem foram os colegas de Orta assim como os seus mestres salamantinos. Nestas relações de juventude, mais ou menos duradoras, talvez se venham a encontrar pistas que permitam esclarecer algumas das questões que *Colóquios dos Simples* deixam em aberto. Sobre a Universidade de Salamanca, ver M^a Jesús Pérez Ibáñez, *El humanismo médico des siglo XVI en la Universidad de Salamanca* e Francisco Javier Alejo Montes, *La docencia en la Universidad de Salamanca en el Siglo de Oro*.

da velha Salamantica, recolhendo-se prudentemente a casa, e revendo ahi os seus themas de grego, ou as *Summulas logicales* do mestre Pedro Hispano, fazendo assim vida *honesta et buena*, como queria o sábio rei. ¹²¹

Para representar Garcia de Orta, o biógrafo esboçou a imagem de uma personagem exemplar desde a juventude.

O Conde de Ficalho situou o regresso a Portugal do jovem licenciado em cerca de 1525. Baseou-se para tal, em dois documentos redigidos em Almeirim e extraídos da Chancelaria de D. João III, que transcreveu na íntegra. O primeiro, datado de 5 de Abril de 1526, autorizava o licenciado Garcia de Orta a andar de mula:

“Dom Joham etc. e quantos esta carta virem faço saber que ey por bem e me praz dar lugar e licença ao lecenceado gracia dorta fysiquo morador em castello de vide pera que elle posa andar de mulla ou faca posto que nam tenha cavalo sem embargo de ordenaçam per que defemdo as ditas mullas e facas notefico asy a todas minhas justiças officiaies e pessoas a que o conhecimento disto pertencer e lhes mando que leixem amdar o dito lecenceado na dita mulla ou faca posto que nom tenha cavalo e sem embaraço da dita ordenaçam como dito he esprito em Almeiry a b dias dabrill António Godinho a fez a mil e bcxxbj (5 de Abril de 1526).” ¹²²

O segundo, ao qual já fizemos menção, datado de 10 de Abril de 1526, atestava que o “doutor diogo lopez cavaleiro da ordem de christo y fysyco mor”, reconhecia os estudos médicos de Orta podendo, como vimos, ler-se no documento, que D. João III lhe dava “lugar y licença que ele posa curar de fysyca por todos os meus Regnos y senhoryos”. ¹²³

Pela leitura destes documentos podemos verificar que, ao regressar a Portugal, Garcia de Orta se instalou em Castelo de Vide. Se bem que o biógrafo

¹²¹ Ficalho refere-se às determinações de D. Afonso, O Sábio, relativamente à atitude digna dos estudantes das universidades. Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p.5

¹²² *Chanc. de D. João III*, liv.12, fl. 43v.

¹²³ *Chanc. de D. João III*, liv.36, fl.97.

tenha tentado justificar esta migração do jovem licenciado para a cidade do Norte Alentejano, alegando razões profissionais ou familiares, só anos mais tarde, na década de 1930, Augusto da Silva Carvalho esclareceu este detalhe biográfico.¹²⁴

Sem se deter demasiado nos detalhes da vida de Orta no Alentejo, o Conde de Ficalho não se coibiu de descrever o quotidiano do nosso médico: “Por ali [Castelo de Vide] ficou alguns anos, levando a vida monótona de um medico de província, relendo os seus livrecos, conversando ás tardes na botica, e percorrendo as estradas da serra, montado no seu cavallinho. [...] D’esta modesta phase da sua vida não ficaram naturalmente vestígios, e só tornâmos a ter notícias suas, passados seis annos, quando vem reger a cadeira de *summulas* na universidade de Lisboa. “

Descreveu, então, a breve passagem de Orta pelos Estudos Gerais de Lisboa, socorrendo-se das diminutas notas que encontrou nos livros manuscritos da universidade de Lisboa, de 1526 a 1537.

Segundo explicou Ficalho, Garcia de Orta começou por ser Lente de *summulas* em 1532.¹²⁵ Aparentemente, esta tarefa foi-lhe atribuída *por encomenda* e com carácter provisório. De acordo com os estatutos universitários, a atribuição de docentes às disciplinas fazia-se por *oposição*. Os *opositores*, depois de apresentarem provas públicas, lições e argumentos, eram eleitos por votação. Este mecanismo era, no entanto, desnecessário quando se procedia a substituições por períodos curtos. No entanto, no final do ano lectivo, o concurso deveria ter sido aberto a outros candidatos. Tal não sucedeu, permanecendo Orta a ler as *summulas*. O Conde de Ficalho justificou este facto insólito pela desorganização que então se vivia na Academia lisboeta. Garcia de Orta continuou a desempenhar funções docentes na Universidade de Lisboa, até Março 1534. Como referiu o biógrafo, na *tabula legentium* 2ª, 3ª, ou *relação dos*

¹²⁴ Augusto da Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”. O aturado estudo deste investigador contribuiu, como veremos, para a revelação de uma faceta do nosso médico então desconhecida de Ficalho.

¹²⁵ Sobre a passagem de Garcia de Orta na Universidade de Lisboa veja-se o detalhado estudo de Joaquim Teixeira de Carvalho, *Homens de outros tempos*. Nesta investigação, podemos constatar que o licenciado Orta ensaiou, sem sucesso, várias aproximações aos Estudos Gerais. Tais informações comprovam que o médico, desde o seu regresso de Espanha, manifestava vontade de se transferir para Lisboa.

que leram na segunda terça do anno lectivo de 1534, pode ler-se: “Aos desasseys dias do mês de Março começou a ler Ayres de luna a cadeyra dartes que foy do Ldo orta.”¹²⁶ A data assinalada no documento é perfeitamente plausível já que, como veremos, se sabe que Garcia de Orta partiu para Oriente a 14 de Março de 1534.

Baseando-se nos escritos de Orta, o Conde de Ficalho redesenhou a longa amizade que ligou Garcia de Orta a Martim Afonso de Sousa. Os hábitos de Afonso de Sousa não eram do agrado de D. Manuel I que, por o considerar uma má influência sobre o Príncipe, tratou de o afastar da corte. Com o desaparecimento de D. Manuel, que não apreciava especialmente as qualidades e excessos do fidalgo, este voltou ao círculo de D. João III.

Homem arrojado e polémico, Martim Afonso de Sousa manteve boas relações com o Príncipe D. João, seu amigo de infância. Ficalho admitiu a hipótese de que a tentativa de aproximação de Orta à Universidade de Lisboa, tivesse correspondido a algum pedido expresso por Martim Afonso. Apesar da dificuldade relatada para se conseguir lugar nos Estudos Gerais, o biógrafo afirmou que Orta já desempenhava o cargo de *physico d’el-Rey*, quando partiu para a Índia.

Os valorosos feitos do fidalgo, nomeadamente na Capitania de S. Vicente, no Brasil, valeram-lhe a nomeação de Capitão-Mor da Armada, cargo com que se dirigiu à Índia em 1534.

Levantando algumas hipóteses que poderiam ter justificado a brusca partida do médico para a Índia, o Conde destacou a importância decisiva de Martim Afonso de Sousa, nesta abrupta decisão do médico.¹²⁷

Ao descrever, de forma ricamente ilustrada, os principais momentos que Garcia de Orta passou no Oriente como médico de Martim Afonso de Sousa, Ficalho deu largas à sua imaginação, detalhando o quotidiano de um sábio europeu por terras do Oriente. O biógrafo recorreu às múltiplas pistas que Orta deixou no seu texto para recriar o dia-a-dia de um médico competente, respeitado por elites políticas e religiosas. Um homem sábio, curioso, abastado,

¹²⁶ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 46-47.

¹²⁷ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 35-84.

rodeado de amigos com quem divagava pachorrentamente pelos bazares ou discutia as últimas novidades que lhe haviam confiado mercadores e feitores. Personagem erudita, profundo conhecedor de textos médicos e botânicos, antigos e modernos, Orta tinha, para Ficalho, o perfil apropriado para renovar, na Europa de então, o saber em circulação sobre a matéria médica do Oriente.¹²⁸

Baseando-se no testemunho do médico no Colóquio do turbit, no qual descreveu a sua passagem pelo mercado de Diu, escreveu:

“Martim Affonso foi correndo a costa devagar, entrando e demorando-se em diversos portos, e nomeadamente na bahia, hoje chamada de Bombaim. Levava consigo Garcia de Orta, o qual, desejoso de se instruir, e curioso de ver as novidades d’aquella celebre e apregoada região, não perdeu os numerosos ensejos de ir a terra, que lhe proporcionava de certo, uma navegação costeira e vagarosa. Visitou então pela primeira vez o famoso templo de Elephanta, sendo o primeiro Europeu que nos dá notícia de algumas das suas feições.”¹²⁹

Do mesmo modo, aludindo à assinatura do contrato celebrado em Dezembro de 1534, entre o Sultão Bahadur e as autoridades portuguesas, que Orta muito provavelmente presenciou, relatou: “Facilmente podemos imaginar com quanto interesse o doutor Orta, saídos poucos mezes antes da sua vida tranquilla de Lisboa, das suas graves e áridas prelecções de summulas na universidade, devia assistir a estes contratos de paz [...]. A bordo do galeão S. Mateus travou elle de certo conhecimento com um certo Coje Perculim, que ali estava e assignou o contrato na qualidade de intérprete ou de *lingoa*.”¹³⁰

Descrevendo, num certo tom bucólico, o animado bazar de Diu, e fazendo nele deambular o curioso e fascinado médico, narrou: “Garcia de Orta devia passar ali tardes excellentes, examinando o ópio, o gengibre, e a pimenta, perguntando pelo manná, ou pelo misterioso amommo, emendando os erros

¹²⁸ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 85-200.

¹²⁹ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 90.

¹³⁰ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 92.

cometidos por Plínio, verificando algumas asserções de Dioscórides ou de Avicena, sorrindo ao lembrar-se das inexactidões, que na Europa accumulavam o douto Manardo, ou o erudito Ruélio.”¹³¹

E o biógrafo esboçou para o seu médico, forçado em 1536 a invernar no Malabar, a mesma intensa actividade de investigador e curioso:

“De certo não perdeu as horas desta longa invernagem, que deviam ser mortalmente fastidiosas [...] mas passavam rápidas para o naturalista, occupado em ver, observar e comparar muitos objectos novos e interessantes, ou em reler e anotar o seu velho Dioscorides e o seu pesado Avicenna, que seguramente levava a bordo, no fundo do cofre, com os frascos e redomas da botica.”¹³²

O Conde de Ficalho realçou, igualmente, a importância que teve no percurso biográfico de Orta a sua intrusão nas cortes locais, tanto no Decão como no Gujarate. O respeito mútuo que Garcia de Orta descreveu na relação que estabeleceu com os soberanos foi salientado pelo biógrafo.¹³³

Estes diálogos, que testemunhavam a importância do saber do médico no âmbito das missões políticas que integrava, foram recuperados pelo investigador, fosse na Corte de Bahadur ou na de Nizamoxa.

Com um realismo quase excessivo, o devoto Conde de Ficalho esboçou o perfil do médico e pintou, com cores vivas, o quotidiano de Orta:

“De manhã ainda cedo saíra já da sua visita ao hospital de el-rei, onde havia talvez encontrado à cabeceira de um doente o padre mestre Francisco Xavier. Vestido na sua cómoda loba negra, acompanhado pelo seu *boy*, que lhe levava o sombreiro, tomava, ao sair do hospital, a viela tortuosa que corria ao longo da cerca de S. Francisco, e vinha dar à casa dos Contos, virando aly para o terreiro do Sabayo, trocando no caminho

¹³¹ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 98.

¹³² Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 130.

¹³³ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 220-280.

algumas saudações com os contadores e vereadores seus amigos, que a essas horas se dirigiam para as repartições. Ao desembocar do terreiro para a Rua Direita encontrava ainda o leilão da manhã em toda a sua animação. A rua apinhada de gentes, as escravas passeando em grupos, e as *buticas* de pannos, de sedas, de ourives, largamente abertas ao vae-vem dos freguezes. Ao meio da rua, á roda de uma mesa, dous ou três escrivães tomavam notas, enquanto os pregoeiros, rodeados de curiosos e compradores, iam sucessivamente pondo em praça os vestidos velhos, as arcas ou as jóias de algum espólio, liquidado em arrematação judicial.¹³⁴ [...] Agora descia a rua um mouro grave, ricamente trajado, rodeado por um séquito numeroso; era o embaixador Ibrahim Adil Shah, rei do Bijápúr, a quem Garcia de Orta tirava o seu barrete, demorando-se respeitosamente até que passasse. O velho médico ía assim dando a sua volta, parando nas portas dos mercadores seus conhecidos, trocando um cumprimento com o seu amigo Khuája Perculim, ou com Malupa, um collega indiano, descendo depois para o terreiro da Fortaleza, a saber as notícias políticas do dia.”¹³⁵

Como se de uma gravura se tratasse, o Conde de Ficalho encheu o quotidiano de Orta de cores, aromas e sabores. Da leitura atenta de *Colóquios dos Simples* extraiu elementos que restituíram a vida e devolveram o espaço onde Garcia de Orta viveu. Apesar de não conseguir localizar com exactidão a casa goesa de Orta, Ficalho descreveu o amplo panorama que delas se avistava, assim como a vista sobre o pacato pomar.¹³⁶ Recuperando os figurantes que Orta fez deambular no seu relato, redesenhou as gentes que circulavam na sua casa para o servir: as servas e escravas, as negras e moças, a cozinheira, a compradeira, os moços. Nas suas entradas e saídas, estes múltiplos empregados apresentavam visitantes, colocavam questões ou traziam encomendas. Nesta casa organizada e arejada, circulavam muitos outros viajantes, feitores ou

¹³⁴ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 175-176.

¹³⁵ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 201-220.

¹³⁶ Esta só foi localizada em 1934, através do precioso estudo de outro biógrafo de Orta, Augusto da Silva Carvalho, que analisaremos mais à frente.

aventureiros, que lhe traziam informações ou *espécimens* para a abrilhantar sua coleção de exotismos. Na verdade, Ficalho não prescindiu de recriar um pequeno museu na casa de Orta, onde este guardava a pedra Arménia ou o banguê, assim como uma invejável biblioteca, onde obras de Plínio, Avicena ou Dioscórides viviam lado a lado com alguns preciosos manuscritos.¹³⁷ Apesar do seu prolongado exílio, Garcia de Orta manteve os mesmos parâmetros de erudição de qualquer outro sábio europeu residente em Veneza, Paris ou Antuérpia.

Neste ambiente diligente e confortável, Garcia de Orta, segundo Ficalho, “reunia uma pequena sociedade de homens graves, que gostariam de passar as tardes praticando em assumptos curiosos, e *cousas boas pera saber*, como lhes chamava o próprio Orta.”¹³⁸

O biógrafo fez assim cruzar nos espaços de Orta: prelados e políticos, funcionários régios e mercadores, médicos e eruditos, que enriqueceram e dinamizaram os diálogos.

Plantas e saberes revelaram-se assim indissociáveis das pessoas. Esta interpretação de Ficalho fez renascer as múltiplas pistas biográficas que Orta foi deixando ao longo dos *Colóquios*.

Recuperando os elementos dispersos por Orta em *Colóquios dos Simples*, e suportando-se de documentos impressos e manuscritos que encontrou em Arquivos, o Conde de Ficalho reabilitou uma imagem global do médico, que há 400 anos estiolava nos *Colóquios* por não ver a luz do dia. Como exclamou o Conde de Arnoso relativamente ao seu amigo Ficalho: “Como ele viveu Garcia de Orta!”¹³⁹

Importa aqui salientar o irónico elogio que Eça de Queiroz teceu sobre o estudo biográfico que Ficalho construiu:

¹³⁷ Sobre a possível composição da livraria de Orta ver também Rui Manuel Loureiro, “Garcia de Orta e os Colóquios dos Simples : observações de um viajante sedentário”, pp.135-145.

¹³⁸ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p.210.

¹³⁹ Conde de Arnoso, “Elogio do Conde de Ficalho lido na sessão especial da Sociedade de Geografia de Lisboa em 19 de Maio de 1903”, p. 39.

“Esta sua obra [*Garcia de Orta e o seu tempo*] é *quelque chose de considerable*; os primeiros capítulos, feitos com tão poucos recursos de informação, quase apenas sobre uma linha, estão todavia tão habilmente arranjados, e com tão boa arte de composição, que nos fazem interessar pela biografia de um sujeito - que não tem biografia. O estilo é excelente, largo, sereno, líquido, grave, e tem aqui ou além, um toque de pitoresco, de ornamentação, que é sempre justo, nunca de mais e que dá cor e vida a tudo.”¹⁴⁰

Da figura discreta que atravessou despercebida quatro séculos da nossa História e da sua obra, que sobreviveu a custo à sombra do epítome latino, submergiram, nos finais do século XIX, novas representações. Na verdade, de um conjunto disperso de notas, documentos e afirmações, o Conde de Ficalho fez renascer um mito. O seu trabalho e dedicação tornaram Garcia de Orta num dos maiores vultos da nossa História científica e o seu tratado, num dos mais valiosos contributos portugueses para a Ciência de Quinhentos. Se o valor da sua obra, pelo imediato relevo que a Europa de então lhe devotou, é inquestionável, a representação que o botânico fez do seu autor levanta-nos muitas questões. Problemas para já irresolúveis, pelo aparente silêncio das fontes coevas. Acalentamos, no entanto, a esperança de que alguns deles possam vir a encontrar solução em documentação de arquivo que esperamos localizar.

De qualquer modo é inequívoco verificar que a construção da imagem de Garcia de Orta, que o Conde de Ficalho realizou com tanto aprumo, conduziu à glorificação hiperbólica das suas qualidades humanas e de investigador. Um homem que Maximiano de Lemos considerou “superior à sua época” e a quem atribuiu uma “pasmosa erudição”,¹⁴¹ e a que Olmedilla y Puig, não teve dúvidas em considerar que “ha ingresado por derecho proprio y por aclamación en el templo de la inmortalidad.”¹⁴²

¹⁴⁰ Este trecho de uma carta de Eça de Queiroz, a que não conseguimos aceder, encontra-se citado num recente estudo publicado sobre o Conde de Ficalho. João Forjaz Vieira, “O Conde de Ficalho” in: *Conversas no Turf em torno de Os Vencidos da Vida*. Lisboa. Tribuna. 2008, p.29-41.

¹⁴¹ Maximiano de Lemos, *História da medicina*, vol I, pp. 275 e segs

¹⁴² Joaquin Olmedilla y Puig, *Garcia de Orta, el sábio portugues del siglo XVI*.

Foi este herói que a historiografia do século XX acolheu e que nos importou analisar.

1.5. A emergência de uma nova personagem.

O contributo do século XX

1.5.1. Garcia da Orta

O médico descrito por Ficalho influenciou o perfil de Orta traçado pelos estudiosos, ao longo de todo o século XX.

António Thomaz Pires não escondeu a influência que a obra do Conde teve na orientação dos seus trabalhos.¹⁴³ Afirmou “Em os archivos públicos e particulares elvenses, e ainda noutros archivos da província do Alentejo procedi, desde o ano de 1890 a minuciosas e severas investigações ácerca da linha ancestral do insigne naturalista Garcia da Orta – honra de Portugal e lustre da cidade d’Elvas, que lhe foi berço.” E continuou, revelando a sua fonte inspiradora: “Incitou-me a este estudo a preciosa obra do sr. Conde de Ficalho – Garcia de Orta e o seu tempo”.¹⁴⁴

Seguro de que havia de descobrir os familiares de Orta na rica documentação que analisou em Elvas, Thomaz Pires elegeu nomes que lhe sugeriram algum parentesco com o nosso médico. Identificando Jorge d’Orta como seu pai, o estudioso “encontrou-lhe” ainda os irmãos: o bacharel Francisco d’Orta, o cirurgião Jorge d’Orta (que também poderia ter sido um seu sobrinho) e uma irmã, Beatriz d’Orta, casada com o bacharel Gabriel Luiz. Tentou, em vão, obter dados concretos sobre a passagem de Garcia de Orta pelas universidades castelhanas. Apesar dos esforços do Reitor da Universidade de Salamanca e do Chefe da Biblioteca da Universidade Central de Madrid, Thomaz Pires foi

¹⁴³ Antonio Thomaz Pires (1850-1913). Autodidacta elvense que ao longo da sua vida desempenhou diversos cargos administrativos na Câmara Municipal de Elvas. Foi activo director da Biblioteca Pública Municipal e do Museu Arqueológico e Etnográfico de Elvas. Acerca da sua obra escreveu Leite de Vasconcelos “Poucos trabalharam tanto como Pires, poucos concorreram com ele para o conhecimento das tradições populares portuguesas.” *In*: Alberto Iria, “Dos biógrafos portugueses de Garcia de Orta”, vol. 11, nº4, p. 844.

¹⁴⁴ A. Thomaz Pires. *Garcia da Orta. Estudos e notas elvenses*.

informado da inexistência de documentos com datas tão remotas, que pudessem elucidar sobre a passagem do médico português por esta Universidade.

O investigador contactou então a Câmara Municipal de Castelo de Vide, na esperança de encontrar alguns informes relativos à prática médica de Orta no Concelho. No entanto, nos arquivos camarários só se encontravam documentos posteriores a 1600, pelo que nada mais foi possível apurar. Desalentado, Thomaz Pires decidiu parar a pesquisa, trazendo a lume os poucos elementos que conseguira juntar. Escreveu então: “E parei com a investigação, porque se apoderou de mim o desânimo”.¹⁴⁵ Mal sabia o estudioso a importância que o seu trabalho viria a ter alguns anos mais tarde, quando Augusto Silva Carvalho decidiu retomar algumas das poeiras que a inquirição deste elvense havia levantado.

1.5.2. Garcia d’Orta

Joaquim Teixeira de Carvalho iniciou o seu estudo sobre Garcia d’Orta afirmando sem qualquer hesitação: “A biografia de Garcia d’Orta está feita. Traçou-a magistralmente o Conde de Ficalho.”¹⁴⁶ O objectivo das buscas deste estudioso, mais do que interpretar novos dados, era o de complementar e corroborar a teoria já estabelecida.

Teixeira de Carvalho investigou a documentação académica relativa à passagem do licenciado Orta pelos Estudos Gerais de Lisboa, tendo discriminado as Cadeiras a que Garcia de Orta se candidatou, quais os candidatos a quem apresentou oposição, assim como as disciplinas que leccionou.¹⁴⁷

¹⁴⁵ A. Thomaz Pires. *Garcia da Orta*, p.36.

¹⁴⁶ Joaquim Teixeira da Carvalho, *Homens de outros tempos*, p. 5.

¹⁴⁷ Teixeira de Carvalho salientou a diversidade de grafias com que o nome de Orta surgiu nesta documentação. Como referiu com algum humor, “não há nome mais estropiado que o de Garcia d’Orta”. O autor apresentou então as diversas designações do nosso médico que encontrou na documentação coeva: “guarcia dorta”, “gracia dorta”, “Ldo Garcia dota”, “gracia dorta”, “graçia dorta” ou “Garcia de Orta”. Afastando-se do “Garcia da Orta” usado por Ficalho, Teixeira de Carvalho optou pela designação “Garcia d’Orta” que considerou mais adequada. A sua indignação fez-se sentir com a falta de cuidado do bedel que, inclusivamente, crismou o médico de “Francisco dorta” assim como de “Anrique dorta”. Apesar de não termos, de momento, forma de rebater esta interpretação de Teixeira de Carvalho, parece-nos que é importante procurar esclarecer se todos estes nomes próprios correspondem, de facto, a uma mesma personagem.

O percurso nas Escolas Gerais que este investigador esboçou revelou-se um pouco acidentado, já que provou que o licenciado Orta foi preterido num concurso, enquanto, noutra parece ter desistido antes de divulgada a decisão final do júri, tendo-lhe, finalmente, sido atribuída uma cadeira para a qual não se candidatara.¹⁴⁸

Os documentos de arquivo revelaram assim que em Janeiro de 1527, Garcia de Orta se inscreveu como oponente para a cadeira de Lógica. O licenciado não recebeu qualquer um dos 27 votos, tendo a disciplina sido atribuída a João Ribeiro. Dois anos mais tarde, em Novembro de 1529, inscreveu-se como oponente à cadeira de Filosofia Moral. Concorreram a esta vaga João Leão, Pedro Nunes e fr. Lourenço, entre outros. Dado que o nome de Orta não constou do *auto de eleição* desta cadeira, Teixeira de Carvalho assumiu que este tinha desistido do concurso.

Teixeira de Carvalho referiu-se a mais um revés na carreira académica de Orta, ocorrido em Outubro de 1530. Aludiu então a um documento referente a um licenciado Francisco de Orta, que perdera no concurso para a cadeira de Lógica, deixada vaga pela saída de João Ribeiro, por oposição ao bacharel Luís Nunes de Santarém. O licenciado conseguiu reunir apenas 7 votos, enquanto o bacharel alcançou o apoio de 10 elementos do Conselho.¹⁴⁹

No entanto, a situação do médico melhorou, em Janeiro de 1530, já que o licenciado Orta foi nomeado para reger por um ano a cadeira de Filosofia Natural, deixada vaga por renúncia de fr. Luis, da Ordem de S. Francisco. Teixeira de Carvalho identificou assim este Orta (Garcia *aliás* Francisco), como Regente da Cadeira de Filosofia Natural, que deveria ler duas vezes por dia, de manhã e à tarde, em 1530-1531, com um vencimento anual de vinte mil reis.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Joaquim Teixeira da Carvalho, *Homens de outros tempos*, pp. 12- 41.

¹⁴⁹ Luís Nunes foi nomeado em 1530-31 como regente por um prazo de 3 anos. Por regulamentação dos estatutos das Escolas Gerais, quando eram admitidos a concurso candidatos de grau diferente e o de grau inferior era aprovado, passando a reger a cadeira, este era obrigado a, no prazo de um ano, tomar o grau equivalente ao que fora por ele excluído. Tal não se verificou com o bacharel Luís Nunes, tendo este facto sido alvo de reclamação por parte do licenciado Aires de Luna.

¹⁵⁰ Joaquim Teixeira de Carvalho, *Homens de outros tempos*, pp.25-26.

Aparentemente, Orta assumiu a docência desta cadeira até à sua partida para a Índia.¹⁵¹

A 27 de Janeiro de 1532, ficou acordado que Garcia de Orta leria, “até São Lucas” (18 de Outubro), a cadeira de Filosofia Moral deixada vaga pela saída de Pedro Nunes. Permaneceu assim na regência da cadeira até esta data, altura em que a disciplina passou a ser lida pelo bacharel Francisco Gudinez.

Em Outubro de 1532, foi eleito deputado lente. Os 10 deputados da Universidade, “ cinco lentes e cinco pessoas honrradas da universidade” então eleitos foram: o Doutor Mestre Diogo Franco, lente da cadeira de véspera de Medicina; o Bacharel Jorge Velho, lente substituto da cadeira de Instituta; o Bacharel Agostinho Fernandes, lente de Código; Estevão Preto, lente substituto de véspera de Cânones; o Licenciado Orta, com a qualidade de lente de Filosofia; para além do Licenciado Lopo Alvarez, o Bacharel Paulo António, o Licenciado Aires de Luna, o Bacharel Simão Tristão e o Licenciado António Manuel.

Este grupo de eleitos tinha como função deliberar sobre “as cousas que toquarem a bem da universidade asi das Rendas como outras cousas de Importançia que nom toquem às lições, como eram foros, aforamentos, cartas ou messages pera Roma ou pera elRey, edifições e outros gastos grandes.”¹⁵²

Em 1534, atendendo à sua partida para a Índia, o nome de Garcia de Orta deixou de figurar nos documentos dos Estudos Gerais.

Foi precisamente a pensar na comemoração desta data que o médico da marinha Louis Roddis (1886-1969) publicou, no início da década de 1930, um trabalho sobre Garcia de Orta.¹⁵³ Apesar de, em termos biográficos, se basear no

¹⁵¹ Por ocasião do 433º aniversário da atribuição da cadeira de Filosofia Natural a Garcia de Orta, Luís de Pina apresentou uma conferência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que intitulou: Garcia de Orta no Magistério Universitário da Filosofia Natural em Lisboa. O texto então proferido foi publicado na Separata de *O Médico*, 1963. nº 636, pp.3-26. Atendendo ao contexto político que ora se vivia entre Portugal e o Estado Indiano, não deixa de ser curioso um dos parágrafos, onde se pode ler: “Prometemos comemorar este evento, pelo que deitámos à letra de forma estas ligeiras considerações. Quer a sua [de Garcia de Orta] vida de pesquisador, quer o seu método científico, merecem esta lembrança, tanto mais grata quando toda ela pulsa envolta nos nomes de terras para todos os Portugueses sagrados, Índia, Goa!”. Como veremos, a década de 1960 foi prolífica na edição de textos que valorizaram a ancestral e qualificada presença dos portugueses na Índia.

¹⁵² Teixeira de Carvalho, *Homens de outros tempos*, p.41.

¹⁵³ Louis Roddis formou-se em medicina na Universidade de Minnesota. Foi Capitão da Marinha dos Estados Unidos. Na sua carreira, para além da História Naval dedicou-se a estudos de História

trabalho do Conde de Ficalho, Roddis alertou para o facto de ser necessário sublinhar o trabalho pioneiro de Garcia de Orta numa área da medicina que apelidou de *tropical*.¹⁵⁴ Considerando o contributo de Orta para a medicina do seu tempo tão elevado como a obra de Camões, os feitos de Albuquerque, a viagem de Magalhães, o saber de D.João de Castro, o testemunho de Mendes Pinto ou as crónicas de Couto, Castanheda ou Correia, e evocando a celebração do quarto centenário da data da partida de Orta para a Índia, exortou a comunidade internacional a promover trabalhos que relevassem o grande médico de Quinhentos.

Escreveu então:

“March 10, 1934 will be just four hundred years from the day on which da Orta set sail for India. It would be well if this date could be commemorated in some suitable manner by societies throughout the world concerned with the study and advancement of tropical medicine, pharmacy and botany. The issue of special editions of their official publications, or of articles and editorials on da Orta, his time and his work would well fit the occasion and bring to members of the professions of medicine and pharmacy the memory of a pioneer in both fields.”¹⁵⁵

A proposta de Roddis foi bem aceite e, na década de 1930, surgiram alguns contributos valorizando Orta e a sua obra.

Talvez conhecedor deste desafio de Roddis, escreveu, dois anos mais tarde, D.Manuel II (r. 1908-1910):

da Medicina dando particular atenção às doenças tropicais e às práticas médicas e terapêuticas utilizadas nos espaços ultramarinos. Roddis foi ainda editor do *U.S. Naval Medical Bulletin* assim como do *Naval Medical History of World War II*. Ao longo da sua vida foi galardoado com numerosos prémios e distinções. Ver: *J. Hist. Med. Allied Sci*, 1970, 25 (2), p.216.

¹⁵⁴ Convém aqui salientar que, para as suas investigações, Louis Roddis teve já a possibilidade de contar com a versão inglesa de *Colóquios dos Simples*. Esta edição, da responsabilidade de Sir Clements Markham (1830-1913), foi fundamental para a divulgação do texto de Orta no mundo anglo-saxónico. Apesar de não conter as amplas notas nem os aturados comentários de Ficalho, *Colloquies on the Simples and Drugs of India*, 1913, disponibilizou, a um vasto público, o trabalho pioneiro do médico português.

¹⁵⁵ Louis Roddis, “Garcia da Orta the first European writer on tropical medicine and a pioneer in Pharmacognosy”, pp.198-207.

“O médico de Goa, pelo seu saber e pela sua obra, faz parte do grupo de homens que naquela época admirável, levantaram tão alto o nome de Portugal, porque todos – cada um na sua especialidade – souberam servir a Pátria. Garcia da Orta, escrevendo na Índia o seu famoso livro, serviu com honra o país a que tanto se orgulhava de pertencer, e foi um notável obreiro do monumento da fama portuguesa no século XVI.”¹⁵⁶

Apesar da obra de D. Manuel II valorizar globalmente os textos dos antigos portugueses, não deixa de ser interessante realçar a oportuna relevância que reconheceu a *Colóquios dos Simples* e o mérito que atribuiu ao seu autor.

Segundo contou Augusto da Silva Carvalho (1861-1957)¹⁵⁷, a proposta de Roddis justificou a sua ida à Academia das Ciências de Lisboa onde, em sessão da 1ª classe de 6 de Março de 1930, propôs a edição fac-similada dos *Colóquios dos Simples*.¹⁵⁸ Para além disso, o médico sublinhou a necessidade de se erguer um monumento evocativo do físico, dado que o seu nome estava associado a uma rua de 2ª ordem.¹⁵⁹ Estupefacto com a apatia dos seus contemporâneos perante

¹⁵⁶ D Manuel II, *Livros antigos portugueses*, p. 556 e p. 659.

¹⁵⁷ Augusto Silva Carvalho. Médico dos Hospitais Cíveis a partir de 1884, interessou-se desde cedo pelos problemas de Saúde Pública. Desempenhou funções como Sub-Delegado de Saúde até 1903 e depois, até cerca de 1910, no Dispensário de crianças de Alcântara. Foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, tendo passado a efectivo em 1928, na Secção de História das Ciências. Em 1937, foi nomeado Académico titular e fundador da Academia Portuguesa de História. Galardoado com inúmeros títulos e cargos honorários, Augusto da Silva Carvalho destacou-se na História da Medicina pelo seu vasto contributo para a investigação nesta área. Autor de uma ampla produção bibliográfica, no seu trabalho debruçou-se sobre grande diversidade de assuntos médicos, desde temas clínicos diversos a problemas de saúde pública (especialmente, a epidemiologia). Na História da Medicina, o seu contributo destacou-se pela publicação de numerosos estudos de investigação histórica. Como escreveu Toscano Rico, “Silva Carvalho, com uma obra histórica de amplitude e relevo excepcionais, prestigiou esta Academia [das Ciências de Lisboa] e elevou a Medicina Portuguesa, retirando-a dos Arquivos e expondo-a à consideração de todos para que pudesse ser devidamente apreciada.” José Toscano Rico, “Elogio histórico de Augusto Silva Carvalho”. Separata *Memória*. Classe de Ciências. Vol. 8, pp.3-24.

¹⁵⁸ *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, pp.201-204.

¹⁵⁹ Augusto Silva Carvalho. “Garcia d’Orta”, p: 67. Apesar da representação romântica de Orta nas escolas médicas de Lisboa, Coimbra e Porto, a primeira estátua que Lisboa dedicou ao médico data de 1958 (da autoria de Martins Correia). Foi instalada à entrada do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, inaugurado em Dezembro do mesmo ano, na presença de numerosas personalidades da vida política nacional, nomeadamente, do então Presidente da República, o Almirante Américo Thomaz.

tão ilustre figura como a de Garcia de Orta, Silva Carvalho associou-se a Roddis evocando a partida de Garcia de Orta para a Índia.

Entre os trabalhos então publicados, aquele que trouxe novidades ao perfil biográfico de Orta traçado por Ficalho foi, seguramente, o publicado por Augusto Silva Carvalho. O médico lançou-se na busca de novos elementos que elucidassem alguns pontos que lhe pareciam menos claros nos *Colóquios*, nomeadamente os múltiplos “espanholismos”.¹⁶⁰

O trabalho de Silva Carvalho divulgou algumas provas coevas que, além de terem identificado a cidade de origem do médico, trouxeram dados sobre a localização da sua residência goesa, assim como da sua fazenda de Bombaim.

Como escreveu no final da sua obra: “Aqui ponho ponto à minha homenagem, em que tive a fortuna de poder quebrar o silêncio de quatro séculos em que pretenderam sepultar a memória deste grande homem.”

Conhecedor do vasto elenco de Ortas divulgado pelo estudo elvense de Thomaz Pires e tendo acedido, entre outros, ao Processo de Inquisição movido contra Catarina d’Orta, em 1569, assim como a outros Processos estantes na Torre do Tombo, Silva Carvalho foi desenrolando a meada de nomes e locais que estes documentos denunciavam.¹⁶¹ Para além de ter reconhecido a origem judaica da família do médico, identificou os seus pais, irmãs, cunhados, sobrinhos, primos e tios, assim como a sua mulher e filhas. Uma vasta rede de familiares, amigos e informadores emergiu então na vida de Orta, que levou a equacionar novas leituras do seu texto.

A imagem do sábio solteirão e pacato que Ficalho descreveu, cedeu lugar à figura multifacetada de um físico pragmático que, para além de comerciante expedito, era também um hábil estratega. Como afirmou Toscano Rico:

“[Com a obra de Silva Carvalho] Não só ficou esclarecida a origem de Garcia d’Orta e conhecida a terra da sua naturalidade, [...] como houve nota de

¹⁶⁰ Augusto Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, p. 64

¹⁶¹ *Processos de Inquisição de Lisboa* nº 4377 e 12513 movidos em Março de 1547 contra as irmãs de Garcia de Orta, Catarina e Isabel. Ambos os processos se encontram mutilados faltando as folhas iniciais respeitantes à família das inquiridas, assim como a identificação dos denunciantes. Augusto Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, p. 92.

vários parentes, dos prováveis motivos que o levaram a deslocar-se para a Índia e dos mais pormenores da sua estadia naquela província. O trabalho dá-nos simultaneamente uma noção dos costumes do tempo e da vida social de Goa, nessa época, fala-nos do Hospital d’El-Rei, dos Médicos, dos Cirurgiões, das parteiras e regista as tendências científicas do célebre Autor dos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*.¹⁶²

Assim, apesar da virtude científica da obra permanecer intocada, a representação da família do médico foi totalmente revista. A este respeito afirmou Laranjo Coelho “Escassas eram as notícias sobre a família de Garcia d’Orta; quase tudo eram, pelo que respeita a alguns passos da sua vida e da sua família, interrogadas hipóteses, problemas insolúveis, charadas indecifráveis, mistérios; com os elementos que o Dr. Silva Carvalho recolheu [...] ficou, de uma forma incontroversa, estabelecida a nacionalidade portuguesa de Garcia d’Orta, como a sua naturalidade nesta vila de Castelo de Vide.”¹⁶³ Baseando-se na aturada análise dos processos que o Santo Ofício moveu contra os familiares de Garcia de Orta, apurou então Silva Carvalho: Filho do mercador Fernão de Orta¹⁶⁴, natural de Valência de Alcântara e de Leonor Gomes, de Albuquerque, Garcia nasceu cerca de 1500, em Castelo de Vide, cidade onde os seus pais tinham fixado residência.¹⁶⁵ Segundo Silva Carvalho, Orta teve três irmãs mais novas: Violante, Catarina e Isabel.¹⁶⁶ Depois de efectuar os estudos médicos em

¹⁶² José Toscano Rico. “Elogio histórico de Augusto Silva Carvalho”, p.20.

¹⁶³ Laranjo Coelho. “Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide. Garcia d’Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano”, p.23.

¹⁶⁴ Fernão de Orta teve um outro filho, fruto da relação com Brites Nunes. Este rapaz, Jorge de Orta, estabeleceu-se em Elvas, tendo acolhido em sua casa a sua mãe, quando o seu pai desposou Leonor Gomes. Jorge de Orta, que casou com Lucrecia Nunes, foi o patriarca de uma ampla descendência de Orta que viveu em Elvas. Francisco d’Orta, um dos seus filhos, bacharel em medicina pela Universidade de Salamanca, foi interrogado pelo Santo Ofício. O seu processo (Processo de Inquisição de Évora nº 5217) encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Este ramo da família Orta foi o identificado por Thomaz Pires.

¹⁶⁵ Esta naturalidade de Orta como castelovidense motivou Laranjo Coelho a publicar o pequeno opúsculo louvando o ilustre conterrâneo. Como escreveu Laranjo Coelho, referindo-se a Garcia de Orta: “Castelo de Vide tem pois a legítima ufania de o lembrar e de inscrever o seu nome glorioso na galeria dos seus filhos mais ilustres.” Laranjo Coelho, “Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide. Garcia d’Orta, Francisco Morato Roma”, pp.22-46.

¹⁶⁶ Segundo apurou Révák, Violante de Orta casou com Rui Fernandes, Catarina de Orta com Leonel Peres (ou Gonçalves) e Isabel de Orta, com Francisco Vaz. A descendência destes três casamentos foi analisada com detalhe por este autor. Na sua meticulosa análise, este

Salamanca e Alcalá de Henares, regressou a Castelo de Vide onde praticou medicina ao lado de algum físico da cidade. Só depois deste período de estágio, Orta prestou provas perante o físico-mor do Reino, Duarte Lopes. As devidas autorizações para praticar medicina e andar de mula foram, como referimos, passadas em Abril de 1526, o que significa que Garcia de Orta regressou de Castela por volta de 1523. Para Silva Carvalho, a crescente instabilidade que se sentia nas cidades do interior e as perseguições e graves acusações de que os judeus eram alvo, foram razões que levaram Orta a aproximar-se de Lisboa. Datam dos anos seguintes as tentativas de Orta em integrar o corpo docente dos Estudos Gerais lisboetas. Silva Carvalho sugeriu que o jovem médico se tivesse então instalado em casa da tia materna Violante Gomes, casada com o físico Bernardes, moradores às Pedras Negras.

Outro dos aspectos elucidados pelos documentos consultados por Silva Carvalho foi o do casamento de Orta. Segundo apurou, Orta casou por volta de 1541 com a sua prima Brianda de Solis, filha de Henrique de Solis, um importante comerciante de cavalos de Alter. Embarcada para Oriente na Primavera de 1541, Brianda e seu pai terão aportado em Goa, no final do ano. Deste casamento nasceram duas filhas: Beatriz Orta, que casou com o seu primo Damião de Solis, e uma outra de quem se desconhece o nome.

Em 1548 chegaram à Índia a sua mãe¹⁶⁷, as suas irmãs Isabel e Catarina, assim como os seus cunhados e sobrinhos.¹⁶⁸ A identificação dos inesperados laços familiares que Orta centralizava em Goa, e que Silva Carvalho descreveu em detalhe, estendeu-se depois a múltiplos parentes que Garcia de Orta referiu ter noutros portos da Índia e talvez na Europa. A possibilidade de uma rede concreta de personagens emergia da leitura dos *Colóquios*. O mundo virtual que os diálogos entre Orta e Ruano testemunhavam podia, afinal, corresponder a uma realidade. Figurantes com nomes fictícios mas verosímeis, dezenas de informadores, servos, empregados, feitores, boticários, médicos, soberanos e

investigador detectou e corrigiu algumas incongruências relatadas por Silva Carvalho. I. S. Révah. "La famille de Garcia de Orta", pp. 407-420.

¹⁶⁷ O pai de Orta morreu em 1521.

¹⁶⁸ Catarina de Orta e Leonel Peres (Gonçalves) tiveram dois filhos: Duarte Peres (Gonçalves) e Filipa Gomes, que casou com Bastião Mendes.

religiosos que atravessavam a obra, pareciam cruzar a vida do médico dando-lhe uma nova leitura.

Após a morte do físico, Isabel de Orta regressou a Lisboa. Catarina de Orta foi presa, em Goa, em 26 de Outubro de 1568, por mandado de Aleixo Dias Falcão, e alvo de cerrado interrogatório, tendo sido condenada em 25 de Outubro de 1569.¹⁶⁹ No decorrer do processo, muitos dos familiares e amigos que gravitavam em torno da casa de Orta foram inquiridos. Alguns foram libertados. Outros condenados. As versões contraditórias que iam facultando sobre a vida do médico, contribuíram para criar um clima de suspeição em torno do seu nome.

Aparentemente, Brianda de Solis nunca foi incomodada pelo Santo Ofício. Silva Carvalho admitiu que a viúva e as filhas deixaram Goa em direcção à Europa do Norte. O rasto dos Solis, assim como o trilha dos Orta, foram pacientemente seguidos por I.S. Révah.¹⁷⁰

Relativamente à biografia do médico, a investigação de Silva Carvalho culminou com a descoberta do Processo de Inquisição póstumo movido contra Garcia de Orta e assinado por Bartolomeu da Fonseca. No *Repertório Geral* pode ler-se: “Garcia dorta doutor xpão novo portugues defunto morador que foi nesta cidade por judeu entregue seus ossos a justiça secular. Relaxado.”¹⁷¹

Muitos dos estudiosos de Orta, apesar de contrariados pela evidência das provas, rejeitaram a versão exposta por Silva Carvalho. Luis de Pina e Abílio Martins, foram dois dos investigadores que mais veementemente recusaram a descrição do cripto-judaísmo de Garcia de Orta.¹⁷² A indignação do Padre Abílio

¹⁶⁹ *Processo de Inquisição de Catarina d’Orta* em Goa, nº1283 dos processos de Lisboa (ANTT). No âmbito da presente pesquisa consultámos apenas os processos reproduzidos na monografia que Silva Carvalho editou. Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, pp.226-237.

¹⁷⁰ A hipótese da fuga de Brianda de Solis para a Europa levantada por Silva Carvalho não foi, no entanto, confirmada pelas investigações de Révah: “Silva Carvalho croyait probable que la veuve et les filles de Garcia de Orta aient finalement rejoint une des communautés marranes ou juives de France, Angleterre ou Hollande, communautés dans lesquelles le nom de Solis est fréquent. Aucune donnée nouvelle n’est venue jusqu’ici transformer cette hypothèse en certitude. » I. S. Révah. “La famille de Garcia de Orta”, p. 408. Ver igualmente o contributo posterior de Anita Novinsky. “A família marrana de Garcia de Orta – o “correio” dos judeus”.

¹⁷¹ João Delgado Figueira, *Reportorio geral dos três mil e oitocentos processos*, fl 360 v.

¹⁷² Não deixa de ser curioso que Vitorino de Sousa Alves se baseie no trabalho de Abílio Martins para refutar publicamente a leitura de Silva Carvalho, afirmando: “Mas hoje a crítica, mais

Martins com o trabalho de Silva Carvalho levou-o a escrever: “Existe, no espírito primário de muita gente, uma tendência fácil e simplista para fazer, de qualquer figura histórica oficialmente cristã mas com sangue hebreu, um hipócrita e um covarde, como se o seu catolicismo não fosse mais do que um fingimento, e o disfarce das suas verdadeiras crenças se explicasse apenas pelo terror da Inquisição. Não dizemos que não tenha havido alguns desses casos. Todavia, qualquer que seja a nossa simpatia ou antipatia pessoal pela ‘gente da Nação’, não nos dá isto, sem mais, direito a caluniarmos injustamente personalidades reais, cuja lealdade e integridade de carácter são por de mais conhecidas.”¹⁷³

Num artigo curto e objectivo, o Padre Abílio Martins recusou a leitura redutora da imagem do médico sugerida pela investigação de Silva Carvalho, minimizando o valor do testemunho de Catarina de Orta, que considerou contraditório e insuficiente para provar a fragilidade de Orta. Baseando-se nas diversas provas que Garcia de Orta espalhou pela sua obra: a sua linguagem “sempre ouvi dizer que os pecados mais graves se haviam primeiro de confessar aos confessores.” (Orta, I:23); a familiaridade com os textos evangélicos “[Galeno] ao qual eu não sou digno de desatar as correias dos seus sapatos.” (Orta, II:144)¹⁷⁴; o interesse em esclarecer com um Bispo Arménio o significado dos “Reis Magos” (Orta, II:353); a admiração que manifesta em relação a um Frade de S. Francisco “digno de fé e virtuoso” (Orta, II:182); as críticas ferozes que dirigiu ao físico protestante Leonard Fuchs cujas obras “avorreciam” o médico (Orta, II:379); o perdão que alcançou para Sancho Pires (Orta, II:306) ou a grande admiração que manifestou relativamente ao “Mestre Francisco” e à Companhia de Jesus (Orta, II:120). Todos estes elementos deixados por Orta no seu texto foram usados pelo jesuíta para argumentar em favor do catolicismo sincero do médico português.

objectiva e sagaz, mostra a verdade da sua [de Garcia de Orta] inocência e sinceridade ortodoxas”, *Garcia de Orta*, vol 11,nº4, p.629.

¹⁷³ Abílio Martins, O catolicismo em Garcia de Orta. *Brotéria*, vol 77, pp. 35-46. O trabalho do Reverº Abílio Martins colheu numerosos adeptos entre os estudiosos de Orta, entre os quais se destaca António da Silva Rego e Luís de Pina.

¹⁷⁴ Há aqui uma clara alusão a uma frase de S. João Baptista “Esse vem depois de mim, mas eu nem sequer sou digno de lhe desatar as correias das sandálias.” que se encontra no Novo Testamento em João, 1:27. *O Novo Testamento*, Sociedade Bíblica, p.190.

Luís de Pina, por seu lado, estava tão convicto do catolicismo de Orta que atribuiu o processo de 1580 a um erro. Escreveu então: “Sabe-se que um iníquo e despropositado processo do Santo Ofício levou o seu tribunal a exumar os ossos do sábio médico e naturalista, para os queimar e deitar as suas cinzas ao Mandovi. Todavia, na obra de Garcia de Orta não faltam provas da sua crença e prática católicas.”¹⁷⁵

Tal atitude, parece, prende-se mais com o facto da versão de Silva Carvalho propor a imagem de um físico erudito mas dissimulado, oposto e retraído, fragilizado pela doença e pela indiferença da sua mulher, que, claramente se incompatibilizava com a figura do herói profundamente católico e respeitador da hierarquia religiosa descrito por Ficalho.

Outros autores, escusando-se a pormenores, limitaram-se a incluir nos seus ensaios o dado da condenação póstuma do médico, quase como se de uma nota avulsa se tratasse, sem que, aparentemente, tivesse tido qualquer influência nas suas pesquisas.

Em Outubro de 1934, realizou-se, na Universidade de Coimbra, o III Congrès International d’Histoire des Sciences. Entre os diversos textos que contribuíram para realçar a figura e a obra de Garcia de Orta, destacaram-se dois: o de Ricardo Jorge¹⁷⁶ e o de Tricot-Royer¹⁷⁷. Ricardo Jorge enalteceu o papel dos médicos portugueses de Quinhentos na implementação de práticas clínicas adequadas às especificidades dos territórios ultramarinos. Destacou o trabalho pioneiro dos físicos portugueses no desenvolvimento de uma medicina tropical, contrariando assim as teorias divulgadas pela literatura anglo-saxónica que salientavam a prioridade do contributo de Piso ou Bontius. Revelando conhecer as novidades veiculadas por Silva Carvalho, Ricardo Jorge não entrou em interpretações polémicas sobre facetas da personalidade de Orta, limitando-se a aceitar as evidências veiculadas pelos processos inquisitórios.

Ainda no âmbito desta abordagem, inscreve-se o minucioso trabalho de Luís de Pina que, procurando realçar o contributo indelével dos portugueses na

¹⁷⁵ Luís de Pina, “O método científico no luso-tropicalismo de Garcia de Orta”, p.634.

¹⁷⁶ Ricardo Jorge, “La médecine et les médecins dans l’expansion mondiale des Portugais”

¹⁷⁷ Tricot-Royer, “Les ‘Colóquios’ de Garcia d’Orta aux officines de Plantin à Anvers”

História da Ciência, realçou de modo particular, o contributo dos *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta.¹⁷⁸ Deixando para trás querelas biográficas, o médico direccionou a sua análise para o carácter excepcional da sua obra, inserindo-a num contexto global: o dos múltiplos contributos dos viajantes portugueses para o alargamento do conhecimento da matéria médica exótica, assim como para a descrição dos novos problemas sanitários que os trópicos reservavam.

Aparentemente, a nova personalidade de Orta descrita no trabalho de Silva Carvalho não perturbou de imediato os estudiosos. Esta só começou a ser contestada, alguns anos mais tarde, quando as vozes dos religiosos se levantaram para recusar a humilhação imposta pela interpretação de Silva Carvalho.

Estava-se então na década de 1960.¹⁷⁹ Este período foi, aliás, o mais prolífico em publicações sobre Garcia de Orta e a sua obra.¹⁸⁰ Por ocasião da comemoração do quarto centenário da edição goesa de *Colóquios dos Simples*, várias foram as manifestações em torno do médico e do seu livro. Para além da tão esperada edição fac-similada, levada a cabo em 1963 pela Academia das Ciências de Lisboa, organizaram-se números especiais de revistas, integralmente dedicados ao trabalho do físico.¹⁸¹

¹⁷⁸ Luís de Pina, "As ciências na História do Império colonial português (séculos XV a XIX)"

¹⁷⁹ Os Anos 60 foram marcados pela ocupação dos territórios portugueses pelas tropas da União Indiana. O colapso da presença portuguesa na Índia chocou muitos dos investigadores, que deixaram transparecer nos seus trabalhos a sua indignação. Foi nesta década que se assinalaram os 400 anos da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*. A Escola médico-cirúrgica de Goa, extinta oficialmente em 1963, fez questão de participar activamente nestas celebrações através da presença do seu director, João Manuel Pacheco de Figueiredo, no Instituto Vasco da Gama, em Goa, onde proferiu uma palestra que foi posteriormente editada na Separata de *O Médico*.

¹⁸⁰ Para além das publicações citadas, muitos outros artigos foram editados nesta década. As temáticas abordadas foram então as mais diversificadas, revelando o ecletismo da obra ortiana. Tomem-se os seguintes exemplos: Maximino Correia, "Garcia d'Orta e os *Colóquios*", pp.3-26; Costa Sacadura, "A propósito do IV Centenário dos *Colóquios dos Simples* de Garcia Dorta (1563-1963)", pp. 3-7; Abílio Martins, "A bananeira, Garcia de Orta e o Paraíso terreal", pp.280-293; João Manuel Pacheco de Figueiredo, "Colóquios dos Simples de Garcia d'Orta (1563-1963)", pp.7-31; Carlos Neves Tavares, "Garcia de Orta e os *Colóquios*", pp.11-25; M^a Helena da Rocha Pereira, "Louvores latinos aos *Colóquios dos Simples* e *Drogas*", pp.1-11; Fernando da Silva Correia, "Política sanitária. Uma lição de Garcia d'Orta" pp. 1-17; M.B. Barbosa Sueiro e J. Caria Mendes, "A descrição da cólera nos "*Colóquios dos Simples*" de Garcia d'Orta", pp.387-394; Maximino Correia, "Garcia d'Orta e a Anatomia, A citação de Vesálio", pp.160-173; Luís de Pina e M^a Olívia Rúber de Meneses, "Jacob Bôncio e as suas 'animadversões' aos *Colóquios dos Simples* e *Drogas da Índia*", pp.1-20.

¹⁸¹ Sobre o projecto de edição deste fac-similado *Vd.* Cap. 2.8. No entanto, convém, desde já, salientar a enorme importância desta edição. Para além de facultar aos estudiosos dos *Colóquios*

A Junta de Investigações de Ultramar publicou um número comemorativo da revista *Garcia de Orta*¹⁸², no qual participaram investigadores das mais diversas áreas.¹⁸³ O contributo pioneiro de Garcia de Orta para a emergência de variadas áreas de investigação, como a Botânica, a Zoologia, a Mineralogia ou a Farmacognosia foi assim, de forma algo anacrónica, sublinhado.¹⁸⁴ Neste número procurou-se também sistematizar a informação bio-bliográfica que até ali circulava dispersa.¹⁸⁵

O texto preliminar, assinado por Kruss Abecassis, o então Presidente da Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar, é esclarecedor quanto à diversidade de iniciativas projectadas no âmbito destas comemorações: “A instituição do Prémio Nacional Garcia de Orta para a investigação científica nos diferentes domínios do conhecimento abarcados nos Colóquios, [...] a primeira edição em versão portuguesa do *Tractado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales* de Cristóvão da Costa, a primeira edição traduzida para português da *Aromatum et Simplicium aliquod Medicamentorum apud Indus Nascentium Historia*, de Charles L’Écluse, constituem, com o presente número especial da revista, o elenco dos actos comemorativos que, sob a esclarecida

uma cópia fiel do texto quinhentista, cedeu-lhes um texto liberto da leitura de Ficalho. A ampla possibilidade de acesso ao texto original de Garcia de Orta, permitiu aos investigadores uma relação pessoal com a palavra do médico. Este facto veio a permitir novas interpretações do texto.

¹⁸² Apesar de sair do âmbito da presente investigação, não deixa de ser curioso o facto de se ter escolhido o nome de Garcia de Orta para apadrinhar esta publicação que, desde o início da década de 1950, trazia a público os resultados das investigações levadas a cabo pelos técnicos portugueses destacados em múltiplas Missões Geográficas. As diversas *Séries* da revista: *Zoologia*, *Farmacologia*, *Botânica*, *Estudos Agronómicos*, *Geografia*, *Antropologia* e *Geologia*, atestavam a diversidade de áreas científicas propostas por este projecto editorial. O número comemorativo publicado em 1963 pretendeu, em parte, ilustrar o contributo pioneiro da obra de Orta para cada uma destas disciplinas.

¹⁸³ *Garcia de Orta. Revista da Junta de Investigações do Ultramar*. Número especial comemorativo do quarto centenário da publicação dos Colóquios dos Simples. Vol 11. nº4. 1963. Para este número especial foram reunidos os contributos de Kruss Abecassis, Jayme Walter, Vitorino Sousa Alves, Luis de Pina, António Silva Rego, Carlos Neves Tavares, Fernando Frade, Carlos Torre de Assunção, Albano Pereira Junior, José Pedro Machado, José Pereira de Oliveira e Alberto Iria.

¹⁸⁴ Carlos Neves Tavares, “A botânica nos “Colóquios “ de Garcia de Orta”, pp. 677-694, Fernando Frade, “Os animais e seus produtos nos “Colóquios” de Garcia de Orta”, pp. 695-714, Carlos Assunção, “A Mineralogia nos *Colóquios*”, pp.715-722 e Albano Pereira Junior, “Garcia de Orta pioneiro da Farmacognosia”, pp.723-754.

¹⁸⁵ Esta parece ter sido a finalidade dos ensaios publicados por Jayme Walter. “Garcia de Orta – relance de uma vida. *Garcia de Orta*”, pp.619-622; Alberto Iria, “Dos biógrafos portugueses de Garcia de Orta (nótulas bibliográficas)”, pp. 833-856 e Jayme Walter, “Bibliografia principal”, pp.857-875.

orientação de Sua Excelência, o Ministro do Ultramar, a Junta de Investigações decidiu empreender para enriquecimento do património e serviço do prestígio culturais do País.”¹⁸⁶

O programa destas comemorações foi assim solidamente ancorado num projecto político mais amplo, com o objectivo de afirmar e valorizar a investigação científica nacional.

Também a Sociedade de Geografia de Lisboa participou nesta evocação, dedicando um número do seu *Boletim* à vida e obra do médico.¹⁸⁷ Nele colaboraram, com os seus trabalhos, especialistas das mais diversas áreas científicas. Destacaram-se assim os contributos de João de Carvalho e Vasconcellos, na Botânica, António de Almeida, na Antropologia, Rosalina da Silva Cunha e Freitas Simões, nas notas biográficas, José Pedro Machado, na Linguística além de Perry Vidal, entre outros.¹⁸⁸ No entanto, nenhum destes trabalhos trouxe quaisquer elementos novos ao traçado biográfico de Garcia de Orta.

Neste contexto festivo foram editadas outras publicações que enaltecem a genialidade do trabalho do médico¹⁸⁹ e do seu contributo para a que então designaram de Medicina Tropical¹⁹⁰, sem que, no entanto, tivessem surgido novos detalhes a esclarecer o seu percurso de vida.

Foi precisamente este contributo pioneiro na área da medicina ultramarina que lançou Garcia de Orta na literatura internacional. Charles R. Boxer concorreu de forma clara para libertar Orta das querelas da historiografia

¹⁸⁶ Carlos K. Abecassis, “*Garcia de Orta*”, p.616.

¹⁸⁷ *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Série 81^a-nº 7-12. Julho-Dezembro de 1963.

¹⁸⁸ João de Carvalho e Vasconcellos. “A botânica nos Colóquios de Garcia d’Orta”, pp. 171-186; António de Almeida. “Da Antropologia nos ‘Colóquios’ de Garcia de Orta”, pp.187-202; Rosalina Silva Cunha. “Notícias e comunicações: Garcia de Orta, Tipo clássico do sábio do século XVI”, pp. 219-220; Fernando de Freitas Simões. “Garcia d’Orta”, pp.131-150; José Pedro Machado, “Elementos arábicos no vocabulário técnico dos ‘Colóquios’ de Garcia d’Orta”, pp.151-170 ou Frederico de Sá Perry Vidal. “Notícias e comunicações: Garcia de Orta e o fascínio da Índia”, pp.221-222, entre outros.

¹⁸⁹ José Lopes Dias, “O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d’Orta”, pp.5-34.

¹⁹⁰ Luís de Pina, “Garcia de Orta e a Verdade”, pp. 3-26.

nacional, colocando-o, ao lado de Monardes, como precursor de uma abordagem que revolucionou o saber médico de Quinhentos.¹⁹¹

Um dos objectivos de Boxer foi o de, aproveitando a ocasião celebratória, dar a conhecer à comunidade científica internacional o novo perfil que, desde a publicação de Silva Carvalho, se desenhava para Orta. Como escreveu,

“It is my chief object this evening to make a belated response to Roddis’s appeal by drawing your attention to the figure of Dr. Garcia d’Orta as he really was, and not as he is commonly represented as having been.”¹⁹²

Resumindo depois os novos dados divulgados por Silva Carvalho, afirmou: “I have dealt at some length with d’Orta’s biography, because Dr. Silva Carvalho’s book has been largely ignored. The traditional version perpetuated – in perfect good faith – by the Conde de Ficalho and Clements Markham still holds the field in most books which mention d’Orta. This traditional version is resumed in the words of Dr. Gerson da Cunha, which have been quoted approvingly by Roddis and other subsequent writers: “Garcia da Orta died bachelor in Goa, about 1570, aged eighty. The lord of the manor of Bombay lived thus to a ripe old age, receiving the love and regard of all in the splendid dignity of his venerable age. [...] Garcia da Orta lived long and died happy. That is short but true epitaph.”¹⁹³

O texto de Boxer tornou oficial uma leitura renovada da biografia de Orta. Nesta, já não se encontrava nem o tom bucólico de Ficalho, nem o do poderoso *Homero* de Gerson da Cunha. Foram apagadas as hesitações do médico de Silva Carvalho e as ofensas causadas ao eminente físico de Luis de Pina ou Abílio Martins.

¹⁹¹ Charles Boxer, *Two pioneers of tropical medicine: Garcia d’Orta and Nicolas Monardes*. The Hispanic and Luso-Brasilian Councils. Londres. 1963. Para além do referido artigo de Roddis e do texto introdutório à versão inglesa *Colloquies on the Simples and Drugs of India*, de Sir Clements Markham, publicado em Londres, em 1913, o texto de Boxer foi dos poucos artigos da historiografia anglo-saxónica a dedicar atenção à obra de Garcia de Orta.

¹⁹² Charles Ralph Boxer, *Two pioneers of tropical medicine*, pp. 5-6.

¹⁹³ Charles Ralph Boxer, *Two pioneers of tropical medicine*, p. 11.

Boxer escreveu uma nota biográfica onde realçou a ascendência judaica do médico, identificando os seus familiares mais próximos. Referiu os seus estudos médicos nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, assim como a sua passagem pelos Estudos Gerais de Lisboa. Salientou a importância das relações que Orta estabeleceu, em Portugal como no Oriente, para a evolução do seu percurso. Identificou alguns dos protectores que amparam o seu nome junto de D. João III. Sublinhou o desafogo financeiro que alcançou na Índia, destacando a sua facilidade de estabelecer diálogo com as gentes locais e a habilidade para os negócios. Identificou, enfim, Orta, como um dos grandes nomes do panorama científico português. Para o investigador, Garcia de Orta foi um dos portugueses mais eruditos que viveram na Índia no século XVI. Este físico sábio, com grande aptidão para o trato, proprietário de uma embarcação, possuidor de uma imponente *livraria*, uma invejável colecção de exótica e de um jardim botânico sem comparação na Europa, foi assim apresentado, na comunidade internacional, aos leitores e estudiosos que pretenderam melhor compreender *Colóquios dos Simples*.

O tratado de Orta, que Boxer considerou, a vários títulos, excepcional, marcou um ponto de viragem na modalidade de abordar a matéria médica do Oriente.¹⁹⁴ Confrontando o saber fixado nos textos com o conhecimento adquirido pela observação directa ou conferido por informantes dignos de fé, Orta desafiou o saber médico-botânico em circulação na Europa, propondo uma leitura mais ampla, capaz de integrar as experiências clínicas que adquiriu no Oriente com físicos árabes e gentios.

Ciente da multiplicidade de mitos que integrava os compêndios de matéria médica pelos quais estudava, Orta corrigiu muitas das informações neles constantes, reformulando o saber por eles veiculado. Baseando-se na sua experiência, Garcia de Orta afirmou a sua inequívoca autoridade.

¹⁹⁴ Segundo Boxer, *Colóquios dos Simples*, tal como a obra de Monardes relativa às Índias Ocidentais, foram pioneiras, tendo proposto uma maneira diversa de encarar as práticas médicas e terapêuticas nos territórios ultramarinos. Para este investigador, as obras destes físicos ibéricos contribuíram para o entendimento da especificidade de algumas doenças tropicais, levando ao estabelecimento de uma vertente da Medicina que, tal como Roddis, apelidou de 'Tropical'.

As qualidades humanas e científicas de Orta foram assim salientadas e justificaram plenamente o valor que, desde a edição *princeps*, se reconheceu ao seu texto.

Até à data, não foram encontrados quaisquer outras evidências respeitantes à biografia de Garcia de Orta, sendo a versão fixada por Boxer considerada como uma referência.¹⁹⁵

Munido do estudo de Ficalho e da edição crítica de *Colóquios dos Simples* que publicou em 1891-1895, o século XX, seguindo a sugestão de Roddis, viu surgir logo desde a década 1930 diversos trabalhos que, evocando a partida de Orta para Oriente, sublinharam o valor do seu tratado para a História da Ciência.

Desta rápida abordagem historiográfica aos estudos publicados no século passado sobre Garcia de Orta e a sua obra podemos extrair algumas ilações. Em primeiro lugar, parece claro que a grande maioria das publicações se concentrou em dois momentos festivos: um primeiro, em 1934, evocando o 4º Centenário da partida de Orta para o Oriente; e um segundo, em 1963-1964, que pretendeu assinalar a passagem do 4º Centenário da edição de *Colóquios dos Simples*. A humilhação que as tropas da União Indiana tinham provocado entre os portugueses parece ter levado os autores destas publicações a sublinhar o contributo indelével deste médico lusitano para uma História Científica, evidenciando assim o direito e valor ancestral da presença lusa naqueles territórios.

Conciliando trabalhos oriundos das mais diversas áreas das Ciências Naturais, a Revista *Garcia de Orta* e o *Boletim da Sociedade de Geografia* divulgaram, em 1963, os mais recentes estudos sobre Orta e elucidaram o papel precursor da sua obra para a emergência das diversas áreas das Ciências da Natureza. Também a revista *O Médico* dedicou diversas separatas ao físico, nas quais as vertentes de clínico, de promotor da saúde pública e de investigador foram sublinhadas. A Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa assim como a Escola Médico-cirúrgica de Goa, fizeram questão de participar nos eventos e salientar a sua colaboração nestas comemorações.

¹⁹⁵ Ver, por exemplo, a entrada de Garcia de Orta redigida recentemente por António Andrade em: Adriano Prosperi, *Dizionario storico dell'Inquisizione*, vol.2, p.1147.

Muitos autores, na sua maioria médicos, evidenciaram o carácter pioneiro de *Colóquios dos Simples* para a Medicina Tropical. Este contributo vinha, aliás, a ser realçado desde meados da década de 1950, tendo então sido publicados, de forma persistente, diversos artigos. A inauguração, em 1958, da estátua de Garcia de Orta, à entrada do Instituto de Medicina Tropical, em Lisboa, foi a face mais visível desta evidência.

A publicação da edição fac-similada de *Colóquios dos Simples* pela Academia das Ciências de Lisboa, assim como das versões portuguesas de *Aromatum et Simplicium* de Clusius e do *Tractado de las Drogas* de Cristóvão da Costa, trouxe ao público português, erudito ou curioso, o acesso às principais obras impressas no século XVI sobre botânica asiática.

Apesar de muitos evidenciarem o contributo de *Colóquios dos Simples* para a evolução das Ciências Naturais, foi “o clínico” e “o investigador” que o século XX mais realçou. O médico erudito, profundamente conhecedor dos textos e amante da verdade, estabeleceu-se, finalmente, como a imagem de Garcia de Orta. No entanto, foi, quanto a nós, um médico do século XVI com preocupações e métodos de trabalho oriundos do século XX. Só muito recentemente, a historiografia se desligou das leituras biográficas do médico e começou a olhar para o contributo de Orta partindo do seu testemunho como o de um físico do Renascimento.

2. Histórias da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*, Goa, 1563

Muito pouco se sabe sobre a publicação da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563). Os volumes da obra de Garcia de Orta, guardados em algumas bibliotecas, parecem ser as únicas pistas que, de momento, nos podem conduzir aos meandros das oficinas goesas.

Procurámos conhecer a indústria tipográfica de Goa. Tentámos compreender quando e em que condições se instalou na capital da Índia portuguesa. Tendo verificado a heterogeneidade ortográfica dos volumes de *Colóquios dos Simples* analisados, intentámos justificar este facto. Importava, para tal, conhecer o(s) tipógrafo(s) e identificar eventuais momentos relevantes no(s) seu(s) percurso(s) que pudessem justificar o estado final da obra. Interessava também conhecer o pessoal contratado pelo ateliê, a sua motivação e o brio com que desenvolviam a sua actividade. Infelizmente obtivemos poucos dados. O que de seguida apresentamos é uma leitura possível do que se pode ter passado durante a edição da obra de Garcia de Orta.

Aparentemente, obra chegou às mãos do médico já em estado final. Por motivos que desconhecemos, tudo indica que Garcia de Orta não interveio de forma directa durante os trabalhos de impressão. A sua intervenção parece ter ocorrido apenas no final do processo, quando o volume já estava impressa.

Os volumes analisados nas bibliotecas portuguesas, francesas, italianas e inglesas, descobriram uma grande diversidade. Cada exemplar surgiu-nos, como único e revelador do percurso acidentado desta edição. Impõe-se assim a continuação da análise de outros exemplares localizados nas bibliotecas europeias e americanas. Estabeleceu-se já um protocolo de análise dos volumes, que permite ir directamente aos *pontos-chave* da edição. Estes momentos críticos, identificados pela análise comparativa de alguns exemplares, poderão elucidar aquele projecto de edição.

2.1. Breves considerações sobre a edição *princeps*

2.1.1. A obra

Coloquios dos simples, e/ drogas he cousas mediçinais da India, e/ assi dalgũas frutas achadas nella onde se/ tratam algũas cousas tocantes amediçina,/ pratica, e outras cousas boas, pera saber/ cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto/ Reverendo senhor, ho liçençado/ Alexos diaz : falcam desenbar-/gador da casa de supricaã/ inquisidor nestas partes./ ¶ Com privilegio do Conde viso Rey./ Empresso em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril de 1563. Annos.

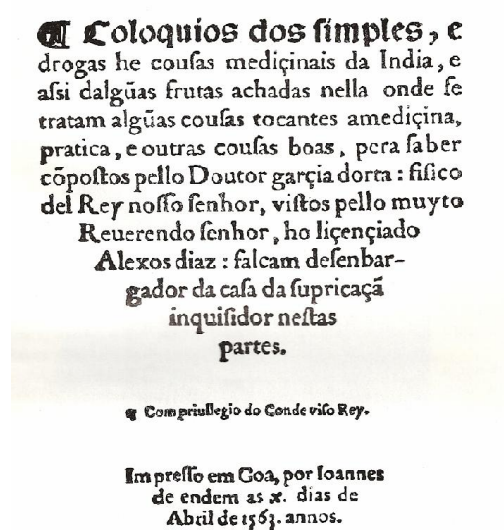


Figura 1 - Folha de rosto de *Colóquios dos Simples*, (Goa, 1563), de Garcia de Orta

Anselmo classificou o volume como um “4º, [7], 249, [1 br], 210-217 fl – 25 a 27 linhas – s. recl. – num. dalgumas fol. Errada”.¹⁹⁶ A sequência algo caótica das folhas,

¹⁹⁶ António J. Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, P. 151. A obra foi igualmente descrita, entre outros, por Ruth Holmes, *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection*, pp.23-26; D. Manuel II, *Livros antigos portugueses*, p. 644; Antonio Palau y Dulcet, *Manual del librero Hispano-Americano*, p.106 ; Charles Ralph Boxer, *A tentative*

incómoda para cada leitor da obra, constitui um tema analisado mais à frente. Scholdberg complementou a sua análise do volume da Indiana University Library com uma informação relevante: “two extra leaves repeating numbering of leaves 18 and 22”. A observação deste autor revela-se da maior importância, dado que a presença destas duas folhas não ocorre em todos os exemplares analisados.

No entanto, as irregularidades gráficas abundam nas descrições desta obra, editada em Goa. Os descritivos dos exemplares presentes na Bibliothèque Nationale (Paris), no Institut de France (Paris), na Biblioteca Pública de Burgos, na Biblioteca Nazionale Universitaria de Turim ou na Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) sugerem a existência de variantes da versão original da obra. Os problemas de paginação, de substituição ou de falta de folhas aconselham uma análise detalhada de cada volume em busca de justificações.

De um modo geral, o volume de 14 x 20 cm é constituído por 129 cadernos de 8 folhas cada, à excepção do caderno C que, na por vezes, possui 10 folhas. O papel, de boa qualidade, em certos exemplares revela origens distintas. Muitos descritivos referem-se a 7 folhas no caderno dos textos preliminares, o que causa alguma estranheza, na medida em que todos os outros cadernos possuem um número par de folhas: cada caderno de oito folhas é formado por dois cadernos de quatro folhas, estando um encartado no outro. Apesar de os cadernos estarem cosidos uns aos outros, a costura principal verifica-se no meio do caderno, entre as folhas 4 e 5.

As questões suscitadas pela observação dos diferentes exemplares propõem assim uma análise do grafismo da obra e uma pesquisa sobre as oficinas em que esta foi impressa. Se bem que Wallace Kirsop proponha um número mínimo de 20 exemplares para que a análise se possa considerar válida, o nosso objectivo é efectuar uma amostragem tão vasta quanto nos for possível dos momentos considerados decisivos em cada exemplar localizado.¹⁹⁷

check-list of Indo-Portuguese imprints, p.567-599; H. Scholdberg, *Bibliography of Goa and the portuguese India*, pp.210-211 ou no *Catálogo dos impressos de tipografia portuguesa do século XVI*.

¹⁹⁷ Wallace Kirsop, *Bibliographie matérielle et critique textuelle*, p. 36.

2.1.2. Tipografias de Goa

O início da actividade editorial em Goa coincidiu com a chegada, em 1556, do jesuíta valenciano Jorge de Bustamante. Segundo consta, o jesuíta montou no Colégio de S.Paulo, em Goa, uma oficina tipográfica levada de Portugal, com a ajuda de João Gonçalves e de um hábil indiano.¹⁹⁸ A autonomia editorial da Companhia de Jesus, no Oriente, complementava a sua actividade missionária.

A partir de 1557, a Índia foi dotada de tipografias em Goa, Rachol, Cochim, Vaypicota, Punicale e Ambacalate. No entanto, ao afirmar que nestas oficinas os trabalhos editados “ne furent guère que des catéchismes ou livres de prières”, Bernard-Maitre deixou para trás a particularidade das obras publicadas na oficina de Endem.¹⁹⁹

Alguns sugeriram que o tratado de Orta foi publicado na oficina de Bustamante.²⁰⁰ Na Figura 2 apresentamos o exemplo da página de um impresso proveniente dos prelos jesuítas. O confronto da capital ornamentada e dos caracteres usados na oficina deste Colégio de Goa com os utilizados nas tipografias de Francisco Correa e João Endem (que apresentamos nas figuras 3 e 4) leva-nos a questionar a relação da tipografia da Companhia de Jesus com a impressão de *Colóquios dos Simples*.

¹⁹⁸ Manuel Cadafaz de Matos, “Humanismo e evangelização no Oriente no século XVI”, pp. 41-72.

¹⁹⁹ Bernard-Maitre *cit in* Lucien Febvre, Henri-Jean Martin, *L'apparition du livre*, pp.300-305.

²⁰⁰ Leão Fernandes *cit in* Manuel Cadafaz de Matos, “Humanismo e evangelização no Oriente no século XVI”, pp. 41-72.

2. Histórias da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*, Goa, 1563

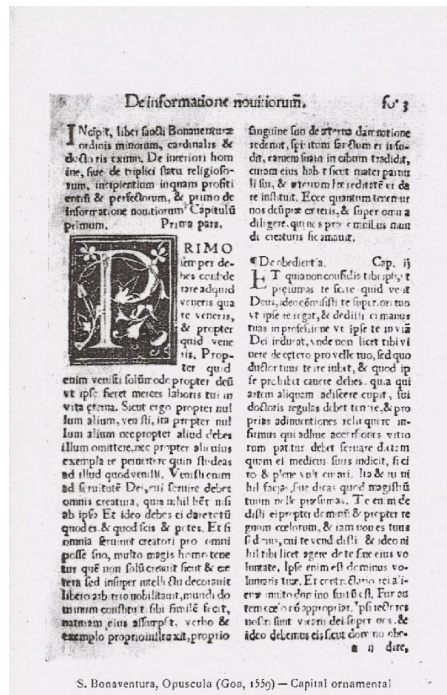


Figura 2 – Página de obra impressa em Goa, em 1559, na oficina de João de Bustamente. (Gaspar de Leão, *Desengano*, 1958, p.XLIX)

É hoje inquestionável a influência dos tipógrafos germânicos na instalação de gráficas em Portugal. De entre os muitos que instalaram as suas oficinas neste extremo ocidental da Europa, destacou-se João Blávio, um tipógrafo da confiança do Cardeal D. Henrique.²⁰¹ Entre 1558 e 1563, Blávio editou em Lisboa mais de 50 obras. Este alemão, natural de Colónia, tinha a oficina *no Beco de Gaspar das Naus e depois na Rua dos Escudeiros*.²⁰² Como se pode ler no *Livro 8 da Chancelaria de D. Sebastião* (14 de Maio de 1560) o rei concedeu ao tipógrafo uma mercê de 40.000 reais em cada ano, enquanto ele mantivesse a oficina de impressão na Índia. “A mercê concedida a João Blávio foi depois da sua morte mantida a seus herdeiros e testamenteiros, que não lograram muito visto as oficinas que Blavio possuía na Índia e em Lisboa terem

²⁰¹ Sobre a extensão da actividade editorial de João Blávio no Oriente ver, entre outros, em Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da typographia portugueza nos séculos XVI e XVII*, p. 72-73; António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, p.151; D.Manuelll, *Livros Antigos Portuguezes*, pp. 644-659.

²⁰² Jorge Peixoto, “Alemães que trabalharam no livro em Portugal nos sécs. XV e XVI”, p. 126. Ver também Ribeiro Santos, *Memória para a história da typografia portugueza*, p.122 e Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da typographia portugueza nos séculos XVI e XVII*, pp. 72-73.

sido arrendadas ao impressor Francisco Correa em 1564.”²⁰³ Apesar da autorização do soberano para desenvolver a sua actividade editorial no Oriente, a verdade é que não se conhece hoje qualquer volume editado na Índia sob a supervisão directa de João Blávio. Deste modo, supõe-se que no decorrer de 1560, Blávio tenha trespassado a João Quinquénio de Campânia a sua tipografia no Oriente. Este italiano, do qual pouco mais se adivinha do que as suas origens numa pequena aldeia encravada nas encostas montanhosas perto de Salerno e Nápoles, foi assim o primeiro tipógrafo a trabalhar nestas oficinas goesas, a quem se veio a juntar, no ano imediato, o alemão João de Endem.²⁰⁴ “Por morte de Quinquénio, Endem assegurou os trabalhos tipográficos até 1573, que foi, acaso por falecimento deste impressor, o último da sua existência. As impressões desta typographia se vendiam em Goa na loja do livreiro Fernão de Castilho, que ficava defronte dos açougues.”²⁰⁵

Estes tipógrafos editaram assim em conjunto, em Goa, apenas uma obra: *Compêndio espiritual da vida cristã*, da autoria de D. Gaspar de Leão Pereira, (Goa, 1561).²⁰⁶ Como sugeriu D. Manuel II, admite-se que, no biénio que mediou entre a publicação do *Compêndio espiritual*(1561) e os *Colóquios dos Simples*(1563), outras obras, mesmo documentos oficiais, tenham sido estampadas. Para o monarca, João Quinquénio teve por companheiro, e talvez aprendiz, João de Endem, nas mãos de quem, por aquele faltar ao entrar no ano de 1563, ficou a estampa dos *Colóquios dos Simples e drogas he cousas medicinais da India*.²⁰⁷ Assim, a primeira obra editada sob a exclusiva responsabilidade de João de Endem parece ter sido *Colóquios dos Simples*, de Garcia de Orta.

Muito pouco se pode escrever sobre este tipógrafo alemão. Atendendo ao seu nome, pode supor-se natural de Emden, pequena vila portuária, ancorada no Mar do Norte e banhada pelo rio Ems. Desde 1520, esta vila foi palco de intensas querelas

²⁰³ D. Manuel II. *Livros Antigos Portuguezes*, p. 647.

²⁰⁴ Anselmo admitiu que o *Tratado em que se mostrava pela decisão dos concílios* [pelo P. Gonçalo Rodrigues], Goa, 1560 tenha sido a primeira obra impressa por João Quinquénio de Campânia. António J. Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal*, p. 344

²⁰⁵ Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da typographia portuguesa nos séculos XVI e XVII*, p. 44-45.

²⁰⁶ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal*, p. 344. Ver também Diogo Barbosa de Machado, *Bibliotheca Lusitana*, vol. 2, p. 402.

²⁰⁷ D. Manuel II, *Livros Antigos Portuguezes*, p. 648 ; António Ribeiro Santos, *Memória para a história da typografia portuguesa*, p. 123.

religiosas. Johannes a Lasco (1499-1560), um nobre polaco residente em Emden desde 1540, ao qual foram conferidos poderes para zelar sobre os crentes evangélicos da Frísia Oriental, foi um dos mais radicais motores desta discórdia. O clima de instabilidade então vivido na região pode ter levado os habitantes de Emden a estabelecerem-se à beira do Reno, na *Rheinland*, nomeadamente em Colónia. Nesta cidade alemã, a indústria tipográfica estava bem desenvolvida. Muitos dos tipógrafos que ao longo do século XVI se estabeleceram na Península Ibérica, França, Suíça ou nas Repúblicas italianas eram originários desta região, pelo que não é difícil admitir que João de Endem, tal como João Blávio, tenha chegado a Lisboa a partir de Colónia. Pouco depois da instalação de João de Endem na Índia, João Blávio foi preso pela Inquisição de Lisboa e alvo de um “processo por se apartar da fé católica, por imprimir falsas bulas, etc”.²⁰⁸ Apesar deste sobressalto, a tipografia lisboeta continuou a trabalhar, sob a sua orientação, pelo menos até 1563. Um alvará de isenção sobre os *direitos de papel* concedido aos herdeiros de João Blávio, em 18 de Abril de 1564 permite-nos conjecturar que o tipógrafo teria entretanto falecido. Nesta altura, coube a Francisco Correa prosseguir a actividade editorial iniciada por Blávio.²⁰⁹ Negociando o arrendamento das tipografias de Blávio com os herdeiros do tipógrafo alemão, Correa, que desde 1549 se encontrava ligado às oficinas gráficas portuguesas, assegurou a continuidade da produção gráfica em Lisboa e em Goa.

Assim, se ainda restavam dúvidas sobre a origem do material tipográfico das oficinas de Goa, estas dissipam-se quando se coloca frente a frente o trabalho das oficinas de Lisboa e de Goa. Comparando, como sugere Ascensio, as letras ornamentadas e os caracteres redondos utilizados por Francisco Correa na *Chronica do felicissimo Rey D. Emmanuel* (Lisboa, 1565), com os elementos correspondentes nos *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563), que se apresentam nas figuras 3 e 4, podemos constatar que se trata de tipos semelhantes. Tal facto contribuiu para comprovar as relações acima apontadas entre as oficinas lisboetas e goesas.

²⁰⁸ Inquisição de Lisboa, Processo nº 1624. Publicado por Pedro de Azevedo, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol 7, pp.74-88. Cit in Jorge Peixoto, “Alemães que trabalharam no livro em Portugal nos sécs. XV e XVI”, p 127

²⁰⁹Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da typographia portugueza nos séculos XVI e XVII*, p.43.

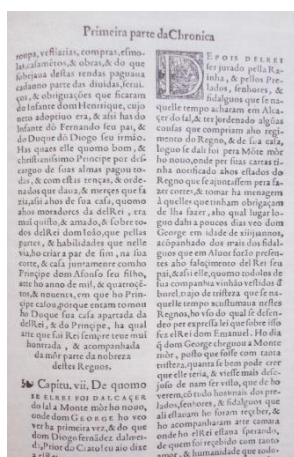


Figura 3 - Página da *Crónica del Felicissimo Rey D. Emmanuel*, por Damião de Góis (Lisboa, 1565) (D. Manuel II, *Livros Antigos Portuguezes*, p.6)

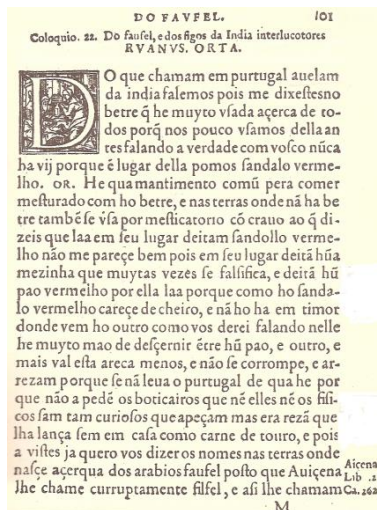


Figura 4 - Página de *Coloquios dos Simples...* de Garcia de Orta (Goa, 1563)

2.1.3. O Arcebispado de Goa

Em finais de 1560, após uma atribulada viagem, chegou à Índia D. Gaspar Leão Pereira, o primeiro Arcebispo de Goa.²¹⁰ Na mesma armada do prelado, seguiam os homens responsáveis pela implementação do Tribunal da Inquisição em Goa assim como dois gráficos. Qualquer que fosse a identidade destes dois homens, parece claro que “la

²¹⁰ D. Gaspar Leão Pereira foi nomeado em 1558 como primeiro Arcebispo de Goa. Desempenhou as suas funções em dois períodos : 1558 (1560)-1567 e 1572-1576.

imprenta de João Blavio fue a Goa por influjo de D. Gaspar, ya que todas las obras que de ella conservamos – con excepción de los *Coloquios* de Garcia de Orta – fueron compuestas, prologadas o intervenidas por el primer arzobispo de Goa”.²¹¹ Apesar de Quinquénio apenas surgir, como referimos, na obra de D. Gaspar publicada em 1561, João de Endem aparece em todas as outras. A última obra editada pelas oficinas de Endem corresponde à derradeira publicada pelo então Arcebispo : *O Desengano de Perdidos* (Goa, 1573).

Boxer procurou encontrar o paradeiro destas obras em que D. Gaspar esteve implicado. Nos catálogos que consultou deparou-se com a quase inexistência de exemplares.²¹² A possibilidade de se tratar de pequenas tiragens ou de estas se dirigirem sobretudo a um público local, o que faria com que as obras permanecessem no Oriente, poderia justificar este facto. Também a conservação do papel estava muito comprometida pelas condições naturais do meio. Na realidade, as oscilações regulares de períodos de secura e humidade, assim como a presença de microfauna voraz propiciavam, na Índia, a devastação dos volumes.

Este facto contrasta com o resultado da pesquisa que este estudioso efectuou em relação a *Colóquios dos Simples*. Na realidade, Boxer inventariou 24 exemplares nas bibliotecas públicas e privadas que inquiriu.²¹³ Ruth Holmes, ao referir-se ao exemplar de *Colóquios* presente na colecção de Oliveira Lima afirmou “this is a exceedingly scarce first edition of the famous work of Garcia de Orta”.²¹⁴ Se bem que seja considerado um livro raro, o número de exemplares localizados poderá ser substancialmente aumentado, se estendermos a pesquisa ao *fundo de reservados* das bibliotecas espanholas e italianas assim como a algumas *livrarias* privadas, às quais Charles Boxer não se referiu. De qualquer forma parece claro, que o interesse que despertou na época a obra de Garcia de Orta foi bastante mais notório do que o das

²¹¹ Gaspar de Leão, *Desengano dos Perdidos*, pp. LVIII-LIX.

²¹² *Iesu, compendio spiritual da vida cristã* (1561): 1 exemplar; *Tratado que fez Mestre Hieronimo* (1565): 4 exemplares; *Iesus, constituciones* (1568): 1 exemplar; *Iesus, o primeiro concilio* (1568) e *Livro chamado Desengano de perdidos* (1573): 1 exemplar. Ver: Charles Ralph Boxer, *A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints*.

²¹³ Charles Ralph Boxer, *A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints*, pp. 571-572.

²¹⁴ Ruth Holmes, *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection*, p. 23-26.

obras do arcebispado goês. Não deixa, no entanto, de ser importante realçar o interesse que D. Gaspar Leão Pereira concedeu ao projecto de Orta.

2.2. Aspectos gráficos de *Colóquios dos Simples*

A obra de Garcia de Orta é bastante imperfeita do ponto de vista gráfico. Em causa não está a qualidade do papel, os caracteres tipográficos utilizados ou as capitais ornamentadas.²¹⁵ Cada exemplar parece revelar uma pequena oficina gráfica artesanal, com pouca diversidade de *tipos*, preocupada com a publicação de um produto acessível (ou apenas sem vontade de grande investimento de capitais) embora apelando a recursos de qualidade. Apesar das gralhas, a qualidade da impressão é boa, o texto nítido e o papel excelente. Ao relacionar a globalidade das obras produzidas na tipografia de Endem, Anselmo afirmou que nela foram impressas “uma meia dúzia de obras, em caracteres redondos e impressão pouco cuidada”.²¹⁶ Atendendo à raridade e dificuldade de acesso às outras publicações desta tipografia, não nos foi possível analisar as restantes obras editadas por Endem, pelo que não podemos comparar a qualidade gráfica dos diferentes livros. Deste modo, limitámo-nos a descrever os incidentes que verificámos em *Colóquios dos Simples*.²¹⁷

Se falamos de anomalias de composição, não nos referimos apenas à paginação irregular, à introdução inesperada de folhas nos cadernos ou aos capítulos mal identificados. Pensamos também na incómoda, e certamente dispendiosa, Errata de 20 páginas, onde Garcia de Orta referenciou uma a uma, as 483 imprecisões, lacunas, erros ortográficos e gralhas tipográficas que considerou mais relevantes. A falta de cuidado na produção do tratado foi brevemente justificada pelo licenciado Dimas Bosque que, no texto preliminar, dirigiu ao leitor um lacónico: “teve nã ãpresam algús erros, por faltar o prinçipal, empresario e ficar a obra em mãos dehú homê seu

²¹⁵ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta no seu tempo*, p. 368.

²¹⁶ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, p. 151.

²¹⁷ Para a análise da edição goesa recorremos ao exemplar fac-similado de *Colóquios dos Simples*, editado em 1963 pela Academia das Ciências que citaremos de forma abreviada: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl.

cõpanheiro que no era ainda mui destronaarte do enprimer, e pouco corente no negoçio da empresam.”²¹⁸

Neste pequeno trecho, o médico valenciano aludiu a mais do que um tipógrafo. Havendo o “prinçpal empresor”, não será de considerar a possibilidade da existência de outro tipógrafo? Que razão de fundo levou o principal impressor a confiar o trabalho a um seu companheiro, aparentemente pouco familiarizado com as artes gráficas? Neste caso faz-nos todo o sentido a hipótese levantada por D. Manuel II, que identificou o principal impressor com João Quinquénio.²¹⁹ Como propôs o estudioso, o impressor italiano, por “faltar ao entrar o ano de 1563” teria deixado nas mãos de Endem a impressão do projecto de Orta. Esta explicação parece-nos satisfatória.²²⁰ Quinquénio poderia então ter planificado a execução da obra mas não chegaria a finalizar a sua publicação. Convém ainda salientar que “companheiro” era um termo então utilizado neste ofício para designar jovens artífices, que apesar de já não se considerarem “aprendizes”, ainda não eram mestres. A grande maioria dos aprendizes estava ao cuidado do mestre tipógrafo, dos 12 aos 19 anos. Em função da sua habilidade e das suas capacidades técnicas podia vir a desempenhar importantes funções na oficina. Apesar de se encontrarem acima dos aprendizes e de trabalharem a seu lado, os artífices que chegavam a companheiros permaneciam ao serviço dos seus mestres cerca de dois anos, como “serviteurs alloués”.²²¹ A sua situação laboral era instável, não havendo quaisquer garantias de continuidade no trabalho. Em caso de doença ou de clara competição com um hábil aprendiz, o “companheiro” podia, inadvertidamente, perder o seu lugar. Muitos asseguravam o futuro, estabelecendo laços matrimoniais com a filha do tipógrafo ou do livreiro. Se identificarmos o “prinçpal empresor” a que se referiu Dimas Bosque com João Quinquénio, e o “seu cõpanheiro” com Endem, podemos supor que este último seria, à data da impressão

²¹⁸ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl.

²¹⁹ D. Manuel II, *Livros Antigos Portuguezes*, p. 648.

²²⁰ A respeito do trabalho da tipografia goesa, Boxer propôs outra explicação: “Presumably the German masterprinter, João de Endem (Johann of Emden) was absent through illness or some other cause while most of the book was being printed, and the work was left to a partially trained apprentice. Nor was this all. As often happened, with sixteenth-seventeenth century books [...] sheets were evidently printed before having them checked against copy to discover errors [...] So a lot of uncorrected pages were printed for the book while the text was being checked” Charles Ralph Boxer, *A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints*, p. 35.

²²¹ Anne-Marie Parent, *Les métiers du livre à Paris au XVIè siècle (1535-1560)*, pp. 175-184.

de *Colóquios dos Simples*, um jovem principiante na arte de imprimir, com pouco mais de vinte anos. Sobre o sucedido na tipografia goesa, naquele início da década de 1560 pouco podemos, com segurança, afirmar. Os poucos dados de que dispomos permitem-nos, no entanto, esboçar um cenário que justifique o peculiar estado em que *Colóquios dos Simples* foi posto a circular. Face ao desaparecimento de Quinquénio, provavelmente durante o ano de 1562, podemos admitir que Endem se socorreu da ajuda do Arcebispo de Goa. O alemão poderá assim ter recebido a ajuda do prelado que, aparentemente, o apoiou ao longo de toda a sua carreira de gráfico. Se por um lado parece ficar explicada a precoce ascensão de Endem à direcção da oficina, continua por justificar a falta de atenção do tipógrafo relativamente às especificidades da empresa que tinha então em mãos. No entanto, a desatenção do gráfico não parece justificar todas as anomalias que se encontram na obra.²²²

A descuidada revisão da ortografia insinua o afastamento de Garcia de Orta da oficina tipográfica no decurso dos trabalhos de impressão. Se o autor, ou alguém da sua confiança, tivesse tido acesso às cópias produzidas diariamente, certamente não teria ocorrido uma tão volumosa acumulação de erros ortográficos.²²³ Esta sua ausência do ateliê gráfico durante os trabalhos de composição e impressão é, quanto a nós, um aspecto que se reveste da maior importância para a compreensão do momento da edição. A análise dos exemplares goeses, mais do que uma questão técnica, suscita uma nova questão no já vago percurso biográfico do médico: onde estava Garcia de Orta durante o trabalho de edição de *Colóquios dos Simples*? Que razão o levou a não participar na revisão quotidiana da sua obra?

De qualquer forma, a presença de Garcia de Orta nas oficinas de Endem, apesar de desejável, não era indispensável. O médico, entre as visitas a doentes, a gestão dos

²²² Na segunda edição de *Colóquios dos Simples* (Lisboa, 1872), Varnhagem afirmou: “os erros da primeira edição são tantos que se poderia suspeitar que o autor entregara aos caixistas o seu manuscrito, sem rever nenhuma prova.” Esta possibilidade levantada pelo Visconde de Porto Seguro, apesar de algo incoerente com a elaboração, por Orta, da extensa errata, não deve ser totalmente descurada.

²²³ Como escreveu Parent: “Dans le meilleur des cas, l’auteur, s’il habite sur place, corrige rapidement les preuves qui lui sont fournies, chaque jour, au fur et à mesure de l’impression. Revenue chez l’imprimeur, la copie lui échappe complètement, les corrections suivantes lui étant trop chères pour être vraiment importantes et relevant entièrement de l’atelier. Aussi l’écrivain se plaint-il souvent de ne pas en l’avoir eu le plaisir de revoir son texte.” Anne-Marie Parent, *Les métiers du livre à Paris au XVI^e siècle (1535-1560)*, p. 123.

negócios, o acolhimento de forasteiros e a exploração da sua fazenda, já tinha demasiadas ocupações a preencher-lhe o dia. Possivelmente, Orta delegou em alguém da sua confiança o trabalho de correcção das eventuais gralhas. O resultado revelou-se, no entanto, decepcionante. Como escreveu Orta, “nestes erros da empresam que sam muytos, e algús delles podem mudar o êtendimento por onde he nesseçario que se leam” não esgotou a identificação da totalidade das faltas existentes.²²⁴ O médico terminou a Errata dizendo “outros muytos erros ha neste livro, que ho Autor aqui na poem, porque por estes se tiraram os outros, e mais porque sam craros pa emmedar”.²²⁵

Orta estava ciente da dificuldade que o seu texto, sobretudo pela estranheza dos conteúdos, podia trazer ao trabalho de gráficos menos cautelosos. Para além disso, o próprio manuscrito poderia complicar a tarefa dos artesãos. Pela análise do texto, admitimos que a redacção do tratado se realizou em tempos distintos. Na verdade, na obra identificámos grupos de colóquios que, pela similitude com que apresentam as referências, pela harmonia do seu ritmo discursivo ou pelo tipo de argumentação utilizado, parecem ter sido redigidos num mesmo momento. Outros, talvez colmatando lacunas de informação sobre determinada droga entretanto notadas, foram compostos posteriormente. A diferente estrutura e equilíbrio de cada um dos seus capítulos, sugere-nos que o tratado de Orta foi construído ao longo do tempo. É, por isso, plausível que o manuscrito original fosse composto por diversas caligrafias e, possivelmente, incluísse diferentes ortografias.

Mas, para além da eventual variedade de grafias presente no manuscrito, o conjunto de erros elencado por Orta, que à frente analisaremos, sugere o trabalho de um pessoal diversificado, talvez sazonal, não particularmente sensibilizado com as exigências ortográficas. Esta equipa heterogénea, familiarizada, sobretudo, com o léxico dos catecismos e cartilhas, foi desafiada pela abundância de termos “científicos” e pelo uso frequente de vocábulos arábios ou persas.

²²⁴Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963 fl. 229.

²²⁵Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 238v.

Falar de rigor ortográfico, na Índia de Quinhentos parece-nos até um pouco anacrónico. Se é verdade que os manuais de gramática de Fernão de Oliveira²²⁶ e de João de Barros²²⁷ já tinham então sido editados em Lisboa, pensamos que, caso fossem conhecidos pelos compositores tipográficos do Oriente, seriam considerados pouco relevantes.

Como abaixo demonstraremos, os erros assinalados por Garcia de Orta nem sempre correspondiam à grafia da palavra que encontrámos no texto.²²⁸ As variações são de diversa ordem e sugerem, como propusémos, uma intervenção tardia na correcção das provas. A presença, em alguns dos volumes analisados, de vocábulos que se encontram corrigidos, como foi proposto na Errata, leva-nos a aceitar uma intervenção de um corrector durante o trabalho de edição. No entanto, por se encontrarem diferentes formas da mesma palavra nos volumes analisados podemos admitir que houve várias intervenções e uma absoluta necessidade de aproveitar cada uma das provas efectuadas. Na verdade, a primeira intervenção poder-se-ia ter verificado imediatamente à saída das formas.²²⁹ Neste momento, o corrector confrontando as folhas com o manuscrito poderia propor algumas correcções. Como era prática, à medida que o funcionário conferia o manuscrito, lendo-o em voz alta, o corrector apontava as alterações a efectuar no texto.²³⁰ Este era então corrigido e as folhas desta tiragem (forma revista) eram enviadas ao autor para que este as analisasse. As folhas anotadas pelo autor eram depois devolvidas à oficina para que esta modificasse o texto. Das alterações entretanto efectuadas saía uma segunda tiragem de alguns cadernos e a renovação parcial ou total de outros. Convém salientar que, dada a raridade de uma matéria-prima, como era o papel, todas as folhas usadas eram enviadas para o encadernador. Desta forma, num mesmo volume podiam surgir reunidas, de forma aleatória, folhas da primeira tiragem, da versão revista e também da segunda tiragem. Dependendo da extensão e responsabilidade dos erros e do tipo

²²⁶ Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingua portuguesa*, 1536

²²⁷ João de Barros, *Grammatica da lingua portuguesa*, 1540

²²⁸ Vd. Cap. 2.3

²²⁹ Estas corresponderiam a uma 1ª tiragem.

²³⁰ Para a correcção das primeiras provas, realizada ainda na tipografia, o aprendiz lia o texto impresso em voz alta para que o mestre pudesse comparar com o manuscrito do autor. Este processo pode ter sido adoptado na oficina, sem que tenham previsto as consequentes discrepâncias gráficas. Ver, por exemplo: Phillip Gaskell, *A new introduction to bibliography*, p. 110-116 e Anne-Marie Parent *Les métiers du livre à Paris au XVIè siècle (1535-1560)*, p.122,

de contrato estabelecido entre tipógrafo e autor, os custos de correcção ficavam a cargo da oficina ou do próprio escritor, que por vezes era obrigado a fornecer o papel necessário para a redacção da Errata e da consequente conclusão dos trabalhos.²³¹

2.3. Análise da Errata

A Errata criava um elo privilegiado entre o autor e o seu auditório. A extensa lista de palavras autorizadas pelo escritor sobrepunha-se ao trabalho mecânico do tipógrafo.²³² Garcia de Orta não desperdiçou aquela oportunidade para se afirmar como o criador da sua obra. Antecipando-se a qualquer olhar menos benevolente que tentasse denegrir o seu trabalho, o médico reconheceu-lhe os limites e apontou sugestões de correcção imprescindíveis de considerar numa segunda edição.²³³ Através da vasta Errata, Garcia de Orta assumiu o papel de censor do seu próprio texto propondo as correcções dos erros contidos na obra. A auto-crítica constituía um mecanismo de afirmação da sua propriedade sobre o texto.

A complexidade deste documento em *Colóquios dos Simples* exigiu uma análise detalhada. Para além da tipologia dos erros que nela identificámos, pareceu-nos claro que, neste derradeiro diálogo que Orta estabeleceu com os seus leitores, o médico se lhes dirigiu de forma subtil.

A extensão da Errata obrigava o leitor a um aturado exercício de comparação de palavras e correcção de erros. Percorrendo o volume à procura dos vocábulos a rectificar, o leitor corrigia o texto. Para Orta, a verdade não se restringia à palavra escrita. A constatação de um termo mal grafado obrigava à sua correcção. Os erros,

²³¹ Philip Gaskell, *A new introduction to bibliography*, pp. 110-180.

²³² Sobre o papel da errata nas obras desta época ver: Seth Lerer, *Error and the academic self. The scholarly imagination, Medieval to Modern*.

²³³ Não deixa de ser curioso que a errata surja no fim da obra, após dois textos latinos: a carta dirigida por Dimas Bosque a Tomás Rodrigues e o epigrama de Tomé Caiado, e também antes da detalhada 'Taboada do conteúdo neste livro pello ABC das cosas de notar'. Inserida no interior do mundo dos eruditos, a errata poderia ser muito mais eficazmente compreendida. Note-se que todos os outros paratextos se encontram no início do livro, estão redigidos em português e apresentam a obra ao poder político e ao público em geral.

gramaticais, ortográficos ou conceptuais, deviam assim ser censurados. Orta ensinava cada leitor a corrigi-los mas precisava da sua cooperação para que uma nova verdade vingasse. O leitor a quem Orta se dirigia era também seu colaborador. Mais do que de leitores passivos, Orta precisava, naquele projecto editorial, de agentes activos. Ao longo de *Colóquios dos Simples*, Orta baseou-se no saber coligido por testemunhas para corrigir os erros impressos por outros. Aquilo que agora pedia aos seus leitores era que recorressem à própria experiência para validar a sua obra.²³⁴

As constantes idas e vindas ao longo do volume a que a Errata obrigava, a busca e correcção de palavras, mais do que criar desconforto e censura nos seus amigos, gerava cumplicidade entre leitor e autor. Como redigiu numa das entradas da Errata: “nas folhas 23 no princípio diz há nesta terra esta meezinha e asde acreçentar. OR. Porque doutra maneira não se pode êtender sem êntrar esta pesoa.”²³⁵ Mais à frente, explicou Orta “he logo mais auâte ade dizer. OR, Porque falece.”²³⁶ E um pouco mais abaixo acrescentou: “no meio da Regra 12 onde esta diz Aviçena ade estar primeiro q o diz OR. Porque doutra maneira não pode ser...”²³⁷ A meio da Errata, já saturado de tanta correcção, escreveu Orta: “regras 6 diz Ruano será acascadura e ade dizer he a cascadura e não ade dizer Ruano. Porque isto esta muito deprauado a se de olhar primeiro bem.”²³⁸ Desanimado com a negligência dos tipógrafos, Orta não quis deixar de notar estas falhas que comprometiam o entendimento.

A preocupação do médico com as gralhas e os erros ortográficos ficou bem patente ao longo de toda a errata. Não deixa, porém, de ser interessante salientar que a forma discursiva escolhida para corrigir as desatenções dos gráficos pressupôs a interacção com um leitor empenhado. A extensa Errata não parece ter sido redigida em vão. Orta, na verdade, contava com a curiosidade e sapiência do seu público ibérico, que ansiava por participar activamente na obra, tal como o tinham feito todas

²³⁴ Dos exemplares quinhentistas analisados constatámos que os leitores de *Colóquios dos Simples* começavam por corrigir o texto seguindo a errata. No entanto, ao fim de poucas folhas desistiam da tarefa. Exceptua-se o caso de Clusius, cujo exemplar analisámos em Cambridge, que seguiu as correcções propostas por Orta até ao Colóquio 10º. Este facto pode significar que, afinal, os erros apontados por Orta não eram tão graves como este fazia crer, já que, aparentemente, não incomodavam os seus leitores.

²³⁵ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 229v.

²³⁶ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 230v.

²³⁷ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 232v.

²³⁸ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 235f.

as outras personagens que ele fez entrar em acção. Assim, tirando partido da adversidade - a situação desastrosa em que Endem editou a obra - Orta continuou a implicar as gentes da sua confiança na construção do saber. O seu projecto, afinal, não se esgotou com a publicação de um texto. Garcia de Orta não prescindiu da preciosa ajuda destes elos invisíveis para a sua ampla e diversificada tarefa de reconfiguração do saber.

A partir da análise desta lista de palavras, procurámos compreender como ocorreu o processo de correcção da obra. Começámos por usar a Errata redigida por Orta. Pretendíamos corrigir, no texto, os erros identificados pelo médico. Para nossa surpresa, como acima salientámos, a grafia das lacunas apontadas pelo físico, em muitos dos vocábulos, não encontrava correspondência no corpo do texto. Para além disso, as palavras nem sempre eram corrigidas de acordo com a proposta do autor. De igual modo nos surpreendeu o facto de, numa mesma folha, alguns vocábulos terem sido emendados, outros não. O processo de correcção não se nos revelou coerente. Em cada volume, como dissemos, enquanto alguns cadernos evidenciavam um esforço por seguir as emendas propostas do autor, outros mantinham as gralhas originais.

Pareceu-nos, por isso, importante pesquisar mais a fundo este processo de rectificação do texto, que se nos afigurava relevante para a compreensão da história desta edição. Começámos por tentar reconstruir o exemplar que Orta usara na redacção da Errata. Através da reunião dos erros apontados pelo médico, reconstituímos, ainda que parcialmente, o exemplar que o físico teria usado na organização da corrigenda. Designámos este volume conceptual pelas letras GO.

Procedemos, então, à comparação termo a termo deste volume *virtual*, com outros exemplares goeses que consultámos.²³⁹

²³⁹ Considerámos nesta análise os seguintes exemplares goeses: FCB (Fundação Casa de Bragança), BNF (Biblioteca Nacional de França, Paris), IF (Institut de France, Paris), BNP (Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa) e BNT (Biblioteca de Turim). Mais à frente identificamos todos os exemplares estudados. Dada a impossibilidade de análise de tão grande quantidade de vocábulos, pelo importante manuseamento do volume que este estudo exige, nem todos os exemplares foram integralmente verificados e comparados. Para este trabalho, privilegiámos os volumes que se encontravam microfilmados.

Das 483 palavras identificadas como erros em GO, apenas 182 se encontravam nos textos analisados com a lacuna indicada. Os restantes 301 vocábulos tinham sido alvo de intervenção. Agrupámos estas três centenas de palavras corrigidas em dois grupos principais: um que englobava palavras homófonas: “Cõdo/Condo”²⁴⁰ ou “cotobelo/cotobello”²⁴¹; e outro que apresentava as palavras emendadas tal como Orta tinha proposto: “fostificada/fortificada”.²⁴² Notámos ainda que alguns dos erros resultavam de uma dificuldade óbvia de interpretação do texto manuscrito: “aburna/Avicena”²⁴³ ou “trombana/Trapobana”.²⁴⁴ Finalmente, verificámos que a maior percentagem de erros assinalada por Garcia de Orta se localizava nos primeiros 30 colóquios. Tal facto pode ter correspondido a um progressivo cuidado na impressão ou, muito simplesmente, a uma falta de vontade do autor em enumerar na Errata lacunas que já corrigira anteriormente.

No Quadro 1 apresentam-se as propostas de Orta para a correcção de algumas palavras assim como os vocábulos que lhes correspondem nos exemplares analisados.

Quadro 1 – Alguns erros assinalados por Orta na Errata e correcção encontrada em alguns exemplares

folha, regra	Onde se lê (GO)	Há-de ler-se	FCB/BNF/IF/BNP/BNT
2f,13	poode	pode	poode
3f,23	sumo	çumo	sumo
12f,6 *	avenrroes	Avenrrois	Averroes
23f,1	vale	val	Val/vale
23f,20 *	natinhão	nã ho tinhão	não tinham
34f,18 *	foe	foy	fue
40f,19 *	ventusidades	ventosidades	ventosidades
52v,15	pulipodio	Polipodio	pulipodio
62v,10 *	trocisquos	troçiscos	Troçisquos
64f,13	nauregando	nauegando	nauregando
72v,11	marcadores	Mercadores	marcadores
84f,15 *	rasmaninho	rosmaninho	rusmaninho
92f,17 *	genziuas	gêgiuas	gingivas
97f,1	chero	cheiro	chero
104f,4	suadouros	suadoiros	suadouros
112v,10	simente	semente	simente
114v,9 *	aministre	admaistrar	a dinistrar

²⁴⁰ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 229f.

²⁴¹ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 229f.

²⁴² Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 229f.

²⁴³ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 82f,r14.

²⁴⁴ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 88f,r19.

2. Histórias da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*, Goa, 1563

117f,11	avec:	Avicena	avec :
119v,15	comari	comori	comari
120v, 4	cortaza	corteza	cortaza
122v,21	provo	probo	provo
130f,14*	da massa	a maça	da maça
137v,3 *	açidentales	oçidētales	oçiodentales
140f,15	oustras	ostras	outras
145f,24	mugo	mungo	mugo
154v,21	ofiom	ofium	ofiom
163f,4 *	dominiquo	dominico	domenico
213f,2	pitagras	pitagoras	pitagras
218f,17	zeduaria	Zedoaria	zeduaria
224f,13*	fofio	fuchsio	fufio
224v,16*	auido	ouiedo	Ouido

Como se pode comprovar, algumas das palavras listadas apresentam a mesma grafia em GO e nos exemplares analisados, não tendo, por isso, sido corrigidas. Outras, que assinalámos com um asterisco, foram alvo de uma intervenção na tipografia.

Como se pode constatar, nem todas as alterações realizadas pelos gráficos conduziram à correcção desejada. A palavra “açidentales” ocorrida em GO foi corrigida para “oçiodentales” nos exemplares FCB, IF, BNP, BNF e BNT. Se bem que o “a” tenha sido substituído por um “o” o corrector integrou um segundo “o”, que veio causar um novo erro na palavra. Podemos, assim, por uma análise rápida, supor que houve intervenção de correctores durante a edição. Não se nos afigura, no entanto, que estes tivessem os conhecimentos de português adequados para levar a cabo, com êxito esta função.

2.3.1. Palavras com letras invertidas

Este aspecto mereceu também alguma atenção. Não foram muitas as gralhas deste tipo detectadas. O trabalho técnico, apesar de revelar algum descuido na paginação e no aspecto formal, parece razoavelmente bem realizado. Para além da maiúscula ornamentada que se encontra invertida no início do Colóquio 23 e do Colóquio 35, cuja posição foi corrigida em alguns exemplares, surgiram alguns casos de letras colocadas

ao contrário. Pela análise do Quadro 2, podemos verificar que o erro, em alguns dos casos, foi rectificado.

Quadro 2 - Palavras com letras invertidas

folha, regra	Onde se lê (GO)	Deve ler-se	FCB/BNF/IF/BNP/BNT
99f,7	lovand <u>o</u>	lavand <u>o</u>	Lavãdo <u>u</u>
107f12	ca <u>u</u> çadas	ca <u>n</u> sadas	ca <u>u</u> çadas
112f,24	o <u>n</u> tras	o <u>u</u> tras	o <u>n</u> tras
118f,2	asal <u>n</u> amento	asal <u>y</u> amento	asal <u>n</u> amento
179f,25	ç <u>e</u> nada	ç <u>e</u> yada	ç <u>e</u> yada

2.3.2. Omissão de palavras

Garcia de Orta, ao longo da errata anotou alguns saltos no texto. A maior parte dos casos referiu-se à identificação dos interlocutores que, por lapso, não foram assinalados, o que tornou o diálogo de difícil compreensão. Todas as versões analisadas apresentavam estas lacunas pelo que é de supor que não foram corrigidas.

2.3.3. Erros resultantes das dificuldades visuais de Garcia de Orta

Nos volumes analisados tivemos, por vezes, dificuldade em identificar algumas letras. Os “ss” eram muito semelhantes aos “ff” e os “gg” confundiam-se com os “zz”. Devido a uma desigual distribuição da tinta na placa gráfica tornou-se, por vezes, muito difícil distinguir o “c” do “ç”. Garcia de Orta pode, em algumas destas situações, ter proposto correcções a palavras que, na verdade, não estavam erradas.

No Quadro 3 apresentam-se alguns dos exemplos encontrados.

Quadro 3 - Erros resultantes de dificuldade de leitura

folha, regra	Onde se lê (GO)	Deve ler-se	FCB/IF/BNT
4 ^a fl	nelre	nelle	nelle
43v,21	seras	feras	feras
111f,14	cofidas	cozidas	cosidas
195f,20	fallo	falso	falso

2.3.4. Erros ortográficos identificados e eventualmente corrigidos

Este grupo de erros é, sem dúvida, o mais representativo. A análise de uma amostra significativa destas palavras revelou que houve intervenção durante o trabalho de edição. Esta correcção parece, como admitimos, ter sido tardia. A presença num mesmo exemplar, de cadernos corrigidos e por corrigir sugere que, para a construção de um volume, a integração de cadernos foi aleatória, o que aliás não é de estranhar.

As pilhas de cadernos, à medida que estavam prontas, iam sendo arrumadas. A compilação dos cadernos para a organização de um volume só tinha lugar quando o comprador o solicitava. Os livros, de barco ou em caravanas, viajavam sob a forma de cadernos para diminuir o peso do transporte, ficando a organização do volume para mais tarde.

Até hoje ainda não encontramos um livro globalmente mais correcto do que o outro. No entanto, uma coisa parece certa : o volume que Garcia de Orta analisou e que lhe serviu de base à construção da Errata era o mais deficiente. Pode-se, deste modo, concluir que a intervenção do autor na sua obra, apesar de tardia, revelou alguma eficácia.

No Quadro 4 apresentam-se alguns exemplos da intervenção *post-errata*.

Quadro 4 - Erros assinalados por Orta e devidamente corrigidos

folha, regra	Onde se lê (GO)	Deve ler-se	FCB/BNF/IF/ BNT/BNP
4f, 11	combaia	Cambaia	Cambaya
17v,12	Vitos	vistos	vistos
36v,15 (22)	catomas	xatamaz	xatamas
40f,19	ventusidades	ventosidades	ventosidades
41v,10	quãdo	quanto	quãto
41v,24	ortenta	oitenta	oitãta
54v,10	silivas	silabas	syllavas
67v, 3	aloacachofa	alcarchofa	alcachofa
74v, 5	harerqua	a çerca	ha serqua
84v, 3	sereia	çereja	sereja
88f,19	trombana	Trapobana	Trapovana
89v,24	aizamoxa	nizamoxa	vizamoxa
90v, 5	paendo	paçendo	pasendo
103v,2	nesseçario	neçessario	neseaçrio
103v,7	sem	cem	Sem/çem
104f,21 (22)	sãbasus	sãbacus	Sambasus/ sambacus
107f,16	hũ	hũa	Hũa/ hũ
116v,19	emgano	emganou	emganou
137v, 4	terris	terras	terres
146f, 1	barbaria	Berberia	berbaria
151v, 8	magastas	mangastãs	magastans
177f,14	antam	antes	antes
179v, 5	Siria	fria	fria
179v, 6	anasado	amasado	amasado
182v, 2	peralíticos	paralíticos	peralaticos
193f,16	Alepos	Alepo	Alep
196f,20	crista	cristam	cristã
203f,18	tamaribos	tamarindo	tamarinho
225f,26	vola	nova	vola

2.4. Análise dos Títulos

Cada colóquio foi identificado por um número. O numeral ordinal organiza os colóquios desde o 1º ao 15º.²⁴⁵ A partir do 16, e até ao 58, os números sucedem-se pelo cardinal correspondente. Na sequência desta numeração verificam-se alguns acidentes : o colóquio 25, “do cravo”, surge com o número 29²⁴⁶ e o colóquio 52 surge duas vezes consecutivas o que conduz, mais à frente, à falta do colóquio 55, já que Garcia de Orta passa do 54 para o 56.

Além destes pequenos acidentes, tudo se passa de forma relativamente homogénea na apresentação dos capítulos. Os interlocutores são identificados de formas diversas mas tal parece não se revestir de grande importância. O caso mais

²⁴⁵ Exceptua-se o nº 14 que é identificado como Colóquio 14 e não 14º.

²⁴⁶ O cravo é tratado na letra G (gariofilo). Se o cravo fosse apresentado na letra C corresponderia ao Colóquio 19.

difícil de explicar, e que se passa a expor, é a diversidade de formas com que surge a palavra “interlocutor”. Presente em quase todos os colóquios, a palavra apresenta, no entanto, dez grafias distintas. Esta multiplicidade parece sugerir a falta de cuidado do(s) compositor(es) mas pode também significar uma disparidade de ocorrências no manuscrito. Parece-nos particularmente estranho que não se procurasse grafar uma palavra como “interlocutor”, que surgiu em cada capítulo, de forma coerente.

No Quadro 5 apresentamos a dezena de formas que esta palavra tomou ao longo da obra assim como a variedade de critérios adoptada para designar os intervenientes de cada capítulo.

Quadro 5 - Análise de alguns aspectos dos títulos dos *Colóquios*

Colóquio	« interlocutores »	Orta/Ruano
1º	interlocutores	Orta Ruano
2º	interlocutores	Orta Ruano
3º	interlocutores	Ruano Orta
4º	interlocutores	Ruano Orta
5º	interlocutores	Ruano Orta
6º	interloquutores	Ruano Orta
7º	interlocutores	Ruano Orta
8º	interlocutores	Ruano Orta
9º	-----	Ruano Orta
10º	interloquutores	Ruano Orta
11º	-----	Ruano Orta
12º	-----	Ruano Orta
13º	-----	Ruano Orta
14	-----	Ruano Orta
15º	-----	Ruano Orta
16	entralocutores	Ruano Orta
17	entrelocutores	Ruano Orta
18	entrelocutores	Ruana Orto
19	entrelocutores	Ruam Orta
20	entrelucutores	Orta Ruana
21	interlucutores	Ruana Orta
22	Interlocutores	Ruanus Orta
23	entrelocutores	Ruam Orta
24	entrelucutores	Ruam Orta
25	emterlocutores	Ruam Orta
26	interlocutores	Rua Orta
27	entrelucutores	Ruam Orta
28	enterlucutores	Rua Orta

29	enterlocutores	Ruam Orta
30	jnterlocutores	Ruam Or
31	interlocntores	Ruam Or
32	enterlucutores	Rua Orta
33	enterlucotores	Rua Orta
34	ēterlucutores	Rua Or
35	ēnterlucntores	Rua Or
36	ēterlncutores	Rua Or
37	euterlucutores	Rua Or
38	euterlucutores	Rua Or
39	emterlucutores	Rua Or
40	entercutores	Rua Or
41	enterlucutores	Rua Or
42	emterlucutores	Rua Orta
43	ēterlucntores	Rua Or
44	ēterlucutores	Rua Or
45	emterlucutores	Rua Or
46	emtreluocutores	Rua Or
47	enterlucotores	Rua Or
48	emterlucutores	Ruano Orta
49	ēterlucutores	Ru Or
50	ēterlucutores	Ruano Orta
51	emterlucutores	Rua Or
52	emterlucutores	Rua Or
52	enterlucutores	Rua Or
53	enterlucutores	Rua Or
54	enterlucutores	Ruana Orta
56	enterlucutores	Rua Or
57	enterlucutores	Rua Or
58	interlucutores	Rua Or

Nos espaços assinalados com (----) a palavra “interlocutor” não se encontra referida.

2.5. Paratextos

2.5.1. Textos preliminares

No caderno de textos preliminares, para além da página de título, o volume de Garcia de Orta possui o privilégio do *Conde Viso Rey*, a dedicatória de Garcia de Orta *ao muy ilustre Senhor Martim Afonso de Sousa*, um poema *do autor falando co ho seu libro*, uma *ode de Camões ao Conde Do Redondo* e uma *carta dirigida pelo liçenciado Dimas Bosque ao leitor*. A grande maioria das referências que encontrámos identifica este caderno como um [7]. A existência de um caderno com nº impar de folhas coloca

algumas dificuldades práticas. Caso, efectivamente, se trate de um caderno de 7 folhas, o encadernador deveria ter optado por um sistema de agrupamento dos fólhos diferente de todo o resto da obra. Analisando diferentes volumes verificamos que nem sempre os textos preliminares foram agrupados seguindo a mesma sequência. O número de folhas impressas e em branco, sendo o mesmo, leva-nos a repensar a classificação dada. Na realidade, são necessárias 8 folhas para que os textos liminares se possam agrupar das diferentes formas encontradas.

Este conjunto de textos liminares tinha diversos objectivos. Procurando captar o interesse e benevolência dos leitores, transformavam a escrita privada em tema público. Integrando o reconhecimento dos recursos naturais asiáticos no discurso político e social da época, este conjunto de cartas, odes, sonetos, epigramas e tabuadas contextualizou a importância deste novo saber veiculado por Orta.²⁴⁷

Garcia de Orta agrupou os textos em dois conjuntos. No primeiro grupo, que colocou no caderno preliminar, imediatamente a seguir à folha de rosto, o médico seleccionou cinco textos:

O Privilégio do Visso Rey da Índia; a Carta dedicatória a Martim Afonso de Sousa; um poema do autor falando com o seu livro e mandando-o a Martim Afonso de Sousa, uma Ode de Luís de Camões dedicada ao Vice-Rei e uma carta do Licenciado Dimas Bosque ao leitor.

Redigidos em português, estes textos situavam geograficamente o trabalho de Orta, estabelecendo um elo evidente entre os seus conteúdos e a latitude das Índias. Cada uma das personagens que deles emergiu, pertenceu ou desempenhou funções junto das elites políticas portuguesas destacadas no Oriente.

O segundo grupo de documentos, colocado após o tratado, conta com dois textos latinos. O primeiro redigido por Dimas Bosque, o segundo, um epigrama de Tomé Caiado. Para além disso, Orta incluiu ainda uma tabuada e a extensa errata a que já nos referimos longamente.

²⁴⁷ Rogério Miguel Puga “Os elementos paratextuais dos Colóquios de Garcia de Orta”, pp. 119-134.

2.5.1.1. Privilégio

O então Vice-Rei da Índia, D. Francisco Coutinho, o Conde de Redondo (g.1561-1564), concedeu o Privilégio à obra por um período de três anos, a partir de 3 de Novembro de 1562. Do seu texto cabe-nos salientar o parágrafo inicial:

“O Conde visso Rey & c. faço saber a quantos este meu alvará virem, q o Doutor Garcia dorta me inviou dizer que elle tinha feito hũ liuro pa empremir das meezinhas, e frutas da índia que era muyto proveitoso, pedindome q ouuesse por bem: e mandase que por tempo de tres annos nenhũa pessoa o podesse ãpremir sem licença delle doutor porquanto era em seu prejuízo, e visto per mim seu pedido, e a vêdo respeito ao que diz ei por bẽ, e por elle mando q pollo dito tẽpo de tres annos q se começã da notificaã deste em diante nenhũa pessoa de qualquer calidade, e cõdiçam q seia possa empremir nẽ mãdar empremir por nenhũa via o dito livro sem licẽça do dito doutor so pena de qualquer que o cõtrairo fizer pagar por cadauez dozentos Cruzados, a metade pa elle ou pa quẽ o acusar, e a outra metade pa as obras pias, e ser preso ate a minha merçe, e auer a mais pena que eu ouuer por bẽ...”

Segundo assinalou o governante, a iniciativa da publicação da obra partiu de Garcia de Orta. D. Francisco Coutinho, realçando a formação académica de Orta, não se coibiu de aludir ao “Doutor” de forma respeitosa. Mais do que apenas a garantia da protecção dos direitos de autor relativos aos conteúdos, este Privilégio revelou, de forma inequívoca, a atitude cortês do poder político face ao trabalho do prestigiado Garcia de Orta.

Contrariamente ao desejável, entre a redacção do Privilégio, 2/11/1562, e o *terminus* do trabalho de edição, 10/4/1563 decorreu quase um semestre. Desconhecemos a razão que conduziu a um atraso tão expressivo na publicação. Esta demora, talvez imprevista por Endem, causou-lhe certamente prejuízos. Na verdade, se uma obra saísse das oficinas de Goa antes do final de Dezembro, ainda tinha possibilidade de chegar a Lisboa em meados do ano seguinte. No entanto, um texto publicado em Abril, se viajasse por mar, só aportaria na Europa um ano mais tarde o

que, provavelmente, se saldava por um adiamento na recuperação do capital investido pelo tipógrafo na publicação do tratado.

Admitimos a possibilidade de este atraso ter resultado de um esgotamento da reserva de papel. A produção sazonal desta matéria-prima estava altamente dependente das condições atmosféricas. O processo de secagem dos fólhos exigia condições determinadas de humidade e temperatura. Caso estas não se verificassem, e não houvesse reservas disponíveis, podia ocorrer o bloqueio no processo de impressão.²⁴⁸ Em Goa, a estação quente e seca termina em Dezembro, dando depois lugar à monção quente e húmida. Estas condições são adversas ao processo de secagem do papel.

A urgência em introduzir alterações no texto, tardiamente exigidas pelo autor, coincidentes com um eventual esgotamento do stock de papel, podia ter justificado este atraso substancial na publicação de *Colóquios dos Simples*. Este facto indesejável, era particularmente gravoso para o autor, que via protegidos os conteúdos da sua obra a partir da data de emissão do Privilégio. Daí que, aparentemente, só uma causa grave justificava este atraso.

Qualquer que tenha sido o motivo desta delonga, a verdade é que os *Colóquios* não puderam seguir para o Reino imediatamente após a edição, dado que, quando a edição ficou pronta já tinham zarpado, em direcção a Lisboa, as naus da *Carreira da Índia*. Deste modo, o real atraso na divulgação europeia dos *Colóquios*, não foi de 5 meses mas de pouco mais de ano e meio.²⁴⁹

²⁴⁸ Reportamo-nos a informações recolhidas durante o Curso ministrado por Isabelle Pantin, *De l'Histoire du Livre à l'Étude des textes*, École Normale Supérieure. Paris X, 2006.

²⁴⁹ As naus zarpando de Goa em finais de 1563, chegariam a Lisboa em meados de 1564. Não devemos, no entanto, descurar a possibilidade de circulação da obra através de Ormuz ou de Adém. Nos navios carregados de canela, gengibre, pimenta ou pedras preciosas, a obra de Orta estaria bem acompanhada. Do mesmo modo podemos supor que, desde Abril de 1563, o livreiro Fernão Castilho de Goa não teria mãos a medir com as encomendas de volumes encadernados para os fidalgos, prelados e governantes locais. O mesmo se poderá admitir nas outras cidades da Índia, onde viviam leitores de português.

2.5.1.2. Carta dedicatória a Martim Afonso de Sousa

O texto seguinte foi redigido pelo médico, que dedicou “Ao muyto illustre senhor Martim Afonso de Sousa do cõselho Real senhor das villas dalcuentre, e ho tagarro seu criado ho doutor orta lhe deseia perpetua felicidade cõ immortal fama pa seus deçedētes.”²⁵⁰

Paradoxalmente, Garcia de Orta intitulou-se “doutor” mas também “criado” do “ilustre” fidalgo que pertencia ao “Conselho Real”. Os adjectivos e títulos valorizam os opostos das personalidades, formando um todo coeso e forte. Ao longo da Carta, Garcia de Orta recorreu a numerosas referências clássicas, colocando Martim Afonso de Sousa ao nível dos grandes heróis da Antiguidade:

“porq aos q Deos dotou de tanta perfeiçam, e exçelencia que fizessem feitos tam heróicos por onde os outros escrevessem delles como vossa senhoria fez em estas partes, e ã outras não tẽ necessidade de escreuer pois a fama immortal os çellebra o quẽ pudera illustrissimo senhor tornarse Homero ou Virgílio pera escrever vossas grandes façanhas pêra com isto deixar fruto de mi aos vindouros mas pois que a fortuna isto me negou, e foi amoestado, e reprimido desta ociosidade da qual tãbem fui acusado dalgus que esta terra governã ...”²⁵¹

Orta incluiu então Martim Afonso de Sousa no seu projecto editorial reconhecendo-o como grande impulsor daquele trabalho: “e porq o vosso cõselho he mandado pera mi de terminei de fazer este breue tratado”. O médico acrescentou:

²⁵⁰ Martim Afonso de Sousa (c.1490-1564) é uma figura fascinante da nossa História. No âmbito deste trabalho, não pretendemos detalhar a sua polémica biografia. Esta foi recentemente analisada por Alexandra Pelúcia, *Martim Afonso de Sousa e a sua Linhagem: a elite dirigente do Império Português nos Reinados de D.João III e D.Sebastião*.

²⁵¹ A familiaridade de Martim Afonso de Sousa com os textos Clássicos foi realçada por Orta no *Colóquio 2º, do aloés*. Escreveu Orta: “E achandome em casa daquelle excellente varam Martim Affonso de Sousa (a quem eu servia) me mostrou a Platina, onde estava lendo na vida de Sam Silvestre, onde achámos escrito que, ...” (Orta, I:32). A privacidade entre os dois homens manifestava-se não apenas pelas relações de vassalagem que Orta insistiu em realçar, mas também pela partilha dos espaços, das leituras e dos saberes.

“mas temia o ocioso pouo, e mordazes linguoas por onde ho tratado tinha necessidade de hir arrimado a quē o defēdese dellas asi como fazē os esprementados agricultores que querendo plantar algũas dellicadas plantas as arrimã ha algũs fortes aruores pēra q as defedam dos tēpestuosos vetos, e fortes chuiuas, e ásperas geadas asi quis eu plantar esta fraca planta debaixo do ēparo d vossa senhoria cõ ho qual será defendido de toda a mor parte do mũdo...”.

Martim Afonso de Sousa surgiu assim como aquele que assegurava a protecção da obra das censuras dos leitores. Não deixa de ser interessante realçar que o representante do poder político, famoso no Oriente como no Ocidente, foi apresentado no trabalho de Orta como o protagonista na busca de uma verdade científica.²⁵²

Garcia de Orta terminou a epístola, justificando a opção da redacção em português:

“bem pudera eu cõpor este trabalho em latin como ho tinha muytos annos antes cõposto, e fora a vossa senhoria mais aprazível pois ho entendeis melhor que amaterna lingua mas traladeo em portueges porimpressa de Camões ser mais geral, e porq sei q todos os que nestas indianas regioēs habitam sabendo a quē vai entitulado folgaram de lo leer.”²⁵³

²⁵² Convém aqui sublinhar que, apesar deste género de discurso laudatório ser usual nos textos preliminares das obras então publicadas, nem sempre era tão explícita a participação do mecenas no âmago do projecto científico. O que torna curiosa esta carta é o aparente envolvimento de Martim Afonso de Sousa na construção do saber contido nos *Colóquios*. Os múltiplos episódios que o fidalgo protagonizou em *Colóquios dos Simples*, parecem atestar esta co-responsabilidade do nobre na reconfiguração do saber divulgado por Orta. Esta participação efectiva do aristocrata num projecto de âmbito científico contribuiu para descrever Martim Afonso de Sousa como um fidalgo que, para além dos feitos heróicos se destacava pela valorização dos novos saberes. Convém também sublinhar que a curiosidade científica e as qualidades de observação de Martim Afonso tinham-no levado a apresentar a Pedro Nunes relevantes questões ligadas à navegação. Ao longo da sua obra, Garcia de Orta realçou os nomes de outros governantes e religiosos que lhe trouxeram importantes esclarecimentos ou empolgantes questões relativas ao mundo natural da Ásia. Uma nova elite esclarecida deixava assim um testemunho indelével nesta inovadora descrição dos recursos naturais do Oriente.

²⁵³ Ao longo de *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta referiu-se, como veremos, a outros fidalgos e governantes que, por desconhecerem a língua latina, liam Plínio em toscano. Nesta subtil alusão à familiaridade de Martim Afonso com o Latim, Orta parece querer recordar o nobre berço e a brilhante formação que o fidalgo gozou na corte do príncipe.

De forma hábil, Garcia de Orta justificou a sua decisão. Mais do que enaltecer as suas qualidades académicas, Orta pretendia que as gentes “curiosas da verdade” recordassem, através da sua obra, os feitos e a memória do seu amo Martim Afonso de Sousa. Nesta Carta, cheia de subtilezas, mais do que apenas enaltecer as múltiplas qualidades de Martim Afonso de Sousa, o médico identificou uma parcela importante do público a quem a obra se destinava.

2.5.1.3. Poema do autor falando com o seu livro

O poema que o médico redigiu “Do autor falando cõ ho seu livro e mandão ao senhor Martin afonsa de Sousa” retomou o tema exposto na Carta. Dirigindo a sua obra a Martim Afonso de Sousa, qual verdadeiro herói da mitologia Clássica, afirmou Orta “ter cõpetencia igual co duro Marte” . O antigo Governador surgiu nos *Colóquios* como o grande defensor do tratado que o físico redigiu.²⁵⁴

2.5.1.4. Ode de Camões ao Conde de Redondo

A Ode que Luís de Camões dirigiu ao Conde de Redondo reveste-se de particular significado. Não apenas por revelar a relação entre o poeta e o médico, cujas vidas se cruzaram na Índia, mas também por se tratar da sua primeira poesia de Camões impressa.²⁵⁵

Dirigindo-se ao Vice-Rei da Índia, Camões foi claro:

“Ho qual [Orta] esta pidindo
Vosso favor, e ainda ao grão volume
Que aguora em luz saindo.
Dara na Mediçina hum novo lume,
e descobrindo ira segredos certos
A todos os antiguos encubertos.”

²⁵⁴ Sobre a participação das elites na construção do saber científico, Ver Mario Biagioli, *Galileo Cortesão*, pp. 1-11 e pp. 66-100.

²⁵⁵ Este acontecimento, notado por muitos, foi alvo de análise em Teófilo Braga, “A primeira poesia impressa de Camões”

E o poeta terminou, cantando: “Ajuday, quem ajuda contra ha morte/ E sereis semalhante ao Greguo forte.”

Para Camões não restavam dúvidas de que a protecção daquele novo saber desconhecido dos Antigos e veiculado por Garcia de Orta ficaria, de forma indelével, associado ao nome do Vice-Rei. D.Francisco Coutinho, tal como os heróis Clássicos, através do seu apoio à ciência, encontraria um lugar na História. Como escreveu o poeta:

“Fauorecei ha antigua
Sciencia, que jaa Achilles estimou:
Olhai que nos obrigua,
Verdes que em vosso tempo se mostrou
Ho fruto da quella orta, honde florecem
Plantas nouas, que hos doutos não conhecem.
Olhai que em vossos annos
Produze hua orta insigne varias eruas.
Nos campos lusitanos:
Has quaes, a quellas doutas e proteruas
Medea, e cirçe nuca conheceram...”

Não deixa de ser interessante realçar que Luis de Camões incluiu também no inovador texto de Pero de Magalhães Gândavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz*, (Lisboa, 1576), um conjunto de tercetos que dirigiu “Ao muito ilustre senhor Dom Leonis Pereira...”. Tal como a epopeia dos feitos heróicos de um povo, os novos conhecimentos sobre o mundo natural mereciam ser louvados. Associando o seu canto aos textos que descreviam as qualidades da natureza das Índias, o poeta ampliava os poderes dos governantes, enaltecia as riquezas do Império e valorizava os saberes relativos ao vasto mundo ocupado pelos portugueses.²⁵⁶

²⁵⁶ A este respeito consultar Rogério Miguel Puga, *Os elementos paratextuais dos Colóquios de Garcia de Orta*, pp. 123-124.

2.5.1.5. Carta do Licenciado Dimas Bosque ao leitor

A encerrar este conjunto de textos preliminares, encontramos uma epístola “Do licenciado, dimas bosque, medico valençiano ao leitor.”²⁵⁷

É interessante começar por salientar o grau académico de Dimas Bosque. O médico, tal como aliás Garcia de Orta, não concluiu os estudos que lhe conferiam o grau de “Doutor”. No entanto, Orta surgiu aos olhos de todos como um evidente “Doutor” enquanto Dimas Bosque, o médico que acompanhou para Oriente D.Constantino de Bragança, se bastou com o grau de “licenciado”. No entanto, Garcia de Orta referiu-se com alguma deferência a este médico. A admiração de Orta surgiu plasmada em algumas das suas alusões ao físico de Valência: “hum físico letrado e homem que fala verdade em seus ditos” (Orta, II:164) ou “o licenciado Dimas Bosque, pessoa de muito boas letras, e homem de muyta verdade nas curas que faz [...] e ao menos seivos dizer que me avia de dizer verdade.” (Orta, II:186). A mútua afeição entre os médicos ficou claramente demonstrada no Colóquio 58º, no qual Garcia de Orta convidou Dimas Bosque para participar na sua obra, corrigindo-lhe os erros que nela tivesse encontrado.²⁵⁸ Ao sujeitar-se à correcção de um colega claramente menos

²⁵⁷ A vaga alusão ao “médico valençiano” deixa-nos na dúvida se a sua terra de origem seria Valência ou Valência de Alcântara, lugar familiar a Garcia de Orta já que se tratava da cidade de origem de sua mãe. Silva Carvalho defendeu que Bosque era natural da cidade fronteiriça. Augusto Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, p.162.

²⁵⁸ Pouco se sabe sobre a vida de Dimas Bosque. Como escreveu Jaime Walter: “Dimas Bosque [...] formou-se me Medicina – como afirmou o Conde de Ficalho – ou em Letras e Medicina, segundo o Prof. Rocha de Brito. Se completou o curso em Coimbra, não se pode afirmar, pois a única conclusão que se tira do que escreveu é ter assistido às lições e ter contactado com o Professor da Universidade Dr. Tomás Rodrigues da Veiga.” (Jaime Walter, “Dimas Bosque e as sereias”, *Studia*, vol.12, pp.262). Dimas Bosque chegou à Índia, em 1558, como físico-mor de D. Constantino de Bragança (g.1558-1561). Como as suas funções exigiam, acompanhou o Vice-Rei nas suas expedições militares, nomeadamente na conquista de Damão (1558) ou na campanha de Jafanapatão (1560). A importância política deste nobre paciente faz-nos supor que Dimas fosse um físico competente e bem relacionado. Como adiante veremos, Dimas reviu e actualizou os preços da Pauta das Mezinhas que se davam no Hospital Real de Goa. O médico desempenhou as funções de Físico-mor, provavelmente até ao regresso de D. Constantino ao Reino, data a partir da qual se estabeleceu na Índia. Como demonstrou Silva Carvalho, Dimas Bosque, físico-mor de Sua Alteza, arrematou a ilha de Santa Cruz por 1560 pardãos de tangas, em 4 de Setembro de 1561. A propriedade pertenceu-lhe até perto de 1579, data de uma provisão assinada por D.Luís de Ataíde, que revelava que esta ilha já não lhe pertencia. A referida ilha tinha “um palmar de quinhentas árvores e outras de fruto e casas térreas.” Augusto Silva Carvalho, “Garcia d’Orta.” p. 238. O físico organizou actividades culturais e científicas no Colégio de São Paulo, eventos da maior relevância para a afirmação de Goa como pólo cultural no Oriente. Também a Carta que endereçou de Goa, em 1565, ao Reitor do Colégio de Córdoba, o Padre João Baptista de Ribera SJ, descrevendo o “estupendo milagre da natureza” que examinara alguns anos antes na ilha do Manar, atesta a sua permanência no Oriente depois da saída do Governador. Para além da descrição daqueles peixes “obra admirável do

conhecedor das práticas e saberes locais do que ele próprio, Orta submeteu-se ao que Dimas representava: a harmoniosa convivência com o poder político e religioso.

Assim, este texto preliminar revestiu-se da maior importância. Foi nele que, ao longo dos tempos, os estudiosos de *Colóquios dos Simples* encontraram reunidas as parcas notas biográficas de Orta. Escreveu Dimas Bosque:

“[Orta] do principio da sua idade ate autorizada velhiçe nas letras, e faculdade da medicina gastouseu tẽpo co tanto trabalho, e diloigẽncia que doudo achar na Europa quẽ em seu estudo lhe fizesse vãtagem saindo ensinado nos principios desna faculdade das ensignes vniversidades alcalaa, e Salamanca trabalhou de comunicar o bẽ da çiença q nas terras alheas tinha alcançado cõ sua propria patria lendo nos estudos de Lisboa por algũs annos, com muyta deligẽncia, e cuidado e eixerçitandose na curas dos doentes ate vir a estas partes da Ásia onde por espaço de trinta annos, curando muyta deuersidade de gentes, não sõmete na cõpanhia dos Viso Reis e governadores desta oriental índia, mas ẽ algũas cortes de reis mouroas, e gentios comunicãdo cõ medicose pessoas curiosas trabalhou de saber, e descobrirri auerdade das medeccinas simples q nesta terra naçẽ das quais tantos em ganos, e fabulas não somete os antigos mas muytos modernos escreveram, e o que elle por tantos annos e por tam diuersas partes alcançou quis que o curioso leitor em hua ora neste seu tratado visse...”

O licenciado explicou depois alguns dos sobressaltos que a obra tinha sofrido na tipografia a que aliás, já aludimos. Admirador incontestável do feito alcançado por Orta, Bosque afirmou ainda “não pos seu trabalho em estillo elegante nem em palauras reitoricas apraziueis as orelhas, tratou puras verdades cõ puro estillo: porque isto so ha uerdade basta...”

Criador”, a Carta revela-se da maior importância já que prova que Dimas Bosque mantinha relações epistolares com os mais altos representantes dos Colégios da Companhia de Jesus estabelecidos na Península Ibérica e, muito provavelmente, exercia prática clínica no Colégio dos Jesuítas de Goa e no respectivo Hospital. Ver: Jaime Walter, “Dimas Bosque e as sereias”, pp.260-271. Também em Rocha de Brito, “O Doutor Tomás Rodrigues da Veiga, ilustre ervanário”, pp. 408-409, se encontram alguns destes momentos da biografia deste médico castelhano.

Esta afirmação reflecte o mesmo propósito que Garcia de Orta revelou ao longo do seu tratado. Como afirmou a Ruano “folgareis de ouvir minhas verdades ditas sem cores rhetoricas, porque a verdade se pinta nua.” (Orta I:79).²⁵⁹

2.5.2. Textos finais

2.5.2.1. Carta de Dimas Bosque a Tomás Rodrigues da Veiga

Dimas Bosque dirigiu uma Carta ao distinto médico de Coimbra, Tomás Rodrigues da Veiga²⁶⁰: “Praestantissimo doctori Tomae Roderico in conimbricensi academia medicorum primo Dymas bosque medicus valentius. S.P.D.”²⁶¹ Esta epístola

²⁵⁹ A mesma limpidez nas descrições do mundo observado foi sublinhada por Dimas Bosque na Carta que dirigiu ao reitor do Colégio de Córdoba: “ Reverendo Padre, esta era a configuração dos peixes, esta a composição, o desenho e a descrição exacta, de todos os membros que retratei o melhor que pude e em poucas palavras, e tanto quanto possível, pintei com as cores mais vivas para te transmitir.” (Jaime Walter, “Dimas Bosque e as Sereias”, p. 270). Também Cristóvão da Costa, no seu *Tractado de las Drogas* (Burgos, 1578), a que adiante aludiremos de forma mais detalhada, escreveu: “E sei que poderia escrever isto em estilo mais elegante, mas aprecio mais dizer verdades certas, que palavras limadas...” Costa, *Tratado das Drogas*, 1964, XXVII. Para muitos destes homens de Quinhentos, que embateram com as novidades do mundo natural, a pureza das suas narrativas credibilizava um saber apoiado na experiência. A mesma atitude, que alguns identificaram com um *topos modestiae*, encontra-se no Prólogo do 1º volume da obra de Samuel Usque, publicada em Ferrara, em 1553, *Consolação às tribulações de Israel*, onde se pode ler: “Consolome que nas grandes cousas e dinas de memoria, o menos que os bõs juizes notam he a língua ou estilo, por que a cousa em si mesma se estima, e as palavras nam he outro que huma declaração, as quais ymportam pouco serem elegãtes ou mal ornadas”, *cit in*: Helmut Siepmann, “O diálogo – discurso científico entre tradição e inovação”, pp. 157-163.

²⁶⁰ São escassas as notícias biográficas sobre este erudito médico. Natural de Évora, este físico foi autor de comentários a Galeno e de outros doutos textos médicos. A seu respeito escreveu Rocha de Brito: “O Padre António Vieira num dos seus sermões chama-lhe mesmo Grande – *Magnus Thomas* -. Mas que ele, notável galenista, lente de véspera (cadeira de Hipócrates), depois lente de Prima (em que lia Galeno), fora distinto ervanário é o que muitos devem ignorar, até dentre os mais versados na história da Universidade quinhentista. O remoto colega não fora apenas, à maneira de tantos mestres universitários de antanho, um teorizante, um repetidor de Hipócrates e Galeno, ou um comentador mais ou menos arguto e original dos autores gregos e árabes, mas espírito prático e ávido de saber, entreteinha as horas de ócio, que lhe deixavam a clínica e o professorado, colhendo pelas colinas e campos do Mondego ervas e arbustos, que ia replantar nos seus hortos para os estudar *in visu*.” Rocha de Brito, “O Doutor Tomás Rodrigues da Veiga, ilustre ervanário”, pp. 408-409. Esta curta notícia parece-nos suficiente para justificar a oportunidade da Carta que Dimas Bosque dirigiu ao ilustre médico. Sobre o físico conimbricense ver ainda: Francis Dutra, “The practice of Medicine in Early Modern Portugal”, pp. 143-145.

²⁶¹ Garcia de Orta incluiu este documento no final da obra, após o Colóquio 58º. Na sua edição, o Conde de Ficalho optou por colocar este texto no início do livro, imediatamente após a Carta ao leitor redigida por Dimas Bosque. Dado que a posição relativa dos diferentes paratextos dentro da obra nos parece ser relevante, pensamos que esta decisão de Ficalho não favorece a compreensão global do significado dos

latina encontra-se no final da obra, imediatamente antes da Errata. Nela, o médico valenciano, começou por enumerar os autores Clássicos que tinham descrito a origem e virtudes das plantas. No entanto, como sublinhou o Licenciado Dimas Bosque, Tomás da Veiga privilegiava um inovador método de análise do mundo natural. Como testemunhou o físico:

“quem quiser escrever a história natural dos simples, há-de vê-los crescer, seguir-lhes a adolescência, observar a variedade e forma das suas flores, conhecer a época da sua maturação, para, assim, reconhecendo as diversas fases da sua evolução, consoante a idade, classificá-los com fundamento. Foi isto que ouvi da tua boca, sapientíssimo doutor, quando na Faculdade de Medicina dessa florentíssima Universidade de Coimbra eu frequentava tuas aulas. “

Dimas parecia seguro sobre a eficácia da dedicatória da obra de Orta a tão ilustre personalidade. Ciente da vasta teia de relações na qual Tomás Rodrigues se inseria e que poderia assegurar a divulgação dos *Colóquios* na Europa, escreveu:

“ quando encontrei neste país o Doutor Garcia de Orta, [...] logo o aconselhei a que o colocasse [o Tratado sobre os Simples] sob a tua égide, como uma das mais doughtas, o que ele fez com o maior agrado. Bem sabia ele, venerando ancião, que és hoje na Europa, o patrono de todos os médicos e como és generoso para todos os estudiosos [...] Oxalá, portanto, sapientíssimo Doutor, que o livro, assim protegido pelo teu escudo e amparado na autoridade do teu nome, ouse caminhar sem medo dos zoilos, entre os sábios, e triunfe em todas as academias da Europa e deste modo possa a juventude colher os frutos e empregar os simples da Índia, pintados com as cores da virtude médica.”²⁶²

documentos. Por isso, optamos por nos referir ao texto incluído por Garcia de Orta no final da sua obra. Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl. 227 f.

²⁶² A epístola redigida em latim foi publicada por Rocha de Brito, “O Doutor Tomás Rodrigues da Veiga, ilustre ervanário”

Estrategicamente colocada ao lado da referida Errata, esta epístola latina aproximava o projecto científico de Orta da rota das redes eruditas europeias.

2.5.2.2. Epigrama de Tomé Caiado

Um epigrama surgiu ainda nos *Colóquios dos Simples* logo a seguir a esta epístola. Trata-se de “Ad Gartiam ab horto medicum apud Indos, doctorèmq...” um curto epigrama redigido por Tomé Caiado.²⁶³ Sobre este latinista encontramos muito pouca informação. Como escreveu Rui Manuel Loureiro, “Entre os eruditos portugueses que residiram na Índia durante o século XVI, conta-se também Tomé Dias Caiado, que, em 1542, era incumbido de ensinar latim na Sé de Goa. Viveu ainda longos anos naquela cidade, onde proferiu várias orações solenes: em 1547, em honra de D.João de Castro, recém-chegado do cerco de Diu; em finais de 1557 ou princípios do ano seguinte, a propósito da morte de el-rei D. João III; e em 1564, à chegada de D.Antão de Noronha à capital do estado da Índia.” Sobre a sapiência do literato concluiu: “Em todas as orações referidas revelava alguma erudição clássica, citando nomeadamente Homero, Plínio, Cícero e Santo Ambrósio.”²⁶⁴

Foi assim este letrado, a quem competia exaltar os feitos dos portugueses nomeados a desempenhar nobres funções no Oriente, que dirigiu um sonoro aplauso a Garcia de Orta. A redacção em latim tornava o seu louvor acessível a toda a comunidade erudita. Deste modo, o pequeno epigrama cantado por este cronista das elites, deu visibilidade e crédito ao trabalho de Orta. O seu conteúdo laudatório, assegurou aos leitores mais cépticos o inegável valor da obra que tinham entre mãos. Tal como o privilégio do Vice-Rei e a Carta a Martim Afonso de Sousa garantiam aos ibéricos a credibilidade das notícias veiculadas nos *Colóquios*, estes textos finais, engastados entre o Colóquio 58º e a Errata, asseguravam aos letrados europeus a excelência das investigações alcançadas pelo médico.

²⁶³ Tal como o texto de Tomás Rodrigues da Veiga, este epigrama também foi vertido para português por Maria Helena Rocha Pereira, “Louvores latinos aos ‘Colóquios dos Simples e Drogas’”, pp. 1-11. Para consultar o texto latino, ver Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fl.228 v.

²⁶⁴ Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, p.40.

2.5.2.3. Taboada

Atendendo a que, no capítulo 2.3, já nos dedicámos à Errata, o último paratexto que nos cumpre apresentar é a curiosa “Taboada”.²⁶⁵ Após a copiosa Errata, Orta desenhou uma lista de conteúdos: “Taboada do conteúdo neste livro pello ABC das cousas de notar.” Ao longo de 11 folhas, enumerou, de forma relativamente ordeira, os assuntos explanados na obra. Apesar da ordem do ABC ser respeitada, os conteúdos listados revelam, à primeira vista, critérios difíceis de compreender. Pela lista das 117 palavras que Orta incluiu na tabuada, podemos perceber que os seus interesses, assim como os dos seus leitores, eram bem mais amplos do que poderíamos supor, não se restringindo à descrição das virtudes terapêuticas dos recursos naturais listados. Orta foi, aliás, bastante comedido nas informações que cedeu, neste documento, sobre as propriedades medicinais das drogas listadas. Orta informou o seu auditório que: o aloés era usado para purgar, a datura era um veneno, o faufel se misturava com o betre e que a erva-do-Malabar era usada nas diarreias. Detalhou as virtudes do pau-de-cobra, da pedra-de-bezoar e da raiz-da-China. Informou que os físicos indianos e árabes, para além destas mezinhas recorriam, com frequência, ao anacardo, ao amomo, ao cálamo aromático, às cubebas, ao negundo ou aos olhos-de-gato. Assinalou ainda as propriedades rejuvenescedoras da pedra-de-cevar. Para a maioria das outras drogas, limitou-se a indicar a localização no texto de informações relativas à sua origem, e principais portos e rotas de distribuição.²⁶⁶ Em alguns casos, Garcia de Orta fez questão de realçar a presença de Martim Afonso de Sousa no seu texto. Assim, ao delinear a entrada relativa ao “Mungo”, a “Dio” ou aos “Chins” o nome do Governador surgiu, por razões diversas, destacado. O médico também assinalou alguns episódios em que participou. Na entrada respeitante aos “cardamomos”, por exemplo, acrescentou “com algumas histórias que o autor

²⁶⁵ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, fls. 239 f - 249 v.

²⁶⁶ Orta evidenciou na Tabuada estas notícias de carácter mais geral a respeito das pérolas, do âmbar, do anil, do benjoim, dos brindões, do berilo, do câncamo, da cênfora, da canela, do carbúnculo, do cravo, da crisacola, do costo, das curcas, dos duriões, das esmeraldas, do espique, dos figos-de-Índia, da galanga, do gengibre, dos jambos, jacas, jambolões e jangomas, do lício, da maçã, do maná, da mirra, do nimbo, das patecas ou dos rubis, entre outros

presenciou”. Com o seu testemunho, o físico procurava assim cativar os leitores.²⁶⁷ É interessante salientar outro tipo de saberes que realçou. Na verdade, Orta utilizou certas entradas para corrigir algumas palavras,²⁶⁸ bem como para localizar uma explicação do seu significado.²⁶⁹

O estudo da Tabuada permitiu-nos assim ter informações muito mais precisas sobre os interesses do público leitor dos *Colóquios*. Todas aquelas notícias avulsas que Orta cedeu ao longo da obra e que nos pareciam supérfluas, ganharam significado ao surgirem realçadas nesta Tabuada. Ao serem enumeradas, adquiriram um novo sentido e valor, que justificou um estudo mais detalhado. Assim, na letra “A”, a par do “Açafram”, “Alloes”, do “Aljofre”, do “Amomo”, do “Anacardo”, do “Anil” ou da “Arvore-triste” surgiram entradas tão díspares como as que indicaram onde encontrar o significado de “Algarves” ou dos “Apilidos dos Reys e senhores desta terra”. Da mesma forma, na letra “B”, fomos informados sobre a localização de informes sobre a “Babilónia”, “Baçaim”, “Badajoz” ou o “Balagate”, assim como nos foram cedidas notícias sobre a folha onde se encontram o “Banguê”, o “Benjoim”, o “Berilo” ou os “Brindões”. Detalhando os conteúdos da Tabuada percebemos então que, mais do que anedotas ou “patranhas” (segundo Orta), este conjunto de informações, aparentemente irrelevantes para a construção de uma narrativa sobre o mundo natural das Índias, fazia todo o sentido aos olhos do seu autor e dos seus leitores ibéricos.²⁷⁰ A dimensão das entradas, variando desde uma pequena frase declarativa “Ceilam e hũa das milhores ilhas do mundo.”, a outras mais elaboradas: “Chins sam muyto sutis e letrados, e vsam muyto da justiça [...] dauam as lei a esta terra [...] danse laa graos [...] a arte de empresam foy là sempre”, atingiram, por vezes, a dimensão de complexos parágrafos, onde várias ideias eram expostas: “Ho diamam se quebra não tan somente na bigorna mas cõ hum martello pequeno, e o sange do bode nam o faz

²⁶⁷ A experiência de Orta surgiu também realçada na entrada relativa ao “mungo”.

²⁶⁸ “Badajoz”, “Cam” ou “Guadalupe”.

²⁶⁹ “Arabis e Magarabis”, “Baneanas”, “Coles”, “Chins”, “Çofi”, “Frangue”, “Turcos e Rumes” e “Zangue”.

²⁷⁰ Temendo que alguns assuntos fossem considerados irrelevantes pelos leitores, afirmou Orta: “Eu nam queria que gastássemos hum capítulo em cousas que nam sejam de sciencia, porque dirá todo o homem que o ler, que me ponho a escrever hum livro de patranhas.” Ruano, por seu lado, respondeu: “A culpa disso seja deitada a mim pera quem vós fazeis este livro: quanto mais que eu sey muitos, que folgarão de saber estas cousas que dixerdes, em Espanha.” (Orta, I:119).

mais brando que he falso dizer que o ho quebra e achase maior muyto que hũa avelaa, e nã sam vigiados das serpentes nem há mister carne cõfeiçoada para lhes dar.”²⁷¹

Não deixa, no entanto, de ser interessante realçar o paralelo entre a *Taboada* inserida nos *Colóquios* com o “Indice copioso delle cose di cosmografia, costumi, spetierie & altre cose notabili che in questo Primo Volume de viaggi si contengono” que Ramúsio integrou em *Delle Navigazioni et Viaggi*.²⁷² Esta colectânea que, como veremos no Capítulo 6, foi amplamente usada por Orta, apresentava uma detalhada Tábua de Matérias, organizadas por ordem alfabética, que conduzia o curioso leitor ao assunto pretendido. A diversidade de conteúdos listada que, atendendo ao seu propósito quase enciclopédico, era necessariamente mais vasta do que a inserida nos *Colóquios*, encontra paralelo com a apresentada por Orta. Assim, intercaladas com as entradas relativas à origem, preços e propriedades de algumas drogas orientais como o “amfiam”, o “benzui”, o “calamo aromático”, o “cardamomo”, a “cassia Fistula”, o “gariofani”, a “lacca” ou o “rhebarbaro” surgiram referências a “Babilonia”, “Baçaim”, “China regione” ou “Zeilam”. Ramusio assinalou também algumas “Medicina per evacuar il stomacco, usata i Calicut” bem como “Medicina alle piaghe vecchi inchancherite”, aludindo assim aos remédios usados localmente. Finalmente, o italiano salientou as navegações dos europeus. Para além das viagens de Nearco e Hanone, Ramusio chamou a atenção dos seus leitores para a “Navigatione di Vasco da Gama”, ou para a “ Navigatione del capitã Pietro di Sintra”, a “Navigatione del capitã Pietro Alvarez” ou a “Viaggio n’elle Ethiopia di Don Francesco Alvarez”.²⁷³ Finalmente, convém ainda salientar que Ramúsio incluiu uma extensa lista de entradas relativas a “Popoli”, e “Habito de popoli” que rapidamente conduziam o curioso leitor através do interior da obra até ao povo e cultura em causa. De âmbito mais restrito, a obra de Orta não continha uma diversidade de notícias tão grande como a de Ramúsio, o que não o impediu, como vimos, de referir algumas entradas respeitantes a este assunto.

²⁷¹ Como adiante veremos, estas afirmações revelam-se da maior importância, já que faziam parte da tradição europeia desde que Plínio as inscrevera no derradeiro livro da sua *Historia Natural*.

²⁷² Ramusio, *Delle Navigazioni et viaggi*, pp. No presente contexto, recorreremos à edição quinhentista, dado que a edição moderna não inclui este Índice.

²⁷³ Do confronto destes documentos, parece agora muito mais clara a razão que terá levado Orta a incluir Martim Afonso de Sousa na sua *Taboada*.

Os exemplos deste paralelismo são múltiplos. Através da análise da Tabuada podemos traçar o perfil dos curiosos leitores de *Colóquios dos Simples*. Mais do que informações eruditas sobre os recursos naturais do Oriente, estes homens procuravam notícias pragmáticas sobre a globalidade do mundo asiático. A Tábua de Matérias redigida por Orta revelou-nos não só o que os seus leitores sabiam, mas também as questões que os interessavam.²⁷⁴ Confluente, em alguns momentos, com a colectânea de viagens projectada por Ramusio, a abordagem do mundo natural das Índias realizada por Orta, dada a sua profunda erudição, afirmava-se como uma narrativa da História Natural assaz inovadora.

2.6. A forma coloquial

O estilo dialogal de *Colóquios dos Simples* sempre causou estranheza. Ainda a obra estava na tipografia de Goa e já Dimas Bosque procurava legitimar a opção de Orta: “por ser enportunado de seus amigos e familiares pera que o proveito fosse mais comonicado, detriminou [Orta] escrevello [o tratado] na lingoa portugueza a modo de diálogo, e isto causa, algumas vezes, apartarse da materia mediçinal, e tratar de algumas cousas que esta terra tem dinas de serem sabidas...” (Orta, I:11) Assim, ao dirigir-se ao leitor, Dimas sublinhou a preocupação de Orta com o seu público menos qualificado.

Se, na Índia, o projecto editorial apoquentava pelo seu inusitado estilo, na Europa, caindo nas mãos cuidadosas de Clusius foi, de imediato, transformado num formato conveniente.

De passagem por Lisboa, ao encontrar o livro, este botânico não escondeu o seu entusiasmo com a preciosidade que tinha descoberto.²⁷⁵ Na Epístola Dedicatória

²⁷⁴ A este respeito, é muito curiosa a entrada sobre o “Turbit”. Nesta, escreveu Orta: “o turbit nam tem folha semelhante á da ferula senam à da malva francesa, nem he semelhante à planta chamada aristas, nem he raiz cheirosa, nem esquenta quando a comem; nem val contra a peçonha, nem muda a frol tres vezes ao dia; nem he semelhante à planta dita arasentis, nem à hisiatis, me, aos murtinhos.” (Orta: II, 417). Negando todas estas notícias, Orta revelou-nos aquilo que, sobre esta droga, era divulgado na Europa através das obras de Mesué, Serápio ou dos comentários a Dioscórides.

²⁷⁵ Clusius visitou a Península Ibérica no ano 1564-1565. Foi na qualidade de tutor do jovem Jacob Fugger que o botânico realizou este périplo pelas cidades portuguesas e castelhanas. Na sua expedição pela Ibéria, os viajantes visitaram Salamanca, Madrid, Alcalá, Lisboa, Coimbra, Évora, Serpa e Sevilha. Nestas cidades contactaram, certamente, com elites mercantis e académicas. Complemento da

ao “Magnífico varão e Senhor Jacob Fugger...” que incluiu em *Aromaticum et Simplicium*,²⁷⁶ o epítome latino da obra de Garcia de Orta, escreveu: “afligia-me bastante o facto de que [Colóquios] estivesse escrito numa língua que por poucos era compreendida.” E o flamengo continuou: “Mas como o nosso autor tivesse escrito o seu diálogo quase em cada um dos simples e tivesse seguido a ordem alfabética, foi necessário que repusesse, não a propósito, muitas coisas no seu lugar e repetisse a maior parte delas, como é costume acontecer nos diálogos.”²⁷⁷

Clusius concluiu então: “Mas, de muito boa vontade me encarreguei deste trabalho, já que desde tenra idade me entreguei, com o maior empenho, ao estudo da botânica, já que porque depois da leitura animada deste livro julguei das qualidades notáveis e do exemplo a seguir do nosso Autor.”²⁷⁸ Esta foi, como vimos, apenas uma das alterações que Clusius introduziu no texto de Orta.

Mas, tal como na Europa erudita, também na Península Ibérica, o método escolhido por Orta causava embaraço. Um dos grandes admiradores da sua obra, Cristóvão da Costa, comentou a opção estilística do médico: “os que falam se distraem e saem fora do que trata do seu principal propósito.”²⁷⁹ Por este motivo, Costa também abandonou o diálogo ao redigir o *Tractado de las Drogas*.

formação do herdeiro da família de banqueiros de Augsburg, a viagem, para além de lhe propiciar o contacto com as elites ibéricas, acostumava o jovem aos negócios da família, assim como proporcionava o contacto com fornecedores e feitores. Sobre a viagem destes dois homens ver: Charles R. Boxer, *Two pioneers of tropical medicine: Garcia d’Orta and Nicolas Monardes*, pp. 24-26, assim como a introdução de Luis Ramon-Laca Menéndez de Lurca à edição castelhana da obra de Charles de l’Écluse de Arras, *Descripcion de algunas plantas raras encontradas en España y Portugal*, pp. 9-22.

²⁷⁶ Clusius dedicou *Aromaticum et simplicium* a Jacob Fugger. A dedicatória ao rico herdeiro, de uma obra relativa aos recursos naturais do Oriente, reveste-se de grande significado. Esta revela a consolidação, na Europa do Norte, de uma classe desafogada e poderosa, composta por homens curiosos interessados em investir em negócios lucrativos, como seria o comércio de produtos de luxo. Sobre a implicação desta família em actividades comerciais ver: Kew Mathew, *Indo-portuguese trade and the Fuggers of Germany, sixteenth century*; Hermann Kellenbenz, *Los Fugger en España y Portugal hasta 1560*; M.A. Meadow, “Merchants and marvels. Hans Jacob Fugger and the origins of the wunderkammer” pp.182-200.

²⁷⁷ Clusius, *Aromaticum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium Historia*, Antuérpia, Plantin, 1567, p. 4. Como referimos no Capítulo anterior esta versão latina foi a principal responsável pela divulgação dos conteúdos de *Colóquios dos Simples* na Europa letrada. *Vd.* Cap. 1.2.1. No âmbito deste trabalho passaremos a usar a citação abreviada: Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p.

²⁷⁸ Clusius, *Aromaticum et Simplicium*, p. 5.

²⁷⁹ Cristóvão da Costa, *Tratado*, p. XXVII.

Em *Colóquios dos Simples* encontramos vários níveis de diálogo. O que define o estilo dialogal da obra estabelece-se entre dois médicos: um Orta e outro Ruano.²⁸⁰ A interpretação que Ficalho fez destes dois interlocutores foi aplaudida pela esmagadora maioria dos estudiosos que se debruçaram sobre a obra.²⁸¹ Ficalho escreveu:

“O dr. Ruano, porém, deve ser um personagem fictício. Dada a forma diallogada, e sem examinar se a escolha dessa forma foi feliz, Orta necessitava de um interlocutor que o interrogasse, mas lhe fornecesse objecções, e lhe formulasse dúvidas. D’ahi a escolha de um médico formado como elle em Salamanca e Alcalá, tendo toda a sciencia dos livros, e tão desejoso de a completar pelo resultado das observações feitas no Oriente, que a sua impaciência lhe tirava o somno. Ruano, representa-nos, pois, Garcia da Orta, como este chegou á India, munido de toda a erudição clássica e universitária, sabendo o que tinham escripto Dioscórides, Plínio e os outros modernos, forte nas suas affirmações, e um tanto respeitoso ainda em frente de alguns dos seus erros: o Orta dos *Colóquios* representa-nos a transformação operada por perto de trinta annos de observações directas.” (Orta, I:21).²⁸²

Interpretando esta duplicidade descrita por Orta como uma unidade, Ficalho fez coincidir estas duas personagens com fases distintas da vida de Orta. Os dois

²⁸⁰ Na introdução do Colóquio primeiro, Orta apresentou o interlocutor: “Colóquio primeiro em que se introduz o Doutor Ruano, muito conhecido do auctor em Salamanca e em Alcalá, o qual vem à Índia com hum seu cunhado, que he feitor de hua náó, e nam vem cá por mais que por saber das mezinhas da Índia e de todolos os outros simples qye nella há, e como chegou a Goa e ouviu nomear o autor, conhecendose ambos, vay pousar com elle e decraralhe sua entemçam, e o autor lhe responde.” (Orta, I:19).

²⁸¹ Silva Carvalho, por seu lado, defendeu que os interlocutores “Ruano” e “Dimas” correspondiam a diferentes designações da mesma pessoa: “Dimas Bosque era o autor de muitas opiniões emitidas, dúvidas postas e interrogações feitas em nome de Ruano nos *Colloquios*, ainda que alguma vez figura simultâneamente Dimas e Ruano...” Silva Carvalho, Garcia d’Orta, p. 163. Mais recentemente, Harold Cook, identificou Ruano com Ruélio, sugerindo o trocadilho de nomes que faria coincidir o interlocutor de Orta com o do erudito comentador de Dioscórides: “Ruelle’s name meant *of the narrow street* in French, while *Ruano* means *related to the street* in Spanish, Orta’s character Dr. Ruano therefore is undoubtedly a personification of the modern editors of Dioscorides, whom Orta spent his work correcting.” Harold J. Cook, *Matters of Exchange*, p. 97. Será também de consultar a este propósito a obra de Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, pp. 255-295. Retomaremos esta discussão no Cap. 5.1.

²⁸² Como tinha anteriormente afirmado Ficalho: “Os dois personagens são os dois caracteres reunidos em Garcia de Orta, as duas faces do seu espirito postas em frente uma da outra.” Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 299. Retomaremos este tema mais à frente. *Vd.* Cap. 5.1.

interlocutores descreviam, assim, momentos concretos da biografia do médico. A teatralidade que caracteriza *Colóquios dos Simples* leva-nos a questionar esta leitura. Apesar do médico se ter servido da personagem “Orta” para redigir passos da sua biografia, não cremos que tudo o que nela se encontra descrito retrate a realidade. O esboço desta personagem serviu um propósito preciso: representar o autor. Como vimos no Capítulo 1.1, os elementos biográficos que Garcia de Orta dispersou pelo texto serviram para a construção da sua imagem. Esta teria que ser credível e aceite pelas elites europeias. Neste jogo de “ser ou não ser” desenhado pelo físico, parecemos arriscado tomar representações por factos. Nas personagens Ruano e Orta, projectadas pelo físico, mais do que diferenças, encontramos pontos de contacto. Por isso, importa-nos assinalar o que as distingue. A cisão entre as duas personagens encontra-se na forma como se relacionam com o saber textual. Profundo conhecedor das fontes escritas, Ruano permaneceu dependente das referências textuais e dos preconceitos dominantes na Europa relativamente ao saber árabe. Orta, por seu lado, revelou uma leitura crítica face à forma preconceituosa e hirta com que a Europa se relacionava com o saber contido nos textos. Para Orta, relativamente ao mundo natural, a palavra, mais do que dogma era o ponto de partida para uma leitura atenta e pragmática da natureza. Este pragmatismo resultava de uma experiência concreta: o testemunho. Oral ou manuscrito, resultante da experiência pessoal ou da de gentes dignas de fé, o depoimento questionava ou complementava o saber contido no texto.

Foi neste sentido que surgiu um outro nível de diálogo: aquele que testemunhava uma interacção com personagens plausíveis. A multiplicidade de interlocutores que enriqueceu e animou a conversa dos médicos, trouxe uma nova dinâmica à aquisição do saber. Para Orta, como veremos mais à frente, o saber sobre o mundo natural não se esgotava no interior de uma biblioteca mas exigia o confronto com o real. Propondo um regresso à proposta metodológica de Dioscórides, mais do que uma leitura comparada de textos, Orta ousou propor uma verificação.²⁸³ Para

²⁸³ No Prólogo do Livro Primeiro do *De Materia Medica* de Dioscórides pode ler-se “ Te exortamos a ti y a cuantos lleguen a leer nuestros comentarios a que no mireis solo el significado de nuestras palabras, sino el cuidado que, combinado com la experiencia, aparece en las hierbas tratadas. Pues, tras conocer la mayor parte de ellas con máximo rigor por haberlas visto personalmente y tras aquilatar la información de las otras por su unanimidad y por indagar de los nativos correspondientes, vamos a intentar tratarlas en un orden nuevo y diferente, describiendo las especies y las virtudes de cada una de

Orta, o contributo fundamental do sábio grego para uma eficaz interpretação do real, estava a ser descurado pelos eruditos europeus, que continuavam a limitar-se ao confronto textual para afirmar um saber.

A presença de um Ruano, curioso e aberto à mudança, foi assim necessária para que pudesse vingar a reconfiguração do saber proposta por Orta. Um saber que, apesar de baseado nos textos, não se esgotava no comentário ou no confronto documental nem prescindia do testemunho pessoal como elemento de prova.²⁸⁴ No fundo, um saber que, apesar de ser determinado por um contexto cultural, se revelava menos limitado pelo preconceito e mais aberto à evidência.

No interior destes diálogos surgiram ainda outros, aqueles que colocamos num terceiro nível.²⁸⁵ Aparentemente, desempenham uma outra função, em nosso entender mais complexa e subtil. Referimo-nos ao relato de discussões “científicas” ocorridas com Governadores e boticários, nas quais Orta participou.²⁸⁶

“Orta: Perguntou o visorey áquelle boticário se era hum daquelles cardamomo mayor e outro cardamomo menor, e dixе que nam; senam que o mais pequeno era casdamomo, e o outro que nam era mayor nem menor; e como lhe dixе eu que o provasse e acharia ambos de hum sabor, e hum era grande e outro pequeno, e elle nam dava essas duas espécies nesta terra, sendo nella tam esprementado, que era razam serem aquellas duas mezinhas huma cardamomo mayor e outra cardamomo menor. A isto dava elle grandes brados em bom

ellas.” Um pouco mais abaixo, afirmou o sábio grego: “El que quiera tener experiencia en ellas debe encontrarse a su lado nada más brotar de la tierra, cuando están en su esplendor y cuando ya lo han pasado. Pues el que solo las haya visto en su brote no puede reconocerla en su esplendor, ni quien solo las haya visto en su esplendor las puede reconocer recién brotadas.” O erudito terminou o Prólogo ensinando os seus leitores a conservar as partes das plantas com propriedades medicinais, assim como os medicamentos feitos a partir delas. Para esta referência baseámo-nos na versão castelhana da transcrição do manuscrito 2659, guardado na Biblioteca Universitária de Salamanca que se encontra online no site www.dioscorides.eusal.es. Este assunto será retomado mais à frente. *Vd.* Cap. 6.1.

²⁸⁴ O próprio Ruano aderiu à proposta metodológica de Orta, tendo, ao longo da obra, descrito drogas que lhe apresentara Orta, como por exemplo, o banguê, os cardamomos ou o folio índico. Para além disso, Ruano inquiriu a cozinheira da casa sobre um remédio para as gengivas, assim como pediu à compradeira do médico a sua opinião sobre os melões.

²⁸⁵ Chamámo-lhes de “terceiro nível” não porque entendamos serem menos importantes mas porque são mais escassos. Quanto a nós, estas discussões foram, como veremos, da maior relevância para o sucesso da obra de Orta.

²⁸⁶ Orta começou por explicar que “este boticário era hum homem velho de muito tempo na índia, e sabia bem a pratica da botica, em latim, e grego e árábio sabia do modo que o sabem em Espanha os que nunca o ouviram falar nem ler.” (Orta, l:182).

romance de Portugal [...] e eu lhe dizia, porque nam será este cardamomo, pois não dais outro na terra? E elle dizia: Porque? Como há Deus de querer que o que eu não soube em tantos annos, saibais vos tam asinha? E eu a isto lhe replicava que muitas cousas sabíamos oje, as quais ontem ignorávamos; e que muitas vezes, aos menores, como a mim, se revelavam as cousas que aos mayores, como elle, nam revelavam [...].

Ruano: E pudieis ter o riso entonces?

Orta: Si podia, mas com grande trabalho, porque, diante de tal pessoa, seria reputado a liviandade; e porém um letrado jurista, que em um canto estava assentado, reua por mim e por elle, e oje em dia riy disso, quando lhe lembra.

Ruano: Nam sabia esse visorey o que vós sabíei?²⁸⁷

Orta: Si; e mais me conhecia de Portugal; e elrey quando pera esta terra veo elle lhe disse que nam era necessário trazer físico consigo; e assi o fez, e se finou em minhas mãos;” (Orta, I:182-183)

O detalhe com que Orta descreveu este episódio merece ser realçado. Não apenas porque a sua narração revelou, de forma algo despreocupada, que D. João III reconhecia o seu saber e práticas, mas também porque nos demonstrou que, em torno das discussões científicas, se organizavam verdadeiras encenações para deleite das elites. O boticário, aparentemente, era o único que não se apercebia que o seu saber não podia competir com o estatuto do saber de Orta. Apesar do respeito que todos lhe devotavam, enquanto ancião e homem dedicado ao seu trabalho, o seu reconhecimento dos recursos era insuficiente. O seu saber pragmático, transmitido ao longo de gerações de práticos, não era comparável ao profundo conhecimento que Orta adquirira nas Academias, nos textos médicos latinos, gregos e árabes, e nas múltiplas conversas que entretanto tivera com físicos e mercadores locais. Desencadear uma polémica científica perante os outros, constituía assim um verdadeiro espectáculo que animava as elites portuguesas de Goa. Orta não nos

²⁸⁷ Face aos elementos apontados por Orta, Ficalho identificou este governante com D. Pedro de Mascarenhas, que morreu em Goa em 1555. O estudioso escreveu: “D. Pedro de Mascarenhas, sem ser homem de muitas letras, era inteligente e culto” e acrescentou “Foy hum visorey nesta India, muito curioso de saber, e posto que nam sabia latim, em toscano entendia Plínio” escreveu “e devia saber bem italiano, pois estivera durante annos embaixador em Roma.” (Orta, I:190-191).

revelou qual foi o objectivo do Vice-rei ao despoletar esta querela, do mesmo modo que não nos disse se este ficou convencido com a sua argumentação. Talvez esse não fosse o objectivo do relato deste incidente. Neste episódio, Orta não quis prescindir da visibilidade que D. Pedro de Mascarenhas e o próprio D. João III lhe proporcionaram.²⁸⁸

2.7. Volumes referenciados

Pouco se sabe sobre a circulação da obra de Garcia de Orta. Considerada rara pelos eruditos de Seiscentos, reconhecemos-lhe, no entanto, alguns leitores. É certo que Diogo do Couto a leu em Goa.²⁸⁹ Do mesmo modo, podemos afirmar com segurança que Dimas Bosque a consultou. É muito provável que no Hospital Real de Goa o saber contido no tratado constituísse uma referência credível para médicos, boticários e enfermeiros.

Também não nos é difícil supor que os conteúdos veiculados pelos *Colóquios* circulassem nas redes de Colégios da Companhia de Jesus, garantindo uma maior eficácia no trabalho missionário para além de um melhor aproveitamento dos recursos naturais. Na grandiosa *livraria* do Arcebispo de Goa havia um exemplar amplamente utilizado por Jan Huygens van Linschoten na redacção do seu *Itinerario*. (Amesterdão, 1596).²⁹⁰

Tal como os ibéricos, o resto da Europa aguardava, impaciente, por esta publicação. Como vimos anteriormente, os médicos das elites políticas e religiosas incitavam os portugueses a divulgar notícias sobre um mundo natural tão desejado quanto desconhecido.

Por isso, quando na sua visita a Portugal, em 1564-1565, Clusius encontrou a obra recentemente chegada de Goa, o seu entusiasmo revelou-se pela rapidez com

²⁸⁸ Qual seria o objectivo destas polémicas científicas? Seriam elas reveladoras de um crescente interesse dos governantes no debate de temas diversificados? Biagioli, justificou as controvérsias que Galileu protagonizou nas cortes florentinas pelo interesse que as elites de então revelavam no patrocínio das artes e ciências. Sobre elites e mecenato científico em Setecentos ver: Mario Biagioli, *Galileu, Cortesão*, pp. 80-93.

²⁸⁹ Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 149-150.

²⁹⁰ O exemplar que pertenceu a Linschoten encontra-se hoje na Biblioteca da Universidade de Leiden. Ver: Kasper van Ommen, *The exotic world of Carolus Clusius*, p. 30.

que se lhe dedicou.²⁹¹ O epítome latino estava pronto em finais de 1566 mas, por motivos alheios à sua vontade, só veio a ser publicado no decorrer de 1567.²⁹² *Aromatum et Simplicium* foi um grandioso sucesso editorial, como o atestam as edições, aditamentos e traduções.²⁹³

No entanto, na década seguinte à sua publicação, surgiram em Espanha duas obras baseadas no texto de Garcia de Orta. Referimo-nos às obras de Juan Fragoso, *Discurso de las cosas Aromaticas* (Madrid, 1572) e de Cristóvão da Costa, *Tractado de las Drogas* (Burgos, 1578).²⁹⁴ Estes dois tratados, baseados em *Colóquios dos Simples*, divulgaram na Península Ibérica os saberes veiculados por Orta.²⁹⁵

Apesar de trabalhada por estes médicos ibéricos, a obra parece ter sido rara. Na verdade, já no século XIX, Anastasio Chinchilla e Antonio Morejon tinham chamado a atenção para a raridade da obra de Orta. Cunha Rivara, que na Índia buscara incessantemente a pista de Orta, escreveu: “De Garcia d’Orta não só não achei notícia ou documento algum na Índia; mas nem ainda exemplar da sua obra, que de propósito busquei...”²⁹⁶ Apesar de não haver uma estimativa do número de exemplares publicados em Goa, Silva Carvalho encontrou uma justificação, que considerou bastante, para a escassez de exemplares: “nos anos imediatos à sua morte [de Garcia de Orta], a Inquisição de Goa, ordenou que se fizessem visitas às livrarias e se queimassem muitos livros e naturalmente seriam preferidos nesta purificação os que eram de infiéis ou continham matéria suspeita e tinham escapado à vigilância do terrível tribunal, de modo que a grande obra do insigne homem de ciência foi

²⁹¹ O interesse e dedicação que Clusius devotou ao volume revelou-se, não apenas pela celeridade com que empreendeu a publicação do epítome latino, mas também pelas numerosas correcções, anotações, índices e comentários marginais que incluiu no exemplar que adquiriu em Lisboa. Consultámos este exemplar que pertenceu ao botânico na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

²⁹² Escreveu Clusius: “Pensávamos publicá-la no princípio do Verão passado, mas por causa de dificuldades que nos surgiram, fomos obrigados a adiar a sua publicação.” Clusius, *Aromatum et Simplicium*, p.7. A obra saiu dos prelos de Antuérpia, em 1567.

²⁹³ Vd. Cap 1.2.

²⁹⁴ Até hoje, só conseguimos referenciar em Espanha um exemplar de *Colóquios dos Simples*. Este volume encontra-se depositado na Biblioteca Pública de Burgos. Muito provavelmente este exemplar pertenceu a Cristóvão da Costa.

²⁹⁵ No Capítulo 1 já fizemos alusão aos tratados destes médicos. Ver também: Teresa Nobre de Carvalho, “A apropriação de *Colóquios dos Simples* por dois médicos ibéricos de Quinhentos”, pp. 59-72.

²⁹⁶ Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*. 1886, p. 280.

alimentar as fogueiras.”²⁹⁷ O argumento que Silva Carvalho construiu parece-nos excessivo.

Na prospecção que efectuou nas bibliotecas e arquivos de outras obras publicadas pela mesma tipografia goesa, Boxer localizou muito poucos exemplares destes volumes e, por vezes, encontrou apenas um.²⁹⁸ As obras em causa eram textos doutrinários ou relativos à missão. Pelo contrário, relativamente a *Colóquios dos Simples*, o investigador referenciou 24 exemplares, número que, pela sua dimensão, não pode deixar de nos surpreender. A sondagem a arquivos e bibliotecas que temos continuado a efectuar, conduziu-nos à pista de mais alguns exemplares, ascendendo, actualmente, a 33 o número de volumes localizados.²⁹⁹ Para além disso, convém recordar que *Colóquios dos Simples* foi publicado com a autorização expressa do Reverendo Aleixo Dias Falcão “desembargador da Casa de Suplicação nestas partes”. O então representante da Inquisição em Goa não encontrou nos conteúdos da obra de Orta qualquer atentado à fé Católica. Da mesma forma, *Colóquios dos Simples* nunca constou de qualquer das listas de obras indexadas. Ao contrário de Silva Carvalho, a quem faltou a informação sobre as monografias existentes, parece-nos muito significativo o número de exemplares hoje localizado. Apesar de não se ter encontrado qualquer volume no Oriente, o que se pode explicar, pelas adversidades de um clima avesso à conservação do papel, a existência de exemplares nos espólios de bibliotecas públicas e privadas ocidentais denota a atenção e o cuidado que os homens de Quinhentos tiveram com a obra. Talvez muitos dos seus proprietários, face à estranheza do idioma, nem compreendessem o seu conteúdo. No entanto, esta primeira obra sobre o mundo natural da Ásia impressa no Oriente era, seguramente,

²⁹⁷ Augusto Silva Carvalho, “Garcia d’Orta.”, p. 134.

²⁹⁸ Das obras publicadas por esta oficina, Boxer localizou os exemplares publicados por esta tipografia que descreveu em *A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints*, artigo a que acima nos referimos. *Vd. Cap. 2.1.*

²⁹⁹ Em 1963, apenas se tinham localizado 9 exemplares em Portugal Continental. Segundo se pode ler no Prólogo à edição fac-similada de *Colóquios dos Simples* publicada pela Academia das Ciências, conheciam-se “dois na Biblioteca Nacional, dois na Biblioteca de Évora, um no Arquivo Nacional, um na Biblioteca da Ajuda, um na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, um na Faculdade de Medicina do Porto, e ainda um na Fundação da Casa de Bragança, em impecável estado de conservação, tendo sido utilizado para a presente reprodução.” Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*. [1563], 1963: Prólogo. Com as nossas pesquisas, já conseguimos referenciar 13 volumes em Portugal. Estamos convictos de que, uma pesquisa mais profunda e sistemática, nos conduzirá a outros exemplares goeses.

2. Histórias da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*, Goa, 1563

um objecto digno da cobiça de eruditos e colecionadores.³⁰⁰ A existência destes exemplares, muitos deles em excelente estado de conservação, revela o interesse que este livro despertou na Europa que o acolheu. Até ao momento recensaram-se, como dissemos, 33 volumes da edição goesa de *Colóquios dos Simples*, dos quais já analisámos uma parcela importante. No Quadro 6 identificamos as bibliotecas onde estes exemplares se encontram.

Quadro 6 - Localização dos volumes dos *Colóquios dos Simples*

Código	Biblioteca	País
BNP1	B. Nacional Lisboa*	Portugal
BNP2	B. Nacional Lisboa*	Portugal
BME	Biblioteca Municipal de Elvas*	Portugal
BPE	B. Pública de Évora*	Portugal
BFMUL	B. da Fac. de Medicina Univ. de Lisboa*	Portugal
ANTT	Arquivo Nacional Torre do Tombo *	Portugal
BA	Biblioteca da Ajuda*	Portugal
BPARPD	B. Pública e Arq. Reg. de Ponta Delgada*	Portugal
BSCM	B. da Sociedade de Ciências Médicas*	Portugal
BFMP	B. da Faculdade de Medicina do Porto	Portugal
FCB	Fundação Casa de Bragança, Vila Viçosa*	Portugal
BMaфра	B. Convento de Maфра	Portugal
CP	Coleccionador privado (Lisboa)	Portugal
BNA	Osterreichische Nationalbibl. Viena	Austria
BNF	Bibliothèque Nationale France, Paris*	França
IF	Institut de France, Paris*	França
BIT	B. Nazionale Univ. Turim*	Itália
BC	B. Casanatense, Roma	Itália
BPB	B. Publica de Burgos	Espanha
LU	Leyden University	Holanda
RLS	Royal Library, Estocolmo*	Suécia
BL	British Library, Londres*	Reino Unido
BM	British Museum	Reino Unido
BUC	Cambridge University Library*	Reino Unido
BL	Bodleian Library Oxford	Reino Unido
WHL	Welcome Historical Library*	Reino Unido
QML	Queen Mother Library, Aberdeen	Reino Unido
BNRJ	B. Nacional Rio Janeiro*	Brasil
HU	Harvard University	Estados Unidos da América
IUL	Indiana University Library	Estados Unidos da América
CUA	Catholic Univ. America, WDC*	Estados Unidos da América
LL	Lilly Library, Indiana Univ	Estados Unidos da América
BCC	Bibliothèque et Archives, Toronto	Canadá

(*) volumes que, no âmbito deste trabalho, já consultámos

³⁰⁰ No entanto, é importante realçar o facto de, em muitos dos exemplares consultados, as notas marginais nos terem surgido em latim, castelhano, francês ou italiano. Esta evidência atesta, não apenas o interesse que os conteúdos da obra despertaram entre os leitores europeus, como a capacidade que a comunidade de letrados tinha de compreender o português escrito.

2.7.1. Análise comparativa de volumes

A documentação que acompanha o exemplar RES 457 guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa pode ler-se:

“Exemplar mutilado com variantes do ex. 456 . Só a folha 7 e 7v tem alterações de alinhamento e grafia – parece ser uma folha aqui colocada de outra impressão.” Esta sequência de observações termina com uma conclusão definitiva: “É com certeza de outra edição não citada.”

Para o anónimo autor destas linhas, a simples existência de uma folha com textos ligeiramente diferentes parece ser suficiente para justificar a existência de mais do que uma edição quinhentista dos *Colóquios*.

Se ainda não tivéssemos consultado diferentes exemplares goeses talvez partilhássemos desta opinião. Tal como viemos depois a constatar, a questão do texto da folha 7, a composição dos cadernos C e D ou a sequência de paginação do caderno P, foram apenas alguns dos incidentes que se nos impôs analisar, quando procurámos clarificar aspectos relacionados com a edição dos *Colóquios*. Admitir que existiu mais do que uma edição quinhentista passaria, talvez, por verificar que, globalmente, as principais alterações ou correcções se teriam encontrado em alguns volumes quando comparados com outros. No entanto, como referimos, até hoje, não nos deparámos com qualquer exemplar que revelasse, no seu conjunto, ter sido alvo de um maior cuidado. Na verdade, em cada um dos livros analisados, apenas verificámos intervenções parciais. A combinação, num mesmo volume, de cadernos com erros corrigidos com outros contendo as lacunas originais, sugeriu-nos que cada obra foi encadernada reunindo, de forma aleatória folhas emendadas e originais.

Para tentar compreender como tinha decorrido o desordenado processo de edição de *Colóquios dos Simples*, analisámos o maior número de exemplares que nos foi possível consultar. A partir do estudo de diferenças que nos pareceram mais significativas, como o número de folhas do caderno C, a substituição de determinados

fólios ou a sequência dos paratextos, elaborámos um Protocolo de Análise.³⁰¹ De igual modo, atendemos à diversidade de papel utilizada, assim como a emendas na sequência da paginação ou na posição de letras capitais. O trabalho está longe de estar terminado. Dificuldades de vária ordem têm impedido a deslocação às bibliotecas nacionais e estrangeiras onde os exemplares se encontram. No entanto, já analisámos a maioria dos volumes que se encontra em Portugal e em França, assim como alguns dos guardados no Reino Unido e em Itália. A lista de exemplares, como vimos, é mais numerosa do que se pensava e acalentamos a esperança de, nos próximos anos, podermos examinar uma importante proporção dos que ainda nos faltam. Do que nos tem sido possível observar, resulta claro que o processo editorial foi conturbado. Todos os leitores dos *Colóquios*, começando pelo *licenciado* Dimas Bosque lamentaram o estado da edição. O Conde de Ficalho, ao apresentar a obra de Orta afirmou : “os erros abundam ; a ortographia e a pontuação são caprichosas ; a numeração das páginas irregularíssima ; e a leitura torna-se em muitas passagens difícil e obscura.” No entanto, esclareceu, “o que ha de peor, ou mesmo de mau na edição de Goa é o trabalho de composição. O papel é bastante bom, e o typo excellente.”³⁰²

O exemplar dos *Colóquios dos Simples* do Institut de France pertence ao importante *fond Delessert*, uma das mais completas colecções europeias de obras de História Natural publicadas no Renascimento. O livro encontra-se em excelente estado de conservação e as múltiplas anotações e sublinhados a lápis sugerem que foi alvo de estudo cuidado por um anterior proprietário. Este volume do Institut de France, que designámos IF, apresenta alterações significativas relativamente ao exemplar FCB. Apesar de nele ainda termos encontrado alguns dos erros assinalados por Orta, verificámos que muitas destas lacunas já tinham sido emendadas. Verificámos ainda que alguns dos erros corrigidos na versão FCB não o estavam no IF, sendo o caso inverso também verdadeiro. Deste modo, o volume apresentava cadernos corrigidos

³⁰¹ Para a análise dos diferentes exemplares estabeleceu-se um “Protocolo de Análise” com a ajuda da Prof. Isabelle Pantin (ENSup, Paris), a quem agradeço reconhecida toda a ajuda, sugestões e interesse por este projecto. Quero também expressar o meu agradecimento à Dra Conceição Tavares (CIUHCT), à Prof. Inga Elmquist e ao Prof. Jonas Nordin (Kulinga Biblioteket/The National Library of Sweden) pela ajuda preciosa na análise de exemplares guardados, respectivamente, na Biblioteca de Ponta Delgada e na National Library of Sweden. Também aos colegas do CIUHCT, Samuel Gessner e Luana Giurgevich, agradeço a referência ao exemplar guardado na Biblioteca do Convento de Mafra.

³⁰² Conde de Ficalho, *Garcia de Orta no seu tempo*, Lisboa, p. 368.

misturados com originais. Encontrámos ainda, no volume IF, duas folhas integralmente refeitas e cuidadosamente coladas. Assumimos que as novas versões destas folhas se aproximavam dos propósitos do corrector.³⁰³

Nos volumes BNP2, BNF e BNU as folhas 7 e 27 foram substituídas por outras com novas versões do texto, não se tendo verificado a colagem da nova versão da folha mas a substituição integral do respectivo caderno. Supomos, assim, que a intervenção no exemplar IF foi posterior à encadernação, momento em que já seria impossível substituir o caderno. Talvez por este motivo possamos admitir que este exemplar foi dos primeiros a ser encadernado.³⁰⁴

Só uma análise de cada uma destas intervenções pode facultar uma melhor compreensão das intenções do autor (ou do corrector). Convém assinalar que a substituição das folhas, dado o exímio trabalho de corte e colagem, é quase imperceptível. O cuidado na recomposição do texto faz com que não haja descontinuidade na leitura. Em oposição ao sugerido, no início da obra, este facto faz-nos supor que, no Oriente, tipógrafos e livreiros podiam contar com colaboradores meticulosos, capazes de empreender um trabalho artesanal de qualidade notável.

A folha 7 tem sido frequentemente analisada.³⁰⁵ Na verdade o texto da folha 7f e 7v varia em função dos volumes: enquanto existe uma versão de texto no volume BFMUL, IF, BPAPD, BL e ANTT, regista-se outra nos exemplares BPE e BME e uma terceira nos livros BSCM, BA, BIT, BNP1, BNP2 e BNF.

Também o texto que ocorre no fl 27 (FCB e BME) é distinto do fl 29 (BFMUL, BPAPD, BSCM, BPE, BL, ANTT, BA, BIT, BNF, BUC, BNP1 e BNP2). No exemplar IF, uma nova folha “29” foi colada o que, mais uma vez, nos leva a supor uma intervenção posterior à encadernação.

O caderno P também revela variantes. A sequência de paginação nos exemplares ANTT e BNL1 é distinta da observada nos volumes BSCM, BPE, BL, BIT,

³⁰³ As folhas 7 e a 27 foram totalmente refeitas.

³⁰⁴ Acresce a este facto o tipo de encadernação característica do século XVI : em pergaminho com duas presilhas de couro.

³⁰⁵ A questão das diferentes formas da folha 7 foi já levantada por Augusto Silva Carvalho em *Garcia d’Orta*, pp. 178-180. Actualmente detectámos uma 3ª versão da folha 7.

BNP2. Não se encontrou, no entanto, uma diferença no texto que justificasse a recomposição do caderno.

Todas estas divergências só vêm agravar a dificuldade de análise da edição. Torna-se, neste momento bem mais complicado discernir qual dos textos em causa foi o mais aproximado da vontade do seu autor. Podemos considerar-se que alguns exemplares apresentam semelhanças significativas. São exemplares compostos especialmente com cadernos da uma tiragem “revista”. O exemplar IF, por seu lado, na medida em que apresenta folhas coladas, parece conter mais cadernos de uma 1ª tiragem. Até hoje, ainda não encontramos exemplares de uma tiragem original que seriam equivalentes ao que Garcia de Orta referiu na Errata. Dada a diversidade do grau de intervenção que encontramos nos volumes analisados parece-nos possível que apenas tenha havido uma edição de *Colóquios os Simples*, em Abril de 1563.

A inexperiência do tipógrafo, a despreocupação dos funcionários da oficina relativamente aos rigores da ortografia, a pouca clareza do texto manuscrito assim como a originalidade do tema, comprometeram a transparência do texto publicado.

Retomando o nosso argumento inicial, admitimos que a existência de número considerável de variantes revela diferentes momentos na revisão do texto. Após uma primeira tiragem, o texto foi corrigido pelo compositor e/ou corrector e confrontado com o original. O texto parece ter sido depois enviado ao autor quando a totalidade dos capítulos estava impressa. Este, terá revisto as provas, e proposto correcções de diversa ordem. Dada a grande extensão da Errata, supomos que muitas folhas (ou cadernos) tiveram que ser integralmente refeitos, o que conduziu a um importante atraso na edição do texto. Convém salientar que a correcção levada a cabo por Orta foi, provavelmente, tardia e que se nos afigura que este tenha ficado satisfeito com o trabalho. Como dissemos, estamos convictos de que o médico planeava publicar uma segunda edição, possivelmente expurgada de todos erros assinalados. No entanto, só uma pesquisa mais exaustiva poderá vir a validar esta hipótese.

2.8. História das edições

Deixando de lado as adaptações e traduções efectuadas por Clusius e por todos os que nele se basearam, fica-nos a ideia de que, entre a edição goesa de 1563 e as do século XIX, não se verificou qualquer reimpressão portuguesa dos *Colóquios dos Simples*. Se bem que, desde 1841, a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa³⁰⁶ manifestasse vontade em publicar uma versão comentada da obra quinhentista, tendo mesmo chegado a solicitar pareceres a Almeida Garrett e a Fr. Francisco de S. Luís. Os dois homens acolheram efusivamente o projecto. Segundo contou Ficalho na “Advertência preliminar” à edição de *Colóquios dos Simples*, “ambos davam, nas respostas à Sociedade, o seu parecer sobre as regras a observar na nova edição.” (Orta, I:VII). E continuou Ficalho: “Devido sem duvida aos esforços e influencia d’estes dois illustres literatos, o governo decidiu auxiliar a emprezada Sociedade das sciencias medicas, e um portaria de 27 de Maio de 1841, assignada por R. da Fonseca Magalhães, determinou que a reimpressão fosse feita na Imprensa Nacional, e que a dirigisse o conselheiro, João Baptista de Almeida Garrett.” (Orta, I:VII). Apesar de aparentemente bem encaminhado, este projecto nunca saiu do papel.

Consta que Rodrigo de Lima Felner acalentou o propósito de editar os *Colóquios* mas, até ao momento, não nos foi possível encontrar detalhes deste projecto. Deste modo, o texto publicado em 1872 por Francisco Adolfo Varnhagem,³⁰⁷ “pela qual suspira ha tanto tempo Portugal”³⁰⁸ constituiu a segunda edição portuguesa da obra de Garcia de Orta.³⁰⁹ O diplomata já tinha então editado, com louvável

³⁰⁶ Segundo Inocêncio Francisco da Silva, Dicionário *Bibliográfico Português*, vol.3, p. 116, já no número de Março de 1841, a Sociedade de Ciências Médicas expressara no seu *Jornal* (série 1 tomo XIII) a vontade de reimprimir os *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta. Em Julho de 1844, a referida Sociedade, reiterando o seu propósito, publicou no *Jornal* (Série 1ª, tomo XX) um fac-similado do terceiro colóquio.

³⁰⁷ Francisco Adolfo Varnhagem, *Colóquios dos Simples*, Lisboa, 1872.

³⁰⁸ Varnhagen afirmou: “Se por ella suspira ha tanto tempo Portugal, com maior razão será ella apreciada pelos paizes entre tropicos que teem por propria a lingua portugueza, e muito principalmente o Brazil, em cujo litoral são conhecidas não só as mangueiras, os coqueiros, e as jaqueiras, como a arvora da canella, do cravo, das carambolas, dos jambos, dos tamarindos, e até a planta trepadeira que produz a pimenta negra, ainda denominada impropriamente por alguns “do reino.” Palavras de Varnhagen, (1872) na dedicatória que dirigiu à Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

³⁰⁹ Varnhagem utilizou no seu trabalho o exemplar pertencente à “Biblioteca Imperial d’esta Corte [Brasil].”

aprimo, outros textos quinhentistas contendo descrições do mundo natural das Índias, como o tratado de Gabriel Soares de Sousa ou o de Pêro Magalhães Gândavo. Menos preocupados com o rigor dos relatos sobre o mundo natural brasileiro do que com os conteúdos do tratado de matéria médica das Índias Orientais, os eruditos portugueses foram muito críticos relativamente a esta segunda edição de *Colóquios dos Simples*. Assim, esta polémica publicação do historiador brasileiro não teve aceitação unânime. Como se pode ler no exemplar fac-similado pela Academia das Ciências, o trabalho deste diplomata brasileiro “teve apenas o mérito de retirar na íntegra, a obra do ilustre Português dum esquecimento em que quase recaíra”.³¹⁰ Este volume, da responsabilidade do Visconde de Porto Seguro, e no qual se verificam numerosos erros de impressão, foi severamente criticado pelo Conde de Ficalho. Referindo-se a um erro de identificação botânica cometido por Varnhagem, o estudioso não lhe poupou críticas chegando mesmo a afirmar: “e as cinzas de Garcia de Orta estremeceriam no seu túmulo, se pudessem saber que lhe atribuíam um erro desta ordem.” (Orta, I:X) Na verdade, o botânico alentejano não parecia nutrir grande simpatia pelo trabalho que o Visconde publicou em Lisboa. Ficalho afirmou ainda: “a edição de 1872 de modo algum podia servir aos que pretendessem consultar com facilidade e ao mesmo tempo em segurança a obra de Orta.” (Orta, I:X) Talvez para colmatar esta lacuna na divulgação da obra do médico de Quinhentos, o Conde Francisco de Mello Breyner tenha aceitado o desafio que a Academia das Ciências lhe lançou para a publicação de uma nova edição portuguesa da obra de Orta. Para o botânico impunha-se a árdua tarefa de revisão de texto e redacção de extensas e elucidativas notas, que levassem a obra de Garcia de Orta para perto de um público de leitores eruditos ou curiosos. O aturado trabalho do Conde de Ficalho, que se iniciou com a edição, em 1886, de *Garcia de Orta no seu tempo*, culminou em 1891-1895 com a publicação de dois volumes extensamente anotados e comentados, que tanto têm contribuído para a divulgação nacional e internacional do saber transmitido por Garcia de Orta.³¹¹

³¹⁰ Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1963, Breve nota introdutória.

³¹¹ De realçar a edição inglesa dirigida por Sir Clements Markham (1913) e a recente adaptação francesa da obra de Ficalho publicada por Actes Sud, em 2004. Estas edições foram de uma importância extrema já que divulgaram a obra de Garcia de Orta no contexto internacional. A crescente relevância que os

Em 1963, por ocasião das comemorações do quarto centenário da publicação de *Colóquios dos Simples*, numerosas foram as contribuições de eruditos dos mais variados domínios científicos. Médicos, botânicos, geógrafos, etnólogos, geólogos, economistas, historiadores ou homens de letras analisaram, cada um na sua especialidade, o carácter decisivo da intervenção do médico de Castelo de Vide, nas suas áreas do saber. Neste mesmo ano de 1963, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e sob os auspícios da Academia das Ciências de Lisboa, publicou-se a primeira edição *fac-similada* de *Colóquios dos Simples*. A publicação pretendia assinalar o ponto de partida das comemorações do quarto centenário da edição goesa. As celebrações foram propostas pelo Prof. Costa-Sacadura na sessão da Classe de Ciências.³¹² Como afirmou o letrado: “O ano de 1963 representa, pois, um ano jubilar. Não pode nem deve passar despercebido; e mais ninguém do que à gloriosa Academia das Ciências compete tomar a iniciativa da sua celebração.” Unanimemente aplaudida e aprovada, a proposta foi submetida à decisão da assembleia plenária da Academia. Esta, na sua reunião de 6 de Julho de 1961 aprovou a proposta e deliberou “que a Presidência ficasse autorizada a tomar as medidas necessárias para a reedição fac-similada daquela obra, reedição à qual se acrescentariam, em subsequentes volumes, as anotações científicas, filológicas e históricas julgadas convenientes.”³¹³ A comissão foi constituída e a Academia projectou iniciativas comemorativas, das quais a edição do fac-similado foi o ponto de partida.³¹⁴

estudos sobre *Colóquios dos Simples* tem vindo a adquirir nos últimos anos na historiografia, sobretudo anglo-saxónica, deve-se, em parte, à já datada edição de Sir Clements Markham. *Colloquies on the Simples and Drugs of India*, 1913, foi a derradeira obra publicada por este Membro da Royal Geographical Society. Para o melhor conhecimento da sua riquíssima biografia remetemos para *Markham Memorials...Being a new edition, with many additions and corrections of the 'History of the Markham family.'* Ver. David F. Markham. London, Spottiswoode & Co., 1913.

³¹² Sessão ocorrida a 20 de Abril de 1961

³¹³ Também na Universidade de Coimbra se projectavam comemorações deste quadricentenário. É curioso salientar que, também o Senado desta Universidade aprovara a proposta do Prof. Maximino Correia, de publicar uma reprodução fac-similada do texto goês. No entanto, ao tomarem conhecimento da deliberação da Academia das Ciências, desistiram formalmente deste projecto, num ofício datado de 9 de Junho de 1962, que o Reitor da Universidade dirigiu ao Presidente da Academia.

³¹⁴ Para além da Academia das Ciências, também a Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar promoveu a publicação de edições fac-similadas de obras quinhentistas relacionadas com o tratado de Orta (nomeadamente de Clusius e de Cristóvão da Costa). Para além disso, a Junta editou um número comemorativo da Revista *Garcia de Orta*, no qual, como vimos no Capítulo anterior, participaram numerosos investigadores portugueses, associando-se assim a estas comemorações. Muitos outros estudiosos participaram nestas celebrações respondendo ao apelo da Sociedade de Geografia, que fez sair dos seus prelos um número especial do Boletim da Sociedade de Geografia. Na

2. Histórias da edição *princeps* de *Colóquios dos Simples*, Goa, 1563

A edição de *Colóquios dos Simples* foi assim um contributo concreto na comemoração desta efeméride. Em 1987, no âmbito das Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, a Imprensa Nacional reimprimiu a edição do Conde de Ficalho. Esta edição, apesar de ser a mais utilizada, encontra-se actualmente datada. Os critérios de transcrição adoptados pelo Conde de Ficalho introduziram algumas imprecisões no discurso de Orta. Apesar dos cuidados deste investigador na selecção daqueles critérios de edição textual, que considerou correctos, a modernização de termos e a homogeneização da grafia de muitas palavras apagaram algumas pistas que consideramos indispensáveis para nos levarem até às fontes usadas por Orta. Os comentários, por seu lado, carecem de uma aturada revisão. Assim, se as anotações de carácter científico e geográfico estão hoje ultrapassadas, algumas das notas históricas merecem ser revistas. O acesso a um muito mais vasto conjunto de fontes e as novas leituras que a historiografia hoje proporciona podem conduzir-nos a uma mais cabal compreensão do contexto em que surgiu esta obra. Deste modo, agora que se aproxima a celebração dos 450 anos da data de publicação da edição *princeps*, consideramos fundamental aproveitar este momento para lançar as bases para o projecto de uma nova edição crítica do texto de *Colóquios dos Simples*.

verdade, os anos 1963-1964 foram pródigos em trabalhos que enaltecem o contributo para a Ciência quinhentista deste médico português.

3. Mitos e maravilhas da Ásia: uma herança Medieval

Sobre as Índias, termo suficientemente abstracto para poder abarcar uma ampla realidade geográfica, até finais do século XIII, pouco mais se sabia na Europa do que aquilo que relatavam o *Tetrabiblos* de Ptolomeu, a *História Natural* de Plínio, o *Romance* de Alexandre, as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, a *Geografia* de Al'Idrizi, a *Carta do Preste João da Índias* ou as *Sagradas Escrituras*. Para a maioria dos europeus de então, as Índias eram esse território vasto e fantástico onde uma natureza maravilhosa e surpreendente era povoada por povos nómadas, de morfologias anómalas e hábitos bizarros, por vezes assustadores.

O Ocidente centrípeto revelou, nesta época, uma curiosidade crescente pelo espaço exterior aos seus limites. Tirando partido de uma prolongada trégua, a designada *Pax Mongolica*, a Europa enviou ao Extremo Oriente emissários com o objectivo de unir crenças, criar alianças e *estreitar* os espaços.³¹⁵ As expedições de mercadores, aventureiros e religiosos por territórios asiáticos intensificaram-se. Dos trilhos traçados por estes viajantes resultaram múltiplos testemunhos que reflectiam o encontro com uma realidade prodigiosa. Tudo o que os viandantes não conseguiam explicar incluía-se na categoria do *maravilhoso*. Apesar de incapaz de se integrar na ordem do compreensível, a *maravilha* era reveladora da constante presença do sobrenatural. O europeu medieval considerava o assombro e o espanto como parte da realidade. O *portento* integrava naturalmente a sua forma de entender o mundo. Tudo o que era imprevisível e inexplicável gerava um universo de metáforas e simbolismos que complementava a leitura do real. A evidência do maravilhoso provava a proximidade do *Paraíso terreal* do qual ninguém duvidava nem ousava penetrar.³¹⁶

A par de toponímias ou rotas exóticas, a estranheza e a fantasia continuavam a fazer parte dos relatos daquele mundo que se supunha fantástico. Aos encontros

³¹⁵ Após a estabilização dos limites geográficos do Império estabelecido por Genghis Khan, criaram-se as condições para um mais próximo relacionamento entre a Europa e o Oriente. De temíveis guerreiros, os tártaros passaram a possíveis aliados. De facto, ao longo de quase um século, os mongóis mantiveram as suas fronteiras permeáveis à circulação de viajantes que não pusessem em causa a estabilidade do seu império. Ver Jean Richard, *La Papauté et les missions d'Orient au Moyen Âge*, pp. 248-266; Jean-Paul Roux *Les explorateurs au Moyen Age*, pp. 53-80 e Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, pp. 46-52.

³¹⁶ Michel Mollat, *Los Exploradores del siglo XIII al XVI*, pp. 97-109; Isabel Soler, *El nudo y la esfera*, pp.206-223; Jacques Le Goff, *Heróis e maravilhas da Idade Média*, pp.11-31.

indesejáveis com povos hostis, associava-se a severidade do percurso, a ameaça de doenças, o desconforto da viagem, o rigor extremo do clima e o carácter inóspito e agreste da natureza encontrada. Longas e penosas jornadas conduziam até ao seu destino, apenas os mais tenazes, através de cumes que tocavam os céus, desertos tórridos e estepes infindáveis.

3.1. Relatos de missionários

Dos seus périplos pelo Oriente, os missionários redigiram circunstanciadas narrativas. Os relatos dos frades franciscanos Giovanni de Pian del Carpine e William Rubruck, lavrados na sequência das suas missões asiáticas, circularam de forma restrita nos círculos régios ou próximos da Curia Papal.³¹⁷

Frei Giovanni da Pian del Carpine (1182-1252) foi um frade franciscano, originário da região da Umbria (Itália). Chefiou, a mando do Papa Inocêncio IV (p.1185-1254), a primeira missão diplomática da Igreja Católica à corte mongólica.³¹⁸ Um dos objectivos desta missão era o de converter o *Grande Kham* ao Cristianismo. Um outro, era o de manifestar o desagrado perante a recente invasão de territórios cristãos. Um terceiro, talvez mais velado, seria o de assegurar o apoio deste grande Senhor na luta contra a iminente ameaça árabe. Apesar da sua idade avançada, o corpulento frade partiu de Lião, em Abril de 1245. Pian del Carpine chegou a Karakorum, que era então a capital do Império Mongol, no Verão do mesmo ano. Na acidentada viagem, em que percorreu a Tartária, o frade nunca deixou de observar e reter as particularidades dos territórios que atravessava. Apesar de o soberano mongol ter recusado o convite Papal, devolveu ao Sumo Pontífice os seus missionários, através dos quais enviou missivas. Ao regressar a Lião, em 1247, o frade entregou ao Sumo Pontífice as cartas do chefe mongol, assim como um detalhado relato sobre o seu périplo asiático. Ao

³¹⁷ Sobre as viagens e relatos destes religiosos, consultar a obra de Juan Gil, *En demanda del Gran Khan. Viajes a Mongolia en el siglo XIII*, pp. 159-440 assim como a de J.K.R. Philips, *The medieval expansion of Europe*, pp. 57-140, Michel Mollat, *Los exploradores del siglo XIII al XIV*, pp. 13-28 a de Jean-Paul Roux, *Les explorateurs au Moyen Age*, pp. 81-167 ou a de Jean Verdon, *Voyager au Moyen Age*, pp. 173-328.

³¹⁸ O Papa Inocêncio IV (Sinibaldo dei Fieschi) governou os destinos da Igreja Católica entre 1243 e 1254. Com o objectivo de estabelecer contactos com os tártaros, o seu pontificado caracterizou-se pelo envio, para Oriente, de numerosas missões diplomáticas de religiosos, de entre os quais, para além da de Pian del Carpine se destacaram as missões de fr. André de Longjumeau ou fr. Lourenço de Portugal.

redigir *Historia Mongolarum* (1247), o italiano forneceu à Cristandade uma descrição original da Tartária, bem como a primeira imagem do Cataio. No seu texto, incluiu múltiplas notas sobre os hábitos e costumes dos Tártaros, listou os principais príncipes Mongóis, enumerou as nações que estes tinham conquistado ou as que lhes tinham resistido. A precisão dos dados compilados não encontrou rival noutra relato medieval.³¹⁹

Frei Willelm van Ruysbroek ou Rubruck (c.1220-c.1293) foi um missionário franciscano originário de Rubrouk (Flandres). Homem da confiança de Luís IX (r. 1226-1270), tendo acompanhado o Rei durante a VII Cruzada (1248), foi enviado, em 1253, à corte do *Grande Khan*, em missão apostólica. Na sequência desta sua viagem, redigiu *Itinerarium terrae Tartarorum* (1254).³²⁰ Neste relato, dividido em 40 capítulos, o missionário descreveu as particularidades da Mongólia e das suas gentes e registou numerosos dados geográficos. Homem curioso, o frade prescindiu das fábulas e lendas locais, reunindo, numa escrita fluida, notícias que permitiram novas leituras sobre a realidade do Extremo Oriente. A sua redacção foi considerada como a primeira descrição “científica” da Ásia Central.³²¹

As longas deambulações destes religiosos revelaram aos europeus a diminuta dimensão do espaço que ocupavam. Para além disso anunciaram a grandiosidade do labor missionário que lhes cabia realizar. Os relatos redigidos por estes frades, apesar de não focarem as Índias Orientais, trouxeram novas leituras sobre os territórios da Terra dos Tártaros e do longínquo Cataio. Como escreveu um dos viajantes do século XIV:

³¹⁹ A recente versão castelhana do relato de Pian del Carpine pode ser consultada em Juan Gil, *En demanda del Gran Khan*. pp. 159-250. Sobre Pian del Carpine ver, na mesma obra de Juan Gil, pp. 70-77 e “Due viaggi in Tartaria per alcuni fratti dell’ordine minore e di San Domenico” in: *Delle Navigazioni e Viaggi*, vol. 4, p. 217.

³²⁰ Para detalhes sobre a viagem e a obra do franciscano ver, Juan Gil, *En demanda del Gran Khan*, pp. 108-128.

³²¹ O relato do religioso circulou sob forma manuscrita durante os séculos seguintes, tendo sido alvo de maior divulgação a partir de 1550, através da colectânea de Ramúsio. Também Richard Hakluyt integrou a narrativa do frade na sua colectânea de relatos de viagem e que se pode consultar: Rubruck, *The mission of friar William of Rubruck: His journey to the Court of the Great Khan Mongke, 1253-1255*. (Works issued by the Hakluyt Society), translated by Peter Jackson, Davis Morgan, 1990. Para uma versão moderna ver: Juan Gil, *En demanda del Gran Khan. Viajes a Mongolia en el siglo XIII*, pp. 281-488.

“Before the days of the Tartars nobody believed that the earth was habitable beyond these [sand hills], nor indeed was it believed that there was any country at all beyond. But the Tartars, by God’s permission, and with wonderful exertion, did cross them, and found themselves in what the philosophers call the torrid and impassible zone. Pass it however the Tartars did; and so I did, and that twice.”³²²

Na centúria seguinte, o grupo de religiosos enviado para as Índias Orientais, elaborou detalhados relatórios sobre o mundo natural que encontrou.³²³ Talvez porque se afigurasse mais viável e próxima a instalação de focos missionários na costa do Malabar, os religiosos observaram aqui, com redobrada atenção, os costumes e crenças das populações e recensearam os produtos da região. A exuberância da natureza indiana assombrou os monges que registaram com afinco os prodígios da flora e fauna locais. Em diversos pontos das suas narrativas encontramos ecos de textos em circulação, como o de Heródoto, Estrabão, Plínio ou Santo Isidoro, sinal da preparação cuidada que estes religiosos tiveram antes de iniciar as suas viagens.

Frei Odoric de Pordenone (c. 1286-1331) nasceu perto de Pordenone (Itália). Tomou votos no Convento franciscano de Udine. Foi enviado para Oriente, em 1316-1318, para dar apoio à importante Missão Católica então aí estabelecida.³²⁴

No seu percurso para Leste, Frei Odorico percorreu a costa Ocidental do Índustão, visitando as principais cidades do Malabar. Da Índia embarcou para Sumatra, Bornéu e Java atingindo depois os portos da China. Na sua viagem de regresso atravessou o Tibete, o Norte da Pérsia, passou Tabriz, de onde se dirigiu a Veneza e Avinhão. Chegou, cerca de 1330 a Udine, onde veio a falecer.³²⁵

Ao passar pelos conventos da Ordem, o franciscano relatou, para delícia dos irmãos, as peripécias da sua viagem. Da sua peregrinação conhecem-se dois relatos

³²² Henry Yule, *Cathay and the way thither: being a collection of medieval notices of China*, vol 2, p. 213.

³²³ Convém salientar que, quando estes missionários partiram para Oriente, o texto de Marco Polo – que, por razões de lógica expositiva, analisaremos mais adiante – já estava em circulação. Não parece arriscado admitir que as bibliotecas dos Mosteiros, de onde estes frades partiram, possuísem versões de tão precioso documento. A descrição do Oriente que estes religiosos apresentaram é, como veremos, complementar à realizada pelo mercador veneziano. Em causa está a diversidade de objectivos de cada relato.

³²⁴ Sobre esta Missão estabelecida no Extremo Oriente por Montecorvino, *Vd.* Cap. 3.6.1.1.

³²⁵ Na sequência do seu importante trabalho missionário, o Papa Bento XIV proclamou-o, em 1755, Beato da Igreja Católica.

latinos distintos, o de fr. Henrique de Glatz e o do fr. Guilherme de Solagna, para além de outras versões mais resumidas, em toscano e francês. Por ser o mais completo, considera-se que o texto de fr. Guilherme corresponde à narrativa do viajante. Crê-se assim que *Descriptium Oriental Partium* testemunha, de forma verosímil, as deambulações asiáticas de Pordenone.

O missionário observou, com particular cuidado, o mundo natural da Ásia. A ele se devem algumas das mais precoces descrições do *baniane*, da cânfora, do aloés, da árvore da farinha e do mel, das cubebas, das tâmaras, do estoraque, do incenso, do gengibre, do maná, da noz-moscada, da pimenta, assim como dos diamantes, das pérolas, dos rubis, do marfim ou dos elefantes.³²⁶

Tal como o beato Odorico, os frades Jordan de Sévérac e Giovanni Marignolli, que foram enviados às Índias no século XIV, demonstraram uma aguda apetência para a observação do mundo natural.

O dominicano Jordan Catalá de Sévérac (c. 1275-1280 – c. 1330) partiu para Oriente em 1320. O seu labor missionário estendeu-se ao longo da costa ocidental da península Indostânica. Para além do trabalho apostólico, o religioso desenvolveu, por ordem do Papa João XXII (p.1245-1334), uma importante actividade diplomática.³²⁷ Nos princípios de 1328 regressou a Avinhão tendo informado o Pontífice da oportunidade de criar um *Bispado* em Coulão.³²⁸

É provável que, durante a sua estadia em Avinhão, Sévérac tenha permanecido no então remodelado mosteiro dominicano. Nesta casa teria tido a possibilidade de compilar as suas notas e de elucidar os irmãos sobre as maravilhas asiáticas. A partir de 1330 perdeu-se o rasto do religioso, desconhecendo-se se, alguma vez, regressou ao Oriente. Pouco se pode adiantar sobre os seus últimos dias. Alguns afirmam que

³²⁶ Do texto, que se pensa ter tido alguma circulação, conhecem-se hoje mais de 70 exemplares manuscritos em diversos idiomas. No entanto, a grande divulgação medieval das viagens do franciscano deveu-se a Jean de Mandeville, a quem faremos referência no Cap. 3.6.1. Também Ramúsio incluiu o texto do frade no segundo volume da sua colectânea de viagens. “Viaggio del beato Odorico da Udine”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazionni e viaggi*, vol. 4, pp. 269-303. Existem diversas edições e versões modernas do texto de fr. Odorico de Pordenone, de entre as quais destacamos a tradução castelhana de Juan Gil, *La India y el Catay*, pp. 433-509.

³²⁷ O Papa João XXII (Jacques Duèse) exerceu o seu Pontificado entre 1316 e 1334. Homem polémico, foi eleito para governar a Igreja após um conturbado Concílio. Por sua iniciativa, a sede Pontifical deixou Roma e estabeleceu-se em Avinhão. Promotor de importantes reformas e autor de múltiplos textos apostólicos incrementou as missões no Oriente.

³²⁸ O Bispado de Coulão foi criado em Agosto de 1329 pelo Papa João XXII.

regressou a Taná, onde foi lapidado, em 1336. Os partidários deste martírio fazem eco dos escritos mais tardios de um irmão da mesma Ordem, o Frei João dos Santos.³²⁹

O texto de Sévérac é particularmente pródigo em descrições da natureza da Ásia.³³⁰ Observador atento dos fenómenos naturais, o frade registou a diversidade dos climas das regiões que atravessou, assim como dos céus da Índia. Despreocupado com os recursos minerais, deixou-se maravilhar pelas cores, aroma e sabores das frutas indianas.

No seu relato podemos encontrar o esboço de jacas, mangas, fruta-pão, cocos, assim como dos prodigiosos *banianes*. A pimenta despertou a atenção do religioso. Contrariando os escritos de Plínio ou de Isidoro de Sevilha, Sévérac afirmou que a pimenta preta resultava do amadurecimento da pimenta branca.³³¹ Para além desta planta, descreveu sumariamente outras especiarias, como o gengibre e a canela.³³² A breve descrição da flora índica parece ter sido motivada pelo seu exotismo. Como afirmou: “cette Inde, quant aux fruits et autres, est différente de la Chrétienté.”³³³ Aquela natureza extraordinária parecia anunciar a proximidade do Paraíso.³³⁴ O frade deteve-se também face à singularidade da fauna. A diversidade de animais descrita, revela bem o impacto que aquele bestiário tropical exerceu sobre ele. Mais do que a descrição de cada exemplar, Sévérac parecia intrigado com a quantidade e diversidade de animais. Serpentes com duas, três ou cinco cabeças, crocodilos e rinocerontes

³²⁹ No Capítulo XVII, “Do martírio do Padre Frei Jordão, da Ordem dos Pregadores, e da imagem que os gentios lhe fizeram na ilha de Taná, e como foi achada”, este dominicano relatou o martírio do frade. Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Évora, 1609. No âmbito do presente trabalho recorreremos à moderna edição da obra de Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História das Cousas Notáveis do Oriente*, pp. 451-453.

³³⁰ Desde meados do século XIX, o texto do religioso conheceu múltiplas edições. No presente trabalho, para além da consulta da versão castelhana de Juan Gil, *La India y el Catay*, pp. 399-432, recorreremos à recente edição de Christine Gadrat, *Une Image de L’Orient au XIVe siècle*, pp. 271-295.

³³¹ A questão da pimenta branca e preta só será esclarecida durante o século XVI. O próprio Garcia de Orta manteve alguma confusão em torno desta importante especiaria.

³³² “Le gingembre est la racine d’une plante qui fait des feuilles comme la canne», «Le cinnamome est l’écorce d’un grand arbre qui fait des fruits ou des fleurs comme le girofle». Christine Gadrat, *Une Image de L’Orient au XIVe siècle*, p. 282.

³³³ Christine Gadrat, *Une Image de L’Orient au XIVe siècle*, p. 276.

³³⁴ Por diversas vezes, as descrições de Sévérac parecem testemunhar que este se sentia próximo do “Paraíso terrestre”, que o *Livro dos Génesis* (Gen, 1-3) localizou num vago “Oriente”. A busca do Paraíso na época medieval é um tema complexo e que, no âmbito deste trabalho, não podemos aprofundar. Sobre a localização geográfica do “Paraíso” nos relatos medievais ver, por exemplo: Jean Delumeau, *Une Histoire du Paradis. Le Jardin des Délices*, pp. 39-70 ou J. Verdon, *Voyager au Moyen Age*, pp. 372-380.

conviviam com gatos alados, ratos brancos, morcegos, insectos e aves multicolores.³³⁵ O elefante impressionou-o. O seu porte desmesurado e a inesperada dimensão das suas defesas, fascinaram o religioso.³³⁶ Para além da observação da flora e fauna silvestres, Jordan de Sévérac revelou-se um atento inspector das práticas e vivências locais, registando as plantas que as populações usavam no quotidiano, assim como os animais que domesticavam. O deslumbramento pelo mundo natural e o aparente desinteresse pela descrição de cidades e portos, constituem uma das originalidades deste relato.³³⁷

O franciscano Frei Giovanni Marignolli (1290-1360) nasceu, nos arredores de Florença, no seio de uma família aristocrata. Na sequência da embaixada enviada pelo Imperador Mongol a Avinhão solicitando ao Papa Bento XII (p.1280-1342) o envio de missionários cristãos, o Pontífice replicou ao soberano destacando, em 1338, um grupo de franciscanos.³³⁸ Um destes missionários foi Giovanni Marignolli.³³⁹ Chegado a Cambalic (Pequim), em 1342, o frade permaneceu no Oriente até 1347, altura em que iniciou o caminho para Avinhão. Na sequência desta sua missão, foi nomeado Bispo de Bisignano pelo sucessor de Bento XII, o Papa Clemente VI (p.1291-1352). Em 1354, o Imperador Carlos IV do Luxemburgo acolheu-o como capelão e cronista na corte da

³³⁵ Sévérac descreveu fascinado os papagaios “ces oiseaux domestiques parlent dans leurs cages, de telle sorte qu’on dirait presque des hommes doués de raison. » Christine Gadrat, *Une Image de L’Orient au XIVe siècle*, p. 278.

³³⁶ “Ces animaux sont merveilleux.” Christine Gadrat, *Une Image de L’Orient au XIVe siècle*, p. 281.

³³⁷ Sabe-se muito pouco sobre a divulgação coeva deste relato. O único exemplar até hoje encontrado (Londres, *British Library*, Additional 19513, fol.3-12) parece revelar que a sua circulação foi restrita. No entanto, convém recordar que, aparentemente, o texto foi escrito em Avinhão, num Convento protegido pelo Papa João XXII, num momento em que o envio de missionários para o Extremo-Oriente ainda se fazia a um ritmo importante. Na realidade, este foi abrandando a partir de 1369 quando a Dinastia Ming derrubou a Yuan. Deste modo, os missionários, peregrinos, curiosos ou aventureiros que transitassem pelo actual Departamento de Vaucluse, poderiam ter informações, escritas ou orais, totalmente novas, testemunhando uma verdade recém-experimentada. A estadia de viajantes nestes pontos de acolhimento era sempre ocasião para a troca de ideias e actualização de saberes.

³³⁸ Bento XII (Jacques Fournier) governou a Igreja entre 1334-1342. Principal conselheiro em assuntos de Teologia do seu predecessor, Bento XII, autor de importantes reformas e encíclicas, continuou o incentivo do trabalho missionário iniciado por outros Papas de Avinhão.

³³⁹ Escreveu o religioso: “ I, friar John of Florence, of the order of the Minors, and now unworthy Bishop of Bisignano, was sent with certain others, [] by the holy Pope Benedict the Eleventh, to carry letters and presents from the apostolic See to the Kaan or chief of the Tartars, a sovereign who holds the sway of nearly half of eastern world, and whose power and wealth, with the multitude of cities and provinces and languages under him, and the countless number, as I may say, of the nations he rules, pass all telling.” Sir Henry Yule, *Cathay and the way thither: being a collection of medieval notes of China*, vol. 2, pp. 209-210.

Boémia. O frade recolheu-se então ao castelo imperial, onde organizou a biblioteca do monarca e compilou, numa vasta colectânea, as glórias e feitos Germânicos.³⁴⁰

Segundo o missionário, foi no seu itinerário de regresso à Europa que, ao deparar-se com o *Paraíso Terrestre*, se deteve perante a prodigiosa natureza das Índias. No testemunho que redigiu, narrou a sua passagem pelo Jardim do Éden. Certo de que tinha ultrapassado o limite das terras conhecidas, estabelecido por Alexandre, o missionário fez erguer um marco de pedra no “extremo do mundo”, à entrada do Paraíso.³⁴¹ Este jardim que Marignolli avistou, ficava, tal como previra Johanes Scotus, numa montanha tão alta que atingia a esfera da lua. Como prometia o texto Bíblico, era um local maravilhoso, revestido por uma atmosfera límpida e fresca, pleno de árvores de frutos saborosos e aromáticos, onde nasciam os quatro rios, jorravam os bálsamos mais puros e abundavam as pedras mais valiosas.³⁴² Ao longo de coloridos parágrafos, o frade descreveu as deliciosas frutas: bananas³⁴³, cocos, mangas ou jacas assim como os caudalosos rios onde flutuavam folhas e frutos de árvores com propriedades milagrosas. Segundo o missionário, que se demorou nas descrições do Jardim de Adão, nada do que vira contrariava as Sagradas Escrituras.

³⁴⁰ O trecho do franciscano que aqui analisamos integra-se numa obra mais vasta, a Crónica da Boémia. Marignolli dividiu a crónica alemã em três grandes livros. No primeiro volume, relatou uma “História do Mundo”, desde a Criação até à construção de Babel. No segundo, narrou a “História dos Reis”, desde Nimrod até chegar aos Reis da Boémia. No derradeiro volume, descreveu uma “História Eclesiástica”, desde Melquisedech, Aarão e Moisés, até chegar à História do Cristianismo, terminando com uma relação dos Bispos da Boémia. Neste seu projecto, encomendado pelo Imperador germânico, Marignolli, certo de ter encontrado o *Paraíso Terrestre* durante a sua passagem pelo Ceilão, relatou a sua experiência asiática. O texto de Marignolli que usámos como referência foi editado por Sir Henry Yule, *Cathay ant the way thither: being a collection of medieval notes of China*, vol, 2, pp. 209-269.

³⁴¹ “...I went beyond the glory of Alexander the Great, when he set up his column (in India). For I erected a stone as my landmark and memorial, in the corner of the world over against Paradise...” Sir Henry Yule, *Cathay ant the way thither: being a collection of medieval notes of China*, vol. 2, p. 219.

³⁴² “O Senhor Deus fez desabrochar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer; a árvore da vida, ao meio do jardim; e as árvores da ciência do bem e do mal. Um rio nascia no Éden e ía regar o jardim, dividindo-se, a seguir, em quatro braços. O nome do primeiro é Pison, rio que rodeia toda a Évilat, onde se encontra oiro, oiro puro sem misturas e também se encontra lá bdélio e ónix. O nome do segundo rio é Gheon, o qual rodeia toda a terra de Cus. O nome do terceiro é Tigre, e corre ao Oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.” *Bíblia Sagrada, Livro do Genesis 2, 10-14.*

³⁴³ É muito curiosa a demorada dissertação do missionário em torno destes frutos. Chamando-lhes ‘figos’, o frade identificou as folhas da bananeira com as da figueira que o *Génesis* refere terem sido usadas por Adão e Eva para se cobrirem. Escreveu então: “And it was of these leaves [of the plantain tree] that Adam and Eve made themselves girdles to cover their nakedness.” Sir Henry Yule, *Cathay ant the way thither: being a collection of medieval notes of China*, vol.2, p.236. Uma clara alusão ao texto Bíblico: “Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, prenderam folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas como se fossem cinturões, à volta dos rins.”. *Bíblia Sagrada Livro dos Génesis 5, 7.*

No seu relato, Marignolli atendeu a outros pormenores. Recordando os portentos humanos descritos nos textos de Santo Agostinho, como acéfalos, ciclopes, cinocéfalos ou hermafroditas, o frade assegurou não os ter visto. Estes povos estranhos, habitantes de terras desconhecidas, encontravam-se com frequência nas fontes iconográficas, sendo parte integrante da tradição medieval. No entanto, considerando-os como uma revelação do poder Divino, o religioso não questionou a sua existência. Para o missionário importava sublinhar que toda a Humanidade descendia de Adão. Toda a realidade era sinal visível do sobrenatural e nada era impossível ao Criador.³⁴⁴

A narrativa do missionário permaneceu resguardada no interior das Crônicas germânicas até ao século XVIII. A sua narrativa surgiu intercalada entre os textos que relatavam a “História da Criação”. É provável que o seu depoimento fosse considerado como um testemunho apologético. Na verdade, o texto do missionário, mais do que exaltar as riquezas naturais do Oriente, parecia aspirar a comprovar os fundamentos da fé. Aparentemente, foi com o propósito de validar os conteúdos dos textos Sagrados que o frade recorreu à sua experiência.

Os relatos destes religiosos espelhavam as maravilhas da Criação, comprovavam a existência de um *Paraíso terrestre* e reflectiam um olhar pronto a acolher uma realidade, tão concreta como magnífica. Apesar da restrita circulação destas narrativas, a constatação da desmesura do mundo, a confirmação da solidez dos textos e o encontro com uma natureza prodigiosa justificavam a justeza de um premente e amplo labor missionário.

³⁴⁴ “All men come from Adam, and even if they be natural monstrosities still they are from Adam. [...] Yet we do not suppose that such creatures exist as species, but regard them as natural monstrosities. So both God choose to show forth His power among men, that we may render thanks to Him that He bath not created us with such deformities, and that we may fear Him.” Sir Henry Yule, *Cathay ant the way thither: being a collection of medieval notes of China*, vol. 2, pp. 255-256.

3.2. Relatos de mercadores

3.2.1. Marco Polo

Em Veneza, no século XIII, circulou o relato da longa viagem que Marco Polo (c. 1254-1323) realizou até à China.³⁴⁵

Le Devisement du monde, redigido em francês por Rusticello de Pisa, foi posto a circular em 1298.³⁴⁶ O interesse que então despertou a obra levou ao surgimento, quase simultâneo, das versões veneziana e toscana.

O mundo descrito por Polo, pelas suas múltiplas riquezas, aliciava mercadores e casas comerciais; pela sua amplitude, atraía os missionários; pela sua vastidão, animava o espírito conquistador dos fidalgos sedentários. O contexto em que a obra de Polo surgiu, nos finais do século XIII, justificou o pronto entusiasmo do público.

A existência, nas bibliotecas de todo o mundo, de quase centena e meia de manuscritos, é reveladora do interesse que a obra suscitou.

³⁴⁵ Existem diversos ensaios que traçam a história deste viajante. Destacam-se: Donald Lach, *Asia in the making of Europe*, vol. 1, pp. 35-36 ou R. Étiemble, *L'Europe chinoise*, vol. 1, pp.114-152. Relativamente ao relato do viajante, existem várias edições, de entre as quais destacamos: Marco Polo, *Le devisement du Monde. Le Livre des Merveilles*; Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, edição de Francisco Esteves Pereira; Marco Polo, *El Libro de Marco Polo anotado por Cristóbal Colón*. Edición, introducción y notas de Juan Gil. No âmbito do presente estudo recorreremos a esta edição, que citaremos de forma abreviada: Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*.

³⁴⁶ O texto de Polo foi redigido por Rusticello de Pisa, o seu parceiro de cela, do qual muito pouco se sabe. A razão que levou Polo a pedir ao pisano que redigisse o texto é hoje desconhecida, mas muitos defendem dever-se ao facto de Polo desconhecer o francês, idioma em que pretendeu pôr a circular o manuscrito e no qual Rusticello era fluente. Esta tradução da experiência de Polo na linguagem de Rusticello pode revelar mais do que apenas um trabalho de conversão de idioma. Na verdade, Polo falou do que viu ou do que lhe disseram pessoa dignas de fé, enquanto Rusticello, que possivelmente nunca deixou a Europa, passou para o papel aquilo que a realidade de Polo evocava do seu saber sobre as Índias. *Le Devisement du Monde* tornou-se assim numa leitura do Oriente feita por um europeu que ouviu e leu a experiência de outros. O texto de Polo, apesar de reflectir a vivência do veneziano, transportava todas as ideias que, na Europa, então circulavam sobre o Oriente. Tal como um ilustrador, que tentava representar o que outros descrevem recorrendo às suas imagens interiores, Pisa procurou relatar os factos contados por Polo à luz daquilo que esperava encontrar. O texto de Polo, mais do que o mero testemunho pessoal de uma viagem realizada, representa a projecção de uma leitura do Oriente filtrada por Rusticello de Pisa.

3.2.1.1. A natureza asiática no relato de Polo

Marco Polo destinou às Índias o terceiro livro, onde descreveu um território que se estendia desde o Cipango até à província dos russos. Apesar do “Livro das Índias” abordar uma vasta região, Polo dividiu-a em dois espaços: um ocupado pela Índia Maior e outro, pela Índia Menor.

Na descrição dos locais por onde passava, deu algum destaque às suas riquezas naturais. É inquestionável o interesse que demonstrou pelas pérolas cuja pescaria descreveu detalhadamente, quando viajou do Ceilão para a costa do Coromandel. Da mesma forma, é valioso o seu testemunho sobre as pedras preciosas que admirou no Ceilão³⁴⁷ ou os animais extraordinários que avistou no Zanzibar.³⁴⁸ As múltiplas referências ao âmbar denotam o elevado preço que este produto alcançava no comércio de então. Polo descreveu os maravilhosos unicórnios e aludiu aos elefantes, leões, girafas, macacos, camelos, cavalos, peixes, baleias, papagaios, galinhas e aves singulares que cruzaram o seu caminho. O mundo animal de Polo era diversificado e por vezes enfiado.

Muito mais concretas foram as referências à flora. As plantas e os produtos de origem vegetal surgiram frequentemente no texto do veneziano. A pimenta, o gengibre, o cravo, a noz-moscada, os cocos, o brasil, a cânfora, o sândalo, o indigo, o algodão foram algumas das riquezas a que se referiu.

A pimenta abriu o discurso sobre a Índia. O “Livro da Índia” descreveu a suposta viagem de regresso dos Polo ao Ocidente. Ao iniciar o caminho de volta, Polo descreveu as naus que sulcavam os mares. A dimensão das embarcações era medida pela sua capacidade em transportar sacas de pimenta. As maiores comportavam 6000 sacas, outras apenas 1000. Esta especiaria acompanhava o leitor ao longo de todo o percurso pelos cabos e mares da Índia. Encontrava-se nas ilhas do mar da China, Java, Samatra³⁴⁹ mas sobretudo nos reinos da costa do Malabar e no Gujerate ou Couião³⁵⁰, regiões onde a especiaria era muito abundante. A pimenta era assim levada no texto

³⁴⁷ Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*, pp. 142-144.

³⁴⁸ Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*, pp. 159-160.

³⁴⁹ Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*, p. 136-138.

³⁵⁰ Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*, pp. 152-155.

de Polo, desde as ilhas da Indonésia e da costa do Japão, a Socotorá e Aden, resistindo a ventos, correntes e aos ataques surpresa dos piratas e corsários, que pacientemente mantinham as suas posições no Oceano Índico e no Mar de Oman, aguardando as naus carregadas de maravilhas de toda a espécie.

Estes piratas foram alvo da atenção de Polo. Para seu grande espanto navegavam com mulheres e crianças a bordo. Estabeleciam redes de comunicação por sinais de fumo e atacavam os navios que circulavam carregados de mercadorias. Segundo Polo depois de saquear as embarcações, mandavam de volta os seus ocupantes em busca de mais preciosidades.³⁵¹

Como relatou, as mercadorias que conseguiam chegar a Aden navegavam primeiro por mar e depois por terra, em caravanas de camelos, até Alexandria, de onde eram dispersadas pelos principais mercados da Europa. Polo insistiu igualmente na importância dos portos da costa oriental africana, nomeadamente Mogadiscio e Zanzibar, de onde era oriundo o maior tráfico de âmbar e de dentes de elefante.

O gengibre, a noz-moscada, o cravo ou as nozes-da-Índia eram umas vezes referidos separadamente, e outras identificados com a designação genérica de “toda a espécie de especiarias”. Nenhuma destas preciosidades foi descrita, surgindo apenas a sua enumeração como produto comercial. Polo situou a origem do gengibre na costa Ocidental da Índia, e a da noz-moscada e cravinho na Java.

No seu discurso, a dispersão das especiarias pelo Oriente, apesar de vaga, constituía já uma aproximação importante à realidade.

Polo referiu ainda algumas árvores aromáticas da Índia, de entre as quais destacou o sândalo, a cânfora e o brasil. A região de origem destes aromas era, para o veneziano, pouco clara. Importa recordar que Polo estava a ditar, de cabeça, as suas memórias a Rusticello de Pisa e que o tempo e os acontecimentos talvez lhe tivessem alterado a clareza das ideias. No entanto, Polo podia igualmente estar a referir-se aos mercados onde se trocavam estes produtos e, assim, talvez as informações cedidas não fossem tão erradas como, à partida, nos pode parecer.

³⁵¹ Juan Gil, *El Libro de Marco Polo*, pp. 154-155.

3.2.1.2. Marco Polo em Portugal

O *Livro* de Marco Polo chegou a Portugal na primeira metade do século XV, certamente pela versão latina do frei Francisco Pipino.³⁵² Este precioso manuscrito foi oferecido, em Veneza, ao Infante D. Pedro, que, de regresso a Lisboa, o depositou na livraria de seu irmão, o Rei D. Duarte. O volume manteve-se depois na biblioteca real e, em 1522, ainda constava no inventário do guarda-roupa de D.Manuel I.³⁵³

A versão portuguesa do texto poliano foi publicada em Lisboa, em 1502, por Valentim Fernandes (14?? – 1519), um tipógrafo moravo que se estabeleceu, nos finais do século XV, na capital imperial.³⁵⁴ Integrado numa colectânea de textos de viagens na qual estavam incluídos dois outros relatos de viajantes italianos que se aventuraram para Oriente, o testemunho de Marco Polo teve uma divulgação importante entre os portugueses.

Na epístola dedicatória que Valentim Fernandes dirigiu a D.Manuel, o tipógrafo referiu-se à origem do volume:

“[...] ouvi nesta vossa çidade Rey prudentíssimo que o presente livro os venezianos tenerom escondido muytos annos na casa do seu thesouro. E no tempo que ho Iffante dom Pedro de gloriosa memoria vosso tyo chegou a Veneza, e depois das grandes festas e honrras que lhe foram feitas pellas liberdades que elles tem nos vossos regnos, como por ho elle mereçer lhe

³⁵² Natural de Bolonha, frei Francisco Pipino, fez a versão latina da relação de viagem de Marco Polo. O religioso da Ordem dos Pregadores dividiu a obra em três livros. Esta versão latina foi posteriormente impressa em 1485, em Antuérpia por Gerard Leen. A versão portuguesa de Valentim Fernandes foi feita a partir desta edição como o comprova o Prólogo redigido pelo frade, “daquelle que tralladou o Marco paulo da lingoa ytaliana em latim” que o impressor manteve. Ver: Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, p.XV.

³⁵³ No inventário do guarda-roupa do monarca, realizado por Ruy Leite, pode ler-se: “Item. Outro livro de letra de pena que se chama Marco paulo coberto com veludo carmesym com duas brochas de prata anylada.” Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, p.XIX. Depois do reinado de D.Manuel, não houve mais notícia deste exemplar que, actualmente, não existe na Biblioteca da Ajuda.

³⁵⁴ Pensa-se que este impressor se tenha instalado em Lisboa por volta de 1493. Autor das primeiras obras ilustradas impressas em Portugal, Valentim Fernandes manteve uma importante oficina tipográfica. A sua actividade editorial iniciou-se em 1495 com *De Vita Christi*, obra que publicou conjuntamente com Nicolau de Saxónia. Até 1516 foram editadas nos prelos deste alemão obras sobre temas religiosos, correspondência, regulamentos e legislação. Para além da colectânea que inclui o texto de Marco Polo, Fernandes organizou uma outra colecção de textos de viagens, que permaneceu longos anos manuscrita. Sobre as motivações e obra deste impressor ver: Helga Maria Justen, *Valentim Fernandes e a literatura de Viagens*, pp. 65-152. *Vd. Cap. 3.4.*

offererom em grande presente o dito livro de Marco Paulo que se regesse por elle poys desejava de veer e andar pello mundo. Ho qual livro dizem que esta na torre do toambo. E esto se assy he quem o sabera melhor que a vossa real Senhoria.”³⁵⁵

Quanto à autoria da versão portuguesa do *Livro* de Marco Polo, apesar de muitos a atribuírem ao próprio Valentim Fernandes, esta opinião não parece gozar de unanimidade. Na verdade, a existência de algumas incoerências linguísticas, a mistura de vocábulos do português arcaico com o de Quatrocentos, a diferença entre a atitude de Valentim Fernandes, face à suposta tradução que se infere nos textos preliminares apostos às versões de Marco Polo e de Nicolau de’Conti, fazem questionar a evidência de que tenha sido o tipógrafo moravo a traduzir do latim para o português o texto poliano. Para alguns, como o Cardeal D. Francisco de S.Luiz, Fernandes redigiu a epístola e o texto introdutório, enquanto o corpo textual foi da responsabilidade de um outro tradutor.³⁵⁶ Por seu lado, Inocêncio Francisco da Silva duvidou das qualidades linguísticas do estrangeiro recentemente chegado a Portugal.³⁵⁷ Para Esteves Pereira, a tradução do *Livro* não foi feita por Valentim Fernandes, dado que, segundo este autor, se este fosse o tradutor, tê-lo-ia declarado, tal como o fez, por diversas vezes, no prólogo do texto de de’Conti ou na versão portuguesa do *Reportório dos Tempos*.³⁵⁸ Mais recentemente, Juan Gil atribuiu, sem deixar espaço para dúvidas, a autoria da versão portuguesa do *Livro* de Marco Polo, a Valentim Fernandes.³⁵⁹

Segundo Esteves Pereira, a primeira referência de um cronista português ao texto de Marco Polo ocorreu em 1453, na *Crónica do descobrimento e conquista da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara. Ao longo desta *Crónica*, Zurara apresentou algumas referências aos conteúdos de Polo.

A partir de meados do século XVI, a versão latina do Frei Francisco Pipino, assim como a portuguesa de Valentim Fernandes, foram caindo em desuso, sendo muito

³⁵⁵ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, fl. Aiiijv

³⁵⁶ *Obras Completas do Cardeal Saraiva* (I) vol. 4, p. 134.

³⁵⁷ *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 4, p. 128

³⁵⁸ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, pp. XXIV-XXV.

³⁵⁹ Juan Gil, *El libro de Marco Polo*, pp. xxiii-xxiv.

usada a versão italiana da autoria de Ramúsio, impressa em Veneza em 1559.³⁶⁰ De entre os autores portugueses que citaram Marco Polo a partir da edição do veneziano, contam-se: João de Barros (*Décadas da Ásia*), Diogo do Couto (*Décadas da Ásia*), João de Lucena (*Vida de S. Francisco Xavier*); Manuel Godinho de Erédia (*Descrição de Malaca*).³⁶¹ Paradoxalmente, Juan Gil revelou que Cristóvão Colombo, na preparação da sua primeira viagem atlântica, parecia desconhecer este texto.³⁶²

Ao longo dos séculos XIV e XV, *Le Devisement du Monde* foi fundamental para a construção, na Europa, de uma representação do Oriente. O relato foi seguido atentamente por cosmógrafos e cartógrafos. Abraão de Cresques (séc. XIV), um dos mais hábeis cartógrafos maiorquinos do seu tempo, registou no *Atlas Catalão* (1375), numerosos topónimos polianos. Também o religioso camaldulense Fra Mauro (c. 1385-1460), no seu *Mapamundo* (c. 1450), utilizou múltiplas informações relativas aos recursos asiáticos contidas neste relato.³⁶³

No entanto, as Índias que Marco Polo descreveu estavam cheias de seres fantásticos e fabulosos que já não esgotavam a vontade de saber dos homens de Quinhentos. Os europeus, que então se lançavam na busca das preciosidades, drogas e especiarias indianas, precisavam de dados concretos sobre os céus, as rotas, as correntes, os ventos, as latitudes, os mercados, os preços, os produtos, as alianças ou os perigos. Polo, em muitos destes pontos, já fora ultrapassado por outros testemunhos, mais rigorosos e dignos de fé.

³⁶⁰ Ramusio, *Delle Navigationne e Viaggi*, Veneza, vol 2, 1559

³⁶¹ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, pp. XXXV,XXXIX.

³⁶² Colombo para esta viagem, pouco mais levou que “un Almanaque, libro fundamental para prever los eclipses, quizá un Ptolomeu y nada más, excepción echa de las cartas de navegar, de las que hace mención expressa en más de una ocasión. De estas cartas de navegación proceden sus exiguos conocimientos del Extremo Oriente, que también pudo adquirir sólo en el mapa de Toscanelli”. Como conclui este investigador, “El diario del primero viaje de, en suma, no delata conocimiento directo de Marco Polo”. A importância que Colombo deu ao texto de Polo, será mais tarde evidenciada pelas múltiplas anotações que este fará no incunábulo latino (Antuérpia, 1485) que o navegador posteriormente veio a conhecer. Mas Gil investigou o círculo de influência de Colombo e verificou que nem o influente comerciante genovês Francisco Pinelo nem o notável Luis Frenández Soria possuíam nas suas bibliotecas versões da obra poliana. Aliás, este investigador decepcionou-se com a pobreza dos espólios bibliográficos destes homens, que se resumiam a alguns livros de devoção, crónicas e de filósofos da Antiguidade. A aparente irrelevância que a leitura tinha nos espaços destes e doutros homens influentes de Sevilha tornou ainda mais meritório o esforço de Cristóvão Colombo que, no regresso da sua segunda viagem às Índias, se empenhou na reunião de um número crescente de textos impressos. Entre eles, contava-se, para além do referido *Almanaque* ou do texto de Ptolomeu, obras diversas como as de Plínio, Plutarco, Pierre d’Ailly, Pio II, Marco Polo, Santo Agostinho ou São Jerónimo. Juan Gil, *El libro de Marco Polo*, p. ix.

³⁶³ Cattaneo, Angelo, *Fra Mauro’s Mappa Mundi and fifteenth-century Venice*, pp. 185-226.

3.3. Nicolò de'Conti

Como para tantos homens do passado, muito pouco se sabe ao certo sobre Nicolò de'Conti (1395-1469).³⁶⁴ Nascido no seio da aristocracia veneziana, partiu em 1414 para Damasco. Não é difícil admitir que se trataria de uma viagem de negócios familiar. Durante o século XV, muitos eram os venezianos que possuíam pequenos entrepostos comerciais em Damasco. Depois da investida dos genoveses sobre Constantinopla, o comércio de produtos de luxo provenientes do Oriente procurava novas saídas. O domínio do Mar Negro e o controlo comercial da Rota da Seda, obrigou Veneza a centrar-se nas cidades e rotas da Palestina, assim como do Norte de África. Apesar dos acordos entre os venezianos e o Sultão do Cairo, a verdade é que os impostos sobre mercadorias eram demasiado elevados para que o comércio de produtos exóticos fosse rentável. De'Conti permaneceu em Damasco o tempo suficiente para se familiarizar com o idioma persa e, provavelmente, estabelecer os contactos que lhe permitiram encetar uma longa viagem pelo Oriente.

Munido desta capacidade de comunicar no Indico, dirigiu-se a Cambaia onde, segundo de'Conti, se encontravam os homens de negócios mais hábeis do mundo. O viajante começou então a descer a costa ocidental da Índia (tendo permanecido algum tempo no reino hindu de Vijayanagar). Continuando a contorná-la, parou para descrever o gengibre e a pimenta do Malabar. Referiu-se à segurança das águas que banhavam Calecute assim como, o valor comercial desta praça. Seguiu para Oriente, visitando as ilhas Andaman, Samatra e Bornéu, e descreveu locais como o Pegu e Tenassarim. O seu regresso fez-se por Ceilão de onde seguiu para Coulão, Cambaia, Socotora e Adem. Segundo de'Conti, este era o porto chave para o controlo do comércio do Mar Vermelho, da Península Arábica e da Costa Oriental africana. Navegando pelas águas do Mar Roxo chegou ao Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai, onde se encontrou com Pêro de Tafur, um fidalgo castelhano.³⁶⁵

³⁶⁴ Sobre o périplo deste viajante, ver: Kennon Breazeale, "Editorial introduction to Nicolo de Conti's account", pp. 100-110. Nicolò de'Conti, *Le voyage aux Indes de Nicolo de Conti (1414-1439)*. No âmbito da presente investigação, recorreremos a esta edição. A referência surge na forma abreviada: Nicolò de'Conti, *Le voyage aux Indes*, p.

³⁶⁵ Pero de Tafur apresentou-se como um fidalgo castelhano que andava a aventurar-se pelo mundo. Do regresso das suas viagens escreveu *Andanças e viajes de Pero de Tafur por diversas partes del mundo avidos, 1435-1439* que permaneceu manuscrito, até que, no final do século XIX, a tipografia de Miguel Ginesta o publicou. A fazer fé no relato de Pero de Tafur, o castelhano conta ter encontrado Nicolò de'

Em 1439 dirigiu-se a Florença, onde o Papa Eugénio IV (p.1383-1447), veneziano como de'Conti, o incumbiu de ditar as suas memórias de viagem ao seu Secretário, Poggio Bracciolini. Foi da mão deste historiador toscano que as reflexões do viajante foram passadas ao papel. Estas, apesar de ditadas em 1439, só foram devidamente organizadas em 1448, altura em que um manuscrito de Bracciolini, composto por quatro volumes, *Varietate Fortunae*, foi posto em circulação.³⁶⁶

O relato de de'Conti permaneceu sob forma manuscrita até 1492, data em que foi publicado em Milão. A primeira edição latina, *India Recognita*, saiu dos prelos de Cristoforo de Bollate, no âmbito de uma obra dedicada a Pietro Caro.³⁶⁷

As edições em vernáculo sucederam-se ao longo de Quinhentos. Após a versão portuguesa de Valentim Fernandes (Lisboa, 1502), surgiu a castelhana de Lanzalao Polono e Jacomo Cromberger (Sevilha, 1503)³⁶⁸, a italiana dos Herdeiros di Lucantonio Giunti (Veneza, 1550), e a inglesa de Newbery (Frampton, Londres 1579). Durante os séculos XVII-XIX imprimiram-se ainda edições em holandês e inglês.³⁶⁹

3.3.1. A natureza da Ásia no relato de de'Conti

Para Nicolò de'Conti, a Índia estava dividida em 3 partes: a primeira estendia-se desde a Pérsia até ao rio Indo; a segunda, ficava entre os rios Indo e Ganges, e a terceira, a mais longínqua, estabelecia-se para lá do Ganges.

Conti em Santa Catarina do Monte Sinai, onde o mercador lhe confiou que partira para Damasco no tempo de Tamerlão, o que poderá fazer recuar a data de partida do veneziano para 1405. No entanto, o testemunho de Tafur apresenta algumas inconsistências, pelo que parece mais seguro confiar nas datas divulgadas por Poggio Bracciolini no Prólogo do manuscrito onde descreve a aventura de Nicolò de'Conti.

³⁶⁶ Longhena, no seu estudo sobre a obra de Poggio Bracciolini, recenseou 31 manuscritos, dos quais 20 foram executados no século XV, que, segundo este autor, testemunham a larga difusão do texto. Longhena, "I manoscritti del IV libro del *Varietate fortunae*", pp. 191-213.

³⁶⁷ A primeira edição latina do quarto livro do *Varietate fortunae*, designou-se *India recognita*. Surgiu em Cremona, em 1492. Desta edição, da responsabilidade de Ulrico Scinzezeler, conhece-se apenas o exemplar conservado na British Library. A publicação mais corrente é oriunda das oficinas gráficas parisienses. Foi editada em 1723, pelo Abade Oliva, sendo designada "*Pogii Bracciolini florentini Historiae de varietate fortunae libri quatuor*".

³⁶⁸ Esta versão castelhana, da responsabilidade de Rodrigo Fernandez de Santaella, teve uma segunda edição em 1529, em Logroño,

³⁶⁹ Conhecem-se três versões holandesas: a primeira impressa em Amesterdão, em 1664, por H. Glazemaker e as outras duas, em Leiden, por Pieter van der Aa, em 1706 e 1707. Baseada na versão castelhana de Rodrigo de Santaella, a primeira versão inglesa da autoria de John Frampton, é datada de 1625. Uma edição mais recente foi estabelecida por R. H. Major, em 1857.

De'Conti referiu-se a numerosos aspectos da cultura local, mas aqui importa salientar os que dizem respeito às plantas, pedras e animais da Índia. Ao passar na costa ocidental da Índia (Eli), o veneziano descreveu a planta do gengibre assegurando que o de melhor qualidade era oriundo daquela região.³⁷⁰

No Ceilão, o italiano assinalou a riqueza da ilha em pedras preciosas – rubis, safiras, granadas e olhos-de-gato. Descreveu as florestas aromáticas de caneleiras. Identificando a mítica Taprobana com a ilha Samatra, Conti realçou a rudeza das suas gentes. Referindo a abundância de ouro e cânfora, a sua atenção centrou-se na planta da pimenta, que esboçou em pormenor.

Perto do delta do Ganges descreveu cidades que hoje se pensa terem sido engolidas pelas águas deste rio. Foi nesta região que admirou os enormes bambus. De'Conti esboçou diversas frutas exóticas como bananas, cocos, duriões. Explicou demoradamente a forma de domesticar elefantes e descreveu animais ferozes e peçonhentos como rinocerontes e serpentes.³⁷¹

Depois de falar da “Java Maior” (actual Bornéu) e da “Java Menor” (actual Java), de'Conti referiu-se às ilhas onde se produzia a noz-moscada, a maçã e o cravinho. De regresso ao Malabar, encontrou a pimenta, o gengibre, o brasil, a canela grossa e estranhas e deliciosas frutas. O viajante não deixou escapar a sua surpresa perante os inúmeros encantadores de serpentes e os gatos voadores das florestas malabares. Em Calecute e em Cambaia, deparou-se com “todas” as mercadorias da Índia.³⁷²

O olhar fascinado e curioso deste italiano trouxe à Europa uma primeira cartografia moderna da produção das especiarias e drogas, assim como a localização dos principais mercados Orientais.

3.4. Relatos italianos vistos por um tipógrafo

Em 4 de Fevereiro de 1502, Valentim Fernandes publicou em Lisboa, o conjunto de relatos de viagem que ficou conhecido pela designação genérica de *‘Livro de Marco Paulo’*. Nesta obra, o tipógrafo reuniu, como referimos, os testemunhos de Marco

³⁷⁰ Nicolò de'Conti, *Le voyage aux Indes*, p. 92.

³⁷¹ Nicolò de'Conti, *Le voyage aux Indes*, p. 93- 98.

³⁷² Nicolò de'Conti, *Le voyage aux Indes*, p. 102-105.

Polo, Nicolò de'Conti e Jerónimo de Santo Estevão.³⁷³ Estes autores, todos de origem italiana, descreveram os seus périplos pelo Oriente num período compreendido entre os finais dos séculos XIII e XV. Intitulando-se “escudeyro da excellentissima Raynha Dona Lyanor”, Valentim Fernandes dedicou a sua obra ao “Serenissimo e Invictissimo Rey e Senhor Dom Emanuel o primeiro. Rey de Portugal e dos Algarves. Daquem e alem mar em Africa. Senhor da Guynee. E da conquista da navegaçom e comercio de Ethiopia. Arabia. Persia. E da India.”³⁷⁴

Na carta que dirigiu a D.Manuel I, o tipógrafo não poupou louvores às coisas maravilhosas vistas naquela Lisboa, que sob a persistência de D. João II e o engenho de D. Manuel, levaram Portugal até à

“terra da promissam. onde ha cravo, canella, gingivre, noz mozcada, maçes, pymenta preta, branca, e longa, galangua, reubarbo, cardamomo, cassiafistola, agarico, turbith, noz de India. balsamo, almisquere, ambra liquida, do estoraque tres maneyras, benjoy, almeçega, oppopomaco, galbano, camflora, bdelij, serapino, ençenso, e myrrha. Dally ho ligno aloe, ebano, brasil, sandalo branco, vermelho e çitrino, mirabolano, jndio, belerico, etc. Alli ha aljoffar, perlas, diamantes, rubijs, esmeraldas, amatistas, topasias, jaçintas, çaffiras, turquesas, etc. Alli ha alifantes acostumados e brancos, unicornios, papagaios brancos vermelhos e muytas coores. O que cousas tam maravilhosas. Ha hy per ventura outra riqueza no mundo. Certo que nom. salvo ouro, ho qual como disse trazem das vossas Ethiopias em tanta avondança que sobrepojaes todollos reys do mundo.”³⁷⁵

A inesperada extensão do império português levou Valentim Fernandes a compilar o que até então se havia escrito sobre os mundos do Oriente. No final do

³⁷³ Muito pouco se sabe sobre este mercador genovês. Segundo Esteves Pereira, Jerónimo de Santo Estevão partira com Jerónimo Adorno para Oriente com o objectivo de identificar as regiões produtoras de especiarias e pedras preciosas, assim como os mercados mais promissores. Deixando Génova em 1494, chegaram ao Pegu dois anos mais tarde. Durante 1496, Jerónimo Adorno morreu, tendo Santo Estevão regressado a Tripoli. Foi deste porto que, antes de regressar a Itália, o genovês dirigiu uma carta ao seu amigo Mainer, que então se encontrava em Beirute. Sobre o périplo destes homens ver: Prospero Peragallo, “Viaggio de Geronimo de Santo Stefano e di Geronimo Adorno in India”, p. 24-40.

³⁷⁴ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, fl. Aj v.

³⁷⁵ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, fl. Aij v.

livro, o tipógrafo deixou bem claro o seu objectivo: “Acabase ho livro de Marco paulo, com ho livro de Nicolao veneto ou veneziano, e assi mesmo ho trallado de hũa carta de huū genoues mercador, que todos esreverom das indias, a serviço de Deus, e avisamento daquelles que agora vam pera as ditas Indias. Aos quaes rogo e peço humilmente que benignamente queiram emendar e correger ho que menos acharem no escrever.s. nos vocabulos das provinçias, regnos, çidades, ylhas. e outras cousas muytas e nom menos em a distancia das legoas de hũa terra pera outra. Imprimido per Valentym fernandez alemaão. Em a muy noble çidade de Lyxboa.”³⁷⁶

Mais do que fazer uma leitura crítica dos textos compilados, importou ao tipógrafo juntar a informação existente para que esta pudesse ser lida, trabalhada, confrontada com a realidade e, se necessário, emendada. Apesar de, à data da edição lisboeta, o relato de Marco Polo não gozar de demasiada credibilidade, não deixa de ser relevante o destaque que lhe deu o impressor moravo.³⁷⁷

Os testemunhos de de’Conti e Polo complementavam-se. Sem o Oriente fantástico e fabuloso de Polo, teria sido muito difícil mobilizar gentes para a travessia dos oceanos; sem o relato rigoroso de de’Conti, seria árdua a tarefa de extraír das Índias todo o seu valor. Esta narrativa constituiu um complemento à de Polo já que o veneziano garantia ao europeu uma visão maravilhosa das Índias, suportada pela tradição.

A esta primeira colecção de textos de viajantes, o moravo fez seguir uma segunda. É interessante relevar a importância que o tipógrafo, tal como outros alemães e italianos seus contemporâneos, atribuíram à colecção de relatos de

³⁷⁶ Marco Polo, *O Livro de Marco Polo*, fl. 98v.

³⁷⁷ No final do Prólogo que Poggio Bracciolini redigiu à obra de Nicolò de’Conti, podemos ler: “E tam longe foy este home que çertamente nom lemos que algum dos passados podesse chegar onde elle chegou. Ca elle passou ho ryo Gange, he foy muyto alem da ylha de Taprobana. Aos quaes lugares tiradas duas pessoas .s. ho capitam darmada de Alexandre e ho outro cidadão de Roma, que no tempo de Tiberio çesar com fortuna do mar aos taes lugares forom levados. E nom se acha em escripto que outro alguu dos nossos ally chegasse.” Poggio Bracciolini, o erudito secretário da Curia Papal, seguramente conhecia o relato de Marco Polo. A sua afirmação não questionava a existência do texto do veneziano mas sim a viagem que ele afirma ter realizado. Poggio, representando a voz de ‘Roma’ e de Veneza, parecia ter uma atitude coerente com a que se vivia em Lisboa. As maravilhas descritas por Polo não pareciam ser mais do que elementos de distracção: “Muytas cousas se contam das Indias assy pellos antjgs escriptores como per comuu fama das quaes mujtas pella çerta experiencia da vista se mostram ser mais semelhantes a fabulas que aa verdade.”

viagem.³⁷⁸ Cerca de 1506-1508, o impressor recolheu e enviou ao seu amigo de Augsburgo, Conrado Peutinger, uma nova colectânea de narrativas de viagem na qual reuniu os mais recentes testemunhos dos avanços oceânicos dos portugueses. Conhecido como *Códice Valentim Fernandes*, este volume, foi impresso em português apenas em 1940.³⁷⁹

3.5. Francesco Pegolotti

Francesco Balducci Pegolotti (c. 1310-1347) foi um comerciante que, ao serviço da casa florentina Bardi, se aventurou pelas rotas terrestres da Ásia Central. Amplo conhecedor dos principais produtos e mercados do Mediterrâneo, foi enviado para o Oriente, com o intuito de recensear mercadorias e estabelecer os respectivos preços nos locais de origem. No seu regresso à Europa, cerca de 1340, registou a sua experiência num detalhado roteiro de viagem, útil a todos quantos precisassem de tomar os trilhos da Ásia em busca de negócio.³⁸⁰

O texto descrevia as principais rotas a seguir, indicava alguns procedimentos a evitar e precauções a tomar, fornecia conselhos práticos aos viajantes, estabelecia as distâncias em dias de viagem, identificava os principais mercados e produtos, revelava as conversões de moedas e pesos, além de assinalar os permanentes perigos da jornada. O mercador listou a diversidade de produtos que se podiam comercializar, dando particular ênfase a peles, especiarias, pedras preciosas, tecidos, âmbar, cavalos, ouro, caviar e vinhos. Pegolotti realçou a importância do mercado de Constantinopla, onde quase todos os produtos de luxo podiam ser comercializados.³⁸¹

³⁷⁸ Referimo-nos, por exemplo á colectânea de Francesco Montalboddo, *Paesi novamente ritrovati*, Vicensa, 1507 que teve uma versão alemã em 1508.

³⁷⁹ Sobre este documento há uma imensa bibliografia que se encontra reunida no recente estudo de Helga Maria Justen, *Valentim Fernandes e a literatura de viagens*, pp. 175-192.

³⁸⁰ O florentino Francesco Balducci Pegolotti compilou, possivelmente entre 1339-1340, o seu livro *Libro di devisamenti di paesi e di misuri di mercatanzie e daltre cose bisognevoli di sapere a mercatanti*, que ficou conhecido pelo título simplificado *Pratica della Mercantura*. O texto foi-lhe atribuído em 1766, aquando da primeira edição impressa. Foi parcialmente traduzido por Henry Yule e Henri Cordier, *Cathay and the way thither: being a collection of Medieval Notices of China*, vol.3, pp. 143-171.

³⁸¹ A multiplicidade de produtos descrita por Pegolotti neste mercado Levantino revelava, não apenas a abundância de oferta de produtos Orientais, como a intensa procura de mercadorias europeias, nomeadamente vinhos, sabão, frutos secos, mel, figos, pistáchios, sal e queijo, entre outros.

Apesar de não trazer novos informes sobre o mundo natural, o relato do mercador contribuiu para o fortalecimento da tradicional percepção de que, no Oriente, se encontravam as melhores oportunidades de negócio. No entanto, como pareceu querer sublinhar, para Levante só se deviam aventurar os mais arrojados, vigilantes e prudentes.

3.6. Relato de um viajante de gabinete

3.6.1. Jean de Mandeville

A identidade de Jean de Mandeville (c.1300 –1372) está envolta em mistério. Como ele próprio se identificou :

“Moi, Jean de Mandeville, chevalier, né et élevé en Angleterre en la ville de Saint-Albans, qui ai passé la mer l’an 1322, le jour de la Saint-Michel et qui depuis ai été outre-mer pendant longtemps, qui ai vu et parcouru beaucoup de pays, diverses terres, provinces, régions et îles, qui suis passé sur la Turquie, la petite et la grande Arménie, la Tartarie, la Perse, la Syrie, l’Arabie, la haute et basse Egypte, la Lybie et une grande partie d’Ethiopie, la Chaldée, l’Amazonie, l’Inde grande, petite et moyenne, les îles qui entourent l’Inde, ou demeurent bien de peuples, de religions et de mœurs diverses, je parlerai longuement pour décrire une partie de ce que j’ai vu et dont je pourrai me souvenir. ”³⁸²

O misterioso cavaleiro terminou a sua obra dizendo :

“Et moi, Jean de Mandeville, qui parti de notre pays et passai la mer l’an de grâce de mille trois cent vingt-deux, j’ai depuis découvert bien des terres, bien des passages et bien des pays, j’ai été souvent en bonne compagnie et vu souvent de beaux faits, alors que je n’ai accompli aucune belle action ni donnée aucun bon exemple [...] J’ai pris plaisir et j’ai compilé ces choses et les ai mises par

³⁸² Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, Paris, 1993, Prologue. No âmbito deste estudo, utilizámos esta edição.

écrit, selon ce qu'il pouvait m'en souvenir, l'an de la grâce mille trois cent cinquante-six, la trente-quatrième année après être parti de notre pays. ”³⁸³

Estas afirmações de Mandeville foram, durante muitos anos, suficientes para delinear os seus passos. A suportá-las estava também o epitáfio que encabeçava o seu túmulo que, até à Revolução Francesa, se encontrava intacto no convento dos Guillelmites (Liège). Apesar de o Convento ter sido destruído pelos revolucionários, o texto da lápide de Jean de Mandeville foi transcrito por numerosos viajantes, que se dirigiam a Liège para lhe prestarem uma derradeira homenagem. Segundo consta, estas eram as palavras que se podiam ler na sua lápide : “ Noble seigneur Jean de Mandeville, natif d'Angleterre, chevalier dit « à la Barbe », seigneur de Compredi, professant la médecine, priant avec grande dévotion et distribuant avec largesse ses biens aux pauvres, qui avait parcouru le monde entier et acheva les jours de sa vie dans la ville de Liège le sept février 1372. »

Segundo Deluz, a história deste austero e piedoso homem medieval foi sendo, ao longo da Idade Média, gradualmente retocada de tal modo que, em pleno século XVI, este era considerado um humanista dominando os dez idiomas em que a sua obra fora traduzida. A imagem do “*medicinae professor*” do século XIV – que, na época, corresponderia a uma alusão aos seus actos de caridade e intensa piedade – foi convertida, pelos homens do século XVI, na memória de um erudito e competente físico. Desta forma, nos prefácios das edições impressas do Renascimento, Jean de Mandeville surgiu como um médico idóneo além de um arrojado explorador, ao nível de Marco Polo.³⁸⁴

No entanto, com as investigações que Nicholson levou a cabo, nos anos 1876-1884, a imagem do cavaleiro foi substancialmente alterada. Com efeito, o bibliófilo identificou muitas das obras a partir das quais Jean de Mandeville construíra o seu texto. Deste modo, todo o trilha de viagem desenhado pelo cavaleiro foi subitamente posto em causa e a sua credibilidade ameaçada. Para as investigações de Nicholson contribuiu também o burburinho que desde os últimos anos da década de 1860 circulava em torno do nome de Mandeville. Data desta altura a descoberta de

³⁸³ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 236.

³⁸⁴ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. IX-XXVIII.

fragmentos de um manuscrito de “Myreur des Histoires” de Jean d’Outremeuse, cronista do século XIV. Neste texto, o autor referia-se a um tal Jean de Bourgogne, (também conhecido por Jean “à la Barbe”) que no seu leito de morte havia chamado Jean d’Outremeuse para lhe confessar que o seu verdadeiro nome era Jean de Mandeville e que devido a um homicídio fora obrigado a deixar Inglaterra. Segundo Deluz, estes novos dados provocaram intensas buscas nos arquivos ingleses e belgas para tentar encontrar a verdadeira identidade do autor.³⁸⁵

A dúvida instalou-se assim sobre a verdadeira origem deste cavaleiro. Como não há dados novos que permitam elucidar o mistério que envolve o seu percurso, pouco mais se pode afirmar relativamente à sua biografia. Muito do que se pode escrever sobre a vida de Mandeville é apenas hipotético.

Analisando o texto de Mandeville, Christiane Deluz lançou algumas hipóteses sobre a sua biografia.³⁸⁶ Atendendo à riqueza e diversidade das fontes utilizadas na redação da obra, Deluz admitiu que este Mandeville fosse um homem culto, um nobre estudante de artes liberais numa universidade, talvez na de Paris, onde o cartulário da universidade regista o nome de um Jean de Saint-Albans residente no Faubourg Saint-Victor. Segundo esta investigadora, Mandeville poderia ter guardado destes seus estudos a memória dos textos que mais tarde veio a utilizar na composição da sua obra.

Durante um período relativamente longo, os seus leitores, seguindo as suas palavras, acreditaram na sua vida aventureira. Das múltiplas façanhas, contava-se que lutara como mercenário na corte do Sultão do Egipto e servira durante 15 anos na corte do Grande Chan da Mongólia. Após uma ausência de 34 anos, regressou à Europa onde, com a ajuda das suas notas, redigiu as suas memórias. A primeira versão manuscrita circulou logo em 1356.

Pode-se hoje afirmar que há fortes probabilidades que Mandeville tenha avançado até às terras do Egipto onde serviu os interesses do sultão. No entanto, ninguém poderá acusá-lo de não ter conduzido os seus leitores numa viagem fantástica em torno do mundo. Baseando-se em numerosos textos então conhecidos, Mandeville conseguiu levar o leitor por ilhas, mares e regiões que até então poucos

³⁸⁵ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. X-XI.

³⁸⁶ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. XII.

tinham visitado. Nobres, fidalgos, clérigos ou gentes simples tiveram a oportunidade de deixar os seus recônditos burgos europeus, atravessando a Europa rumo à China passando por Jerusalém, Egípto e Índia. Para os homens deste tempo, a viagem tanto se fazia atravessando mares, trilhando desertos ou escalando montanhas como através da leitura sossegada.³⁸⁷

3.6.1.1. Textos trabalhados por Mandeville

Mandeville baseou *Voyage autour de la terre* na sua experiência enquanto peregrino ou mercenário ao serviço do sultão do Egípto, assim como na consulta de um importante espólio bibliográfico. Os relatos de viagens que circulavam na Europa desde o século XII sob forma manuscrita, em especial os que testemunharam as observações de missionários no Oriente, constituíram fonte de informação preciosa para o cavaleiro. O *Itinerarius* (1336), do dominicano William de Bondesele, constituiu o seu fio condutor no mundo do lado 'de cá'. O *Descriptium Oriental Partium* (1330), do beato Odoric de Pordenone, e o *Itinerarium*, do frade Pian del Carpine, foram as suas principais fontes para descrever as terras dos Tártaros e da China. Quando se referiu a arménios, turcos ou persas, baseou-se no texto do príncipe Hayton, *La fleur des Histoires de la Terre d'Orient* (1307). A este conjunto de textos, que seguramente enriqueciam a vasta biblioteca de Mandeville, deve ainda juntar-se *Descriptio terræ sanctæ* (c. 1165), de John de Würzburg e o *Libellus de locis sanctis* (c. 1172), de Theodoricus, assim como as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, o *Tratado da esfera* de Sacrobosco, o *Romance* de Alexandre assim como a *Lenda Dourada* ou a *Carta de Preste João das Índias*, para além das incontornáveis obras de Plínio, Solinus, Flávio Josefo e Vincent de Beauvais. No entanto, grande parte da obra assentou sobre textos bíblicos verificando-se uma ampla familiaridade com os textos do *Novo Testamento*. Do *Antigo Testamento* nota-se uma referência mais alargada ao *Livro do Génesis*, ao *Êxodo*, às *Crónicas*, aos *Reis* e *Salmos*. O estudo detalhado das versões manuscritas e impressas, actualmente conhecidas, foi realizado por Christiane Deluz.

³⁸⁷ Como diz Cristóvão da Costa, "Quem quiser ver parte do muito que na China há, leia o livro que fez o Reverendo padre Frei Gaspar da Cruz, da Ordem de S. Domingos." Cristóvão da Costa, *Tratado das Drogas*, p. 156.

Voyage autour de la terre, de Jean de Mandeville, foi amplamente divulgado por toda a Europa entre os séculos XIV e XVI. Os quase 250 manuscritos até agora recenseados, e as múltiplas edições impressas, que desde a década de 1470 surgiram nas oficinas gráficas europeias, disso são sinal. As versões em alemão, francês, castelhano, dinamarquês e inglês, vulgarizaram a visão do mundo de Mandeville nos mais diversos idiomas.³⁸⁸ Como afirmou C. Deluz :

Plus de deux cent cinquante manuscrits sont parvenus jusqu'à nous, le plus ancien copié pour Charles V en 1371, le plus récent, en tchèque, en 1783. Ce livre, écrit 1356, «en roman pour que chacun le comprenne », était accessible, dès le XVe s., dans toutes les langues parlées d'Europe, anglais, latin, allemand , italien, espagnol, néerlandais, gaélique, danois, tchèque. [...]. Quand apparaît l'imprimerie, le livre de Mandeville figure parmi les premiers qui sortent des presses, notamment celles d'Anton Sorg à Augsburg en 1478 pour la version allemande, avec une centaine de gravures sur bois qui accompagneront dès lors la plupart des éditions. Elles vont se multiplier au cours du XVIe s. et on peut estimer leur nombre à plus de 280, toujours dans les dix langues dans lesquelles l'ouvrage avait été écrit ou traduit. » E a autora continuou : « C'est donc un succès aux dimensions de l'Europe que connaît l'œuvre du chevalier anglais, dimensions spatiales, de l'Angleterre à l'Espagne, de la France à la Bohême, mais aussi dimensions sociales. C'est en effet dans de nombreuses couches de la société que ce texte a été diffusé. »³⁸⁹

³⁸⁸ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. XV-XVII.

³⁸⁹ Na realidade, a obra de Mandeville encontra-se desde 1392 na biblioteca do rei de França; e, logo no século XIV, em diversas cortes principescas da Alemanha, nas abadias de Saint-Albans, Saint Pierre de Salzbouurg ou Etal, assim como nas bibliotecas dos mosteiros de monges regulares de Santo Agostinho em Klosterneubourg. Mas a divulgação do mundo de Mandeville não se limitou aos meios eruditos. Um dos manuscritos, ainda hoje conservado em Dijon, pertenceu a Nycolas Flutelet, vinhateiro; outro a Jean de la Garde, sargento da guarda do Papa de Avignon; outro ainda pertenceu a Maître Zyriacus, magister scholarum que o levou consigo quando emigrou para Itália, outro ainda pertenceu ao moleiro Menocchio, condenado à fogueira em 1599. Muitos outros exemplares integraram a bagagem de Cristóvão Colombo, John Dee ou Martin Frobisher que não dispensaram os seus Mandevilles nas viagens aventurosas pelos mares do globo. De entre os antigos possuidores da obra, Deluz destaca os nomes de geógrafos como Martin de Behaim (globo terrestre 1492), Mercator (mapamundo de 1569) e Ortelius (*Theatrum Orbis terrarum*, 1573).

Xavier Walter apresentou uma contabilidade das obras impressas que complementou a de Deluz.³⁹⁰ Citando Henri Cordier enumerou 73 edições conhecidas nos finais do século XIX. Destas, 12 eram em alemão (Augsburg, 1481, 1482; sendo a última de 1865) ; 12 em francês (Lion, 1480; derradeira de 1735), 6 em latim (todas do século XV), 9 em holandês (a última de 1779), 13 em italiano (sendo a mais recente a de 1870), 17 em inglês (Westminster, 1499, a mais recente, editada em Westminster, datada de 1889), 3 em castelhano, (todas do século XVI) e uma em dinamarquês (do século XIX). Uma breve recensão dos volumes e manuscritos ainda hoje encontrados nas coleções públicas e privadas testemunha a ampla difusão deste texto.³⁹¹

Como acima se referiu, no final do século XIX, Nicholson indignou-se com a obra deste cavaleiro de gabinete, acusando-o de plagiador e mentiroso. Baseava-se no facto de ter verificado que a maior parte das informações que o ‘inglês’ dava se limitava, como vimos, à cópia de textos de outros.

Não pretendemos defender Mandeville contrariando as evidências apontadas por Nicholson. Só o conhecimento profundo das obras e o confronto criterioso dos textos o pode ter conduzido às suas conclusões. Analisando a obra de Mandeville, verificamos que esta contém mais do que uma mera cópia de textos. Aquilo que Mandeville fez, e que parece justificar o êxito da sua obra, foi integrar os textos dispersos dos diversos sábios e viajantes seus contemporâneos, numa leitura global do mundo. Assim, integrou o saber de Santo Agostinho, de Aristóteles e Ptolomeu, os testemunhos orientais de Plan Carpin, Rubruck, Marco Polo, Hayton, Odoric de Pordenone, as lendas de Jacques de Voraigne, as interpretações do mundo natural de Plínio e Vincent de Beauvais, os relatos dos tesouros de Brunet Latin, naquela que era a sua motivação. De cada autor, utilizou a informação que considerou relevante para construir a sua imagem do mundo. O mundo de Mandeville era, afinal, um imenso espaço contornável, que revelava a grandeza e onipotência do seu Criador. A geografia de Mandeville apresentou os contornos de uma Cristandade. A então recente tradução para mandarim de alguns textos Sagrados, levada a cabo pela Missão

³⁹⁰ Xavier Walter, *Avant les grandes découvertes*, pp. 22-24.

³⁹¹ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. XVI-XVII.

de Giovanni de Montecorvino³⁹², a presença de embaixadas do Papa de Avinhão na corte do Imperador do Celeste Império³⁹³ e as significativas conversões ao Cristianismo de orientais, a que Mandeville fez referência, justificaram o optimismo de Mandeville para estabelecer os limites do mundo.³⁹⁴

Os textos dos seus contemporâneos foram essenciais para ilustrar a sua cosmovisão. Tal como qualquer homem do seu tempo, Mandeville era sensível ao maravilhoso, cedendo aos seus leitores uma descrição de um real, pleno de mitos, fenómenos extraordinários ou locais fabulosos, correspondente às suas expectativas.³⁹⁵ Entender esta forma de construção do texto é também procurar seguir a coerência de Mandeville e do público de Trezentos.

3.6.1.2. O mundo natural da Ásia em Mandeville

Globalmente podemos afirmar que Mandeville não deu muito relevo a vegetais, animais e aromas do Oriente. Na sua obra abundam as referências a árvores de significação bíblica, como o cedro, a oliveira, a palmeira, o cipreste ou a acácia. Estas andaram a par das referências a animais fantásticos como a fénix³⁹⁶, os grifos, os

³⁹² Giovanni da Montecorvino (1247-1329). Frade franciscano, natural da Campânia (Itália) foi o fundador das primeiras missões católicas na Índia e na China. Designado Arcebispo de Cambalica (actual cidade de Pequim), foi também Patriarca do Oriente. Foi enviado, em 1289, pelo Papa Nicolau II para a China com a missão de converter ao Cristianismo os soberanos do Extremo Oriente. Tendo encontrado a receptividade do soberano, Montecorvino erigiu igrejas católicas na actual Pequim. Durante os anos 1305-1306, não escondia, na correspondência que enviava à Europa, o entusiasmo perante o êxito do seu trabalho missionário. Em 1307, o Papa Clemente V enviou novos missionários para apoiar o trabalho de Montecorvino, então já Arcebispo de Pequim e Patriarca do Oriente. Para além deste arcebispado de Pequim, o Pontífice criou seis outros bispados sufragantes cuja jurisdição se estendia a todo o império Mongol. O sucesso desta missão foi também garantido pelo esforço desenvolvido pelos frades para traduzir os *Livros de Salmos* e alguns *Livros de Hinos*. A Missão no Extremo Oriente manteve-se activa alguns anos após a morte de Montecorvino até que, em 1369, a Dinastia Ming a expulsou do território. O testemunho da sua obra apostólica chegou até nós através da correspondência que trocou com outros religiosos. Juan Gil, *La India y el Cathay*, pp. 385-395. Sobre o nascimento de um episcopado missionário no Império Mongol ver: Jean Richard, *La Papauté et les Missions Catholiques en Orient au Moyen Âge*, pp. 248-266.

³⁹³ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, cap 3, p. 15.

³⁹⁴ Mandeville, em *Voyage autour de la terre*, cap 25, p. 179, não deixou escapar o orgulho que sentia pelo facto do Grand Chan confiar mais nos médicos Cristãos da sua corte do que os Sarracenos. Referindo-se aos cortesãos que rodeavam o imperador, referiu-se à presença de diversos Cristãos convertidos à 'verdadeira fé' pela pregação dos religiosos que habitavam na Corte.

³⁹⁵ Verdon, J. *Voyager au Moyen Age*, pp. 331-335.

³⁹⁶ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 36.

caracois gigantes³⁹⁷ e os dragões³⁹⁸, além das especiarias³⁹⁹, gomas, resinas, dos venenos⁴⁰⁰ e aromas. Também o ouro e as pedras preciosas ocuparam algum espaço na sua obra.⁴⁰¹

Mais do que descrever a natureza, Mandeville quis realçar a unidade do mundo que descreveu, e que José de Arimateia ajudou a centrar, de forma indelével, em Jerusalém.⁴⁰² A busca no texto de Mandeville de plantas, pedras e animais é, por isso, uma tarefa quase cirúrgica. Há jardins magníficos, que vão aparecendo desde a Sicília⁴⁰³ ao Egito⁴⁰⁴, mas que ele se escusa a descrever. Quanto ao incomparável jardim do Paraíso⁴⁰⁵, no qual, pela sua condição de pecador não podia entrar, o escritor certificou situar-se numa montanha tão alta que chegava ao círculo da lua.

Como acima se referiu, as referências botânicas não são muito importantes em Jean de Mandeville. Apesar da admiração com que se referiu às árvores que davam farinha, mel, vinho ou veneno, nas ilhas do actual Bornéu, deu pouco relevo ao mundo de origem vegetal. Exceptua-se a pimenta, a noz-moscada, a mirra e o bálsamo. Assim, ao relatar a hipotética chegada à costa do Malabar, o cavaleiro parou para descrever a pimenta que crescia numa floresta que levava dez dias de viagem a atravessar.⁴⁰⁶

Retomando os escritos de Plínio, Mandeville questionou as míticas queimadas das florestas de pimenta e aludiu às serpentes que estavam profundamente ligadas à colheita e à guarda da especiaria.

Relativamente às demais especiarias, prosseguiu referindo-se ao gengibre, que existia em grande quantidade no Malabar, onde os mercadores de diferentes países o

³⁹⁷ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 147.

³⁹⁸ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 150 ; p. 224.

³⁹⁹ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 129-132 ; pp. 143-144.

⁴⁰⁰ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 145.

⁴⁰¹ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 120-123 (rubi pp. 180 e 207). Convém aqui recordar que é atribuído a Mandeville o '*Lapidaire*', extensa obra inteiramente dedicada às riquezas minerais da qual se encontram manuscritos na Bibliothèque National de Paris (fr.4836 e fr.9136) e na Bibliothèque Royal de Belgique (Bruxelles, ms.11058). Ver: Léopold Pannier, *Les lapidaires français du Moyen Age, des XII, XIII et XIV ème siècles*, Paris 1882, assim como Valérie Gontero, *Transcription du Lapidaire de Jean de Mandeville*,

⁴⁰² Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 59.

⁴⁰³ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 41.

⁴⁰⁴ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 36.

⁴⁰⁵ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 110 ; pp. 228-229.

⁴⁰⁶ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 129.

iam buscar.⁴⁰⁷ No entanto, a ilha mais rica em todo o tipo de especiarias era, segundo Mandeville, Java.⁴⁰⁸

Em *Voyage autour de la terre* não se encontram outros trechos relativos às especiarias. Apesar das inúmeras referências a pedras preciosas, aos rios de ouro, pedras e pérolas e aos palácios de riqueza sem par, Mandeville não deixou de se impressionar com os fenômenos estranhos da natureza que ia ‘encontrando’: o mar de areia, o mar salgado, assim como as montanhas de sal.⁴⁰⁹

Mandeville dedicou alguma atenção aos bezoares que, por se acreditar que podiam salvar a Cristandade da peste, alcançaram um enorme relevo no mundo medieval.⁴¹⁰ Segundo a tradição, estas pedras tornavam os guerreiros imortais, porque conferiam protecção a quem as usasse. Mandeville afirmou que estas pedras se desenvolviam no fundo das raízes de bambus. Referiu com algum espanto a árvore produtora de veneno cujo único antídoto era o consumo dos próprios excrementos e que, segundo muitos, teria sido a peçonha usado pelos judeus para eliminar a Cristandade.⁴¹¹

De todas as riquezas em que o Oriente era abundante, as que mais fascinaram Mandeville foram as pedras preciosas. A sua descrição foi, seguramente, muito mais detalhada do que a das plantas ou dos animais. Os diamantes, as safiras, as esmeraldas, os rubis, as pérolas encantaram Mandeville.⁴¹² As riquezas dos palácios do Grand Khan⁴¹³ ou do Preste João⁴¹⁴ só encontravam paralelo nas descrições do palácio de Salomão.⁴¹⁵ O ouro, a prata, as pedras preciosas, a madeira de aloés⁴¹⁶, o ébano, o

⁴⁰⁷ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 130.

⁴⁰⁸ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 143-144.

⁴⁰⁹ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 149-151.

⁴¹⁰ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, p. 145.

⁴¹¹ Muitas destas notícias encontram-se no relato de Odorico de Pordenone. Ver: Juan Gil, *La India y el Catay*, pp. 455-474.

⁴¹² De todas as pedras a que Mandeville faz referência, aquelas que mais ocupam o seu discurso são os diamantes. Apesar das informações que admite serem em grande parte retiradas do *Speculum Naturale*, nota-se um empenho particular de Mandeville em as valorizar. Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 120-123.

⁴¹³ Baseando-se nos textos de Odoric de Pordenone, de Marco Polo e de Rubruck, Mandeville apresenta a descrição do palácio de Pequim do Grand Khan, referindo-se ao fausto do seu interior, assim como à exuberância dos seus jardins cheios de plantas e animais. Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 160-166.

⁴¹⁴ A *Carta do Preste João* é uma das fontes a que o cavaleiro recorre para descrever o magnífico palácio deste soberano etíope. Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*, pp. 207-208.

⁴¹⁵ 1 Livro dos Reis 6, 1-37 ; 2 Crônicas 3, 1-17 ; 1 Livro dos Reis 7, 1-51.

3.Mitos e maravilhas da Ásia: uma herança Medieval

marfim, os aromas preenchiam o imaginário do europeu sobre a opulência dos recursos naturais asiáticos, validando os textos antigos.

Ao longo da Idade Média circularam na Europa numerosos testemunhos, orais e manuscritos, que incluíam notícias sobre a natureza da Ásia. Se alguns destes relatos se preocupavam em preservar uma memória colectiva outros integravam nela a novidade observada. Esta herança múltipla, composta de tradição escrita e testemunho oral, animou a vontade de partir de todos quantos, nas centúrias seguintes, se lançaram nas travessias oceânicas

⁴¹⁶ Esta madeira preciosa e odorífica, que Mandeville afirma ser originária do Paraíso, é constantemente referida pelos viajantes europeus que se deslocam ao Oriente.

4. Para lá do espanto, o saber

O mundo natural do Oriente sempre provocou esta multiplicidade de leituras. Naquela Primavera de 1499, quando Vasco da Gama avistou Calecute, mandou o seu emissário dizer ao soberano que procurava “cristãos e especiaria”.

A presente abordagem pretende esclarecer que tipo de saber circulava na Europa de Quinhentos, sobre a Natureza das Índias. Para além do domínio dos relatos medievais, o europeu letrado encontrava a utilidade e as propriedades terapêuticas das plantas, dos animais e minerais nas obras de Dioscórides e Avicena; as fábulas sobre a sua origem em Plínio, as etimologias em Isidoro de Sevilha; as maravilhas em Jean de Mandeville, e as aventuras, mercados, produtos e pesos, nos relatos de viajantes.

A este conjunto de textos autorizados pelo tempo, juntou-se, a partir do início do século XVI, o testemunho, sobretudo de portugueses, que desde a chegada de Vasco da Gama a Calecute se aventuravam para Oriente. Os que regressavam, traziam riquezas e depoimentos. Objectos raros e valiosas descrições das Índias que inquietavam os europeus mais curiosos. As declarações, por vezes contraditórias, daqueles portugueses sobre a natureza asiática, questionavam o saber estabelecido. Alguns destes relatos, apenas ouvidos, caíram no esquecimento. Outros, foram registados e circularam sob forma manuscrita. Outros ainda, depois de impressos, alcançaram alguma visibilidade. Finalmente, uma parte deles foi traduzida e integrada em colectâneas que acompanhavam fielmente os europeus nas suas viagens, reais ou fictícias.⁴¹⁷

No bulício dos portos ou no sossego das bibliotecas, nos jardins de plantas raras ou nos corredores das universidades, nos gabinetes de letrados ou nas ruidosas tabernas, as pimentas, canelas, cardamomos e os gengibres, elefantes, baleias, sereias e rinocerontes, as esmeraldas, diamantes, pérolas e rubis, maravilharam auditórios e tornaram-se realidade. Os testemunhos concretos, e mais ou menos verosímeis, desafiaram a tradição.⁴¹⁸

⁴¹⁷ Referimo-nos, por exemplo, à colectânea de Ramúsio.

⁴¹⁸ Para além dos testemunhos de missionários, aventureiros e pilotos sobre a opulência dos recursos asiáticos outros relatos, como a *Crónica de descobrimento da Guiné* de Zurara ou *Esmeraldo de Situ*

Mergulhada na mais profunda agitação, a comunidade erudita europeia procurou, naquela primeira metade do século XVI, coleccionar notícias fidedignas sobre a matéria médica do Oriente. Alguns, como Laguna, preferiram reafirmar nos seus textos o saber dos Clássicos.⁴¹⁹ Outros, como Mattioli, incitaram as autoridades portuguesas a esclarecer a Europa sobre tão graves matérias.⁴²⁰

À saída do Restelo, naquela manhã de 8 de Julho de 1497, as naus da armada de Vasco da Gama, lotadas de mareantes, iam carregadas de mantimentos, água e objectos diversos para oferecer aos povos encontrados. Os soldados, marinheiros, religiosos, fidalgos ou aventureiros teriam apenas uma ideia vaga e talvez enfabulada do mundo que os esperava. Possivelmente, os cosmógrafos, pilotos e alguns fidalgos mais cultos procuravam confirmar as informações cedidas por Polo, Conti, Mandeville, Alexandre ou Plínio. Todos foram confrontados com uma realidade da qual cada um se tornou testemunha directa. O encontro com um mundo até então apenas imaginado redimensionou o saber europeu. Mais do que relatos avulsos redigidos por fidalgos, letrados ou religiosos, a partir de finais do século XV chegaram à Europa testemunhos de marinheiros, pilotos ou artesãos, que regressados das suas viagens atlânticas descreviam espantados a realidade que tinham observado.

Orbis, de Duarte Pacheco Pereira, registaram descrições de aves, mamíferos, peixes, árvores e ervas até então desconhecidas e avistadas pelos portugueses ao longo da costa africana. Assim, no texto de Zurara encontra-se, por exemplo, referência à abundância das populações de tartarugas, *Cronica*, p.224; à diversidade de aves e peixes avistados, *Crónica*, pp. 274-275 assim como a descrição do magestoso embondeiro, *Crónica*, pp. 305-306.

⁴¹⁹ Nos comentários a Dioscórides que Andrés de Laguna publicou em 1555, obra que ao longo do século XVI teve sucessivas reedições e que retomaremos em mais detalhe no Capítulo 6, pode ler-se: “Muchas vezes he querido informarme de los que vienen de la India Oriental, qual sea la plãta que nos embia la pimienta, empero pintanla tan diferentemente unos de los otros, qui no los creo, ni me parece que alguno dellos jamas la puede haber visto. [...] Ansi que lo mas seguro será, dicer con muchos y muy excelentes escriptores de los antiguos, los quales pudieron ser muy bien informados...” Andrés de Laguna, *Di Pedacio Dioscorides Anazarbeo*, Liv. 2, Cap. 148, p. 237. Para algumas notas biográficas sobre este médico Vd. Cap. 5.2.2.

⁴²⁰ “Et vous Messieurs les Medecins du Portugal, si la Medecine vous est en recommandation, si voulez enrichir notre profession, exalter & faire grand votre nom, si charité a lieu en votre endroit, si vous avez ce naturel instinct & desir d’aider le genre humain, prenez cette charge : car si le Prince est par vous averti que ce luy sera un grand moyen d’immortalizer son nom, & qu’il sera cause d’un grandissime bien à tout le monde, luy estant, comme l’enten, Prince debonnaire & magnanime, ie ne doute point qu’il n’employe tout soin & pouvoir, à remettre en lumiere non seulement le cinamome, mais aussi plusieurs autres drogues, par lesquelles les anciés Medecins ont rendu leurs Antidotes tant exquis & estimez. » Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Cap 12, p. 40. Para algumas notas biográficas sobre este médico Vd. Cap. 5.2.2.

4.1. Primeiras novidades sobre as especiarias asiáticas

4.1.1. Relação da primeira viagem de Vasco da Gama

No início do relato que se atribui a Álvaro Velho pode ler-se: “Na era de 1497 mandou el-Rei D. Manuel [...] a descobrir quatro navios, os quais iam em busca de especiaria.”⁴²¹

A descrição da viagem fez-se sem demasiados sobressaltos. O piloto foi testemunhando a atenção ao mundo natural com que se deparava: ao longo da costa ocidental africana referiu-se às aves, baleias e aos golfinhos⁴²², leões-marinhos e pinguins do Cabo, elementos, aliás, vulgares nos roteiros dos pilotos, já que os ajudavam a certificar-se da sua localização; no sertão africano, aludiu aos “bois que são como os do Alentejo”⁴²³, referiu ainda a abundância do território em cobre, estanho e marfim.

A narração tomava então novo ânimo descrevendo “palmeiras que dão frutos do tamanho de melões”⁴²⁴ e as especiarias “que são tantas que se apanham em cestos.”⁴²⁵ O curioso observador não resistiu a descrever o bétete, as bananas⁴²⁶ ou as abóboras e os pepinos assim como as “infundas matas de canela”; nem tão pouco deixou de aludir a uma carta de Diogo Dias, escrita em folha de palma.⁴²⁷ O relato atingiu o auge, com a promessa feita pelo Samorim de Calecute a Vasco da Gama, de que na sua terra haveria “muita canela, cravo, gengibre, pimenta e pedras preciosas.”⁴²⁸

O narrador, atento aos trilhos deixados pelo mundo natural na terra e no mar, observou e registou tudo o que pudesse ser sinal da proximidade de um cabo ou

⁴²¹ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, edição de Neves Águas, Mem-Martins, Edições Europa-América. Esta edição foi a usada na presente investigação. Referimos esta obra de forma abreviada: *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p.

⁴²² *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, pp. 20-21.

⁴²³ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 28.

⁴²⁴ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 37.

⁴²⁵ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 36.

⁴²⁶ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 60.

⁴²⁷ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 76.

⁴²⁸ *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, p. 77.

porto.⁴²⁹ O observador anotou cada particularidade do mundo que avistava. O contacto com uma realidade diversa não o deixou indiferente. Nas duas partes do globo que a sua viagem lhe apresentou, encontrou dois mundos paradoxalmente próximos e longínquos.

No fim desta tão esperada *Relação* incluiu-se um Apêndice geográfico-comercial, que correspondia ao reverso das notícias facultadas pelo piloto. Aparentemente, as informações foram cedidas por Gaspar da Gama, o judeu de origem europeia que se convertera ao Islão durante a sua prolongada estadia no Oriente.⁴³⁰ De acordo com Banha de Andrade: “o capitão [Vasco da Gama] transportava alguma pimenta mas a maior riqueza incidia na pessoa daquele homem que era ‘bem prattico de quelle paesi’, pois havia 32 anos que vagueava do Cairo a Meca e por muitos outros sítios daquelas partes da India”.⁴³¹

O conjunto de notícias que constitui este apêndice localiza, com a precisão possível na época, a região de origem das diversas especiarias e drogas, gomas e resinas, pedras, dos tecidos e corantes de que a Europa era deficitária. Mesmo desconhecendo as coordenadas que permitiriam a localização exacta dos portos ou ilhas referenciados, Gaspar da Gama deu a conhecer ao Rei de Portugal um precioso conjunto de novidades.⁴³² A Corte ficou assim a conhecer a região de origem da canela, dos elefantes, rubis e safiras (Ceilão); do cravo, noz-moscada, porcelanas, seda,

⁴²⁹ Os *Diários de Bordo* redigidos pelos pilotos, incluíam numerosas referências ao mundo natural. Estes registos descreviam a paisagem costeira, realçavam aspectos do coberto vegetal ou singularidades do relevo, para além de identificarem exemplares da fauna marinha e terrestre assim observada. Este conjunto de dados sobre o mundo natural, juntamente com as medidas estabelecidas pela leitura dos céus, ajudariam os navegadores que passassem por aquela região a localizar-se com um maior grau de certeza. Nestes relatos, o mundo natural, mais do que uma curiosidade, era considerado como um poderoso aliado dos navegantes e pilotos. Um minucioso recenseamento dos elementos antropológicos, etnográficos, geográficos, botânicos e zoológicos que se encontram inseridos nestes textos, foi realizado por Ana Cristina Roque, a quem agradecemos a preciosa ajuda e a vasta documentação facultada. Ana Cristina Roque, *A Costa Oriental de África na primeira metade do século XVI segundo as fontes portuguesas da época*.

⁴³⁰ Aparentemente foi este homem quem cedeu muitas das informações sobre o mundo asiático a Américo Vespúcio e que este integrou na carta que enviou de Cabo Verde a Lourenço de Medicis (1501). Este interessante documento a que nos referimos mais adiante, revela o importante manancial de informações novas que Vespúcio conseguiu recolher junto dos navegadores portugueses. Aludindo a Gaspar da Gama, o italiano escreveu “o dito Gaspar, o qual sabia muitas línguas e o nome de muitas províncias e cidades; como digo é homem mui autêntico, porque fez duas vezes a fio a viagem de Portugal ao Mar Índico.” Carmen Radulet e Luis Filipe Thomaz, *Viagens dos portugueses à Índia, (1497-1513)*, p. 337.

⁴³¹ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, p. 459.

⁴³² *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, pp. 93-100.

estanho e papagaios (Malaca); do almíscar, rubis, oiro, laca, benjoim branco e preto e prata (Pegu); da pimenta (Cangranor); das pérolas (Ilha de Manar); das sedas e laca (Samatra); e de uma ampla diversidade de outros produtos que, a pouco e pouco, permitiram cartografar nos mapas dos europeus, os portos, cidades, reinos e ilhas orientais.

O impacto de todas estas notícias não se fez esperar. D. Manuel apressou-se a informar os soberanos europeus das novidades divulgadas pelos seus navegadores. Nas missivas que dirigiu aos Reis de Castela⁴³³ e ao Cardeal Protector⁴³⁴, D. Manuel intitulou-se “Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África e Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Pérsia e Índia”. Nesta correspondência, o soberano deu particular relevo às especiarias e pedrarias do Oriente mas não deixou de aludir aos “pepinos, limões e cidras”, “às uvas, peras, maçãs, nozes, figos, amêndoas, romãs [...] trigo, arroz, vacas, galinhas e perdizes”, assim como a “outras frutas que há muito desvairadas das nossas”. O monarca situou na Taprobana a origem de “toda a canela fina, muita pedraria assim como outras preciosas mercadorias”. Destacou, entre os diversos produtos de interesse comercial, o pau-brasil, o lenho aloés, o ruibarbo ou a cana fístula, as roupas e louças, assim como as promissoras minas de ouro.

O Rei associou assim às riquezas de um mundo natural “desvairado do nosso” a normalidade das frutas e animais familiares do quotidiano europeu. A Ásia começou, a pouco e pouco, a surgir na mente do europeu como uma realidade tangível e verosímil. A natureza fantástica descrita nos textos dos Antigos e nos relatos dos viajantes medievais foi cedendo espaço a um mundo natural concreto, onde as plantas e os animais eram, por vezes, cotejáveis com os da Europa. A proximidade dos mundos não resultava apenas do *encurtamento* dos espaços mas também da analogia de algumas das suas produções e da promissora possibilidade de conversão dos infiéis.

⁴³³ E. do Canto, *Carta de El-Rei D. Manuel para os juizes, vereadores, etc. da cidade do Porto*. 1908, reeditada por Bragança Pereira, *Arquivo Portuguez Oriental*, tomo 1, vol. 1, parte 1, p.366. Ver também em Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Vol 1, p. 201, nota 1.

⁴³⁴ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Vol 1, p. 201, nota 2.

4.1.2. Relatos de italianos

Girolamo Sernigi foi um mercador florentino de sucesso, que, na época, se instalou em Lisboa.⁴³⁵ Em 1499, redigiu duas cartas que enviou a Nicolo Sernigi. Com estas, Veneza ficou de imediato ciente dos perigos que o avanço marítimo dos portugueses para Oriente poderia representar para o seu empório comercial de produtos de luxo. A notícia do regresso da armada portuguesa fez cair para metade o preço das especiarias à venda no Rialto.⁴³⁶

Estas cartas, que tiveram intensa circulação manuscrita, foram editadas por Montalbodo em 1507 e, posteriormente, traduzidas e impressas noutros idiomas europeus. Mais tarde, a obra de Ramúsio, *Delle Navigatio et Viaggi* (Veneza, 1550) seria um dos grandes veículos de vulgarização europeia das informações contidas nesta correspondência.

As cartas autógrafas integraram a compilação de notícias levada a cabo por Pietro Vaglianti, entre 1498 e 1515, e conhecido actualmente por *Códice Riccardiano 1910* de Florença.

O relato de Sernigi foi particularmente exacto nas informações que transmitiu. Localizando o principal centro de distribuição de especiarias e drogas - “acham-se nesta cidade de Calecute todas as especiarias a saber canela, pimenta, cravo, gengibre, lacar e infinito Brasil, de que estão os bosques cheios” - Sernigi advertiu que “as ditas especiarias não nascem ali, senão que nascem em certas ilhas...”,⁴³⁷ adiantando depois que a canela vinha do Ceilão e a pimenta de outra ilha. O agente florentino preocupou-se ainda com o valor das especiarias e pedras preciosas, assinalando que os mercadores locais “não querem pagamento senão ouro e prata e coral”.⁴³⁸

Um outro florentino, residente em Lisboa no momento da chegada da armada gâmica, Tomaso Detti, apressou-se a divulgar o facto por terras italianas. Apesar de não haver evidências quanto à divulgação desta carta, já que nunca foi inserida nas

⁴³⁵ Carmen Radulet, *Os descobrimentos portugueses e a Itália*, pp. 59-93 e pp. 103-124. Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, pp. 214-219 e pp. 220-223.

⁴³⁶ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, p. 212.

⁴³⁷ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, p.74.

⁴³⁸ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, p.89.

colectâneas quinhentistas, o conteúdo é análogo ao veiculado por Girolamo Sernigi.⁴³⁹ Recorrendo a uma linguagem expressiva e viva, Detti exagerou, afirmando que as naus de Gama tinham “até ao mastro canela e pimenta”.⁴⁴⁰ Aludindo aos portugueses afirmou que “estes acharam todo o tesouro e armazém das especiarias do mundo e das pedras”.⁴⁴¹ Para o italiano, o feito marítimo lusitano levaria os venezianos a perder o trato do Levante, voltando estes assim ao mar, como meros pescadores. Detti insistiu ainda no facto de as especiarias chegadas a Lisboa serem de muito melhor qualidade do que as que chegavam por Alexandria.

Não muito diversa desta abordagem foi a de Bartolomeu Marchionni. Estabelecido em Portugal, desde os finais do século XV (ou inícios do XVI), este italiano alcançou posição de destaque entre os armadores, participando directamente no aproveitamento económico das viagens às Índias Orientais. Na expedição de Pedro Álvares Cabral armou, com outros mercadores, a caravela de D. Álvaro de Bragança, a *Annuziata*, que regressou do Oriente carregada de riquezas exóticas. Talvez a sua situação de compromisso no seio dos interesses portugueses lhe impedisse a divulgação de notícias consideradas estratégicas. Nomeado armador-mor das frotas de João da Nova e da segunda viagem de Vasco da Gama, manteve-se sempre bem informado sobre as riquezas do mundo Oriental.

Na sua carta, Marchionni enumerou as qualidades e quantidades de especiarias e drogas chegadas do Oriente.⁴⁴² Para além da canela, lacar ou benjoim, o italiano não ficou indiferente aos dois papagaios de diversas cores referindo que “de muitas outras alimárias dão notícia, de tal modo que Plínio que dizem impostor, mostram ser verdadeiro nas suas histórias”.⁴⁴³ A ligeira erudição ou curiosidade deste comerciante, é uma nota invulgar neste tipo de correspondência, mas atesta a consciência que os homens da sua condição possuíam do Oriente. Como refere Banha de Andrade, Marchionni nas suas cartas quis deixar bem claro aos seus homólogos que este caminho marítimo era mais seguro do que o terrestre e que proporcionava produtos

⁴³⁹ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, pp. 133-145; Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, pp. 223-224.

⁴⁴⁰ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, pp. 139-140.

⁴⁴¹ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, p.141.

⁴⁴² Esta carta, que tal como tantas outras integra o códice florentino, permaneceu inédita até 1951. Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol I, pp. 237-246.

⁴⁴³ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, p. 158.

de maior qualidade; que os portugueses tinham descoberto importantes fontes auríferas e que, afinal, Plínio estaria vingado, já que o encontro com um novo continente povoado de seres bizarros e de plantas estranhas, salvava este homem da Antiguidade da autoria das patranhas de que era acusado.⁴⁴⁴

O mesmo tom entusiasta relativamente ao sucesso da empresa marítima dos portugueses ecoou na correspondência redigida por Pietro Rondinelli, na qual se lê: “doravante pela via de Lisboa se fornecerá todo o mundo. Os venezianos terão delo grão dano e assi mesmo o soldão e muitos outros que tratam em especiarias.”⁴⁴⁵ O italiano lamentou a sua fraca liquidez financeira que o obrigou a ficar a “ver navios”. Para este florentino, os produtos naturais asiáticos não constituíam mais do que um bom negócio.

Não se pense, no entanto, que o europeu perdera a capacidade de se espantar perante o real. Na verdade, os relatos dos italianos estantes em Lisboa tinham uma missão informadora sobre um novo contexto comercial. A estes homens, na sua maioria agentes de empresas que lidavam com a aquisição e venda de produtos de luxo, interessavam as novidades de carácter comercial e os aspectos pragmáticos ligados ao negócio. O encontro que estes italianos tiveram com a Ásia foi uma constatação de pesos, preços, qualidades e valor. O mundo natural do Oriente importava-lhes apenas enquanto mercadoria. Atitude algo diversa da de outros europeus que, embarcados nas frotas portuguesas, embateram com um mundo vivo e diferente. A diversidade desta relação com a natureza sobressaiu nos testemunhos que então redigiram.

O caso mais paradigmático parece ser o de Americo Vespuccio. Encontrando-se na angra de Bezequiche, junto a Cabo Verde, o italiano dirigiu uma carta a Lourenço [filho] de Pedro Francisco de Médicis (4 de Julho de 1501). Tal como sucedeu com outros relatos de Vespúcio, esta carta tem sido amplamente estudada.⁴⁴⁶ Nesta missiva, que tal como outras foi incluída por Pietro Vaglianti no códice florentino, o viajante italiano deu a conhecer a um Médicis as principais notícias que constituíam

⁴⁴⁴ A alusão à viagem de Colombo e a familiaridade com o texto de Plínio são duas notas interessantes a reter na carta do italiano.

⁴⁴⁵ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, p. 174.

⁴⁴⁶ Illaria Luzzana Caraci, *Americo Vespucci*, vol I, carta 2, pp. 281-287; Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, pp. 325-346.

novidade naquele início de século. As informações de carácter geográfico-comercial foram-lhe cedidas por Diogo Dias, que neste Cabo aguardava a chegada da frota para prosseguir caminho. A Ásia de Vespúcio era assim um vasto território que nunca conhecera, mas onde destacou topónimos com precisão, enumerou portos estratégicos, localizou cidades comerciais. As produções e riquezas naturais desta região chamaram a atenção do italiano que cedeu notícias precisas sobre todas as preciosidades que os navios com destino a Lisboa transportavam. Das especiarias às drogas, das resinas aos aromas, das pedrarias às tintas, nada pareceu escapar ao olhar minucioso de Américo Vespúcio. No entanto, na sua viagem para Poente, ao atingir o litoral da quarta parte do mundo, testemunhou uma atitude quase que oposta. Este mundo que ele viu e experimentou pouco ou nada tinha de comparável às realidades exóticas do Oriente. Se bem que nas suas viagens nunca tenha chegado às Índias de Alexandre, Vespúcio nunca demonstrou relativamente a estas a curiosidade e o espanto que, mais tarde, testemunhou no *Mundus Nuovus*.⁴⁴⁷ Não nos querendo aqui deter sobre a análise desta obra, que foi intensamente divulgada nos inícios de Quinhentos, não podemos deixar de registar esta diversidade de olhares sobre a natureza. A emoção que descreveu no *Mundus Nuovus* aproxima-se da registada por Pedro Vaz de Caminha.⁴⁴⁸ Era como se, repentinamente, fosse possível recomeçar a olhar para a natureza. O surgimento de um continente totalmente excêntrico, obrigou o europeu a um exercício de reposicionamento no seu próprio mundo. O embate com a natureza americana, naquele início do século XVI, introduziu uma modalidade diversa de leitura do mundo natural exótico. A visão mercantilista do mundo Oriental nada tinha a ver com a leitura deslumbrada do mundo natural das Índias Ocidentais. No entanto, como veremos, alguns portugueses souberam manter um olhar descomprometido sobre a natureza do Oriente.

⁴⁴⁷ Americo Vespucci, *Mundus Nuovus*, Paris, J.B. Sessa, 1503. A obra revelou-se de um enorme interesse, tendo conhecido, até 1506, 22 edições. Vespúcio realçou a aplicação pelos locais de drogas desconhecidas na cura de doenças. Anotou também a presença de algumas especiarias semelhantes às oriundas das Índias Ocidentais. Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol.1, pp. 276-279 e pp.450-457 assim como R. Lavillier, "A carta de Vespúcio que revolucionou a geografia", p. 144.

⁴⁴⁸ A *Carta*, além de testemunhar a emoção de um encontro totalmente inesperado, revela a novidade de um olhar deslumbrado sobre a natureza que observa. Ver Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol. 1, pp. 227-234. Entre as múltiplas edições da *Carta*, destaca-se a abordagem feita por Jaime Cortesão, *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Lisboa, 1967.

4.1.3. Cantino

O *Planisfério de Cantino* (1502) é um monumento da cartografia Quinhentista. Para além de ser uma das poucas cartas portuguesas desta época que hoje se conhece, é a mais antiga carta náutica que representa os locais de acordo com a sua latitude. Esta carta reúne dados cartográficos de origens diversas. A informação mais antiga, respeitante ao Mediterrâneo e ao Mar Negro, foi provavelmente copiada de uma Carta maiorquina. Dados mais recentes, que incluíam a costa do Brasil, a costa Oriental africana e a península Indústânica, teriam sido recolhidos pelos pilotos portugueses ou fornecidos por informadores árabes nas recentes viagens de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral.⁴⁴⁹

Foi encomendada por Alberto Cantino, um agente do Duque de Ferrara, que este enviou a Lisboa no início do século XVI. Realizada, a partir do *Padrão Real*, por um cartógrafo português anónimo, da *Casa da Guiné e da Índia*, continha informações estratégicas e actualizadas sobre os avanços marítimos lusitanos. A par do registo das novas terras descobertas pelos portugueses, arrolava numerosas informações sobre o mundo natural asiático. Estas resumem-se nas legendas que o criterioso cartógrafo destacou sobre as ilhas, cidades e portos do Oriente. Eram notícias sobre regiões de origem ou do comércio de especiarias, drogas e produtos de luxo. Assim, em Cambaia encontrava-se “lacre, panos finos de toda a sorte, incenso, aljôfar, almíscar, âmbar, figos passados e uvas”; em Calecute, “benjoim, pimenta, canela, gengibre, cravo, incenso, sândalos, todas as sortes de especiarias, pedras de grande valor, pérolas e aljôfar”; em Ceilão, “toda a canela, muitas sortes de especiaria, pérolas e aljôfar”; em Malaca, “o sândalo, o ruibarbo e o aljôfar”, assim como todas as mercadorias que são destinadas a Calecute: “cravo, benjoim, lenho aloés, sândalo, estoraque, ruibarbo, marfim, pedras preciosas, pérolas, almíscar, porcelanas finas e outras muitas

⁴⁴⁹ Como foi realçado pelos estudiosos desta Carta, as representações para Leste da Península do Indústão não são de origem portuguesa. Atestam este facto muitas das inscrições que se encontram nestas áreas, já que as medidas de latitude surgem em *polegadas* (unidade usada pelos pilotos árabes) e não, como seria de esperar, em *graus*. Para além desta evidência, recorda-se que quando esta Carta foi realizada, os portugueses ainda não tinham viajado para além do Malabar. No seu trabalho de dissertação, Alves Gaspar identificou as origens das diversas informações cartográficas que esta Carta contém. Joaquim Alves Gaspar, *From the portolan chart of the Mediterranean to the latitude chart of the Atlantic*, pp. 129-141.

mercadorias que toda a mor parte vem de fora contra a terra dos chins”. Finalmente, de Samatra, que o cartógrafo identifica com a Taprobana de Ptolomeu, chegava o “ouro, a prata, pedras preciosas, pérolas, rubis, especiarias, sedas, e brocados”.⁴⁵⁰ O Oriente, que o hábil cartógrafo desenhara, era um vasto território encastado de riquezas. A sua leitura moderna do mundo, que abandonou a concepção ptolemaica da África Oriental e do Oceano Índico, sugeriu os contornos das Américas, estabeleceu a exacta localização do Brasil e da Florida, e ainda testemunhou, de forma clara, o valor da natureza da Ásia para o europeu.

4.1.4. Tomé Lopes

Em 1503, Tomé Lopes redigiu um diário de bordo no qual se encontraram não apenas referências a portos, cidades e produtos mas também verdadeiras descrições de animais e plantas.⁴⁵¹ Se em Melinde a alusão a frutas locais semelhantes às portuguesas parecia aproximar espaços, a descrição das bananas que lhe traziam os negros das ilhas do Índico, os chamados “figos da Índia”, recordava o exotismo do mundo em que viajava. Como afirmou o escrivão, nesta terra há “uma espécie de figos compridos e grandes como pepinos pequenos, que é um dos frutos mais saborosos que pode haver no mundo e dos quais, ainda que se coma um cesto cheio, não fazem mal algum nem empacham o estômago.”

⁴⁵⁰ Banha de Andrade, *Novos Mundos do Mundo*, vol. 1, pp. 395-397.

⁴⁵¹ Tal como referimos anteriormente, os relatos de pilotos e diários de bordo possuem um riquíssimo manancial de observações sobre a natureza. Apesar de estes registos terem como principal objectivo traçar uma cartografia do mundo natural complementar dos dados astronómicos recolhidos, revelando, por isso, uma abordagem utilitária para quem observa a terra de longe ou a partir das praias de desembarque, as frequentes referências a mamíferos, aves, vegetação, ervas aromáticas e peixes denotam a atenção dos mareantes ao mundo natural. Mais do que as raridades e exotismos, encontramos registos do mundo natural que aproximam os novos mundos observados da tradição do observador lusitano. Entre outros, é frequente a indicação nestes roteiros da presença de aves marinhas -alcatrazes, antenais, calcamares, corvas, fradinhos, feijões, gaivotas, negritas, pardelas, paturcas, quelhas ou pinguins; peixes - anchovas, pescadas, bonitos, ruivos, voadores e pargos; mamíferos marinhos-baleias, baleatos, botos, lobos-marinhos, toninhas; vegetação marinha e terrestre - sargaços, urzes, carvalhos, canas, juncos, zambujeiros, pinheiros, palmeiras, matos ou arvoredos assim como animais silvestres, elefantes, hipopótamos, leões, leopardos, lontras, macacos, onças ou raposas. Este relato foi editado em português nos finais do século XIX. No âmbito deste estudo recorreremos à edição que se encontra em *O Porto e os Descobrimentos*. Durante o século XVI este texto foi amplamente divulgado na Europa através da compilação de Ramúcio.

Tomé Lopes foi, aliás, um dos primeiros portugueses a confirmar as riquezas naturais da ilha de Ceilão, afirmando que nela se produzia canela, pedras preciosas e se encontravam enormes elefantes. Lopes descreveu os animais que observou na corte do rei de Melinde como sendo “dois elefantes negros e carnudos com dentes que não excedem um palmo”. Relatando aquilo que observava, afirmou que os animais tinham juntas, se ajoelhavam e saltavam com ligeireza, obedecendo às ordens do tratador. Para Lopes, a docilidade e inteligência destes animais contrastava com a força e destreza com que conseguiam levar as naus para terra. Como testemunhou, dois elefantes colocados lado a lado puxaram, sem grande dificuldade, as embarcações para os areais da costa oriental africana.

Segundo contou o observador, estes paquidermes serviam-se da “enorme tromba de cerca de três braças de comprido para levantar a comida do chão e a meter à boca”. Ao deter o olhar sobre estes animais, Tomé Lopes testemunhou o valor que estes representavam para o seu auditório.

Certo da relevância da localização das minas do Rei Salomão, Tomé Lopes identificou a lendária Ofir com Sofala.

Ouvinte atento dos textos bíblicos, ou eventual leitor de Mandeville, Lopes deu crédito àqueles que lhe falaram dos 2 milhões de meticais de ouro que se podiam extrair em tempo de paz. Anotando todas as informações que lhe iam dando, informou que a mirra mais fina se podia também extrair nessas minas.⁴⁵² A associação do ouro à mirra, mais do que a preocupação científica, atestava o valor simbólico que estas preciosidades representavam para os leitores de Lopes.

Tomé Lopes orientava-se, tal como tantos pilotos e marinheiros, pelos sinais que a natureza lhe dava. Recorreu múltiplas vezes à descrição daquilo que “via” salientando assim a importância da sua observação do mundo que descrevia. Se a aproximação de terra se verificava pela presença nas águas de “limos, toninhas, lobos-marinhos e muitas castas de aves brancas e grandes e várias qualidades de pássaros como estorninhos de peito branco”⁴⁵³, as ilhas que ia cruzando distinguiam-se pelo recortado das suas montanhas, pela “presença de palmares e denso arvoredo”. A existência de comunidades humanas intuía-se pelas “encostas lavradas e os fumos em

⁴⁵² Tomé Lopes, *Navegação*, p.169.

⁴⁵³ Tomé Lopes, *Navegação*, p. 159.

muitos lugares”.⁴⁵⁴ Por vezes, Tomé Lopes descrevia “ilhas altas e belas, cheias de bosques e pouco mais ou menos do tamanho da Madeira”, difíceis hoje de localizar.⁴⁵⁵ Mas o escrivão atendeu também aos hábitos dos locais. Referindo-se ao Rei de Melinde, descreveu detalhadamente a sua indumentária e costumes, revelando um apurado sentido de observação. Tal como aludiu Álvaro Velho em relação ao Samorim de Calecute, o monarca africano recebeu a comitiva portuguesa com a boca cheia de “atambor que não se cansa de mastigar”.

Estas informações, que os portugueses iam anotando de forma mais ou menos sistemática, correspondiam a pedidos expressos de D. Manuel. A carta que, em 1504, o escrivão Álvaro Vaz dirigiu ao monarca correspondia à ordem do Rei. Nela se pode ler: “Mandou-me ora V. Senhoria que mui miudamente lhe descrevêssemos todas as ilhas e lugares que neste mar da Índia e pela costa daqui até Malaca jazem, e assim as mercadorias que há em cada um, e das nossas, quais são para lá melhores, e os preços de umas e de outras...”⁴⁵⁶ Apesar do interesse de el-rei em tomar conhecimento das riquezas do Oriente e da aparente vontade do escrivão em satisfazer esta curiosidade, a verdade é que no texto que enviou ao monarca, Álvaro Vaz se dispersou não fornecendo qualquer notícia sobre as produções locais ou seus respectivos valores. No entanto, não deixa de ser importante salientar o interesse manifestado pelo soberano ao incumbir os funcionários régios da tarefa de prospecção e de registo das riquezas do mundo natural da Ásia. Banha de Andrade admite, porém, a possibilidade de existência de uma segunda carta redigida por Álvaro Vaz, provavelmente perdida, e que constituiria um relato tão detalhado do mundo oriental, como o de Ludovico Varthema, Duarte Barbosa ou Tomé Pires.

Em 1506, D. Manuel entregou ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida e ao futuro Governador da Índia, Diogo Lopes de Sequeira, dois questionários com os quais procurou melhor conhecer as partes de Malaca. Segundo se podia neles ler, o monarca afirmou: “...trabalhay de saber das cousas daquelas partes, a saber: das riquezas e proveytos della e da grandeza da terra e de quem he senhoreada [...] e do que vale

⁴⁵⁴ Tomé Lopes, *Navegação*, p. 209.

⁴⁵⁵ Tomé Lopes, *Navegação*, p. 159.

⁴⁵⁶ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, p. 344; *As gavetas da TT*, Vol 4, pp. 132-140.

mais, de mercaderyas das de cá e quaes sam as melhores mercadarias de la, e os preços dellas...”⁴⁵⁷

O soberano parecia estar bem seguro das informações que pretendia que os seus funcionários recolhessem. Os relatos que vamos encontrando correspondem à vontade de identificar e de se estabelecer em pontos estratégicos e assim dominar o tráfico de produtos de luxo da região.⁴⁵⁸

4.1.5. Giovanni da Empoli

Em 1504, surgiu na Europa uma nova descrição das terras asiáticas. Da autoria de Giovanni da Empoli, um dos italianos que viajou para o Oriente nas naus portuguesas, o texto teve enorme divulgação na época. Residente em Lisboa desde 1502 ao serviço dos banqueiros Gualterotti e Frescobaldi, Empoli embarcou para as Índias no ano seguinte, na frota de Afonso de Albuquerque. Regressado à Europa em 1504, o italiano dirigiu-se de imediato a Bruges e depois a Florença e Bolonha, espalhando pela Europa a grandiosidade do feito dos portugueses. O testemunho vivo e experimentado do italiano e a sonoridade das riquezas que descreveu entusiasmaram os curiosos europeus, que acorreram a ouvir os seus relatos. Pietro Soderini desafiou-o a registar por escrito a sua vivência Oriental, pedindo que Empoli se apressasse a concretizá-la.⁴⁵⁹

Integrada na colectânea de notícias de Pietro Vaglianti, encontra-se uma carta anónima, datada de Setembro de 1504, que alguns estudiosos não hesitam em atribuir a Giovanni da Empoli.⁴⁶⁰ Tal como Sernigi, Marchionni ou Detti, o autor da carta destacou a enorme importância do feito dos portugueses. A sua atenção deteve-se demoradamente sobre a carga das naus recém-chegadas ao Tejo. Quantificou os

⁴⁵⁷ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 2, p. 559.

⁴⁵⁸ Referimo-nos, por exemplo, à *Relação da Viagem de D.Francisco de Almeida até à Índia*, de Hans Meyr onde, a par das múltiplas informações geográficas, encontramos diversas notas relativas aos recursos naturais, como por exemplo, o ouro de Sofala, as palmeiras de cocos, o algodão, o incenso, o aljôfar, a prata ou a pimenta. Curiosa é também a alusão às “mesquitas abobadadas como as de Córdova” ou as “frechas untadas com coisa peçonhenta” que feriram D.Fernando de Eça. O relato detalhado desta viagem trouxe alguns dados novos sobre os perigos e potencialidades daquele mundo que então se ia desvendando aos lusitanos. O texto foi referido por Luís de Albuquerque, *Navegadores, viajantes e aventureiros portugueses*, vol 2, pp. 82-91.

⁴⁵⁹ Giovanni da Empoli, “Viagem às Indias Orientais...”, *Colecção de Notícias*, vol 2, nº 4.

⁴⁶⁰ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, pp. 203-235.

quintais de pimenta, canela, cravo, gengibre, lacre, drogas miúdas, cubebas, nozes ou cânfora. Além desta listagem, o observador registou o carregamento das naus que tardavam em chegar e que ainda não se vislumbravam no horizonte. Acrescentou ainda importantes notícias sobre o valor e o peso das diversas especiarias asiáticas. Segundo ele, tudo se pagava em *fanões* e pesava em *baares*. Informações concretas e quantificáveis de quem olhava a realidade do mundo asiático através da carga dos porões.

Esta análise comercial assemelhava-se a outras efectuadas por numerosos agentes italianos ou flamengos que, no Cais da Ribeira das Naus, contabilizavam o lucro da viagem e projectavam relatórios que fariam as delícias dos seus patrões.

No entanto, no relato que Giovanni da Empoli redigiu, contando as suas aventuras asiáticas, podemos encontrar alguma afinidade com os aspectos do mundo natural, indicando o feitor que se encontravam a umas 70 léguas de terra quando se notaram “as águas brancas, a presença de cobras delgadas e compridas em torno dos barcos e a existência de caranguejos vermelhos, não muito grandes.”⁴⁶¹

Tal como Tomé Lopes, Empoli localizou as minas de ouro do Rei de Portugal em Sofala.

Mesmo as descrições de novas terras encontradas acentuavam o interesse comercial. A flora asiática resumia-se assim a um pequeno conjunto de especiarias, drogas e plantas tintureiras às quais atribuía um valor que flutuava ao sabor da sua abundância e qualidade. Segundo contou o italiano, à chegada a Lisboa, foram recebidos “o melhor possível”. É, no entanto, significativo o seu comentário: “estou certo que por mais alegria que os outros sentissem, a nossa era maior.”⁴⁶²

Num texto anónimo, datado de Janeiro de 1507, um viajante italiano relatou a descoberta da ilha de São Lourenço.⁴⁶³ Nos primórdios do século XVI, esta ilha era um paraíso de diversidade de recursos em flora e fauna. Não seria assim de estranhar, que os aventureiros se detivessem a observar a novidade do mundo encontrado. No entanto, a atenção deste italiano centrou-se sobre os produtos da terra que se assemelhavam àqueles que já conhecia: “...a riqueza da ilha de São Lourenço é que há i

⁴⁶¹ Giovanni da Empoli, “Viagem às Índias Orientais”, vol 2, nº 4, p. 226.

⁴⁶² Giovanni da Empoli, “Viagem às Índias Orientais”, vol 2, nº 4, p. 231.

⁴⁶³ Carmen Radulet e Luiz Filipe Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513)*, pp. 237-255.

cravo pera carregar toda esta frota e noz-moscada assim mesmo, e maça de noz assim mesmo, e benjoim em grande quantidade...”

Alguns meses mais tarde, a 25 de Setembro de 1507, D. Manuel dirigiu ao Papa Júlio II (p.1443-1513) uma missiva comunicando a chegada ao Ceilão e a descoberta de Madagáscar.⁴⁶⁴ O monarca manifestava-se convicto que nesta última, que designou *Taprobana Maior*, se encontrava uma enorme variedade de especiarias. O entusiasmo do soberano verificou-se, antes de mais, por este estar convencido ser muito mais perto abastecer as naus em São Lourenço do que nos portos da península asiática, já que “o caminho de ida e de vinda se pode fazer em mais curto tempo que o da Índia”. A descoberta desta ilha interessava sobretudo pela sua situação estratégica.

Mas o monarca valorizou outras realidades asiáticas. Os detalhes de cuja representação não prescindiu na colecção de tapeçarias que encomendou às oficinas flamengas testemunham que D.Manuel conhecia a realidade etnográfica do Oriente, assim como muitas das suas riquezas naturais. Estas informações permaneciam, no entanto, no meio cortesão, não sendo facultadas ao mundo exterior.⁴⁶⁵

Notícias semelhantes, apresentou posteriormente Balthazar Sprenger, que foi para a Índia em 1506 na frota de D.Francisco de Almeida e que, ao regressar à Europa, publicou o seu texto sobre a Ásia, desta vez, uma obra densamente ilustrada com xilogravuras de grande qualidade.

Neste princípio de século, as notícias sobre as riquezas da Ásia divulgaram-se em círculos restritos por toda a Europa. Aparentemente, a grande maioria dos homens que embarcaram para o Oriente levavam nos olhos as maravilhas contadas e ampliadas pelos viajantes dignos de crédito. A quantidade crescente de especiarias e

⁴⁶⁴ Papa Julio II (Giuliano della Rovere) governou os destinos da Igreja Católica desde 1503 até à sua morte.

⁴⁶⁵ Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, vol 1, pp. 437-447. Muitos dos informes recolhidos foram materializados nas colecções de *panos* que o soberano encomendou às oficinas de tecelagem flamengas. Bens que apenas os mais ricos podiam fruir, estes magníficos têxteis ostentavam a riqueza do soberano e revelavam às elites europeias o luxo do Rei de Portugal. O registo da encomenda encontra-se na Torre do Tombo, *Cartas Missivas*. M3, nº245, pp. 516-518. Para mais detalhes sobre estas encomendas ver Jessica Hallett, *Catálogo da exposição “Cortejo triunfal com girafas. Animais exóticos ao serviço do poder”*, pp. 9-15. Os estudos publicados por Maria Antónia Quina, *À maneira de Portugal e da Índia, uma série de tapeçaria quinhentista* são um contributo fundamental para a compreensão do significado destas encomendas.

produtos de luxo ao alcance de cada vez mais, não iludiam uma realidade maravilhosa. Da Ásia, tal como nos tempos medievais, perscrutava-se o *fantástico* e o *maravilhoso*.

4.1.6. Ludovico de Varthema

Os dados biográficos relativos a Ludovico de Varthema são escassos. De origem bolonhesa, admite-se que viveu entre 1470 e 1517.⁴⁶⁶ As relações que estabeleceu com os nobres italianos e as circunstâncias que presidiram à sua partida para Oriente estão por esclarecer. O facto de dirigir a sua narrativa a Agnesina Feltria Colonna, Condessa de Alba e Duquesa de Tagliacozzo, sugere a familiaridade do viajante com a casa de Urbino.

Segundo narrou aos seus leitores, Varthema efectuou um acidentado périplo pelas Índias Orientais. O viajante contou que partiu, em 1503, de Damasco rumo a Meca de onde depois se aventurou até aos confins da Ásia. Regressou à Europa em 1506, na armada de Tristão da Cunha, que aportou a Lisboa em 1507. A sua permanência em terra lusa não foi muito prolongada, dado que em 1508 já se encontrava em Roma onde, dois anos mais tarde, publicou o testemunho das suas deambulações pelo Oriente: *Itinerario de Ludovico di Varthema Bolognese nello Egipto, nella Suria, nella Arábia deserte & Felice, nella Persi & nella Ethiopia. La fede, el vivere & costumi de tte le perfate Provinciae*. Para Geneviève Bouchon, este relato constituiu “le plus ancien récit d’un itineraire en Asie ayant fait object d’une édition imprimée spécifique.”⁴⁶⁷

O percurso que o bolonhês descreveu é algo singular e, segundo Carmen Radulet e Luis Filipe Thomaz, impossível, “pour des raisons météorologiques élémentaires.”⁴⁶⁸

No seu relato, o italiano descreveu as cidades, os governantes, as gentes, os usos e os costumes das populações asiáticas, demonstrando uma enorme curiosidade

⁴⁶⁶ Ludovico de Varthema, *Voyage de Ludovico Varthema*, p. 14.

⁴⁶⁷ Ludovico de Varthema, *Voyage de Ludovico Varthema*, p. 7. Esta foi a edição a que recorremos para a presente análise.

⁴⁶⁸ Já no século XVI, o itinerário descrito pelo italiano tinha sido posto em causa: Segundo confiaram homens dignos de fé a Garcia de Orta, na sua viagem, Varthema “nunca passou de Calicut e de Cochim.” (Orta, I:106).

pelas sociedades orientais. As árvores e frutas da Índia também despertaram a sua atenção, tendo Varthema cedido à Europa descrições de frutos como a areca, os cocos, a jaca, os âmbares ou as bananas.

No seu percurso, Varthema referiu-se às plantas tintureiras da Arábia Feliz, à pescaria de pérolas da ilha do Barein, à seda e ruibarbo de Herat, aos rubis e turquesas de Xiraz, ao antimónio de Badakshan.

Eram riquezas da Ásia que, por serem bem conhecidas dos seus leitores, o italiano se escusou descrever. Outros autores as tinham referenciado: Mandeville, de'Conti e Polo não prescindiram delas nos seus relatos. Ao longo do seu périplo, o viajante registou outros produtos orientais. A canela, a noz, o cravo, o gengibre ou a pimenta trouxeram ao seu relato o aroma das especiarias orientais.

À chegada a Cambaia, o italiano conduziu o leitor ao “primeiro livro da Índia”. Com alguma surpresa, Varthema notou que, apenas durante as marés altas, as embarcações se podiam aproximar daquele porto e salientou que o ritmo das marés era contrário ao que conhecia na Europa. A inversão da ordem natural do mundo não o perturbou. De uma certa forma era esperada e confirmava as ideias que os viajantes e missionários medievais haviam divulgado. O exotismo que aquele mundo revelava não se esgotava na terra e nas suas gentes. Os céus também eram diversos. A ausência da estrela polar foi notada pelo italiano que, ao navegar do Bornéu para Java, se interrogou sobre a modalidade de navegação e a forma de orientação dos pilotos através daqueles mares.⁴⁶⁹

Mais do que de um acumular de observações pessoais, o relato de Varthema parece resultar da colecção de notícias que recolheu nas caravanas em que seguiu, nos *caravançarais* em que pernoitou, nas embarcações em que navegou, nos portos em que embarcou e nas cidades que visitou. Preocupado em construir uma narrativa atractiva para os seus leitores, Varthema redigiu uma obra que, desde o momento da sua edição, se revelou um enorme sucesso, como o atestam as múltiplas edições e versões que sucederam à publicação, em Roma, da edição *princeps*.

Segundo Luís Filipe Thomaz, este êxito editorial foi reimpresso em Roma (1517), em Veneza (1518), em Milão (1519, 1523, 1525). A edição latina surgiu em

⁴⁶⁹ Ludovico de Varthema, *Voyage de Ludovico Varthema*, p.220. Ao referir-se a Java, Marco Polo já tinha aludido à *ausência* da estrela polar.

1511 e, a partir desta fez-se, em 1520, uma primeira versão castelhana, à qual se seguiu uma segunda, em 1523. Atestando a atenção germânica sobre as viagens de exploração no Oriente, surgiram sucessivas edições alemãs (1515, 1516, 1517, 1518 e 1530). As versões holandesas vieram a lume em meados do século XVI (1554 e 1563), assim como a francesa (1556) e a inglesa (1577). Não obstante, foi a partir da colectânea latina “*Novus Orbis*” editada por Grynaeus e reeditada múltiplas vezes (Basileia, 1532) e de “*Navigazionni e viaggi*” de Ramusio (Veneza, 1550), que o texto de Varthema alcançou uma maior visibilidade.

A ampla difusão deste relato trouxe à Europa uma imagem renovada do Oriente que, para além de opulento e deslumbrante era, então, concreto e alcançável. A partir daquele início do século, o testemunho de Varthema passou a ser uma referência textual inevitável nas obras quinhentistas relativas ao Oriente.⁴⁷⁰

4.1.7. Duarte Barbosa e Tomé Pires

Duarte Barbosa e Tomé Pires marcaram um ponto de viragem na leitura do mundo natural da Ásia.⁴⁷¹ O escrivão da feitoria de Cananor e o boticário de Cochim e Malaca basearam os relatos que enviaram a D. Manuel, nas suas observações e nos testemunhos de informadores locais merecedores de crédito. Pela pena destes dois autores, o Reino foi informado dos contornos regionais do Oriente, dos seus portos e

⁴⁷⁰ Na verdade, muitos homens de Quinhentos realçaram o testemunho de Varthema na descrição da natureza asiática. A título de exemplo, referem-se autores como Garcia de Orta, Clusius, Juan Fragoso, Cristóvão da Costa, Linschoten, Jacques Dálechamps ou Caspard Bahuin, entre outros. Clusius, por exemplo, nas notas apensas ao *Aromatum et simplicium* (Antuérpia, 1567) realçou o testemunho de “Ludovico Romano” relativamente a diversas frutas, drogas e especiarias índicas de entre as quais destacou: o benjoim, a cânfora, a canela, o bétele, a noz-moscada, o cravo, a pimenta, a areca, os cocos, o gengibre, a jaca, a banana, os âmbares ou o mungo. Orta referiu-se diversas vezes ao relato do italiano. Segundo defendeu o Code de Ficalho, o médico deveria ter na sua *livraria* uma edição latina na qual surgem diversas incorrecções, que não se encontram no texto italiano de Ramúsio. Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 297.

⁴⁷¹ As narrativas destes portugueses, a que já nos referimos no Cap. 1.1, revelaram-se da maior importância para a divulgação, na época, de novos saberes sobre os recursos asiáticos. João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Goes, entre outros, louvaram nas suas crónicas, o texto de Duarte Barbosa. Do *Livro das Cousas do Oriente* de Duarte Barbosa conhecem-se hoje diversos manuscritos, o que atesta o interesse e circulação do relato do português. A partir de 1550, o *Livro*, chegou aos leitores europeus através de uma versão italiana incluída na colectânea de Ramúsio. De igual modo, uma parte da *Suma Oriental* de Tomé Pires integrou esta obra. Sobre estas obras ver: *A Suma Oriental de Tomé Pires*, edição de Armando Cortesão, *O manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*, de Rui Manuel Loureiro.

mercados, da realidade das suas gentes, dos hábitos alimentares das suas sociedades ou da riqueza em recursos naturais. Os textos destes portugueses tornaram visível uma parte do mundo, até então desconhecida do Ocidente.

Para além dos numerosos informes de natureza geográfica, política e económica, nestes relatos surgiram referências a uma enorme variedade de frutos tropicais, à peculiaridade das plantas exóticas, assim como as indispensáveis descrições de especiarias e aromas. As palmeiras, a pimenta, a canela, a laca, o benjoim, a noz-moscada, o cravo ou a cânfora foram alguns dos produtos que mereceram a atenção de Barbosa. O pragmático escrivão anexou ao seu texto um apêndice no qual registou informes sobre a origem e preços das principais especiarias – pimenta, cravo, canela, gengibre além de ter anotado os preços das mais importantes drogas no mercado de Calecute – tincal, cânfora, águila, linaloés, almíscar, benjoim, tamarindos, cálamo, mirra, incenso, âmbar, cássia, sândalo, noz-moscada, espiquenardo, maçã, turbit, índigo, anil, zedoária, zerumba, cardamomo, ruibarbo, tutia, cubebas, mirabulanos ou ópio.

Tomé Pires, por seu lado, preencheu os fólhos da *Suma Oriental* com notícias sobre a origem, qualidade e valor de numerosos produtos asiáticos. O funcionário régio reuniu, no seu circunstanciado relatório, informes sobre: aljôfar, almíscar, aloés, âmbar, anil, areca, azoufre, benjoim, bétele, cânfora, canela, coco, copra, cravo, estoraque, folio, gengibre, gergelim, jaca, jangoma, lacre, lenho-aloés, maçã, manga, mirabolanos, noz-moscada, ópio, pedra-ume, pimenta, ruibarbo, sândalos, sangue-de-dragão, tutia, tamarindo ou vermelhão.

No entanto, talvez pela sua sensibilidade de boticário, Tomé Pires dedicou-se a uma mais aturada prospecção sobre as drogas orientais.

Numa *Carta* que, em Janeiro de 1516, enviou a D. Manuel, identificou os locais de origem, os usos locais e os principais mercados onde estas preciosidades se comercializavam. Como escreveu ao monarca: “[...] nesta [carta] darey conta donde cada huã [droga] naçee...”⁴⁷²

Ao olhar de Tomé Pires não escaparam as drogas usadas na farmacopeia como: a erva-lombrigueira, o ruibarbo, a cana fístola, o incenso, o ópio, os tamarindos, a galanga, o turbit, os mirabolanos, o aloés, o espiquenardo, o esquinanto, as gomas

⁴⁷²Tomé Pires, “Carta”, in: *A Suma Oriental de Tomé Pires*, edição de Armando Cortesão, p. 446.

fétidas, o bedélio, a mirra, o espódio, o bétele, os rubis, a zedoária, o estoraque ou o aljofre, entre outros.⁴⁷³

Para além do relato deste boticário, conhecem-se hoje algumas listas de drogas usadas nas boticas ultramarinas durante as primeiras décadas da centúria. Esta documentação comprova o aturado trabalho de prospecção de recursos naturais que, desde os primeiros momentos de presença na Índia, motivou a administração portuguesa.

Em documento datado de 1509, Afonso de Albuquerque (g.1509-1515) ordenou a Diogo Pereira, então feitor de Cochim, que cedesse a Gaspar Pires, boticário do Hospital de Cochim, todas as drogas que este lhe solicitasse.⁴⁷⁴ Em Novembro do mesmo ano, atestando a entrega das drogas, o farmacêutico enviou um recibo ao feitor. Neste, para além da alusão às águas, vinagres e óleos que lhe tinham sido entregues, encontra-se referência à “totia”, aos “cominhos” ou à “canafistolla”.⁴⁷⁵ Este documento comprova que feitores e outros funcionários administrativos tinham a incumbência de recensear e adquirir, nos mercados locais, as drogas para fornecimento de boticas de feitorias e hospitais. A análise da composição de um conjunto de “listas de botica” das fortalezas ou do “rol dos medicamentos embarcados”, permite-nos apreciar o importante manacial de informações reunido, no Oriente, pelos funcionários lusos.⁴⁷⁶

Através dos relatórios e cartas dos funcionários régios, as elites portuguesas foram tomando conhecimento da distribuição geográfica, rotas de distribuição e qualidades terapêuticas dos recursos naturais do Oriente.⁴⁷⁷ Alguns destes informes permaneceram manuscritos pelo que tiveram uma circulação restrita. Outros, pela sua

⁴⁷³ “Carta de Tomé Pires”, in: Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, pp. 445-459.

⁴⁷⁴ Este estabelecimento hospitalar foi mandado construir, em 1505, por D.Francisco de Almeida (g. 1505-1509). Em carta que Gonçalo Fernandes enviou, no ano seguinte, a El-Rei pode ler-se que, para além de físico e cirurgião, o hospital de Santa Cruz de Cochim já estava, à data, “provendo de mezinhas”. José de Vasconcellos e Menezes, *Armadas Portuguesas. Apoio sanitário na época dos Descobrimentos*, pp.119-125.

⁴⁷⁵ José de Vasconcellos e Menezes, *Armadas Portuguesas. Apoio sanitário na época dos Descobrimentos*, p. 125.

⁴⁷⁶ Para além da botica do Hospital de Santa Cruz de Cochim, outras foram instaladas no Oriente para apoio a fortalezas e feitorias como em Quíloa (1505), Cananor (1506) ou na ilha de Moçambique (1507). Ver: “Boticas e boticários”, in: José de Vasconcellos e Menezes, *Armadas Portuguesas. Apoio sanitário na época dos Descobrimentos*, pp. 112-209.

⁴⁷⁷ Muito destes informes sobre produtos de importante valor económico e estratégico, foram amplamente utilizados por Garcia de Orta na construção de *Colóquios dos Simples*.

maior dimensão ou valor informativo, chegaram às *livrarias* europeias através da versão italiana publicada por Ramúσιο. Este editor veneziano, a quem já fizemos referência, deu à estampa, em 1550, um valioso instrumento para todos quantos se interessavam pelos mundos recentemente explorados pelos europeus. No primeiro volume incluiu testemunhos de viajantes descrevendo os seus périplos pelo Oriente, diários e relatórios de funcionários régios portugueses assim como algumas cartas de italianos. Esta colectânea foi sucessivamente reeditada e enriquecida com novos e mais actualizados informes que o coleccionador conseguia adquirir.⁴⁷⁸ A obra foi um enorme sucesso e estabeleceu na Europa uma narrativa sobre o mundo natural da Ásia, autorizada pela presença e o testemunho de todos quantos cediam as informações. Viajantes curiosos, mareantes ou agentes comerciais tornaram-se então os veículos de um inovador discurso sobre o mundo que observavam. Uma leitura, validada pelo testemunho ocular, divulgou na Europa uma nova modalidade de descrição da natureza que prescindia dos textos e se baseava na experiência pessoal.⁴⁷⁹

4.2. Legislação sanitária em Portugal no século XVI

Até meados do século XV, em Portugal, a actividade de médicos e boticários não estava devidamente regulamentada. Desta situação resultavam numerosos inconvenientes. Se os médicos eram acusados de prejudicar o negócio dos boticários por prepararem nos seus gabinetes os produtos que prescreviam, os farmacêuticos causavam grande dano às populações, ao receitarem mezinhas sem saberem diagnosticar o mal que tratavam. O povo oscilava entre uns e outros, sofrendo grandes males no corpo para além de carregados prejuízos. Acrescia ainda o facto de os

⁴⁷⁸ À edição do primeiro volume, em 1550, que continha os textos de Pian del Carpine, Odorico de Pordenone, Americo Vespucci, Tomé Lopes, Giovanni da Empoli, Ludovico de Varthema, Andrea Corsali, Duarte Barbosa, *Tomé Pires*, Nicolò de'Conti, Gerónimo di Santo Stefano, Maximiliano Transilvano e Pigafetta, seguiram-se as edições de 1554, 1563, 1588, 1606 e 1613. Sobre esta colectânea e as variações dos textos e autores verificadas ao longo das sucessivas edições, ver: Donald Lach, *Asia in the making of Europe*, vol. 1, pp. 204-208 e George Parks, *The contents and sources of Ramusio's Navigazioni*. vol. 3, 1970.

⁴⁷⁹ Será interessante notar que se verificou, no continente americano, um movimento semelhante de recolha de informes sobre o mundo natural. A este respeito ver, por exemplo: José Pardo Tomas; Maria Luz Lopez Terrada, *Las primeras noticias sobre plantas americanas en las relaciones de viajes y crónicas de Indias (1493-1553)*, pp. 17-324.

especieiros, mandando vir drogas de Castela e Aragão, as dispensarem sem qualquer fundamento médico a todos os que lhas solicitassem. Na ausência de legislação, a situação sanitária das populações era delicada e os profissionais da saúde estavam pouco protegidos. Ciente da complexidade da situação, D. Afonso V (r.1438-1481) decidiu intervir. A 23 de Abril de 1463, o soberano fez publicar a primeira lei sobre o exercício das profissões médicas em Portugal.⁴⁸⁰ Nesta, estabeleceu limites de exclusividade de actuação para médicos e boticários, proibindo a formulação de mezinhas e venda de drogas aos primeiros e a prática médica aos segundos. De igual modo, interditou a todos os outros comerciantes a venda de produtos com finalidades curativas. Com esta normalização das práticas sanitárias, o soberano protegia igualmente as populações, que, defendidas da especulação dos profissionais, podiam obter a cura dos seus males através do olhar avisado dos médicos e do aviamento das suas receitas em estabelecimentos autorizados.⁴⁸¹

Em 1497, novas medidas legislativas foram tomadas. Perante a disparidade de preços praticados nas boticas, o então físico-mor, Mestre Rodrigo, editou em Évora o primeiro *Regimento de Preços das drogas e mezinhas*. Neste, o preço de águas, conservas, electuários, pirolas, xaropes, trociscos, unguentos e drogas foi regulamentado⁴⁸².

Anos mais tarde, no *Regimento do Físico-Mor de 1515*, D. Manuel reiterou a proibição da comercialização das drogas a “preço superior daquelle por que o boticário da nossa Corte dá por nosso regimento, os quais são assim favoráveis”.⁴⁸³ Deste modo, o Rei procurou assegurar a uniformidade dos preços dos produtos e obviar os efeitos nefastos de uma especulação que só prejudicava os utentes das boticas e os negócios reais.

Nas *Cortes de Lisboa*, datadas de 11 de Fevereiro de 1498, foi publicada uma determinação régia na qual se obrigavam os médicos a receitar em *linguagem*, abandonando a obrigatoriedade do uso do latim no seu receituário. A prescrição de drogas em português, aparentemente, teve vantagens, mas também se deve ter

⁴⁸⁰ Tello da Fonseca, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 1, p. 8.

⁴⁸¹ O incumprimento desta lei é-nos sugerido pelo aparecimento, em 1561, de um Alvará, onde o então soberano proibiu os físicos de prepararem e venderem as mezinhas. Tello da Fonseca, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 1, pp. 51-52.

⁴⁸² Tello da Fonseca, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 3, pp. 5-10.

⁴⁸³ Tello da Fonseca, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 3, p. 11.

revelado uma medida polémica, já que, alguns anos mais tarde foi interdita.⁴⁸⁴ Em 1535, ciente da ineficiência da medida tomada pelo seu antecessor, D. João III revogou a norma voltando, a partir de então, o latim a ser o idioma do receituário médico. O monarca tomou esta decisão com base nos muitos inconvenientes que resultaram da anterior autorização de prescrição em vernáculo. Assim, boticários e médicos correspondiam-se em latim, o que exigia aos primeiros a familiaridade com uma grande diversidade de termos latinos.

Com o florescimento do comércio marítimo e a facilidade de acesso aos mercados fornecedores de drogas, aumentou significativamente a diversidade de produtos em circulação, alguns dos quais com efeitos secundários nefastos. Deste modo, em Portugal assistiu-se a uma crescente venda livre de drogas que representavam uma ameaça para a saúde e ordem públicas.⁴⁸⁵ Ao editar, em 1514, uma Lei que regulamentava o comércio das substâncias tóxicas e que restringia a sua manipulação aos “boticários examinados e que licença tenham para ter botica e usar do seu ofício”, D.Manuel manifestou preocupação com a circulação desregulada destas substâncias. Nas regulamentações reais podia ainda ler-se que os boticários deveriam produzir as mezinhas que contivessem estas substâncias, caso os físicos as prescrevessem. Finalmente, o monarca determinava que toda e qualquer outra pessoa estava, por esta lei, proibida de dar ou vender estes produtos, sob pena de incorrer em multas avultadas e outros castigos que “Nossa Mercê for”.⁴⁸⁶

Toda a legislação até então produzida, regulamentou apenas de forma parcial a actividade dos profissionais ligados à saúde. O *Regimento do Físico-Mor de 25 de Fevereiro de 1521* foi então o mais completo documento oficial, mandado publicar por D.Manuel, onde a actividade médica era regulada e, a amplitude das suas funções,

⁴⁸⁴ O facto de a nomenclatura botânica variar de região para região, havendo plantas tóxicas com nomes semelhantes aos de outras plantas inofensivas, pode ter conduzido a graves trocas de drogas, com consequências por vezes fatais para o doente. A utilização do latim no receituário passado pelos médicos aos boticários poderia obviar a estes incidentes, já que as designações latinas das plantas estavam desde há muito fixadas nos textos de matéria médica, nomeadamente o texto de Dioscórides, que ambas as classes profissionais conheciam.

⁴⁸⁵ Com o intuito de proteger os interesses económicos do Reino, D.Manuel outorgou, em 7 de Agosto de 1500, um novo foral à cidade de Lisboa, no qual estabelecia *os direitos de portagem que as drogas deveriam pagar à saída da cidade*. TT, *Livro de Foraes Novos da Estremadura*, fl VIII citado em Banha de Andrade, *Drogas do Oriente*, p. 116. De igual modo, reformou o *Regimento da Casa da Índia* (1509), estabelecendo o aparente domínio sobre as transacções de drogas.

⁴⁸⁶ Tello da Fonseca, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 1, pp. 23-24.

determinada. Através deste documento, o monarca pretendeu que as “coisas da física andem em melhor ordem e que o povo possa ser melhor servido, provido dos remédios necessários para as doenças.”⁴⁸⁷

Com esta nova lei, que complementava a anterior, datada de 1515, o soberano conduziu Diogo Lopes ao cargo de físico-mor, em substituição do então falecido mestre Afonso. Como referiu, “ordenamos e mandamos que daqui em diante se cumpra e se guarde este nosso Regimento com os capítulos e cláusulas e declarações abaixo declarados.”⁴⁸⁸ O monarca apresentava então os diversos *itens* que regulamentavam, a partir da data do referido Regimento, a actividade médica em todas as cidades, vilas e lugares do Reino deste *Rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar em África, Senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia.*⁴⁸⁹

Começando por estabelecer que todo o recém-licenciado formado pelas escolas estrangeiras, para exercer a sua actividade profissional, necessitava ser examinado, na teórica e na prática, por uma equipa de médicos da corte chefiada pelo seu físico-mor, o monarca adiantou que apenas seriam candidatos ao referido exame licenciados que tivessem “praticado dois anos na companhia de outros físicos aprovados e que tenham autoridade e carta aprovada pelo físico-mor”. Para além deste exame e prova, se o licenciado fosse considerado *suficiente e bastante* pelo físico-mor, deveria ainda acompanhar o referido físico-mor em três ou quatro visitas domiciliárias a doentes, onde a sua competência profissional seria posta à prova. Caso o candidato correspondesse a todas as provas, de forma satisfatória, receberia “uma carta passada pelo físico-mor que lhe permitirá daí por diante curar livremente e sem

⁴⁸⁷ *Regimento do Físico-mor do Reino cit. in: Tello da Fonseca, Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol 1, pp. 27-34.

⁴⁸⁸ Segundo Jaime Walter, Diogo Lopes foi o físico escolhido por D. Manuel para velar pela saúde do príncipe D. João. O médico desenvolvia a sua prática na corte desde 1496 sendo, mais tarde, elevado à categoria de físico-mor do príncipe: “...doutor Diougo Lopez, cavaleiro de nosa casa e fysyco moor do prymcepe meu sobre todos muito amado e prezado filho...” *Chanc. D. João III, Doações*. Liv 22, fl. 90. Segundo afirmou Walter, Diogo Lopes foi enviado à Índia duas vezes por D. Manuel, tendo, no tempo de D. João III sido designado novamente físico-mor do Reino. O médico foi amplamente beneficiado por um legado testamentário da Rainha D Leonor e por numerosas mercês de D. João III. Segundo se pode ler nos *Archivos de História da Medicina Portuguesa*, p.8-12 e 6º ano, Porto, 1915, p.57, Diogo Lopes faleceu em 1543. Para uma notícia mais detalhada ver: Jaime Walter, “Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia”, pp. 117-149.

⁴⁸⁹ *Regimento do Físico-mor do Reino cit. in: Tello da Fonseca, Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol 1, pp. 27-34.

impedimento algum”, sendo a carta feita em nome do Rei, para depois ser publicada e selada. Ainda de acordo com o *Regimento*, o futuro médico deveria então pagar ao físico-mor que o tinha examinado, um marco de prata. Por fim, a lei previa que os licenciados e doutores formados pela Universidade de Lisboa e nesta considerados *suficientes*, ficassem dispensados desta prova suplementar.

O cuidado com a saúde do seu povo demonstrado por D.Manuel não se limitou ao regulamento da admissão de novos médicos licenciados nas universidades estrangeiras. Ciente da irregular distribuição dos profissionais de saúde pelos seus territórios, o rei admitiu ainda a prática de medicina a alguns homens ou mulheres “que pela ventura curem algumas enfermidades, por experiência ou por Regimentos”, desde que, sendo as suas práticas devidamente confirmadas pelos oficiais dos concelhos de onde vêm, se apresentassem a exame perante o físico-mor, que avaliaria a capacidade profissional dos referidos cidadãos e, caso assim o entendesse, passaria uma carta que lhes permitisse a prática das referidas curas.

Também as boticas e os boticários foram alvo de regulamentação, neste *Regimento* de 1521.⁴⁹⁰ Atento aos inconvenientes gravosos para a saúde pública decorrentes da instalação de boticas fora do controlo régio, o Rei determinou que, a partir da data de edição do documento, “nenhum boticário nem pessoa outra em todos os Reinos e Senhorios não possa assentar botica nem usar do ofício de boticário sem que este seja examinado pelo físico-mor e outros físicos da Corte assim como pelo boticário do Rei e da Rainha” (na impossibilidade da presença destes últimos, D.Manuel previu uma autorização especial para integrarem esta equipa os boticários da cidade, vila ou lugar onde ocorria o exame). O documento realçava que, só após a aprovação no exame e o pagamento da devida autorização, o boticário poderia “assentar botica”. Mas não eram apenas os técnicos que eram avaliados. Os produtos à venda na botica também eram alvo de criteriosa análise. Caso a qualidade das mezinhas examinadas não satisfizesse os critérios dos examinadores, o regimento

⁴⁹⁰ Convém aqui recordar que, na época, o termo ‘*botica*’ tinha um sentido mais amplo do que hoje lhe conhecemos. Como recorda Vasconcellos e Menezes, nas boticas de então não se dispensavam apenas mezinhas. Como se pode ler nos documentos da Alfândega de Goa, para além de sabão e ópio, também nelas se vendiam mantimentos para a cidade. Vasconcellos e Menezes, *Armadas Portuguesas. Apoio sanitário na época dos Descobrimentos. Parte II: Boticas e Boticários de Além-mar*, p. 113.

previa pesadas multas para o proprietário da botica e ordenava que estas fossem queimadas em público.

D.Manuel, auto-denominado Senhor da Arábia, Etiópia, Pérsia e Índia, talvez por estar ciente da desmesura geográfica das suas possessões territoriais e dos limitados recursos humanos qualificados do seu povo, flexibilizou o seu *Regimento* no que respeitava à composição das equipas técnicas encarregues de fazer as vistorias às boticas.⁴⁹¹ E acrescentava: “e esta visitação das ditas boticas nos praz que faça assim o nosso físico-mor sem embargo de em algumas cidades, vilas ou lugares [a vistoria] se costuma fazer pelos oficiais do concelho com os físicos que para isso escolham e levará nessas visitações ao menos com os ditos boticários um físico qual ele quiser e não tolhemos porém que os oficiais das cidades, vilas e lugares façam as suas visitações nas ditas boticas como tiverem por costume.”

O Rei continuava as suas extensas determinações obrigando os boticários “das cidades, vilas e lugares de nossos Reinos e Senhorios”, a respeitarem escrupulosamente os preços das mezinhas e drogas fixados por Regimento Régio. Neste data, ainda vigorava o *Regimento de preços de 1497*, que viria apenas a ser oficialmente corrigido, como adiante se refere, pela *Pauta das Mezinhas de 1542* elaborada pelo então vedor de fazenda Fernão Rodrigues de Castelo-Branco.⁴⁹²

Esta lista de especiarias, mezinhas e formulações terapêuticas e respectivos preços de aquisição e venda, vigorou em todos os hospitais e boticas do Oriente durante 30 anos. Durante a governação de D.Constantino de Bragança (g.1558-1561), os preços de alguns *simples* foram revistos e actualizados por sugestão do então físico-

⁴⁹¹ Importa aqui recordar que, em 1520, D.Manuel tinha regulamentado um conjunto de disposições penais e administrativas e outras relativas ao comércio e navegação, que designou pelo termo genérico de *Ordenações da Índia*. Este conjunto de Leis, apesar da sua semelhança formal e de conteúdo com as normas de matéria administrativa, fiscal, comercial e penal que se podem encontrar nos títulos CXII e CXIII do livro V das *Ordenações do Reino*, mantiveram-se sempre à parte deste Códice. Como refere Carvalho Dias, “as diversidades locais, patentes nos variados sistemas de comércio como no campo da administração pública, [...] testemunham o sentido realista da política portuguesa, o seu carácter de adaptação às condições humanas, geográficas e etnográficas dos continentes...” Carvalho Dias, *As Ordenações da Índia*, p. 230.

⁴⁹² Em 1542, governava a Índia Martim Afonso de Sousa. O então Governador teve um importante papel no desenvolvimento e organização do Hospital Real de Goa. Aparentemente preocupado com os negócios de drogas e mezinhas, ordenou a Fernão Rodrigues de Castelo Branco que estabelecesse uma *Pauta de Mezinhas*, onde o preço das drogas simples ou preparadas fosse fixado e respeitado no Reino e na generalidade do Estado da Índia. Reformulando o Regimento de 1497, a Pauta de 1542 permaneceu em vigor até 1573. Ver Tello da Fonseca, *História da farmácia portuguesa através da sua legislação*, vol. 3, pp. 12-21.

mor Dimas Bosque, permanecendo o resto da lista inalterada.⁴⁹³ Só em 1572, o boticário Baltazar Rodrigues solicitou a D.Antão de Noronha (g.1571-1573) que permitisse a revisão total da *Pauta* em circulação, com a correspondente actualização dos preços nela indicados. Tendo, de imediato, acatado a sugestão do boticário, o governante pediu ao então provedor da Misericórdia, Luís Freire de Andrade, que nomeasse uma comissão que pudesse, a breve trecho e de forma eficaz, cumprir a tarefa em causa. O provedor destacou para a missão um físico-mor, um físico, um cirurgião e dois boticários que, num curto espaço de tempo, cumpriram a tarefa que lhes fora confiada.⁴⁹⁴ A referida comissão dedicou-se com afinco à sua função e, em Abril de 1573, o licenciado Duarte Lopes assinou a nova *Pauta de mezinhas* que deveria vigorar no Oriente. A pronta aprovação do governo, a 10 de Abril de 1573 (10 anos exactos após a edição goesa de *Colóquios dos Simples*) fez com que a listagem entrasse, de imediato, em vigor para a aquisição e venda das mezinhas para “todos os ospitales e armadas de Sua Alteza asy nesta cidade de Goa, como em todas as outras cidades e fortalezas da India”. Escreveu então D.Antão: “e de nenhuma outra [Pauta de mezinhas] se usará senão dela, e se registará nos livros das fortalezas”, o que Baltazar Rodrigues confirmou com a seguinte nota: “e ainda que haja outro boticário que as queira dar por menos o não aceitarão.”⁴⁹⁵ A referida *Pauta* permaneceu em vigor até finais do século XVI, altura em que a política sanitária imposta por Filipe II de Espanha conduziu a novas formas de actuação, que escapam ao âmbito da presente análise.

⁴⁹³ Segundo consta no texto introdutório da *Pauta das Mezinhas* de 1573, assinada pelo então físico-mor Duarte Lopes (cargo que desempenhou desde 1572), Dimas Bosque e outros oficiais tinham alertado o então Governador para a disparidade entre os preços regulamentados e os praticados, o que levou D.Constantino a fazer algumas actualizações nos preços de comercialização das drogas e mezinhas, que permaneceram válidos até 1573, data em que a equipa de médicos e boticários chefiada pelo físico-mor, Licenciado Duarte Lopes, a actualizou. A regulamentação dos preços das drogas e mezinhas estava assim dependente dos pareceres técnicos de boticários, médicos e *oficiais* que, em conjunto, quantificavam a actualização dos preços. Pedro José da Silva, *Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portuguesa*, pp. 88-93. Quase na mesma altura, Duarte Nunes de Leão assinava um novo Regimento que regulava a actividade dos boticários de Lisboa. Tal facto atesta a necessidade de se legislar a prática médica a partir da capital do reino

⁴⁹⁴ Luís Freire de Andrade deu, de imediato, ordem para que fosse nomeada uma comissão de especialistas. A 4 de Dezembro de 1572, foi designada uma equipa chefiada por Duarte Lopes e composta pelos Mestres Manuel e Ambrósio, assim como os boticários Diogo Dias e Francisco Lopes

⁴⁹⁵ Ferreira Martins, *História da Misericórdia de Goa*, vol. 1, p. 349.

4.3. Aplicabilidade prática dos Regimentos Régios

Os *Regimentos* de D. Manuel consideravam a vastidão da realidade geográfica a que se aplicavam e às particularidades de cada região. De forma clara, o monarca não restringiu as actividades de vistoria das boticas e das cargas dos navios aos profissionais e praticantes da medicina mas estendeu-as aos seus funcionários administrativos que, apesar de eficientes homens da lei e das armas, desconheciam por completo as particularidades do mundo médico-botânico.

Na verdade, a encomenda das drogas a enviar anualmente ao Reino deveria ser bem executada e compreendida. O pedido das drogas e mezinhas era registado em Lisboa, pelo físico-mor ou boticário do Rei. Convém recordar que muitas das drogas solicitadas pelo reino destinavam-se a ser integradas nas boticas de bordo das naus reais. Cerca de 1514-1515, um médico ou boticário dirigiu ao Rei uma lista de drogas que este deveria mandar vir do Oriente.⁴⁹⁶ Cada ano era mandado nas armadas que deixavam o Restelo o chamado *Rol das Drogas* que era enviado nas *Cartas Gerais da Casa da Índia*.⁴⁹⁷ Ao chegar ao Oriente, o funcionário régio responsável pela preparação e acondicionamento da encomenda iniciava, de imediato, os contactos para a aquisição dos produtos aos preços mais adequados, de forma que, no momento da preparação das naus para o regresso ao Reino, todos os produtos tivessem sido atempadamente adquiridos e convenientemente acondicionados e embalados. Em Cochim, ou noutros portos apropriados, o *Vedor da Fazenda* assistia ao embarque das drogas solicitadas e garantia que os pedidos expressos por físicos ou boticários de Lisboa eram satisfeitos. Normalmente, quem preparava a encomenda eram os

⁴⁹⁶ *Texto com pedido de drogas ...TT*, Fragmentos, cx 5, citado em Banha de Andrade, *Drogas do Oriente*, pp. 137-145. Face ao tipo de drogas solicitado, algumas delas em desuso já em 1516, quando Tomé Pires enviou a sua Carta a D. Manuel, Banha de Andrade admite que esta lista fosse anterior à carta do boticário.

⁴⁹⁷ Como se pode ler no início da Carta que Tomé Pires dirige a D. Manuel: “Sor, qua veo ter huu Roll de certas drogarjas q nelle se pediam p^a o ano jra pque se madara catar e nesta darey conta donde cada hua nacee e tambe algumas cousas q la fora.” *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, p. 445.

boticários (eventualmente os físicos), sendo as quantidades e preços registados pelos vedores de fazenda.⁴⁹⁸

A aplicação de um conjunto de regras como este envolvia problemas práticos decorrentes da falta de formação técnica dos agentes que controlavam as drogas. Também a vistoria sistemática das boticas podia levantar dificuldades práticas. Apesar do controlo destes estabelecimentos ser preferencialmente assegurado por uma equipa pluridisciplinar composta por médicos, boticários e funcionários administrativos, em certas regiões geográficas, nem sempre era possível reunir este conjunto de técnicos. Nestas condições, como podiam os funcionários régios atestar da pureza e boa qualidade das drogas e mezinhas, se eles próprios não tinham conhecimentos sobre a matéria médica?

Certamente que o saber prático destes homens resultava da sua experiência no terreno. As visitas a mercados e bazares, onde as drogas abundavam, as vistorias portuárias às mercadorias comercializadas, os permanentes inquéritos que levavam a cabo nas regiões sob a sua jurisdição com o intuito de melhor conhecerem as riquezas naturais que os circundavam, faziam destes homens peças fundamentais para a apreensão do mundo natural local.

4.4. Saber em circulação

Apesar do inestimável valor deste saber, circularia no Oriente outro tipo de informação, escrita em português, que permitisse a vedores de fazenda, capitães de fortaleza, ou a outros oficiais administrativos, controlar a qualidade dos produtos à venda nas boticas? Que volumes estavam disponíveis, em língua portuguesa, que pudessem ajudar os boticários a fazer a conversão do saber local no latim do receituário médico? Que notícias impressas circulavam nos circuitos comerciais dos

⁴⁹⁸ Tanto Simão Álvares como Garcia de Orta testemunharam nos seus textos o facto de terem, durante algum tempo, sido encarregues de *fazer as drogas*. Na *Enformação*, o boticário afirmou enviar ao Reino aquelas drogas que lhe haviam sido solicitadas nas *Cartas Gerais*. Álvares lamentou ainda o facto de não poder enviar outras mezinhas, que considerava de grande valor, dado que não lhe teriam sido encomendadas pelos funcionários Régios. Sobre o desempenho desta função por Simão Álvares, ver: Adelino Almeida Calado, "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", pp. 50-57. Sobre Garcia de Orta, ver: Orta, I:259 e Orta, II:328.

portugueses da Ásia, que os defendessem das falsificações dos mercadores árabes ou malaios?

Que se saiba, até meados do século XVI, não circulou na Ásia lusa qualquer impresso em português que fornecesse informações modernas sobre a matéria médica Oriental.⁴⁹⁹ Tal não significa, como vimos, que não corresse no Oriente, sob a forma manuscrita ou pelo testemunho pessoal, um enorme manancial de novos e actualizados informes sobre o mundo natural asiático.

A intensa troca de correspondência entre funcionários régios no Oriente e a Corte de Lisboa atesta a diversidade de informações recolhida e enviada ao Reino. Para além de notícias sobre a localização de portos e mercados, de inegável relevância estratégica, amostras de plantas eram enviadas a D. Manuel para que este reconhecesse a vastidão do seu império. Em 1515, Jorge de Albuquerque, o então capitão de Maluco, enviou ao monarca “um ramo com folha de árvore do cravo e um pau da mesma árvore, e vai um treçado pêra vossa alteza que vos manda el-rei de Ternate”. A amostra vegetal, ao lado da oferta do soberano local, provava o domínio de Portugal sobre aquele tão longínquo e invejado território.⁵⁰⁰

Recorde-se, por exemplo, o referido caso da *Carta* que Tomé Pires enviou de Cochim a D. Manuel, nas vésperas da sua partida para a China.⁵⁰¹ Como vimos, o boticário descreveu sumariamente algumas drogas e identificou o local de onde estas eram originárias. O detalhe informativo e a exactidão de algumas notícias reunidas por Pires, tornaram este documento num dos mais completos repositórios de informações sobre o mundo natural da Ásia até então produzido pelos portugueses de Quinhentos.

Apesar de não termos conhecimento sobre a divulgação deste manuscrito no Oriente, reconhecemos na *Enformação* de Simão Álvares e mesmo nos conteúdos de alguns dos *Colóquios* de Garcia de Orta, muitas das informações reunidas por Pires. Tal facto não será de espantar, já que Álvares tomou o lugar do boticário-diplomata tendo

⁴⁹⁹ A questão prende-se com a existência de textos impressos. A obra de Ramúsio, publicada em Veneza em 1550 foi, provavelmente uma das primeiras obras impressas na Europa a ceder informações actualizadas sobre o mundo natural das Índias Orientais e Ocidentais resultantes de testemunhos modernos de viajantes europeus.

⁵⁰⁰ José Manuel Garcia, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, p. 62.

⁵⁰¹ “*Carta de Tomé Pires*” in: Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, pp. 445-459. *Vd.* Cap. 4.1.7.

permanecido na fortaleza de Cochim até 1530, o que certamente, lhe deu acesso a todos os documentos nela produzidos.⁵⁰²

Como já referimos, desde os inícios do século XVI, circularam na Europa alguns relatos escritos por viajantes europeus, onde se encontravam breves referências ao mundo natural do Oriente.⁵⁰³ Alguns foram, de imediato, reunidos nos Códices dos comerciantes italianos ou dos investidores alemães, outros foram impressos por italianos endinheirados ou ainda compilados por Ramúsio.

Para além destes esforços de actualização da informação sobre o mundo natural asiático, levados a cabo no tempo de D.Manuel, foi no reinado de D. João III que se produziram notícias mais detalhadas e observações mais apuradas sobre a botânica da Ásia. Tal não significava que D. Manuel não se interessava pela descrição do mundo natural asiático. Como vimos, já em 1506, o Rei tinha enviado a D.Francisco de Almeida e Diogo Lopes de Sequeira extensos questionários sobre os recursos asiáticos. Desde cedo, o soberano revelou enorme interesse pelas particularidades da natureza do Oriente. Também a carta que Álvaro Vaz dirigiu a D.Manuel, em 1504, prometendo para breve o envio das informações que este lhe solicitara, confirma o valor que o monarca atribuía a este saber.

4.5. Recolha dirigida

Talvez devido a uma mais estável organização administrativa ou a uma conjuntura favorável, parece ter sido sob o governo de Martim Afonso de Sousa (g.1542-1545) ou de D. João de Castro (g.1545-1548) que vedores, feitores e boticários estantes no Oriente foram interpelados, de forma mais sistemática, para fornecer informações dignas de fé, sobre a origem, aspecto e comercialização de algumas drogas, gomas e aromas. Alguns destes funcionários corresponderam, prontamente, à solicitação dos governantes e os dados fornecidos foram globalmente integrados naquele que hoje se conhece como *Códice de Elvas*. Neste volume encontram-se reunidos 25 textos

⁵⁰² Para um confronto entre os conteúdos da *Carta* de Tomé Pires, a *Enformação* de Simão Álvares e os *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta, ver Banha de Andrade, "Drogas do Oriente", pp. 127-135.

⁵⁰³ Para uma informação mais detalhada sobre os testemunhos relativos ao Oriente em circulação na Europa ver Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, 2 vols. E. Trigo, *Navegação às Índias Orientais*, Collecção de Notícias, vol II, nº5; Bragança Pereira, *Arquivo Portuguez Oriental*, t.1, vol.I, pp. 227-287.

produzidos no Oriente por actores locais. Alguns, por os seus autores estarem identificados, podem facilmente ser atribuídos a vedores, feitores, boticários ou artesãos, outros são anónimos. Os temas abordados vão desde listagens de drogas, mercadorias e produtos, à identificação de rotas e mercados ou à descrição da origem de determinadas drogas ou especiarias.⁵⁰⁴

Os textos reunidos neste volume foram compilados entre 1546-1548. Neste *Códice* podem assim encontrar-se notícias de relevância económica e geográfica. Estes informes foram recolhidos e registados por funcionários locais que tinham as mais variadas competências técnicas, desde a de boticário (Simão Álvares⁵⁰⁵) até à de vedor de fazenda e tesoureiro (Rui Gonçalves de Caminha⁵⁰⁶), piloto-mor (Nicolau Gonçalves⁵⁰⁷), feitor (António Pessoa⁵⁰⁸ ou Bastião Lopes Lobato⁵⁰⁹) ou do secretário

⁵⁰⁴ Adelino Almeida Calado, “Livro que trata das cousas da Índia e do Japão”, pp. 1-138.

⁵⁰⁵ Simão Álvares, pelo seu mérito, foi designado por D. João de Castro, Boticário-mor. A sua actuação durante o cerco de Diu valeu-lhe o reconhecimento do Governador, que lhe confiou a bandeira de Cambaia assim como a saúde de seu filho. Sobre este boticário ver: *Obras Completas de D. João de Castro*, vol. 4, pp. 41 e 80-81.

⁵⁰⁶ Rui Gonçalves de Caminha, vedor de fazenda, homem da confiança de D. João de Castro, escreveu um relatório que informa “Vossa Senhoria” sobre “a origem dos mantimentos que chegam a Goa, que, contrariamente ao que muitos dizem, não são todos oriundos do Balagate.” Adelino Almeida Calado, “Livro que trata das cousas da Índia e do Japão”, p. 62.

⁵⁰⁷ Nicolau Gonçalves exerceu as funções de patrão-mor de Cochim assim como de piloto-mor da barra de Cochim. Participou no segundo cerco de Diu, pelo que o Governador o autorizou a mandar uma fusta a Bengala. *Obras Completas de D. João de Castro*, vol. 4, p. 112.

⁵⁰⁸ António Pessoa partiu a primeira vez para a Índia, em 1515, encontrando-se nas Molucas em 1524, no Malabar em 1525, em Diu em 1530-1531, como feitor de Baçaim em 1539, feitor e alcaide de Ceilão em 1541-43; depois de ter lutado em Diu durante o segundo cerco, colaborando na reconstrução da fortaleza, foi enviado a Bengala e às Molucas em 1547 e voltou a Ceilão em 1551. Enquanto feitor do Ceilão, assinou a *Enformação das cousas do Ceylão*, que se encontra no *Códice de Elvas*. Neste relato apresentou uma circunstanciada descrição das múltiplas riquezas da ilha, dando particular destaque à canela. Por despacho de D. João de Castro, de 1545, foram-lhe pagos os vencimentos a que tinha direito pelas suas anteriores estadias na Índia e, em 1546, foi-lhe dado um prémio de 50 pardaus por ter invernado em Diu. D. João de Castro nutria por António Pessoa uma profunda admiração. No texto, redigido a 22 de Outubro de 1548 pelos religiosos que assistiram o Governador nos seus últimos momentos, D. João de Castro justificou a D. João III a oferta que fez ao feitor, em nome do soberano, de algumas aldeias nas terras de Baçaim. Em causa estavam os valorosos feitos de António Pessoa na armada enviada a Diu. Sobre António Pessoa ver ainda: *Obras Completas de D. João de Castro*, vol.4, p. 129 ou Banha de Andrade, “Drogas do Oriente”, p. 183.

⁵⁰⁹ Nomeado, por D. João de Castro, feitor da fortaleza de Ormuz. Por morte de Simão Martins, o Governador escolheu-o para *ouvidor-geral*, mas a nomeação não foi bem recebida (G. Correia, *Lendas*, IV, 662-3) e o Governador Garcia de Sá viria a substituí-lo por António Barbudo. Bastião Lopes Lobato foi feitor de Ormuz entre 1545 e 1547, data a partir da qual foi designado alcaide-mor de Goa. *Obras Completas de D. João de Castro*, vol.3, p.117. No *Códice de Elvas*, este feitor da fortaleza de Ormuz apresentou detalhados relatórios designados *Enformação do enxofre que vem de dentro do estreito de Ormuz*, dada per Bastião Lopes Lobato, feitor que foy na dita cydade e fortaleza e *Enformação do rendimento da cidade e reino dOrmuz*, dada per Bastyão Lopes Lobato, feitor que foy na dita terra. Adelino de Almeida Calado, “Livro que trata das cousas da Índia e do Japão”, pp. 117-120 e pp. 128-130 (Orta, II:234).

do Governador (Coje Percolim⁵¹⁰). Cada um dos textos responde a questionários pré-estabelecidos, revelando-se assim o carácter direccionado da informação recolhida. As informações colectadas recordam as solicitadas anos mais tarde pela Coroa espanhola aos administradores do Novo Mundo e que se materializaram nas *Relaciones Geográficas*.⁵¹¹

Pela análise dos conteúdos dos relatórios de cada um dos informantes podemos supor a existência de uma profunda ligação entre os profissionais da saúde e os funcionários régios. Para além das listagens de drogas e *enformações* enviadas ao Reino por Tomé Pires e Simão Álvares que, de algum modo, desenhavam uma geografia das drogas do Oriente, o intercâmbio de informações entre os funcionários régios destacados no espaço asiático e os governantes, revelou-se importante.⁵¹² Se bem que a análise do impacto destas informações na economia local ainda esteja por completar, a existência destes documentos revela o interesse dos governantes portugueses destacados no Oriente pelo recenseamento dos recursos naturais e das potencialidades comerciais de cada região. Para além disso, e atendendo a que os informes coligidos se referiam maioritariamente a produtos de interesse medicinal, não queremos deixar de assinalar o relevo que os produtos com origem no mundo natural asiático despertaram nas agendas políticas de alguns governantes.⁵¹³ Se Tomé

⁵¹⁰ Segundo Luís Filipe Thomaz, Coje Percolim não gozava junto de D.João de Castro da mesma reputação favorável que tinha ao lado dos seus predecessores, nomeadamente de Martim Afonso de Sousa. No entanto, durante o governo de Castro, Percolim traduziu, em 1547, uma carta para o sultão do Bijapur tendo, ainda em 1548, traduzido um tratado com Adil Sah do Bijapur. A breve descrição da Pérsia que se encontra no *Códice de Elvas* foi, segundo Luís Filipe Thomaz, o último documento que Coje Percolim redigiu, antes de desaparecer da cena política portuguesa do Oriente. Luís Filipe Thomaz, «Hwaje Pir Qoli et sa Brève relation de la Perse», pp. 357-369.

⁵¹¹ O tipo de informações solicitado pelos governantes portugueses encontrou, anos mais tarde, um paralelo com as *Relaciones Geográficas*: detalhados inquéritos que a Coroa espanhola entregou aos administradores do Novo Mundo. Sobre estes questionários ver, entre outros: Raquel Álvarez-Pélaez, *La conquista de la naturaleza americana*, pp. 141-318; António Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 56-100; Barbara Mundy, *The mapping of New Spain*, pp. 29-60 ou David N. Livingstone, *Putting science in its place*, pp. 99-134.

⁵¹² Na *Enformação que me deu Symão Alvarez*, o boticário apresentou uma listagem de produtos asiáticos usados na medicina. Para cada *simples*, cânfora, galanga, linaloes, cubebas, sândalos, pimentas, anacardos, cardamomos, canafistola, mirabolanos, cáalamo aromático, esquinanto, aloés, incenso, gomas fétidas, ruibarbo, erva-lombrigueira, espiquecardo, costo, ópio, mirra, bedélio ou turbit, Álvares identificou as regiões de proviência de produtos de melhor qualidade. Jaime Walter, “Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia”, pp. 117-149 e Adelino Almeida Calado, “Livro que trata das cousas da Índia e do Japão”, pp. 50-57.

⁵¹³ Para uma visão mais ampla sobre a diversidade de testemunhos que cederam informes sobre o mundo natural do Oriente ver a obra de Luís de Pina, *As ciências na História do império colonial português (séculos XV a XIX)*.

Pires e Duarte Barbosa pareciam destinar os seus relatos sobretudo ao governo de Lisboa, António Pessoa, Nicolau Gonçalves, Simão Alvares, João de Magalhães, Mestre Pedro, Rui Gonçalves de Caminha, Francisco Pereira, Álvaro de Sousa, Coje Percolim, entre outros, que nos surgiram no *Códice* da Biblioteca de Elvas, dirigiram-se a uma autoridade portuguesa de Goa, talvez Martim Afonso de Sousa ou D. João de Castro.⁵¹⁴

Esta abordagem sistemática sobre o mundo natural do Oriente cedeu informes complementares aos anteriormente reunidos por Duarte Barbosa e Tomé Pires. Apesar da morte repentina de D. João de Castro, D. Garcia de Sá (g.1548-1549) parece ter dado continuidade ao seu projecto de recolha de notícias. Almeida Calado atribuiu a este último a compilação dos dados fornecidos pelos funcionários acima referidos.⁵¹⁵

Na época, a ausência de tipografia no Oriente dificultava a circulação de saberes. Para além da forma manuscrita, apenas o testemunho oral poderia colmatar a falta de informações sobre drogas e mezinhas. Acrescia ainda o facto da expansão para a China e Japão se estar a dar a um ritmo intenso, sendo fundamental normalizar informes e preços e saberes em toda a região. Não obstante, a fixação de preços não era a única preocupação dos governantes.

A edição de um livro sobre as drogas e medicinas da Índia tornava-se cada vez mais uma prioridade na medida em que podia permitir a regularização de mercados e estabilidade das rotas de distribuição, estabelecer prioridades estratégicas e de exploração de recursos para além de normalizar práticas sanitárias utilizadas nos múltiplos hospitais das cidades e fortalezas que os portugueses iam edificando no Oriente.⁵¹⁶

⁵¹⁴ Como adiante demonstraremos, Garcia de Orta teve acesso a estas informações classificadas tendo feito uso delas na construção de *Colóquios dos Simples*. Os autores destes documentos podem, deste modo, ser identificados com alguns dos “homens dignos de fé” a quem Garcia de Orta se referiu no seu texto.

⁵¹⁵ Adelino Almeida Calado, “Livro que trata das cousas da India e do Japão”, pp. 1-35.

⁵¹⁶ Poucos eram os médicos treinados nas universidades europeias que podiam cumprir esta tarefa. Os físicos que acompanhavam os Governadores e Vice-Reis permaneciam no Oriente pouco mais de 3 anos e o tempo de missão era manifestamente insuficiente para se inteirarem da complexidade das propriedades terapêuticas do mundo natural asiático. A inabilidade destes médicos “sazonais” em curar os males dos trópicos foi de tal forma criticada que, em 1607, foram proibidos, por regimento régio, de dirigir a prática médica no Hospital Real de Goa durante os escassos anos que durava a missão do político que acompanhavam. Ver Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, p.158, nota 1. Sobre a presença de médicos portugueses embarcados para Oriente ver também: Aníbal de Castro, “Físicos, cirurgiões e boticários nas naus dos descobrimentos”, pp. 546-547.

O tão esperado texto só surgiu em 1563, com a edição goesa de *Colóquios dos Simples*, levada a cabo nas oficinas de João de Endem pelo médico ultramarino, Garcia de Orta.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

Como vimos, durante a regência de D.Manuel e de D.João III verificou-se uma crescente regulamentação da prática profissional de médicos e boticários. Os apertados regimes e alvarás passaram a delimitar o campo de acção de cada grupo. Se os médicos não estavam autorizados a preparar ou vender formulações terapêuticas, os boticários estavam impedidos de vender drogas sem prescrição médica.

Os monarcas assentaram num *Regimento* que impunha a vistoria sazonal às boticas. Esta, se por um lado exigia por parte dos fiscais o reconhecimento das drogas listadas, por outro chamava a atenção para as falsificações mais frequentes. O contributo informativo de vedores, feitores e boticários em funções no terreno revelou-se da maior utilidade. Os informes periódicos que estes cederam ao poder central circularam sob a forma manuscrita ou, depois de devidamente tratados e contextualizados, na obra que Garcia de Orta publicou em Goa.

A normalização da terapêutica médica, recorrendo a drogas e mezinhas Orientais, implicava o reconhecimento das suas qualidades por uma autoridade. Em 1563, Garcia de Orta possuía uma extensa experiência da prática clínica no Oriente. Reconhecido pela astúcia das suas observações e pela eficácia dos tratamentos que preconizava, os seus juízos eram aceites pelos ibéricos residentes na Ásia. Ciente da necessidade de uma eficaz rede de aquisição e distribuição de produtos, Orta colocou à disposição dos leitores ibéricos de *Colóquios dos Simples* um vasto conjunto de informes pragmáticos sobre o mundo natural asiático.

Para além do inequívoco interesse científico que a comunidade erudita europeia, de imediato, reconheceu na obra de Orta, revelado através do sucesso do epítome de Clusius e nas múltiplas versões e adaptações que surgiram na Europa de Quinhentos, *Colóquios dos Simples* era também um manual prático para todos os leitores ibéricos que precisavam de sobreviver no Oriente e cumprir, de forma eficaz, os regimentos régios então em vigor.

As drogas e matéria medicinal que o Oriente tinha para propor à Europa vinham validadas da Ásia com os ensaios nela efectuados. As correcções e a apropriação do saber não se faziam em Lisboa, como sucedia para a actualização das

coordenadas e topónimos do *mapa-padrão*, nas imediações da Casa de Índia, mas também nos Hospitais do Oriente, onde os médicos portugueses, formados nas universidades europeias, dialogavam com os seus colegas muçulmanos e hindus, com o objectivo de adequar o seu saber clínico aos males asiáticos.

Estas questões parecem justificar uma análise mais detalhada, oferecendo novas pistas de trabalho que vale a pena percorrer. Pretende-se assim lançar hipóteses explicativas que nos elucidem sobre a modalidade de apropriação do mundo natural asiático pelos portugueses de Quinhentos e que nos tragam algum esclarecimento sobre a forma como foi efectuada a transferência para a Europa desse conhecimento adquirido *in loco*.

5.1. A *livraria* de Orta

A tarefa a que Orta se propôs exigiu-lhe cuidados minuciosos. Ousar questionar o saber tradicional, apontando-lhe erros e atestando correcções, foi um intento arrojado. Revelando aos leitores mais exigentes a sua familiaridade com os textos médico-botânicos em circulação, o médico nunca prescindiu da evocação da autoridade livresca. Dotado de uma sólida formação académica, Orta defendeu, a partir de Goa, um ambicioso projecto de reformulação do saber, que lhe deu direito a um lugar de relevo entre as elites letradas da Europa.

A referência a títulos que constituíam autoridade era uma prática comum entre os sábios de Quinhentos. Com o propósito de suportar cada novo argumento, alardear erudição ou ainda sancionar os limites do saber tradicional, os autores partiam do saber estabelecido para se afirmar.

Não é fácil elencar todos os compêndios que preenchiam a volumosa estante do gabinete de trabalho de Garcia de Orta. A amena convivência que o médico revelou com os principais textos médicos usados pelos físicos de Quinhentos sugere-nos uma desafogada *livraria* pessoal ou um fácil acesso a um vasto conjunto de tratados médicos e compêndios botânicos.⁵¹⁷

⁵¹⁷ Sobre as livrarias dos eruditos portugueses residentes em Goa no século XVI ver Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 29-54 e Rui Manuel Loureiro, "Livros e Bibliotecas no Oriente Quinhentista", pp. 343-370.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

Ao referir-se ao médico, muitos dos leitores dos *Colóquios* sublinharam a sua desmesurada erudição. A sua obra insinua, de facto, o domínio dos conteúdos de uma extensa lista de tratados. O Conde de Ficalho identificou, nas páginas dos *Colóquios*, meia centena de autores e textos.⁵¹⁸ Como salientou o estudioso, “esta lista, feitas mesmo todas as correcções relativas a livros em segunda mão, e por autoridade e referências de outros, mostra-nos quanto era completa a biblioteca de Garcia de Orta.”⁵¹⁹

No entanto, o biógrafo revelou-se incapaz de afirmar, com segurança, se Orta consultara as obras que referira. Assim, na lista de autores compulsados apresentada pelo Conde, é frequente encontrar notas como “Orta não possuía o livro [de Teofrasto], e é mesmo duvidoso que o tivesse lido. Cita unicamente pelo que disseram Laguna, Brasavola e outros” ;⁵²⁰ “É difícil dizer se tinha o livro [de Aetius de Amida], ou encontrou estas passagens citadas” ;⁵²¹ “É difícil decidir se Orta possuía o livro [de Paulo de Egina], ou se o citava em segunda mão” ;⁵²² “é bem possível que não tivesse os livros [de Actuarius]; e citasse pelo que lera em outras obras” ;⁵²³ “Orta cita-o uma ou duas vezes vagamente, [Celso], e não creio que o tivesse em Goa”.⁵²⁴ Comentários desta ordem seguem-se ao longo do extenso rol apresentado por Ficalho. Se contabilizarmos o número de obras que o botânico acredita que Orta tenha consultado, este desce para cerca de metade do inicialmente previsto. Na verdade, muitas das citações parecem ser em “segunda-mão”, enquanto outras sugerem um exercício de memória e outras ainda, a consulta rápida numa biblioteca conventual ou na *livraria* do Colégio de Goa.

Parece-nos estranha a ausência na lista de Ficalho da colectânea de Ramúsio. O 1º volume do *De navigattionni et viaggi*, posto a circular em Veneza, em 1550, era,

⁵¹⁸ O Conde assinalou, entre outras, obras de Hipócrates, Aristóteles, Teofrasto, Dioscórides, Galeno, Plínio, Mesué, Rasis, Avicenna, Serápio, Avenzoar, Averroes, Mateus Silvático, Savonarola, Manardo, Ruélio, Amato Lusitano, Valério Cordo, Mattioli, Fuchs, Musa Brasavola, Sepúlveda, Vesálio, Herodoto, Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha, Platina, Lebrija, Pico de Mirandola, Francisco Tâmara, Oviedo, Fr. Domingos Baltanas, Varthema ou Gaspar Barreiros. Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*. 280-298.

⁵¹⁹ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 298.

⁵²⁰ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 285.

⁵²¹ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 286.

⁵²² Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 286.

⁵²³ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 286.

⁵²⁴ Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 286.

como vimos, uma compilação de testemunhos de viajantes que, desde a Idade Média até aos tempos Modernos, tinham atravessado a Ásia e atingido a China. O 2º volume estava reservado aos relatos daqueles que tinham viajado através de África e o derradeiro reunia as narrativas dos que se tinham aventurado até às Américas. Nesta colectânea, encontravam-se múltiplos textos com os quais Orta parece ter convivido quotidianamente.

Factos que parecem inegáveis como a multiplicidade de títulos referenciada, a uniformidade da temática abordada e a actualidade das edições consultadas, valorizam, no entanto o trabalho de Orta. Obras recentes como a *Chorographia de alguns logares...* de Gaspar Barreiros, impresso em Coimbra, em 1561, faziam, à data da publicação dos *Colóquios*, parte das leituras do nosso médico.

Como administrou Orta os textos dos diferentes autores?

Importa atender ao perfil intelectual dos dois interlocutores principais: Ruano e Orta. Se a naturalidade e os estudos académicos eram comuns, os dois físicos distinguiam-se pela forma como se relacionavam com o saber. Apesar de se terem formado nas mesmas escolas onde adquiriram conhecimentos semelhantes e desenvolveram competências comuns, a personagem “Orta” viveu e praticou na Índia ao longo de quase 30 anos. O confronto com novas patologias, o embate com a ineficácia das práticas clínicas europeias, o encontro com diferentes formas de curar, a observação das drogas no local de origem, levaram-no a questionar a solidez dos textos da Antiguidade, que se debruçavam sobre o mundo natural do Oriente. A sua experiência asiática e a sua capacidade de confronto dos recursos naturais com as descrições contidas nos textos latinos, gregos e árabes, levaram-no a verificar que estes últimos apresentavam informações mais consonantes com a realidade do que os primeiros. Assim, enquanto Orta defendeu os textos oriundos da ciência árabe, Ruano refugiou-se na corrente europeia de então, que rejeitava os árabes e elogiava os gregos. Esta preferência foi salientada pelos físicos. Se Orta apontou a Ruano algumas lacunas nos textos dos “vossos Gregos” (Orta, I:359), Ruano não deixou de salientar a Orta algumas novidades veiculadas pelos “vossos Árabios” (Orta, I:193).

Do lado de Orta, surgiam ainda as notícias redigidas pelos portugueses que cruzavam o império português do Oriente. Impedido de deixar Goa por períodos prolongados “como não posso andar todas as terras, nem me dão licença os que a

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

terra governão pêra yr fóra donde residem” (Orta, I:151), o médico descreveu ao seu auditório os muitos trabalhos das suas dispendiosas inquirições. Acusando os portugueses de se interessarem mais pelas mercadorias orientais do que pela observação do mundo natural que encontraram, Orta viu-se obrigado a encomendar, a homens da sua confiança, informações precisas sobre as drogas.⁵²⁵ Sublinhando os elevados custos destas missões de exploração, “todas estas cousas me custaram a saber o meu dinheiro; porque quem foy trazer estas folhas e estes páos do mato foy muy bem paguo” (Orta, I:110), o médico revelou aos seus leitores o valor intrínseco das novidades que difundia através da sua obra.⁵²⁶ Suportado pelo lema “o que hoje não sabemos amanhã saberemos” (Orta, I:281), demonstrou a sua preocupação em contribuir para o bem de todos corrigindo graciosamente as lacunas no saber em circulação. Orta salientou diversas vezes esta sua função de mecenas do saber e de promotor do bem-estar público. Ao escrever “nenhuma cousa sei, que logo o nam diga aos boticairos e físicos, e a todos; e isto bem sei que nam he bom pera mim, porque dizem depois que elles acharam estas cousas, e levaão a gloria de meus trabalhos, e eu nam o digo, senam por aproveitar a todos.” (Orta, I:182), o médico revelou a gratuidade do seu serviço à comunidade. Um labor, que entendia como uma obrigação da sua condição de homem do saber, e que ficou bem patente, desde os primeiros momentos da sua obra, quando escreveu “sam eu digno de grande repensam, porque estando nesta terra trinta annos, nunca deitei fruto algum per aproveitar aos mortaes com alguma escritura” (Orta, I:4).

O mundo textual de Dioscórides, Galeno, Paulo de Egina, Teofrasto ou Hipócrates foi confrontado com o saber de Avicena, Mesué, Avenzoar ou Serapião. Ao mundo estático e datado de Ruano contrapôs-se o mundo dinâmico e actual de Orta. Eram duas leituras da mesma realidade, da qual saiu vencedor o testemunho traçado por Orta. Os diálogos entre os dois interlocutores adquiriram assim o carácter de

⁵²⁵ Idêntica acusação, relativa aos Castelhanos, pode ser encontrada na obra de Nicolas Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal*, Sevilha, 1574.

⁵²⁶ Orta não se poupou a esforços para sublinhar as múltiplas dificuldades que superou para conseguir as novidades que descrevia. O seu discurso recorda-nos o que encontramos no *Sumario* de Oviedo. Nesta obra, editada em Madrid em 1526, o cronista, comparando-se a Plínio, enalteceu o valor das suas próprias pesquisas. Barrera, citando o castelhano, escreveu: “Pliny, according to Oviedo, might have read “Two thousand million books.” But “I accumulated all that I wrote here from two thousand million works and scarcities and dangers in twenty-two years.” António Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, p. 110.

confronto de textos. Cada conversa partiu de uma intervenção de Ruano, que, regra geral, apresentava o saber relativo à droga em causa no texto de Dioscórides ou no de um seu comentador. Às intervenções de Ruano opunha-se o parecer de Orta, resultante da sua experiência, de alguma informação recentemente impressa ou oriundo de um qualquer relatório manuscrito de circulação restrita.

Só uma análise cuidada a *Colóquios* e um confronto com os textos médico-botânicos ou os relatos de viajantes em circulação na época, nos permitirá identificar as fontes implícitas e explícitas a que Orta recorreu. Convém, desde já, realçar que, da detalhada lista de Ficalho, não constam os relatos manuscritos, como: cartas, relatórios e testemunhos que os viajantes, feitores, boticários ou comerciantes redigiam dando conta de novidades sobre o mundo natural dos territórios, mais ou menos longínquos, que visitavam. Documentos pessoais, confidenciais ou apenas de circulação mais limitada entre as elites goesas, mas a que Orta acedeu para fundamentar as suas alegações.⁵²⁷ Informações mais circunstanciadas, como as de Duarte Barbosa e Tomé Pires, ou mais técnicas como a de Simão Álvares a que já fizemos referência no Capítulo 4, assim como um conjunto mais alargado de pequenos relatos que mantinham os governantes portugueses informados sobre a origem e propriedades dos recursos naturais do espaço asiático. A toda esta panóplia de textos recheados de novidade acresciam ainda os testemunhos orais, que foram transmitidos pessoalmente a Orta e aos quais este deu crédito, ou outras notícias que “ouviu dizer” e das quais o médico manteve sempre um conveniente distanciamento.

A historiografia tem suportado a ideia de que enquanto Orta privilegiava a experiência, Ruano optava pela valorização do saber textual.⁵²⁸ Tal visão, a nosso ver, pode conduzir a leituras redutoras. Na verdade, a personagem Orta revelou o perfeito domínio e o regular recurso a fontes textuais manuscritas e impressas. Para além disso, muita da experiência que invocou possuir, foi-lhe comunicada através do texto manuscrito: relatórios, cartas, notícias e pequenos relatos produzidos por funcionários régios a que, devido à importância da sua condição, teve acesso. Deste modo, o saber

⁵²⁷ Rui Manuel Loureiro, “Gracia de Orta e os Colóquios dos Simples. Observações de um viajante sedentário”, pp. 135-146; Teresa Nobre de Carvalho, “Invisible travelers and virtual tracks: knowledge construction in *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* of Garcia de Orta (Goa, 1563).” Proceedings of the 4th ESHS Conference, Barcelona 2010, pp. 288.293.

⁵²⁸ Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*. pp. 255-296.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

em circulação, manuscrito ou impresso, constituiu um dos pilares de suporte da sua obra. A sua vivência no Oriente e a observação de práticas locais constituiu outra das valências que lhe permitiu propor uma reconfiguração do saber adquirido.

A empreitada que Garcia de Orta realizou na construção de *Colóquios dos Simples* foi, afinal, uma tarefa assaz complicada. No entanto, a novidade do seu texto não decorreu apenas do seu recurso à experiência mas da capacidade de gestão de informações de origens diversas e da sua integração numa narrativa reconhecida e autorizada pela Europa.⁵²⁹

Este complexo empreendimento intelectual de Garcia de Orta, para além de ter divulgado na Europa diversos produtos novos demarcou-se, definitivamente, da forma como os europeus entendiam a aquisição do saber relativamente ao mundo natural da Ásia. A audácia intelectual, aliada ao crédito concedido às observações pessoais ou informações em primeira-mão fornecidas por gentes dignas da sua confiança, levou-o a contrariar as autoridades livrescas veneradas por muitos dos seus contemporâneos. Esta independência de espírito foi, de imediato, reconhecida por muitos dos que demandaram e, posteriormente, se debruçaram sobre as riquezas naturais das Índias, nomeadamente Clusius, Van Reede e Jacob de Bondt.

Todas estas notícias encontraram lugar na sua estruturada “biblioteca de saberes”, ordenando, de A a Z, as suas fontes orais, manuscritas e impressas.

5.2. Uma biblioteca especializada

5.2.1. *Historia Naturalis* de Plínio

Uma das obras que revestiu os *Colóquios*, quase como se de uma segunda pele se tratasse, foi a *Historia Naturalis* de Plínio.⁵³⁰ Monumental enciclopédia do saber da Antiguidade, nela se encontrava registado o conhecimento relativo à Natureza.⁵³¹

⁵²⁹ Kapil Raj, *Relocating Modern Science*, pp. 27-59.

⁵³⁰ Caius Plinius, Plínio-o-Antigo, (c.23-79). Nomeado pelo Imperador Vespasiano (r.69-79 d.C.) Comandante da frota imperial ancorada na baía de Nápoles, amigo pessoal de Titus, Plínio redigiu uma monumental obra composta por cerca de 500 volumes. Desta, apenas uma ínfima parte se salvou: a *Historia Naturalis*. Esta vasta enciclopédia marcou a cultura europeia, desde a Antiguidade até ao Renascimento. Precursora dos *Mirabilia* que floresceram e encantaram os europeus da Idade Média, revelou um olhar fascinado sobre os segredos do mundo natural.

Com o intuito de apoiar os amplos propósitos de um império em expansão, Plínio compilou e ordenou o saber em circulação relativo ao mundo natural, tornando-o acessível a qualquer cidadão romano. Apesar de censurar os hábitos dos Gregos⁵³² e de assinalar a vacuidade das suas disputas filosóficas, o latino não se privou da consulta dos textos de Aristóteles, Teofrasto ou Demócrito.⁵³³ Para além dos saberes eruditos, Plínio validou as notícias enviadas por gentes pragmáticas. Incluiu na sua vasta enciclopédia informações recolhidas pelos estrategas que esboçaram outros impérios. Notícias oriundas das campanhas militares de Alexandre-o-Grande, assim como os detalhados relatórios de Dionysius⁵³⁴ ou informes confidenciais enviados pelos comandantes das tropas de Nero (r.37–68 d.C.).⁵³⁵ Estes relatórios militares, para além das imprescindíveis informações geográficas, continham notícias sobre os recursos naturais que podiam apoiar as milícias durante as suas deslocações no terreno, assim como relações sobre as preciosidades encontradas nos territórios visados.⁵³⁶

Para além destes relatos escritos, Plínio registou também *rumores* assim como observações que realizou nas suas deambulações campestres ou durante as múltiplas expedições militares pelos territórios imperiais. Muitas das notícias recolhidas por Plínio circulavam na cultura local. Informações sobre propriedades medicinais de plantas e animais, práticas agrícolas, produção animal, confecção de conservas,

⁵³¹ Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, Veneza, 1469 foi a primeira edição impressa. Até à década de 1530, surgiram quase quarenta novas edições, atestando a imensa popularidade desta valiosa enciclopédia. Para um melhor entendimento sobre o contexto da obra ver o trabalho de Roger French, *Ancient Natural History*, pp. 196-255. Para uma análise mais direccionada sobre as propriedades terapêuticas das plantas descritas por Plínio ver, por exemplo: Pline l'Ancien. *Histoires de la Nature*, ou Pline l'Ancien, *Histoire Naturelle XXX, Magie et pharmacopée*.

⁵³² Tal como Plínio, que censurava os absurdos gastos dos Gregos em perfumes e essências, Orta criticava os sábios helénicos." ...não diguo mal dos Gregos, por serem inventores das boas letras, [...]; mas tambem sam inventores de muytas mentiras, e muito mal acostumbrados, e efeminados em seus costumes..." (Orta, II:333).

⁵³³ Para a composição da sua obra, Plínio consultou mais de 2000 obras de 500 autores diferentes. Os cerca de 34000 itens da sua enciclopédia reúnem informes sobre áreas que hoje podemos aproximar da geografia, da antropologia, da etnologia, da zoologia, da biologia, da medicina, da metalurgia, a mineralogia, ou a arte. Luca Canali, *Vie de Pline*, p. 41. Sobre as suas fontes ver tb : Roger French, *Ancient Natural History*, pp. 218-230.

⁵³⁴ Dionísio foi enviado para Oriente por Augusto (r.27 a.C-14 d.C) com o objectivo de recolher informações classificadas sobre a região da Arménia, posteriormente invadida pelas tropas romanas.

⁵³⁵ Ao planear a invasão da Etiópia, Nero (r. 54-68 d.C.) utilizou as informações estratégicas recolhidas no terreno pelos seus emissários.

⁵³⁶ Como recordou French, o recenseamento das potencialidades económicas inatas a uma região era uma das funções desempenhadas pelos pelotões de reconhecimento romanos. Roger French, *Ancient Natural History*, pp. 207-208.

falsificação de produtos, entre tantos outros saberes de carácter prático, integraram a sua compilação. Uma cultura regional, assim registada, passou a fazer parte de um programa mais amplo. Neste projecto enciclopédico, Plínio cruzou a observação pessoal com a tradição textual e a sabedoria popular, integrando estes saberes numa história, redigida a partir de Roma, com o intuito de chegar a todos os pontos do Império.

Ciente da estranheza do mundo encontrado a Oriente e atento aos propósitos de expansão das fronteiras imperiais para Leste, Plínio inseriu o mundo natural da Ásia nesta nova História. Datada de 77, dedicada a Tito (r. 79-81 d.C.), a sua obra servia assim os intentos políticos, bélicos e comerciais deste futuro Imperador. Ao longo de 37 volumes, surgiam arroladas milhares de informações sobre diversas áreas do saber. Sensível aos prodígios do mundo natural, Plínio apresentou-os como se de um catálogo de maravilhas se tratasse. Um relato em que uma natureza, feita de raridade, luxo, excentricidade e extravagância era olhada a partir de Roma.

Na *Historia Naturalis*, Plínio, em relação ao Oriente, narrou fenómenos excepcionais, descreveu maravilhas, colecionou mitos, arquivou saberes. Ao tentar encontrar uma harmonia no Universo referiu sobretudo desordens, excepções e singularidades. A sua obra teve ampla circulação durante toda a Idade Média, tendo as suas descrições inundado a cultura europeia. Lida por sábios e curiosos, que buscavam novidade ou distração, esta enciclopédia fascinou os leitores da Europa até à entrada de Setecentos. Apesar de, ao longo do século XVI, muito do saber pliniano relativo à geografia, à botânica, à zoologia ou à farmacopeia, ter sido desmistificado ou corrigido pelas viagens de exploração ibéricas, muitos eruditos não dispensaram a consulta desta obra, referindo amiúde Plínio nos seus tratados.⁵³⁷

A *Historia Naturalis* era, aliás, uma referência obrigatória em qualquer obra relativa ao mundo natural. A diversidade de saberes explanada por Plínio tornava a sua enciclopédia incontornável. Quer se louvasse ou corrigisse, o saber pliniano surgia

⁵³⁷ A relação entre Garcia de Orta e a *Historia Naturalis* foi analisada em Marie-Elisabeth Boutroue, “Les lectures de Garcia d’Orta: le cas de l’Histoire naturelle de Plin l’Ancien”, pp. 245-261. Como escreveu esta investigadora: “Garcia d’Orta, comme beaucoup d’autres auteurs de la Renaissance, constate donc dans le texte de l’Histoire naturelle des erreurs qui obligent à considérer le texte sur un mode paradoxal: il est à la fois indispensable comme fondement de la culture scientifique, quoique sur un mode différent des médecins grecs; mais il est aussi souvent fautif.” Marie-Elisabeth Boutroue, “Les Lectures de Garcia d’Orta”, pp. 257-258.

citado nas obras de Quinhentos com condescendência e respeito. Autores como Pierre Belon du Mans ou Prospero Alpino enriqueceram as suas descrições do Egito e Médio Oriente com referências plinianas. Francisco Hernandez não dispensou a *Historia Naturalis* na sua expedição mexicana (1570-1577).⁵³⁸ Mathioli ou Laguna não se escusaram de incluir o saber de Plínio nos seus Comentários a Dioscórides (1544 e 1555 respectivamente). Amato Lusitano citou a compilação latina em cada página das *Ennarrationes* (1553). Ulysses Aldrovandi possuía distintas edições da enciclopédia na sua livraria, que consultava frequentemente.

Francisco Hernández comentou e traduziu para castelhano a enciclopédia pliniana. Enviado por Filipe II de Espanha para fazer o reconhecimento e descrição dos recursos naturais do Novo Mundo, chefiou, entre 1570 e 1577, a primeira expedição desta natureza. A leitura que fez do mundo natural das Américas revelou uma ampla familiaridade com a obra do romano.⁵³⁹

O mundo natural da Ásia, que apesar de disperso por vários livros, ocupava uma parte importante da enciclopédia latina, surgia cheio de prodígios e maravilhas.⁵⁴⁰ Para os desmistificar ou confirmar, Garcia de Orta incluiu passagens da *Historia Naturalis* no texto, identificando, por vezes, o Livro e capítulo da enciclopédia de onde

⁵³⁸ Sobre o contributo da expedição de Francisco Hernandez para o conhecimento do mundo natural americano na Europa quinhentista, ver por exemplo: J.M. Lopez Piñero, J. Pardo Tomas, *La influencia de Francisco Hernández (1515-1587) en la construction de la botanica y la material medica modernas*, pp. 113-138 e J.M.Lopez Piñero, J. Pardo Tomas, "The contribution of Hernández to European Botany and Materia Medica", in: Simon Varey; Rafael Chabrán; Dora Weiner (eds), *Searching for the secrets of nature: the life and works of Dr. Francisco Hernandez*, pp. 340-382.

⁵³⁹ No âmbito do presente trabalho, recorreremos à recente edição: *Historia Natural de Cayo Plinio Segundo*, Traducción de Gerónimo de Huerta y Francisco Hernández. Mexico. Visor Libros.1999. Sobre as leituras de Plínio feitas por Hernández, ver: Miguel Asua and Roger French, *A New World of animals*, pp. 93-104. Os sábios do Renascimento, nas suas apreciações sobre o mundo natural, a farmacopeia ou a medicina, contavam com a obra do romano que alguns admiravam e outros contestavam mas que, invariavelmente, todos conheciam.

⁵⁴⁰ Relativamente à farmacopeia, Plínio incluiu múltiplas informações. Assim, os Livros XXIII e XXIV incluem notícias sobre medicamentos extraídos das árvores; enquanto os Livros XXV e XXVII descrevem as propriedades terapêuticas de numerosas plantas espontâneas, incluindo-se no Livro XXVI um pequeno resumo da História da medicina. Os Livros XXVIII a XXXII, debruçam-se sobre as virtudes curativas dos produtos de origem animal, sendo os Livros finais reservados às pedras preciosas. Grande parte das plantas e drogas descritas eram oriundas do Oriente. Plínio não as viu, tendo, para tal baseado as suas descrições nos relatos em circulação. Este saber empírico e cheio de fantasia perdurou ao longo de séculos, tendo chegado quase inalterado ao século XVI. Ciente desta limitação dos textos Antigos, escreveu Orta: "Disso [da dimensão máxima dos diamantes ser o tamanho de uma avelã] não tem culpa Plínio, nem os outros escritores; porque falaram do que nam viram..." (Orta, II:200).

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

eram oriundas e, outras vezes, fazendo-as fluir nas conversas de Orta e Ruano como se de uma tradição oral se tratasse.⁵⁴¹

É interessante notar que, quando Orta explicitou o Livro e o Capítulo do texto de Plínio que consultou, estas referências correspondiam exactamente às encontradas nas obras de Mathioli, Laguna ou Alpagó que o médico consultou. Aliando a sua observação à consulta textual atestada pelos eruditos, Orta dialogou com os textos dos seus contemporâneos.⁵⁴² Assim, por exemplo, na alocação de Ruano sobre a folha da Índia pode ler-se:

“Plínio diz (Plínio, lib.12, cap. 36, nota marginal de Orta) que o há em Síria em folhas retortas, donde sae o olio pera o unguento; e que em Egipto há mais abundância delle; e que o mais louvado vem da Índia; e que se gera sobre a agoa” (Orta, I:346).

O médico poderia ter destacado esta informação incluída por Plínio na *Historia Naturalis*, onde se lê:

“Nace ansimismo el malobathro en Syria, árbol de hoja arrevuelta, color reseco, de que se exprime azeite para los ungüentos, del cual aún es más fértil Egipto, aunque se trae mejor de India. Dizen engendrarse ahí en lagunas, a modo de lenteja, más oloroso que azafrán, algo negro y áspero, con cierto sabor salado. Tiénese por peor el blanco; anmohécese muy presto cuando se añeja. Házese sentir debaxo de la lengua su sabor como de nardo y su olor, cuando le hierven un poco en vino, excede el de las otras cosas.”⁵⁴³

⁵⁴¹ Como, por exemplo, na descrição do cálamo aromático, do ácoro, da canela, do costó, do marfim, da pimenta e do nardo ou das fábulas que contou a respeito da canela, da pimenta ou das pedras preciosas.

⁵⁴² Como veremos quando apresentarmos o estudo detalhado das fontes usadas por Orta na redacção de alguns *Colóquios*, constataremos que o nosso médico, para a organização de cada capítulo, seguiu de muito perto o texto de Mathioli. Tal preferência talvez se possa dever ao facto de, entre as elites europeias, Mathioli ser então considerado como o mais erudito comentador de Dioscórides.

⁵⁴³ Cayo Plínio Segundo, *Historia naturalis*, Livro 12, Cap. 26, p. 594.

No entanto, confrontando o texto dos *Colóquios* com o capítulo correspondente ao “Malabatre”, contido em Mathioli, podemos constatar que Orta se limitou a traduzir o trecho da *Historia naturalis* também transcrito pelo médico de Siena. Escreveu Mathioli:

“La Syrie encores nous produit du malabatre qui est un arbre de feuille repliee, de la couleur de une chose séche, dont on tire de l’huile pour les unguents. L’Egipte en est plus fertile. Celuy des Indes est le meilleur de tous. On dit quil croit aux palus.”⁵⁴⁴

A resposta que, baseando-se na sua experiência, Orta deu ao seu interlocutor, questionou e corrigiu o saber veiculado pelo sábio italiano:

“Avêlo em Síria e em Egipto nem o sey; mas tive amizade com físicos do Cairo e de Damasco, scilicet, de Alepo, e todos me dixeram que o não havia na Síria, nem em Egipto” (Orta, I:346).

O confronto de Orta com os textos dos Antigos, mais do que emendar os seus escritos, dirigia uma crítica velada aos sábios contemporâneos. Corrigindo, com o seu saber e vivência, os comentários a Dioscórides, de Mathioli ou Laguna, Orta, apesar de distante dos meios eruditos europeus, revelou-se como a nova autoridade face ao mundo que descreveu. Cotejando a sua observação e saber com o comentário dos letrados, o médico marcou, de forma inequívoca, uma posição de destaque entre os sábios do seu tempo.

No entanto, em outros momentos, Orta prescindiu de identificar a referência e assumiu a observação de Plínio como sendo dos “antiguos”. Os seus leitores mais familiarizados com a enciclopédia, de imediato se apercebiam da origem da descrição. Nessas conversas descontraídas, os médicos dispensavam as referências textuais. Falavam então do pragmatismo do saber veiculado por Plínio que circulava de forma

⁵⁴⁴ *Commentaires de M. Pierre Andre Matthiole medecin senois, sur les six livres de Ped Disocoride Anazarbeen de la Matiere Medecinale*. Liv I, Cap. 11, fl 34. No presente estudo recorremos a esta versão francesa. Pelo confronto das referências de Garcia de Orta com esta edição, verificámos que não havia discrepâncias significativas entre as duas obras. Pela facilidade de acesso a este texto, optámos por trabalhar sobre ele. Assim, todas as referências ao texto de Mathioli são oriundas desta edição à qual aludiremos abreviadamente como: Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, 1572.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

natural, atravessando os seus quotidianos.⁵⁴⁵ Esta duplicidade que caracterizava a *Historia Naturalis*, conferia-lhe um lugar particular nas bibliotecas dos seus múltiplos leitores. A diversidade de gentes que se aproximava desta obra recolhia dela o saber que melhor lhe correspondia.

Um “fidalgo” amigo do médico lembrava-se de ter lido notícias sobre os duriões no “Plínio em toscano”. Como não se recordasse de ter cruzado tal descrição, Orta aguardava que este nobre lhe indicasse o livro e o capítulo “para o ver no latim”. (Orta, I:298-299)⁵⁴⁶ Desconfiança nas traduções ou sinal de erudição, Garcia de Orta sublinhou ao seu múltiplo auditório a sua preferência pela língua dos sábios. O respeito pelo latim foi algo que também realçou no “Colóquio 25º, do cravo”. Como veremos mais à frente, Orta iniciou este diálogo lamentando ter-se esquecido de falar desta droga na “letra c, porque o bom latim he cariofilo, e o mau latim he gariofilo”. Perante a indiferença de Ruano, que lhe retorquiu com um anódino “asi [gariofilo] o aprendi toda a minha vida”, Orta prontificou-se a apresentar-lhe o volume em latim. Ruano não se mostrou muito interessado na prova, já que “o uso [me] desculpa[va]”. Na verdade, as referências dos autores modernos a este *simples* eram feitas indiferenciadamente nas duas grafias, sendo o termo “cariophyllon” ou “gariophyllon” vulgarmente utilizados.⁵⁴⁷

⁵⁴⁵ Disse Ruano a propósito dos diamantes: “ e dizem que posto em huma bigorna, nem pode ser quebrado com força de martelos, antes os despreza [...] e porém que, se for deitado o diamam primeiro em sangue de bode, amolece, principalmente como alguns dizem, se o bode primeiro comer aipo [...] dizem mais que, desta maneira se lavra, e doutra maneira não” (Orta, II:197). Sublinhando o “dizem que” Ruano transportou para a memória colectiva uma fábula cuja origem os leitores de Orta reconheciam. Na verdade, em Plínio, podia ler-se: “Pues aquella no vencida fuerza de las dos cosas violentísimas de naturaleza, y que es su menospreciadora del hierro (digo) y del fuego, se rompe con la sangre del cabrón y no de otra suerte sino echándose a mazerar en ella estando fresca y caliente.” Cayo Plinio Segundo, *Historia Natural*, Liv. 37, Cap. 5, p. 1130.

⁵⁴⁶ Esta não é a única ocasião em que Garcia de Orta recorre a Plínio para caracterizar o seu auditório. Enquanto os eruditos, como ele, liam a versão latina, o fidalgo que lhe falou dos duriões, o boticário que o desmentiu ou o Vice-Rei que o questionou sobre os cardamomos, porque desconheciam a língua dos Antigos, liam as edições em toscano. Fosse em latim, fosse em vernáculo, os conteúdos desta enciclopédia chegavam a um vasto auditório que o lia e questionava.

⁵⁴⁷ Como referiu Orta, Plínio aludiu ao ‘Cariophyllo’ Cayo Plinio Segundo, *Historia Natural*, Liv. 12, Cap. 7, p. 577. António Musa Brasavola, *Examen omnium simplicium medicamentorum*, p.205, por exemplo, preferiu grafar a palavra “Gariophyllum” e Bellunensis, “Gariophyllo”, Andrea Bellunensis, *Pricipis Avicenaie libri canonis*, Liv. II, Cap. 318, 132. Mathioli, no entanto, chamou a atenção para esta divergência de grafias. Escreveu o médico: “ en latin, Caryophyllum [...] les barbares l’apellent Gariofilus » (Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, 1572, Liv II, Cap CLIII, 358). Laguna preferiu a grafia « Cariophylli ». Andrés de Laguna, *Pedanio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la Materia Medica Medicinal...Antuérpia*, 1555, Liv. 2, Cap. 148, p. 238.

Orta recordou aos sábios europeus a sua fidelidade às modalidades de indagação que aprendera nos seus tempos de estudante. Apesar do seu já prolongado afastamento das academias ibéricas, não perdera a fluência nas línguas eruditas nem questionava métodos de trabalho. Confrontar o mundo que observava com os textos latinos de Plínio ou com os tratados árabes de Avicena era um privilégio que poucos tinham. Neste aspecto, Orta estava mesmo em melhores condições do que os Antigos. A sua proximidade do mundo que observava e descrevia permitia-lhe, com maior segurança, corrigir ou acrescentar informações.

Se, para corrigir uma notícia, Orta não prescindiu da *Historia Naturalis*, para alardear uma novidade, também não se excusou de o citar.⁵⁴⁸ A enciclopédia latina era assim um repositório de notícias e fábulas onde curiosos e sábios buscavam as indispensáveis notícias. As informações e as lendas que nela encontravam, mais do que pretenderem justificar cada fenómeno da natureza, correspondiam ao desejo de compreensão do mundo enquanto totalidade. Um anseio que Orta compreendia e partilhava. Ao dizer a Ruano “Não paseis mais ávante; porque nam tenho memoria pera responder a tantas objeições, pollas não chamar fabulas.” (Orta, II:198), o médico realçava o muito que a sua experiência acrescentava ao saber dos antigos. No entanto, não considerava a sua busca terminada, assegurando a Ruano: “Eu vos prometo que se Deus me der dias de vida, que não deixo de escrever todos os annos um corretorio, que emende o que dixere, se ouver que emendar.” (Orta, I:110).

Ao descrever o aroma inebriante dos cravos, apropriou-se de um dos belos momentos descritos por Plínio, escrevendo:

“O cheiro do cravo sei dizer que he o mais suave e o melhor do mundo: Eu esprementei isto vindo de Cochim a Goa, e com vento pela proa; e remávamos em noite de calmaria, e estava huma náo surta mais de huma legoa de nós, e o cheiro foy tam grande e tam suave que nos veo, que cuidava eu que ao longo da costa avia matas de flores, que em nossa terra chamam cravos; e perguntando me dixeram que era a náo que viera de Maluquo...”(Orta, I:366).

⁵⁴⁸ “...desta herva não falaram Plinio, nem Dioscorides...” (Orta, II:18); “Plinio afirma não conhecer este maçir” (Orta, II:83).

Plínio, por seu lado, escreveu:

“...con la reflexión del sol de mediodía se hace por aquella península [Arabica] un olor admirable compuesto de toda aquella diversidad de vapores, soplando una armónica de aires de tantos géneros, y que lo primero que dio a entender a la flota de Alejandro Magno que estaban cerca de Arabia fue aquel olor.”⁵⁴⁹

O texto de Plínio parece assim impregnar as vivências do médico. Ciente das limitações das notícias contidas nos textos dos Antigos, escreveu Orta: “Todos a huma voz se concertaram a nam dizer verdade, senão que Dioscorides he digno de perdam, porque escreveo per falsa enformaçam, e de longas terras, e o mar nam ser tam navegado como aguora he; e a este imitou Plinio, e Galeno, e Izidoro, e Avicena e todos os Arabios.” (Orta, II:252). Para Orta, como para os sábios do seu tempo, Plínio encontrava-se entre as grandes autoridades do passado. Perante cada uma delas, a atitude de todo o estudioso, apesar de prudente, devia ser de condescendência pelos seus erros e de respeito pelo seu trabalho. Plínio, por vezes com ironia, havia corrigido as fábulas descritas pelos Gregos. Orta, por seu lado, manteve alguma deferência relativamente ao enciclopedista latino.

Registou Plínio:

“Cuenta la fabulosa antigüedad o el príncipe dela, Herodoto, que se derribaban el cinamomo y la casia de los nidos que las aves tienen en los peñascos y árboles, por donde no hay camino, [...] especialmente del ave fénix, que esto se consigue con el peso de la carne que las aves llevan a sus hijos, o con saetas que se hacen más pesadas con plomo. Dizen, ansimismo, que se trae la casia de a par de ciertas lagunas donde la defiende con sus uñas un cruel género de murciélago y serpientes aladas. Con esta fabulas encarecen el precio de las mercancías.”⁵⁵⁰

Retomando o discurso de Plínio, Orta afirmou:

⁵⁴⁹ Cayo Plinio Segundo, *Historia Natural*, Liv. 12, cap. 19, p. 588.

⁵⁵⁰ Cayo Plinio Segundo, *Historia Natural*, Liv. 12, cap. 19, p. 588.

“os escritores antigos viram estas drogas tam de longe trazidas, que nam puderam haver perfeita noticia dellas; e porque erão de muito preço quando faleciam, fingiram mil fábulas que Plínio e Herodoto traz...” (Orta, I:201)

Plínio, com algum humor, continuou o seu relato: “Mudose esta mentira en outra...” para, finalmente concluir: “Todo esto es falsedad porque el cinamomo – que también llama cinamón – se cria entre los ethiopes, que están mezclados por casamientos con los trogloditas.”⁵⁵¹

Considerando os escritos do latino relativamente à origem da canela, disse Orta: “em ambas as Etiopias, debaixo do Egypto como de cima do Egypto, [...] sabemos nam haver nellas canela.” (Orta, I:203).

A enciclopédia de Plínio *correspondia*, aliás, ao perfil das gentes de Quinhentos. Homens multifacetados, seduzidos pela cultura do passado e que, fascinados pelo mundo que os rodeava, não prescindiam de uma bela fábula, como a da árvore triste, (Orta, I:69-72) ou de uma conversa sobre o marfim, que se tinha “por passatempo” (Orta, I:303- 314).

Esta diversidade de interesses foi salientada por Ruano quando afirmou “Não sam tam físico como cuidais, porque também me prezo por ser homem de corte” (Orta, II:103) ou ao desmascarar Orta dizendo-lhe “nam sois tam filosofo como mostraes, que também quereis ter pérolas e pedras, como os outros” (Orta, II:123).

Apesar das hesitações de Orta em falar dos reis da Índia, “eu não queria que gastássemos hum capítulo em cousas que nam sejam de sciencia, porque dirá todo o homem que o ler, que me ponho a escrever hum livro de patranhas.”, Ruano apressou-se a dizer “A culpa disso seja deitada a mim pera quem vós fazeis este livro: quanto mais que eu sey muitos, que folgarão de saber estas cousas que dixerdes, em Espanha.” (Orta, I:119).

O médico salientou assim a diversidade de interesses que movia as elites de então. Tal como a *Historia Naturalis* de Plínio, os *Colóquios dos Simples* destinavam-se a um vasto público que, de formas diversas, desejava apropriar-se do mundo asiático e dos seus segredos.

⁵⁵¹ Cayo Plínio Segundo, *Historia Natural*, Liv. 12, cap. 19, p. 588.

5.2.2. *De Materia Medica* de Dioscórides

Pedanio Dioscórides nasceu em Anazarbo, perto de Tarso, na Cilícia. Os poucos dados que se conhecem da sua biografia encontram-se no Prólogo da sua obra, *De materia medica*. Alistado nas legiões de Cláudio (r.41–54 d.C.) ou de Nero, o soldado aproveitou as campanhas militares imperiais para recolher informes sobre o mundo natural das regiões que visitou.⁵⁵² Nestas incursões pelos territórios que desconhecia, observou as plantas, os animais e minerais que nelas encontrou e inquiriu as populações locais sobre a utilidade terapêutica ou alimentar destes *simples*. Talvez por o saber deste grego resultar do contacto privilegiado com as populações locais e da sua observação directa, a obra revele um carácter prático. No seu tratado, Dioscórides descreveu as riquezas naturais que encontrou, bem como as qualidades que cada uma possuía, a sua forma de preparação ou a modalidade de conservação.

As drogas, especiarias, aromas, pedras e produtos de origem animal oriundos da Ásia foram alvo da atenção do sábio grego. As suas expedições para Oriente, assim como os relatos dos múltiplos informadores, trouxeram ao texto do grego autorizadas notícias sobre o aloés, o ruibarbo, o ópio ou a datura; a canela, a pimenta, o gengibre, o cravinho ou a noz-moscada; o almíscar, o âmbar, as pérolas ou os bezoares; os rubis, diamantes, esmeraldas ou granadas. Notícias que no século XVI ainda circulavam na Europa, que eram ensinadas nas universidades e que estabeleciam a versão autorizada sobre o mundo natural da Ásia.

Ao longo do tratado, Dioscórides descreveu brevemente cada um dos *simples*.⁵⁵³ Apesar de, na sua larga maioria, o tratado identificar plantas, encontram-se igualmente importantes informações sobre animais, minerais assim como alcoolatos e outros preparados com propriedades terapêuticas. Ao todo, a obra descreve as propriedades de cerca de 600 plantas, 80 animais e 50 minerais. Esta prevalência de descrições de produtos de origem vegetal levou muitos a considerar *De materia*

⁵⁵² Muitos se têm referido a Dioscórides como um ‘médico militar’. No entanto, nos textos preliminares da sua obra, apenas se apresentou como um ‘soldado’.

⁵⁵³ Livro I (129 capítulos) plantas aromáticas e óleos vegetais; Livro II (186 capítulos) drogas de origem animal, cereais e ervas amargas; Livro III (158 capítulos) ervas e raízes; Livro IV (192 capítulos) ervas e raízes; Livro V (162 capítulos) vinho e drogas de origem mineral. Jerry Stannard, “Dioscorides in Renaissance Materia Medica”.

medica como um compêndio botânico. A utilidade medicinal dos *simples* descritos e o carácter pragmático dos seus textos, tornaram este tratado num auxiliar imprescindível a qualquer médico ou boticário desde a Antiguidade até ao Renascimento. Para cada *simples*, Dioscórides identificou o(s) nome(es) vulgar(es), apresentou uma descrição sumária, enumerou as patologias em que se utilizava, com que outros ingredientes deveria ser misturado, como administrar, qual a dose e os cuidados a ter, assim como ensinou a detectar preparações fraudulentas. A utilidade prática desta obra assegurou, desde logo, uma intensa procura e circulação.

As referências implícitas ou explícitas a conteúdos do *De Materia Medica* que autores da escola médica bizantina como Galeno⁵⁵⁴, Oribasius, Aetius de Amida⁵⁵⁵ ou Paulo de Egina⁵⁵⁶ fizeram nos seus textos médicos, atestam bem a aceitação que a obra de Dioscórides teve entre a comunidade helénica de sábios.⁵⁵⁷

A primeira versão latina deste compêndio que se conhece é datada do século VI, havendo outras versões mais tardias, nomeadamente produzidas na escola médica de Salerno (século XI), que desvirtuaram o texto grego, já que lhe introduziram numerosas informações que não se encontravam no original do século I.⁵⁵⁸ A versão

⁵⁵⁴ Galeno (c.130-200). A obra de Galeno é vasta e numerosos foram os textos que influenciaram as práticas médicas de Quinhentos. De entre os textos citados por Orta, aquele que se destaca é *De simplicibus medicamentis ad Paternianum*. Orta aludiu frequentemente aos escritos de Galeno, grande parte das vezes para os contestar, nomeadamente a propósito do aloés, do amomo, do anacardo, do alith, da assa-fétida, do benjoim, do cálamo aromático, da cânfora, dos cardamomos, da canela, das cubebas, dos figos-da-india, do fólio índico, do cravinho, do gengibre, da laca, do linaloes, do cate, da noz-moscada, do melão-da-india, dos mirabolanos, da pimenta, dos sândalos, do tabaxir ou do turbit. Como afirmou a Ruano, ‘...se eu estivesse em Espanha, não ousaria dizer nada contra Galeno ou contra os Gregos’ (Orta, II:81-85). Orta revelou, no entanto, um grande respeito pelo médico grego afirmando ‘não sou digno de desapertar as correias das suas sandálias’ (Orta, II:133-144).

⁵⁵⁵ Écio [Aécio] de Amida (502-575) redigiu uma obra conhecida por *Tetrabiblion* já que cada um dos quatro tomos estava dividido em quatro livros. É a este médico que se devem descrições de drogas como a cânfora e o cravinho. Orta citou-o a propósito do âmbar, da cânfora, do cravinho, do linaloes ou da zedoária. Não é, no entanto, claro se Orta possuía o texto ou se se tratava de uma citação em segunda-mão. A versão latina integral da sua obra foi publicada em Basileia, em 1533-1535 por Cornarius.

⁵⁵⁶ Paulo de Egina (c. 625-690), foi o autor de um tratado de medicina em 7 livros que, vertido para arábico, influenciou a medicina arábica. Garcia de Orta refere-se a Paulo de Egina diversas vezes, nomeadamente sobre o aloés, os figos da Índia, o cravinho, a laca, o linaloes, a pimenta e a zedoária.

⁵⁵⁷ Sobre a polémica relativamente às fontes primárias usadas por Plínio e Dioscórides, Jerry Stannard defendeu a hipótese de Wellmann em que este admite que, provavelmente, mais do que plágio, ambos os autores se basearam nos mesmos textos para redigir as suas obras.

⁵⁵⁸ Sobre a influência desta escola médica ver Jerry Stannard, “Dioscorides and Renaissance materia Medica”, pp. 7-8.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

persa surgiu no século IX, em Bagdad, passando o saber de Dioscórides a integrar os tratados de farmacologia orientais.⁵⁵⁹

Ao longo da Idade Média muitos foram os autores que se socorreram do texto de Dioscórides para suportar as suas obras. A enciclopédia *Speculum Naturale* de Vincent de Beauvais (f. 1264) ou o *Buch der Natur* de Konrad de Mergenberg (c. 1309-1374), mantiveram vivo o *De Materia Medica* ao longo dos séculos XII-XIV.

Apesar de uma mais discreta divulgação do texto integral de Dioscórides durante a Idade Média, o descrédito da escola de Salerno, a recusa do saber árabe e a valorização dos herbários vieram, no final do século XV, a reacender entre os sábios europeus, o interesse pelo *De Materia Medica*.

O incunábulo latino surgiu na Europa em 1478. Só em 1499 foi publicada, em Veneza, nas oficinas de Aldo Manucio, a primeira edição baseada no texto original grego. Confrontada com esta nova versão, a comunidade de letrados da Europa compreendeu o erro em que vivia. Em 1516, Jean de Ruelle produziu uma versão latina, a partir da edição de Manucio.⁵⁶⁰ Outros autores se lhe seguiram, editando versões em vernáculo – nomeadamente em holandês, francês, italiano, castelhano, ou alemão - ou comentários mais ou menos longos, que tornaram a velha obra de Dioscórides num dos tratados médico-botânicos de maior divulgação na Europa de Quinhentos.⁵⁶¹

⁵⁵⁹ O *Codex Constantinopolitanus*, também conhecido como *Juliana Anicia Codex* (c. 512), é o mais antigo manuscrito que se conhece. No entanto, dado que permaneceu inédito até há pouco tempo, parece não ter influenciado os médicos e botânicos europeus do Renascimento.

⁵⁶⁰ Jean de Ruelle /Reullius (1474-1537) médico e religioso. Preocupou-se com a revisão filológica dos textos da Antiguidade, restituindo-lhe a verdade original. Até 1544 a sua edição do Dioscórides foi reeditada 22 vezes. Orta refere-se com muita admiração a este autor. Cita-o a propósito do aloés, do altith, do benjoim, do cálamo aromático, da cânfora, do cardamomo, da canela, das cubebas, dos figos-da-Índia, do cravinho, do linaloes ou da zedoária.

⁵⁶¹ Sobre as edições e a circulação das versões deste tratado, no século XVI, ver Jerry Stannard, “Dioscorides and Renaissance materia Medica”, pp. 9-10. Para além dos tratados de Ruelio, Laguna ou Mathioli, Garcia de Orta refere-se a uma versão do *De Materia Medica* que não identifica. Talvez porque não aludisse a nenhum comentário em particular mas apenas porque se referisse à tradução do texto grego, que é semelhante em qualquer das versões. Assim, Orta referiu-se aos escritos deste autor relativamente ao aloés, ao amomo, ao altith, ao benjoim, ao cálamo aromático, à cânfora, aos cardamomos, à canela, ao coco, às cubebas, ao fólio índico, à galanga, ao cravinho, ao gengibre, à laca, ao linaloes, ao cate, à noz-moscada, aos mirabolanos, à pimenta, ao espiquecardo, ao espódio, ao esquinanto, ao tamarindo, ao turbit, ao incenso, à mirra, à zedoária e ao zerumbet,

Durante o século XVI, os sábios europeus, como Amato Lusitano⁵⁶², Pier Andrea Mathioli⁵⁶³ ou de Andrés de Laguna⁵⁶⁴ fizeram traduções e ensaiaram comentários ao *De materia medica*. A obra de Mathioli, para além da versão latina (francesa, checa ou italiana) do texto de Dioscórides, inclui detalhados comentários baseados numa profunda revisão dos textos Clássicos e Modernos, que confrontava com informes que lhe traziam informadores dignos de crédito. Tirando partido do acesso a novos exotismos trazidos por viajantes, ou de espécimens aclimatados no seu jardim botânico, Mathioli complementou o texto original com novidades botânicas e zoológicas. Estes herbários, profusamente ilustrados, faziam as delícias de boticários, médicos, botânicos ou simples curiosos, que se começavam a interessar pela diversidade do mundo natural.

Garcia de Orta ousou corrigir os textos de matéria médica em circulação no seu tempo. Com a célebre frase:

⁵⁶² Amatus Lusitanus/João Rodrigues Castelo Branco (1511- 1568), foi autor de uma vasta obra médica, de entre a qual se destacaram neste âmbito os comentários a Dioscórides: Ioanne Roderico Casteli Albi, *Index Dioscoridis*, Antuérpia, M. Keyser, 1536 e Amati Lusitani, *In Dioscoridis Anazarbei De Materia Medica libros quinque Enarrationes eruditissimae*, Veneza, Scoto, 1553. Nesta obra, Amato apontou múltiplos erros ao texto de Mathioli que lhe valeram uma resposta violenta do médico de Siena. O desentendimento entre Mathioli e Amato Lusitano foi público, tendo o italiano redigido um texto áspero reagindo às críticas que o médico português lhe dirigira. Este opúsculo, que Mathioli fez questão de colocar apenas a todas as edições posteriores a 1558, listava 20 *calumniae* e 111 *censores Mattioli*, que acusavam, não apenas a ignorância do lusitano, como também denunciavam a sua apostasia. Sobre Amato há uma vastíssima bibliografia que não pretendemos esgotar. Para além do estudo de Andrade Gouveia, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu tempo*, salientamos alguns dos recentes estudos de António Lopes de Andrade, "As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno", pp.7-14 ou António Lopes de Andrade, "De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família", pp.5-16 assim como a obra de João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra*. Orta aludiu, explicitamente, uma única vez ao texto de Amato, a propósito da canela (Orta, I:210).

⁵⁶³ Pier Andre Mathioli (1501-1577) foi autor de uma vasta obra médica da qual se destacam a versão latina de Dioscórides comentada (1544) e a versão italiana (1545). Nestes tratados, para além das numerosas gravuras, o médico enriqueceu a descrição de cada *simples* com comentários eruditos. Como demonstraremos no capítulo seguinte, Garcia de Orta conhecia a fundo este texto que usou sem cerimónias. Garcia de Orta citou-o, por exemplo, a propósito do aloés, do amomo, da assa-fétida, das cânforas, da canela, do elefante, do fólio índico, dos mirabolanos, da raiz-da-China, dos sândalos, do espiquenardo, do turbit ou da zedoária. Sobre Mathioli ver: Arber, A, *Herbals*, pp. 92-103; Ogilvie, B. *The science of describing*, pp. 25-86.

⁵⁶⁴ Andrés de Laguna (1511-1559). Orta aludiu à obra deste autor quando se referiu ao aloés, ao âmbar, ao amomo, aos cardamomos, à cassia fistola, à canela, ao coco, ao costo, ao fólio índico, ao cate, à pimenta, à raiz-da-China, ao espiquenardo, ao tamarindo ou ao turbit. Retomaremos mais à frente a relação entre Orta e Laguna. Sobre Andrés de Laguna ver: M. A. González Manjarrés, *Andrés Laguna y el humanismo médico*. pp. 1-73.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

“Nam me ponhais medo com Dioscorides, nem Galeno; porque não ey de dizer senão a verdade e o que sey.” (Orta, I:105), o físico reafirmou o seu projecto intelectual.⁵⁶⁵

Com intuito de repor a verdade relativamente ao mundo natural da Ásia, destacando-se entre aqueles que então participavam na construção de uma história do saber, o médico afrontou autoridades Antigas e Modernas.

Desafiando, como poucos, o saber botânico dos Gregos, Orta tentou incutir nos seus leitores um maior respeito pelos autores árabes. Ao referir-se aos comentadores de Dioscórides, seus contemporâneos, rogou a Ruano:

“Nam vos queria ver tam affeioado a estes escritores modernos, que por louvar muyto aos Gregos dizem mal dos Arábios e dalguns Mouros naçidos em Espanha, e de outros da Pérsia, chamando-lhes Maumetistas bárbaros (que elles tem por pior epíteto que quantos há no mundo), em especial os italianos.” (Orta, I:31).

Nalguns colóquios mais à frente, Orta instruiu o seu interlocutor, dizendo-lhe:

“Podeis dizer a Ruélio e a Mateolo Senense, que, ainda que saibam tam bem as linguas grega e latina, nam hão tanto de encher a boca a chamar bárbaros aos que nam sam de sua geraçam...” (Orta, I:159).

Estes dois autores são citados com frequência nos *Colóquios*. Relativamente ao primeiro, Orta considerava-o “homem assaz douto e digno de muito louvor” (Orta I:85) para além de “tam diligente escriptor e tam lido” (Orta I:360). No entanto, não deixou de assinalar as múltiplas imprecisões que o sábio francês publicou⁵⁶⁶, dizendo mesmo

⁵⁶⁵ Ao longo da obra, Orta recordou ao seu interlocutor, aquele que foi o seu ponto de partida. “Não vos pareça que Galeno e Dioscórides escreverão tudo; que muytas cousas deixarão de escrever, que não vieram á sua notícia; e Serapio, e os Arábios falarão de ouvido nas mezinhas da India, e como virão que aproveitava pera alguma cousa alguma mezinha escrita pellos Gregos, logo diziam esta he mezinha de que usam os Indiso, e que os Gregos chamão por tal nome. E ajudaos a ser enganados não saber a lingoa grega muyto bem.” (Orta, I:289). Na opinião de Orta, os tratados em circulação, acumulavam múltiplos erros e imprecisões relativamente às drogas do Oriente.

⁵⁶⁶ Para além da versão latina do *De Materia Medica* de Dioscorides, Ruélio publicou outros textos. Garcia de Orta cita algumas vezes o *De natura stirpium liber tres* (Orta, I:85).

que “se açerta em huma cousa erra em muytas (como quem diz huma no cravo e quatro na ferradura” (Orta, I:332).

Apesar de considerar Mathioli um “homem douto [não disse] tantas verdades como [as que] eu contei ” (Orta, I:314), Garcia de Orta não se coibiu de o corrigir. Assinalando, sempre que se justificou, as imprecisões de tão sábia figura, o médico foi mais brando com o seu colega italiano recorrendo a um suave “não parece dizer bem Mateolo Senense” (Orta, I:29). Esta foi, na realidade, uma fórmula bem mais delicada do que aquelas que aplicou a outros estudiosos, como, por exemplo, a Andrés de Laguna.

Laguna foi, no seu tempo, um dos mais eminentes médicos de Castela. Natural de Segóvia, fez estudos de Artes na Universidade de Salamanca.⁵⁶⁷ Tendo-se transferido para Paris, no início da década de 1530, terminou nesta cidade os seus estudos em Artes e obteve o grau de Bacharel em Medicina na Universidade parisiense no ano de 1534. Depois de múltiplas deambulações pelas cidades europeias, instalou-se em Itália onde obteve, em 1545, o grau de Doutor, na escola médica de Bolonha. Foi na península italiana que Andrés Laguna encontrou o patrocínio e protecção de Francisco de Bovadilla y Mendoza, o conhecido Cardeal Mendoza. Durante a sua permanência em Roma aproximou-se da Curia Papal. Médico privado dos Papas Paulo III (p.1534-1549) e Júlio III (p.1549-1555), entre 1545 e 1554, Laguna publicou durante este período um extenso estudo sobre a obra de Galeno, *Epitomes omnium Galeni Pergameni operum*, Veneza, 1548, obra de monumental envergadura, que o projectou no meio erudito, sendo considerado um dos mais sábios da Europa de então.⁵⁶⁸ Em 1555, publicou em Antuérpia a versão castelhana comentada do *De Materia Medica* de Dioscórides, tratado que teve ampla circulação na Europa.⁵⁶⁹

⁵⁶⁷ Segundo M. A. González Manjarrés, Laguna conheceu Amato Lusitano e Garcia de Orta em Salamanca. Para este investigador, Laguna integrou esta escola com apenas 14 anos. Corria então o ano de 1525, data em que Garcia de Orta já estava de regresso a Portugal, pelo que não nos parece possível que os dois médicos se tivessem encontrado nesta Faculdade. Sobre Laguna ver: M. A. González Manjarrés, *Andrés Laguna y el humanismo médico*. pp. 1-73; M.A. González Manjarrés; Pérez Ibáñez M.J., Andrés Laguna y Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos. *La Universitat de València i l'Humanisme*, pp. 689-711.

⁵⁶⁸ Pela análise das epístolas dedicatórias que antecedem cada secção pode reconstruir-se o círculo de grandes nomes que patrocinavam Laguna. Destacam-se, entre eles: Cosme de Medici (secção III), Arias Gonzalo, conde de Puñonrostro (secção IV), Gaspar de Hoz, (secção IV), Francisco Duarte (Index da obra). A *Annotationes*, que publicou mais tarde em Veneza, tinham uma dedicatória a Diego Hurtado de Mendoza, o então embaixador de Carlos V junto da Corte Papal, em casa de quem Laguna se alojou,

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

Partindo do texto grego de Dioscórides, Laguna incluiu comentários, não tão amplos como os de Mathioli, e adicionou sugestivas figuras. Obra que Garcia de Orta consultou e referiu amiúde, continha, no entanto, numerosos erros no que respeitava às plantas asiáticas. Apesar de Ruano parecer admirar a obra e o autor, que qualificou de “escritor diligente” (Orta, I:258), Orta manifestou uma certa desafeição por este seu colega.⁵⁷⁰ Sinal disso é, do nosso ponto de vista, o trocadilho que Orta criou para o designar. Em vez de “Laguna”, o nosso médico referiu-se sempre a este autor como “Tordelaguna”.⁵⁷¹ Para além desta troca de nome, bastante indesejável entre os cultores da filologia, Garcia de Orta corrigiu com frequência as afirmações deste médico. Desmentiu-o nas suas afirmações acerca do aloés ou do cardamomo, respondendo a Ruano, a propósito desta especiaria: “O que dizeis de Tordelaguna he craro ser falso...” (Orta, I:178). Ao descrever o coco, Ruano afirmou: “porque tambem diz Tordelaguna que fazem della tapizes ou esteiras pintadas” ao que Orta respondeu: “Não teve razão, nem boa enformação diso.” (Orta, I:237). As discordâncias

durante a sua temporada veneziana. M.A. González Manjarrés, *Andrés Laguna y el humanismo médico*, pp. 63-65.

⁵⁶⁹ Até 1559, data da sua morte em Guadalajara, Laguna publicou outros tratados médicos e textos literários, que no contexto da presente análise não se justifica detalhar.

⁵⁷⁰ Ao longo de *Colóquios*, Garcia de Orta trocou o nome a Laguna, referindo-se-lhe como ‘Tordelaguna’. Inquirido por Dimas Bosque sobre tal vocativo, Orta afiançou-lhe que o termo “Tordelaguna” fora um lapso seu. O médico desculpou-se admitindo que lera mal o nome do diligente autor na página de título do seu livro. Esta explicação parece-nos insatisfatória já que Orta a seguir acrescenta: “porque conheci em Alcalá a ouvir medicina hum, que se chamava Tordelaguna, o qual avia sido buticario, e sabia algum pouco de arábio, e era grande ervolario, e por isso me pareceo que devia ser esse; mas folguo de o não ser; porque o outro era meu amigo, e não avia de folgar de errar de tal maneira como este errou” (Orta, II:379). Um dos termos que Orta corrigiu na extensa errata foi precisamente o “Tordelaguna” que substituiu por “Laguna”. No entanto, esta correcção não foi sistemática havendo exemplos em que o termo “tordelaguna” foi corrigido para “Tordelaguna”. Ficou-nos assim a dúvida se o erro de Orta fora involuntário ou propositado, tendo assim algum significado ainda por esclarecer. Analisando, no entanto, o exemplar facsimilado, verificámos que o nome do médico, apesar de surgir grafado na maior parte das vezes (em oito colóquios) como “Tordelaguna”, também surgiu, em dois colóquios, como “odelaguna” (Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, [1563], 1563, fl. 202 f e f. l210 f), o que pode revelar uma má interpretação do texto manuscrito durante o trabalho de composição. Esta hipótese parece-nos algo incompatível com a justificação que Orta deu a Dimas Bosque e que acima transcrevemos. Uma das correcções que o Conde de Ficalho introduziu na versão de *Colóquios dos Simples*, que publicou na INCM, foi a substituição sistemática de todas as ocorrências de “Tordelaguna” pela designação correcta “Laguna”. Deste modo, no texto de Ficalho, este engano de Garcia de Orta foi apagado. Baseando-nos no texto fac-similado da Academia das Ciências optámos por recuperar este vocábulo por entendermos que pode representar alguma pista que esclareça a relação entre Orta e a elite erudita que Laguna representava.

⁵⁷¹ Uma das qualidades que Baldassar Castiglione enalteceu no seu cortesão-ideal foi a subtilidade no emprego da linguagem. O recurso a jogos de palavras, metáforas, trocadilhos, *facécias* ou palavras de significado ambíguo, introduzia no discurso interpretações jocosas tão desejáveis ao ambiente cortesão. Subtileza nos trocadilhos é o que encontramos nesta referência de Garcia de Orta a Andrés de Laguna. Ver: Baldasar Castiglione, *O livro do cortesão*, pp. 138-145.

entre Orta e Laguna estendem-se a outros *simples* e drogas como a canela, a raiz da China, o tamarindo ou o turbit. Produtos usados com frequência na farmacopeia europeia e a propósito dos quais circulavam notícias contraditórias. Não deixa de ser curiosa a alusão que Laguna fez à Casa da Índia, em Lisboa. O médico escreveu: “...diz Tordelaguna, que quem for á casa da India de Lixboa, achará todas as especias de cinamomo, diguo eu que se entende que se achará cinanmomo bom e corrompido, e achará outro melhor, e outro muito melhor, mas não achara as cinco especias distintas, que elle diz” (Orta, I:210). O valor desta deambulação de Laguna pelo entreposto comercial lisboeta, a que este fez alusão nos Comentários a Dioscórides e que, aparentemente lhe servia de suporte experimental, era assim posto em causa por Orta.⁵⁷² No Oriente, o médico estava atento à produção e embarque das drogas que anualmente eram enviadas para a capital do Reino.⁵⁷³

Mesmo quando Laguna atestava uma novidade alegando o testemunho de um mercador, como aquele que, em Veneza, lhe mostrou os cardamomos, Orta questionava a qualidade do informante (Orta, I:178).

O saber deste “escritor diligente”, que Ruano frequentemente citava, esbarrava assim na evidência observada por Orta ou na sua própria experiência. Este Tordelaguna, que Garcia de Orta representou, recorda-nos o Doutor Laguna que Amato Lusitano fez entrar num diálogo que inclui na Terceira Centúria, Cura XLIV. Um Laguna que tinha o saber dos Gregos “bem apertado entre as mãos.”⁵⁷⁴

Ruélio, Mattioli e Laguna foram assim os tradutores e comentadores de Dioscórides que Garcia de Orta mais citou. Outros comentários e anotações, como os de Hermolaus Barbarus, de Marcello Virgilio ou de Valerius Cordus⁵⁷⁵, não ressoaram de forma tão constante no seu trabalho, talvez porque não tivesse acesso a estas obras.

⁵⁷² Laguna, *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv. I, Cap. 12, p. 21.

⁵⁷³ Para além de conhecer as drogas, Orta fora, como já referimos, feitor das Drogas estando encarregue de preparar as encomendas de produtos destinados ao Reino (Orta, I:259 e Orta, II:328).

⁵⁷⁴ Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, vol I, p.345. O trabalho de M.A. González Manjarrés, M.J. Pérez Ibáñez acima referido tem uma interessante análise sobre a personalidade deste Laguna aos olhos de Amato Lusitano.

⁵⁷⁵ No *Colóquio de duas maneiras de Cardamomo e das Carandas* pode ler-se: “e elle [Cordo] nos Dioscorides que fez debuxar, pinta o assi; e diz que estes grãos estão metidos nas outras cabeças grandes...” (Orta, I:176-177). Segundo Ficalho, Orta estava familiarizado com esta edição ilustrada de Cordo. Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 292.

5.2.3. *Canon* de Avicena

Avicena [Ibn Sina, Abu Ali al-Husain ibn Abdallah ibn Sina] (980-1037) foi médico, filósofo, astrónomo, músico e político. Ao longo da sua vida, percorreu a Pérsia, desde Boukhara até Hamadam, onde morreu em missão militar.⁵⁷⁶ Considerado pelos seus contemporâneos *Príncipe de toda a sabedoria*, consagrou longas horas da sua vida ao estudo. Partilhando a sua vida entre a leitura, o ensino e a prática médica, Avicena dedicou-se também à reflexão filosófica.⁵⁷⁷ Homem de uma prodigiosa memória, amplo conhecedor dos textos de Aristóteles, Platão ou Galeno, desde cedo se devotou a redigir-lhes detalhados comentários. Autor de uma vastíssima obra, infelizmente em grande parte hoje perdida, redigiu a sua auto-biografia, na qual evidenciou os principais momentos da sua vida.

Apesar da oposição de muitos sábios europeus do Renascimento relativamente aos tratados médicos arábicos, o *Canon* de Avicena continuou a ser uma obra amplamente estudada nas escolas médicas europeias.⁵⁷⁸ Como afirmou Marie-Thérèse d'Alverny, "Il suffit de parcourir le catalogue d'une grande bibliothèque pour constater l'importance des éditions vénitiennes dans la reproduction et la diffusion des œuvres du médecin-philosophe [Avicena], honneur de la culture islamique, et l'un des maitres de la culture occidentale."⁵⁷⁹ Nas escolas médicas dos finais do século XV, o *Qānūn* era cotejado com as obras de Galeno. A versão usada era sobretudo a velha tradução realizada em Toledo por Gerardo de Cremona, nos finais do século XII. De entre os tradutores que divulgaram os textos científicos arábicos no Ocidente, Gerardo de

⁵⁷⁶ Sobre a vida de Avicena ver : Nancy G. Siraisi, *Avicenna in Renaissance Italy*; Danielle Jacquart, Françoise Michaud, *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, pp. 74-86, Jon McGinnis, *Avicenna*, pp. 3-26, Paul Mazliak, *Avicenne et Averroès*, pp. 11-22 ou Tavares de Sousa. *Curso de História da Medicina*, pp. 164-167.

⁵⁷⁷ Muitas dos conhecimentos e concepções filosóficas de Avicena, encontram-se reunidas no *Kitab al-Shifa* – Livro da cura (da alma) – enciclopédia filosófica do 'conhecimento teórico' (física, matemática, metafísica) e do 'conhecimento prático' (ética, economia, política).

⁵⁷⁸ Vertido em latim por Gerardo de Cremona, o *Cânon* foi impresso, em edições totais ou parciais, 16 vezes, até finais do século XV (15 em latim e 1 em hebraico). Do século XVI, conhecem-se mais de duas dezenas de edições. O texto de Cremona foi um dos que Andrea Alpago Bellunense trabalhou na preparação do texto que veio a publicar *Principis Avicennae Libri Canonis ...Venetiis, in edibus* L.A. Junatae, 1527. Garcia de Orta refere-se com frequência à versão do 'Belunense'.

⁵⁷⁹ Marie-Thérèse d'Alverny, *Avicenne en Occident*, p.84.

Cremona foi um dos primeiros a dedicar-se à literatura médica.⁵⁸⁰ Foi através das suas versões latinas que grande parte do saber médico do mundo helénico e muçulmano chegou até à Europa Cristã. Deste modo chegaram ao Al-Andalus obras de Rhazis⁵⁸¹, Avicena, Serápio⁵⁸², Albucassis⁵⁸³ ou Ali ab Rodohan⁵⁸⁴, entre outros⁵⁸⁵. Os dois primeiros tratados integraram os *curricula* universitários, enquanto o texto de Serápio pelo seu carácter pragmático, foi amplamente usado na terapêutica e serviu de base a tratados médico-cirúrgicos tardo medievais. Para além destas obras, os tradutores de Toledo verteram também para latim as obras de Galeno, assim como outros tratados científicos, cedendo à Europa os saberes da cultura helénica.

⁵⁸⁰ Constantino-o-Africano, em finais do século XI, tinha já traduzido para latim o tratado de Ali Ibn Abbas [Haly Abbas]. No entanto, foi ao longo do século XII, com a criação em Toledo de um Colégio de Tradutores que João de Sevilha e Domingos Gonzales se dedicaram à tradução para latim de alguns tratados médicos. Gerardo de Cremona deu continuidade ao trabalho iniciado por estes tradutores e cedeu à Europa uma ampla diversidade de obras médicas da Antiguidade. Ver: A. Tavares de Sousa. *Curso de História da Medicina*, pp. 200-202.

⁵⁸¹ Razés [Al-Razi, Muhamed ibn Zakarya al Razi] (850-923) nasceu na Pérsia, próximo de Teerão. Da sua ampla obra, na qual se destacavam 113 volumes de grande envergadura e 28 menores, uma importante parte considera-se hoje perdida. O seu principal tratado, *Kitab al-hawi* (em latim *Liber Continens*) é uma grandiosa enciclopédia que reúne os seus escritos de medicina e cirurgia. Traduzida para latim, em 1272, por Faraj Bem Salim, foi impressa pela primeira vez em Brescia, em 1486. Em Veneza surgiram outras edições durante o século XVI. Um outro texto de Razés que alcançou grande divulgação foi o tratado que dedicou ao príncipe Almansur, *Kitab al-Mansuri* (em latim, *Liber medicinalis ad Almansorem*). O amplo tratado de anatomia, dietética, terapêutica e higiene foi vertido para latim por Gerardo de Cremona. Sobre a obra deste estudioso ver: Danielle Jacquart, Françoise Michaud, *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, pp. 55-68 ou A. Tavares de Sousa. *Curso de História da Medicina*, pp. 162-163. Garcia de Orta referiu-se à obra deste autor, nomeadamente a propósito da cânfora, dos cardamomos, da canela, dos cocos, da cólera, dos figos-da-índia, do fólio índico, do cravinho, da laca, do cate, do sândalo, do tabaxir, do turbit, da zedoária ou do zerumbet.

⁵⁸² O livro de Serápio-o-moço foi um dos mais completos tratados de matéria médica deixados pelos escritores arábios. A versão latina dos seus escritos – *Liber Serapionis aggregatus in medicinis simplicibus, translatio Simonis Januensis interprete Abraham Judeo*, Estrasburgo, 1531 foi amplamente citada por Garcia de Orta, a propósito nomeadamente do aloés, do anacardo, do cálamo aromático, da cânfora, do cardamomo, da cássia fístola, da canela, do coco, do costo, da cubeba, da areca, do fólio índico, da galanga, do cravinho, da laca, do linaloes, do cate, da noz-moscada, do melão-da-india, dos mirabolanos, das pedras preciosas, da pimenta, dos sândalos, do esquinanto, do tamarindo, do turbit, da tutia, da zedoária ou do zerumbet.

⁵⁸³ Albucassis [Abu-L-Qasim] (c. 936-c.1009) redigiu uma obra em 30 volumes, *Kitab al-Tasrif*, que é um tratado de medicina e cirurgia. Foi vertido para latim por Gerardo de Cremona e teve uma enorme influência na prática cirúrgica dos séculos subsequentes.

⁵⁸⁴ Haly Rodoam escreveu uns comentários sobre Galeno que foram incorporados na colectânea *Articella*. Orta citou-o no Colóquio do aloés como sendo familiar aos médicos da Índia. Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, p. 289.

⁵⁸⁵ Tomem-se, a título de exemplo, as seguintes obras: Rházis, *Libera ad Almasorem, de divisionibus, Liber introductorius in medicina parvus*; Avicena (Ibn Sina), *Canon*; Serapião (Ibn Sarābyun), *Breviarium* ou *Practica medicina*; Abenguefit (Ibn Wafid) *De medicinis simplicibus*; Albucasis (Abu-l-Qasim az-Zahrawi) *Chirurgia*; Ali ab Rodohan (Ali ibn Ridwan) comentário ao *Tegni* de Galeno, etc. Danielle Jacquart e Françoise Micheau, *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, pp. 150-151.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

A versão latina do *Canon* de Avicena que mais impacto teve na Europa de Quinhentos foi editada em Veneza. O principal responsável por esta versão foi Andrea Alpago, um dos mais ilustres representantes de Veneza no Levante.⁵⁸⁶ Este italiano desempenhou funções diplomáticas em Damasco, cidade onde se situava o Consulado da *Sereníssima* na Síria. Médico de formação, este sábio oriundo de Bellune, deambulou pelo Médio Oriente, Chipre, Síria e Egipto, recolhendo manuscritos “científicos”. Particularmente fascinado pela personalidade e obra de Avicena, dedicou parte da sua vida à tradução do texto médico. A morte apanhou-o sem que tivesse publicado os seus trabalhos. Foi graças a Paolo Alpago, seu sobrinho e fiel companheiro de viagem, que a obra de Andrea Alpago de Bellune foi publicada. O texto medieval, para além de revisto, tinha também sido acrescentado com comentários e anotações resultantes da experiência clínica do médico veneziano.⁵⁸⁷

O volumoso *Canon* foi composto em verso. O poema médico, composto por 1316 versos, estava dividido em duas partes: a teórica e a prática. Na primeira parte, Avicena apresentou os conceitos fisiológicos fundamentais, assim como as causas e sintomas das principais doenças. A segunda parte ensinava como manter a saúde e curar as doenças, recorrendo a dietas e medicamentos. Para Avicena, como para muitos dos médicos do seu tempo, a medicina, mais do que curativa era preventiva. A dietética, a higiene e a profilaxia desempenhavam um lugar importante nas suas teorias. Saber escolher uma alimentação equilibrada, assegurar uma conveniente

⁵⁸⁶ Marie-Thérèse d’Alverny, «Andrea Alpago interprète et commentateur d’Avicenne », in: Marie-Thérèse d’Alverny, *Avicenne en Occident*, pp. 1-6 e Francesca Lucchetta, *Il medico e filosofo Andrea Alpago*.

⁵⁸⁷ *Principis Avicennae Libri Canonis necnon de medicinis cordialibus Cantica...ab Andrea Bellunensi ex antiquis Arabum originalibus...correcti...una cum interpretatione nominum arabicorum*. Venetiis, in edibus L.A. Juntae, 1527. Uma reedição publicada por Paolo Alpago, em 1544, incluía uma curta biografia de Avicena que, a partir dessa data, passou a constituir a biografia autorizada do sábio persa. Ver « Avicenne et les médecins de Venise », in: Marie-Thérèse d’Alverny, *Avicenne en Occident*, pp. 177-198. É provável que esta fosse uma das edições que Garcia de Orta consultou para a redacção de *Colóquios dos Simples*. Como sublinhou Ficalho, Orta confrontou várias vezes os textos de Gerardo de Cremona e André Alpago o que lhe sugeriu que o médico tivesse acesso às duas versões. A referência ao texto de Avicena é constante. Garcia de Orta revelou uma grande admiração pelo sábio persa e pela sua obra. Sem incorrer em grande risco, podemos afirmar que o texto do médico está omnipresente nos *Colóquios*. Orta recorre à autoridade de Avicena para descrever a âmbar, o amomo, o anacardo, o althith, o cálamo aromático, a cânfora, os cardamomos, a cássia fistola, a canela, o coco, o açafraão da Índia, as cubebas, os figos-da-Índia, o fólio índico, a galanga, o cravinho, a laca, o linaloes, o cate, a noz-moscada, o maná, o melão-da-Índia, o mungo, os mirabolanos, o ópio, as pedras preciosas, a pimenta, os sândalos, o espiquenardo, o tabaxir, o esquinanto, o tamarindo, o turbit, o incenso, a mirra, a tutia, a zedoária, o zerumbet, ou o bétele.

evacuação, manter a pureza do ar e da água, preservar-se das infecções, praticar actividade física, preferir locais arejados e ensolarados, manter uma vida saudável e equilibrada, eram alguns dos pilares da teoria médica de Avicena. Na opinião do seu autor, os jovens aspirantes a médicos teriam mais facilidade em aprender de cor os conteúdos científicos se estes estivessem inseridos num texto poético. Avicena propôs uma nova codificação do saber médico greco-árabe. O conteúdo, que acolheu muitas influências das obras de Hipócrates⁵⁸⁸, Galeno⁵⁸⁹, Dioscórides, não difere muito dos apresentados por autores anteriores. Composto por cinco livros, dividiu cada um destes em partes – *Fen* – e estas em capítulos.

O primeiro livro estabelecia uma teoria da medicina. Nele, Avicena expôs aspectos relativos à anatomia, fisiologia, patologia, profilaxia, higiene e terapêutica. No segundo livro listava um inventário de cerca de 760 medicamentos simples, apresentados por ordem alfabética, sendo explicados o seu emprego e modo de actuação. O conjunto de *simples* descrito por Avicena revelou-se mais completo do que os apresentados pelos Gregos. O terceiro livro era um tratado sobre doenças, que descrevia as patologias que afectavam o corpo humano, começando pela cabeça e

⁵⁸⁸ Hipócrates de Cós (sec. III a.C.) lançou as bases de uma ciência médica independente da filosofia. O amplo conjunto de textos designado *Corpus Hippocraticum* reúne uma grande variedade de escritos médicos, que se pensa terem sido redigidos por diversos autores. No seu conjunto, esta colecção de textos deveria integrar ao espólio daquela que hoje se admite ter sido a Biblioteca da Escola de Cós. A medicina Hipocrática, fundadora da teoria humoral, corresponderia à leccionada nesta escola médica, que foi amplamente divulgada na Idade Média. Os quatro humores fundamentais – o sangue, quente e húmido como o ar; a bilis amarela, quente e seca, como o fogo; a bilis negra, fria e seca como a terra; a pituita, fria e húmida como a água, no seu equilíbrio e correcta proporção da sua mistura eram a condição para o estado de saúde. Dele dependiam também os diversos temperamentos dos indivíduos. A sua perturbação conduzia à doença. A primeira edição latina moderna dos textos hipocráticos data de 1525, tendo sido editada em Roma por Fabius Calvus. De entre os textos incluídos nesta colectânea, encontra-se o *Juramento Hipocrático*, declaração que todos os aspirantes a médicos deviam jurar.

⁵⁸⁹ A doutrina dos quatro elementos – fogo, ar, água e terra – e das quatro qualidades fundamentais – o quente, o frio, o húmido e o seco – continuava a dominar o mundo científico. No entanto, em Galeno surgiu mais elaborada do que a de Hipócrates já que, a cada qualidade, atribuiu quatro graus. Aumentando a complexidade do sistema, tornou-se mais difícil a sua aplicação. Apesar das variantes introduzidas, a teoria humoral continuava a ser a base da sua Medicina. O diagnóstico era por isso baseado na observação dos sintomas objectivos e no exame dos humores. O estudo do pulso fazia também parte da observação, distinguindo Galeno 40 variedades de pulso. A terapêutica preconizada visava restabelecer o equilíbrio humoral. Para além de uma rica e complexa matéria médica, Galeno serviu-se com mestria da dietética, escrupulosa e minuciosamente regulada, da sangria, da aplicação de ventosas, do repouso e do exercício físico ou da massagem. Galeno dedicou vários tratados ao estudo das faculdades e temperamentos dos medicamentos e à sua composição, descrevendo centenas de medicamentos, sobretudo de origem vegetal, mas também mineral e animal. As diferentes substâncias medicamentosas eram quase sempre empregues em misturas de grande complexidade. A Teriaga – considerada como antídoto contra todos os venenos - na receita de Galeno continha 73 constituintes, muitos deles de origem asiática. Ver: A. Tavares de Sousa. *Curso de História da Medicina*, pp. 110-138.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

descendo gradualmente até chegar aos pés. Seguiu-se depois um livro sobre doenças que afectavam todo o corpo: edemas, ferimentos, abscessos, hemorragias, luxações, fracturas, febres, varíola ou envenenamentos. O quinto livro, que designou *Antidotário*, possuía um formulário onde descrevia em detalhe as formulações e receitas para se prepararem medicamentos compostos. Este derradeiro livro tornou-se, rapidamente, num dos textos de ‘farmacoterapia’ da maior autoridade.

Mais do que os conteúdos programáticos do projecto de Avicena, a inovação da sua obra adveio do esforço de encarar a medicina como uma ciência racional, recorrendo, para tal, às regras da lógica. Recusando liminarmente as deduções astrológicas⁵⁹⁰, o tratado procurava estabelecer diagnósticos analisando as causas e preconizando tratamentos adequados.

Avicena definiu claramente quais os dois métodos que permitiam estabelecer a relação entre natureza, substância e efeito de um medicamento. Um teórico, fundado sobre o conhecimento das *qualidades* dos seus constituintes, outro indutivo, deixando lugar à observação. Defendia assim que se podia conhecer a virtude dos medicamentos por duas vias: a racional e a experimental. A experiência era, tal como defendera Galeno, uma ferramenta fundamental para compreender as qualidades das plantas usadas.⁵⁹¹ Apesar de ter redigido a maior parte das suas obras em arábico, Avicena escreveu também textos médicos em persa. O *Canon* de Avicena foi desde tempos remotos, ensinado nas escolas médicas da Índia, assim como – graças à versão latina medieval - nas Universidades europeias.⁵⁹²

⁵⁹⁰ Um dos seus tratados tem a sugestiva designação – *Da inutilidade da astrologia*.

⁵⁹¹ Privilegiar a experiência pessoal relativamente à leitura dos textos correspondia, afinal, a um regresso às metodologias propostas pelos sábios helénicos. A observação directa do mundo natural conduzia assim a descrições muito mais fiáveis da Natureza do que limitar-se a comentar textos de outrém. Nicolau Leonicensino, ao analisar os textos de Plínio de Teofrasto, foi mais longe: para o italiano, as suas próprias observações do mundo vegetal eram mais válidas do que as duvidosas transcrições efectuadas por estes autores da Antiguidade. Como escreveu no *De Plinii erroribus*, 1529, “We should not deprive ourselves and following always in others’ steps, notice nothing for ourselves: this would be to see with others’ eyes, hear with others’ ears, smell with others’ noses, understand with others’ minds, and decree that we are nothing more than stones, if we commit everything to the judgment of others and decide on nothing ourselves.” (tradução de Brian Ogilvie, *The Science of describing*, p. 129). A metodologia de trabalho de Orta inscreveu-se assim numa lógica de recuperação dos Clássicos, tão cara ao seu tempo.

⁵⁹² Danielle Jacquart e Françoise Micheau, *La médecine arabe et l’Occident médiévale*, pp. 84-85. Nancy G. Siraisi, *Avicenna in Renaissance Italy. The Canon and Medical Teaching in Italian Universities after 1500*.

Um dos autores que Orta mais apreciava era Andreas Alpago, de quem já falámos anteriormente. Autor de um extenso trabalho sobre a obra de Avicena, este italiano de Bellune foi dos autores mais consultados por Orta. Interrogado por Ruano sobre a fidelidade do italiano ao original: “Porque tomaste o cabo do texto emmendado pelo Belunnense, vos pergunto se achaste lá verdadeira essa tradução?”, Orta respondeu “Eu quis experimentar isso muyas vezes que leia o texto pola tradução comum, tendo Aviçena na mão em arábico: nam consentião com o que eu dizia, e, como dizia pello texto emendado com as correições do Belunense, diziamme que assi estava lá.” (Orta,I:36). Desconhecemos que conhecimentos de árabe tinha o médico, mas este estudo poderia ter sido feito com a ajuda de um físico árabe ou de um seu amigo versado no idioma de Avicena.⁵⁹³

Este Bellunense “de quem não dizeis mal e louvais” (Orta I:158) foi um dos autores favoritos de Orta. Mesmo dos erros que Ruano lhe assinalou, Orta o desculpou: “nem da agoa, nem da gradauçam, tem culpa o Belunense, senam o livro do arábico com quem alegua.” (Orta, I:158).⁵⁹⁴ Orta admitiu que o tradutor de Avicena se tinha informado convenientemente e que os seus pareceres eram plausíveis. Assim, no Colóquio 51º, Do Espódio, escreveu: “...e o Belunense diz que há de ser *alcaná* por outra letra, [...] mas eu nunca achei quem lhe chamasse este nome nesta terra.” (Orta, II:304-305). Finalmente, apreciou a capacidade de compreensão do texto de Avicena, que o italiano revelou. Quando o sábio persa vacilava na identificação de alguma droga, André de Belune notava-o. Como disse Orta “nas cousas de duvida faz Avicena dous capítulos, e assi fez [...]. E o Belunensis, na exposiçam dos nomes arábios, parece que cheirou isto; porque fez menção de *zeduar* de *zedoaria*, e de *zerumbet*.” (Orta, II:365).⁵⁹⁵ A fidelidade do italiano a cada uma das questões de Avicena foi assim notada e louvada por Orta, que consultou e citou sobejamente a obra de Alpago. Da sua obra retirou a nomenclatura árabe, as qualidades e gradações das drogas, a sua descrição, as aplicações terapêuticas que Avicena lhes atribuiu assim como numerosas

⁵⁹³ Sobre os conhecimentos de árabe do médico, há um estudo recente de Guy Attewell, “India and de Arabic learning of the Renaissance: The case of Garcia D’Orta”, M.A. thesis, Warburg Institute, London, University of London, 1997, ao qual, apesar dos múltiplos esforços que desenvolvemos junto do autor, ainda não conseguimos aceder, dado que está em preparação para publicação.

⁵⁹⁴ Ficalho identificou este livro com a *Interpretatio* (Orta, I:158).

⁵⁹⁵ Esta observação de Garcia de Orta face às dúvidas de Avicena repete-se em vários momentos do texto. Para além do exemplo explicitado, o mesmo se passou com o açafão da Índia (Orta, I:279) e as galangas (Orta, I:354).

notas marginais, especialmente referências a obras consultadas. Nas *marginalia* do texto de Alpagó estão identificados autores, obras e capítulos onde se encontra informação sobre a droga em causa. Algumas notícias contidas no texto de Belunese foram traduzidas e “copiadas” textualmente para os *Colóquios*. A obra de Avicena, presente na maioria dos capítulos do texto de Orta foi, sem qualquer dúvida, recuperada a partir do texto de Andreas Bellunense.

5.2.4. *Examen omnium* de Antonio Musa Brasavola

Para além deste italiano, surgiu amiúde nos *Colóquios* a referência a um outro físico, Antonio Musa Brasavola (1500-1555). Este professor universitário foi o fundador do jardim botânico de Ferrara, cidade de onde era natural. Publicou, em 1537, *Examen omnium simplicium medicamentorum*⁵⁹⁶, texto que Garcia de Orta comentou frequentemente. Nesta obra, escrita em diálogo, Musa Brasavola compilou “os ditos de todos” (Orta, II:367). Na sua opinião, Teofrasto, Plínio e Dioscórides apenas tinham descrito uma ínfima parte das plantas existentes. Para além da aturada colectânea sobre o saber em circulação na Europa relativo à matéria médica, o seu tratado continha o testemunho das suas observações clínicas. Estas resultavam de ensaios terapêuticos que o médico realizou, aplicando os *simples* e drogas em animais e condenados. Apesar dos esforços que desenvolveu para obter informações novas e fidedignas, Musa nem sempre conseguiu o seu intento.

Orta indignou-se com a falta de rigor de alguns dos informadores do sábio exclamando “Nam sey qual foy o espanhol tam desvergonhado, que disse a Antonio Musa em Ferrara tam grande mentira”⁵⁹⁷ (Orta, I:84). A desconfiança relativamente aos informadores dos europeus foi salientada, tal como já havia sido sublinhada no referido caso do mercador que havia enganado, em Veneza, André Laguna a propósito dos cardamomos. Orta parecia assim querer realçar os múltiplos enganos que,

⁵⁹⁶ Antonio Musae Brasavoli, *Examen omnium simplicium medicamentorum, quorum in officinis usus est*, Lião, 1537. Alguns autores referem uma edição de 1536 que não conseguimos localizar. Orta referiu-se à obra deste médico de Ferrara com muita admiração. Aludiu ao seu tratado a propósito do aloés, da assa-fétida, do benjoim, da cássia fístula, da canela, do fólio índico, da galanga, do linaloes, do cate, da pedra íman, da pimenta, dos sândalos, do tabaxir, do esquinanto, do tamarindo, do turbit, da zedoária, do zerumbet e do bétele.

⁵⁹⁷ Orta discutiu com Ruano a propósito da confusão entre a árvore do benjoim e do laserpíum.

relativamente ao mundo natural da Ásia, eram difundidos na Europa por viajantes pouco escrupulosos.

Este médico, que Ruano apelidou de “curioso e bem entendido” (Orta, I:355) contactou em Ferrara e Veneza com viajantes oriundos do Oriente.⁵⁹⁸ Apesar das muitas fábulas que lhe contavam, Garcia de Orta salientou esta relação privilegiada do físico com os seus informadores. O médico aproveitou o texto de Musa para desmentir alguns dos mitos sobre a natureza asiática que continuavam a circular na Europa. Quando Ruano afirmou: “Diz Antonio Musa, que os Portuguezes que navegam pera Calecute, acha lá naos com pregos de pao, e que o fazem por causa dos montes de pedra de cevar, que nam traguam o ferro dos pregos pêra si.”⁵⁹⁹, Orta limitou-se a responder: “Isto sam fabulas; porque nunca Portugues vio tal cousa.” (Orta, II:204-205). Por outro lado, afirmou Ruano: “Antonio Musa diz que o sândalo aos Portugueses o devemos; que o trazem do campo de Calecute, onde se colhe...”. Orta, depois de desfazer e justificar o engano do colega transalpino, replicou que “em Calecute não há campo, senam serras e palmares ao longo da praia”. (Orta, II:286). Em alguns momentos, como na graduação da cássia fístola (Orta, I:195), ou no uso dos tamarindos (Orta, II:324), concordou com os juízos de António Musa, o que parece ser revelador de sintonia na experiência clínica.

Apesar da obra do italiano ainda conter alguns mitos e notícias “alhe[as] da verdade” (Orta, II:396), era uma das favoritas do nosso médico. Como sublinhou o Conde de Ficalho, “Entre todos os autores modernos, Antonio Musa era o seu predilecto, aquelle com cujas opiniões mais vezes se conforma; e sem duvida aquelle que mais vezes cita.”⁶⁰⁰ Sir Clements Markham, realçando esta observação, notou: “of all modern writers, Musa was the one with whom Orta most agreed.”⁶⁰¹

⁵⁹⁸ Disse Ruano: “Antonio Musa diz que o vio [folio indo] em Veneza...” (Orta, I:348).

⁵⁹⁹ Esta informação circulava nos relatos dos primeiros viajantes europeus que se aventuraram para Oriente...

⁶⁰⁰ Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 293.

⁶⁰¹ Clements R. Markham, *Colloquies on the simple and drugs of India*, p. 491.

5.3. Convergências e divergências: o olhar de Orta sobre práticas e saberes locais

Ao longo dos *Colóquios*, as conversas entre Orta e Ruano decorreram amenas. Se as regiões de proveniência das drogas ou os nomes locais dos produtos mereciam alguma rectificação, Orta nunca se escusou de os apresentar. Apesar de aceitar, com algumas reservas, a correcção das autoridades do passado, Ruano compreendia que a distância a que estes autores se encontravam dos centros de origem das plantas descritas justificava a difusão de notícias inexactas. O que, aparentemente, Ruano não esperava era que Orta questionasse as práticas médicas ensinadas nas escolas castelhanas. Perante múltiplas críticas que o físico teceu relativamente à medicina europeia, Ruano sentiu-se na obrigação de reagir, dizendo: “Pareceme que desfazeis toda a física e todo o modo de curar; portanto tende mão em vós...” (Orta, I:180).

Ao chegar ao Oriente, Garcia de Orta deparou-se com mezinhas diversas, novas patologias assim como com experiências e saberes médicos distintos dos que aprendera na Europa. As epidemias de cólera, as febres, as diarreias, as doenças venéreas, as sarnas e muitas outras maleitas invulgares no Ocidente, desafiavam o especialista europeu a procurar soluções entre os práticos locais.

Ao longo de quase 30 anos de vivência asiática, observou e ajuizou os costumes dos médicos locais. Presenciar como outros estabeleciam os diagnósticos, avaliar as práticas terapêuticas que preconizavam, levou Orta a questionar a sua própria modalidade de curar. Em algumas circunstâncias, teve mesmo de admitir que as práticas clínicas de físicos árabes e hindus eram mais eficazes do que as europeias. Corrigindo algumas metodologias Ocidentais, vulgarizando as práticas de outros nas equipas médicas hospitalares, permitindo o acesso quotidiano dos físicos gentios a sua casa, inquirindo os seus colegas sobre os seus conhecimentos, Orta edificou um saber *híbrido* onde convergiam as práticas de tradições médicas distintas e que se revelava, globalmente, mais eficaz no combate aos males que grassavam no Oriente.⁶⁰²

⁶⁰² Sobre esta confluência de culturas médicas nos *Colóquios*, já falámos num capítulo anterior. No entanto, parece-nos oportuno realçar alguns estudos sobre esta temática, como os de Ricardo Jorge, *La médecine et les médecins dans l'expansion mondiale des Portugais*; Henry Friedenwald, “The medical pioneers in the East”, pp. 487-501 ou Luís de Pina, *As ciências na história do Império Colonial Português (séculos XV a XIX)*. Ao longo do presente capítulo iremos apresentando referências a pesquisas mais actualizadas sobre esta temática.

Garcia de Orta revelou aos seus leitores a grande estima que gozava junto das elites políticas e religiosas. Sem falsa modéstia, anunciou que a fama das suas curas era conhecida tanto em Lisboa, como em Goa ou nas cortes locais.⁶⁰³ O físico apresentou-se como personalidade da confiança de Nizamoxa, que lhe pediu que curasse em segredo o “tam querido e privado seu”- Sancho Pires (Orta II:306), e que lhe prometeu a absurda renda de 40000 pardaus em troca dos seus pareceres clínicos (Orta, I:119). A recusa de Orta em relação a esta oferta consolidou a imagem de honestidade que procurou revelar aos seus leitores europeus.⁶⁰⁴

Segundo Ficalho (Orta II:147) e Gaitonde, foi nas cortes de Cambaia ou do Balagate que Orta estabeleceu os principais contactos com *hakims*.⁶⁰⁵ Estes homens letrados poucas vezes se deslocaram a Goa, já que não ponderavam a possibilidade de ocupar lugares de subordinação nos hospitais lusitanos e, aparentemente, os portugueses não estavam dispostos a considerá-los como iguais. Foi assim, no âmbito de um meio político definido, que Orta confrontou o seu saber com o dos seus colegas árabes: homens com quem discutiu conteúdos de textos e debateu as práticas médicas usadas, mas também de quem aprendeu múltiplos saberes sobre a sinonímia e as propriedades terapêuticas das drogas locais. Gente culta e informada, “os físicos da Pérsia, Arábia e Turquia [...] sabem elles de cor Avicena, a quem chamam Abolahi e a seus cinco livros Canum, e sabem Rasis, a quem chamão Benzacaria, [...] e também tem todas as obras de Hypocras e Galeno, de Aristoteles e de Platão; posto que as não tem tão inteiras commo na fonte grega” (Orta, I:28). Como afirmou Orta, “os Mouros, grandes fisicos, que curam o Nizamoxa, me deram estas pedras [pedra arménia], e purgam com elas a melancolia.” (Orta, II:203). O médico entendia assim que os físicos árabes eram dignos de crédito.⁶⁰⁶ Orta atendeu em particular ao parecer de Mula

⁶⁰³ Segundo contou Orta, o próprio D. João III havia dado indicação a um recém-nomeado Vice-Rei para que este não levasse um médico privado, na sua comitiva pessoal. Segundo sugeriu Orta, o próprio Rei considerava, que os médicos formados no Reino, e que nunca se tinham confrontado com os males que grassavam nos territórios ultramarinos, eram incapazes de lidar com a realidade sanitária que se vivia no Oriente. O Vice-Rei em causa foi identificado por Ficalho como D. Pedro de Mascarenhas. Na verdade, este governante, que tomou posse em 1553, veio a falecer na Índia em 1555.

⁶⁰⁴ A rectidão do seu carácter ficou também comprovada ao assegurar ser incapaz de testar drogas nos seus empregados. Segundo confessou a Ruano, no Oriente, muitos recorriam amiúde a estas peçonhas para roubarem ou se divertirem à custa daqueles que envenenavam. Afastando-se destes comportamentos que condenava, Orta reafirmava a sua integridade enquanto médico (Orta, I:296).

⁶⁰⁵ P. Gaitonde, *Portuguese pioneers in India*, p. 139.

⁶⁰⁶ Nas cortes locais, Orta recolheu raridades e saberes sobre a aplicação de mezinhas. Não se deve descurar o seu papel enquanto eventual fornecedor de produtos a estes governantes. Ao longo do

Ucem⁶⁰⁷, um físico letrado com quem tinha conversado na Corte do Nizamoxa (Orta, II:364), que curou o joelho de um mercador com uma mezinha que Avicena não conhecia.

Por terem um ensino médico baseado em textos, por praticarem nas cortes de soberanos locais e por estarem mais perto das drogas Orientais do que os sábios europeus, Orta dedicou ao saber destes médicos particular atenção. Por vezes, salientava a proximidade das práticas dos médicos árabes e europeus, e o seu distanciamento face às terapêuticas dos físicos gentios. No entanto, Orta sublinhou a inabilidade dos *hakims* em curar as *febres*.⁶⁰⁸

O médico relatou, a este respeito, um sugestivo episódio: tendo Martim Afonso de Sousa adoecido com *febres*, o Sultão Bahadur interrogou Orta sobre a melhor maneira de o tratar. Orta explicou ao soberano a sua terapia, mas este respondeu-lhe que “os Portugueses nam sabiam tam bem curar as febres como os Guzarates; porque os Guzarates não as curavam com outra cousa, senão com não comer”. Apesar de considerar esta cura despropositada, perante o poderoso Rei Orta limitou-se a responder: “e eu, por não aporfiar com elle, lhe dixee que dizia bem, e que por tanto avia 3 dias que eu nam lhe dava a comer cousa alguma; e que já aguora o queria xaropar, e darlhe a comer alguma dieta sutil.” (Orta, II:140)

Garcia de Orta, relatando um outro episódio passado na corte de Nizamoxa, testemunhou a dificuldade de curar “ao seu modo” entre os mouros. Afirmando que o soberano “tinha vontade de se curar á nossa maneira; mas o costume da terra está muyto em contrário, e he máo de arrincar, em especial porque os fisicos letrados, que elle tinha, folgavam de comprazer à gente da terra, e contradizer a mim.” (Orta, II:141). Esta afirmação é muito interessante, porque nos recorda uma atitude semelhante de Orta relativamente a Bahadur. Na situação ocorrida na Corte de

texto, Garcia de Orta referiu o interesse que estes soberanos haviam demonstrado relativamente a drogas vulgares nos mercados de Goa e Cochim que, apesar do grande consumo nas suas cortes, tinham que ser importadas, já que não existiam nos seus Reinos. (Orta, II:390)

⁶⁰⁷ Este físico foi o único que Orta conheceu que, tal como ele, não mascava o betre. (Orta, II:390).

⁶⁰⁸ O termo *febre*, usado no tratado de Orta, parece algo ambíguo, podendo corresponder a males distintos como, por exemplo, um sintoma de malária ou de febre tifóide. Considerando resultar de um excesso de humor tóxico que deveria ser expelido, Orta tratava as *febres* com sangrias, purgas e dieta adequada, medidas que se revelavam mais eficazes do que as preconizadas pelos *hakims* e *vaidyas*. Michael Pearson, “Hindu medical practices in Sixteenth-Century Western India: Evidence from Portuguese sources”, pp. 100-113

Nizamoxa, a recusa das práticas clínicas da potência estrangeira, dando preferência às usadas na região, era uma forma de mostrar fidelidade aos locais até às últimas consequências. Este trecho tornou-se, no entanto, muito mais compreensível através da versão inglesa de Markham, onde se pode ler: “He [Nizamoxa] had the wish to be cured in our way, but the custom of the country is much against it and it had to be withdrawn, especially because the educated physicians at His court liked to gratify the natives and to oppose me. So that when I was present they cured in one way, and when I was absent in another.”⁶⁰⁹

Orta não se escusou de relatar o insucesso dos tratamentos preconizados pelos médicos árabes, que quase matavam o “pecador de fome”. Segundo contou, foi a pedido do soberano que tratou, em segredo, o seu filho Husain, salvando deste modo o herdeiro da coroa. Não perdeu, assim, esta oportunidade para desvendar o valor do seu saber entre as elites locais. Este não se esgotava nas curas alcançadas. Os novos conhecimentos, que adquiriu nos meandros cortesãos, eram reconhecidos e valorizados pelos eruditos ocidentais. Orta aproveitou a sua passagem pelas cortes locais para inquirir os seus pacientes sobre as designações arábicas das doenças e drogas. Os seus pacientes letrados trocavam, graciosamente, estas informações pelas correspondentes designações latinas e portuguesas. Referiu-se aos livros de Avicena, em árabe, que Nizamoxa lhe mostrou, assim como às animadas lições linguísticas árabe-latinas, que trocou com um seu nobre paciente.

O valimento do saber de Orta foi assim relevado por estes casos clínicos que ele inseriu no, aparentemente inócuo, *colóquio do mungo e do melam da Índia a que chamamos pateca* (Orta, II:133-144). Ao integrar nesta conversa, que resvalou para a cura das febres, o compromisso que assumiu com os soberanos das cortes de Cambaia e do Balagate, em tratar em segredo as febres dos seus pacientes notáveis, Orta realçou o valor estratégico dos seus conhecimentos médicos. A falta de confiança que alguns soberanos indianos tinham nas terapêuticas dos seus doutores, levou-os a solicitar, sigilosamente, os préstimos do físico português. Tal como Bahadur recorreu a Orta para salvar Martim Afonso de Sousa, Nizamoxa não prescindiu dos seus serviços para resgatar o seu sucessor das mãos dos sábios da corte. A superioridade técnica de Garcia de Orta nesta cura valeu-lhe o reconhecimento e o respeito dos presentes.

⁶⁰⁹ Orta, *Colloquies...* pp. 310-311.

Como escreveu “dahi ávante, os dias que ahi estive, todos os Mouros se queriam curar comigo.” (Orta, II:141). Esta imodéstia parece carregada de significado. A eficácia dos tratamentos que preconizou valeu-lhe, certamente, mercês que lhe fizeram “o rey e o filho”. Ofertas que desconhecemos em detalhe, mas que Orta, aparentemente, aceitou. Fossem modos de patronato, conveniências comerciais ou medidas de protecção aos seus familiares, o que parece certo é que Garcia de Orta se serviu do seu saber para alcançar a estima e o apoio destes soberanos locais. A sua curiosidade pelas práticas médicas locais, mais do que apenas um mero interesse científico revelava, também, um agudo pragmatismo e uma consciência do valor que a sua actividade clínica poderia ter para garante da sua qualidade de vida no Oriente.

Mas Orta confiava no sistema médico em que se formara. Como salientou a Ruano, “primeiro provo as mezinhas dos meus doutores, quando me não aproveitam, tomo as dos Bramanes desta terra.” (Orta, II:138).

A sua dependência face aos médicos Gentios era de outra ordem. Estes homens guardavam um tesouro: o valioso conhecimento sobre as propriedades terapêuticas das plantas locais. Assim, a desqualificação destes detentores de um património insondável era apenas aparente. Na verdade, Orta estava ciente que o saber dos *vaydias*, era um poderoso aliado que os portugueses no Oriente tinham que conquistar.⁶¹⁰ A este respeito é conveniente retomar os estudos de Timothy Walker. Segundo este investigador pôde apurar na documentação manuscrita que consultou no Arquivo de Goa, circulavam nos hospitais portugueses do Oriente documentos com receitas de mezinhas e listas de botica que testemunhavam o uso vulgar de drogas indígenas. Como sublinhou Walker, apesar de estes novos medicamentos serem usados, desde a primeira metade de Quinhentos, nos hospitais dos espaços ultramarinos, tal tendência não se verificou nos hospitais da metrópole. Analisando as mezinhas enumeradas nas listas de botica que, em meados do século XVIII, se preparavam no Colégio de Santo Antão ou na Casa Professa de São Roque, Walker salientou a reduzida percentagem de drogas oriundas do Oriente então usada pelos jesuítas nas suas preparações farmacêuticas.⁶¹¹

⁶¹⁰ Sobre o importância das plantas asiáticas para os portugueses ver K.S. Mathew, “The Portuguese and the study of medicinal plants in India in the sixteenth century”, pp. 369- 376;

⁶¹¹ Timothy Walter, “Acquisition and circulation”, pp. 247-270.

Semelhante ausência se verificou relativamente às drogas americanas nas boticas europeias. Assim, depois do bálsamo do Peru e Tolu, da Jalapa, da coca ou do tabaco, descritos desde meados do século XVI por Nicolau Monardes, muitas outras mezinhas foram sendo enumeradas. A quina foi a mais importante droga das Índias Ocidentais descrita no século XVII e divulgada por Pedro de Barba, *Vera praxis ad curationem tertianae*, 1642, para combater as febres. A ipecacuanha, uma droga usada pelos índios tupis do Brasil no combate a diarreias, foi vulgarizada primeiro pelo Padre Tristão e depois pelos textos de Samuel Purchas, *Hakluyts porthumus*, 1625, George Markgraf, *Historia rerum naturalium Brasiliae*, 1648 e William Piso, *Historia naturalis brasiliae*, 1648. No entanto, a vulgarização do uso destas novas drogas exóticas nos hospitais portugueses só se tornou visível a partir do século XVIII, após a edição da *Pharmacopea Lusitana* pelo boticário D. Caetano de Santo António (Coimbra, 1704). Esta obra do frade da Congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho teve sucessivas edições revistas e aumentadas, que atestam a intensa procura que, no período Barroco, esta obra teve em Portugal.⁶¹²

Ao longo dos *Colóquios*, Orta mostrou entender-se bem com os físicos Gentios que, segundo contou, eram homens que tratavam pela “experiência e costume” (Orta, II:137), não parecendo ter qualquer suporte textual para as curas que praticavam.

Aparentemente, Orta não conheceu os textos basilares da Medicina *Ayurvedica*. Tendo travado conhecimento sobretudo com *vaydias* das castas *Sudra*, na sua maioria desconhecedores da literatura médica hindu, é natural que estes não tenham referido a Orta obras que talvez desconhecêssem. Como sublinhou Figueiredo, “Deduz-se da leitura dos *Colóquios*, que, Orta pouco contacto teve com *físicos grandes* indianos nem os seus conhecimentos [...] abrangeram a multissecular medicina dos Vedas, as obras de Charaka, Susruta e Vagbata, ricas em ensinamentos de anatomia, embriologia, toxicologia, higiente e ainda cirurgia. Este facto, que representa uma grande lacuna na obra de Orta, só se justifica pela sua falta de conhecimentos de caracteres devanagáricos e pelo êxodo dos *vaydias* cultos para o reino vizinho de Vijainagara.”⁶¹³

⁶¹² João Rui Pita, *História da Farmácia*, pp. 155-163.

⁶¹³ J.M.Pacheco Figueiredo, “Colóquios dos Simples de Garcia de Orta”, p. 21. Sobre os conhecimentos da medicina ayurvédica entre os portugueses no Oriente ver ainda, Richard Grove, “The transfer of botanical knowledge between Asia and Europe 1498-1800” pp. 160-176, Sharon D’Cruz, “Documenting

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

Como recordou Gaitonde, não deixa de ser estranho que Orta não tenha conhecido estes textos nas, certamente bem recheadas, bibliotecas das cortes locais por onde passou. Recorde-se que, durante a permanência de Orta na Índia, muitos físicos árabes tinham acesso a textos médicos indianos. Datam desta época as versões em língua arábica e persa, feitas a partir do sânscrito.

As graduações que os físicos gentios atribuíam às drogas também não satisfaziam o médico. (Orta, I:195)⁶¹⁴ No entanto, os hindus revelavam uma grande habilidade para debelar diarreias. Foi com eles que Orta se familiarizou com as propriedades terapêuticas de muitas plantas índicas.

Pouco hábeis no uso das sangrias, já que “elles nunca usarão a sangria, senão desde que nós chegámos nesta terra.” (Orta, II:137); olhando as urinas apenas para copiar os portugueses⁶¹⁵, eram verdadeiros especialistas na cura das câmaras, na observação do pulso e na cura das opilações.⁶¹⁶

Orta revelou ainda que os físicos gentios não conheciam os xaropes ou as águas destiladas. Tal como outras novidades trazidas pelos portugueses, a administração de xaropes, águas ou o açúcar rosado convenceram os médicos que, os aplicavam sem perceber os seus efeitos (Orta, II:138). Como relatou nos *Colóquios* “ante que viesemos a estilar agoas, o costume seu próprio he dar a beber cozimentos de legumes e sementes, e çumos de ervas toscamente preparados: andam per huma rua, e a todos curam com hum frasquo que trazem.” (Orta, II:138). Orta acrescentou ainda que os físicos Gentios erravam nas graduações das mezinhas, para além de terem total desconhecimento sobre anatomia.⁶¹⁷

the Medical-Botanical Traditions of India: the *Colóquios* of Garcia de Orta”, pp. 45-58 e Figueiredo, “Ayurvedic Medicine in Goa according to European sources in the sixteenth and seventeenth centuries”, pp. 225-235

⁶¹⁴ Apesar de a Medicina Ayurvédica também considerar as qualidades e graduações das drogas, a forma de as classificar é diversa da utilizada na Medicina Ocidental. Desconhecendo os fundamentos teóricos desta Medicina, Orta entendeu que os médicos locais erravam nas graduações.

⁶¹⁵ Orta é irónico a este respeito, dizendo que os gentios observam as urinas “como bugios” (Orta, II:137).

⁶¹⁶ Pela descrição de Orta percebe-se que os físicos Gentios, tal como os Árabes ou Ocidentais, procuravam a cura através de um equilíbrio humoral.

⁶¹⁷ “da anatomia nam sabem onde está o fígado, nem onde esta o baço, nem cousa alguma.” (Orta, II:138).

Apesar de todas estas falhas, Orta não hesitou em dizer que aproveitava as mezinhas dos Bramânes.⁶¹⁸ Estes, que pertenciam à casta superior, distinguiam-se dos Sudras, pertencentes às castas inferiores. Dos físicos gentios, Orta aprendeu aliás as propriedades cicatrizantes do aloés (Orta, I:28), assim como corrigiu a compleição da cânfora. Tal como estes, usava a crisacola contra a sarna (Orta, I:277), assim como os caroços de manga assados contra os fluxos (Orta, II:104)⁶¹⁹ ou os de “marmelos de Benguala” para debelar as câmaras (Orta, II:375-377). Foi através deles que se familiarizou com as propriedades purgantes do turbit, corrigindo os erros que Gregos e Árabes tinham escrito a respeito desta droga (Orta, II:332-338), ou com a ingestão de incenso para a enfermidades de cabeça ou para as câmaras (Orta, II:352).

O médico aprendeu também destes físicos da terra alguns aspectos a valorizar na cura da cólera, se bem que o seu julgamento acerca das suas práticas fosse algo irónico: “todas estas cousas nam carecem de rasam senam que sam feitas toscamente.”⁶²⁰ (Orta, I:265). Orta não escondeu a sua grande admiração perante a eficácia de produtos locais como o pau-de-cobra, o unicórnio, o pau de contra-erva de Malaca, assim como os “três grãos de pedra de bezar [...] que, casi milagrosamente dilata as forças do coração. “ (Orta, I:266).⁶²¹ O uso destas mezinhas, aprendeu-o certamente com os físicos locais.

A *pedra bezoar* que, pelas suas propriedades quase mágicas, salvou a vida ao Bispo de Malaca, ficou, desde logo, abençoada pelo prelado. (Orta, I:266). O médico, aliás, usava esta pedra “em muytas enfermidades velhas melamcolicas” como “sarnas grossas, lepras, prurido antiguo, empingens, pera as quais me dixе hum governador

⁶¹⁸ Ruano: “Vós não me confesaeis que tomaeis algumas couzas delles [Gentios].”; Orta: Si, muytas; mas primeiro provo as mezinhas dos meus doutores, quando me não aproveitam, tomo as dos Bramanes desta terra.” (Orta, II:138-139).

⁶¹⁹ Segundo tinham informado Orta, o miolo dos caroços, quando verde, podia ser usado contra as lombrigas, o que lhe pareceu bem.

⁶²⁰ Disse Orta: “Damlhe a beber agoa de espresam de arroz com pimenta e cominhos (a que chamam canje); cauterizamlhe os pés, comomandei fazer áquelle fidalgo; e mais lançamlhe pimenta longa nos olhos pêra esprementar a virtude; e pêra a caimbra arrocham com percinta a cabeça, e braços e pernas, mui fortemente até os giolhos, e dos giolhos até os pés; e damlhe a comer o seu betre.” (Orta, I:264-265).

⁶²¹ Falando do Coco-das-Maldivas, que tanta fama atingia na Corte de D.Catarina, disse: “no da peçonha, que he o principal, não o usey porque há outras milhores mézinhas, así como sam pedra bezar, triaga, pão de cobra, [...], pão de Malaca de contra erva, esmeraldas, terra segillata; e porque com estas me achei bem, não quis esprementar estoutros [os cocos das Maldivas].” (Orta, I: 241-242).

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

que se achara bem.” E acrescentou “me parece que seria boa pera as quartans,” (Orta, II:233). O valor desta pedra foi assim reconhecido pelo poder temporal e espiritual.⁶²²

De todos estes exemplos, reveladores de uma sinergia dos usos médicos de cada cultura, aquele que nos *Colóquios* revelou uma aplicação efectiva na medicina praticada nos hospitais portugueses relacionou-se com o uso das ervas. No “Trelado da pauta e preços que se dão as mezinhas pera o espirital de Cochim”, documento datado de 29 Janeiro de 1550, podemos constatar a diversidade de plantas asiáticas usadas neste hospital.⁶²³ Para além dos “emplastros, enxaropes, olios, unguentos, leituarios e pirolas de toda a sorte” que pela designação demasiado genérica não podemos identificar, encontramos *itens* que testemunham o uso vulgar de drogas locais, como “canafistola”, “ruibarbo”, “ervas”, “mirabolanos”, “ópio”, “mirra”, “almeçega”, “tamarindos”, “torbit”, “coral”, “encenço”, “agarico”, “unturas de boubas”, “especiarias”, “açucar rosado”, “acasia”, “cânfora”, “triaga”, “manna” ou “agua de cozimento de ervas”, entre tantos outros preparados de origem mineral.⁶²⁴ A par das drogas mais usuais nas farmacopeias, surgia nesta lista um vulgar uso das “ervas” que João Pirez, o boticário do Hospital de Cochim, registou.

Pouco se pode dizer sobre as “ervas” destacadas pelo boticário. Podemos supor que fossem plantas do Malabar, para as quais os portugueses não tinham designação particular.

Talvez para evitar enganos, de consequências mais ou menos gravosas, Orta tenha dedicado um capítulo a estas plantas. Segundo o médico, tanto o coru⁶²⁵ como o avacari, plantas de aspecto aparentemente insignificante, tinham, segundo os gentios, a virtude de estancar as câmaras. Tratando-se de um dos males que causava mais mortes na região, a identificação de novas mezinhas capazes de o debelar era tarefa prioritária. Mas, face à multiplicidade de ervas que brotava no solo asiático, como reconhecer as que salvavam vidas? Os segredos destas plantas eram confiados pelos locais aos frades de São Francisco que, na simplicidade da sua missão, cuidavam das

⁶²² Sobre este produto ver: Jorge Santos Alves, “A pedra-bezoar – realidade e mito em torno do antídoto”, pp. 121-134.

⁶²³ O documento original, que se encontra no ANTT: CC,II,242-246, foi editado em *Documentação para a História das Missões*, Índia, vol. 12, pp. 810-813.

⁶²⁴ O termo *item* era usado neste contexto para destacar cada novo elemento listado.

⁶²⁵ “Coru” é o nome canarim. Orta chama-lhe Erva-do-Malavar, porque os malavares curavam bem as câmaras com ela.

almas e desvendavam os recatos da natureza.⁶²⁶ A forma como Ruano se dirigiu a Orta⁶²⁷, sugere-nos que, nesta cena dos *Colóquios*, nos encontramos no Hospital de Goa, acompanhando Orta nas suas visitas quotidianas.

A presença de médicos locais nas equipas hospitalares era, como vimos, desejável. Como sublinhou Walker, os portugueses recorreram aos saberes dos práticos locais, desde os primeiros anos da presença em Goa, em parte devido à escassez de médicos portugueses no Oriente. No entanto, pela sua familiaridade com as propriedades das plantas regionais e pela maior capacidade para tratar as patologias da região, os *vaydias* gozaram desde cedo do patrocínio dos Governadores, Vice-Reis, Prelados e aristocratas destacados em Missão, em Goa.⁶²⁸

Também Ficalho se referiu à presença de *vaydias* nos círculos das elites portuguesas de Goa. Num alvará, datado de 1574, do tempo do Governador Moniz Barreto, lia-se:

“O governador da India etc. Faço saber aos que este meu alvará virem que eu hey por bem e me praz e por este mando a todos os panditos e phisicos gentios que não andem por esta cidade e arrebaldes della a cavallo nem em andores e palanquins, sob pena de pagarem pela priemeira vez dez cruzados, e pela segunda vinte, para o sapal, e perderem os taes cavallos e andores e palanquins, e pela terceiraseram cativos patra as galés d’ElRey meu senhor; e isto se não entenderá no pandito que cura minha casa e he meu phisico. Notifico assy ao Ouvidor Geral etc. António Barbosa o fez em Goa a 15 de Dezembro de 1574 – Governador António Moniz Barreto.” (Orta, II:148).

Desta notificação pareceu-nos importante realçar a concessão particular que o Governador fez ao seu físico particular, do qual não prescindia e excluía das obrigações

⁶²⁶ A importância de que se revestiu o trabalho dos missionários na revelação dos segredos da natureza é um tema de uma enorme complexidade que não podemos esgotar no âmbito da presente pesquisa. Para além do relevo dado a este aspecto por Timothy Walker no artigo acima referido, parece-nos muito pertinente realçar a investigação desenvolvida por Inès Županov, “*Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India*”, pp. 1-43.

⁶²⁷ “Segundo vejo nos enfermos que neste espirital há, e nos que vos vejo curar, as peiores emfermidades sam colérica passio e as câmaras; e por isso queria que falasemos na agoa da herva com que curais ac câmaras; porque, segundo se diz em Portugal, muito estanca.” (Orta, II:13).

⁶²⁸ T. Walker, “*Acquisition and circulation...*”, pp. 250-260. Ver também: T. Walker, *Doctors, Folk Medicine and the Inquisition*, pp. 36-88.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

regulamentadas. Talvez não nos enganemos muito se sugerirmos que prelados, fidalgos e outros portugueses residentes no Oriente não dispensassem, nos seus círculos mais próximos, dos préstimos destes hábeis praticantes da medicina local.

Falando da “erva-do-Malavar”, Ruano questionou o seu colega sobre uma recomendação que este havia feito ao Licenciado Álvaro Fernandes, de tomar a referida erva como o aconselhavam os gentios e não como o administravam os portugueses. Orta, explicando a sua opção a Ruano, assegurou-lhe que as práticas aprendidas junto dos físicos indianos lhe pareciam bem. E acrescentou: “quando vemos que a nossos enfermos não lhe aproveitam as nossas mezinhas brandas, entregamollos ao malavar, pera que lhe dê mezinha rija.”⁶²⁹ (Orta, II:15)

Quanto ao avacari e a outras ervas usadas pelos Malavares e Decanins, Orta prometeu a Ruano levá-lo até eles, onde poderia certificar-se das drogas que estes usavam na cura das câmaras. Relativamente a este mal, esclareceu que os físicos gentios tinham mais habilidade para o resolver.

Talvez preocupado com a dificuldade em debelar as diarreias, Ruano tenha solicitado a Orta que lhe falasse “na agoa da herva com que curais as câmaras; porque, segundo se diz em Portugal, muito estanca.” (Orta, II:13). Explicar o uso de uma mezinha asiática, da qual já se falava no Reino, era uma prova evidente da permeabilidade de Orta às práticas locais. Conhecer as graduações e propriedades das ervas, tentando inscrevê-las num sistema de conhecimento compreensível aos sábios europeus, era então uma prioridade. Por isso, Orta apressou-se a classificá-la de “fria e seca”, descrevendo depois o moroso processo de produção da água de ervas.

Os conhecimentos dos médicos das castas mais baixas surgiram, nos *Colóquios*, ao lado dos saberes práticos, que detinham as mulheres que trabalhavam na casa do médico. A sábia cozinheira, que ensinou Ruano curar o mal das gengivas, a recatada Antónia que trouxe a Orta as drogas que este lhe pediu, a jovem que ensinou aos médicos os préstimos do negundo ou as moças que, na cozinha, preparavam as saborosas conservas e os xaropes, traziam para o interior da casa de Orta as suas experiências e tradições. O vaivém constante das mulheres que, por toda a casa arranjavam as flores das jarras, atendiam às solicitações do médico e, com discrição e

⁶²⁹ Orta acrescentou ainda: “e ha já feita [a agua dos Malavares] no espirital de elrey”

habilidade, executavam tarefas domésticas, preenchia o ambiente com os aromas e sabores da região.

Tal como no interior da casa de Orta, no exterior o saber dos locais perdurava. No jardim, as árvores de fruto cresciam sob o olhar atento do jardineiro.

O jardineiro estabelecia um elo fundamental entre a terra, as plantas e os homens. Familiarizado com as necessidades de cada árvore, conhecia, melhor do que ninguém, os seus segredos. É de realçar a importância que Orta deu aos “ortelões”, que cuidavam da sua fazenda. À pergunta que dirigiu a Dimas sobre as novidades que os seus hortelãos lhe tinham dado sobre o betre, o médico respondeu: “Nunca pude saber mais que dizerem-me que se quer muyto mimoso, e que asi que se colhe nam he bom ser tocado muyto com a mão; sei que não quer muita quentura, nem muyta frialdade.” (Orta, II:372). Apesar de Dimas não ter trazido novidades a Orta sobre o betre, é muito interessante a fórmula a que recorreu para responder, revelando uma clara dificuldade em conseguir uma informação, aparentemente bem guardada.

As fruteiras que Orta tinha no seu quintal e que mostrava graciosamente ao seu público contribuía, tal como qualquer outro elemento da colecção, para a ostentação de um mundo natural onde o exotismo lhe era familiar.⁶³⁰ O hortelão que cuidava das suas preciosas plantas, tal como o físico gentio que lhe tratava as servas, conheciam e preservavam os segredos daquele mundo natural, que só a muito custo Orta decifrava.⁶³¹

Mas não eram apenas os portugueses que encontravam dificuldades em identificar as plantas, de maior interesse. Pedro de Osma, um soldado que andou mais de duas décadas no Novo Mundo, enviou, em 1568, uma carta a Monardes onde testemunhou essa dificuldade. Escreveu então: “Escribo a v.m. estas cosas para que por elles considere v.m. cuántas más yerbas y plantas de grandes virtudes semejantes a estas téndrán estas nuestras Indias [Ocidentais] las cuales no alcanzamos ni sabemos

⁶³⁰ Sobre os mecanismos de persuasão a que Orta recorreu para impressionar os seus leitores europeus, já aludimos no 1º capítulo. Aparentemente, o jardim de Garcia de Orta foi o maior intalado em Goa pelos portugueses de Quinhentos. S.K.Jain, “Indo-Portuguese connections. Botanical perspective.” In: Lotika Varadarajan, *Indo-Portuguese encounters*, pp. 274-281.

⁶³¹ Aparentemente, Garcia de Orta rodeou-se de gentes locais da sua confiança. Sobre as dificuldades que os europeus encontraram em identificar os usos terapêuticos das plantas exóticas e sobre as metodologias a que recorriam para conseguir desvendar os segredos do mundo natural que os rodeava, ver as descrições feitas por Londa Schiebinger, “Prospecting for drugs. European naturalists in the West Indies” in: Londa Schiebinger, Claudia Swan (eds), *Colonial Botany*, pp. 119- 133.

5. A construção de *Colóquios dos Simples*: uma nova harmonia de saberes

porque los indios, como gente mala y enemiga nuestra, no descubrirán un secreto ni una virtud de una yerba aunque nos vean morir, y aunque los asierren;...”⁶³²

Talvez a relação de Osma com as populações locais não fosse tão amistosa como a que Orta nos descreve que se vivia na sua casa.

No Oriente, a ubiquidade dos saberes, ritmos e práticas locais no quotidiano do médico influenciou o seu discurso sobre as drogas, especiarias e aromas e, através dele, o saber que na Europa circulou sobre o mundo natural da Ásia. Mais do que de uma supremacia do saber indígena relativamente aos textos árabes e gregos em circulação, a originalidade do trabalho de Orta resultou da sua atitude.⁶³³

Convém ainda sublinhar que, em 1567, após o Primeiro Concílio Provincial de Goa, os físicos Gentios foram proibidos de curar pacientes Cristãos, pelo que o trabalho de Orta, publicado em Goa, em 1563, se revestiu de ainda maior interesse para a fixação e divulgação dos saberes e práticas médicas locais.

Como sublinhou D’Cruz, a trajectória de interacção que emergiu do encontro entre a Península Ibérica e a Índia Oriental resultou na desconstrução das categorias estanques do sistema de saberes “estabelecido” e “indígena”, em favor de um padrão complexo de interacções entre pessoas e culturas.⁶³⁴

Esta medicina “híbrida”, patenteada por Orta aprovava saberes e práticas locais no combate a patologias regionais, integrando-os no sistema médico ocidental. Como testemunhou Orta, muitos portugueses destacados no Oriente, face à ineficácia dos

⁶³² Nicolas Monardes, *Herbolaria de Indias. Historia natural del Nuevo Mundo*, p. 202. Esta carta de Pedro de Osma, integrada na obra de Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal de las cosas que se traen de las nuestras Indias Occidentales* (Sevilla, 1574), foi alvo de aturado estudo por Daniela Bleichmar, “Books, bodies and fields. Sixteenth-Century transatlantic encounters with New World materia medica”, pp. 83-99.

⁶³³ “The structure of the *Colloquies*, in the form of a dialogue between Orta and an imaginary interrogator skeptical of new and indigenous knowledge [...] actually creates dialectic and a creative tension, and invites internal debate about the relative merits of entirely different sources of medico-botanical knowledge. In general the text is remarkably subversive and even hostile to European and Arabic knowledge, regarding it as superfluous in the fact of the wealth of accurate local knowledge.” Richard Grove, “The transfer of botanical knowledge between Asia and Europe 1498-1800”, p. 164. Tal como fomos demonstrando ao longo do capítulo, parece-nos que a afirmação de Grove é algo excessiva. Apesar de Garcia de Orta pôr em causa muito do saber em circulação, nunca prescindiu dele. A sua experiência e o seu juízo avaliavam o saber local, aproveitando dele o que lhe parecia louvável e recusando o que considerava reprovável. Para um sábio europeu da sua geração, como sublinhou Brian Ogilvie, “Renaissance natural history was a peculiar kind of folkbiology. [...]. Rooted in ancient Greek natural history and *materia medica*, the natural history of the first generations represented an amalgam of the local knowledge of Italian and northern scholars with that of Aristotle, Theophrastus, Dioscorides and other ancient writers on nature...” Brian Ogilvie, *The science of describing*, p. 221.

⁶³⁴ Sharon D’Cruz. “Documenting the medico-botanical traditions of India”, pp. 54-55.

médicos lusitanos em tratar as maleitas locais, confiavam cegamente nos saberes dos *vaydias*. Apesar da eficiência de alguns dos tratamentos preconizados por estes práticos, Orta não reconhecia um sistema médico que regesse os seus saberes. Integrar no quadro epistemológico do europeu as práticas locais na cura de males regionais foi, da parte de Orta, uma atitude coerente.

A permeabilidade de Orta aos diversos saberes médicos, que confrontou com a sua experiência clínica, permitiu-lhe reformular as práticas terapêuticas. Esta reconfiguração das práticas científicas, confrontando a pluralidade dos saberes tradicionais com a experiência pessoal, foi referida por Barrera, que descreveu o contributo metodológico dos viajantes ibéricos de Quinhentos para a reconversão da Ciência europeia.⁶³⁵

A convergência e interação de experiências e tradições culminaram, assim, em novos entendimentos multilaterais sobre a arte de curar.⁶³⁶ Apesar da oportunidade do seu trabalho na definição desta medicina *híbrida*, tão necessária para regulamentar a actuação dos médicos nos espaços ultramarinos, a medicina praticada nos hospitais da metrópole manteve-se, como vimos, por longos anos, hermética à novidade.

⁶³⁵ Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, p. 101. Esta porosidade ao saber do *outro* caracterizou as obras de autores que, posteriormente a Orta, descreveram a utilidade terapêutica de drogas oriundas das colónias. Durante os séculos XVI e XVII, Nicolas Monardes, Francisco Hernandez, José de Acosta, Cristóvão da Costa, João Fragoso, Clusius, Paludanus, Paul Hermann, Rumphius, Van Reede, Belon du Mans ou Propero Alpino, foram apenas alguns dos autores que valorizaram as potencialidades terapêuticas das plantas americanas, asiáticas ou do Levante. Ver também, Kapil Raj, *Relocating modern Science*, pp. 27-59.

⁶³⁶ Parece-nos aqui interessante salientar que, tal como a medicina Ocidental sofreu, através de Orta, uma adaptação às práticas Orientais, já anteriormente a medicina árabe cedera às influências de práticas dos médicos locais. (Orta, II:146-147) Não será demais salientar alguma inovação que a medicina praticada pelos portugueses na Goa de Quinhentos, para além das assinaladas por Garcia de Orta, introduziu nas práticas clínicas indianas. A introdução da raiz-da-China nas farmacopeias indianas quinhentistas testemunha esta interação. Algumas farmacopeias indianas, postas a circular no século XVI, são exemplos concretos desta influência. A partir desta época, aliás, alguns tratados de Medicina Ayurvédica dedicaram capítulos à descrição da etiologia da sífilis. Aparentemente, esta doença era desconhecida no Oriente, antes da chegada dos portugueses. Ver Srabani Sen, "Firanga-Roga. Portuguese influence on Indian Medicine", pp. 305-308.

6. A experiência dos textos em *Colóquios dos Simples*

A constatação de que os tratados botânicos não continham toda a diversidade do mundo natural levou os europeus a repensar as suas fontes de saber. Os compêndios em circulação, recorrendo a um léxico pobre e a imagens ásperas, nem sempre verosímeis, descreviam as plantas de forma incipiente e austera. A multiplicidade de exemplares botânicos oriundos de terras longínquas e desconhecidas e a excentricidade do mundo que revelavam, incitou os letrados a reconsiderar o seu próprio saber. O reconhecimento de uma diversidade natural, até então insondável, questionou os compêndios botânicos em circulação.⁶³⁷

Entre 1530 e 1560, vulgarizou-se, a partir das universidades italianas e do Sul de França, um novo método de análise do mundo natural. Para este facto contribuiu a diversidade da origem geográfica dos seus estudantes. Os *Mestres* destas Escolas Médicas cederam aos seus discípulos novas ferramentas metodológicas para o estudo da natureza. De regresso às suas cidades de origem, os médicos recém-formados colocaram em prática o saber adquirido. Confrontando os exemplares vegetais, espontâneos nas suas regiões, com as descrições que deles faziam os tratados médico-botânicos, verificaram que estes nem sempre reflectiam a realidade. Esta constatação levou-os a abandonar os gabinetes e bibliotecas e sair para as planícies e montanhas para observar e descrever o mundo natural circundante. Nem todos os que se aventuravam pelos campos eram médicos, pelo que a utilidade evidente de uma planta não era condição necessária para que esta fosse descrita. Uma abordagem renovada da natureza começou, então, lentamente a emergir na Europa.

⁶³⁷ A diversidade de exemplares da fauna e da flora oriunda dos territórios ultramarinos revelou aos europeus o carácter incipiente do seu sabere relativamente à natureza do globo. A perplexidade dos sábios face à evidência de novas espécies de plantas e animais desembarcadas anualmente em Lisboa ou Sevilha, levou-os a reconsiderar as metodologias tradicionais de análise do mundo natural. Deste modo, na Europa do século XVI, verificou-se uma renovação das práticas de prospecção, recolha, inventariação e descrição do mundo animal e vegetal que considerou a experiência dos viajantes ibéricos. Há hoje uma riquíssima, e sempre crescente, bibliografia, que ilustra este facto e que importa aqui sugerir. Destacamos algumas das obras mais emblemáticas, como as de Londa Schiebinger e Claudia Swan, *Colonial Botany*; Jorge Canizares-Esguerra, *How to write the history of the New World*; Jorge Canizares-Esguerra, *Nature, empire and nation*; António Barrera-Osorio, *Experiencing Nature* ou a de Paula Findlen, "Natural History", pp. 435-468.

Em 1530, saiu dos prelos de Hans Schott, em Estrasburgo, uma obra que definiu uma nova forma de descrever o mundo botânico. Referimo-nos ao *Herbarum vivae eicones* de Otto Brunfels (1489-1534).⁶³⁸ Muito se tem discutido sobre o significado desta obra para a evolução do saber botânico. Considerado um inovador projecto gráfico, forjado pelo tipógrafo e pelo ilustrador Hans Weiditz, este livro deu, na década de 1530, um novo impulso a uma leitura naturalista do mundo. O texto, organizado por Otto Brunfels, não trazia dados novos sobre as plantas descritas. A grande inovação deste projecto gráfico adveio do facto de oferecer aos estudiosos do mundo natural, mais do que um simples leitura do texto, uma observação directa dos exemplares descritos.⁶³⁹ As plantas conquistaram então o direito a uma descrição, visual e textual, detalhada.⁶⁴⁰

O sucesso desta obra foi retumbante e, no fim da década de 1530, circularam na Europa outras propostas editoriais semelhantes. Os herbários de Turner (c.1510-15??)⁶⁴¹, Bock (1497-1554)⁶⁴² e Fuchs (1501-1577)⁶⁴³ são os testemunhos mais paradigmáticos desta nova modalidade de abordagem ao mundo vegetal. Partindo do modelo proposto por Dioscórides, a que referimos no capítulo seguinte, estes botânicos ousaram ir um pouco mais longe, acrescentando detalhe às descrições, incluindo figuras mais pormenorizadas e adicionando novas espécies exóticas.⁶⁴⁴ Aparentemente, a falta de termos adequados no léxico latino para definir as especificidades morfológicas que distinguiam as espécies, levou os botânicos a investir na descrição por comparação, que nem sempre era eficaz e acrescentava um elevado grau de subjectividade a cada explicação.

⁶³⁸ Otto Brunfels, *Herbarum vivae eicones*, Estrasburgo, 1530.

⁶³⁹ A vulgarização das imagens nos textos botânicos só foi possível graças ao aperfeiçoamento das técnicas tipográficas existentes. Sobre os avanços verificados na impressão de imagens ver, por exemplo, Sachiko Kusukava, "Illustrating nature", pp. 90-113 ou Sachiko Kusukava, *Picturing the book of nature*, pp. 26-97.

⁶⁴⁰ Esta representação naturalista de exemplares particulares foi, no entanto, contestada desde logo por muitos. Não apenas porque em muitas situações o botânico tinha que recorrer ao trabalho de artistas, nem sempre sensíveis aos detalhes das plantas que o autor pretendia relevar, mas também porque a ilustração de um exemplar particular poderia não ser representativa da espécie que se estava a descrever. Este tema é discutido detalhadamente em Sachiko Kuzukawa, *Uses of pictures in printed books: the case of Clusius' Exoticorum libri decem*, pp.221-246 assim como em Brian Ogilvie, "Image and text in Natural History, 1500-1700", pp. 141-166.

⁶⁴¹ William Turner, *Libellus de re herbaria novus*. 1538.

⁶⁴² Hieronimus Bock, *New Kreutter Buck*, 1539.

⁶⁴³ Leonhart Fuchs, *De Historia stirpium*, 1542.

⁶⁴⁴ A obra de Fuchs foi a primeira a incluir descrições textuais e gráficas de plantas americanas. Leonhart Fuchs, *De Historia stirpium*, 1542.

Com o objectivo de sedimentar uma nomenclatura, autores como Leonhart Fuchs e Rembert Dodoens⁶⁴⁵ incluíram no final das suas obras glossários de termos botânicos.

6.1. Floras em movimento

Obedecendo à metodologia proposta por Dioscórides, e incentivada por alguns mestres mais fieis ao autor Grego, como Nicolau Leoniceno, surgiu nalguns botânicos a absoluta necessidade de partir para o campo, organizando expedições florísticas com o fim de recolher amostras, registar dados e observar a natureza localmente. Em algumas escolas, este método de trabalho foi imposto pelos mestres aos seus alunos. Guillaume Rondelet (1507-1556)⁶⁴⁶ em Montpellier, e António de Nebrija (1441- 1522)⁶⁴⁷ em Salamanca, incutiram nos seus alunos este gosto de sair para o campo, seguindo afinal um antigo protocolo de análise estabelecido desde a Antiguidade pelo sábio grego. No Prólogo do *De Materia Medica* de Dioscórides, pode ler-se:

“Te exhortamos a ti y a cuantos lleguen a leer nuestros comentarios a que no mireis solo el significado de nuestras palabras, sino el cuidado que, combinado com la experiencia, aparece en las hierbas tratadas. [...] El que quiera tener experiencia en ellas [las hierbas] debe encontrarse a su lado nada más brotar de la tierra, cuando están en su esplendor y cuando lo han pasado. Pues el que sólo haya estado presente en su brote no puede reconocerla en

⁶⁴⁵ Rembert Dodoens, *Stirpium historiae*.

⁶⁴⁶ Guillaume Rondelet, professor de medicina na Universidade de Montpellier. Apesar das obras que publicou em Lião, 1554 e 1555, serem dedicadas a peixes, Rondelet distinguiu-se entre os eruditos de então, pelo seu entusiasmo pelas expedições botânicas. O médico incentivou os seus discípulos a constituírem os seus próprios herbários de plantas secas. De entre os notáveis com quem Rondelet se cruzou destacam-se os nomes de Pierre Belon du Mans, Conrad Gessner, Clusius e Ulysse Aldrovandi. Sobre a sua vida em Montpellier ver, entre outros: Gillian Lewis, “Clusius in Montpellier, 1551-1554: A humanist education completed?”, pp.65-98.

⁶⁴⁷ Antonio de Nebrija/Lebrija nasceu em Sevilha e morreu em Alcalá de Henares. Estudou em Salamanca, Universidade em que desempenhou as funções de Reitor. Destacou-se pela erudição das suas lições e pela qualidade das suas traduções de textos clássicos, a partir das obras originais gregas e latinas. Foi autor do *Dictionarium Latino-hispanicum*, Salamanca, 1542, obra que foi reimpressa diversas vezes. O Conde de Ficalho admitiu que António de Lebrija tivesse sido mestre de Garcia de Orta na Universidade de Alcalá (Orta, I:68).

esplendor, ni quien sólo las haya visto en su esplendor las puede reconocer recién brotadas.”⁶⁴⁸

Dirigindo-se aos seus alunos, Rembert Dodoens alertou-os para as dificuldades inerentes aos estudos botânicos que, para além da leitura detalhada dos autores Antigos, exigiam a observação minuciosa das plantas. Nas palavras do botânico, estes estudos implicavam muito trabalho, longas deslocações e uma devoção constante. A viagem era um requisito obrigatório para qualquer botânico. Hieronimus Bock aludiu, ao longo da sua obra, aos inúmeros obstáculos que teve que ultrapassar, nos Alpes, para conseguir recolher os exemplares; Fuchs descreveu as árduas deslocações que foi obrigado a efectuar pelos territórios germânicos, só para observar alguns endemismos; Valerius Cordus (1515-1544) anotou escrupulosos cadernos com extensas notas sobre plantas, metais e peixes, que registou nas terras italianas, como nas costas do Adriático; Clusius, numa expedição pela Península Ibérica, registou notas sobre a flora portuguesa e castelhana, do mesmo modo que nas viagens pela Europa Central anotou informes sobre as plantas e fungos da Áustria e da Hungria. A atenção que prestavam ao mundo que os rodeava levou esta nova geração de botânicos a constatar que as plantas descritas na Antiguidade eram apenas uma ínfima parcela da diversidade vegetal do globo. Em poucas dezenas de anos, a riqueza florística europeia foi identificada, descrita e cartografada.⁶⁴⁹

A intensa troca epistolar e de amostras vegetais, que então se estabeleceu entre médicos, botânicos, jardineiros e coleccionadores, levou a uma consciência mais aguda sobre a multiplicidade de um mundo botânico que extravasava a contida dimensão dos textos gregos e árabes.⁶⁵⁰ Datam desta época a multiplicação

⁶⁴⁸ Tal como acima referimos, a citação foi extraída da versão on-line do manuscrito 2659. Este encontra-se guardado na Biblioteca Universitária de Salamanca e foi traduzido e comentado no âmbito de um projecto coordenado por Antonio López-Eire (www.dioscorides.eusal.es) consultado em Junho de 2011).

⁶⁴⁹ Paula Findlen, *Possessing Nature*, pp. 153-193; Brian Ogilvie, *The Science of Describing*, pp. 138-208.

⁶⁵⁰ Sobre a intensa troca de correspondência entre os naturalistas de Quinhentos, ver a obra de Florike Egmond, Paul Hoftijzer and Robert Visser (ed.) *Carolus Clusius*, assim como Josep Luis Barona e Xavier Gómez Font, *La correspondência de Carolus Clusius com los científicos españoles*.

dos jardins botânicos⁶⁵¹ onde se acumulavam exotismos das origens mais diversas⁶⁵², assim como a constituição de herbários de plantas secas⁶⁵³, como os de Felix Platter (1536-1614)⁶⁵⁴, Andrea Cesalpino (1519-1603)⁶⁵⁵ ou Caspard Bahuin (1560-1624),⁶⁵⁶ ou de colecções de raridades como as de Calzeolari, em Verona ou a de Ferrante Imperato, em Nápoles.

No que diz respeito ao mundo natural, o sábio europeu de Quinhentos considerava “novas” as plantas ou os animais que não se encontrassem descritos nos tratados Gregos, Latinos e Arábicos. A necessidade de integrar cada droga num

⁶⁵¹ Os primeiros jardins botânicos surgiram no Norte de Itália. Com o objectivo de apoiar o ensino médico, foi criado o jardim botânico de Pisa. Quase em simultâneo, com uma preocupação de afirmação política, estabeleceu-se um outro jardim em Pádua. Sobre jardins botânicos, ver: Paula Findlen, *Possessing Nature*, pp.240-287.

⁶⁵² O termo ‘exotismo’ é aqui usado em sentido lato. Uma planta oriunda da Ibéria, por exemplo, era considerada um exotismo num jardim flamengo.

⁶⁵³ Os herbários de plantas secas, *hortus siccus* ou *hortus hiemalis*, tiveram uma enorme importância para a evolução da Ciência Botânica. Criados originalmente por Lucas Ghini para auxiliar na identificação das plantas, os aspirantes a médicos, os herbários tomaram, ao longo de século XVI, uma nova função. A troca de plantas prensadas e secas entre estudiosos permitiu-lhes constituir colecções cada vez mais completas de exemplares que observavam e comparavam no sossego dos seus gabinetes de trabalho. O confronto das plantas com os exemplares descritos pelos diversos autores abriu caminho para que ensaiassem modelos de catalogação e formas de sistematização da informação. As normas para a construção de um herbário foram publicadas por Adriaan van de Spiegel, *Isagoge*, 1606. Agnes Arber, *Herbals*, pp.139-142.

⁶⁵⁴ Felix Platter efectuou os estudos médicos em Montpellier. Desenvolveu prática clínica em Basileia. O seu herbário, constituído por nove volumes, foi descoberto em Berna, em 1930, onde permanece guardado. Trata-se de um dos herbários Renascentistas mais bem conservados. Para além de exemplares secos, inclui aguarelas e xilogravuras das plantas recolhidas. Joelle Magnin-Gonze, *Histoire de la Botanique*, p.56.

⁶⁵⁵ Aluno atento de Lucas Ghini, Cesalpino foi professor de Medicina, Botânica e Filosofia na Universidade de Pisa. Foi autor de *De plantis libri XVI*, um dos tratados botânicos mais relevantes da sua época. Nesta obra, ao longo de 15 livros, descreveu mais de 1500 plantas, ordenadas segundo um sistema de classificação que ele próprio criou. Dedicou-se à colheita e observação dos exemplares que descreveu. Tratando-se da primeira obra de botânica teórica desde Teofrasto, o *De Plantis* descreveu o primeiro sistema de classificação das plantas baseado apenas em caracteres morfológicos. Ver: Joelle Magnin-Gonze, *Histoire de la Botanique*, pp.73-79.

⁶⁵⁶ Bahuin foi professor de Botânica e de Medicina na Universidade de Basileia e autor de numerosas obras botânicas, como por exemplo *Phytopinax*. Publicou também *Theatri botanici sive historia plantarum*, na qual estabeleceu uma distinção entre os conceitos de “Género”, “Espécie”. Até à época de Lineu, foi uma das obras botânicas mais conceituadas. Bahuin descreveu brevemente as plantas, designando-as frequentemente por dois nomes; uma das suas obras de maior destaque, no início do século XVII, foi *Pinax theatri botanici*. Resultou num dos tratados de referência na evolução da Botânica sistemática. Bahuin dedicou-se-lhe durante mais de quarenta anos. A cada planta descrita, acrescentou descrições antigas, assim como figuras. Dado o rigor e a extensão dos sinónimos registados, esta obra é de inestimável valor para todo o estudioso da nomenclatura botânica de Quinhentos. Colocando, lado a lado, descrições e imagens de plantas oriundas da Europa, América e Ásia, *Pinax* foi uma das obras do século XVII com informes mais detalhados sobre a diversidade da flora então conhecida. Esta obra botânica, para alguns autores, marcou uma transição na forma de conceber a classificação do mundo vegetal. Joelle Magnin-Gonze, *Histoire de la Botanique*, pp.81-82. Sobre o significado da obra botânica de Caspard Bahuin, ver: Brian Ogilvie, *The Science of Describing*, pp. 215-229.

saber pré-estabelecido constituía uma das preocupações dos eruditos de então. O primeiro passo desta metodologia de trabalho consistia então numa procura exaustiva, nos textos médicos em circulação, de uma descrição morfológica compatível com a do exemplar em estudo. Assim, o confronto da realidade visível e palpável com o texto escrito tanto podia resultar no reforço ou refutação da tradição, como ainda na validação de uma novidade.

6.2. Comunicação da novidade

Garcia de Orta manteve-se fiel a esta modalidade de reconhecimento e transmissão da novidade. O médico revelou um cuidado particular na descrição de novas drogas asiáticas, socorrendo-se de múltiplos álisis para suportar cada caso. Cotejando cada nova planta com um exemplar familiar ao leitor, esta, apesar de desconhecida, tornava-se inteligível.

Para além do investimento no detalhe da descrição, Orta aguçou o interesse dos leitores condimentando as suas explicações com pormenores de um invejável quotidiano vivido na Ásia.

A complexidade da argumentação a que recorreu dependia de diversos factores, como a utilidade do produto, a gravidade do mal que curava, o valor comercial da droga, a sua raridade ou exotismo.

Assim, as ferramentas de que Orta se muniu para validar um saber e afirmar a sua autoridade variavam conforme o produto. Os atributos e cargos dos seus informadores, os detalhes explicitados nas descrições, o relevo dado às propriedades terapêuticas, assim como o testemunho directo da sua utilização, foram instrumentos afinados por Orta para autorizar, de modo inequívoco, cada novo *simples* descrito.

Pareceu-nos interessante relevar os principais artifícios a que Garcia de Orta recorreu para autenticar algumas das novidades do mundo natural asiático, que integrou em *Colóquios dos Simples*. De entre elas, destacamos, as descrições: da árvore triste, dos brindões, do ber, das cáceras, das carambolas, das curcas, das ervas, das patecas, dos mangostões, do negundo, do nimbo, dos paus-de-cobra, dos marmelos-de-Bengala ou da pedra de porco-espinho.

“É na terra um Plínio e um Dioscórides...” (Orta, I:13)⁶⁵⁷

Ao longo da sua obra, Garcia de Orta descreveu o seu método de trabalho. No início do colóquio da cânfora, escreveu:

“Ruano: Muyta rezam será que fallemos na cânfora, pois he tam estimada e usada na física; da qual não escreveo Galeno nem escritor algum grego, senão Aecio escritor moderno; e sem duvida que se deve aos Arabios muyto em algumas cousas, porque ainda que dellas nam deixassem perfeita notícia, foy por estas terras serem ignotas, que dellas nam podiam dar perfeita relação.

Orta: Certo que passa assi, porque eu que estou nesta terra há tanto tempo com muyto trabalho posso saber huma verdade perfeitamente, e a causa he porque os Portugueses, que navegam por muita parte do mundo, onde vão nam procuram de saber senam como farão melhor suas mercadorias, e que levaram pera lá quando forem, e que traram da tornaviagem; não são curiosos de saber as cousas que ha na terra, e, se as sabem, nam dizem a quem lhas traz que lhe amostre o arvore, e, se o vêem, nam o compárão a outro arvore nosso, nem proguntão se dá frol ou fruto, e que tal he.⁶⁵⁸ E como eu nam posso andar por todas as terras, nem me dam licença os que a terra governão pera yr fora de onde residem, porque se querem servir de mim e de minha velhice antes que doutrem [...] não sam digno de culpa em vos dizer isto destas mezinhas com duvida e tanto a medo.” (Orta, I:151-152).

A análise deste trecho, permite-nos constatar que o saber contido nos textos foi o ponto de partida para uma discussão sobre a cânfora. Como já destacámos anteriormente, as obras médicas em circulação reuniam um conjunto autorizado de conhecimentos relativos a cada produto. Acumuladas ao longo dos séculos, estas informações, por vezes contraditórias, constituíam o saber que os eruditos de Quinhentos pretendiam validar ou contestar.

⁶⁵⁷ No original: “Plinius es terris atque Dyoscorides.”

⁶⁵⁸ Com esta afirmação, Orta parece subscrever as acusações que alguns dos eruditos europeus dirigiram aos portugueses estantes no Oriente.

Por se encontrarem longe dos centros de produção e origem das drogas orientais, os sábios do passado tinham recorrido a serviços de terceiros, a quem encomendavam respostas a circunstanciados inquéritos. Menos preocupados com o rigor das notícias veiculadas do que com os lucros resultantes da transacção dos exotismos, alguns relatores menos escrupulosos cederam, bastas vezes, informes incorrectos. Deste modo, os erros que se apontavam aos autores da Antiguidade, mais do que denunciarem a ignorância dos Mestres, resultavam amiúde da desatenção dos seus informadores. Ao afirmar, como repetidas vezes o fez: “A Dioscorides e a Plinio foi dada falsa enformação” (Orta, I:344), o físico salientou este facto, mostrando-se condescendente com os erros contidos nos compêndios destes autores.

Sem falsa modéstia, Orta colocou-se no mesmo patamar que estes sábios da Antiguidade. Apesar das suas deslocações, ao longo da costa asiática, das amplas discussões que manteve com físicos e mercadores ou dos dispendiosos esforços que desenvolveu para obter exemplares raros e informes credíveis, Orta temeu pela inexactidão de algumas das notícias sobre os produtos exóticos integradas nos *Colóquios*. Precavendo-se de uma qualquer incorrecção, que lhe podia valer a crítica de um lente mais bem informado, deixou, desde o primeiro momento, espaço para o seu próprio erro, dando à sua obra um cariz dinâmico e interactivo. Tal era a modalidade com que Orta encarava a construção do saber relativo ao mundo que descrevia. Ruano, no entanto, sossegava os receios do seu colega, afirmando:

“As vossas cousas nam tem outro mal pera os mordaces leitores que serem verdadeiras e muitas nunqua sabidas dos físicos, que de qua foram a Espanha, quanto mais aos físicos da Europa...” (Orta, I:24).

Para a análise do mundo natural, Orta partiu, sempre que possível, de uma aturada pesquisa da droga em causa nas referências textuais em circulação. O reconhecimento de uma planta, animal ou mineral pressupunha o confronto do exemplar com uma descrição contida num compêndio botânico ou num tratado de matéria médica autorizado pela comunidade erudita. Assim, os textos médicos de autores Gregos, Latinos ou Arábicos, eram examinados em detalhe em busca de

descrições de produtos asiáticos. A ausência de referências anteriores ao *simples* em causa anunciava o aparecimento de um produto diferente. Ao afirmar “Eu não me lembro aver lido desta pedra” (Orta, II:382) ou “desta herva não falaram Plínio, nem Dioscórides” (Orta, II:18), Orta pretendia explicitar o rigor do seu método de trabalho e chamar a atenção dos seus leitores para um produto raro ou uma droga inovadora. Ser considerado, pela comunidade de sábios, um novo Plínio ou Dioscórides era a ambição daqueles que perscrutavam a Natureza em busca de novidades. Como afirmou Tomás Caiado no “Epigramma” que dirigiu a Garcia de Orta:

“Que esta obra, ó médicos, ande em vossas mãos, onde quer que os antigos varões foram outrora impotentes.

Ao vosso encontro virão certamente muitos simples, com que se preparam remédios que longo tempo estiveram ocultados nas trevas.

Peregrina honra é esta, Doutor, de desvendar tão densas trevas! És na terra um Plínio e um Dioscórides.

Esses que, apesar de terem ambos ousado escrever sobre magnos assuntos, cederão o passo, cada um deles, ao teu parecer.”

Tomar o lugar dos Clássicos era, afinal, uma honra digna de poucos mas a que muitos aspiravam. Revelar um domínio do conteúdo dos textos Antigos, que se pretendia destronar era, assim, um elemento fundamental para que a comunidade de sábios considerasse crível uma nova autoridade. Orta, mesmo para falar de drogas novas, aludiu a uma prévia pesquisa textual. Privilegiando a consulta de fontes Clássicas, sublinhou o amplo saber dos autores arábicos relativamente à natureza da Ásia. Tal como Orta não se cansou de realçar, as fontes arábicas continham, relativamente ao mundo natural asiático, um saber mais rigoroso e completo do que os textos gregos e latinos. Talvez por isso, ao observar o açafão da Índia que lhe trouxe a serva, Ruano, que o desconhecia, tenha perguntado: “Primeiro quero que me digais se escreveu algum escritor deste simples ao menos árabe” (Orta, I:280). O mesmo pedido “faz por ventura menção della [batiec indi]

algum arábio escritor?” (Orta, II:135) surgiu mais à frente, quando Orta lhe apresentou o melão-da-Índia. Com estas intervenções, Ruano parecia querer realçar o valor destas fontes. No entanto, mais do que apenas divulgar o saber arábico, para Orta o importante era suplantar a tradição veiculada pelos autores helénicos, tornando-se, ele próprio, uma autoridade aos olhos da moderna comunidade de eruditos.

“O tempo que tudo descobre, a descobrirá.” (Orta, II:384)⁶⁵⁹

Para falar de uma novidade, Orta nunca prescindiu do seu interlocutor. Ruano, o atento médico acabado de chegar ao Oriente, interessou-se por plantas e frutos que desconhecia. A curiosidade do europeu funcionou, assim, como motor de arranque para cada conversa reveladora de um novo exotismo.⁶⁶⁰ Dirigindo-se ao seu colega, há tanto tempo radicado em Goa, pediu-lhe explicações sobre: a árvore triste “Começo, em nome de Deos, nas mézinhas e simples da India não conhecidos nem vistos por nós. Que é esta árvore que tão bem cheira dêe que se põe o sol até que sae?” (Orta, I:69); os brindões: “e também queria provar aquella fruta vermelha, que comem aquellas moças.” (Orta, I:117); o ber: “Pois destoutras maçãs me dizey o nome e o arvore e em que terra as ha e se sam maçãs de anáfega: ” (Orta I:118); as cáceras: “e dizeyme que fruta he aquella que está parando aquella moça, porque parece junca avelanada ou junco odorato? (Orta, I:146); as carambolas: “Muito bom sabor tem estes pasteis, pareceme que o causa humas talhadas azedas que estão nelles de huma certa fruta; vejamola” (Orta, I:161); as carandas: “mas que fruta he esta azesa que parece maçanzinhas pequenas verdes?” (Orta, I:185); as curcas: “E que cousa he curcas do Malavar?” (Orta, I:279); as ervas: “ Segundo vejo nos enfermos deste espirital há, e nos que vos

⁶⁵⁹ Ideia que foi retomada por Monardes ao escrever: “y el tiempo que es descubridor de todas las cosas, nos las ha demostrado...” Nicolás Monardes, *Primera y Segunda y Tercera Parte de la Historia Medicinal*, p. 2. Esta certeza de que o “tempo” era revelador da verdade das coisas foi também salientada por Oviedo que, ciente do limite das informações que registou, confiou que, no “tempo”, os segredos da Natureza seriam desvendados.

⁶⁶⁰ O cariz sensorial das descrições das plantas e frutas apresentadas por Orta e Ruano recorda a mesma “linguagem da experiência” que Barrera apontou à obra de Oviedo. Esta experiência da Natureza que os ibéricos realizaram nos primeiros contactos com um mundo natural desconhecido conduziu, segundo o historiador, à reconfiguração das práticas científicas na Europa de Quinhentos. Barrera, *Experiencing Nature*, pp. 110-111.

vejo curar, as peiores enfermidades sam colérica passio e as câmaras; e por isso queria que falasemos na agoa de herua com que curais as câmaras; porque segundo se diz em Portugal, muito estanca.” (Orta, II:13); a pateca: “E quem vos disse que se chamava bate cindi? Faz por ventura mençam della algum arábio escritor?” (Orta, II:135); os mangostões: “Gabaramme huma fruta muyto, que chamão mangustões; falemos do que sabeis nellas.” (Orta, II:161); o negundo: “Gabam muito estas vossas negras hum arvore [...] e dizem que aproveita pera tantas cousas que estou pasmado.” (Orta, II:162); o nimbo: “Quero-vos alembrar o arvore com que curaste o vosso cavallo muito estimado...” (Orta, II:167); ou o pau-de-cobra: “Peçovos por mercê, que em breves palavras me digaes o que he, de que terra vem, e seabusam ou dito falso do povo, ou se aproveita pêra alguma cousa.” (Orta, II:181).

Seguindo o olhar atento de Ruano, Orta aproveitou para apresentar as frutas e as plantas da Índia “ainda que não sejam medicinais” (Orta, I:19). A curiosidade, que tirava o sono ao seu interlocutor, “mas nam sey se poderey [dormir] pollos desejos que tenho de perguntar pella manhã” (Orta, I:20), extravasava de uma leitura convencional sobre o mundo natural da Ásia e estendia-se a cada um dos intrigantes detalhes daquelas terras longínquas, que Orta tivesse presenciado e lhe pudesse revelar.

Aquela “amizade [...] tam grande e tam antiga” (Orta, I:20) que unia os dois médicos reflectiu-se nesta troca de saberes e materializou-se na oferta de presentes. O testemunho do físico encontrou, em primeiro lugar, o olhar do amigo, que validou e autorizou a sua experiência, tornando-a conforme ao escrutínio de uma comunidade erudita exigente. Foi Ruano quem trouxe visibilidade e notoriedade ao saber de Orta. Este, por seu lado, prometeu a Ruano exotismos e raridades.⁶⁶¹ Do mesmo modo que os dois médicos actuavam em consonância, muitas outras personagens participavam nas suas conversas para autorizar as afirmações de Orta. Quanto mais valiosa fosse a droga descrita, maior era a segurança que Orta tinha que inspirar nos seus leitores. Introduzindo interlocutores reais ou fictícios da sua inteira confiança, o médico conseguiu valorizar cada

⁶⁶¹ Ao longo do texto, Orta vai prometendo a Ruano conservas de frutas exóticas, raridades ou exemplares de plantas novas. A relação entre os médicos é assim biunívoca: Orta cede o seu saber a Ruano. Este, por seu lado, torna concretas e visíveis as novidades descritas por Orta.

novidade. Assim, para falar das ervas, aludiu ao paciente que curou “hum fidalgo muyto onrado, o qual tem nome em toda a Espanha, e estava á morte” (Orta, II:16); tal como para apresentar a pedra de porco-espinho não prescindiu da referência àquele “homem letrado, vosso amigo que vós bem conheceis” (Orta, II:381), ou para salientar o valor do negundo referiu “aquele físico letrado e homem que fala muita verdade”, ou o “boticário de um Governador” (Orta, II:163-164). Todos estes atributos prefiguravam álibis valiosos, que contribuíram para validar uma informação nova. O estatuto social do informador sublinhava assim o valor da informação em causa.

Para apresentar novidades, que podiam ter maior impacto nas práticas médicas dos portugueses ou nos circuitos comerciais, Orta recorreu à presença física de uma outra personagem. Referimo-nos à figura do Licenciado Dimas Bosque, velho amigo de Garcia de Orta, a quem este pediu correcção e ajuda para “desencovar a verdade nam sabida de todos” (Orta, II:371). Dimas Bosque parece ter sido o elo que faltava a Orta para validar a sua obra. O valenciano mantinha boas relações com a comunidade de sábios portugueses. A Carta que dirigiu a Tomás Rodrigues, seu saudoso professor na Universidade de Coimbra, ilustre comentador de Galeno e eminente médico lusitano, revela a sua inserção nesta rede de notáveis, que tanta importância pode ter tido para a divulgação do saber veiculado por Orta.

Tirando partido da valiosa presença deste físico valenciano, “pessoa de muito boas letras, e homem de muyta verdade, e de muyto gentil juízo nas curas que faz” (Orta, II:186), Orta introduziu, no último capítulo do texto, drogas novas de utilidade terapêutica testada e comprovada pelo médico pessoal de D.Constantino de Bragança. (Orta, II:382). Porque, como afirmou: “se formos duas testemunhas, [...] darlheemos autoridade” (Orta, II:382). Deste modo, as descrições dos marmelos de Bengala e da pedra de porco-espinho revestiram-se de uma acrescida importância. Muito estimadas e usadas no Oriente, as primeiras na cura das câmaras, e as últimas contra a peçonha, estas drogas revelaram-se ajudas valiosas para os médicos ibéricos, no combate a estas fatalidades. Dimas Bosque apressou-se a relatar o seu sucesso com o uso dos marmelos de Bengala contra as câmaras que dizimavam as tropas portuguesas destacadas em Jafanapatam (Orta, II:376),

assim como o êxito da administração de água de pedra de fel de porco-espinho em “duas pessoas às quaes aviam dado peçonha que se acharam muito bem” (Orta, II:383). Narrando a sua experiência, este físico da confiança das elites portuguesas auxiliou Orta na descrição e validação destas importantes novidades. Se as conservas de marmelo poderiam ser usadas, especialmente nos hospitais da longínqua Ásia, a pedra de porco-espinho pela sua raridade, em breve, entrou nos circuitos do comércio de produtos de luxo. Dimas, que exibiu a Ruano a sua valiosa pedra, assegurou que “outra que se achou irmã desta foi mandada dessas terras [Malaca] ao conde de Redondo, visó-Rey da India” (Orta, II:382). O interesse que Garcia de Orta manifestou por esta droga “E sam muito satisfeito desta pedra, e se viver saberei della mais”, ecoou no entusiasmo de Ruano, que não escondeu a sua vontade em adquirir um exemplar: “E eu queria aver huma, pera levar a Portugal”. A raridade da droga foi, no entanto, recordada por Orta, que garantiu a Ruano “Se me vier á mão, eu vola darei, mas não me parece, porque nam há tantas como isso” (Orta, II:384).

Para falar dos usos e costumes associados a frutas vulgares e drogas usadas na medicina caseira, Orta prescindiu de interlocutores de estatuto mais elevado. Para testemunhos sobre o uso de frutos locais, limitou-se a recorrer ao testemunho de “muitas pessoas” - carambola (Orta, I:161) e nimbo (Orta, II:167); “da gente da terra” - marmelos, (Orta, II:376); “estes Indios” - carandas (Orta, I:187) ou mesmo de um vago “dizem que” - árvore triste (Orta, I:71).

6.3. Visibilidade do invisível

Descrever plantas novas, prescindindo de imagens gráficas, exigiu a Orta o domínio do discurso escrito. A comparação de árvores, arbustos e ervas com espécies conhecidas na Península Ibérica, o confronto das suas fragrâncias e propriedades terapêuticas com os aromas de plantas e bálsamos familiares a portugueses e castelhanos, tornaram aquele estranho mundo natural acessível aos europeus. Nas descrições da botânica asiática, ao rigor dos detalhes morfológicos, Orta associou

uma enorme riqueza de pormenores sensoriais - cores, perfumes, formas, texturas e sabores – que permitiram a cada leitor *sentir* aquela natureza longínqua.⁶⁶²

Suportando-se, tal como outros, nos modelos descritivos veiculados pelas obras de Plínio, Dioscórides ou Avicena, revelando, como poucos, agilidade na gestão de imagens e palavras, Orta transmitiu aos seus leitores europeus representações de um mundo que lhes estava velado. Tornar visíveis, palpáveis e reconhecíveis árvores, frutos e sementes, foi uma tarefa que Garcia de Orta decidiu repartir com Ruano. O seu olhar de expatriado, talvez contaminado por tantos anos de vivência oriental, foi autorizado pela leitura descomprometida do colega recém-chegado do Reino. Assim, apesar de descrever plantas que tinha no seu quintal, como por exemplo, o negundo -“A folha delle he semelhante á do sabugueiro, farpada como elle, e velosa pellas costas hum pouco; e o arvore he do tamanho como hum pecegueiro, deita flores brancas e algum tanto pardas, e huma semente preta, tamanha como pimenta e alguma cousa maior” (Orta, II:164) - foi Ruano quem apresentou outras novidades. De entre elas, destacam-se o nimbo “e [o nimbo] he do tamanho de hum freixo, e tem folhas como a oliveira, e ao redor he farpada toda, e verde em todas as bandas, não he parda nem vellosa, tem a ponta mais aguda que a da oliveira...” (Orta, II:167); as carambolas “Fermosas são, e sam agras doces e não muito azedas, são do tamanho de ovos pequenos de galinha e sam muito amarelas. O que melhor parece nellas, he serem fendidas em quatro partes, que fazem quatro partes menores de circulo” (Orta, I:161); as jangomas “sabe bem, e parece na feiçam como sorva pequena, e no sabor como ameixa; he no sabor estitiqua” (Orta, II:26); ou a intrigante pedra de porco-espinho “A cor della he vermelho craro, e achoa amarguosa no guosto, e ao tocar he como sabam frances, e asi he languida” (Orta, II:383).

A presença permanente de Ruano, o físico vindo de Lisboa, de uma certa forma, assegurava que a realidade descrita por Orta conseguia ser inteligível aos leitores sedeados no Ocidente. No entanto, Ruano, apesar de autorizado por Orta a descrever aquela realidade exótica, não deixou de se sujeitar à sua correcção,

⁶⁶² As descrições da natureza feitas por viajantes europeus foram analisadas, entre outros, por Agnes Arber, *Herbals*, pp. 52-163, Brian Ogilvie, *The Science of describing*, pp. 139-209 ou Fernando Cristóvão, “A Literatura de Viagens e a História Natural”, pp.185-218. Sobre a representação do invisível ver, por exemplo, Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, pp. 59-99

afirmando “diguovos isto porque vejais se pinto bem o arvore [nimbo]” (Orta, II:167). Apesar da sua credibilidade enquanto físico português, Ruano manteve um distanciamento delicado relativamente à realidade botânica que descreveu. Mais do que uma propriedade sua, aqueles exotismos foram identificados, em primeiro lugar, por Garcia de Orta, e era a este médico que o louvor devia ser dado. A mesma atitude de respeito, encontramos na intervenção de Dimas Bosque que Orta convidou para participar no final da sua obra. O físico do Vice-Rei participou activamente neste final da obra, revendo, questionando e, eventualmente, emendando informações cedidas por Orta ao longo de *Colóquios dos Simples*.

Como se lê no início do Colóquio 58^o, disse Dimas: “Dos amiguos totalas cosas sam commuas; e asi tem os amiguos licença pera enmendar as cousas dos que o forem seus.” Ao que Orta respondeu: “Vós a tendes já, escusada he pedila de novo, porque antes me fazeis grande mercê nisso.” (Orta, II:371).

Ao longo deste capítulo, Dimas Bosque foi apontando imprecisões ou pedindo esclarecimentos a Orta sobre passagens que lhe pareceram menos claras. É importante realçar, neste ponto, uma outra função de Dimas: a de informador credível. Como afirmou a Orta “Do que encomedastes da cana fístula, se agora avia em Malaca, soube que há muyta em Malaca, e em Siam, e em todas essas partes.” (Orta, II:373). Mas a esta função, ainda uma outra foi acrescentada, a de testemunho de novidades. “traguo aqui a mezinha pera vola amostrar”. Apesar de já conhecer a droga em causa, Orta aproveitou a ocasião para insistir no rigor subjacente ao seu método de trabalho. Como esclareceu, não bastava nomear as mezinhas recorrendo a uma designação genérica, “marmelos de Bengala”, sendo fundamental questionar informadores credíveis “hum meu amigo, homem de muyto bom saber” (Orta, II:375) sobre as várias designações que a droga podia ter em cada região. Só assim se garantia que não se trocavam produtos, o que, caso acontecesse, se poderia revelar fatal para os pacientes, para além de conduzir ao descrédito dos *Colóquios*. Dimas Bosque descreveu, então, de forma consistente e detalhada, a sua experiência com esta droga, tão necessária aos portugueses estantes no Oriente, e tão vulgar “às gentes da terra”. Aquilo “que vi desta mezinha, e o que della posso testemunhar” (Orta, II:377) foi o suficiente para que, ao lado de

Orta, Dimas pudesse validar uma nova droga contra as câmaras “huma das principaes curas, que avemos de exercitar nesta terra”(Orta, II:374).

Orta acordou com Ruano que lhe diria apenas a verdade. Deste modo, o médico comprometeu-se com cada descrição que apresentou. Cada novo exotismo que esboçou, revelou o seu juízo. Aquela realidade longínqua tornou-se tangível através do seu olhar. Orta descreveu as plantas que viu, tarefa que, como salientámos, repartiu com os seus colegas. No entanto, o testemunho sobre os efeitos terapêuticos das novas drogas que descreveu foi uma tarefa intransmissível.

Como salientou relativamente às ervas, “provei e vi os [seus] efeitos”, para depois acrescentar “curei um fidalgo muy onrado”, e terminar com a promessa a Ruano “vos levarei a ver enfermos que curam os Malavares e os Canarins, e sabereis melhor tudo.” Segundo testemunhou Orta, no Hospital de Goa era então comum usar esta mezinha [água de ervas] na cura das diarreias mais tenazes, o que revelava uma atenção às práticas médicas locais e a adopção de algumas das suas terapêuticas (Orta, II:13-18).

Do mesmo modo, ao falar do nimbo, Orta advertiu “vi curar com elle chaguas de cavalos muito dificultosas de modificar e alimpar, e alimparamse muito asinha” (Orta, II:167), tal como, relativamente à arvore triste, afirmou “não a vi pello sertão donde andey” (Orta, I:69). Dos marmelos apresentados por Dimas, afirmou “algumas vezes os vi em conserva” (Orta, II:375). No entanto, em relação à pedra de porco-espinho, por não ter “razão nem experiência”, afirmou, “não ousarei escrever della, sem vós [Dimas] primeiro me dizerdes o que tendes visto”, deixando a Dimas esse privilégio (Orta, II:382).⁶⁶³

O compromisso que Orta assumiu com o mundo natural que descreveu revelou-se em cada página da sua obra, e contribuiu para reforçar o crédito que o seu trabalho de pesquisa textual, atenta observação e rigoroso inquérito, alcançou perante a comunidade erudita do seu tempo.

Muitas destas novidades careciam ainda de informação detalhada. Ciente do carácter incipiente de algumas notícias, Orta assegurou aos seus leitores a

⁶⁶³ “Razão e experiência” eram, afinal, dois eixos fundamentais nesta construção do saber relativo ao mundo natural. Tal como Dimas Bosque afirmou, também Conrad Gessner sublinhou a necessidade da conjugação destas duas facetas complementares do saber. Ver Paula Findlen, “Natural History”, pp. 435-468.

continuidade do seu trabalho, que, segundo entendia, não se esgotava com os *Colóquios*. Com aquela expressão “quando souber mais, logo lhe digo”, que surgiu no texto mais do que uma vez, Orta prometeu ao curioso leitor a continuidade das suas inquirições e pesquisas, mas também revelou a riqueza inesgotável e o valor insondável dos recursos naturais que, na Índia, o médico tinha ao seu alcance.

Na Carta que Dimas Bosque, médico valenciano, dirigiu “ao Ilustríssimo Doutor Tomás Rodrigues, o primeiro dos médicos da Universidade de Coimbra” (Orta, I:12-13), pode ler-se:⁶⁶⁴

“Dioscórides Anazarbeu descreveu habilmente a origem e propriedades dos medicamentos simples, mas, como à maneira grega, usou de uma concisão helénica, tornou pouco clara a história das plantas, aliás tão rica, e dificultou o conhecimento dos respectivos efeitos, devido ao seu estilo confuso.

Também Galeno tem numerosos trabalhos, mas são omissos, muitos deles, em diversos pontos, se observarmos bem o que sobre as plantas escreveu, ou porque deixou ficar aquelas que lhe eram desconhecidas, ou porque o tempo, que tudo denuncia, ainda não fizera a demonstração dos seus efeitos.⁶⁶⁵ Deixemos de parte a doutrina dos Árabes, que são aqui e ali sujeitos a alucinações na descrição dos *simples*, e assim, ao tratar deste assunto, tropeçam logo no limiar, de tal modo que será difícil coligir das suas sentenças quaisquer informações acertadas, às quais sejamos capazes de entregar a nossa confiança e a saúde dos doentes.⁶⁶⁶ No nosso tempo muitos houve que escreveram muitas obras, mas fazem narrativas fantasiosas e ridículas acerca daquelas plantas que crescem na Índia Oriental,

⁶⁶⁴ Esta Carta, a que já nos referimos no Capítulo 2, encontra-se em latim na edição goesa. A presente versão portuguesa foi publicada por Maria Helena da Rocha Pereira, “Louvores latinos aos *Colóquios dos Simples e Drogas*”, pp. 1-11. Porque, no contexto deste capítulo se trata de um documento muito importante, decidimos introduzir alguns comentários esclarecedores da sua leitura.

⁶⁶⁵ A obra de Galeno a que Dimas Bosque se refere é, provavelmente, *Simplicium medicamentorum temperamentus ac facultatibus*. Escrita no século II, teve também uma vasta circulação na Europa do Renascimento.

⁶⁶⁶ É muito curiosa esta atitude aqui manifestada por Dimas Bosque, que se afasta da revelada por Garcia de Orta, ao longo dos *Colóquios*. O médico não se cansa de salientar que, sobre o mundo Oriental, os físicos árabes tiveram mais directo e verdadeiro conhecimento do que os Gregos. Como salientou no Colóquio do turbit: “nestas terras da India, souberam mais os Arábios; e, por melhor dizer, erraram menos que os Greguos.” (Orta, II:333).

desconhecidas até agora, mas doravante muito conhecidas, devido às navegações dos Portugueses.⁶⁶⁷ Há-os que dizem que o marfim é um fóssil; outros afirmam que é coisa que se não encontra (Orta, II:380), quando há tal abundância dele nesta região que o invictíssimo rei dos portugueses e das Índias, D. Sebastião, não só poderia cobrir dele os telhados do palácio real (como dizia Ovídio acerca de Apolo), mas seria capaz de construir uma cidade muito espaçosa com marfim do mais brilhante! Outros exprimem-se de modos divergentes acerca do espódio, ao discutir entre si a sua natureza, quando ele é muito conhecido entre nós, e vemos diariamente enormes quantidades provenientes das Ilhas Molucas, e encontramos igual abundância nos montes das imediações, e nele se verifica, com toda a clareza quanto dele se escreveu! (Orta, II:301-307).

Omito o que dizem acerca da raiz da China, que nasce em montanhas altíssimas e é guardada por animais ferozes e serpentes venenosas. Efectivamente, não há parte alguma da região litoral da China que não esteja cheia desta raiz, mas a distância da terra e o desconhecimento de uma região incógnita facilmente desculpará os erros evidentíssimos e de fábulas ridícula varões aliás muito doutos. (Orta, II:259-270). É que quem quiser descrever a história dos simples deve observar as ervas ao nascer, completar o seu crescimento, examinar os ornatos e variedades das flores e, finalmente conhecer o tempo da sua maturação, afim de poder situar entre os limites da verdade as suas diversas mutações, compreendidas através das idades.”⁶⁶⁸

⁶⁶⁷ Este ponto é fundamental. Dimas Bosque chama aqui a atenção para os novos conhecimentos alcançados pelas viagens dos Portugueses. A sua formulação não designa textos nem identifica autores mas sugere o valor do testemunho de gentes anónimas. Os múltiplos relatos orais, manuscritos e impressos, que surgiram na Europa, desde a chegada de Vasco da Gama a Calecute, surgem valorizados nesta afirmação de Bosque. Anos mais tarde, no texto introdutório da sua obra, Nicolás Monardes redigiu uma afirmação semelhante: “Y así como se han descubierto nuevas regiones, nuevos reinos y nuevas provincias por nuestros españoles, ellos nos han traído nuevas medicinas y nuevos remedios con que se curan y sanan muchas enfermedades, que si careciéramos de ellas, fueran incurables y sin ningún remedio.” Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal de las cosas que se traen de las nuestras Indias Occidentales* (Sevilla, 1574). O valor desta novidade que o médico quer sublinhar resulta da sonora repetição do adjectivo “novo”.

⁶⁶⁸ Este método de análise do mundo natural estava, como vimos, explanado no Prólogo do *De Materia medica* de Dioscórides. *Vd.* 2.6.

Este trecho da carta que o médico de D.Constantino de Bragança enviou ao Doutor Tomás Rodrigues, que apelidou de “Patrono de todos os médicos da Europa”, reflecte bem a confusão que reinava entre os sábios europeus relativamente ao mundo natural da Ásia. Segundo testemunhou o físico, os tratados médicos e botânicos da Grécia Antiga continham numerosas incorrecções e os compêndios árabes faziam descrições enfabuladas da natureza do Oriente. Dimas Bosque sublinhou ainda o valor do testemunho dos viajantes Portugueses e exemplificou alguns dos disparates que os médicos europeus, mesmo os “varões mais doutos” diziam acerca da flora da Ásia.

Para o Doutor Bosque, a obra saída dos prelos de Goa, que tinha como objectivo “percorrer todas as universidades europeias, a fim de que a juventude médica receba os frutos e remédios simples da Índia retratados com sincera verdade”, vinha corrigir todas estas lacunas.

6.4. Organização de *Colóquios dos Simples*

Ao longo de *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta revelou um vasto conhecimento da natureza asiática. Para a descrever, recorreu a uma ampla profusão de fontes orais, manuscritas e impressas, que utilizou com singular à-vontade. A interacção de textos, saberes e experiências resultou num tratado inovador. Na verdade, *Colóquios dos Simples* marcou um ponto de viragem na descrição da natureza. Nesta obra, a Europa culta encontrou explanado um modo particular de aproximação ao mundo natural do Oriente. Um projecto que se revelava ambicioso e que, sem prescindir da tradição, a preenchia e reformulava, colmatando-lhe as falhas e realçando-lhe as virtudes.

O método de abordagem ao mundo tropical apresentado por Garcia de Orta constituiu, no seu tempo, num dos mais inovadores contributos da sua obra. A sua prolongada excentricidade geográfica permitiu-lhe uma libertação dos estritos protocolos de trabalho impostos pela cultura Ocidental que, em relação ao mundo natural, se limitavam à revisão filológica e ao comentário textual dos Antigos. Mais do que um eventual risco associado ao arrojo da atitude de questionar os autores

clássicos, as palavras do médico insinuavam a incapacidade do erudito europeu em abandonar um método de trabalho que Orta considerava desadequado. Com esta afirmação, Orta denunciou a estreiteza de horizontes dos sábios Ocidentais, que os impedia de ver para além das fronteiras do saber autorizado. Como demonstrou, havia uma infinidade de outros saberes, radicados nas tradições de outras culturas ou na experiência de gentes dignas de fé, que reformulava, às vezes por completo, a ciência dos textos impressos. Na verdade, Orta preencheu o seu tratado com testemunhos de gentes da sua confiança, que lhe traziam informações e segredos sobre as drogas e as especiarias. Informadores anónimos, portadores de relatos sigilosos ou de cartas pessoais, que mantinham o médico informado sobre a origem das plantas, as principais rotas de distribuição das drogas ou os mais vantajosos mercados. Um aturado estudo de alguns dos relatos manuscritos e impressos então redigidos permitiu-nos identificar nos *Colóquios* a origem de alguns destes informes que, de seguida, apresentamos. Referimo-nos a relatórios, mais ou menos detalhados, redigidos por feitores, pilotos, boticários ou viajantes portugueses, cuja identidade Orta entendeu omitir, talvez devido ao carácter confidencial ou à relevância táctica de algumas das notícias recolhidas. O que pretendemos aqui salientar é o crédito que Orta deu a este outro tipo de fontes escritas. Como demonstraremos mais à frente, abundam em *Colóquios dos Simples* notícias sobre o mundo natural da Ásia, que circulavam de forma restrita e avulsa nos círculos políticos e religiosos lusos. Informações que careciam do olhar avisado de um sábio. De um homem pragmático, que as soubesse interpretar e inserir num contexto favorável aos interesses portugueses. Notícias dispersas que, cedidas de forma errónea, poderiam revelar confidências, desfazer negócios ou comprometer estratégias. Descrever os recursos naturais do Oriente à Europa de Quinhentos, mais do que um mero exercício académico ou um simples relato de uma natureza observada, exigia assim uma hábil e criteriosa selecção dos registos em circulação e o seu apropriado confronto com os textos clássicos. Mais do que *rumores*, burburinhos ou murmúrios, nas fontes que usou, Orta privilegiou a palavra escrita, que circulava nos textos, cartas ou relatórios. Regressando, de forma decisiva, ao método de recolha da informação usado por Plínio ou Dioscórides, o médico utilizou todas as experiências credíveis que conseguiu reunir.

Ciente da radicalidade da sua proposta, Orta partiu, sempre que possível, daqueles textos que, na Europa, constituíam a Autoridade. Os comentários a Dioscórides, a versão latina de Avicena ou Serapião, a *Historia Naturalis* de Plínio e o texto de António Musa Brasavola, a que anteriormente nos referimos, marcaram presença ao longo de toda a obra. Nas drogas descritas por Dioscórides, Orta elegeu o comentário de Mathioli⁶⁶⁹. Esta obra, para além da versão latina ou italiana do texto do Grego, continha, como vimos, uma ampla e aturada discussão sobre cada droga. Não foi por acaso que Orta escolheu este tratado para base do seu projecto de reformulação do saber. Na verdade, o compêndio de Mathioli era considerado, na Europa do seu tempo, o mais erudito tratado sobre matéria médica, até então publicado. Colocar em xeque o saber do sábio italiano, mais do que um mero projecto pessoal, era uma forma de reformular o autorizado saber dos europeus relativamente ao mundo natural da Ásia.

Orta colocou nas intervenções dos seus interlocutores trechos da discussão de Mathioli, que rebateu, múltiplas vezes, com afirmações de Avicena, Musa Brasavola ou informações manuscritas ou orais. As citações e referências que colocou nas margens resultavam, bastas vezes, de trechos transcritos da obra de Mathioli ou de textos por ele citados. Tome-se, por exemplo, o *Colóquio décimo terceiro de duas maneiras de Cardamomo e das Carandas* (Orta I:173-186), onde Orta começou por afirmar:

“Os Gregos, nem os Latinos antigos, nam conheceram cardamomo; como quereis que vos diga o nome? E por tan podeis crer que Galeno nam escreveo delle; e isto alem esperiencia e o capitulo do cardamomo, he dizelo Avenrro: porque diz Galeno que nam he o cardamomo tam quente como masturço mas que he mais aromático e mais saboroso, e tem alguma cousa de amargor; e

⁶⁶⁹ É interessante recordar que, como já referimos nos capítulos 1 e 4, Mathioli dirigiu uma exortação aos médicos portugueses para que, com celeridade, colocassem em circulação novos saberes sobre o mundo natural do Oriente. Esta solicitação de Mathioli foi referida por Orta no colóquio da canela. (Orta, I:216).

pois todas estas cousas nam lhe convém, nem tem sabor de masturço, nem amarga, sinal he que nam conheceo este que chamamos cardamomo.”⁶⁷⁰

Em Mathioli pode ler-se:

“En tous les Grecs, ne se trouve qu’une espece de cardomome, au default duquel Gal. ordonne d’user du meurte, ou du souchet. Duquel il escrit ainsi au 7 Li. *des simples*, Le cardamome est de nature bien chaude, toutefois non pas tant que le nasitort : car d’autant qu’il est de plus douce é meilleur senteur, d’autant moins chaud est il que le nasitort, pour ce que lui seul, si on le frotte fort, ne peut ulcerer ne entamer la peau... »⁶⁷¹

Em seguida, Orta identificou o local de origem do melhor cardamomo:

“Dioscorides diz que o melhor se traz de Comagena e da Arménia e do Bósforo; e que também se traz da Índia e da Arábia.”

Escreveu Mathioli :

“Le meilleur cardamome est celui qu’on apporte de Comagene, d’Armenie, & du Bosphore : il croist aussi en Indie & Arabie.”⁶⁷²

Garcia de Orta descreveu o que Plínio escrevia sobre a droga:

“Plinio põe quatro especias; scilicet, muito verde e grosso, e o melhor ha de ser contumaz ao esfregar; e o outro que resplandeça de cor ruiva de ouro; e o outro, mais pequeno e mais negro, hade ser de desvairadas cores, e que se quebre bem : ora vedes aqui o cardamomo que tem a casca em que está, branca, e elle he preto, e facilmente se quebra.”

⁶⁷⁰ Como referência marginal, Garcia de Orta escreveu: “Avenrrois, 5, *Colligit*; Galenus, 7, *Simp. Medica*”

⁶⁷¹ Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv.2, Cap. 5, p.5.

⁶⁷² Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 5, p. 24.

Mathioli, por seu lado, tinha escrito no seu comentário:

“ Pline, au 12 li. Chap.13⁶⁷³ met quatre especes de cardamome, disant ainsi : le cardamome est semblable à l’amome & de nom & de plante, de semence longue. On le cueult de mesme sorte en Arabie. Il y en a quatre sortes. L’un est tres vert, gras, à angles aigus, rude au froter, lequel est le plus estimé. Le second est entre tous & blanc. Le troisième est plus petit et plus noir. Le pire de tous est de diverses couleurs, facile à concasser, d’odeur mauvaise. Le plus vrai, ressemble de plus prés au coste. ”⁶⁷⁴

Se tomarmos outro Colóquio, por exemplo o *vigésimo terceiro, do folio indo ou da folha da Índia*, (Orta, I:343-348) encontramos:

“Dioscorides diz que alguns, pollo cheiro, dixeram ser a folha do arvore do espiquenardo, por a semelhança do cheiro; e que como o colhem, o passam por um fio; enfiadas as folhas as que tem e as que guardam pera as vender; e que as lagoas sequas, onde se isto dá, sam queimadas, porque senam sam queimadas não naçe mais isto nellas; e que o melhor he mais novo e inteiro; e que de branco vaise sendo preto; e que com o cheiro fira a cabeça, que muyto tempo permaneça nesta cheiro; e que imite ao nardo, e nam tenha gosto do sal.”

Escreveu Mathioli:

“Aussi tost qu’elle est ceuilli, on l’enfile avec un fillet de lin etant seche on la serre. On dit que les eux taries en esté par la grande chaleur du soleil, on brule la terre avec le bois sec qui y est : et que si on ne fait cela le malabatre ne renaist pas. La meilleur est celuy qui est frais, blanchatre, tirant sur le noir, entier, qui ne romp facilement, blessant la teste de sa forte odeur, gardant

⁶⁷³ A referência a Plínio, Liv. 12, Cap. 13 surgiu como nota marginal neste colóquio de Orta (Orta I:175)

⁶⁷⁴ Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 5, p. 25.

long tems sa bonne senteur, de saveur tirant à celle du nard, sans aucan gout de sel. ”⁶⁷⁵

Aludindo à *Historia Naturalis*, escreveu Orta :

“Plínio diz (Plínio, lib.2, cap. 36, nota de Orta)⁶⁷⁶ que o há em Síria em folhas retortas, donde sae o olio pera o unguento; e que em Egipto há mais abundância delle; e que o mais louvado vem da Índia; e que se gera sobre a agoa; e que cheira mais que o açafam; e que o mais sabe a salva e cheira, e o somenos na bondade he mais craro e melhor, que he semelhante ao nardo; e que deitado em vinho excede todos os cheiros; e que o preço delle foy cousa milagrosa, scilicet, até trezentas livras e do olio até 60 livras” (Orta, I :346).

Por seu lado, em Mathioli pode ler-se:

“Pline fait mention de deux especes de malabatre, et dit l’un être la feuille d’un arbre de Syrie escrivant : La Syrie encores nous produit du malabatre qui est un arbre de feuille repliee, de la couleur de une chose séche, dont on tire de l’huile pour les unguents. L’Egipte en est plus fertile. Celuy des Indes est le meilleur de tous. On dit quile croit aux palus, comme la lentille d’eau, de meilleur odeur que le saffran, noiratre, rude, ayant quelque goust de fel. ”⁶⁷⁷

Quanto à utilidade do fólio, disse Orta:

“e todos dizem que aproveita pera provocar a orina, e pera o cheiro mão da boca, e que conserva os panos, e defendeos da traça; e per derradeiro dizem que aproveita pera todas as cousas, como o espiquenardo.”

⁶⁷⁵ Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 11, p. 34.

⁶⁷⁶ Como referência marginal, Orta anotou “Plinio, Lib. 2, Cap.36”. Acontece que este Livro 12º só tem 28 capítulos. A referência assinalada por Orta está incorrecta, podendo ser mais uma das gralhas que a copiosa Errata deixou escapar. Em Mathioli, surgiu a alusão ao texto de Pline, *Hist. Nat.* Liv.12, Cap. 26.

⁶⁷⁷ Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 11, p. 34.

Enquanto que Mattioli afirmou :

“Il a mesme vertu que le nard [...] il provoque fort l’urine et est meilleur à l’estomac [...] il fait bonne alaine. On le met entre les habillements pour les faire sentir bon, et les contregarder des artes.”

A mesma familiaridade com o texto de Mathioli verificou-se noutros *Colóquios*, surgindo amiúde versões de trechos completos da obra, assim como cópia das referências textuais apresentadas pelo italiano, que Orta sabiamente colocou em *marginalia*.

Se tomarmos o Colóquio vigésimo quinto, “do cravo” (Orta I:359-367), escreveu Orta:

“Esqueçevos de falarmos nelle [cravo] na letra c; porque o bom latim he cariofilo, e o mau latim he gariofilo, segundo podeis ver em estes modernos que escrevem.” (Orta, I:359).

Ruano contestou:

“Não tenho que ver com isso, porque asi o aprendi toda a vida.”⁶⁷⁸

A conversa entre os médicos continuou, esgrimindo um e outro os seus argumentos sobre a designação mais correcta para o cravo. Convém aqui recordar que Orta, ao longo dos *Colóquios*, sequenciou os capítulos por ordem alfabética dos nomes das drogas.⁶⁷⁹ O capítulo do “cravo” que, seguindo este critério deveria ter surgido a seguir ao “costo”, apareceu entre o da “galanga” e o do “gingibre”. Mais do que um esquecimento ou uma distracção, é provável que esta decisão tenha

⁶⁷⁸ Esta mesma discussão surgiu no texto da Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 153 e de Laguna. *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv. 2, Cap. 148.

⁶⁷⁹ Não deixa de ser interessante salientar o facto de as frutas asiáticas apresentadas por Orta também seguirem a mesma ordem. Assim, por exemplo, as “cáceras” surgem no colóquio do “cálamo aromático”; as “carambolas” no da “cânfora”; as “carandas”, no dos “cardamomos”; as “curcas”, no da “crisocola”; os “duriões”, no da “datura”; os “figos da Índia”, no do “faufel”; o “melão da Índia”, no do “mungo” assim como os “pexegos” surgem no das “pimentas”. A desordem dos conteúdos, resultante da mistura de assuntos relativos a drogas e especiarias com frutas orientais, é apenas aparente já que Orta lhes impôs a mesma lógica expositiva.

sido uma opção consciente do médico. Talvez Orta se tenha antecipado à sua audiência mais pragmática que, familiarizada com o texto de Ramusio, procuraria esta especiaria pela sua designação mais vulgar “garofano” ou ao seu público mais erudito que buscaria esta droga na versão dos modernos comentadores de Dioscórides. Não deixa de ser curioso o facto de Orta, apesar de o ter colocado na letra “G”, não tenha prescindido do termo português “cravo” para designar a valiosa especiaria.

Para descrever a planta, disse Orta:

“Os vossos Gregos nem falaram do gariofilo, somente Paulo Egineta, que diz que he folha de noz[...] porque o gariofilo asi se decrara que tem folha de noz; [...]e eu em Dioscorides nem o achei » (Orta, l:359).

Em Mathioli, pode ler-se:

“Il [Paul Egin.] dit ainsi, Caryophyllon, comme si on dit soit nucifolium, c'est-à-dire feuille de noix [...] Dioscoride ne fait aucune mention aux gyrofles.”⁶⁸⁰

Neste modelo dialogal, escolhido por Orta, as conversas entre os médicos foram evoluindo ao longo dos comentários a Dioscórides realizados por Mathioli. Às questões levantadas por Ruano – que frequentemente correspondiam a afirmações do sábio grego ou a “argumentos” modernos apresentados por Mathioli⁶⁸¹ – Orta respondia, umas vezes recorrendo a trechos do mesmo texto, outras vezes socorrendo-se da sua “experiência”.⁶⁸² Deste modo, as diversas fontes compiladas pelo médico de Siena debatiam-se entre si e discutiam com as evidências apresentadas por Orta. Fortemente ancorado na tradição clássica, tão cara aos eruditos europeus, Garcia de Orta revelou possuir o conhecimento suficiente para refutar ou confirmar o saber em circulação. A sua autoridade enquanto médico de

⁶⁸⁰ Mathioli, *Commentaires à Dioscoride*, Liv. 2, Cap. 153, p. 358.

⁶⁸¹ Entenda-se “argumentos” como toda a informação sobre cada droga, goma ou especiaria, que Mathioli recolheu nas obras gregas, latinas e árabes que consultou.

⁶⁸² O termo “experiência” surge aqui num sentido lato que compreende: a prática clínica de Orta, as suas observações das plantas asiáticas, o saber contido nos textos manuscritos e impressos a que o médico teve acesso, assim como notícias fornecidas por informadores da sua confiança.

elites, que tão habilmente foi architectando ao longo de *Colóquios dos Simples*, foi consolidada pelo seu firme conhecimento dos textos.

Mas Orta revelou a sua familiaridade com outras fontes impressas, que manuseou com igual à-vontade. Nos comentários a Dioscórides, de Andrés Laguna, a que já fizemos referência anteriormente, verificámos o recurso a uma metodologia semelhante.

Se considerarmos o *Colóquio vigésimo sexto, do gengivre* (Orta, II:5-9), podemos ler:

“ Dioscorides diz que o ha na Trogoldita e na Arábia.”⁶⁸³

Em Laguna, podemos ler:

“Es una planta concreta que se produce sobre todo en la región de Arabia de los trogloditas.”⁶⁸⁴

Escreveu Orta:

“ Na Trogoldita e nas ilhas de Comaro o ha, as quaes confinam com essa mesma terra; e também o ha na Etiópia, segundo tive por informaçam;⁶⁸⁵ mas he pouco, e não he mais que o que abasta pera a terra ; e o que dixе Dioscorides que o ha na Arábia, com seu perdão, não falou verdade, antes he mercadoria pera lá; e no que diz que se usa muyto no principio da mesa verde, dixе verdade, e conforme ao que fazemos os dias de peixe, porque o

⁶⁸³ Orta inscreveu na margem a referência: “Dioscorides, lib. II, cap. 152”. Esta referência reveste-se da maior importância. Na realidade, os comentários a Dioscórides, de Laguna e Mathioli não se encontram no Capítulo 152. A alusão ao Capítulo 152 encontra-se como nota marginal no *Avicennaea Liber Canonis*, Veneza, 1555, da autoria de Andrea Alpago, obra amplamente consultada por Orta. O médico poderá assim ter-se limitado a copiar a referência indicada por Alpago, sem ter confirmado com os textos que estava a consultar.

⁶⁸⁴ Laguna, *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv.2, Cap.149, p.238.

⁶⁸⁵ Talvez a confirmação da notícia veiculada pela afirmação de Conti: “Dans la région maritime [de l’Étyopie], vers l’Inde, ils dirent que l’on trouve du gingembre, des clous de girofle, du sucre et ces noix que nous appelons muscades. » Nicolò deConti, *Le voyage aux Indes de Nicolò de’Conti (1414-1439)*, p.124 ou da alusão a “uma planta com sabor a gengibre”, a que se referiu um viajante português, “Navegação de Lisboa à ilha de S. Tomé”, *Colecção de Notícias*, pp.87-88, texto que circulou amplamente na época já que estava incluída na colectânea de Ramusio.

comemos feito em salada⁶⁸⁶, como já dixei: e também poe exemplo dizendo, como nós arruda y e pode ser que arruda se usáse mais nesse tempo que agora, por ser forte cheiro; e mais entonçes usariam da arruda medicinalmente⁶⁸⁷, por ser contra a peste e contra o veneno⁶⁸⁸; e também alguns práticos receitam salada feita de arruda e de outras cousas, no regimento da peste.”

O método de transcrição de trechos do texto de Laguna verificou-se ao longo dos *Colóquios*, mas não de forma tão assertiva como vimos em relação ao tratado de Mathioli. A explicá-lo poderá apontar-se o facto de os comentários do italiano serem muito mais completos e estruturados do que os do médico castelhano.

Da consulta destas duas obras resultou claro um facto surpreendente: Orta, nas citações que fez da *Historia Naturalis* de Plínio, limitou-se a copiar os trechos citados por Mathioli. Tal não significa que Orta não tivesse uma edição da enciclopédia na sua *livraria*. O médico afirmou, como vimos, ter uma versão latina da obra. O que este curioso facto nos sugere é que aquilo que Orta valorizava em Plínio não coincidia com o que nele era validado pela comunidade dos sábios ocidentais. O médico, que sempre se referiu ao enciclopedista da Antiguidade com veneração e apreço, pareceu querer dizer aos seus colegas europeus, que a genialidade da obra de Plínio se encontrava onde eles não a procuravam. Mais do que na exactidão do detalhe da informação cedida, o valor do programa de Plínio residia na grandiosidade do projecto que realizou e no método de trabalho que delineou. Neste, à compilação criteriosa do saber do passado, aliou a observação prática no terreno e a busca incessante dos saberes locais, através do testemunho de gentes dignas de fé. Coincidência de pontos de vista de Plínio e Orta? Nunca o

⁶⁸⁶ Escreveu Laguna: “es apropiada para comerla, pero hay que tomarla salada.” Laguna, *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv. 2, Cap. 149, p.238.

⁶⁸⁷ Informou o castelhano: “usan su brote tierno para muchas funciones, como nosotros la ruda y la cuecen en pociones y mezclan en decocciones.” Laguna, *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv. 2, Cap. 149, p. 238.

⁶⁸⁸ Acrescentou o médico: “También [...] se mezcla en antidotos.” Laguna, *Acerca de la Materia Medicinal*, Liv. 2, Cap. 149, p.238.

saberemos. Mas, talvez, o regresso sem reservas ao método de trabalho dos clássicos fosse aquilo que, de mais radical, hoje nos demonstra a obra de Orta.

Garcia de Orta citou com frequência Avicena. O médico nutria uma profunda admiração pela obra do sábio persa. Para além da versão arábica da obra, que teve o privilégio de conhecer nos aposentos de Nizamoxa, (Orta, II:393-394) Orta possuía a versão latina de Andrea Alpago, *Avicennae Liber Canonis* que consultou e citou com frequência.

No *Colóquio quinquagésimo sétimo, da zedoária e zerumbet*, Orta referiu-se amiúde a esta versão latina da obra de Avicena. Numa das conversas que manteve com Ruano, disse Orta:

“A mesma duvida, que vós tendes, tive eu muyto tempo [zerumba e zerumbet são a mesma ou diferentes coisas?]; e asentei que, por zedoaria ser mais famosa, era o que chamamos zerumba, droga usada pêra Ormuz e dahi levada pêra a Turquia e Veneza; e que o zerumbet era o que chamamos açafraam da terra, que na feiçam sua se parece com a ruiva seca nossa, de que já vos falei acima no croco indiano. E depois que muyto cuidei nisso e o enqueri, soube que estava enguanado, por os efeitos e obras diversas que o açafraam da terra faz das que escrevem da zedoaria e zerumbet, asi chamado de nós; porque da zedoaria faz capitulo Avicena e de zerumbet;⁶⁸⁹ e isto que chamamos zedoaria, chama Avicena geiduar⁶⁹⁰, e outro nome que não sei.”

Disse Ruano:

“Já he neçessario que venhamos ás duvidas que disto nacam. E digo que Avicena diz que a zedoaria sam humas talhadas semelhantes ás da aristologia⁶⁹¹, e que aquella planta he melhor, que nasce perto do napelo ou rabaça de Pero Jogral, porque tira ao napelo a virtude venefica ou mortifera, e

⁶⁸⁹ Nas *marginalia* pode ler-se: “Avicena, Lib. 2, cap. 742”.

⁶⁹⁰ De zedoaria, lê-se “Gieduar” A. Bellunensis, *Principis Avicennae Liber Canonis*...Veneza, 1555 Liv. 2, Cap. 745.

⁶⁹¹ « Portiones similes aristolochiae, minores tamen ae, & est in sua virtute. » A. Bellunensis, *Principis Avicennae Liber Canonis*, Liv. 2, Cap. 745.

que he triaga dos venenos, em especial da bicha e do napelo⁶⁹². E no Capitulo 745⁶⁹³ diz do zerumbet que he erva semelhante ao cipero, ou Junca avelanada, senão que he menos odorifera, e em outra letra diz que he arvore: no pera que aproveita diz que presta pera as cousas, que Serapio diz da zedoaria. Serapio capitulo 172 diz que zerumbet que he zedoaria, por autoridade de Isac Aben Amarani; que zerumbet sam raizes redondas, semelhantes á aristologia, e sam semelhantes na cor e no sabor ao gengivre; e que se trazem de Seni.”⁶⁹⁴

Para as drogas em que havia um maior rigor descritivo nas obras arábicas, Orta preferiu aludir ao texto de Avicena ou à compilação de António Musa Brasavola. O tratado deste italiano foi, aliás, um dos mais frequentemente citados por Orta que, como vimos, nutria por este sábio de Ferrara uma profunda admiração.⁶⁹⁵

Para além de outros textos médicos e botânicos, que Orta consultou com frequência e aos quais já aludimos anteriormente, parece inegável o valor que a colectânea de Ramúsio desempenhou na redacção de *Colóquios dos Simples*.⁶⁹⁶ Orta possuía, seguramente, na sua biblioteca os três volumes da colecção.

⁶⁹² « Et melior quidem est illa, quae cum napello crescit » A. Bellunensis, *Principis Avicennae Liber Canonis*, Liv. 2, Cap. 745.

⁶⁹³ O zerumbet surgiu no capítulo 747.

⁶⁹⁴ Nas notas marginais de A. Bellunensis, *Principis Avicennae Liber Canonis*, Liv. 2, Cap. 745 e Cap.747, constatamos que Serápíio trata a zedoaria e o zerumbet no mesmo capítulo, o 172. A discussão relativa ao texto de Serápíio encontra-se em António Musa Brasavola, *Examen omnium simplicium medicamentorum*, p.272. Ficamos assim sem ter a certeza se, para a redacção desta notícia, Garcia de Orta consultou o texto de Serápíio ou se se limitou a recolher a informação contida nos textos de Alpago ou Musa Brasavola. Identificar, com certeza, as edições que Garcia de Orta possuía na sua *livraria* tem sido uma tarefa árdua. Já em 1567, Clusius sublinhou essa dificuldade quando procurou nos compêndios de Avicena e Averroes as notícias veiculadas por Orta. Ver, por exemplo: Clusius, *Aromaticum*, p. 86 e 101.

⁶⁹⁵ Garcia de Orta recorreu ao texto da Musa Brasavola: para descrever as qualidades do aloés (Orta, I:29-30), lamentar a falsa informação que lhe haviam dado em Ferrara sobre o benjoim (Orta, I:84), corrigir algumas imprecisões sobre o benjoim (Orta, I:104), salientar as qualidades da *cássia fístula* (Orta, I:195), sublinhar o desconhecimento de Musa sobre o cate (Orta, I:73), aludir às fábulas que recolheu de Plínio para falar sobre a pedra íman (Orta, II:205), corrigir o que escreveu acerca da zedoária (Orta, II:367), entre tantas outras informações. Apesar das correcções e apontamentos, Garcia de Orta referiu-se sempre a este médico com enorme respeito.

⁶⁹⁶ No presente trabalho recorreremos à moderna edição de Ramúsio, *Navigazioni e viaggi*, Turim, 1978.

Apesar de se ter referido amiúde a informes contidos nas narrativas, a maioria das vezes prescindiu da identificação dos portugueses ou italianos, cujos textos usou. Nicolò de'Conti, Tomé Pires, ou Duarte Barbosa foram alguns dos autores mais apreciados por Orta.⁶⁹⁷ Muito provavelmente, os leitores dos *Colóquios* estavam familiarizados com a colectânea do italiano. Nos diálogos entre os dois médicos ibéricos, as observações destes viajantes europeus emergiram naturalmente, como se de um saber comum se tratasse. Mantendo a sua fidelidade aos autores letrados, Ruano lançou quase sempre o debate, questionando informações inscritas nas fontes eruditas impressas. Nas suas respostas, Orta embutiu nos textos dos doutos, relatos, observações e experiências, pessoais ou de gentes da sua confiança, que validaram cada novo dado.

Tome-se, por exemplo, o *Colóquio do betre*. (Orta, II:389-402). Escreveu Orta:

“E quanto he o que dizeis onde o há, digo que em todas as partes da India sabidas dos Portuguezes.”

Em Duarte Barbosa, encontra-se:

“...per tutta l'India si trova gran quantita di detta Betella, ed è una delle principali entrate che abbiamo li re di questi paesi.”⁶⁹⁸

Relativamente ao erro, tão comum entre os europeus, de identificar o *fólio indo* com o *betre*, Garcia de Orta afirmou:

⁶⁹⁷ O texto de Tomé Pires foi parcialmente editado por Ramúsio como o título: “Sommario delle India Orientali”. No entanto, parece-nos plausível que Orta tenha tido acesso a uma das cópias do manuscrito português.

⁶⁹⁸ “Libro di Odoardo Barbosa”, in: Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, vol. 2, p.595. Apesar do valor e qualidade das modernas edições portuguesas do *Livro* de Duarte Barbosa, a que nos referimos no Capítulo 5, na presente análise optámos por recorrer à versão italiana de Ramúsio, por nos aproximar de forma mais concreta aos materiais que, no tempo, os leitores de Orta poderiam ter. Apesar da circulação de versões manuscritas do texto de Barbosa, que Garcia de Orta poderia possuir na sua biblioteca, tal não era o caso da generalidade dos seus leitores. Por este motivo, para as referências aos textos contidos na enciclopédia veneziana, recorreremos, sempre que possível, ao texto italiano.

“Muyto espantado estou, porque sempre tive que folium indum era mais conforme nome pera o betre. Eu tive esse vosso error quando cheguei à India”.⁶⁹⁹

Na realidade, Duarte Barbosa não tinha quaisquer dúvidas:

“Questa folia [betella] noi altri chiamamo folio indo”.⁷⁰⁰

Esclarecendo o seu interlocutor sobre as designações da folha, disse Orta:

“perguntai a qualquer Arábio ou Etiope, como se chama o betre, e dirvosá tambul.”

Em Tomé Pires podemos ler:

“Questa è la forma della foglia detta betelle, che li persiani e Arabi chiamano tembul, e qui in Italia foglia della canella.”⁷⁰¹

Duarte Barbosa e Tomé Pires apresentaram relatos coincidentes relativamente a esta folha. Orta cedeu aos seus leitores estas informações, recolhidas por estes competentes portugueses, sem se preocupar em identificar a origem das notícias.⁷⁰²

Era como se aqueles saberes, que na década de 1560 já circulavam oralmente nos portos, boticas e mercados, fossem património de todos. Ao longo

⁶⁹⁹ À semelhança de Duarte Barbosa, Tomé Pires confirmou nos seus relatos que “fólio e betel” eram a mesma coisa. Na *Carta* que enviou a D. Manuel, pode ler-se “*Folio indo he betelle*.” “Carta de Tomé Pires”, p. 445-459. Deste modo, o erro divulgado por Dioscórides foi mantido pelos portugueses.

⁷⁰⁰ “Libro di Odoardo Barbosa”, in: Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, vol. 2, p. 594.

⁷⁰¹ “Sommario di tutti li regni, città e popoli orientali...” in: Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, vol. 2, p.779. Para além desta descrição textual, a folha do Betre surgiu representada. Curiosamente, em Duarte Barbosa surgiu a designação “tambul”.

⁷⁰² Foi no texto de Duarte Barbosa que Orta recolheu notícias sobre a origem do aloés de melhor qualidade (Orta, I:27), o volume de importações de seda chinesa (Orta, I:159), ou a localização das ilhas produtoras de cravo, assim como a descrição da sua árvore (Orta, I:359-367), entre tantas outras informações, sobretudo de carácter geográfico e comercial, em que o texto de Barbosa é tão rico.

dos *Colóquios*, este modelo foi-se repetindo. Garcia de Orta intercalou as informações contidas nos textos médicos com outras notícias cedidas por Duarte Barbosa e Tomé Pires, e com algumas informações veiculadas pelos testemunhos de Marco Polo, Nicòlo de'Conti e Ludovico Varthema.⁷⁰³ Os relatos autorizados destes viajantes interagiam assim com as notícias veiculadas pelos textos Antigos e comentadas pelos sábios europeus.

6.5. Circulação de saberes

A compreensão do mundo asiático exigiu uma interação com “o local”. Para esta tarefa, os portugueses contaram, desde 1498, com a colaboração de intermediários activos. Segundo Juan Gil, muitos destes homens, evadidos do espaço europeu, já residiam no Oriente quando a armada de Gama chegou a Calecute. Como afirmou, o melhor mediador “es quien, por la razón que fuere, ocupa una posición marginal.”⁷⁰⁴ Como as fontes coevas revelaram, estes europeus, que desempenharam funções de mensageiros, espões ou *línguas*, facilitaram o acesso dos portugueses à Índia.⁷⁰⁵ Conhecedores de diversos idiomas, dissimulando com habilidade a sua identidade, estes homens, na sua maioria desterrados, desertores ou cativos, desempenharam importantes missões de espionagem e recolha de informações. Levando uma vivência camuflada, estes relatores conseguiam recolher notícias do mais alto valor estratégico, que circulavam de forma restrita nos meios portugueses. Garcia de Orta, pelo seu elevado estatuto social como médico de Governadores, prelados e fidalgos, pela sua pertença à elite culta, pela sua participação activa no comércio local, teve acesso a informações mais sigilosas. Não nos restam quaisquer dúvidas de que Orta conhecia em profundidade os textos

⁷⁰³ Garcia de Orta manteve algumas reservas relativamente às notícias veiculadas por Ludovico de Varthema, já que, como atrás referimos, gente da sua confiança lhe assegurara que “esse milanês” não tinha ido além de Calecute ou Cochim (Orta, I:106-107).

⁷⁰⁴ Juan Gil, “Europeos en la India a la llegada de los Portugueses”, pp. 229-244.

⁷⁰⁵ Uma das personagens a que Garcia de Orta se referiu foi “Isaque do Cairo, homem discreto e sabedor de muytas lingoas” que lhe explicou o significado de “Guadalupe” (Orta, I:85). Também designou “Isac do Cairo [...] hum judeu, que foy a Portugal levar as novas da morte do Soldam Badur.” (Orta, I:204). Sobre esta personalidade multifacetada ver J. A. Tavim, “Os judeus e a expansão portuguesa na Índia durante o século XVI. O exemplo de Isaac do Cairo: espão, “língua” e judeu de Cochim de Cima”.

eruditos sobre medicina e matéria médica. Ciente da necessidade da integração de saberes locais no modelo descritivo da natureza proposto desde a Antiguidade, Orta teve que criar um método credível que lhe permitisse validar ou refutar a tradição com as notícias que foi recolhendo. Talvez por isso se possa reconhecer nos *Colóquios* uma sonoridade mais aproximada da plasticidade dos relatórios oficiais de funcionários administrativos do que da rigidez dos textos clássicos.

A permanência no Oriente, por mais de três décadas, proporcionou-lhe um vasto conhecimento dos ritmos da Ásia. Do ponto de vista médico, para estabelecer diagnósticos e preconizar tratamentos, Orta precisou de olhar para os seus pacientes conhecendo os seus costumes.⁷⁰⁶ Num quotidiano onde as plantas e as pessoas interagiam em permanência, a experiência de cada um era fundamental para que o médico conseguisse compreender a realidade local.⁷⁰⁷ O dia-a-dia do médico ultramarino passava-se entre as visitas diárias ao hospital, a observação de pacientes que recebia no seu gabinete, as discussões com fornecedores de drogas e outros produtos asiáticos ou as conversas com boticários e feitores. A novidade divulgada pelo médico resultou do testemunho das mulheres, do relato dos viajantes, da narrativa de pilotos, da experiência de boticários, da observação das práticas locais. A pluralidade de gentes que participou no discurso de Orta tornou visível a autoridade que lhe era reconhecida na sociedade em que se inseria. A cooperação de cada um neste projecto editorial contribuiu para legitimar a autoridade que Garcia de Orta se reivindicava. Ao identificar o “Doutor Orta” com o interlocutor que descreveu a novidade e ao difundir a inovação a partir da sua própria casa, Orta assenhoreou-se dos saberes relativos ao mundo natural asiático. Num exercício de representação, *Colóquios dos Simples* revelou aos leitores a centralidade de Garcia de Orta neste processo de recolha, observação, verificação, validação ou refutação do saber em circulação. A participação activa de cada um no

⁷⁰⁶ Ao longo de *Colóquios dos Simples* foram múltiplos os momentos em que Orta deu voz às práticas, saberes e experiências das suas servas, moças e cozinheiras assim como aos dos físicos árabes e gentios com quem se cruzou. Da mesma forma, o médico aconselhou a administração de drogas no tratamento de males que resultam de vivências locais que Orta não comentou, mas que seriam alvo de severas críticas se vividas na Europa. Mantendo-se à margem de uma moralização de costumes, Garcia de Orta limitou-se a preconizar tratamentos adequados aos males de cada um.

⁷⁰⁷ Luís de Pina, “Garcia de Orta e a verdade”, pp. 1-26.

seu tratado, recriou múltiplos espaços individuais mas, simultaneamente, reverteu em favor da imagem de um imprescindível Garcia de Orta.

Para este físico, a interação com os outros constituiu a base do sucesso do seu trabalho. Na verdade, a prospecção, experiência e saber de Orta estabeleceu-se pelo diálogo. O encontro do médico com as gentes que, no terreno, observavam e experimentavam as qualidades de novos produtos, permitiu-lhe acumular saberes que reflectiam o contributo de muitos. A informação recolhida no campo, depois de tratada e comprovada por Orta, foi devolvida, em *Colóquios dos Simples*, tanto aos portugueses e castelhanos residentes no Oriente, como aos eruditos e mercadores, que na Europa, aguardavam a chegada de novidades sobre as maravilhas da Índia, assim como novas oportunidades de negócio.

Orta recorreu a uma significativa diversidade de informantes cujas entradas e saídas do discurso geriu com grande habilidade. Desde os médicos do Cairo e Damasco (Orta, I:346), aos físicos letrados do Nizamoxa (Orta, II:142 e 204) ou do Sultão Bahadur; dos vedores da fazenda e dos feitores (Orta, I:181 e II:234) aos boticários (Orta, II:248)⁷⁰⁸; dos empregados e moços, às servas⁷⁰⁹, ou dos mercadores (Orta, II:329-330) e lapidários (Orta, II:198) aos comerciantes dos bazares (Orta, I:157-162), todos cederam ao médico os seus conhecimentos sobre as drogas, assim como as suas aplicações, preços e mercados de origem.⁷¹⁰ Orta não identificou muitas das suas fontes, mas é provável que algumas delas se encontrem entre os autores dos testemunhos reunidos no *Códice de Elvas*.⁷¹¹ Que dizer da coincidência de informes sobre o lacre cedidos por Garcia de Orta e os veiculados por Álvaro de Sousa?⁷¹² Como interpretar a polémica relativa à pimenta, lançada por Simão Álvares e retomada pelo médico de Castelo de Vide?⁷¹³ Como entender a semelhança entre o relato de António Pessoa e o do autor dos *Colóquios*

⁷⁰⁸ Ver nota de Ficalho (Orta, I:181-182).

⁷⁰⁹ Teresa Nobre de Carvalho, "Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", pp. 165-174.

⁷¹⁰ Rui Manuel Loureiro, "Garcia de Orta e os Colóquios dos Simples: Observações de um viajante sedentário", pp.135-146.

⁷¹¹ Vd. Cap. 4.5.

⁷¹² Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, pp.73.

⁷¹³ Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, pp.50-57.

relativamente à canela e ao Ceilão?⁷¹⁴ Ou, como ler o relato de Francisco Pereira sobre os diamantes sem recordar o *Colóquio da Pedra diamão*?⁷¹⁵ Na verdade, a semelhança entre os diversos textos faz-nos supor que Orta conheceu aqueles relatos. Deste modo talvez não seja demasiado arriscado admitir que algumas destas informações tivessem circulado no Oriente, ainda que de forma algo restrita, entre os representantes das elites locais.⁷¹⁶

Tomemos, nesta colectânea de notícias, a curiosa informação sobre o lacre do Pegu, fornecida por Álvaro de Sousa e que Orta recuperou no seu texto. Escreveu Orta:

“Muyto tempo fuy enganado [...] até que falou comigo hum homem bem criado que la estivera, e era curioso, e me dixeu que era hum arvore grande em cantidade, com folhas que pareciam amexueira, e que lavravam nos ramos pequenos daquelle arvore este lacre formigas grandes, criadas na vasa e em outras partes; e que tiravam deste arvore, como de causa material, esta guoma, lavrando no pao como a abelha faz o mel; e esta era a verdade.”
(Orta, II:29-39)

Por seu lado, escreveu Álvaro de Sousa:

“Em huu certo tempo do ano vem huas formyguas, voando asy como agudes, comer as folhas de huas arvores do tamanho de nogueyras, e a folha à maneyra de era, as quoaes arvores, se lhe dão huu gollpe, deytão aguoa como sangue e em sayndo coalha-se loguo. Asy como as formyguas comem, vam-se por em outras arvores...”⁷¹⁷

Também ao referir-se à pimenta, Garcia de Orta relatou uma discussão que tinha tido com um boticário que não identificou. O desentendimento entre o

⁷¹⁴ Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, pp.36-39.

⁷¹⁵ Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, pp.69-71.

⁷¹⁶ Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, missionários e mandarins, Portugal e a China no século XVI*, pp.397-419.

⁷¹⁷ “Emformação d’Allvaro de Sousa de como se faz o lacre em Pegu”, in: Adelino Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, p. 73.

médico e o boticário anónimo resultou do facto de o último, ao invernar em Moçambique, ter refutado a tradição, ao constatar que pimenta branca e pimenta preta eram drogas oriundas da mesma planta, apenas variando no grau de maturação. Orta, curiosamente, rejeitou a evidência, introduzindo uma ambiguidade no seu texto:

“vos contarei o que pasei com hum boticairo no tempo de hum governador, que era muito curioso de saber das mesinhas, ao qual eu falei nas tres especies de pimenta. [...] rindose de mim [o boticário] me dixee como estava enganado; e pera isso contou ao governador diante de mim, como estando elle invernando em Moçambique...” se apercebeu que “a pimenta branca era a preta esfolada da casca” (Orta, II:248-249).

No *Códice de Elvas*, o boticário Simão Álvares relatou detalhadamente o momento em que observou esta nova evidência e em que a comunicou aos seus superiores:

“eu, por mynha própria mão, me pus a escolher grão e grão e tirey obra de dous outros arrates de pimemta branca muyto grossa e muyto alva e pomderosa, [...] a quoa loguo amostrey a Afomso Mexia e a Luys Allvarz Payva, capitão da dita não, e depois a trouxe a esta cydade e a mostrey aos botycayros e fisyquos que emtão residiam nela, e, comsulltando todos juntos, asentamos em huu mesmo parecer com os escrivães malavares del Rey de Cochym, a saber, que a pimemta branca era a mesma que a preta e da mesma arvore.”⁷¹⁸

Mas se Simão Álvares e os funcionários ao serviço do soberano local assentaram sobre esta novidade, Orta elevou o estatuto à questão, deixando ao critério das elites políticas a decisão final. Segundo disse o médico,

⁷¹⁸ “Emformação que me deu Symão Allvarez, buticayro mor del rei nosso Senhor...”, in: Adelino Almeida Calado, *Livro que trata das cousas da India e do Japão*, pp. 53-54. É muito interessante salientar que o boticário, antes de ter revelado a sua descoberta aos boticários e físicos, ou de ter consultado os escrivães do Rei de Cochim, a tenha narrado ao capitão da nau.

“o governador [...] escreveu a elrey de Cochim, que lhe mandasse dizer a verdade daquilo, o qual lhe mandou um saquo de pimenta branca; e lhe escreveu que avia muytos arvores em sua terra de branca.”⁷¹⁹

Garcia de Orta terminou a descrição deste episódio de forma muito elucidativa: “entonces desestio o buticairo de sua porfia, por nam ir contra um guovernador.”⁷²⁰

Talvez porque a notícia sobre a pimenta, veiculada por Álvares, não servisse os interesses estratégicos do Reino, Garcia de Orta retomou-a quase textualmente, para a desmentir, e refazer o mito.⁷²¹

A atitude de Orta não pode deixar de nos causar alguma perplexidade: paradoxalmente, a “verdade científica” dependia do favor e interesses das elites.⁷²² Assim sendo, os *Colóquios dos Simples*, refutavam ou validavam o conjunto de saberes recolhidos e comprovados pelos funcionários régios e boticários destacados no terreno. Esta autoria múltipla caracterizava bem as redes de informações e interesses que era preciso manter para que a nova informação fluísse, desde o local onde era recolhida, até ao ponto central onde era tratada, convertida e posteriormente disseminada.⁷²³

No entanto, à função informativa dos *Colóquios* deve associar-se o carácter normalizador das práticas sanitárias. Esta medicina ultramarina, da qual Garcia de Orta foi um dos pioneiros, resultou de um diálogo entre as influências das medicinas hindus e árabes e a medicina ocidental.

⁷¹⁹ É muito curioso constatar a ambiguidade desta resposta do Rei de Cochim ao Governador português, que não esclarece a questão colocada.

⁷²⁰ Aparentemente, os acordos estabelecidos entre as elites eram mais importantes do que a evidência dos factos observados.

⁷²¹ Note-se que, apesar do texto de Álvares ter permanecido manuscrito, denota as movimentações e decisões que feitores e funcionários administrativos assumiram e que, aparentemente, importava corrigir.

⁷²² Luís Filipe Thomaz referiu este episódio. No entanto, considerando que o principal volume de negócio desta especiaria para a Europa dizia respeito à pimenta-preta e à pimenta-longa, sendo, a pimenta-branca, segundo Orta, “um luxo na mesa dos príncipes malabares”, entendeu que a discussão era irrelevante. Luís Filipe Thomaz, *A questão da pimenta em meados do século XVI*, pp.9-48. Na nossa opinião, parece-nos que ainda há muitos detalhes a esclarecer por detrás desta querela, que envolveu médicos, boticários e políticos.

⁷²³ Idênticos mecanismos de recolha e tratamento das informações foram descritos relativamente ao Novo Mundo por António Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 128-134.

Nesta época, tal como Orta, outros actores no terreno procuravam dialogar com as populações. A missionação, em particular a conduzida pela Companhia de Jesus, também questionava estes saberes.⁷²⁴ Buscando uma mais efectiva integração nas sociedades locais, os religiosos inquiriam as populações sobre as propriedades terapêuticas das plantas, as suas qualidades alimentares ou os seus poderes mágicos.⁷²⁵

Estes inquéritos tinham como objectivo estabelecer uma farmacopeia de produtos locais, que ajudasse os missionários no cumprimento das acções sanitárias de que eram incumbidos, por vezes pelo próprio poder temporal.⁷²⁶ No entanto, o reconhecimento das propriedades e valor dos recursos naturais poderia desvendar alguma oportunidade de negócio proveitosa para a comunidade.⁷²⁷ Particularmente atentos à recolha sistemática de todo o saber regional que pudesse proporcionar novas formas de aproximação às sociedades locais, os Padres da Companhia eram particularmente cautelosos na compilação destas notícias, que enviavam aos seus pares, tirando partido da ampla rede de troca epistolar que se verificava no seio da Companhia. Aparentemente, ciosos de um aperfeiçoamento constante do saber local, os Padres organizavam no âmbito das actividades lectivas do Colégio de S. Paulo (Goa), debates, nos quais participavam as elites culturais residentes em Goa, procurando assim actualizar e manter viva uma cultura científica tão cara a esta elite religiosa. Nos seus espaços de missão, também estes soldados de Cristo

⁷²⁴ Não devemos, no entanto, descurar a relevância que os frades franciscanos tiveram nesta prospecção do mundo natural.

⁷²⁵ Sobre a participação dos Jesuítas nos cuidados médicos praticados no Oriente, ver, por exemplo: Inès Županov, "Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India", pp.1-43.

⁷²⁶ Na ausência de quantidade suficiente de médicos oriundos do Reino, os religiosos eram incumbidos de zelar pela saúde corporal e espiritual dos soldados. Na correspondência trocada entre os jesuítas destacados no Oriente, encontram-se alguns relatos destas missões humanitárias. Na Carta que o irmão Luís Frois escreveu em 1559, em Goa, pode ler-se: " mandou o padre Dom Gonçalo o padre Alberto de Araujo com outro irmão na mesma armada, pera curarem os que adoecessem e se confessarem os soldados em suas necessidades..." Mais à frente, escreveu o irmão: "Os padres se ocupavam em contínuas confissões e na administração dos sacramentos, fazer amizades muy grandes, curar os enfermos e feridos, enterrar os mortos..." O irmão narrou diversos episódios que comprovam a solícita actividade dos Padres e irmãos da Companhia de Jesus que, no Hospital da Misericórdia, preparavam "água quente cheirosa e muytas ervas para os [soldados enfermos] lavarem". *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia*, vol.7, pp.297-326.

⁷²⁷ É amplamente conhecida a comercialização da Pedra-de-Goa. Uma droga complexa, de composição secreta, produzida pelos padres-boticários da Companhia de Jesus que foi exportada para a Europa proporcionou grandes lucros para a Companhia.

tinham necessidade de aplicar um novo saber médico-botânico, que proporcionasse uma acção humanitária eficaz junto das populações a cristianizar.⁷²⁸

Uma das cartas mais curiosas a que tivemos acesso, foi enviada de Cochim, a 16 de Janeiro de 1563, pelo Padre André Fernandes ao Padre Pêro da Fonseca.⁷²⁹ Nesta, o jovem Padre, que não sabia “o que he sabido pela philosophia, nem esphera”, contou “do que vy ou ouvy a pessoas de credito”. Ao longo de várias páginas, o jesuíta descreveu mais de três dezenas de plantas e animais da Índia indicando, sempre que possível, as suas utilidades terapêuticas. Apesar de denotar uma atenção sobre o mundo natural do Oriente, a informação relativa à botânica nem sempre era consequente, já que o Padre, depois de a descrever, lamentava “não sei o nome a nenhuma destas...”. Em outros casos, o padre mostrava-se cauteloso, dizendo “quando uzão destas mezinhas o fazem com superstições, [pelo que] não me affirmo de sua virtude.” Para algumas frutas que lhe eram mais familiares, como os “miramulanos”, o religioso salientou o valor alimentar, “os portugueses os comem cozidos com carne e eu também”. O padre adiantou ainda uma nota curiosa: “a sua monção he de meado de Janeiro até meado de Março”. O termo “monção”, conotado com a época de frutificação, surgiu também em Garcia de Orta, quando este se referiu às *estações* de colheita das mangas (Orta, II:100).⁷³⁰

Também a descrição da árvore triste feita pelo religioso ou a daquela árvore de Maluquo “que se se lanção a sua sombra da banda do Oriente, adoecem e se achão mal, e da banda do Ponente se achão bem”,⁷³¹ recordam algumas das passagens dos *Colóquios*.

⁷²⁸ Na obra de António Silva Rego, *Documentação para a História das Missões e do Padroado Português do Oriente*, podemos encontrar correspondência enviada por missionários destacados no Oriente, onde é dado particular destaque à descrição de alguns exotismos, assim como às suas qualidades alimentares ou virtudes terapêuticas.

⁷²⁹ *Documentação para a História das Missões e do Padroado Português do Oriente*, Índia, vol. 9, pp.163-173

⁷³⁰ Segundo afirmou Ficalho, “monção designava geralmente o vento dominante em períodos determinados, mas a palavra árabe *mausim*, da qual se derivou, significava propriamente estação, vindo naturalmente depois a aplicar-se ao vento dominante n’esta ou n’aquella estação. A phrase de Orta é o único exemplo – que eu conheça – da palavra portugueza, applicada exactamente no sentido do *mausim* árabe, sem nenhuma referência ao vento – o que já foi notado por Yule e Burnell no seu excellent *Glossary*.” (Orta, II:100-101). A presente carta do Padre André Fernandes, complementa esta notícia.

⁷³¹ *Documentação para a História das Missões e do Padroado Português do Oriente*, vol. 166. Em Orta pode ler-se: “E também me dixeram homens de Malaqua que a erva que mata, untada nas frechas, he de uma banda de huma árvore que olha o levante confeçoada; e contra erva me dixeram

Os elefantes, “cavallos marinhos” (hipopótamos), rinocerontes, búfalos, lagartos ou crocodilos entusiasmaram o Padre que descreveu os que viu. Os pássaros da China “que parecem quase estorninhos e aprendem a bailar” extasiaram o jesuíta. Assim como os “corvos marinhos” que no Japão se usavam para pescar. Também o “peixe molher” (dugongo), de que ouvira falar no “Choromandel”⁷³², ou o peixe com um enorme “dente”, que ao largo do Cabo da Boa Esperança atravessara o casco de uma nau, animava o missionário. Neste último, o aliviado missionário narrava que “um sacerdote de sobrepeliz e estola, dizendo-lhe [ao peixe] palavras santas, e lançando agua benta no mar com devoção, o fez desaferrar a nao e foy o seu caminho.” Relativamente a estes animais marinhos, afirmou o Padre “parece aver mais monstros no mar dos que sabemos”.

Das virtudes dos bezoares e dos cocos-das-Maldivas, o Padre não conseguiu informações definitivas. Como escreveu “O mais certo que soube dos cocos de maldiva he que nace nos pees ou troncos de humas palmeiras, que nace dentro na agoa, e por certas tormentas, que vem por tempos, se soltão os que são maduros e assy se achão sobre a agoa os homens daquellas ilhas.”⁷³³ O Padre aludiu ainda a “uma erva que nace na ilha de Goa com huns ramozinhos lastrados no chão, que dizem ser muito proveitosa pera as mordeduras das cobras de peçonhas que aly há muitas. Cheira muito bem essa raiz.”⁷³⁴

O missionário terminou a carta lamentando pouco poder adiantar sobre os mares e as estrelas do Oriente e descrevendo os violentos tufões que, quando surgiam na China, duravam três ou quatro dias.

que se fazia da mesma arvore, da banda que olha o poente.” Orta colocou esta informação na boca de Ruano. Tratando-se de uma notícia em circulação, Orta mantém algumas reservas, garantindo ao seu interlocutor que tudo fará para trazer esclarecimentos sobre as qualidades de tão estranha planta. (Orta, II:400-401).

⁷³² Sobre as sereias, existem outros relatos coevos, como o do Padre Henrique Henriques e o de Dimas Bosque. Ver: Jaime Walter, “Dimas Bosque e as sereias”, pp. 260-271.

⁷³³ Garcia de Orta, que também não conseguiu obter notícias definitivas sobre a origem ou propriedades terapêuticas destes cocos, escreveu: “quando souber o contrario disto, vos escreverei a Portugal o que achei nisto, se me Deus der dias de vida; porque espero de o saber bem, quando for ao Malabar, Deus querendo.” (Orta, I:243).

⁷³⁴ Em Orta encontramos uma descrição que parece corresponder à do religioso: “Quando o viso rey dom Constantino foy a Jafanapatam, que he uma ilha, que parte com Ceilam, troxeram-lhe de presente huns feixes de hum pão com suas raizes, por ser cousa muito estimada contra a peçonha; e cheira esta raiz bem, e he delgada e dura e preta; e destas raizes e pão dizem que há muyta nestas terras firmes de Goa.” (Orta, II:185).

Quase a terminar o seu relato, escreveu o Padre André: “Eu cuidava que estava mais devagar, e disse-me agora o Padre Mestre Belchior, que me fizesse prestes e assinasse a carta, que avia oye de ir pera fora e asy não fica concluída...”. No entanto, um pouco mais à frente, o curioso missionário acrescentou: “Porque fiquei mais hum dia que não parti, acrescentei isto ou emmendei, mas todo foy muito depressa.”⁷³⁵

Toda a carta é extremamente interessante já que revela a atenção dos missionários às peculiaridades e riquezas do mundo natural do Oriente. É também muito curioso salientar a coincidência de dados que este jesuíta apresentou com algumas das informações cedidas por Garcia de Orta, nos *Colóquios*. Tal facto, aliado à boa relação que o médico manifestou ter com os religiosos, sugere que algumas notícias aprofundadas por Orta pudessem ter sido, numa primeira fase, fornecidas por estes missionários, assim como por religiosos da Ordem de São Francisco.

Esta eventual ligação do médico ao trabalho de prospecção dos missionários é aliás sugerida ao longo de *Colóquios dos Simples*. Garcia de Orta aludiu com admiração à obra do “Padre Ignacio” (Orta, II:120), assim como aos irmãos franciscanos que lhe enviavam regularmente ervas com comprovadas qualidades medicinais (Orta, II:17).

A reconfiguração do saber proposta por Garcia de Orta foi bem mais complexa do que, à partida, nos poderia parecer. Se a observação e a experiência eram aliadas indispensáveis do comentário textual, estas não constituíam critério suficiente para estabelecer uma novidade.

Parece evidente que não bastava ser-se um observador atento e bem-intencionado para, de imediato, se tornar num credível divulgador de novidades. Aparentemente, só alguém ciente da subtilidade táctica da presença portuguesa no Oriente, podia considerar-se apto para propor a reconfiguração do saber sobre os

⁷³⁵ O adiamento da sua partida e a constante chegada de novas informações levaram o Padre a continuar a redacção da sua Carta, corrigindo notícias ou acrescentando novidades. A mesma sensação de permanente chegada de novidades surgiu espelhada nos derradeiros *Colóquios* de Garcia de Orta. Não apenas no 58º, em que este solicitou a Dimas Bosque que o corrigisse, mas também no inesperado derradeiro *Colóquio*, “Do betre e outras cousas em que se emmendam algumas faltas de toda a obra...”, que surgiu no fim da obra, mesmo depois da palavra “finis”. Neste, Garcia de Orta apontou algumas imprecisões que escrevera nalguns capítulos e acrescentou novidades chegadas, provavelmente quando o livro já estava na tipografia. Esta presença quotidiana de novos informes levou o médico a uma busca constante de verdade e precisão.

6. A experiência dos textos em *Colóquios dos Simples*

recursos naturais da Ásia e elucidar (ou iludir) os leitores sobre novas verdades. A inexistência na Índia, durante as primeiras décadas de Quinhentos, de personalidade tão versátil e qualificada que, de forma integral, conseguisse cumprir esta árdua tarefa, parece ter justificado o prudente silêncio dos portugueses relativamente ao mundo natural que exploravam.

Garcia de Orta veio, afinal, colmatar esta grave lacuna que, na Europa, incomodava eruditos e, no Reino, preocupava soberanos. O reconhecimento do valor da sua obra foi, como veremos, imediato.

7. Considerações Finais

Desde os primeiros contactos com a Ásia, os portugueses procuraram obter informes credíveis sobre os recursos naturais do Oriente. Para conter estas notícias, o estabelecimento de uma cartografia regional, tão precisa quanto possível, foi uma das prioridades. Os relatos circunstanciados de Duarte Barbosa e Tomé Pires e as suas pormenorizadas descrições das terras, gentes, portos, mercados e produtos em circulação, cederam a D. Manuel I um esboço preliminar da Ásia. Para além destas relações, que graças a Ramúsio tiveram uma circulação importante no século XVI, muitos outros relatórios e cartas contendo notícias sobre o mundo natural asiático, foram enviados à Corte, revelando a promissora riqueza das terras recém alcançadas. Boticário de profissão, Tomé Pires mostrou-se particularmente interessado pelas drogas orientais das quais forneceu ao monarca, em 1516, uma detalhada descrição. No entanto, muitas outras informações confidenciais foram sendo enviadas ao soberano por Capitães e Governadores. O conteúdo destas notícias classificadas era relevante para a definição de uma estratégia de intervenção nos espaços, portos e mercados do Oriente. Estas informações deviam, assim, manter-se ao abrigo de olhares indiscretos, já que continham pormenores relevantes para o estabelecimento e manutenção da posição portuguesa no Oriente.

Os informadores das primeiras décadas de presença portuguesa no Oriente eram, sobretudo, homens ligados à administração ultramarina. Funcionários régios que, mais do que se preocuparem com o detalhe da descrição morfológica ou das qualidades terapêuticas de cada planta, se importavam com a prospecção do centro de origem das drogas e especiarias, com a sondagem dos seus principais mercados e rotas de distribuição, com o apuramento das eventuais alianças a estabelecer com o poder local, assim como com a identificação dos principais adversários a defrontar.⁷³⁶

Durante o reinado de D. João III, quando a organização da presença portuguesa no Oriente o permitiu, as notícias passaram a ser recolhidas por um outro conjunto de informadores. Para além dos missionários, sobretudo franciscanos e jesuítas, e

⁷³⁶ É interessante realçar o paralelo com o sucedido no império espanhol. Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature*, pp. 81-100.

funcionários régios – capitães, feitores, vedores de fazenda e outros informadores cuja idoneidade estava assegurada pela eficiência com que tinham desempenhado, na região, funções políticas ou administrativas – outros portugueses - artesãos, boticários, lapidários e pilotos, homens a quem as autoridades lusas acordavam uma reconhecida competência profissional - eram os informantes privilegiados. A sua atenção de profissionais assegurava a justeza das suas observações e notas. Os seus relatórios, de importância estratégica para a governação do Estado português na Índia, tiveram uma circulação restrita. As notícias que veiculavam correspondiam, no entanto, a encomendas precisas.

Assim, para grande indignação dos eruditos europeus, as notícias sobre a natureza da Ásia permaneciam protegidas. Inquirindo, com insistência, mercadores e viajantes regressados do Oriente, os sábios apenas conseguiam recolher notícias vagas, por vezes contraditórias, que se revelavam totalmente inúteis para complementar as suas anotações aos ilustrados compêndios botânicos. Mathioli exortou o Rei de Portugal a tomar a seu cargo a divulgação de novidades sobre o mundo natural da Ásia. Para o botânico, como para muitos letrados do seu tempo, o patrocínio das artes e das ciências era, ao lado das façanhas bélicas e das conquistas territoriais, um dos maiores feitos a que um monarca daquele tempo podia aspirar.

No entanto, pela delicadeza da tarefa científica e pela relevância estratégica das novidades recolhidas, a publicitação das notícias sobre a Natureza asiática só poderia ser efectuada por alguém capaz de compreender a globalidade do contexto político e económico em que o estudo das plantas se inseria. Foi, por isso, forçoso esperar até à década de 1560, altura em que surgiu em Goa a personalidade capaz de cruzar os saberes eruditos com os conhecimentos locais e antecipar as eventuais consequências resultantes da divulgação de tão reclamadas novidades.

Garcia de Orta, médico de incontestável talento profissional; académico com notável conhecimento dos textos científicos; estratega com reconhecida habilidade para lidar com o poder político e religioso; proprietário de fazendas e negócios familiarizado com as peculiaridades dos mercados locais; interlocutor privilegiado para

dialogar com as hierarquias de outras potências, reuniu em si as qualidades necessárias para servir de interlocutor entre a Ásia e a Europa.

Na sua obra, *Colóquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais da Índia*, publicada em 1563, congregou, de forma ponderada, as notícias manuscritas e impressas então em circulação sobre o mundo natural da Ásia. A este amplo conjunto de informes, juntou observações e experiências resultantes da sua prática clínica assim como testemunhos de gentes da sua confiança.

O tratado que publicou em Goa teve, certamente, utilidade imediata nos hospitais, boticas e feitorias do Oriente. A ausência de um texto impresso, redigido em português, que validasse as propriedades terapêuticas das plantas locais, que indicasse aos boticários que drogas e especiarias encomendar e que desse nota a vedores e fatores sobre os melhores mercados abastecedores de produtos, justificava o interesse que, provavelmente, esta obra despertou na Ásia portuguesa.

A modalidade que Orta escolheu para expor os conteúdos, para além de uma preocupação com a sua adequação ao perfil dos seus leitores ibéricos revelou uma enorme habilidade na gestão das palavras e das ideias. Sempre preocupado com o registo da sua própria memória numa narrativa sobre a presença portuguesa no Oriente, Orta atendeu às expectativas dos seus públicos. Aos eruditos europeus atestou uma ampla erudição e uma vasta experiência clínica; aos ibéricos, que pretendiam sobreviver e tirar partido das suas vivências ultramarinas, correspondeu com o discurso pragmático e acessível. Uns e outros encontraram em *Colóquios dos Simples* a descrição de cada planta, a identificação do seu lugar de origem, o reconhecimento dos principais portos e mercados que asseguravam a sua distribuição, a delineação das rotas de acesso, os usos alimentares, assim como as suas propriedades terapêuticas. O conjunto de monografias que integrou o tratado respondeu assim às questões suscitadas pelos seus múltiplos leitores.

Apesar de não termos encontrado relatos coevos que nos confirmem o uso das plantas locais na rede de hospitais portugueses do Oriente, podemos supor que as drogas e mezinhas descritas por Orta foram rapidamente adoptadas nas enfermarias das campanhas militares e a sua utilização validada. Na verdade, Cristóvão da Costa,

que se deslocou à Índia entre 1568 e 1572 como médico privado de D. Luís de Ataíde, teve oportunidade de confirmar o uso e as qualidades terapêuticas das drogas descritas por Garcia de Orta.

Tal como o tratado de Orta procurava regularizar e normalizar as práticas médicas, outros sinais revelam esta vontade do poder político. A actualização de preços da *Pauta das Mezinhas*, assinada em 1573 pelo físico-mor Duarte Lopes, atesta e confirma a crescente preocupação dos governantes com a regulamentação e normalização das actividades económicas em torno do comércio das drogas e especiarias orientais. Esta só foi possível graças ao trabalho de prospecção e validação conduzido por Garcia de Orta.

No entanto, outros médicos ibéricos tiraram partido dos conteúdos divulgados em *Colóquios dos Simples*. A edição, em 1572, por Juan Fragoso do *Discurso de las cosas aromáticas*, trouxe a lume o primeiro texto redigido em castelhano sobre as plantas das Índias orientais. Apesar do crescente afluxo a Sevilha de novas drogas e especiarias americanas, as recentes notícias divulgadas por Monardes, *Dos Libros*, 1565, sobre as plantas do Novo Mundo, deixavam muitas questões por resolver. Os ensaios terapêuticos conduzidos por Monardes, em Sevilha, não pareciam convencer os médicos de Filipe II das competências e fiabilidade das plantas americanas.

Castela defrontava-se, assim, com dificuldades na validação das propriedades terapêuticas das plantas americanas. À excepção da reconhecida utilidade de algumas drogas no tratamento da sífilis, das febres ou diarreias, a Europa continuava céptica relativamente às qualidades das drogas americanas.⁷³⁷

Podemos ainda assinalar outros aspectos que tenham justificado o interesse de Juan Fragoso por uma obra sobre a natureza da Ásia. Recorde-se que as regiões asiáticas descritas por Garcia de Orta eram, no princípio da década de 1570, muito mais acessíveis a Castela. De facto, o estabelecimento de ligações regulares entre Acapulco e Manila permitiu o acesso dos homens de Filipe II ao comércio do Extremo Oriente. Esta incursão dos castelhanos nos mercados de drogas e especiarias, até

⁷³⁷ Filipe II incentivou a prospecção e estudo das propriedades terapêuticas dos exotismos das Índias. Ver: Francisco Guerra, "La política imperial sobre las drogas de las Indias", pp. 50-55 e David Goodman, *Power and Penury*, pp. 230-250.

então dominados pelos portugueses, provocou nos primeiros um interesse crescente pelos recursos naturais asiáticos. A raridade de informações fidedignas e actualizadas sobre as riquezas da Ásia justificava assim a edição de uma obra sobre o mundo Oriental.

Amplamente autorizadas pelos textos e pela experiência, as drogas do Oriente assumiram, então, relevância de Estado. Para assegurar o apoio sanitário dos castelhanos estabelecidos nas Américas mas também para tentar suplantar o monopólio português dos produtos asiáticos, os espanhóis ensaiaram a aclimação das especiarias e drogas asiáticas aos seus próprios territórios ultramarinos. Para além do inequívoco interesse que Filipe II sempre dedicou ao estudo das propriedades medicinais das plantas e à obtenção dos seus extractos, o monarca revelou uma preocupação crescente com o abastecimento de drogas das boticas reais. Esta está patente no contracto que estabeleceu com Francisco de Mendonza para o cultivo na Nova Espanha de Raíz-da-China, sândalo, gengibre, cravo, pimenta e canela.

Estabelecendo um paralelo entre as drogas e especiarias das Índias Orientais descritas por Orta e as plantas das Índias Ocidentais apresentadas por Monardes, Juan Fragoso criou elos de contacto entre estes dois espaços tropicais. Situados na mesma zona climática, a natureza destas regiões podia ser comparada. O mundo natural validado por Orta serviu assim para autorizar o descrito por Monardes. Seguindo a ordem alfabética, Juan Fragoso conduziu os seus leitores da Ásia para as Américas, comparando propriedades, morfologias e qualidades das plantas. Recorrendo a *Colóquios dos Simples*, Juan Fragoso validou os usos e aplicações terapêuticas da botânica divulgada por Monardes.

No final da década de 1570, Cristóvão da Costa foi outro dos responsáveis pela difusão do saber reunido por Orta. Publicando em 1578, em Burgos, o *Tractado de las Drogas*, este médico luso-africano publicitou no mundo castelhano as riquezas do mundo natural das Índias Orientais. Costa desenvolveu prática médica no hospital de Cochim. Durante a sua permanência no Oriente, teve a oportunidade de confirmar as observações de Orta, que complementou com novidades resultantes da sua experiência médica. A sua autoridade foi também legitimada pelas múltiplas gravuras

das plantas asiáticas que desenhou à vista. Parecendo hesitar na execução do projecto escrito, Costa expressou a sua unidade com o mundo natural asiático esboçando uma natureza autónoma e livre, que prescindia da Europa para sobreviver. Um mundo natural, simultaneamente possante e delicado, que murchava com o simples toque ou que, caprichoso, se recusava a frutificar fora do seu meio. As ilustrações de Cristóvão da Costa, as primeiras da natureza asiática desenhadas *in loco* que a Europa conheceu, pareciam assim conter um discurso que complementava as palavras do texto. Pela imagem, mais do que seguir a narrativa de Orta, Cristóvão da Costa registou a sua visão do mundo que conheceu e o fascinou.

Esta versão contrasta, aliás, com a exposta por Clusius. Este botânico, que encontrou *Colóquios dos Simples* numa viagem pela Península Ibérica, em 1564-1565, foi o autor do epítome latino da obra de Orta. *Aromatum et Simplicium*, publicado em Antuérpia, em 1567. Neste tratado, Clusius apropriou-se da botânica asiática revelada por Garcia de Orta e tornou-a acessível aos curiosos e letrados europeus. Este epítome latino, criteriosamente ordenado pelo erudito, cedeu aos leitores uma versão de *Colóquios dos Simples* adequada aos requisitos dos sábios da Europa. Para além das informações cedidas por Orta, Clusius incluiu algumas anotações, assim como representações de drogas asiáticas efectuadas por um dos mais conceituados artistas ao serviço das oficinas gráficas Plantin. As ilustrações, com drogas orientais que encontrou à venda no mercado de Antuérpia, revelavam o olhar com que Clusius e muitos dos seus leitores entendiam a natureza do Oriente. A validação de notícias sobre estes produtos comerciais era assim uma das facetas que este pequeno tratado cumpria. A ampla difusão desta obra, que foi sucessivamente reeditada, anotada e actualizada por Clusius, assegurou a divulgação europeia dos conteúdos científicos publicados por Orta. Também as versões, francesa e italiana, garantiram a popularização do saber veiculado por Orta junto de mercadores, boticários e viajantes do Sul da Europa. Vulgarizados entre os eruditos, os saberes veiculados por Orta foram integrados nas modernas enciclopédias e tratados botânicos, como as de Dálechamps, Moulins ou Bahuin, passando a ser considerados basilares para qualquer referência ao mundo natural da Ásia.

Em pouco mais de meio século, a Europa foi inundada de pequenos volumes impressos, contendo versões castelhanas, epítomes latinos ou as suas traduções italianas ou francesas que veicularam, em diferentes meios sociais, políticos e culturais, o saber recolhido por Garcia de Orta. Por um lado, os eruditos botânicos descobriram na obra matéria bastante para completar os seus tratados. Por outro, os políticos, banqueiros e mercadores europeus aproveitaram os seus conteúdos para delinear planos políticos e esboçar estratégias comerciais. Finalmente, os ibéricos encontraram nele soluções para os seus males e conhecimentos para rentabilizar, de forma ajustada, a exploração das rotas e mercados ao seu alcance.

A versatilidade da obra de Garcia de Orta respondeu, afinal, aos anseios e necessidades de um público multifacetado e plural.

Bibliografia

Manuscritos

Livro que trata das cousas da Índia e do Japão, Biblioteca Municipal de Elvas, Códice 5/381.

Figueira, João Delgado, *Repertorio geral dos três mil oitocentos processos, que sam todos os despachados neste Sancto Officio de Goa e mais partes da India do anno de Mil e quinhentos e secenta e hum [...] até ao anno de Mil e seiscentos e vinte e três [...]*, ms. Biblioteca Nacional de Lisboa, *Fundo Geral*, Cod. 203.

Impressos

Acosta, Cristobal, *Tractado de las Drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con sus Plantas debuxadas al bivo por Cristobal Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente*. Burgos, Martin Victoria, 1578.

Acosta, Cristobal/Costa, Cristóvão da, *Tratado das Drogas e medicinas das Indias Orientais*.Burgos. 1578. Versão portuguesa com introdução e notas do Dr Jaime Walter. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

Acosta, Cristóbal, *El Tractado de las Drogas de Cristóbal Acosta (Burgos, 1578). Utilidad comercial y materia medica de las Inidas Orientales en la Europa Renascentista*. Ed. de R. Rodriguez Nozal e A. González Bueno. Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica, 2000.

Acosta, Cristóbal, *Tractado de las Drogas*. Ed. José Maria López-Piñero. Valencia, Vincent Garcia, 2002.

Acosta, Cristóbal, *Tratado en contra, y pro de la vida solitaria. Con otros dos tratados, uno de la Religion y Religioso, otro con los hombres que mal viven*, Veneza, Giacomo Cornetti, 1592.

Acosta, Cristóbal, *Tratado en loor de las mugeres, y de la castidad, onestidad, constancia, silencio y justicia: con otras muchas particularidades, y varias historias*, Veneza, Giacomo Cornetti, 1592

Acosta, José de, *Historia Natural y moral de las Indias*, Sevilha, Juan de Leon, 1590.

Antonio, Nicolàs, *Bibliotheca Hispana Nova, Tomus Primus*, Madrid, Apud Viduam et Heredes D. Ioachimi Ibarrae, 1788.

Bahuin, Caspard, *Pinax theatri botanici*, Basileia, Ludovici Regis, 1623.

Barbosa, Duarte, *Livro do que viu e ouviu no Oriente*. Edição de Luís de Albuquerque. Lisboa, ALFA, 1989.

Barbosa, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa*. Introdução e notas de Neves Águas. Mem Martina, Publicações Europa-América, 1992.

Barros, João de, *Grammatica da lingua portuguesa*, Lisboa, Lodovicum Rotorigiu, 1540.

Bellunensis, Andrea, *Principis Avicennae Libri Canonis necnon de medicinis cordialibus Cantica...ab ex antiquis Arabuum originalibus...correcti...una cum interpretatione nominum arabicorum*. Veneza, Juntae, 1527.

Bock, Hieronimus, *New Kreutter Buck*. Estrasburgo, J. Rihel, 1539.

Bontius, Jacob de, *De Medicina Indorum*, Leiden, Franciscus Hackius, 1642.

Brasavola, António Musa, *Examen omnium simplicium medicamentorum*, Lião, Scuto Coloniensi, 1537.

Brunfels, Otto, *Herbarum vivae eicones*, Estrasburgo, Joannem Schotum, 1530.

Calado, Adelino Almeida (ed.) "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Vol XXIV, 1960, pp.1-138.

Castiglione, Baldassare, *Il libro del Cortegiano*, Veneza, Herdeiros de Aldus Manutius, 1528.

Castiglione, Baldesar, *O Livro do Cortesão*, Porto, Campo das Letras, 2008.

Castro, D.João de, *Roteiro de Lisboa a Goa*. Anotado por J. Andrade Corvo. Lisboa, Academia Real de Ciências, 1882.

Castro Lusitani, Roderici, *Medicus politicus*, Hamburgi, ex Bibliopolio Froberiano, 1614.

Castro, Rodrigo de, *O médico político ou o tratado sobre deveres médicos-políticos*. Tradução de Domingos Lucas Dias. Revisão científica de Adelino Cardoso. Lisboa, Colibri, 2011.

Chinchilla, Anastasio, *Historia General de la Medicina Española*, Valencia, 1841.

Clusius, Carolus, *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium Historia*, Antuérpia, Ex Officina Christophorus Plantini, 1567.

Clusius, Carolus, *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium Historia*. Versão portuguesa do epítome latino dos *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta. Introdução e versão portuguesa de Jaime Walter e Pe. Manuel Alves. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

Colmeiro, Miguel, *La botánica y los botánicos de la Peninsula Hispano-Lusitana. Estudios bibliográficos y biográficos*, Madrid, M. Rivadeneyra, 1858.

de'Conti, Nicolò, *Le voyage aux Indes de Nicolò de'Conti (1414-1439)*. Présentation de Geneviève Bouchon & Anne-Laure Amilhat-Szary. Traduction de Diane Ménard. Paris, Chandeigne, 2004.

Dálechamps, Jacques, *Historia Generalis Plantarum*, Lião, G. Rovillium, 1586-1587, 2 volumes.

Deslandes, Venâncio, *Documentos para a história da typographia portugueza nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1888.

Dioscórides, *De Materia Medica*, Veneza, Aldus Manucius, 1499.

Dodoens, Rembert, *Stirpium historiae peptades sec Libri XXX*, Antuérpia, Ex Officina Christophori Plantini, 1583.

Fragoso, Juan, *Catalogus simplicium medicamentorum*, Alcalá de Henares, Petrum Robles e Ioannem de Villanova, 1566.

Fragoso, Juan, *Discurso de las Cosas Aromaticas, arboles y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de la medicina*, Madrid, Francisco Sanchez, 1572.

Fragoso, Juan, *Discurso de las Cosas Aromaticas, arboles y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de la medicina*. Ed. de José Luis Fresquet Febrer. Valencia, Fundación Marcelino Botin, 2002.

Fuchs, Leonhart, *De Historia stirpium*, Basileia, Officina Isingriniana, 1542.

Gândavo, Pêro Magalhães, *História da Província de Santa Cruz*, Lisboa, Antonio Gonsalvez, 1576.

Hermann, Paul, *Paradisus batavus*, Leiden, Petrum van der Aa, 1698.

Laguna, Andrés de, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortíferos, traduzido de la lengua Griega, en el vulgar Castellana, y ilustrado com claras y substantiales Annotationes*, Antuérpia, Juan Latio, 1555

Leão, Gaspar de, "Desengano dos Perdidos". Edição de Eugenio Ascencio. *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra, 1958.

Lémery, Nicolas, *Nouveau Dictionnaire Générale des Drogues Simples et Composées*. Revu, corrigée et considérablement augmentée par Simon Morclot. Paris, Impr. de Valade, 1807.

Linschoten, Jan Huygen van, *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Hutgen van Linschoten para as Índias Orientais ou portuguesas*. Edição preparada por Arie Pos e Rui Manuel Loureiro. Lisboa, CNCDP, 1997.

Lopes, Tomé, "A Navegação às Índias Orientais do portuense Tomé Lopes", in: *O Porto e os descobrimentos*. Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1972, pp.67-147.

Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Medicinais*, Lisboa, CELOM, 2010, 2 volumes.

Machado, Diogo Barbosa de, *Bibliotheca Lusitana*. Edição fac-similada. Coimbra, Atlântida Editora. 1965-1967. [1759]. 4 volumes.

Magalhães, Fernão de, *A primeira viagem à volta do mundo contada pelos que nela participaram*. Prefácio e notas de Neves Águas. Mem-Martins, Europa-América, 1990.

Mandeville, Jean de, *Voyage autour de la terre*. Tradução de C. Deluz. Paris, Les Belles Lettres, 1993.

Mathioli, P.A. *Commentaires de M. Pierre Andre Matthiole medecin senois, sur les six livres de Ped. Disocoride Anazarbeen de la Matiere Medecinale*, Lião, G. Rouille, 1572.

Monardes, Nicolas, *Herbolaria de Indias. Historia natural del Nuevo Mundo*. Edición preparada por Ernesto Denot y Nora Satanowsky. Mexico, Turner, 1990.

Monardes, Nicolas, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal de las cosas que se traen de las nuestras Indias Occidentales*, Sevilla, Casa de Fernando Diaz, 1580, [1574].

Morejón, António Hernandez, *História Bibliográfica de la Medicina Española*, Madrid, Viuda de Jordan e Hijos, 1843.

Moulins, Jean de, *Histoire Génèrale des Plantes*, Lião, G. Rovillium, 1615. 2 volumes.

Obras Completas do Cardeal Saraiva (D. Francisco de S.Luiz) Patriarcha de Lisboa, precedidas de uma introdução pelo Marquez de Rezende, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, 10 volumes.

Obras Completas de D. João de Castro. Ed. Armando Cortesão, Luís de Albuquerque. Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1981, 4 volumes.

Oliveira, Fernão de, *Grammatica de lingoagem portuguesa*, Lisboa, Germam Galharde, 1536.

Orta, Garcia de, *Colóquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais de India*, Goa, Joannes de Endem, 1563.

Orta, Garcia de, *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais de Índia*, Goa, Joannes de Endem. Edição fac-similada, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1963, [1563].

Orta, Garcia de, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Edição de Francisco Adolfo Varnhagem. Lisboa, Imprensa Nacional, 1872.

Orta, Garcia de, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Edição anotada e comentada pelo Conde de Ficalho. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, [1891-1895], 2 volumes.

Orta, Garcia de, *Colloquies on the Simples and Drugs of India*. Tradução e introdução de Clements Markham. Londres, Henry Sotheran, 1913.

Orta, Garcia de, *Colloques des Simples et des Drogues de l'Inde*. Traduzido do português por Sylvie Messinger Ramos, António Ramos e Françoise Marchand-Sauvagnargues. Paris, Actes Sud, 2004.

Orta, Garcia de, *Dell'Historia de i simplici aromati, et altre cose, che vengono portate dall'Indie Orientali pertinenti all'uso della Medicina, di Don Garzia Dall'Horto, Medico Portoghese; con alcune brevi annotationi di Carlo Clusio*, Veneza, Francesco Ziletti, 1576

Orta, Garcia de, *Histoire des drogues, especeries, et de certains medicamens simples, qui naissent és Indes, tant Orientales que Occidentales, divisée en deux parties*, Lião, Jean Pillehotte, 1602.

Oviedo, Gonzalo Fernández de, *Historia General de las Indias*, Madrid, Juan Cromberger, 1535.

Pegolotti, Francesco Balducci, *La pratica della mercatura*, Cambridge, ed. Allam Evans, Medieval Academy of America, 1936.

Pereira, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*. Anot. Augusto Epiphania da Silva Dias. Lisboa, Sociedade de Geografia, 1975.

Pires, Tomé, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Edição de Armando Cortesão. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.

Pires, Tomé, "Carta de Tomé Pires" pp.445-459 in: Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.

Pires, Tomé, *O manuscrito de Lisboa da 'Suma Oriental' de Tomé Pires*. Contribuição para uma edição crítica de Rui Manuel Loureiro. Lisboa, Instituto Português do Oriente, 1996.

Pline l'Ancien, *Histoire Naturelle XXX, Magie et pharmacopée*, Paris, Les Belles Lettres, 2003.

Pline l'Ancien. *Histoires de la Nature*, morceaux choisis et traduits du latin par Danielle Sonnier, Grenoble, Jérôme Million, 1994

Plínio, o Velho, *Historia Naturalis, libri 37*, Veneza, Aldus Manucius, 1469.

Plínio Cayo Secundo, *Historia Natural*. Traducida por el licenciado Geronimo de Huerta. Edição fac-similada. Madrid, Visor Libros, 1999, [1624].

Polo, Marco, *El Libro de Marco Polo anotado por Cristóbal Cólon. – El Libro de Marco Polo de Rodrigo de Santaella*. Edición, introducción y notas de Juan Gil. Madrid, Alianza Editorial, 1987.

Polo, Marco, *Le devisement du Monde. Le Livre des Merveilles*. Texte intégrale établi par A.C. Moule, Paul Pelliot version française de Louis Hambis; introduction et notes Stéphane Yérasimos. Paris, La Découverte, 2004, 2 volumes.

Polo, Marco, *O Livro de Marco Polo*. Edição de Francisco Esteves Pereira. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922.

Ramusio, Giovanni Battista, *Delle Navigationi et viaggi*, Veneza, Giunti, 1550.

Ramusio, Giovanni Battista, *Navigazioni e viaggi*. A cura de Marica Milanese. Turim, Einaudi, 1978. 6 volumes.

Reede, Hendrik Adriaan van. *Hortus Indicus Malabaricus*, Amesterdão, Joannis van Someren & Joannis van Dick, 1678-1693, 12 volumes.

Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama. Edição de Neves Águas. Mem-Martins, Europa-América, 1998.

Rumpf, Georg Eberhard, *Herbarium amboinense: plurimas conplectens arbores, frutices, herbas, plantas terrestres & aquáticas*, Amesterdão, 1741-1750, 6 volumes.

Santos, Frei João dos, *Etiopia Oriental e Vária História das Cousas Notáveis do Oriente*. Introdução e notas de Manuel Lobato; Coordenação e fixação do texto de Maria do Carmo Guerreiro Vieira. Lisboa, CNCDP, 1999.

Santos, Frei João dos, *Etiopia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Évora, 1609.

Sévérac, Jordan de, *Mirabilia Descripta*. Versão castelhana por Juan Gil. Sevilha, Alianza Editorial, 1995.

Sévérac, J. C., *Une Image de L'Orient au XIVE siècle. Les Mirabilia descripta de Jordan Catala de Sévérac*. Edition de Christine Gadrat. Paris, École de Chartes, 2005.

Silva, Inocência Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858. 23 volumes.

Spach, Israel, *Aromatum, fructuum et simplicium aliquot medicamentorum ex India utraque, et orientali et occidentali, in Europa delatorum*. Estrasburgo, s.l. 1600.

Turner, William, *Libellus de re herbaria novus*, Londres, Ioannem Byddellum, 1538.

Usque, Samuel, *Consolações às Tribulações de Israel*. Revisão e prefácio de Mendes dos Remédios. Coimbra, França Amado, 1906-1908, 3 vols.

Valle, Pietro della, *Viaggi di Pietro della Valle il pellegrino*, Veneza, Paolo Baglioni, 1667.

Van Spiegel, Adriaan, *Isagoges in rem herbarium libri duo*. Pádua, ex. Typographia L. Pasquati, 1606.

Varthema, Ludovico de, *Voyage de Ludovico Varthema en Arabie et aux Indes orientales (1503-1508)*. Traduction de Paul Teyssier, Préface de Jean Aubin. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Chandeigne, 2004.

Vespucci, Americo, *Mundus Nuovus*, Paris, J.B. Sessa, 1503.

“Viagem às Índias Orientais por João de Empoli” in: *Colecção de Notícias para a História e Geografia das nações Ultramarinas*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Vol II, nº IV, 1812.

Villalobos, Francisco Lopez, *Libro intitulado los problemas de Villalobos, que tracta de cuerpos naturales y morales y dos diálogos de medicina*, Zamora, Juan Picardo, 1543.

Yule, Henry; Cordier, Henry, *Cathay and the way thither: being a collection of Medieval notices of China*, Londres, Hakluyt Society, 1913-1916, 4 volumes.

Zurara, Gomes Eanes de, *Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné, escrita por mandado de el Rei D. Affonso V, sob a direcção scientifica, e segundo as instruções do illustre infante D. Henrique*, Paris, J.P. Aillaud, 1841.

Estudos

Abecassis, Carlos K., “Pórtico”, *Garcia de Orta*, Lisboa, vol 11, nº4, 1963, p.616.

Albuquerque, Luís, *Navegadores, viajantes e aventureiros portugueses – séculos XV e XVI*, Lisboa, Caminho, 1987, 2 volumes.

Alejo-Montes, Francisco Javier, *La docencia en la Universidad de Salamanca en el Siglo de Oro*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007.

Almeida, António de, "Da Antropologia nos 'Colóquios' de Garcia de Orta", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Série 81ª-nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp.187-202.

Álvarez-Peláez, Raquel, *La conquista de la naturaleza americana*. Madrid, CSIC, 1993.

d'Alverny, Marie-Thérèse, *Avicenne en Occident*, Recueil d'articles, Paris, Le Vrin, 1993.

Alves, Jorge M. dos Santos, "A pedra-bezoar – realidade e mito em torno de um antídoto (séculos XVI e XVII)", *Mirabilia Asiatica. Produtos raros no comércio marítimo*, coordenação de Jorge M. dos Santos Alves, Claude Guillot, Roderich Ptak, Wiesbaden, Harrassovitz Verlag, 2003, pp. 121-134.

Alves, Vitorino Sousa, "Garcia de Orta e a filosofia", *Garcia de Orta*, vol. 11, nº4, p. 629.

Andrade, António Alberto Banha de *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, 2 vols.

Andrade, António Alberto Banha de, "Drogas do Oriente" *Arq. do Centro Cultural Português*, Paris, vol. 3, 1971, pp.112-188.

Andrade, António Lopes de, "Garcia de Orta" in: Adriano Prosperi, *Dizionario storico dell'Inquisizione*, vol.2, p.1147.

Andrade, António Lopes de, "De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI - Cadernos de Cultura*, 25, 2011, pp.5-16.

Andrade, António Lopes de, "As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI - Cadernos de Cultura*, 23, 2009, pp. 7-14.

Anselmo, António Joaquim, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1977, [1926].

Arber, Agnes, *Herbals, their origin and evolution*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, [1912].

Arnoso, Conde de, "Elogio ao Conde de Ficalho", in: Conde de Ficalho, *Dispersos*, Compilação e notas de João Forjaz Vieira, Lisboa, Universitária Editora, pp.33-43.

Assunção, Carlos, "A Mineralogia nos *Colóquios*", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol. 11. nº4, 1963, pp.715-722.

Asúa, Miguel de; French, Roger, *A New World of animals. Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America*, Burlington, Ashgate, 2005.

Attewell, Guy, *India and de Arabic learning of the Renaissance: The case of Garcia D'Orta*, M.A. thesis, Warburg Institute, London, University of London, 1997.

Azevedo, Pedro de, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol 7, pp.74-88, in: Jorge Peixoto, "Alemães que trabalharam no livro em Portugal nos sécs. XV e XVI", *Gutenberg Jahrbuch*, 1964.

Barona, Josep Luis e Gómez Font, Xavier, *La correspondência de Carolus Clusius com los científicos españoles*, Valencia, Guada Litografia, 1998.

Barrera-Osorio, António, *Experiencing Nature. The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*, Austin, University of Texas Press, 2006.

Barrera-Osorio, Antonio, "Knowledge and empiricism in the XVIth century Spanish Atlantic World", p.219-232, in: Bleichmar, Daniela et al. (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, Stanford, Stanford University Press, 2009.

Barreto, Luis Filipe, *Descobrimientos e Renascimento. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

Barreto, Luis Filipe, *Caminhos do saber no Renascimento português. Estudos de história e teoria da cultura*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

Biagioli, Mario, *Galileu, Cortesão. A prática da Ciência na Cultura do Absolutismo*, Porto, Porto Editora, 2003.

Bíblia Sagrada, Lisboa, Difusora Bíblica, 1995.

Bleichmar, Daniela et al. (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, Stanford, Stanford University Press, 2009.

Bleichmar, Daniela, "Books, bodies and fields. Sixteenth-Century transatlantic encounters with New World materia medica", pp.83-99, in: Schiebinger, Londa; Swan, Claudia (eds), *Colonial Botany. Science, Commerce and Politics in Early Modern Europe*, Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2007.

Boutroue, Marie-Elisabeth, "Les lectures de Garcia d'Orta: le cas de l'*Histoire naturelle* de Plin l'Ancien", *Euphrosyne*, 37, 2009, pp.245-261.

Boxer, Charles Ralph, *A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints*, Paris, Centro Cultural Português. 1975.

Boxer, Charles Ralph, *Two pioneers of tropical medicine: Garcia d'Orta and Nicolas Monardes*, Londres, The Hispanic and Luso-Brasilian Councils, 1963.

Braga, Teofilo, *A primeira poesia impressa de Camões, nos livros do Doutor Garcia d'Orta intitulado Colóquios dos Simples e Drogas*, Lisboa, Oficina de Adolfo Modesto, 1867.

Breazeale, Kennon, "Editorial introduction to Nicolo de Conti's account" *SOAS Bulletin of Burma Research*, vol.2, nº 2, Autumn 2004, pp.100-110.

Brito, A.M. da Rocha, "O Doutor Tomás Rodrigues da Veiga, ilustre eruanário" *Separata do Jornal do Médico*, Lisboa, 13, (323), 1949, pp.402-409.

Burke, Peter, *The fortunes of the Courtier. The European reception of Castiglione's Cortegiano*, Pennsylvania, Polity Press, 1995.

Canali, Luca, *Vie de Pline*, Paris, Arléa, 2005.

Cañizares-Esguerra, Jorge, "Iberian Science in the Renaissance: ignored how much longer?" *Perspectives on Science*, 12, nº1, 2004, pp.86-124.

Canizares-Esguerra, Jorge, *How to write the history of the New World. Histories, Epistemologies and Identities in the Eighteenth-century Atlantic World*. Stanford, Standford University Press, 2004.

Canizares-Esguerra, Jorge, *Nature, empire and nation. Explorations of the History of Science in Iberian World*, Stanford, Standford University Press, 2006.

Carvalho, Augusto da Silva, "Garcia d'Orta", *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 12, 1934, pp.61-246.

Carvalho, Joaquim Teixeira de, *Homens de outros tempos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

Carvalho, Teresa Nobre de, "O olhar abrangente de Juan Fragoso sobre o mundo natural exótico" *Revista Oriente*, Lisboa, 19, 2004, pp.27-43.

Carvalho, Teresa Nobre de, "Imagens do mundo natural asiático na obra botânica de Cristóvão da Costa" *Revista de Cultura*, Macau, 20, 2006, pp.28-39.

Carvalho, Teresa Nobre de, "Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da India" *Actas do Colóquio internacional e interdisciplinar Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*, Lisboa, 2008, pp.165-175.

Carvalho, Teresa Nobre de, "A apropriação de Colóquios dos Simples por dois médicos ibéricos de Quinhentos" *in*: Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso (org) *Percursos na História do Livro médico (1450-1800)*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, pp. 59-72.

Carvalho, Teresa Nobre de, "Invisible travelers and virtual tracks: knowledge construction in *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* of Garcia de Orta (Goa,1563)" *Proceedings of the 4th ESHS Conference, Barcelona, 2010*, pp. 288.293.

Castro, Anibal de "Físicos, cirurgiões e boticários nas naus dos descobrimentos" *Arquipélago, História*, 2ª série, 4, nº2, 2000, pp.546-547.

Catálogo dos impressos de tipografia portuguesa do século XVI, 1990.

Cattaneo, Angelo, *Fra Mauro's Mappa Mundi and fifteenth-century Venice*, Turnhout, Brepols, 2011.

Coelho, Laranjo, P.M., "Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide. Garcia d'Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano", Separata de "*O Instituto*", Coimbra, nº 116, 1953, pp.22-46.

Conversas no Turf em torno de Os Vencidos da Vida, Lisboa, Tribuna, 2008.

Cook, Harold J. *Matters of Exchange. Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*, Londres, Yale University Press, 2007.

Cordeiro, Luciano, "De como navegavam os portugueses no início do século XVI. Notas e Documentos para a História da nossa marinha", *Sep. do Boletim da Sociedade de Geografia*, 1, [s.l.; s.n.], 1883.

Correia, Fernando da Silva, "Política sanitária. Uma lição de Garcia d'Orta", *Boletim da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa*, Lisboa, 1964, pp.1-17.

Correia, Maximino, "Garcia d'Orta e a Anatomia, A citação de Vesálio", *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, Coimbra, 1965, 37, pp.1-14.

Correia, Maximino, "Garcia d'Orta e os *Colóquios*" *Separata dos 'Anais Azevedos'* Lisboa, vol.14, nº4/5, 1962, pp. 3-26.

Cortesão, Armando, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, Lisboa, Seara Nova, 1935, 2 volumes.

Costa, Palmira Fontes da; Leitão, Henrique, "Portuguese Imperial Science, 1450-1800: A Historiographical Review", *in*: Bleichmar, Daniela *et al.* (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, Stanford, Stanford University Press, 2009, pp. 35-56.

Costa, Palmira Fontes da; Cardoso, Adelino (Org.), *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*, Lisboa, Edições Colibri, 2011.

Cristóvão, Fernando (Coord.), *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*. Estudos e Bibliografias, Lisboa, Cosmos, 1999.

Cristóvão, Fernando, "A Literatura de Viagens e a História Natural", pp.185-218, In: Cristóvão, Fernando (Coord.), *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens*. Estudos e Bibliografias, Lisboa, Cosmos, 1999.

Cunha, José Gerson da, *The origin of Bombay*, Bombay, Society's Library, Town Hall, 1900.

Cunha, Rosalina Silva, "Notícias e comunicações: Garcia de Orta, Tipo clássico do sábio do século XVI" *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 81ª-nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp.219-220.

D Manuel II, *Livros antigos portugueses, 1489-1600*, Londres, Maggs-Bro. 1929-1935, 3 volumes.

Delumeau, Jean, *Une Histoire du Paradis. Le Jardin des Délices*, Paris, Fayard, 1992.

D'Cruz, Sharon, "Documenting the Medical-Botanical Traditions of India: the Colóquios of Garcia de Orta", Garcia de Orta and Alexander von Humboldt across the east and the West: [proceedings of the international and transdisciplinary conference]; coord. Anabela Mendes, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2009, pp.45-58.

Dias, Carvalho, "As Ordenações da Índia", *Separata de Garcia de Orta*, Número especial, 1956.

Dias, João José Alves, *Amato Lusitano e a sua obra*, Lisboa, BNP, 2012.

Dias, José Lopes, "O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta", *Separata de 'Estudos de Castelo Branco'*, Castelo Branco, 1964, pp.5-34.

Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Índia – Edição de António Silva Rego. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1947-1958, 12 volumes.

Domingues, Francisco Contente, "Colombo e a política de sigilo na historiografia portuguesa", *Mare liberum*, 1990, nº1, pp.105-116.

Domingues, Francisco Contente; Barreto, Luís Filipe (org), *A abertura do Mundo. Estudos de história dos Descobrimentos Europeus. Em Homenagem a Luís de Albuquerque*, Editorial Presença, Lisboa, 1986-1987, 2 volumes.

- Dutra, Francis, "The practice of Medicine in Early Modern Portugal. The role and social status of the *Fisico-mor* and the *Surgião-mor*", in: Katz, I. (ed.), *Libraries, History and Diplomacy, and the Performing Arts*. pp. 135-169.
- Egmond, Florike, *The world of Carolus Clusius: Natural History in the making: 1550-1610*, London, Pickering & Chatto, 2010.
- Egmond, Florike; Hoftijzer, Paul; and Visser, Robert, *Carolus Clusius: Towards a cultural history of a Renaissance naturalist*, Amsterdão, Edita-KNAW, 2007.
- Étiemble, R., *L'Europe chinoise*, Paris, Gallimard, 1988-1989, 2 volumes.
- Febvre, Lucien; Martin, Henri-Jean, *L'apparition du livre*, Paris, Albin Michel, 1999.
- Ferreira, Maria Irene, "Os Colóquios dos Simples: a Natureza *per speculum aenigmatè*", *Prelo*, Lisboa, nº6, Janeiro-Março 1985, pp.29-50.
- Ficalho, Conde de, *Dispersos. Compilação e notas de João Forjaz Vieira*, Lisboa, Universitária Editora, 1998.
- Ficalho, Conde de, *Garcia de Orta e o seu tempo*. Reprodução fac-similada da 1ª edição. Introdução de Nuno de Sampayo. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. [1886].
- Figueiredo, João Manuel Pacheco de, "Colóquios dos Simples de Garcia d'Orta (1563-1963)", *Separata de 'O Médico'*, Lisboa, nº602, 1963, pp.7-31.
- Figueiredo, João Pacheco de, "Ayurvedic Medicine in Goa according to European sources in the sixteenth and seventeenth centuries" *Bulletin of the History of Medicine*, vol 58, Nº2, Summer 1984, pp.225-235.
- Findlen, Paula, *Possessing Nature, Museums, collecting, and scientific culture in Early Modern Italy*, Berkeley, University of California Press, 1994.
- Findlen, Paula, "Natural History", in: K. Park; L. Daston, *The Cambridge History of Science*, vol. 3: Early Modern Science, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 435-468.
- Fonseca, M.D.Tello da, *Historia da farmácia portuguesa através da sua legislação*, Porto, Emp. Industrial gráfica do Porto, 1935, 3 volumes.
- Foucault, Michel, *As palavras e as coisas*, Lisboa, Edições 70, 2002.
- Frade, Fernando, "Os animais e seus produtos nos Colóquios de Garcia de Orta", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol. 11, nº4, 1963, pp.695-714.
- French, Roger, *Ancient Natural History*, Londres, Routledge, 1994.

Friedenwald, Harry, "The medical pioneers in the East Indies", *Bulletin of the History of Medicine*, vol. IX, Nº5, 1941, pp.487-501.

Gaitonde, P.D., *Portuguese pioneers in India. Spotlight on medicine*, Bombay, Popular Prakashan, 1983.

Galvão, Nuno, *O Conde de Ficalho*, Lisboa, 1925.

Garcia, José Manuel, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença, 2007.

Gaskell, Philip, *A New introduction to bibliography*, Oxford, St. Paul's Bibliographies, 1972.

Gaspar, Joaquim Alves, *From the portolan chart of the Mediterranean to the latitude chart of the Atlantic. Cartometric analysis and modeling*, Dissertation PhD, ISEGI-UNL, 2010.

Gil, Juan, "Europeos en la India a la llegada de los Portugueses", in: Loureiro, Rui Manuel; Gruzinski, Serge (coordenação) *Passar as Fronteiras. II Colóquio Internacional sobre Mediadores culturais – Séculos XV a XVIII*. Lagos, Centro de estudos Gil Eanes, 1999, pp. 229-244.

Gil, Juan, *En demanda del Gran Khan, Viajes en Mongolia en el siglo XIII*, Madrid, Alianza Editorial, 1993.

Gil, Juan, *La India y el Catay. Textos de la Antigüedad clásica y del Medievo occidental*, Alianza Editorial, 1995.

González-Manjarrés, Miguel A., *Andrés Laguna y el humanismo médico*, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 2000.

González-Manjarrés, Miguel A., Pérez-Ibáñez, M.J., "Andrés Laguna y Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos", in: F. Grau Codina et al. (eds) *La Universitat de valencia i l'Humanisme: Studia humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nuo Món*, Valencia, 2003, pp. 689-711.

Goodman, David, *Poder Y penuria, gobierno, tecnologia y ciencia en la España de Felipe II*, Madrid, Alianza, 1990.

Goodman, David; Russel, Colin, A. (eds.), *The rise of scientific Europe 1500-1800*, Kent, Hodder & Stoughton, The Open University, 1991.

Gouveia, Andrade, *Garcia de Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu tempo*. Lisboa, ICLP, 1985.

- Grove, Richard, "The transfer of botanical knowledge between Asia and Europe 1498-1800" *Journal of the Japan-Netherlands Institute*, vol. 3, 1991, pp.160-176.
- Guerra, Francisco, "La politica imperial sobre las drogas de las Indias", *Revista de Indias*, XXVI, nº103-104, 1966, pp. 35-58.
- Hallett, Jessica, *Catálogo da exposição "Cortejo triunfal com girafas. Animais exóticos ao serviço do poder"*, Lisboa, 2009.
- Holmes, Ruth, *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America*, Washington, I.A.L., 1926.
- Iria, Alberto, "Dos biógrafos portugueses de Garcia de Orta (nótulas bibliográficas)", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol. 11, nº4, 1963, pp.833-856.
- Jacquard, Danielle; Micheau, Françoise, *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, Paris, Maisonneuve & Larose, 1996.
- Jain, S.K., "Indo-Portuguese connections. Botanical perspective", in: Varadarajan, Lotika (ed.), *Indo-Portuguese encounters. Journeys in Science, Technology and Culture*, New Delhi, Indian National Science Academy, 2006, pp.274-281.
- Jorge, Ricardo, "La médecine et les médecins dans l'expansion mondiale des Portugais", *Actes, conférences et communications - III Congrès International d'Histoire des Sciences*, Lisboa, Seara Nova, 1935.
- Jüsten, Helga Maria, *Valentim Fernandes e a Literatura de Viagens*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2007.
- Junior, Albano Pereira, "Garcia de Orta pioneiro da Farmacognosia", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol. 11, nº4, 1963, pp.723-754.
- Katz, Israel (ed.), *Libraries, History, Diplomacy, and the Performing Arts. Essays in Honor of Carleton Sprague Smith*. Nova Iorque, Pendragon Press, 1991.
- Kellenbenz, Hermann, *Los Fugger en España y Portugal hasta 1560*, Junta de Castilla y León, Salamanca, 2000.
- Kirsop, Wallace, *Bibliographie matérielle et critique textuelle*, Paris, Lettres Modernes, 1970.
- Kuzukawa, Sachiko, "Illustrating nature", in: Marina Frasca-Spada, Nick Jardine, *Books and the Sciences in History*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, pp. 90-113.

Kuzukawa, Sachiko, "Uses of pictures in printed books: the case of Clusius' *Exoticorum libri decem*", in: F. Egmond; P. Hoftijzer; R. Visser, *Carolus Clusius: Toward cultural history of a Renaissance naturalist*, Amsterdão, Edita-KNAW, 2007, pp.221-246.

Kuzukawa, Sachiko, *Picturing the book of nature. Image, Text and Argument in Sixteenth-Century Human Anatomy and Medical Botany*, Chicago, University of Chicago Press, 2012.

Lach, Donald, *Asia in the making of Europe*, Chicago, University of Chicago Press, 1965, 4 volumes.

Lavillier, R. "A carta de Vespúcio que revolucionou a geografia" *Revista de História*, S. Paulo, nº33, 1958, p. 144.

Lefèvre, Wolfgang; Renn, Jürgen; Schoepflin, Urs (eds.), *The Power of Images in Early Modern Science*, Berlin, Birkhäuser Verlag, 2003.

Le Goff, Jacques, *Herois e maravilhas da Idade Média*, Petrópolis, Vozes, 2009.

Leite, Duarte, "O mais antigo mapa do Brasil", in: *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Vol. 2, Porto, 1923.

Lemos, Maximiano de, *História da medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*. Prefácio de Olivia Ruber de Meneses, Lisboa, Dom Quixote, Ordem dos Médicos, 1991, 2 volumes.

Lerer, Seth, *Error and the academic self. The scholarly imagination, Medieval to Modern*, New York, Columbia University Press, 2002.

Lewis, Gillian, "Clusius in Montpellier, 1551-1554: A humanist education completed?" in: Florike Egmond, Paul Hoftijzer and Robert Visser (eds) *Carolus Clusius. Towards a cultural history as a Renaissance naturalist*, Amsterdão, Edita-KNAW, 2007, pp.65-98,

Livingstone, David, N., *Putting science in its place. Geographies of Scientific Knowledge*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

Longhena, Mario, "I manoscritti del IV libro del *Varietate fortunae*", *Boll. della società geografica italiana*, Roma, II, 1925, pp.191-213.

Lopes, Marília dos Santos, "A revelação das plantas. Garcia de Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa" *Revista de Cultura*, Macau, 20, 2006, pp.28-39.

López Piñero, José Maria; Pardo Tomas, José, *La influencia de Francisco Hernández (1515-1587) en la construction de la botanica y la material medica modernas*, Valência, Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia, 1996.

López Piñero, José Maria; Pardo Tomas, José, "The contribution of Hernández to European Botany and Materia Medica", in: Simon Varey; Rafael Chabrán; Dora Weiner (eds), *Searching for the secrets of nature: the life and works of Dr. Francisco Hernandez*, pp. 340-382.

López Piñero, José-Maria (Dir.), *Historia de la Ciencia y de la Técnica en la Corona de Castilla. III: Siglos XVI y XVII*. Salamanca, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 2002.

Loureiro, Rui Manuel, *A biblioteca de Diogo do Couto*, Lisboa, Instituto Cultural de Macau, 1998.

Loureiro, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

Loureiro, Rui Manuel, "Livros e bibliotecas no Oriente Quinhentista", in: *Uma vida em História – Estudos em Homenagem a António Borges Coelho*. Coord. António Dias Farinha, José Nunes Correia e Vitor Serrão. Lisboa, Edições Caminho, 2001, pp.343-370.

Loureiro, Rui Manuel, "Garcia de Orta e os Colóquios dos Simples: Observações de um viajante sedentário", *Actas do Colóquio internacional e interdisciplinar Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*, Lisboa, 2008, pp.135-145.

Loureiro, Rui Manuel, "Drogas asiáticas e práticas médicas nas *Relaciones* de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610)" *Actas do Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*, (CD-Rom) Lisboa, IICT, 2008.

Loureiro, Rui Manuel; Gruzinski, Serge (coordenação) *Passar as Fronteiras*. II Colóquio Internacional sobre Mediadores culturais – Séculos XV a XVIII, Lagos, Centro de estudos Gil Eanes, 1999.

Lucchetta, Francesca, *Il medico e filosofo Andrea Alpago (1522): Traduttore di Avicenna*, Pádua, Editrice Antenore, 1964.

Machado, A. M., *A geração de 70. Uma revolução cultural e Literária*, Lisboa, Instituto da Cultura Portuguesa, 1977.

Machado, José Pedro, "Elementos arábicos no vocabulário técnico dos *Colóquios* de Garcia d'Orta", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 81ª-nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp.151-170.

Magnin-Gonze, Joelle, *Histoire de la Botanique*, Paris, Delachaux et Niestlé, 2004.

Marques, Alfredo Pinheiro, *A Historiografia dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Coimbra, Livraria Minerva, 1991.

Martins, Abílio, “A bananeira, Garcia de Orta e o Paraíso terreal”, *Brotéria*, Coimbra, vol. 77, (Outubro 1963), pp.280-293.

Martins, Abílio, “O catolicismo em Garcia de Orta” *Brotéria*, Coimbra, vol. 77, (Julho 1963), pp.35-46.

Martins, Ferreira, J. *História da Misericórdia de Goa*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1910-1914, 3 volumes.

Mathew, K.S., “The Portuguese and the study of medicinal plants in India in the sixteenth century” *Indian Journal of History of Science*, 32 (4), 1997, pp.369-376.

Mathew, K. S., *Indo-portugueses trade and the Fuggers of Germany, sixteenth century*, Manohar, New Delhi, 1999, [1997].

Matos, Manuel Cadafaz de, “Humanismo e evangelização no Oriente no século XVI”, *Revista ICALP*, Lisboa, nº 7-8, 1987, pp.41-72.

Mazliak, Paul, *Avicenne et Averroès. Médecine et biologie dans la civilisation de l’Islam*, Paris, Vulbert, Adapt, 2004.

McGinnis, Jon, *Avicenna*, Oxford, Oxford University Press, 2010.

Meadow, M.A., “Merchants and marvels. Hans Jacob Fugger and the origins of the wunderkammer” in: Smith, Pamela and Findlen, Paula (eds), *Merchants and Marvels. Commerce, Science and Art in Early Modern Europe*, Routledge, New York, 2002, pp. 182-200.

Menezes, J. de Vasconcellos e, *Armadas Portuguesas. Apoio sanitário na época dos Descobrimentos*, Lisboa, Academia de Marinha, 1987.

Mollat, Michel, *Los exploradores del siglo XIII al XIV. Primeras miradas sobre nuevos mundos*. México, Fondo de Cultura Económica, 1990.

Mundy, Barbara E. *The mapping of New Spain: indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geográficas*. Chicago, University of Chicago Press, 2000.

Nave, Francine and Imhof, D. (eds.) *Botany in the Low Countries (end of the 15th century – ca. 1650)*, *Plantin-Moretus Museum Exhibition*, Gent, Snoeck-Ducaju & Zoon, 1993.

Neves, José Cassiano, *O Conde de Ficalho*, Lisboa, 1945.

Nogueira, Fernando A., “Garcia de Orta, o médico e o investigador”, *Separata de O Médico*, Lisboa, 1991, 124, pp.30-39.

Novinsky, Anita, "A família marrana de Garcia de Orta – o "correio" dos judeus" in: *Património Judaico Português – I Colóquio Internacional "O património judaico português"*. Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, Lisboa, 1996, pp: 357-369.

Ogilvie, Brian, "Image and text in Natural History", in: W. Lefèvre, J. Renn, U. Schoepflin (eds.), *The Power of Images in Early Modern Science*, Berlin, Birkhäuser Verlag, 2003, pp. 141-166.

Ogilvie, Brian, *The Science of Describing. Natural History in Renaissance Europe*, Chicago, The University of Chicago Press, 2006.

Olmedilla y Puig, Joaquin, *Garcia de Orta, el sábio portugues del siglo XVI*, Biblioteca de la Revista Clínica y de Terapéutica, 1896, pp. 1-7.

Olmedilla y Puig, Joaquin, *Estudio histórico de la vida y escritos del sabio medico, botánico y escritos del siglo XVI Cristóbal de Acosta*, Madrid, Herederos de M. Fernández, 1899.

van Ommen, Kasper (ed.), *The exotic world of Carolus Clusius (1526-1609)*. Leiden, University Library, 2009.

Os Vencidos da Vida. Ciclo de conferências promovido pelo Círculo Eça de Queiroz. Lisboa, 1989.

Palau y Dulcet, Antonio, *Manual del librero Hispano-Americano*, Barcelona, 1953.

Palhinha, Ruy Telles, "Quatro cartas inéditas de Isaac Newton ao Conde de Ficalho", Sep. *Revista Brotéria*, Série Ciências Naturais, vol. I, XVII (XLIV), Fasc. II, 1948, pp. 69-72.

Palhinha, Ruy Telles, "Cartas de Alphonse de Candolle ao Conde de Ficalho", Sep. *Revista Brotéria*, Série Ciências Naturais, vol. I, XVII (XLIV), Fasc. IV, 1948, p. 10.

Palhinha, Ruy Telles, *Escorço biográfico do Conde de Ficalho, no cinquentenário do seu passamento*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1953.

Paoli, Humberto Julio, "Il libro de Garcia de Orta", *Archivio di Storia della Scienza*, Roma, 2, 1921-1922, pp.202-210.

Pardo Tomas, José; Lopez Terrada, Maria Luz, *Las primeras noticias sobre plantas americanas en las relaciones de viajes y crónicas de Indias (1493-1553)*, Valência, Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia, 1993.

Pardo Tomas, José, "Two glimpses of America from a distance: Carolus Clusius and Nicolas Monardes", in: Florike Egmond, Paul Hoftijzer and Robert Visser (eds) *Carolus Clusius. Towards a cultural history as a Renaissance naturalist*, Amsterdão, Edita-KNAW, 2007, pp. 173-193.

Parent, Anne-Marie, *Les métiers du livre à Paris au XVI^e siècle (1535-1560)*, Genève, Droz, 1974.

Parks, George B., "The contents and sources of Ramusio's *Navigazioni*" in: Skelton, R.A.; Parks, G.B. (eds.), *Gian Battista Ramusio, Navigazioni et Viaggi – Venice 1563-1606*, Amesterdão, Theatrum Orbis Terrarum, 1967-1970, volume 3, pp:1-39.

Pearson, Michael, "Hindu medical practice in Sixteenth-Century Western India: Evidence from Portuguese sources." *Portuguese Studies*, vol. 17, 2001, pp.100-113.

Peixoto, Jorge, "Alemães que trabalharam no livro em Portugal nos sécs. XV e XVI" *Gutenberg Jahrbuch*, vol. 39, 1964, pp. 120-127.

Pelúcia, Alexandra, *Martim Afonso de Sousa e a sua Linhagem: a elite dirigente do Império Português nos Reinados de D. João III e D. Sebastião*. Dissertação de Doutoramento em História – Especialidade em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa, Lisboa, UNL-FCSH, 2007.

Peragallo, Prospero, "Viaggio de Geronimo de Santo Stefano e di Geronimo Adorno in India nel 1494-1499" *Bolletino della Società Geografica Italiana*, Roma, 1901, p.24-40.

Pereira, Maria Helena da Rocha, "Louvores latinos aos Colóquios dos Simples e Drogas", Comemoração Portuense da Publicação dos Colóquios dos Simples de Garcia de Orta (1563-1963), Porto, Faculdade de Medicina do Porto, 1963, pp.1-11.

Pérez-Ibáñez, Maria Jesús, *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*, Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, 1997.

Philips, J.K.R., *The medieval expansion of Europe*, Oxford, Oxford University Press, 1988.

Pina, Luís de, "As ciências na História do Império colonial português (séculos XV a XIX)" Extracto dos tomos dos anos 1937 a 1945 nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1945.

Pina, Luís de, "Garcia de Orta e a Verdade", *Separata de 'O Médico'*, Lisboa, nº 383, 1959, pp. 1-26.

Pina, Luís de, "O método científico no luso-tropicalismo de Garcia de Orta", *Garcia de Orta*. Lisboa, vol. 11, nº4, 1963, pp. 631-662.

Pina, Luís de, "Garcia de Orta e o Magistério Universitário de Filosofia Natural em Lisboa", *Separata de O Médico*, Lisboa, 1963, pp. 3-26.

- Pina, Luís de; Meneses, M^a Olívia Rúber de, “Jacob Bôncio e as suas ‘animadversões’ aos Colóquios dos Simples e Drogas da Índia” *Separata de ‘O Médico’*, Lisboa, nº901, 1968, pp.1-20.
- Pires, António Thomaz, *Estudos e notas elvenses, Garcia da Orta*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, [1905].
- Pita, João Rui, *História da Farmácia*, Coimbra, Minerva, 2000.
- Puga, Rogério Miguel, “Os elementos paratextuais dos Colóquios de Garcia de Orta”, *In: Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas – Livro de Actas do Colóquio internacional e interdisciplinar*; coord. Gabriela Fragoso, Anabela Mendes. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp.119-134.
- Quina, Maria Antónia, *À maneira de Portugal e da Índia, uma série de tapeçaria quinhentista*, Lisboa, Meribérica-Líber, 1998.
- Radulet, Carmen, *Os descobrimentos portugueses e a Itália*, Lisboa, Gradiva, 1991.
- Radulet, Carmen; Thomaz, Luís Filipe, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513): Fontes italianas para a sua história*, Lisboa, CNCDP, 2002.
- Raj, Kapil, *Relocating Modern Science. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*, Nova York, Palgrave Macmillan, 2007.
- Ramon-Laca Menéndez de Luarda, Luis; Ramón Morales Valverde (eds). Charles de l’Écluse de Arras, *Descripcion de algunas plantas raras encontradas en España y Portugal*, Amberes, Plantin, 1576. Junta de Castilla y León. Consejería de Educación y Cultura, 2005.
- Révah Israel S, “La famille de Garcia de Orta”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 19, 1960, p.407-420.
- Richard, Jean, “La papauté et les missions catholiques en Orient au Moyen Age (XIIIe-XVe siècle)” in : *Mélanges d’archéologie et d’histoire*, T. 58, 1941, pp. 248-266.
- Rico, José Toscano, “Elogio histórico de Augusto Silva Carvalho”, *Separata Memória*. Classe de Ciências, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Tomo 8, 1963, pp.3-24.
- Roddis, Louis, “Garcia da Orta the first European writer on tropical medicine and a pioneer in Pharmacognosy”, *Annals of Medical History*, Nova Série, 1931, vol. 1, nº2, pp. 198-207.
- Roque, Ana Cristina, *A Costa Oriental de África na primeira metade do século XVI segundo as fontes portuguesas da época*, Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Nova de Lisboa, 1995

Roux, Jean-Paul, *Les explorateurs au Moyen Age*, Paris, Fayard, 1985.

Sacadura, Costa, "A propósito do IV Centenário dos *Colóquios dos Simples* de Garcia Dorta (1563-1963)", *Separata de 'O Médico'*, Lisboa, nº 506, 1963, pp. 3-7.

Sanchez-Capelot, Francisco, *La obra quirurgica de Juan Fragoso*, Salamanca, Universidade de Salamanca, 1957.

Santos, António Ribeiro, *Memória para a história da typografia portugueza no século XVI*. Lisboa, 1812.

Schiebinger, Londa, "Prospecting for drugs. European naturalists in the West Indies" in: Schiebinger, Londa; Swan, Claudia (eds), *Colonial Botany. Science, Commerce and Politics in Early Modern Europe*, Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2007, pp.119-133.

Schiebinger, Londa; Swan, Claudia (eds), *Colonial Botany. Science, Commerce and Politics in Early Modern Europe*, Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2007.

Scholdberg, H., *Bibliography of Goa and the portuguese India*, New Delhi, 1982.

Sen, Srabani, "Firanga-Roga. Portuguese influence on Indian Medicine", in: Varadarajan, Lotika (ed.), *Indo-Portuguese encounters. Journeys in Science, Technology and Culture*, New Delhi, Indian National Science Academy, 2006, pp.305-308,

Serrão, Joaquim Veríssimo, *Os Portugueses no estudo de Salamanca. I (1250-1550)*, Lisboa, [s.n.], 1962.

Serrão, Joaquim Veríssimo, "O Conde de Ficalho. Renovador da História natural dos Descobrimentos", in: Domingues, F.; Barreto, L. F. (org), *A abertura do Mundo. Estudos de história dos Descobrimentos Europeus. Em Homenagem a Luís de Albuquerque*. Vol. 1, Presença, Lisboa, pp. 133-142.

Shapin, Steven, *A Social History of Truth. Civility and Science in Seventeenth-Century England*. Chicago, University of Chicago Press, 1995.

Siepmann, Helmut, "O diálogo – discurso científico entre tradição e inovação", *Actas do Colóquio internacional e interdisciplinar Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*, coord. Gabriela Fragoso, Anabela Mendes. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 157-163.

Silva, Pedro José da, *Archivo de Pharmacia da India Portuguesa*, 1870, ano 4, p.140.

Silva, Pedro José da, *Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portuguesa*, 1868, pp.88-93.

Simões, Fernando de Freitas, "Garcia d'Orta" *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 81ª-nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp.131-150.

Siraisi, Nancy G., *Avicenna in Renaissance Italy: The Canon and Medical teaching in Italian Universities after 1500*. Princeton University Press, 1987.

Smith, Pamela and Findlen, Paula (eds), *Merchants and Marvels. Commerce, Science and Art in Early Modern Europe*, Routledge, New York, 2002.

Soler, Isabel, *El nudo y la esfera: El navegante como artífice del mundo moderno*, Barcelona, Alcantilado, 2003.

Sousa, A. Tavares de, *Curso de História da Medicina. Das origens aos fins do século XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

Stannard, Jerry, "Dioscorides in Renaissance Materia Medica", In: Florkin, M. (ed.) *Analecta Medico-Historica*, Oxford, Pergamon Press, 1966, pp. 1-21.

Sueiro, M.B.Barbosa; Mendes, J.M., "A descrição da cólera nos *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta", vol. 11, nº4, 1963, pp. 387-394.

Tavares, C.Neves, "A botânica nos *Colóquios*, Garcia de Orta", vol. 11, nº4, 1963, pp.677-694.

Tavares, C. Neves, "Garcia de Orta e os *Colóquios*", *Separata de Naturalia*, Lisboa, vol IX, fasc. I-II, 1964, pp.11-25.

Tavim, J. A., "Os judeus e a expansão portuguesa na Índia durante o século XVI. O exemplo de Isaac do Cairo: espião, "língua" e judeu de Cochim de Cima", *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, XXXIII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

Thomaz, Luís Filipe, *A questão da pimenta em meados do século XVI. Um debate político do governo de D. João de Castro*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1998.

Thomaz, Luis Filipe, « Hwaje Pir Qoli et sa Brève relation de la Perse », *Eurasian Studies*, V/1-2,2006, pp.357-369.

Tricot-Royer, Henry, "Les *Colóquios* de Garcia d'Orta aux officines de Plantin à Anvers" *Actes, conférences et communications - III Congrès International d'Histoire des Sciences*, Lisboa, 1935.

Trigoso, *Navegação às Índias Orientais*, Collecção de Notícias, vol II, nº5

Varadarajan, Lotika (ed.), *Indo-Portuguese encounters; Journeys in Science, Technology and Culture*, New Delhi, Indian National Science Academy, 2006.

Varey, S.; Chabrán, R.; Weiner, D. (eds), *Searching for the secrets of nature: the life and works of Dr. Francisco Hernandez*, Los Angeles, Stanford University Press. 2001.

Vasconcellos, João de Carvalho, "A botânica nos Colóquios de Garcia de Orta", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Série 81ª, nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp. 171-186.

Verdon, Jean, *Voyager au Moyen Age*, Paris, Perrin, 2007.

Vidal, Frederico de Sá Perry, "Notícias e comunicações: Garcia de Orta e o fascínio da Índia" *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 81ª, nº 7-12, Julho-Dezembro de 1963, pp.221-222.

Walker, Timothy, *Doctors, Folk Medicine and the Inquisition. The repression of magical healing in Portugal during Enlightenment*, Leiden, Brill, 2005.

Walker, Timothy, "Acquisition and circulation of medical knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire", in: Bleichmar, Daniela *et al.* (eds), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, Stanford, Stanford University Press, 2009, pp.247-270.

Walter, Jaime, "Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia", *Studia*, Lisboa, 10, 1962, pp.117-149.

Walter, Jaime, "Dimas Bosque e as sereias", *Studia*, Lisboa, vol. 12, 1963, pp. 260-271.

Walter, Jayme, "Bibliografia principal", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol 11, nº4, 1963, pp.857-875.

Walter, Jayme, "Garcia de Orta – relance de uma vida", *Garcia de Orta*, Lisboa, vol 11, nº4, 1963, pp.619-622.

Walter, Xavier, *Avant les grandes découvertes – une image de la terre au XIV e siècle : le voyage de Mandeville*, Roissy-en-France, Alban Éditions, 1997.

Zupanov, Inès, "Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India" *The Indian Economic and Social History Review*, New Delhi, 39, 1, 2002, pp.1-43.

Sites consultados:

<http://www.dioscorides.eusal.es>

